UM DESTINO SEGUINDO CRISTO

AUTOR: PIETRO UBALDI

Tradução: Manuel Emygdio da Silva

ÍNDICE

CONTEÚDO DOS CAPITULOS

PREÂMBULO
O idealismo da primeira Obra e o realismo da segunda. Completam-se um ao outro. O controle das teorias em contato com a realidade. Os ritmos musicais da Obra. Na luta, ela resistiu, defendida pelo Alto. O problema da pobreza e da riqueza. Comparação deste volume com História de um Homem.
O Evangelho vivido. A moral do livro. O significado da Obra.

I - O VOTO
A história. Considerações. Confirmação na Sicília. Plano mais tarde realizado

II - O SIGNIFICADO
Em vez de inútil miséria, voto de trabalho, de honestidade (justiça social). O Comunismo tenta corrigir as culpas sociais do Cristianismo - A virtude da Idade Média diferente das de hoje. Assim se evita apodrecer no bem-estar gratuito, O objetivo é uma vida mais alta do que a atual. Aspectos positivos da renúncia A riqueza é perigo quando nasce corrompida pelo furto. Luta pelo espírito, não pela matéria. Emersão evolutiva em direção a novas posições biológicas

III - POBREZA E EVANGELHO
A pobreza segundo o Evangelho. Como o Evangelho apresenta o problema econômico. O nosso personagem o possuía no seu instinto e destino. Personalidade já assim elaborada. A sua loucura estava do lado de Cristo - O modelo. Então, não se pode ser rico. Ter as mãos limpas para não sofrer as conseqüências. Permanecer na ordem do Sistema (S). A essência do Cristo. Dualismo unitário do todo reproduzido na Obra despedaçada e una, fundida com a vida do autor.

IV - INCOMPREENSÃO E CONDENAÇÃO
Um imbecil a derrotar. Opostos programas de vida. A economia dos bens espirituais e a sua oferta repudiada. Para que serve a pobreza franciscana. A superioridade espiritual e inferioridade material, mas cada um recebe segundo o mérito. O ciclo pobreza-riqueza-pobreza. Como funciona a máquina política.

V - A VIDA É UMA ESCOLA

Em que mundo se encontra o evoluído. As teorias da Obra na sua aplicação. A escola da dor e a técnica das provas. Por que os maus têm sorte e os bons não?

VI - O PROBLEMA DA JUSTIÇA E OS EQUILIBRIOS DA LEI

Compensações entre os dois pólos: alegria-dor. O ciclo riqueza-pobreza. A queda das aristocracias. A razão da escravidão das massas. A sabedoria está no equilíbrio.

VII - SINAIS DOS TEMPOS

Fusão entre Democracia e Comunismo. Os pecados do século XIX. Transformações atuais. O trabalho dos jovens. Um novo estilo de vida e de métodos educativos. O Concílio Ecumênico e o respeito à consciência. A Obra antecipa os tempos. A Encíclica "Populorum Progressio", de Paulo VI

VIII - INVESTIMENTOS NO BANCO DE DEUS

A estrutura dupla de nosso mundo: Anti-Sistema (AS) passado e Sistema (S) futuro. Duplo tipo de economia: separatista ou unitário. O banco do mundo e o banco de Deus. Aplicações. A economia de nosso homem e a Divina Providência.

IX - A UNIVERSAL BIPOLARIDADE DO SEXO NAS RELIGIÕES

O dualismo biológico básico: macho-fêmea, levado até ao conceito de Deus. Moisés e Cristo. As duas éticas. A cópia dos dois opostos. A bipolaridade Cristianismo-Comunismo (fêmea-macho) e os dois Evangelhos da Justiça Social. As suas funções complementares. A visão completa, unindo as duas metades: potência e amor

X - O IDEAL E O MUNDO

Depois da bipolaridade e complementaridade horizontal macho-fêmea, a vertical involuído-evoluído. O evoluído não ingênuo, mas esperto. O santo, lutador do ideal, e a resistência do mundo. A sua posição na Terra. A indústria do santo. Padre Pio de Pietralcina. O isolamento. A santidade é um fato individual e interior. Em que se transforma o ideal no mundo

XI - A CRISE DA VELHA MORAL

A moral religiosa e a moral biológica. Vamos abrir os olhos aos bons nesta parte critica da Obra. Contradições. O atual desmoronamento da fé. O ideal do homem comum: o bem-estar. A crise do Catolicismo. As vocações diminuídas. Reencontrar Cristo. A confissão, o pecado, as imposições, a moral da convivência, as evasões, o sentido de responsabilidade. O pecado masculino, econômico, de caráter social. O pecado de tipo feminino, o sexo. A hipocrisia. O sexo-pecado e a castidade-virtude. O processo de socialização e o critério social da nova moral baseado em não prejudicar ninguém. Moral no nível Moisés: força para domar; Cristo, bondade para civilizar; ciência: inteligência para autodirigir-se. A velha moral impositiva e obrigatória, mas irresponsável, e a nova, livre, porém responsável. As conseqüências. A nova forma mental. Os novos pecados. O significado de nossa crítica

XII - O PROBLEMA RELIGIOSO. A OBRA PERANTE A IGREJA,

1) Autoridade e Liberdade - O nosso personagem perante a Igreja. Apelar diretamente para Deus significa fugir à autoridade. Verdade coativa por autoridade e verdade livre por convicção. A autoridade, posição de domínio de um lado e de sujeição por outro. A obediência (S) unifica; a revolta (AS) divide, Autoridade, centro vital em favor dos dependentes, e autoridade, centro de desfrutamento próprio. Dai inimizade e revolta. A evolução da autoridade. A evolução está em harmonizar-se. A liberdade do evoluído (S), espontânea coordenação na ordem; a liberdade do involuído (AS), revoltar-se contra a opressão. Enquanto houver injustiça em prejuízo de qualquer pessoa, haverá revolta. Autoridade-comando em favor dos súditos, a sua obediência no seu interesse próprio. Um novo estilo de vida no campo religioso e social.

2) A Condenação ao Índex - O problema de consciência. Deverá o indivíduo, para obedecer, renunciar a pensar? A condenação de 1939. Desaparecimento da Congregação do Santo Ofício. Dificuldade de estabelecer o diálogo. Um pecado que hoje não é mais pecado. As vantagens de haver desobedecido. A obra é aderente ao ideal cristão. Agora ela está escrita, O passado se fecha.

3) A Crise da Fé - Envelhecem as religiões, permanece a religiosidade. Não há mais heresias. Pacífica crise de morte. Um exemplo. Patrões terrenos, administradores e colonos. Os seus métodos. A temporalidade da Igreja, o seu poder civil e o Estado. Impossível fugir à evolução.

XIII - A OFERTA

Conferência: "A Nossa Simbólica Oferta ao Brasil e aos Povos da América Latina", em Brasília, março de 1966. Resume-se a história, o conteúdo, a finalidade da Obra. A sua entrega aos construtores, os herdeiros espirituais. A terceira idéia, cristã. A nova civilização do terceiro milênio. Unificar. Universalidade. A Obra dirigida pelo Alto, o seu desenvolvimento. As mãos de Deus.

XIV - A GÉNESE E O SIGNIFICADO DA OBRA

Mediunidade inspirativa, ativa e consciente. União pai-mãe, sistema centro-periférico, fusão de que nasceu o filho. Três elementos: 1) O centro irradiante, 2) O instrumento colaborador, 3) A Obra. Técnica de sua gênese. A arquitetura do fenômeno. A Obra está completa e terminada. Não admite acréscimos por via mediúnica. Fica: A Obra (+) o mundo (-). As resistências deste contra o ideal. A Obra é afirmativa, funciona como centro de elementos satélites.

XV - O CALVÁRIO DE UM IDEALISTA

Os mal-entendidos do mundo: andar à volta de um pseudocentro; a oferta entendida em sentido material e não espiritual, isto é, como cessão de propriedade e direitos de exploração econômica. Necessidade de uma disciplina que imponha a ordem, de um sistema defensivo da Obra, armado de normas reguladoras. A oferta foi espiritual, não comercial. Citado (em vários pontos da Obra) o seu principio de eliminar o dinheiro é respectivas arrecadações. O calvário do instrumento. É duro estar sempre a oferecer. Trabalhar para o templo de Deus é encontrar os comerciantes. Pobre Cristo! Por fim o espírito vence.

XVI - O MEU CASO PARAPSICOLOGICO

O esquema estático de Assagioli: 1) Inconsciente inferior, 2) médio, 3) superior, e a nossa consciência dinâmica. 1) Involuído, 2) médio-normal, 3) evoluído. O fenômeno inspirativo ou intuição A Ascese espiritual e a sublimação das energias. A hipótese mediúnica. Os três momentos do fenômeno inspirativo : 1) Como nasce a idéia, 2) Como se transmite, 3) Como se expressa e se fixa no plano racional O aspecto de catarse do fenômeno, experiência no vértice, no superconsciente. O significado biológico do fenômeno e a filmagem da Obra. O futuro desenvolvimento mental da humanidade e a sua fase orgânica. O desajuste social do super-normal. A sua moral, o seu desabafo. O pensamento vence a morte. A nossa civilização extrovertida. Pensamento cerebral e pensamento intuitivo. A sobrevivência à morte, conforme o nível evolutivo, nos cérebros-centrados e nos psico-centrados. As minhas experiências senis.

XVII - O ÚLTIMO ATO. O HOMEM PERANTE A MORTE

A sobrevivência segundo o Cristianismo. Como a ciência enfrenta o problema com o método analítico extrovertido - Crítica de Rhine - Como a nossa visão, com o método intuitivo, resolve o problema. Oscilação do pólo-espírito ao pólo-matéria - Possuímos só as nossas qualidades. O resto é apenas um instrumento de trabalho que se recebeu como empréstimo, e que tem de ser restituído. Paulatinamente se atinge o fim da vida. O homem perante a morte. Termino a Obra. A cada um a sua responsabilidade. No fim se fazem as contas diante de Deus. A vida maior. A unificação. Cristo.

XVIII - LIBERTAÇÃO

PREÂMBULO

Após longa e áspera luta entre as forças do bem e do mal, as primeiras a favor da Obra e as segundas firmemente dispostas a destruí-la; ela vai chegando, milagrosamente, ao fim. É uma prova de que se encontra do lado das primeiras que são vencedoras, porque são mais fortes. Demonstra também que são eficientes e, portanto, têm a intenção de continuar vencendo quem a quiser sufocar, corromper ou desfrutar.

Com o presente volume, se aproxima o término da segunda parte da Obra, período brasileiro, isto é, os últimos vinte anos da minha vida. Estamos chegando ao fim da segunda e última fase de nosso trabalho. Na primeira parte se revelou em forma de poesia e de aspirações místicas: é um ato de fé, é o canto do poeta que sente a bondade de Deus e julga poder encontrar igual benevolência no mundo que. no entanto, se situa nos antípodas. Nesta segunda parte da Obra, observamos o aspecto oposto, ou seja, não mais a beleza do ideal que se manifesta no céu, ao qual pertence, mas a luta desse mesmo ideal plantado em ambiente hostil que o rejeita e, para o adaptar as suas próprias comodidades, corrompe-o, atraiçoa-o, emborca-o.

Vemos então que, em contato com a realidade do mundo, o ideal se torna o sonho de um ingênuo que parece não conhecer a vida Esta é coisa bem diferente: é luta feroz para dominar, e nela o ideal é, muitas vezes, usado para esconder aquela realidade, com um camuflar-se de santo, para enganar o próximo e vencê-Lo. Quanta boa-fé, que entusiasmo singelo a princípio, acreditando que a Terra fosse constituída só pelos bons! Foi assim que, perseguindo um grande sonho de bondade e de beleza, iniciou-se a Obra. Mas o mundo estava espiando esta nova borboleta colorida que esvoaçava ignara, pensando na melhor maneira de capturá-la para depois a enfiar num alfinete e secá-la, a fim de servir de adorno às suas coleções de sonhadores idealistas. O mundo diz: "Borboleta, voa! Poeta, canta e crê com a tua fé. Aproxima-te de mim, que te abro fraternalmente os braços, pois também sou todo bondade e Evangelho. E um idílio! Estamos de acordo, tu e eu. Vem!". Assim também o passarinho se deixa meter na gaiola e depois deve cantar para quem o capturou e o colocou a seu serviço. Um evangélico convicto é o melhor chamariz para atrair outros bem intencionados!

Mas o ideal é uma força e não pode ser vencido por tais atentados. Ele possui as suas defesas. E entre os dois — o ideal deseja cumprir a sua função e o mundo procura eliminá-lo — o choque nasce inevitavelmente, isto é, surge um estado de guerra, porque nenhum dos dois está disposto a deixar-se destruir pelo outro. Foi assim que esta segunda parte, que chamamos segunda Obra, desenvolveu-se numa atmosfera de luta, bem diversa da primeira, toda ela poesia e doce harmonia. Mas foi graças a este fato que podemos ter agora, diante de nós, o reverso da medalha, e assim, possuímos uma visão completa e não unilateral, apenas, em que o idealismo da primeira Obra se junta ao realismo da segunda. Deste modo, fundamentalmente, nada prejudicou, porque produziu uma renovada complementação, na medida em que levou a enfrentar e apresentar os mesmos problemas sob aspectos diversos, observando-os em função de novos pontos de referência. Assim se explica o estilo diferente da primeira Obra, sobretudo em sua finalização, com crítica positiva do mundo em lugar das exaltações espirituais. Mas trata-se de julgamento benévolo, como é natural, feito para ajudar, e sem trair os princípios da Obra, isto é, crítica que não tem a intenção de agredir ou destruir, como é hábito acontecer no mundo.

Se a primeira Obra se pode definir como o sonho de um místico solitário, a segunda representa a sua experiência terrena. O anjo, caído num terreno traiçoeiro, onde a cada passo se esconde uma cilada,

teve de se exercitar em coisas bem diferentes das do céu e integrar o seu conhecimento nos fatos de nosso mundo, que é bem distinto. Mas, mesmo nesta contraposição de opostos, que equilíbrio de aspectos complementares se combinam mutuamente! Destarte, cada desordem termina enquadrando-se dentro de uma ordem maior, e o mal é posto a serviço do bem, incluído dentro daquela ordem. O próprio AS fica prisioneiro na lei do S. (S = Sistema), (AS = Anti-Sistema) — os dois pólos do ser. (Cfr. ***O Sistema***).

Disto podemos falar somente agora, no fim de todo o trabalho, porque nesta hora se torna visível. E tudo se realizou automaticamente. Antes, não era possível prevê-lo e preordená-lo. Temos uma vida de oitenta anos dividida em duas partes iguais de quarenta cada uma: a primeira de preparação e amadurecimento, a segunda de execução. Esta última também dividida por sua vez em duas, e isso para realizar a Obra em dois dos seus diferentes aspectos, localizados em dois hemisférios opostos, em dois períodos de vinte anos: 1931-1951, o da primeira Obra, e 1951-1971, o da segunda. Isto foi o que escrevi na Introdução da segunda obra, no início do seu primeiro volume — ***Profecias*** — e que estou confirmando neste livro.

Esta segunda parte da Obra entrou na vida pública para penetrar na realidade representada pelo mundo Desenvolveu-se, assim, um diálogo traduzido em ações e reações, diálogo que descrevemos nos volumes precedentes: de um lado, as forças do Alto; do outro, as da Terra, ambas em duelo. Protegida pelas primeiras, a Obra resistiu, percorrendo regularmente o seu caminho em direção às suas novas fases de desenvolvimento A estrada palmilhada ficou assinalada por mortos e feridos que caíram à sua margem, desaparecendo sem poder fazer nada, e que antes se fizeram donos de tudo.

Esse período de luta não foi inútil, pois levou a uma tomada de posição racionalmente mais sólida e definida, a uma espiritualidade cientificamente mais positiva, já não apenas misticismo e poesia, porém também trabalho de controle com base na lógica e na experimentação. Deste seu segundo período a Obra saiu vencedora de uma batalha que a reforçou e a completou. O espírito saiu triunfante, não só como fé e ascensão para Deus, mas ainda bem temperado na luta, tendo ficado mais rico em conhecimentos. Assim, o ideal pôde dar prova de não ser apenas um belo sonho, mas uma força viva e potente, de maneira a saber impor-se à feroz realidade biológica Na segunda Obra a fé se encouraçou contra todos os ataques, e o ideal, armado de provas, tornou-se raciocínio e ciência, podendo desafiar o mundo e cumprir o seu trabalho de civilização. Cristo demonstra saber vencer, não apenas nos céus, senão também em nossa Terra infernal. Pode, assim, verificar-se que as forças inferiores não têm o poder de prevalecer contra as superiores.

O ideal resistiu. A luta o confirmou, fortificou e consolidou. Eis que esta segunda fase da Obra teve a sua função, seguindo a técnica da descida dos ideais. A maior comprovação da Obra é esta sua sobrevivência através das ameaçadoras tempestades que pareciam poder destruí-la; é ter sabido resistir ao assalto que o mundo desencadeia quando um ideal desce à Terra, enfrentando-o. Esta é ainda uma vitória do S sobre o AS, que o S quer fazer avançar e evoluir. Não podia acontecer de outro modo. Não podia deixar de funcionar a lei fundamental da vida: a evolução, salvando a Obra que lhe está estreitamente conexa.

Assim esta sua segunda parte não expressa mais um homem ingênuo que se deixa enganar pelo mundo que o procura para explorar. Aquele que sofre pelo ideal tem paciência enquanto os outros se aproveitam do seu sacrifício, que exprime o indivíduo espiritual batalhador. O idealista vê o jogo do mundo, explica-o aos bons para não caírem nele e acusa aqueles que o praticam. Mesmo que o mundo queira o cúmplice e ame o amigo aliado ao seu jogo, a verdade tem de ser dita para que os simples seja esclarecidos. Desta vez o ideal não se deixou torcer a serviço de outros interesses. Ele não se dobrou, ainda que condenado como erro e combatido em nome da verdade. Pelo contrário, tornou-se ação. E, então, o céu se moveu, defendeu as posições, salvou. Se o mundo tem as suas forças, também o ideal tem as dele, cada um as que são próprias do seu plano. Neste segundo período, de ambos os lados elas se desafiaram e se mediram em forma de luta. Depois desta prova a segunda Obra conclui-se com uma afirmação cada vez mais consciente.

No fim. do presente volume, o leitor assistirá à oferta simbólica da Obra àqueles que depois

quiserem vivê-la e realizá-la. Dado que estamos na Terra, é natural haver alguém que se aproxime julgando encontrar alguma coisa para apoderar-se a seu interesse material. Mas isso para quem o fizer representa um perigo, porque, se a presa parece fácil e por isso atrai os incautos, a Obra é uma arma espiritual potente que pode trazer grandes benefícios, se for bem usada, mas que pode explodir nas mãos de quem fizer mau uso dela.

É perigosíssimo maltratar as coisas espirituais. E neste erro caem facilmente aqueles que crêem ser astutos e delas se acercam com a mesma forma mental do explorador. Isto pode parecer uma traição, mas é justo que seja assim. É providencial, porque representa uma legítima defesa da vida, uma vez que elas são fundamentais para a evolução deles. Por isso as coisas espirituais são protegidas por forças poderosas, mesmo invisíveis garantem o seu triunfo, deixando os assaltantes na ruína a que os conduz a sua própria negatividade.

O presente volume é apresentado quase em forma autobiográfica, porque se trata de experiências realmente vividas, ainda que sejam utilizadas como tema para generalizações que ampliam o assunto até versar sobre problemas de caráter social. Isto porque os casos da vida do protagonista aqui examinados não se consideram isolados, mas são orientados em função dos princípios gerais da Obra, dos quais aquela vida pretende ser uma aplicação. E assim que os fatos são explicados através da respectiva teoria, que deles nos mostra o significado e justifica a sua presença na forma em que se desenvolvem. Deste modo, o livro é teórico e prático ao mesmo tempo, porque, se de um lado constitui o emprego de teorias já abordadas, como desenvolvimento de novas, de outro é solução de muitos problemas de vida vivida. Assim, esta história se enxerta no mundo de todos, porque o sujeito, com a sua conduta, mostra como, seguindo os seus princípios, entendeu a vida, resolvendo vários problemas, consciente dos seus fins e da sua própria posição no seio das leis do universo. Depois de tantos volumes de teorias gerais, este é um livro de realizações práticas.

Neste escrito falaremos bastante de pobreza, mas apresentando-a não como uma virtude, como freqüentemente se costuma fazer na Terra para suscitar admiração. Aqui a pobreza não é um exibicionismo para se fazer venerar os santos. Os motivos são diferentes e expostos a favor e contra. Seria pueril antepor como juízo de valor absoluto o do mundo, sendo possíveis diversas apreciações em função de outros pontos de referência sem interesse imediato. Todavia, não se pode impedir que cada um veja a pobreza a seu modo e que se encontre alguém para julgar aquele personagem um louco. Neste caso, temos o fato de que ele tem Cristo ao seu lado. Depois debate abertamente a sua loucura e nos mostra a sua lógica. Discutindo-se a si próprio, ele contesta a forma mental do mundo e a conduta deste. Agora, no final do seu caminho terrestre, ele pode somar as suas operações e concluir para ver se teve razão ou não. E certo que sofreu, mas isto não o prejudicou, antes o melhorou, e quem lhe fez mal somente o fez a si próprio. Entretanto, o fruto de ter sabido lutar e sofrer e, com isso, evoluir e purificar-se, o nosso personagem o leva consigo. Assim, o livro é construtivo porque ensina a viver com retidão, mesmo que agora faça isso de forma dura, mais do que de poética ternura. E por esta razão que ele é bom para persuadir não somente os crentes que gostam de sonhar, mas também os descrentes que querem raciocinar. Isto porque, em vez de limitar-se aos conselhos teóricos de costume, o livro explica os motivos pelos quais as coisas vão mal e como se paga caro por isso. Esperamos que este escrito possa, pelo menos, induzir alguém a enfrentar alguns de seus problemas com sabedoria, para seu próprio bem e para o de outros.

Este volume pode ser útil aos pobres, que acreditam na riqueza, como se ela pudesse ser a solução para todos os males; e aos ricos, que a ela estão grudados sem poder resolvê-los, para mostrar quanto ela pode conter de veneno e a que perigos se expõe quem não sabe fazer dela bom uso; quantos deveres ela implica e que dívida contrai para com a divina justiça, à qual deverá pagar quem não cumpre com aqueles deveres. A riqueza é uma arma de dois gumes que pode golpear mesmo quem é seu dono. Este livro mostra que é danoso não só ter mais do que o necessário, como também possuir muito pouco. Assim, tanto é desgraçado aquele que é excessivamente rico, como o muito pobre. Os bens são um meio e não um fim, um instrumento e não um objetivo de trabalho. Portanto, é por este motivo que se tem o

direito de possuí-los, isto é, para trabalhar, produzir na matéria e no espírito, evoluir em ambos os campos, e não para entesourar com avareza ou para desperdiçar no prazer. A riqueza que for usada para trair os fins da vida acaba por atraiçoar o incauto que acredita ser possível com a sua astúcia violar as leis.

Infelizmente, com esta forma mental, ansiosos de possuir e desfrutar a qualquer custo, ricos e pobres freqüentemente se equivalem. Muitos pobres, no fundo, são apenas ricos frustrados, desejosos, em nome da justiça, de fazer pior do que aqueles, ou seja, ao se tornarem ricos, praticarem uma injustiça maior ainda contra os desgraçados que ficaram pobres. As posições do satisfeito e do insatisfeito são diferentes, mas a avidez de possuir e de gozar é característica humana. Para o pobre, mesmo as raras renúncias do rico são consideradas loucura; se chegam a verificar-se, de modo algum lhe interessam, e só as toma a sério, se tiver alguma coisa a ganhar com elas. O pobre pode ver também naquela renúncia, que segundo ele é loucura, apenas o insulto que para ele representa o fato de o outro ter nascido rico e, com esta finalidade, poder permitir-se ignorar as dificuldades da vida, dando-se ao luxo, por esporte, de fazer-se pobre, somente porque ele não experimentou sê-lo de verdade. São heroísmos com os quais o pobre se ofende, porque não o ajudam de forma alguma a salvá-lo da sua pobreza. Fizemos estas considerações para mostrar as diversas perspectivas com que pode este livro e os diferentes critérios com que pode ser julgado o que ele defende.

Um livro semelhante a este, também em estilo autobiográfico, faz parte da primeira Obra. Intitula-se: *História de um Homem.* Mas existe uma diferença entre os dois. No primeiro, o protagonista observa a vida colocada no seu futuro, como uma antecipação e um pressentimento. No segundo, ele a olha, situada no seu passado, como uma experiência vivida. No primeiro caso, trata-se de um jovem olhando de frente o início do seu viver; no segundo, tem-se um velho que olha para trás e a está terminando. E assim que os pontos de vista, nos dois volumes, não são os mesmos. No presente escrito, o sujeito encontra-se no fim, em posição oposta à precedente. Pode, portanto, dizer, por experiência própria, aquilo que no outro livro era apenas uma perspectiva futura, um plano de existência e não uma vida completa. Não predominava o atual sentido de abandono dado pela iminência da morte, enquanto agora este outro tipo de vida não é mais uma espera longínqua, mas está batendo à porta. Esta posição diversa leva a situar os problemas sob outros aspectos e mostrar-lhes outras facetas ainda não examinadas anteriormente. Por isso, o presente volume completa o precedente. Confrontando os dois, o leitor poderá ver o caminho percorrido, desde então até hoje, de uma à outra das duas diferentes épocas.

Neste escrito o leitor poderá ver o sistema filosófico de toda a obra, como também a sua concepção evangélica levados ao campo prático da realidade em nosso ambiente terrestre, para dar-se conta do que sucede, realmente, em tais casos. Aqui se vê como funciona em verdade o jogo das ações e reações na luta entre o ideal e o mundo. Aqui as teorias dos outros volumes tornam-se vida, realização, experimentação. Temos uma posição de fato contra a corrente do mundo e uma resistência a ela durante uma existência inteira, até ao fim. Mas, naquele instante, quando se chega à prestação das contas, surge o emborcamento das posições, e, perante os novos valores de uma vida mais alta para além da morte, o falido deste mundo transforma-se em triunfador. No fim, a experiência dá-lhe razão, mesmo que na Terra essa razão lhe tivesse faltado. Assistimos, neste volume, à história, da experiência coroada de sucesso, da substituição dos valores do mundo pelos do espírito.

Depois de tantas teorias devíamos mostrar alguma coisa de real, de concreto, de vivido, um Evangelho tomado a sério, enxertado em nossa vida de cada dia com as suas lutas e problemas; devíamos fazer sentir, de forma tangível, o choque provocado entre os métodos do Sistema e os do Anti-Sistema no campo de batalha que é o nosso mundo; devíamos apresentar tudo isso em ação, para constatar o que sucede quando o ideal quer verdadeiramente realizar-se na Terra.

Agora, já não é mais o momento para expor teorias de orientação geral. Este trabalho já foi feito e dele se presume que o leitor tenha conhecimento. Estamos no terreno das aplicações, e, para tornar-se concreto, o campo se restringe. Aqui temos um indivíduo que enfrenta o seu caso e o resolve por si próprio. Ele se coloca em frente de Deus e fala com Ele; situa-se perante as leis positivas da vida e raciocina com elas. Para isso ele tem de sair das fileiras, pôr-se fora da corrente na qual caminham em

série as massas, utilizando produtos que elas confeccionaram para seu uso e lhe são adaptados. Casos desse tipo se enfrentam e resolvem sozinhos, deixando que a maioria vá pela sua estrada. É o indivíduo, com os seus recursos e a seu próprio risco, que ousa aventurar-se pelo seu caminho, quando este não corresponda ao da maioria, quando está fora das medidas correntes e, quando longe do seu tempo, ele se lança no futuro.

Assim, nesta história, o protagonista encontra-se sozinho. Na Terra, não tem companheiros. Todos o criticam e o condenam. Mas as leis da vida o aprovam, e ele, da sua grande luta contra o mundo, sai vitorioso das ilusões e afirma-se como conquistador de valores eternos. E estes valores são positivamente representados por um avanço conquistado no caminho da evolução. Este livro é a história de uma guerra conduzida com as armas do espírito, é o desafio de um indivíduo contra o mundo. Ele quer seguir o Evangelho e tem um só companheiro: Cristo. Ele teve de se isolar dos métodos humanos, feitos com outro espírito e para outras finalidades; afastar-se também das religiões oficiais, tão pouco vizinhas de Cristo e do espírito de seu Evangelho; isolar-se ainda dos santificadores; libertar-se de qualquer reconhecimento humano, perigoso quando santifica; conquistar independência absoluta do mundo e sublimação da vida diante de Deus.

Tudo isso pode-se entender como uma reação individualista ao moderno tratamento de massa, para afirmar, mesmo ante as religiões, a inviolável liberdade do espírito. Este escrito pode provar que, se nos elevarmos a um mais alto plano de evolução, poderemos escapar de todas as coações humanas, porque se atinge um novo tipo de vida que o homem atual ainda não concebe. Superado o nível humano, estamos livres, aonde não pode chegar quem ficou para trás. O indivíduo, então, se afirma livremente, consciente e responsável perante Deus, sem necessidade de consentimentos de nossa sociedade, encontrando-se fora da corrente deles. Não se dirige mais por imitação ou sugestão, porque sabe pensar, decidir, guiar-se por si. Tal é a posição de quem saiu da menoridade, capaz de funcionar autonomamente, com outra forma mental proporcionada à sua natureza mais evoluída, apta a assumir as suas próprias responsabilidades.

Narraremos aqui a história desse homem que construiu por si próprio uma vida assim, fora de série. No fundo, não se trata de uma fuga para isolar-se do mundo, mas para permanecer dentro dele com espírito e conduta distintos. Nisto consiste o seu isolamento, isto é, a não aceitação do que nele existe de atrasado. Fica-se dentro do mundo, porém em outra posição, seguindo outro padrão de vida, beneficiando e amando, mas diferindo justamente por isso. Aqui se começa lançando à face do mundo o seu tesouro — os bens materiais, a riqueza, o bem-estar a qualquer custo, ideal supremo, sobretudo em nossos tempos — para nutrir-se de outros valores, para conquistar novas riquezas, levando um tipo de vida diverso do que hoje impera, o qual consiste em gozar a existência nas suas formas mais materiais. Lutar sempre para evoluir, em vez de corromper-se no bem-estar. Esta é a moral do livro, contrária à dominante.

Ele é um grito de alarme em um mundo perdido nas miragens oferecidas pelos prazeres e vantagens egoístas, como se a matéria pudesse bastar para resolver todos os problemas da vida e satisfazer todas as suas exigências; enquanto o seu verdadeiro objetivo não é gozar, mas ascender. Toda a Obra pretende apontar metas bem diferentes a alcançar e outros fatos biologicamente importantes, fundamentais para o desenvolvimento da vida: as coisas do espírito, que hoje não se tomam em conta, como se estivessem fora da realidade. Provamos, ao contrário, usando de linguagem positiva, o seu valor em sentido vital.

Este livro é uma reação para defender as qualidades morais contra a atual valorização exagerada das coisas da matéria. Trata-se da afirmação de uma vida maior em sentido introspectivo, espiritual; cuida-se da substância das religiões transportada a um plano positivo racional. Não importa se tudo isso hoje esteja fora de moda e vá contra a corrente. Aqui se mostra que interiorizar-se espiritualmente pode constituir um meio para construir um estado de consciência no qual se torna capaz de sobreviver desperto, lúcido mentalmente, sem se cair no sono ou inconsciência da morte. O indivíduo sobrevive consciente só na sua parte espiritual. Quanto mais é espiritualizado, tanto mais claramente perceberá a sua sobrevivência. Aqui se revela também como o desenvolver-se espiritualmente pode representar uma

grande vantagem para cada um, bem como saber viver com inteligência pode exigir arte e técnica que levam a transferir-se para um plano evolutivo mais adiantado e, portanto, feliz, o que significa realizar, mesmo em sentido utilitário, a mais alta conquista da vida. Trata-se, de fato, não só de uma aquisição de potencial vital, mas também de felicidade.

É precisamente neste volume, no momento em que o homem se encontra perante a morte e a queda de seu mundo terreno, que o impulso ascensional de toda a Obra toca o seu vértice, e a vida, no mundo emborcado em forma de AS, elevando-se, retorna à sua posição, apontando em direção ao S.

Entenderá quem quiser. Mas permanecerá o seguinte: o trabalho de composição da Obra e de viver-lhe os princípios constituiu para quem o executou um grande acontecimento biológico, porque fez avançar a sua posição ao longo do seu caminho evolutivo. Era impossível, aliás, que aquele trabalho não produzisse também qualquer resultado útil para quem o realiza; e um resultado melhor do que esse ele não poderia desejar. Para os outros restará o fato de que ninguém impedirá de, seguindo a mesma estrada assinalada pelas leis da vida e utilizando técnica semelhante para a sua vantagem, colher os mesmos frutos.

I

O VOTO

Vamos contar uma história singular, procurando compreender o seu significado íntimo. Observaremos o desenrolar de uma vida, analisando-a não tanto nos fatos externos, mas na luz interior que os une em um nexo lógico, o qual converge em direção a determinadas realizações espirituais.

Era pouco mais de meia-noite, e, no seu quarto sobre o mar, à beira do Atlântico, em terra brasileira, um homem de 77 anos de idade orava, como era seu hábito, antes de se deitar.

A sua oração não era a habitual série de lamentos e pedidos dirigida, sem receber resposta, a alguém escondido no mistério. A sua oração era um intercâmbio de sentimentos e pensamentos, um colóquio. Alguém respondia do outro lado, onde estava presente outro pensamento, paralelo e sintonizado. O que era este outro centro vivo e pensante? Era o subconsciente, ou o superconsciente do sujeito? Era uma distinta entidade espiritual pessoalmente individualizável, ou uma corrente de pensamento? Era um desdobramento patológico da personalidade, ou pura criação do desejo e da fé, uma simples ilusão? Em nenhum outro campo é tão necessário manter o espírito crítico e positivo como neste dos misteriosos fenômenos parapsicológicos, no qual é fácil perder-se em fantasias, como, aliás, sucede freqüentemente. Eis que, logo no início desta história, surge um problema para resolver. Ao longo do caminho, muitos outros aparecerão, e os iremos solucionando.

Um fato positivo ocorreu naquele momento em que o pensamento interior assim se expressou, dizendo a quem estava a orar:

"Esta é uma noite de festa. Esqueceste, mas recorda: exatamente há 32 anos, nesta mesma noite, nos primeiros dias de setembro de 1931, tomaste perante Deus a maior decisão da tua vida, iniciando com ela o desenvolvimento da tua missão e o caminho do teu atual período terrestre de ascese espiritual, decisão à qual depois foste sempre fiel, realizando assim o teu destino. lá que não recordas, procura entre os teus velhos papéis e no teu diário daquele ano, mês e dia, onde encontrarás tudo descrito. Com este assunto iniciarás, consequentemente, um novo livro no final da segunda Obra, falando do teu destino, que se desenrolou seguindo Cristo. Começarás a escrever hoje mesmo" (era pouco mais de meia-noite, e o novo dia mal havia despontado).

No diário foi, subitamente, tudo encontrado, com exata correspondência de datas e de fatos. Foi assim que nasceu este novo volume, iniciado no princípio de setembro de 1963. Decidimos agora, narrar

esta estranha história para compreender o seu íntimo significado, como dizíamos anteriormente.

* * *

Numa tranqüila paisagem campestre da Umbria franciscana, nas proximidades de Perugia, que está a um passo de Assis, na Itália, no suave calor matutino do sol de setembro, um homem de 45 anos de idade subia sozinho a doce inclinação de uma colina. Estava perto de 14 de setembro, dia em que São Francisco, em 1224, recebera os estigmas na montanha do Verna (a cena é descrita no volume: A *Nova Civilização do Terceiro Milênio)*

Naquela manhã radiosa, aquele homem emergia de duas noites de profunda luta espiritual. A grande decisão tinha sido tomada sumariamente, amadurecida no silêncio da noite. Agora esperava a sua solene confirmação perante Deus, à luz do dia. Aquele homem resolveu despojar-se das suas grandes riquezas, das quais podia livremente dispor e com as quais poderia ter gozado a vida. Tomara esta decisão, a fim de se adaptar a uma simples e dura existência de trabalho material para viver. Mas o seu objetivo era sobretudo viver uma vida espiritual não só para si, mas para o bem dos seus semelhantes.

Despojar-se em favor de quem? Esta é a primeira pergunta que em tais casos faz o mundo, ao qual não interessa de modo algum conhecer os problemas espirituais do próximo, mas antes saber aonde foi parar o tesouro, que é a coisa mais importante na Terra. Aqui delineai-se, subitamente, o desentendimento entre dois modos opostos de conceber a vida. Se ele era louco, pior para ele. Isto não interessava. O maior problema para o mundo são os bens terrenos, não os espirituais, tanto assim que estes se põem a serviço daqueles. Neste caso, então, não precisava esperar consentimentos. Por isso ele só falou com Deus, seguindo outra moral que não lhe permitia uma vida fácil à custa do trabalho alheio; e sim, exclusivamente com o fruto do seu trabalho, devia, conscientemente, sustentar-se e a sua família.

A perspectiva era dura, e a luta para vencer não foi fácil. Mas o espírito venceu, o Evangelho tinha triunfado, apesar de saber que aquele ato significava o início de outro tipo de vida: em lugar da existência do rico ocioso num bem-estar que não foi ganho, a de quem deve ganhar, com o seu próprio trabalho, o pão cotidiano. Era outro modo de vida, a que permaneceu fiel até o fim.

Aquele homem subia a colina com o coração leve, envolvido na euforia de um grande triunfo espiritual. Uma espécie de potente vibração em alta tensão se estava concentrando e acumulando dentro dele. Ao mesmo tempo ele sentia, confusamente, que alguma coisa, ainda não perceptível, se estava condensando à sua volta, sem forma ainda definida. A tensão ia-se tornando sempre mais intensa. Que estaria acontecendo? Algo de irresistível se estava apossando dele. No entanto, continuava bem desperto, em plena consciência. Caminhava lentamente, via, observava, apercebia-se de tudo. Não estava sonhando. Uma realidade nova o golpeava, diversa daquela sensória que bem conhecia. E andava, observando e confrontando, com atenção e plena lucidez da mente, as duas realidades.

Uma capacidade perceptiva diferente da normal o advertia da presença de outros seres perto dele, vivos, entidades pensantes como ele. Mas ainda não conseguia individualizá-las, perceber-lhes a forma e o pensamento.

Continuou a subir até que desembocou numa larga vereda, no cume da colina que agora era um plano com algumas oliveiras espalhadas pela amplitude. Solidão silenciosa. Aqui diminuiu o passo. Era quase 11 horas da manhã. A natureza entoava uma das suas imensas sinfonias, na qual, em sublime orquestração, se harmonizavam as multiformes vibrações do ser, que iam de uma forma de vida a outra, das pedras às plantas, dos insetos aos passarinhos, das luzes e cores da Terra e do céu ao respiro da atmosfera; todos os seres harmonizados com tudo o que existia, cantavam o próprio hino à vida. A hora e a estação eram propicias, proporcionando a base necessária sobre a qual tais fenômenos espirituais pudessem surgir, até tomarem forma numa manifestação sensível. Talvez o ambiente da natureza fosse igual ao que tantos séculos atrás tornou possível para São Francisco, no Verna, o milagre dos estigmas. Certas condições naturais devem ser necessárias para construir a trama fundamental do fenômeno sobre a

qual depois o espírito traça a sua figura. Parece que este fenômeno, por vezes, não pode verificar-se e ter lugar a sua manifestação, a não ser no meio destas grandes orquestrações da natureza e com elas sintonizado, por elas erguido e sobre elas elevando-se como motivo supremo que domina toda a sinfonia.

Ele caminhava, lentamente, sem meta, como levado por uma grande música que cantava no seu coração De vez em quando parava para melhor ouvi-la. Solidão e, tudo ao redor, silêncio. Nenhuma presença humana profanava o cântico imenso da Terra e do céu, nos quais se expressavam e fundiam a beleza do criado, a sensibilidade do poeta, a paixão do místico, a suprema aspiração do espírito.

Sentia como se sua alma saísse da prisão do corpo, quebrasse a barreira do limite que divide as duas formas de vida: material e espiritual, e, superado o plano físico e rebentadas as portas, entrasse em outro mundo, mais alto e longínquo, feito de outra realidade, em que ele agora se movimentava e vivia. Percebia, então, que para ele passava para segundo plano a comum percepção sensorial, prevalecendo em seu lugar diferente tipo de percepção, realizada com outros sentidos, agora interiores, mas capazes de sentir com a mesma potência e segurança, se bem que em forma diversa. Experiência imensa, arrebatadora, que não se pode descrevei, porque só quem a viveu pode conhecê-la verdadeiramente.

Foi assim que, com outra visão, interior, diferente para os olhos físicos, e com outra audição, interna também, diversa para o ouvido físico, ele começou a perceber que se definiam duas formas a seu lado. Tornava-se-lhe difícil situá-las na dimensão espaço. Todavia. sob este aspecto, elas lhe davam a sensação de u'a massa da altura e configuração de um ser humano em que se podia individualizar a cabeça e embaixo um corpo, mas o todo evanescente, como se fora feito de neblina e sempre menos definido quanto mais embaixo, e assim até se dissipar no indefinido da parte inferior. O que lhe parecia estranho era o fato de que, mesmo sem extremidades visíveis, sem nenhum movimento físico, estas duas formas que estavam junto de si, uma de cada lado, caminhavam com ele. Podia observar com exatidão tudo isso, porque estava perfeitamente lúcido, em plena consciência, nos dois planos de existência: o material e o espiritual. Distinguia e registrava aquilo que podia perceber, com os dois diferentes tipos de sentidos.

Continuou o caminho, com ele avançando as duas formas paralelas. Isto durou cerca de vinte minutos, pelo que teve tempo de controlar tudo e de fixá-lo em sua memória, para depois analisar o fenômeno com a psicologia racional, positiva, independente de estados emotivos. Melhor não o poderia fazer: desliga-se do fenômeno ao desdobrar-se nas duas posições de sujeito e observador, fundidas ambas, agora, no mesmo funcionamento.

Continuou a observar. As duas formas não constituíam só uma indefinida manifestação de presença Cada uma delas transmitia à sua percepção interior uma típica e individual vibração que a definia como pessoa. Foi assim que ele pôde logo sentir com clareza inequívoca que à sua esquerda estava a figura de São Francisco e à sua direita a de Cristo. Eles se deslocavam com ele, caminhando, mas não havia colóquio, nem transmissão de pensamentos particulares. A presença deles se concentrava, acima de tudo, numa solene afirmação da própria identidade individual.

Não houve testemunhas humanas. Será que, se tivesse havido, elas teriam percebido? Ou fora bom que não tivesse existido, pois, assim poderiam ter paralisado o fenômeno? No entanto, a observação foi exata até ao ponto de se notar: houve uma pequena testemunha e ela demonstrou ter sentido que alguma coisa estava acontecendo. Aquele homem estava acompanhado do seu cachorrinho, acostumado a andar a sua volta. Pois bem, naqueles poucos minutos, ele se comportou diversamente do habitual. Ele se manteve a sua volta, ladrando para alguém ou alguma coisa que devia estar percebendo perto do dono. Sem este fato não se explica tal comportamento excepcional, que não tinha outra causa aparente naquela solidão. Aquele cachorro não podia falar e dizer o que havia percebido. Mas era certo que demonstrava haver sentido qualquer coisa

Percorrido aquele trecho do caminho e aquele breve período de tempo, a alta tensão não pôde ser mais suportada, e a visão se desfez lentamente. Não ficou senão o ambiente externo, aquele que os sentidos físicos normalmente percebem, somente as coisas que todos vêem e às quais, porque se vêem sempre, pouca importância se dá. O céu se fechou, e tudo voltou como antes, como se nada tivesse acontecido. A visão, no entanto, ficou indelével, gravada a fogo naquela alma, como uma queimadura de

luz, uma ferida de amor que jamais o tempo poderá cancelar, feita de saudade, de uma contínua e angustiante espera para se reencontrar. A visão passou como uma arrebatadora paixão que queima, mas fecunda, deixando uma semente n'alma. Ela ficou escondida, depois germinou durante sua existência terrena; cresceu, frutificou, produziu novas sementes, para depois brotar, crescer, frutificar novamente noutro lugar, noutras almas, operando o milagre da multiplicação da vida em mais alto nível, no plano espiritual. Desde o momento em que aconteceu aquele fato interior, que não foi visto, talvez, por mais ninguém a não ser ele, aquele homem não mais parou. Aquele instante foi o ponto de partida da revelação de um destino, lançado naquela direção. De fato, ele depois se desenvolveu como se seguisse uma fatal concatenação de eventos que têm confirmado a verdade das inspirações interiores, que, derivando daquela primeira visão, continuaram a dirigir sua vida até o fim. Não se trata, portanto, somente de um momentâneo fenômeno de parapsicologia, mas do completar-se de um destino firmado sobre esse fenômeno que, em seqüência, vem desenrolando-se através de uma série de fatos a ele ligados, como seu lógico desenvolvimento.

Aqui já se estão delineando alguns dos muitos aspectos de tal acontecimento. Mesmo que a ciência não nos saiba dar uma explicação completa sobre ele, resta o fato de que ele ocorreu e as suas conseqüências se realizaram. Poderá ser julgado um sonho, uma fantasia, a alucinação de um histérico, ou caso patológico, mas não há dúvida de que ele constituiu a pedra fundamental da construção de uma vida, desenvolvida com estreita coerência para finalidades preestabelecidas, fixadas no momento em que o fenômeno ocorreu. Ora, o acaso, a alucinação, o patológico não podem produzir uma inteligente coordenação de eventos e a constante execução de um programa, como sucedeu durante 32 anos, até hoje. Além do fato parapsicológico aqui se estuda o problema do destino, sem o qual não se pode compreender porque, num determinado momento da vida de um homem, aquele fenômeno se verificou com a exata função de colocar, confirmando aquela visão, como ponto de partida decisivo para conseqüências de tal importância.

O voto de pobreza não foi fantasia, porque foi mantido durante toda a vida. Duas semanas depois da visão, aquele homem, abandonando confortos e riquezas, estava já ganhando, como pobre, o seu pão em terra longínqua, vivendo num quartinho alugado, como professor, no interior da Sicília. Foi neste ambiente de pobreza que a visão continuou, mas de outra forma, como comunicação de espírito ou colóquio, que nunca mais parou, mantendo um contato incessante. Na primavera de 1932, quando nada se podia prever, a inspiração traçou um plano de trabalho anunciando a composição de uma Obra, já no seu 20º volume, com cerca de 8.000 páginas difundidas no mundo. Tudo isso que se previu à tanta distância de tempo, realizou-se. E óbvio que as doenças mentais não podem produzir tais resultados.

Se se quiser admitir que este empenho na pobreza tenha sido uma loucura inútil, é também necessário reconhecer que sem isso aquela Obra não teria podido nascer, nem depois realizar-se. Isto porque ela tem uma base, um significado moral e, portanto, exigia, por coerência, que o exemplo fosse dado por quem a escrevia, isto é, que fosse vivido realmente o Evangelho, não apenas pregado e transformado em retórica e hipocrisia. Esta é uma verdade que não se baseia em erudição teológica, mas é temperada pela luta e pelo sofrimento da própria experiência, para se ter o direito de expô-la aos outros. Quem, com os fatos, não demonstra estar convencido, não pode persuadir ninguém; quem não vive um princípio não pode pedir aos outros que o vivam; quem não demonstra saber primeiro transformar-se a si mesmo não pode ensinar os outros a se transformarem. Se não fizer tudo isso, será melhor calar-se, porque as pessoas compreendem o jogo, e o engano convida ao engano do qual se está dando exemplo. Então, em nome do Evangelho, está-se ensinando a mentir. Essa Obra não é, pois, simples trabalho de literatura ou exibição de erudito, mas significa o cumprimento de uma missão espiritual da qual aqueles livros são apenas um meio. E a execução de uma missão investe a existência inteira de um indivíduo, exige o seu trabalho contínuo, o seu sacrifício, até ao seu completo holocausto.

Neste ponto se fecha a cena e termina a história. Alguma coisa aconteceu, mas ninguém sabe dizer exatamente o que foi. Os juízos são diversos, conforme o ponto de referência em função do qual são formulados. Neste voto há os que nele podem ver o sublime, outros a loucura, outros ainda a estupidez de

um inepto. Mas os juízos humanos são relativos e as apreciações diferentes, dependendo dos resultados. Se o louco vence, então é considerado com respeito. Se perde, mesmo que ele seja grande, é tido como bobo. Será que tais fenômenos podem ser julgados por uma humanidade em que o único ponto de referência é dado pela lei animal da seleção do mais forte por meio de uma feroz luta pela vida? Admitamos que este caso represente uma utopia perante a realidade do mundo. Vale, no entanto, observar como tal utopia funciona na Terra, como, apesar de tudo, foi já vivida por indivíduos reputados excelsos e proclamada como virtude de desprendimento e superação, pelo Evangelho e por outras religiões. Isso nos permitirá não só assinalar vários aspectos de nossa vida individual e social, como descobrir verdades abrasadoras escondidas sob um manto de hipocrisia. Será, então, bom não ter pressa e guardar o juízo para o fim desta história.

II

O SIGNIFICADO

Encontro-me no mês de setembro de 1963, 32 anos se passaram quando nosso personagem tomou a sua decisão. Hoje, em posição retrospectiva, pode-se observar aquilo que então não se podia ver, porque os fatos oriundos, em vez de se encontrarem no passado, estavam situados no futuro Agora, é mais fácil compreender o seu significado, porque é possível verificar as conseqüências daquela decisão Mas é necessário, antes de tudo, explicar o que neste caso se entendeu por voto de pobreza.

Ele aqui não quer dizer a miséria na qual falta o indispensável, não se podendo sequer trabalhar; não exprime a clássica fuga do mundo pelos eremitas para viverem na renúncia e no ócio; expressa antes a decisão de viver exclusivamente do fruto do próprio trabalho, em vez de desfrutar o dos outros; significa construir espiritualmente, apoiando-se, em primeiro lugar, sobre a base de honestidade econômica. Trata-se de viver reduzindo ao mínimo as necessidades materiais, elevando ao máximo as espirituais e trabalhando neste terreno, gratuitamente, também para os outros Cuida-se, em suma, de praticar a máxima pobreza possível para um homem civilizado que tem uma tarefa intelectual a cumprir, sem que essa pobreza o conduza ao embrutecimento ou que isso o impeça de lutar, de modo a permanecer um elemento produtivo na sociedade e não um produto de refugo, capaz somente de aproveitá-la e de a corromper. Empobrecer-se até tornar-se miserável, para viver na ociosidade, transformado em parasita, poderá ter sido um tipo de santidade no passado em outras posições históricas e sociais, mas hoje constitui prática antivital, porque também, espiritualmente, contraproducente. Hoje eliminam-se os sacrifícios que não beneficiam ninguém e abaixam o nível mental de quem os realiza. Em vez de serem julgados como uma forma de elevação moral, eles são olhados com desconfiança, como pretextos para praticar o lazer à custa do próximo, como um mau exemplo, um convite à preguiça — imitação prejudicial.

Não é esta pobreza que o Evangelho aconselha. Ele condena o abuso e não o bom uso dos bens. Ora, o nosso protagonista encontrava-se na situação mais adaptada para poder gozar impunemente deste abuso, na posição que lhe permitia, em plena legalidade civil e religiosa, viver do trabalho dos outros, como um parasita. Ele se rebelou contra as leis e os costumes que lhe permitiam aquilo, e nisto consistiu o seu voto de pobreza. Assim se poderia chamar, com maior exatidão: voto de honestidade. Não queria aceitar um benefício, para ele ilícito, não lhe importando, se, para a moral do mundo, incluindo os pregadores do Evangelho, fosse considerado lícito. Teria podido gozar, além do ócio, também do luxo e do respeito que a riqueza traz consigo, porque confere uma alta posição social, como ainda fruir as bênçãos de Deus, se com aquela riqueza, que não era sua, visto não a ter ganho com o seu trabalho, ele tivesse realizado obras de beneficência. Renunciou a esta felicidade do mundo e a substituiu pelo trabalho. pela parcimônia para si e generosidade para os outros, vida simples, sem compensações, intelectualmente ativa para o bem do próximo. A fim de evitar mal-entendidos, eis o que foi o voto: não uma loucura fora da realidade, mas um ato útil, racionável, honesto.

Não é possível acreditar que tal plano de vida fosse de fácil realização, quando despojado de heroísmos altissonantes. A vida é dura para quem pensa primeiro nos próprios deveres, numa sociedade em que geralmente cada um costuma pensar antes de tudo nos próprios direitos. Mas, para quem tem senso moral, esse plano de vida representa um dever para com o verdadeiro pobre, que permanece como tal, sem sequer poder apropriar-se da glória da renúncia; é um ato de justiça social ir ao encontro dele em vez de injuriar a sua pobreza com a opulência, com o egoísmo e, por vezes, até mesmo com o desprezo, incitando-o assim à revolta. Tudo isso é simplesmente um dever para quem tenha sentido de retidão; não é virtude preclara que mereça auréola de santidade. Este voto é uma coisa muito mais simples: confraternizar com os deserdados de forma mais real, que não é esbanjar beneficências do alto da própria posição social, dignando-se a descer, mas ficando longe deles e assim os humilhando com a própria esmola. Este voto significa renunciar às próprias comodidades para se colocar na situação do pobre e viver a sua vida de limitações e preocupações. Nestas condições, deve prover-se de tudo, para si próprio e para a família, somente com o seu trabalho. E, quando este não baste, como sucede aos pobres, humilhando-se, pedir ajuda, o que significa dependência a quem dá, se lhe agrada e da forma como lhe agrada. Para quem nasceu rico e se habituou ao regime de abundância, trata-se de inverter a própria posição, à vida inteira; trata-se de fazer isso num mundo em que o valor e a honra consistem em ser rico e não em ser honesto, em tornar-se poderoso, não importa com que meios, e não em sacrificar-se por um princípio idealista.

Será tudo isso utopia? Certamente que o é em nosso mundo atual. Por outro lado, também é verdade que, por esse fato, ele sofre as conseqüências. Assim, o caso aqui descrito supera os limites de simples fato individual para assumir um significado muito mais amplo, fazendo parte do problema social dos nossos tempos. Uma coisa é certa: se esta utopia evangélica tivesse sido vivida em grande escala, o Comunismo teria sido inviável, pelo menos nos países cristãos. Isto porque ele teria sido já aplicado da melhor forma, ou seja, construtiva e fraternalmente, e não de maneira destrutiva, com o ódio de classes; teria sido realizado como colaboração pacífica, e não através da opressão por parte do Estado. Se os cristãos tivessem sido verdadeiros cristãos, como o foram nos primeiros séculos, o Comunismo não lhes poderia ter roubado a ideologia da justiça social, que é a sua maior força, e as massas não estariam do seu lado.

Infelizmente, o Cristianismo usou um método diverso. A religião se aliou à classe dos dominadores, apoiando-a e, em compensação, com partilhando com ela os bens materiais. O método era submeter os deserdados, dando-lhes a esperança compensadora no além-túmulo, e o resultado foi que, em lugar de se chegar à fraternidade, confirmou-se a cisão entre interesses opostos e a respectiva luta de classes. Foi um programa de egoísmo que fermentou o ódio na sociedade em vez do amor. Se o Cristianismo não tivesse, para seu interesse, protegido estas divisões sociais, o Comunismo não teria nascido. Estamos nos antípodas do Evangelho. Mas isso não significa que o "Sermão da Montanha" não seja verdadeiro. Ele não foi feito, como sucedeu, para ser utilizado com a finalidade de dominar os ingênuos. Aqui está a culpa, e esta se paga. Trata-se de uma lei a que ninguém pode escapar.

Chegou, no entanto, o dia em que os simples compreenderam o engano, e o belo jogo das esperanças celestiais não deu mais resultado. Então, os pobres se uniram para exigir de fato, subitamente, e com a força, aquela justiça social que os detentores da fortuna não concediam, como deveriam ter feito por amor, em lugar de promessas. Aconteceu ainda: ao mesmo tempo que o Evangelho não se realizava, procurou-se aplicá-lo com o método mais anti-evangélico possível — a violência. Postas de lado as consolações teóricas da religião, começou-se logo a prestar contas na Terra, exigindo-se justiça sem quaisquer protelações para o além-túmulo.

A reação por parte da Igreja confirmou o erro e agravou-lhe as conseqüências. Em vez de reconhecê-lo e corrigi-lo, insistiu nele, mostrando assim as suas verdadeiras intenções. Em lugar de voltar atrás, regressando ao Evangelho, ela se tornou rígida naquela posição e respondeu com as excomunhões, pondo-se em estado de guerra no mesmo plano do atacante — o dos interesses — em vez de se colocar no seu próprio terreno, que era o dos ideais.

Que isso tenha sido um erro eis o fato de que hoje já se compreende que o Anticomunismo não pode ser feito com o velho método das condenações solenes, e sim em forma de lógica e sinceridade por gente honesta, cumpridora dos princípios proclamados, não se impondo apenas por autoridade com ato de força que não convence, porque não prova coisa alguma. Daí a nova tendência, depois do Concílio, de se orientar, primeiro, para o diálogo. Possivelmente a Igreja teria sido obrigada a isso, porque viu a impossibilidade de sustentar aquelas posições usando os velhos métodos. A tendência

para uma nova mudança permanece. Não se vence um mal combatendo-o com outro mal, um erro com outro erro. Se ao abuso não se contrapõe a honestidade, todos se situam do lado do primeiro. Não basta, para ter razão, possuir e usar a força da autoridade. A única reação válida não podia ser outra senão a de se opor à justiça social que o Comunismo defendia e já tinha colocada em prática, não lhe oferecendo assim o flanco aos ataques. A verdadeira resistência faz-se com afirmação de si mesmo, com valor próprio, e nunca negando os outros para condená-los. Quando existe um ponto débil, é inevitável que sobrevenha um ataque contra ele. Mas o ataque depende do ponto fraco, que o atrai. Então, o remédio e um só: eliminá-lo. E isso se faz localizando-o em si próprio e não procurando o dos outros para agredi-los. O mundo usa este processo, mas disso nasce somente luta e destruição, nada se corrigindo, nem melhorando. Todavia, este é também um método para progredir nos níveis mais baixos, apesar de primitivo, e a vida o utiliza. Assim, o micróbio ataca no ponto de menor resistência, para obrigar o indivíduo a fortalecer-se na luta, aprendendo a vencê-la. Deste modo a natureza obriga os fracos a se fortalecerem, eliminando os que não sabem vencer. Também, no plano da justiça social, com o assalto das camadas prejudicadas, a vida tende a eliminar as injustiças, coagindo neste terreno os imorais a se moralizarem. E os nossos pontos defeituosos, sejam físicos, sejam espirituais, vão sendo corrigidos. Assim, o Comunismo pode ser entendido como um processo de forçada purificação do Cristianismo para levá-lo, novamente, à sua exata posição evangélica.

Ora, o Anticomunismo pode realizar-se melhor, mostrando, sobretudo com fatos, ao mundo a sua própria posição moral e com isso a invulnerabilidade às acusações, como a validade de função social da religião. É somente quando possuímos apenas valores falsos que a vida procura eliminá-los. Mas, quando os temos verdadeiros, ela tende a conservá-los, a fim de utilizá-los para o seu próprio objetivo: a evolução. O ideal e a espiritualidade são valores biológicos, que a vida leva em conta. Se o Cristianismo tivesse realizado o programa evangélico, teria havido um comunismo baseado no amor e não no ódio de classes, um comunismo de paz e não de guerra. Contra ele, ou seja, um comunismo verdadeiramente cristão e aplicado, o atual não teria nada a fazer. Mas terminemos esta digressão, à qual nos conduziu o caso em exame, e continuemos a observar-lhe sob outros aspectos.

Neste caso a medida da renúncia é reduzida à posse do mínimo indispensável para poder realizar o seu próprio trabalho útil ao indivíduo como à sociedade. A moral da vida é utilitária, num sentido sadio, construtivo. Para ela não é virtude o que se lhe vai contra, agindo em direção negativa, destrutiva. Ela consiste sobretudo em evoluir, e massacrar em seu nome é loucura. Estão**,** pois, excluídos os excessos antivitais realizados no passado em nome da santidade e que consistiam no tormento físico. Construir-se no espírito é tarefa positiva que não se realiza apenas em se destruir como matéria, o que constitui labor negativo. Mesmo que tudo isso se explique como reação corretiva de abusos de outros tempos atrasados, não tem mais razão de ser numa sociedade mais evoluída. Por inércia continuam ainda hoje a exaltar nos santos virtudes proporcionadas às condições de vida que o mundo então oferecia, adaptadas às funções de equilibrar vícios correspondentes. Neste sentido a renúncia fazia parte do sadio e indispensável utilitarismo da vida, sempre pronta a produzir o bem, e rebelando-se a qualquer qualidade improdutivo e destruidora.

No passado, com a pobreza absoluta, reagia-se contra uma riqueza que então era fruto do roubo e assassinatos. Revoltar-se contra ela significava ir de encontro a esses delitos. O poder e a glória eram concedidos ao cavaleiro vencedor, não com o trabalho mas com a violência da espada, isto é, não por ter produzido, mas porque roubava e matava, enquanto o trabalho era considerado vergonha, deixado aos servos e olhado com desprezo. Assim acontecia não só com a prática do jejum, como com a da castidade, porque se consideravam como máxima a alegria animalesca da gula e do sexo, realizando-se neste campo todos os excessos. Foi por isso que no passado as virtudes eram desse tipo, exatamente com o objetivo de estabelecer uma compensação. Elas presumiam de modo subentendido a existência de vícios opostos a corrigir para levar o homem ao caminho da justa medida.

Ora, é evidente que tal tipo de virtude se torna inútil e absurdo, porque é biologicamente contraproducente em outros tempos e ambientes, onde, encontrando-se em outras posições evolutivos, o homem devia alcançar objetivos diferentes. Isto acontece, com precisão, atualmente, quando a ferocidade humana se torna mais sutil, nervosa, psíquica, menos material e grosseira, ou seja, manifesta-se como agressão mental e não com os métodos de cruéis açougueiros à base de esquartejamentos, como se usava na Idade Média. Eis, então, que as qualidades corretivas dos abusos do ambiente moderno devem ser de outro tipo, se quiserem cumprir a função corretiva que delas se espera, justificando a sua presença. As

virtudes modernas não podem ser repressivas na forma e nos pontos em que elas o foram antigamente. E devem tornar-se positivas e ativas em zonas outrora desconhecidas A grande virtude da contemplação transformada em ócio e da pobreza convertida em parasitismo social hoje se substituem pelo hábito do trabalho, útil à coletividade; as virtudes da ignorância e da inércia mental são substituídas pelas da cultura e da atividade intelectual; a virtude repressiva de prazeres animalescos é trocada por outra controladora de alegrias de natureza nervosa e cerebral; a virtude da pobreza-miséria que impede de trabalhar é permutada, como no caso aqui examinado, por outra que não destrua tempo e energias, tornando o indivíduo um peso para o próximo. A sociedade moderna, organizada, está disposta cada vez menos a admitir no seu seio vagabundos incomodativos, hoje fora do organismo coletivo, no qual o indivíduo deve enquadrar-se para seu bem e de todos.

Tudo isso nos mostra como a idéia de virtude tem um significado e conteúdo proporcionados aos diversos tempos, às condições de vida que se oferecem e à posição evolutiva que representam. Não se pode compreender o indivíduo senão em função de seu ambiente. O tipo de virtude que ele é chamado a praticar e que justifica e valoriza o seu trabalho depende da forma mental e das condições de vida do seu tempo, do qual é impossível isolar-se. O grande pecado do passado era a injustiça e a violência no plano físico, o do presente é a mentira e a violência no nível econômico e mental. A qualidade compensadora não deve ser uma amputação da animalidade, mas uma inteligente afirmação de honestidade, sinceridade e justiça. No passado, em muitas ordens religiosas, voto de pobreza significava na realidade voto de ociosidade. Hoje, em nosso caso, voto de pobreza quer dizer voto de trabalho, oposto como reação corretiva ao abuso de quem vive na abundância sem trabalhar, servido pelo labor dos outros.

Foi isso que significou para o nosso personagem o voto de pobreza. Esse voto teve o sentido de trabalho e, como nos referimos anteriormente, de honestidade, para cumprir um dever de justiça social, colocando-se no nível dos que nenhuma renúncia podem fazer, porque nada possuem para poder renunciar. Voto de honestidade num mundo de desonestidade, de justiça num mundo de injustiças Tudo isso feito em obediência a um princípio: renunciando às suas próprias comodidades, resistindo ao método egoísta dominante da própria vantagem. Este o significado do voto. Não se trata, portanto, de virtude heróica, mas simplesmente do cumprimento de um dever. A maioria que se esforça na sua existência de pobre não é santa por esse motivo. O fato de seguir essa outra moral, diversa à do mundo, é espontâneo e irresistível para quem vive em um plano evolutivo superior, onde domina a lei da justiça e do amor, em lugar da lei do egoísmo e da luta que impera nos níveis mais baixos, nomeadamente no humano. Tudo, portanto, se explica logicamente, tudo é natural conforme as leis da vida.

No fundo, trata-se de simples qualidades biológicas baseadas em princípios utilitários, não no sentido comum egoísta de dano ao próximo, mas de um utilitarismo inteligente que traz vantagem sem prejudicar ninguém. E porque trazem vantagens ao mundo, elas são consideradas virtudes. isto para o nosso personagem consistia em satisfazer seu interesse pessoal. Viver no ócio e no prazer pode representar um triunfo de momento, e, por esse motivo, os ingênuos que não enxergam longe caem facilmente. Mas essa maneira de viver dá origem a ineptos, cria um hábito difícil de manter e faz desaparecer a arte de saber lutar para sobreviver. É evidente que por este caminho o indivíduo acaba por encontrar-se em condições desastrosas, nas quais deverá pagar duramente as alegrias não ganhas de que desfrutou injustamente. Tais leis são, fatalmente, para todos. Eis a diferença entre o nosso personagem e o mundo: o primeiro conhecia essas leis. Seguia, portanto, o caminho de sua maior vantagem e menor dano, fazendo bom negócio onde os outros faziam péssimo.

* * *

Observemos agora o significado do voto em sentido mais vasto. Em substância o problema aqui tomado em exame é o de toda a nossa Obra: a luta entre espírito e matéria, entre Cristo e o mundo, entre o ideal que antecipa a evolução e a realidade de planos de vida mais atrasados. No caso observado e vivido revela-se o choque entre a moral de dois níveis biológicos diversos: o do evoluído e o do involuído. Logo nestas primeiras páginas, este caso nos foi apresentado em vários dos seus aspectos: como fenômeno parapsicológico, como desenvolvimento de um destino, como moral superior, ou como um ato de adesão a princípios elevados, necessários ao cumprimento da missão. À medida que avançarmos, desenvolveremos estes primeiros pontos já referidos, observando o caso também sob outros aspectos, tais como: experiência místico-religiosa, realização evangélica, problema econômico e ético social, afirmação de personalidade e reação individualista ao coletivismo moderno, experiência de formas superiores de

vida contra a atual concepção hedonista da existência baseada no bem-estar material etc. Como se vê, este caso pode ter vários e profundos significados, que procuraremos analisá-los. Isso colocar-nos-á perante muitos problemas de importância individual e social a serem resolvidos.

A vida pode ser conduzida de dois modos diferentes, segundo o ponto de vista em função do qual se vive. Eles dependem de duas maneiras diversas de concebê-la: a de uma existência que constitui um fim em si mesma, desejando, portanto, alcançar vantagens de realização imediata (os bens e os gozos terrenos), e a de uma vida que é apenas um meio para atingir fins mais altos e longínquos, vantagens para realização no futuro (os bens e os gozos espirituais). No primeiro caso, a sua finalidade é estar bem no presente; no segundo, é o de construir para um futuro melhor. Ora, esta segunda concepção vem em geral proposta de forma ascético-religiosa. Nós aqui a propomos de modo racional-científico, biológico-evolutivo, como se verifica pela superação da atual fase de existência no plano animal-humano em direção a níveis de vida mais adiantados, o que não constitui transposição de realizações em hipotéticos mundos ultraterrenos, mas fenômeno positivamente comprovado. Se tal superação é o motivo fundamental das religiões, nós aqui, ao contrário, apresentamo-la não como o sonho de um místico, ou a exigência de um moralista mas como fenômeno racionalmente aceito pela ciência, ou seja, como superação da posição biológica de cada um ao longo da escala da evolução, com todas as suas conseqüências, e como uma realidade implícita nas leis da vida, que colocam como finalidade da existência o seu transformar-se em sentido evolutivo.

Daí a posição de nosso personagem, que escolheu uma vida de renúncia em lugar de uma existência de fácil prazer; se porventura pode parecer loucura, conforme o primeiro modo de conceber aquela vida, fim em si mesma, dirigida a realizações imediatas; surge, no entanto, constituindo sabedoria previdente, o outro modo de considerá-la, isto é, um meio para alcançar outros fins, dirigida a realizações superiores. No primeiro caso, enxerga-se de perto somente a perda imediata que a renúncia traz. No segundo, vê-se longe, ou seja, a utilidade que a longo prazo aquela renúncia produz e portanto, aceita como vantagem. Isto corresponde à psicologia do trabalhador econômico e previdente que, em vez de gozar a vida esbanjando-a, acumula poupando. Assim se explica o nosso caso. Para quem conhece as leis da vida e a técnica de seu funcionamento, trata-se apenas de um cálculo utilitário, logicamente preparado, dirigido à conquista individual para uma existência melhor. Não significa que o ideal seja colocado fora de sua realidade. Ele apenas abraça uma realidade mais vasta do que aquela oferecida pelo nosso mundo, fechada, na qual se esgota a existência da maioria dos homens. Trata-se de duas visões: uma míope; a outra abarcando longínquos horizontes. O involuído é levado a seguir o primeiro método, ele vive na ignorância, enquanto o segundo presume no indivíduo uma consciência da sua própria posição no seio do funcionamento universal. O primeiro é levado acima de tudo a satisfazer o seu instinto fundamental que o faz procurar de qualquer modo a alegria, por tentativas, sem saber encontrá-la, ficando no fim desiludido e insatisfeito. O segundo, conhecendo as leis da vida, sabe orientar-se com inteligência dentro da sua lógica, e assim, guiando-se conscientemente, dirigindo-se para fins exatos, em seguida os alcança. Este, em vez de gozar, decide evoluir, navegando em direção ao Alto, não se abandonando, inconsciente, na corrente, mas, em plena consciência, segurando com a mão o leme do seu próprio destino. Sob o ponto de vista biológico, a renúncia daquele homem assume valor positivo. Daí a seguinte pergunta: no fim da vida, quando se faz a soma do trabalho realizado, levando em conta o resultado final, quem fica em melhor posição o indivíduo que gozou no ócio, aprendendo, assim, apenas a ser um inepto, ou quem se submeteu a uma disciplina de trabalho, que o temperou para a luta, fortalecendo-lhe a resistência e enriquecendo-o de qualidades que melhor lhe garantem a sobrevivência? Concebendo as coisas somente em termos utilitaristas, este trabalho de construir com o próprio esforço uma personalidade sempre mais forte e evoluída significa conquistar um poder defensivo na luta, protetor da vida e garantia da vitória. Um bem-estar não compensado por um correspondente trabalho produtivo conduz à putrefação. Vemo-lo na decadência das aristocracias. Entretanto, o mundo considera bobo quem não segue este caminho fácil e não se lança em tais aventuras. Por quê? Isso é fruto de inexperiência, por não se ter ainda atravessado a difícil prova da riqueza, com todos os perigos que ela representa. Mas quem a conhece sabe que ela não existe somente para gozar, mas implica muitos deveres, e traz graves prejuízos golpeando quem, na sua inconsciência, não os cumpre. Então, o caminho melhor para quem não quer uma coisa ou outra é a justa medida, ou seja, nem pobreza que priva do necessário, nem riqueza trazendo consigo a escravidão do supérfluo, mas o bastante para viver e executar em paz o próprio trabalho. Aquilo que cada um tem direito, como será reconhecido na mais adiantada humanidade do futuro.

Esta avidez de excessos em todas as coisas deriva de não se ter feito a experiência desse abuso e de, portanto, não ter ainda aprendido a relacioná-lo com a idéia de sofrimento a que ele conduz. O homem

evoluído do futuro, quando se encontra com tudo à sua disposição, porque mais experimentado, não será conduzido a abusar de coisa alguma. Em princípio, aquilo que faz nascer o excessivo desejo é a demasiada privação em que se encontra o primitivo. Depois, é a exagerada satisfação do novo rico que faz surgir a náusea e outros sofrimentos. Chega-se, assim, à sabedoria do experiente que não deseja o incômodo de riquezas supérfluas, que exigem uma contínua luta de defesa contra os ladrões do mundo e o cumprimento de muitos deveres para não sofrer as conseqüências.. Trata-se, no caso em exame, de uma virtude racionalmente calculada, de uma sabedoria que o mundo condena porque não a possui.

Mas ainda existem outras razões que justificam a conduta de nosso personagem. A preocupação do involuído é vencer na luta pela vida com qualquer meio; a do evoluído é comportar-se conforme a justiça. Trata-se de duas morais diferentes, porque pertencem a dois diversos planos de evolução. O segundo biótipo não permite os abusos que o primeiro, na sua ignorância, reputa lícitos. Não os realiza, porque conhece as conseqüências de cada ato executado contra a justiça.

É por este princípio que o evoluído se recusa a gozar daquilo que não é fruto do seu próprio trabalho e aceita os bens só na medida em que com esse fruto foram produzidos e dados à coletividade. Está, assim, fora dos equilíbrios desta moral receber por herança, ou seja bens não ganhos. Mas, sobretudo a respeito das grandes fortunas, há ainda outra razão: um simples trabalho honesto é insuficiente para produzi-las. Na sua primeira origem, a propriedade é o resultado do esforço necessário para dela se apossar, praticado com qualquer meio. Este pode ser também o roubo. Com isto se chega ao fato tangível da posse. A legitimação vem mais tarde, como um seu aperfeiçoamento. Esta é a fase jurídica do nosso mundo atual. Só numa sociedade mais evoluída se alcança o conceito de uma justiça distributiva. Hoje é ainda legalmente lícito tomar posse de uma riqueza por golpes de sorte, seguindo hábeis atalhos, de modo que ela é mais o resultado de apropriação que de produção, porquanto o que se toma é muito mais do que aquilo que se dá com o próprio trabalho. Quem toma só em proporção do que produz dificilmente se enriquece. O trabalho produz e a esperteza enriquece.

É raro que nas origens de uma grande fortuna possa existir um ato de justiça Um evoluído não pode, portanto, aceitar, não por motivos de uma ética abstrata, mas porque ele conhece as leis da vida. Sabe, então, que uma força, manchada nas origens pela injustiça, é, por sua natureza, doente e por isso acaba arruinando quem a maneja. É uma questão de interesse próprio. O evoluído considera-se um aproveitador, se aceitar aquilo que não ganhou. É certo que o nosso mundo admite muitos meios para adquirir a riqueza fora do trabalho, e isto de pleno acordo com a moral civil e religiosa. No mundo basta que se justifique. O que importa é saber conquistar uma posição de domínio, legitimando tudo. A lei do atual nível evolutivo humano é a força e a astúcia, não a justiça. Muitas vezes é o poder que estabelece a verdade e o direito. Mas tudo isso se paga, e a dura conseqüência é um estado de contínuo atrito. Agora podemos compreender a vantagem de ficar fora dessa engrenagem.

Perante tal conduta se poderia objetar que o nosso personagem era um preguiçoso que queria afastar-se da luta do mundo Mas, na realidade, ele abandonou este tipo de luta, evolutivamente inferior, para enfrentar outra mais adiantada. No fundo, a luta no nível biológico do homem atual representava para ele o lado negativo da vida, o de uma animalidade a superar, feita para ser abandonada ao longo do caminho da evolução. Para ele a parte positiva, onde se queria afirmar, como os outros procuram fazê-lo no mundo. estava situada no plano espiritual. Para este mais alto nível tinha deslocado toda a sua atividade e interesse, assim conduzia a sua luta, tão poderosa quanto a da Terra, com resultados mais sólidos e preciosos. As suas conquistas não eram econômicas, mas espirituais. Ele não se isolava deste ambiente para viver no ócio. sob o pretexto de espiritualidade, mas nele ficava para cumprir todo o seu dever, conforme princípios diferentes dos do mundo. A sua posição não era de inércia, porém de trabalho mais intenso e difícil. Ela não tinha nada de passiva e estéril, mas era ativa e vital, porque criava valores superiores. Integrado nesta nova tarefa, ficava absorvido de modo a não poder gastar energias no trabalho material, tão fundamental para os outros e que para ele, perante horizontes tão vastos, perdia a importância.

Eis ainda outra razão para não aceitar riquezas: cuidava de se libertar da servidão que elas exigem, para ele adquirindo sabor quase de prostituição do espírito para fins materiais. Não se tratava de preguiça de quem quer fazer menos, mas da febre de quem quer construir mais. Não foi, portanto, só para colocar-se em sólida posição biológico-evolutiva e de justiça econômica, conforme moral superior, que ele não aceitou a riqueza, mas foi também para alcançar, através de mais intensa e produtiva atividade. uma afirmação mais elevada da sua personalidade. Vamos, assim, explicando a sua estranha conduta, vista sob vários aspectos, para compreender a sabedoria que se escondia atrás da sua aparente loucura. Destes primeiros relatos já se pode ter uma idéia da consciência com que ele vivia o fenômeno, dirigindo

a sua vida. É certo que se trata de uma posição biológica fora de série, mas isso não quer dizer que ela não esteja assinalada ao longo do caminho da evolução e, não tenha de ser alcançada por todos, portanto, uns primeiro e outros depois. Encontrando-se tudo em marcha, um ponto que hoje está no futuro, amanhã estará no presente e, depois, no passado. Tudo é relativo. Aquilo que hoje é exceção amanhã poderá ser a regra. A posição daquele homem não era de molde a viver no atual nível evolutivo humano, mas a de quem está maduro para desvincular-se desta fase, porque nela não pode mais realizar-se. O seu triunfo está de fato, como vamos ver, na morte. Lá, onde a vida termina para muitos, para ele começa outra maior. Perante as imensas visões de outros mundos, os grandes problemas da Terra reduzem-se à proporção de meras preocupações do formigueiro humano. Mas narramos esta história, com aparência de fantástica, justamente para mostrar como pode haver outras maneiras de viver além das que estão em uso, as quais se crê sejam as únicas e definitivas. Como Galileu descobriu o céu e Colombo novos continentes, e hoje se conquista o espaço, estamos aqui adentrando o super-normal, aventurando-nos nas superiores e inexploradas amplidões do espírito. Se no mundo vemos que a vida luta para resolver os seus problemas terrenos, aqui observamos o seu esforço dirigido num sentido totalmente diverso. Enfrentamos o super-normal em vários dos seus aspectos, com a paixão do explorador, com o conhecimento que dá a experiência, com a mentalidade de controle racional.

Esta história é a de um pobre homem no meio do tempestuoso caos de nosso mundo, tentando a grande aventura da superação evolutiva, já que pelas leis da vida, não há outro modo de libertar-se de tantos males. Ele se posiciona sozinho perante estas leis, como uma emersão solitária do nível ascensional normal. Encontra-se numa atmosfera rarefeita, sem o conforto de alguém que o acompanhe. Aqui vemos o fenômeno da superação conduzido experimentalmente e analisado racionalmente. Em pano de fundo vemos avança a imensa marcha cósmica da evolução. Esse fenômeno é vivido aqui num caso concreto, no momento crítico da transição de um nível biológico a outro superior. Estamos assim observando a técnica desta transformação, reduzida aos termos de uma vida comum. No volume precedente: *A Descida dos Ideais*, vimos como estes descem na Terra, sobretudo por meio das religiões, para que a humanidade possa realizá-los. No presente escrito observamos como o ideal se realiza de fato no caso particular de um indivíduo isolado. Assim, o contato entre ideal e realidade torna-se vivo, porque toma corpo nas vicissitudes de uma vida, e as reações do mundo não são mais teóricas, mas se concretizam em atos sensíveis. Aqui vemos, de fato, chocarem-se as opostas vontades de viver em duas formas diversas: a inferior, do passado, que deve ser superada, e a superior, do futuro, que quer nascer; observamos como as forças, com as quais se manifestam as leis de dois planos de evolução, fazem a sua guerra dentro da consciência de um indivíduo e no plano dos fatos. Não estamos expondo, como fizemos no volume *Queda e Salvação*, a teoria da ascensão da vida do AS para o S, mas verificamos como um indivíduo andou de fato um passo à frente, ao longo do caminho daquela ascensão. O fenômeno de abstrato se faz concreto, a teoria torna-se prática, ficando, assim, mais acessível. Mas não esqueçamos que, mesmo sendo reduzido às dimensões de um caso particular, o fenômeno expressa sempre a imensa luta entre S e AS, da qual não é senão um momento; está ligado ao princípio central de nosso universo, que é o processo evolutivo ao qual está confiada a salvação do ser. Esta constatação dá um vastíssimo significado à experiência narrada, porque a enxerta no fenômeno de dimensões cósmicas: o transformismo evolutivo universal.

Assim podemos compreender a razão da loucura de nosso personagem O seu caso aparece como tal, porque é um reverso do raciocínio na Terra, embora, na realidade, constitua um endireitamento em direção ao S, à sua lógica, invertida pelo mundo para o AS. Justifica-se este caso porque ele representa uma senda evolutiva, que deve superar o passado, de tipo AS, a fim de caminhar rumo ao S. Eis que imenso painel está escondido atrás do fato narrado. Desta forma demonstra-se a loucura de certas pobrezas e o Evangelho que as aconselha. A nossa concepção de vida muda: quando a olhamos em função de finalidades a alcançar muito mais vastas do que as do bem-estar imediato, quando se concebe a vida atual não como um breve programa que se esgota na Terra mas como o trecho de um desenvolvimento que se percorre para alcançar formas de existência cada vez melhores. Isto pode parecer um sonho, mesmo que as religiões o afirmem, e ainda que não provem mas é fato positivo para quem compreendeu a lei da evolução e o movimento do universo do AS para o S. Isto pode parecer utopia para os homens práticos. Mas permanece o fato de que, com os métodos do mundo, até hoje não se conseguiu fazer outra coisa senão um inferno de luta, insegurança e dor, comprovando tratar-se de uma sabedoria pelo avesso, de tipo AS.

Eis o que pode estar por trás destes casos isolados de emersão do plano evolutivo normal. Eles se assemelham a uma ilha erguendo-se do mar, mas que presume, com base que a sustém, a presença de

outras terras submersas, constituindo o cimo de uma das suas mais altas montanhas. Para compreender o caso aqui narrado, não devemos esquecer esta sua parte escondida, esta sua estrutura interna que prova a sua conexão com as leis da vida, em função das quais esse caso se desenvolveu. E certo que se trata de posições de antecipação fora dos limites, dentro dos quais deve ficar a maioria que não está pronta para tais deslocações, que considera loucura. O seu amadurecimento biológico e respectiva capacidade intelectiva não lhe permitem resolver problemas maiores do que os da sobrevivência no seu ambiente. De momento este é o trabalho que a espera, o tipo de experiência proporcionada à sua posição evolutiva. A humanidade encontra-se fechada ainda no âmbito da lei do seu plano no nível animal da luta pela vida. Existem, no entanto, indivíduos que, por conta própria, antecipam fases mais avançadas de evolução. São poucos; a vida os produz. não como regra, mas como exceção, à guisa de tentáculos lançados para a frente, a fim de cumprirem a função especial de explorar o futuro. Naturalmente as massas os julgam segundo a sua forma mental não podendo compreendê-los. Isto, no entanto não pode impedir que eles surjam, distanciando-se do nível da média. Fatalmente, está acima da sua própria vontade. A maturação evolutiva faz parte das leis da vida. Assim, é natural que tais tipos escapem da órbita dentro da qual se move a maioria, porque aquela maturação os lança fora daquela trajetória, ao longo de outra mais ampla. O fenômeno que estamos observando poderá parecer injustificado para quem está fechado numa esfera mais restrita, mas resulta lógico e justificado para quem dispõe de uma visão mais extensa que contempla outros universos, isto é, não apenas um plano de existência, porém os diversos níveis conforme estão dispostos os seres ao longo da escala evolutiva.

Como impedir a um indivíduo que alcançou mais alto grau de desenvolvimento, encontrando-se em outra posição biológica na qual a vida funciona com outras íeis, não deva conceber tudo diversamente e comportar-se como tal? Dado que a sua personalidade é de outro tipo, é lógico que ele, na Terra, não se encontre no seu ambiente, mas viva completamente deslocado, mesmo que fisicamente tenha o aspecto daqueles que se chamam seus semelhantes. Assim se explica como aparecem os santos e alguns seres de exceção que vivem de maneira tão diferente dos outros. Tudo isso se compreende que seja fatal, porque é conseqüência da estrutura das leis regendo a nossa vida. Como a criança é feita para vir a ser homem, assim o involuído deve tornar-se evoluído, atravessando ele também o fenômeno aqui observado. Entretanto, permanece inevitável o fato de que uma criança, ficando homem antecipadamente num mundo de seres que continuam infantes, não possa ser compreendida por eles. As coisas são as mesmas, mas a criança as vê de baixo, enquanto o homem as observa do alto. É natural as duas visões com juízos e comportamentos opostos.

Mas por que o evoluído se agita tanto? Quem o obriga a fazer todo o seu trabalho, assim tão isolado e incompreendido. Seria para ele mais cômodo satisfazer-se no nível da animalidade? Por que esta não o satisfaz, enquanto os outros ficam satisfeitos? Atingido certo grau de maturação, nasce uma fome de coisas diferentes, que os outros não concebem, nem desejam. Existe o fato de que o evoluído não é somente negativo relativamente ao mundo, mas positivo com respeito ao ideal, em relação ao qual o inconcebível para os outros constitui para ele a mais viva realidade. A sua posição não é apenas de repulsa perante o baixo, e sim de atração pelo alto. Trata-se, portanto, da mais potente afirmação da vida, feita não tanto de renúncia com que se abandona o pior, quanto de conquista com que se ganha o melhor. Deixar a Terra é dor para o involuído que, neste mundo, encontra a sua satisfação, mas pode conter alegrias para o evoluído na medida em que aquela renúncia possa representar um meio para encontrá-las mais no alto. Para ele o fato de negar a animalidade não é suicídio, mas superação, não é morte mas ressurreição. O evoluído poderá parecer negativo ao involuído, porque nega o mundo deste, porém em si mesmo é extremamente positivo, já que não vai contra a vida, mas caminha em direção à outra mais alta.

III

POBREZA E EVANGELHO

Observemos agora o caso que estamos examinando sob outro ponto de vista, isto é, em relação ao Evangelho. O primeiro fato salta aos olhos: o nosso personagem o tomou a sério. Por que tão escandalosa revolta contra os hábitos do mundo?

A verdade é que a primeira origem de muitos dos nossos atos é axiomática, antecede ao controle racional, é um impulso filho do instinto; depende, portanto, da estrutura da própria personalidade. O motivo emerge da profundidade do subconsciente, sendo um retorno do que foi escrito nas vidas passadas; tende, assim, a impor-se automaticamente como um sinal do destino. Tais problemas de psicanálise foram já tratados por nós no volume: *Princípios de Uma Nova Ética, e* não podemos aqui voltar a eles.

Em nosso caso, temos uma personalidade já feita, com as suas características bem definidas, resultado das experiências vividas com que ela se construiu. Encontramo-nos aqui perante o fato consumado: um indivíduo constituído de uma determinada forma mental, que estabelece para ele a sua particular visão da vida. E com ela dirige as suas ações, para enfim, satisfazer-se, realizando-se. Isto é devido à técnica construtiva da personalidade, à estrutura e desenvolvimento do próprio destino, para o qual a semeadura é livre, mas a colheita é obrigatória estando as causas em nosso poder, mas não os efeitos. Um impulso. urna vez lançado, deve fatalmente alcançar o seu objetivo, fase final da sua realização.

Ora, o que as experiências do passado tinham escrito com caracteres indeléveis no subconsciente de nosso personagem, agora, em forma de qualidades definitivamente adquiridas e exigindo satisfação, era uma fundamental norma de retidão baseada em princípios do Evangelho, u'a moral segundo Cristo, nos antípodas à do mundo. A assimilação destes princípios tinha chegado à sua fase mais profunda de instinto; o indivíduo encontrava-se perante o que doravante se tornaria inevitável, porque, para poder seguir uma conduta diversa, ele deveria ter destruído ou, pelo menos, invertido o próprio tipo de personalidade. Ninguém pode deixar de ser o que é, e agir conforme a sua personalidade. As nossas obras nos perseguem, e somos feitos de nosso passado. Para outros, por terem percorrido passado diferente e se encontrarem noutras fases e condições de vida, adaptados, portanto, a superar inúmeras provas e a aprender várias lições seguindo outros destinos, esta história pode não ter importância. Todavia, para eles podem ser fundamentais, experiências totalmente diversas. Há existências conduzidas em função de outros pontos de referência e com um modo de concebê-las de forma diferente. Mas o nosso personagem encontrava-se em sua posição e na fase dos efeitos, ou zona determinística do seu destino, e assim era fatal que seguisse o seu impulso evangélico.

Esta premissa era necessária para explicar psicanaliticamente tão estranha psicologia, contrária aos gostos da maioria, sendo, deste modo, contraproducente à sua sobrevivência e absurda perante a lei fundamental do plano humano — a luta pela vida. Já sabemos qual foi a primeira causa determinante de um modo de pensar e de viver tão estranhos. Vemo-lo logicamente colocado no seio do desenvolvimento de um destino como um momento e elemento constitutivo deste, justificado não só pelos precedentes de que deriva, como pelas conclusões que de fato atinge no final.

No fundo daquela alma está escrito o Evangelho, agora já em forma de instinto, de maneira que ele não podia fazer outra coisa senão segui-lo, como todos são levados a fazer com os próprios instintos. No seu destino, como premissa axiomática, existia uma predisposição congênita para seguir Cristo e o Evangelho, como havia uma instintiva repugnância por todas as adaptações e contorções às quais o mundo os submete para conciliá-los às suas próprias comodidades e interesses. Assim, a posição dele era clara, sem hipocrisia, sem cortes e subentendidos, como aplicação íntegra, não reduzida a limitadas percentagens. Portanto, nenhum sentido de forçada imposição, mas adesão convicta e espontânea a um processo salutar de superação.

Eis o que diz o Evangelho:

"Vai, vende quanto possuis, oferece-o aos pobres e terás um tesouro no céu; vem e segue-me

Depois acrescenta subitamente: "É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus".

Estas palavras são repetidas por São Mateus (XIX - 21 e *24):* por São Marcos (X - 21 e 25); por São Lucas (XVIII 22 e 25). Depois de tais confirmações, não pode haver dúvida sobre o seu significado.

Em seguida, o próprio São Lucas confirma com as palavras de Cristo: "Assim, quem dentre vós não renunciar a tudo isso que possui não pode ser meu discípulo (São Lucas XIV - 33).

São Mateus (VI - 19, 21, 24 e 33) confirma: "Não. acumuleis tesouros na Terra (. . . .) . "Onde estiver o vosso tesouro ai estará também o vosso coração". "Ninguém poderá servir a dois senhores; ou

amará a um e odiará o outro, ou se afeiçoará ao primeiro e desprezará o segundo. Não podeis servir a Deus e a Mamom". "Aproximai-vos acima de tudo do reino de Deus e da Sua justiça, todo o resto vos será dado por acréscimo

A linguagem é bem clara, e é difícil invertê-la. Procura-se então, silenciá-la ou fugir-lhe com qualquer escapatória lateral. A função de interpretar, muitas vezes, é a de torcer o pensamento original, fazendo-o dizer aquilo que se quer. Procurou-se, assim, entender a pobreza no sentido de desprendimento dos bens, pelo que ela se reduz à pura atitude mental e à renúncia, a uma posição puramente teórica, que oferece a imensa vantagem prática de conservar a própria riqueza sem nada perder. Desse modo. se alcança a seguinte finalidade: permanece-se dono, continuando a dispor e a gozar de tudo, enquanto, simultaneamente, qualificando-se de desprendido, observa-se santamente o Evangelho. Estes são os produtos da sapiência do mundo. O espírito é colocado a serviço do corpo e vale como meio para vencer na luta pela vida. Temos sempre o habitual emborcamento. Mas para o homem comum isto é normal, justo e moral. E ele está convencido disto, porque é a ética do seu plano, necessária à sua sobrevivência.

Todavia as afirmações assim tão diversas do Evangelho, perante a riqueza, justificam-se na medida em que elas são entendidas não em relação à vida terrena mas em função do desenvolvimento espiritual, isto é, da evolução dirigida para planos superiores de existência. Podemos, então, perguntar-nos: que significado aquelas afirmações evangélicas podem assumir se, ao contrário. forem observadas em relação ao nosso ambiente terreno? Pode parecer que Cristo, ao opor-se à riqueza, tenha sido inimigo da produção dos meios de subsistência, tão necessários à vida, e portanto tenha sido inimigo da própria vida, pelo menos no plano terreno. Como se justificam em nosso mundo as condenações de Cristo quando Ele fala de posse, de riqueza, de tesouro, de apego às coisas materiais, de supérfluo, quando tudo isso representa afirmação neste mundo? Pareceria então que no Evangelho a colocação do problema econômico, tão importante entre os vivos, seja feita em forma negativa, não a favor mas em oposição à vida, contra a qual aquele Evangelho tomaria uma atitude agressiva. É verdade que isso se faz em vista de uma superação para atingir um tipo de vida mais alta. Será que se tem o direito de impulsionar o próprio esforço evolutivo até ao ponto de liquidar a vida de tipo inferior, para a qual o ser se encontra apenas maduro? Em que sentido Cristo podia ter razão no seu tempo, perante aquele mundo, e como a poderá ter perante o mundo de hoje?

Em primeiro lugar Cristo não era contra o uso de bens. mas contra o abuso que deles se costuma fazer. Também nós, quando vemos alguém fazer mau uso de uma coisa, para remediar somos levados a destruí-la e até a eliminar quem de tal modo a usa. É por essa razão que com o comunismo parte da humanidade queria abolir o instituto da propriedade em todo o mundo e, onde pôde, eliminou os ricos.

Acontecia, pois, que nos tempos de Cristo com respeito ao problema econômico eram inconcebíveis as soluções modernas, no sentido da justiça social. Naqueles tempos estes conceitos não existiam e uma justiça neste sentido não se podia, de modo algum, encontrá-la. Eis que não se podia propor aquela justiça a não ser projetada como uma esperança noutros ambientes extraterrenos, porque era impossível no mundo feroz de então, quando necessariamente condicionada a sua própria fuga. Assim, tendo em vista um outro maior tipo de vida, o Evangelho procura evadir-se do problema econômico tal como hoje é entendida e enfrentado. Trata-o apenas sumariamente, em proporção à fase atrasada daquele mundo, em que tudo se encontrava no estado rudimentar. A justiça social do Evangelho fica limitada aos seus elementos de base, ignorando qualquer técnica distributiva, desenvolvendo-se, pois, em condições diversas. O fato de haver colocado o problema no seu aspecto espiritual em vez de o colocar no aspecto material, em função de um ponto de referência situado fora da realidade terrena e de suas leis, o deslocou para posição longínqua, em vez de uma realização próxima, imediata, concreta.

Nos tempos de Cristo o trabalho era em forma de escravidão, mais do que um meio de produção. Naquele tempo o possuir significava uma riqueza em mãos do dono, que com a força tinha conseguido submeter outros à posição de seus servos. Estava-se ainda em plena fase de banditismo, ignorando-se todo e qualquer cálculo de direitos e deveres, tendente à colaboração produtiva no interesse comum. Nestas condições o problema da justiça social somente podia ser enfrentado, sumariamente, condenando os ricos, os escravagistas opressores, e fazendo-os liquidar a sua riqueza, e do lado oposto consolando os servos, como tais sem remédio, prometendo-lhes no além uma compensação à injustiça presente, mal inevitável, porque se sabia muito bem que os ricos não obedeceriam de fato ao Evangelho. Dessa forma se continuou ao longo dos séculos. O pagamento da injustiça presente era lançado para o Além, no qual os ricos, que entretanto gozavam, deveriam ser castigados, e os pobres, que entretanto sofriam, deveriam ser premiados. Para estes paciência e resignação, e por consolação a esperança de uma futura vida melhor quem sabe onde, nos céus. Mas que outra coisa se podia dizer então? Estava-se ainda

muito longe do saber-se organizar em sistemas mais equitativos de liberdade e valorização do trabalho, num regime de operosidade geral no qual quem possui é um trabalhador sobre o que possui, sendo ele, ainda, um meio de produção.

É natural que naquelas condições, nos tempos de Cristo, a riqueza fosse uma coisa maldita, porque fruto de prepotência e instrumento de opressão Até hoje ela pode tomar esta forma, tornando-se maldição, tratada como peste, como Cristo a tratou. Perante aquela estrutura social outro remédio não se podia oferecer. E isso foi aceito também pelos ricos porque para eles era muito mais cômodo mandar a justiça para um outro mundo e entretanto gozar neste a vantagem positiva da injustiça em seu favor. Ora, naquele ambiente eles tinham plenamente razão na medida em que, como opressores, eram os mais fortes e os oprimidos os mais fracos. Era portanto justa, segundo as leis da terra, a sua posição de domínio.

Naqueles tempos entre capital e trabalho não podia haver outras relações senão as de vencedores e vencido, de patrão e servo, de explorador e explorado, isto é, de inimizade e luta. Falta de compreensão e colaboração. Quando a sociedade se encontra nestas condições, a justiça econômica não se pode alcançar senão, como fez o Evangelho, aconselhando os ricos a abandonar as suas riquezas, ou, como fez o comunismo, suprimindo-as. Quando existe o mal, o remédio somente se pode aplicar onde o mal se encontra. Antigamente era inútil ensinar aos operários honestidade e operosidade para atingir uma produção melhor e maior, quando isto se resolvia para seu prejuízo e para vantagem do seu inimigo, ou seja, servia para engordar o seu opressor e com isso reforçar as suas cadeias de escravos. Então o interesse do operário era de trabalhar, mas produzir o menos possível. Também, pela sua natureza ele se encontrava na fase da besta a ser domesticada, que sem o chicote não se movia. Havia, pois, a necessidade de um patrão domador. Não podia existir senão um sistema econômico fechado neste círculo. Patrões e servos estão proporcionados uns aos outros. Fica-se, desse modo, condenado o método do chicote, muito deplorável porque gera ódios e destruições, tendendo a paralisar em vez de produzir. Àquele povo Cristo não podia propor remédios realizáveis na terra, quando tanto a riqueza como o trabalho eram coisas malditas e não existia nenhum conceito de produtividade no interesse coletivo nem de organização econômica para alcançá-la.

O conselho, segundo o conceito moderno, de meter-se todos a trabalhar, ricos e pobres, para produzir, não podia existir no Evangelho, porque naqueles tempos isto era inconcebível. Vigorava naquela época o sistema escravagista que levava à revolta, e não à produção. Num tal regime de antagonismos, a maior parte das energias se utilizavam para lutar, não para produzir. Hoje se procura, pelo contrário, lutar sempre menos para produzir sempre mais, o que é muito mais vantajoso para ambas as partes. Há uma tendência ao colaboracionismo; harmonizando-se no interesse comum, os dois termos opostos e complementares: capital e trabalho. Fazendo deles duas formas equivalentes de atividade produtiva, ambas necessárias. compostas de duas especialidades, uma na parte financeira e de organização, a outra na parte material executiva

As condições da economia dos povos a quem Cristo falava podem ser observadas, ainda hoje, nos países subdesenvolvidos. Neles vemos de um lado o senhor ocioso e inepto que engorda explorando os seus dependentes, do outro trabalhadores preguiçosos, ineptos, ladrões, pagos com salários de fome, revoltados contra o trabalho que para eles é escravidão sem esperança, um esforço inútil Mas eles próprios são o fruto de tal sistema que a isto os educa. O resultado é péssimo trabalho, mínima produção, miséria, impossibilidade de elevar o nível de vida, porque fica dissecada ao nascer a primeira fonte de riqueza que é o trabalho. Não se pode construir sobre o ódio, que em vez de produzir está ansioso por de-sabafar com atos de vandalismo contra qualquer forma de civilização.

Cristo teria razão também hoje em condenar os ricos se andasse em países desse tipo, como em todos os casos em que a riqueza não é honesta. Cristo fala de supérfluo ao tipo nababo de seu tempo. Mas é culpa de todos os tempos e lugares possuir riqueza daquele modo. Assim, o possuir se faz sempre menos culpado quanto mais ele se organiza em trabalho produtivo para todos, como é a tendência moderna. No caso aqui tomado em exame, a renúncia aos bens materiais não significou retirar-se ociosamente como se fora num convento medieval, mas entregar-se à atividade da mente, que no entanto é um tipo de trabalho útil à sociedade. Esta era a capacidade daquele indivíduo, que servia para todos e a cada um, que obtinha dessa forma, maior rendimento, conforme seu poder de assimilação. E oferecendo aquilo que de melhor se possui, que cada um pode enquadrar-se mais utilmente no organismo coletivo. E até os produtos espirituais são necessários à vida. Não se vive apenas de pão. Além da meta do bem estar material, existem metas mais altas e longínquas a alcançar, em direção às quais a evolução impulsiona. Eis que no cálculo utilitário da vida pode entrar, ao lado da sua concessão material, também uma de natureza espiritual; a primeira se esgota na terra, e a segunda abre o caminho para mais vastos horizontes.

Para o tipo comum os problemas fundamentais são comer e reproduzir-se. Ele usa as suas faculdades mentais sobretudo para estes dois objetivos. Como animal, resolvidos estes dois problemas, ele não enxerga outros e se detém satisfeito. Estes preenchem todo o seu horizonte, além do qual ele não procura mais nada. O indivíduo mais evoluído vê mais longe, surgindo para ele outros problemas de que o mundo não se dá conta. Ele sente a necessidade de dar um objetivo à sua vida e de viver em função de realizações maiores que a superem. As atividades se deslocam para um nível evolutivo mais avançado. Alcança-se outra visão da vida e um conceito diferente de justiça e moral. Então, o Evangelho não é mais um peso, um obstáculo de virtudes para delas nos libertarmos, mas uma necessidade que devemos realizar através de nossa própria conduta. Eis a posição de nosso personagem. A sua fome não era engordar, enriquecer e se reproduzir, mas evoluir; uma febre que se apossa do indivíduo quando este atinge, no cimo, o seu plano de evolução e é chegado o momento em que ele deve efetuar o salto, a fim de passar a um nível superior. A isto se pode chamar crise de maturação. É natural no desenvolvimento do ser e faz parte das leis da vida. Mas quem se encontra em outras posições biológicas, mergulhado no seu próprio ambiente, não pode possuir nem compreender uma febre assim, que, entretanto, o alcançará quando checar a sua hora.

Procuremos aqui explicar, à forma mental do nível humano comum, o que o homem concebe e pretende realizar quando, ao evoluir, atinge, mentalmente, um plano mais elevado. A loucura de nosso personagem, como a do Evangelho, consiste precisamente nesta diferença de nível evolutivo. Para quem é mais evoluído, o ideal, que constitui uma antecipação de posições biológicas mais avançadas, torna-se realidade próxima, exatamente porque ele subiu, e esta se faz tanto menos abstrata e teórica quanto mais perto estiver, fazendo, portanto, cada vez mais pressão para se tornar realidade vivida. Mas, para quem é menos evoluído, o ideal aparece como realidade distante, tanto mais abstrata e teórica quanto mais, em virtude da involução do indivíduo, ela é longínqua e, portanto, menos pressão faz para realizar-se.

É natural que o indivíduo, mergulhado na luta pela vida, não queira ter ideais que lhe impeçam o caminho. Para ele, são obstáculos que lhe dificultam a sobrevivência. Procura, então, libertar-se deles por qualquer meio. O método mais seguido, portanto mais fácil não é o de enfrentá-los, porque são, oficialmente, venerados e considerados mais evoluídos, mas iludi-los com a hipocrisia. Assim se pode, sem na realidade os seguir, salvar os próprios interesses, fazendo ao mesmo tempo ótima figura de santos idealistas e de sensatas pessoas de bem, merecedoras de toda a estima e respeito. Mostrar-lhes que o Evangelho é outra coisa é ofendê-los, porque descobre o jogo e tolhe a arma de astúcia com que se defendem. O nosso personagem não podia usar esse sistema; as forças da vida o lançavam em outro sentido, para fazer-lhe dar um salto que o levaria para uma fase mais acima.

Continuemos a observar o assunto que estamos examinando. Se o nosso personagem era louco perante o mundo, no entanto, na sua loucura, ele tinha Cristo do seu lado, Isto provava qual era a sua verdadeira posição. No plano do ideal ele se encontrava no seu próprio elemento. O Evangelho para ele era uma afirmação, uma conquista, um acréscimo de vida, uma expansão, e não, como significava para o mundo, uma repressão ou uma mutilação. Era por isso que ele vivia o Evangelho: não por um esforço de virtude, mas para sua satisfação. No fundo, ele se realizava conforme a sua natureza. Queria ser cristão segundo Cristo e não de acordo com o mundo. Uma paixão mística o dominava, numa ânsia de ascensão para viver o seu ideal sempre mais intensamente. Tudo fazia sob o olhar de Cristo, sentia o pensamento e o calor que emanava daquela presença. Algo de indelével emergia do seu passado, impressões potentes que os milênios não tiveram a força de fazer esquecer. Por momentos aflorava da profundidade do seu espírito, como uma visão, a recordação de uma figura querida e sublime que encarnava o seu ideal e constituía o seu modelo. Contemplava-o, reconhecia-o. não podia esquecê-lo. Ele era o centro da sua vida, como um destino que não se pode deixar de seguir.

Sob a irradiação de conceitos e sentimentos de que aquela figura o inundava, ele vivia para cumprir a sua obra e missão. Trabalhava mergulhado nesta atmosfera. A realização dos seus sonhos estava situada muito longe da Terra. Aqui era apenas um exilado de passagem, dirigindo-se para outros lugares. Não vivia apenas uma breve existência no mundo, porém uma vida imensa na eternidade. Ele tinha nascido e existia para produzir uma obra de pensamento que não era apenas uma construção espiritual para o bem dos outros. Ela era uma contribuição importante para o desenvolvimento de sua personalidade, na medida em que elevava para um plano mais alto o seu edifício espiritual. Aquela obra representava a ascensão a um novo grau de evolução que o aproximava sempre mais do seu modelo. Havia entrado no seu campo gravitacional, e a sua órbita já não podia girar senão ao redor dele, restringindo sempre mais as suas espirais. Encontrava-se na fase determinística dos efeitos, fatal

conseqüência das premissas colocadas no passado; não podia, portanto, fugir ao natural amadurecimento do fenômeno. Por isso, era prisioneiro do seu próprio destino.

Sem dúvida, era condição indispensável para que pudesse cumprir o seu trabalho: ter as mãos limpas, ser livre das coisas do mundo e, em primeiro lugar, das riquezas. Os bens em si mesmos não são maus, porém o mau uso deles é o pecado clássico do homem. A sua posse, desde a sua primeira origem, está manchada por egoísmo, avidez, prepotência e injustiça. Estas características impregnaram a riqueza e ela as transporta consigo, infectando quem a possui; ademais, são continuamente usadas para conquistá-la e freqüentemente necessárias para conservá-la. Assim, riqueza e honestidade nem sempre se encontram unidas. À volta da riqueza se soltam as maiores cobiças humanas. Por isso, em relação a este assunto tão fundamental, o nosso personagem eliminou-o de sua vida, seguindo o Evangelho.

Existia também o fato de que ele não podia desperdiçar as suas qualidades mentais, usando-as para fins materiais, porque deviam servir para outro tino de trabalho. Como o homem comum procura libertar-se do ideal, porque o incomoda na luta terrena, assim o nosso personagem se libertava das coisas mundanas que o incomodavam na luta pelo espírito. Não há margem para lutar ao mesmo tempo em dois níveis diversos, fazendo a guerra em duas frentes. Cada um se livra daquilo que está fora do seu plano de trabalho e restringe a luta a uma só frente. Desse modo, o nosso personagem limitou-se ao nível espiritual, por ele escolhido, abandonando o restante.

Tudo isso para ele não era somente questão de moral, mas problema de higiene espiritual com finalidade protetora. Dissemos há pouco que a riqueza, pelas qualidades de que está impregnada, pode infectar quem a retém. Se ela não foi adquirida com justiça, mais cedo ou mais tarde termina escapando das mãos de quem a possui, corrigindo, assim, o mal para adquiri-la. Pode suceder ainda: se uma riqueza está impregnada de forças maléficas, acaba envenenando quem a possui e quem está em contato com ela. Todas as coisas são vivas e trazem consigo, restituindo a quem delas se aproxima, a carga recebida no passado. Possuir significa identificar-se, como um parentesco de sangue, com aquilo que se tem, assimilando-lhe as qualidades e forças de que foi carregado e que depois imantam quem o possuir. O nosso personagem não podia entrar nesse vórtice de ondas barônticas[1].

Por isso, ele resolve à sua maneira o grande e atual problema do mundo: a justiça econômica. Praticou-a em sentido evangélico, em forma de dever, em vez de direito, isto é, do rico que dá e não do pobre que assalta para tomar; em forma de amor evangélico e não de luta de classes. Se a aristocracia da Idade Média tivesse feito isso, não teria ocorrido a Revolução Francesa. Se a burguesia capitalista que a substituiu tivesse feito o mesmo, não teria nascido o atual Comunismo. Aquelas riquezas estavam envenenadas na sua origem e corromperam quem as possuía. A riqueza não poderá ser pacífica e segura enquanto não for sã, fruto de trabalho honesto. As leis de Deus e a sua justiça dominam tudo, inclusive o campo econômico. Somos livres, mas devemos sofrer as conseqüências de nossos atos. Julgamos que podemos escapar-lhes. mas depois a Lei de Deus nos restitui toda a carga de nossos malefícios.

O nosso personagem colocou-se fora desse terreno, não estimulando tais reações. Se ele tivesse aceito o compromisso e pactuado com ele, teria de pagar mais tarde. Conhecia as leis da vida e as vias da sabedoria, traçadas pelo modelo. Para libertar-se das conseqüências, não havia senão a ausência de culpa para com as causas. Sabia que tudo é dirigido por uma ordem na qual Deus se coloca em primeiro lugar. Foi o primeiro a dar o exemplo de que a liberdade não é capricho ou arbítrio, mas liberdade na ordem, e quando feita de desordem leva ao caos e pertence ao AS, nunca ao S. Assim, Deus não sai da Sua Lei, criada por Ele mesmo que é a Sua própria expressão. Fugir-Lhe seria contradizer-se, ir contra si mesmo. Sabemos que Deus deve ser algo justo, bom, lógico, perfeito, e que não pode ser o contrário. A desordem, no entanto. existe em nosso universo, mas a vemos circunscrita, isolada no seio da ordem, que a domina, fechando-a dentro de confins bem definidos. Num mar de ordem, existem ilhas de desordem. O próprio AS não é senão uma zona doente no corpo do S, isto é, da ordem de Deus, responsável por tudo.

Assim, o nosso personagem procurou não entrar na faixa da desordem e ficou na da ordem. Não obstante devesse viver materialmente transplantado na Terra, procurou no grande organismo permanecer aderente à ordem de Deus, porque sabia que só Nele é possível encontrar a salvação. A Obra era feita desta ordem. Ela mostrava o funcionamento orgânico fisico-dinâmico-espiritual do universo, dirigido por Deus. Depois de ter, primeiramente, compreendido tudo isso e explicado aos outros, enxertara-se de fato nesta ordem para viver dentro dela, em harmonia com o todo, como acontece no S, e não em posição separatista de rebelde, como sucede no AS. Assim, ele se propôs a viver orientado em direção ao S e não

[1] **Vibrações inferiores. (N. da E.)**

ao AS, como elemento de ordem que faz parte dele, e não como um componente de desordem fora do S isto é, dispôs-se a viver em união com Deus e em sintonia com a Sua Lei.

Para poder caminhar em direção ao grande centro, ele se apoiava em Cristo como guia e ajuda, em Cristo que também é Deus. Em que sentido Cristo é Deus, vimos no Capítulo XIV: "A Essência de Cristo", do volume: *Deus e Universo.* Ele é uma criatura do S, não rebelde e não caída, que ficou na ordem e pureza da criação originária. Portanto, é uma criatura não inquinada de culpa, tendo permanecido íntegra na sua natureza divina, como foi criada. Assim, Cristo é verdadeiramente um filho de Deus, mas não decaído como nós. Somos também filhos de Deus, mas derrocados no AS. Cristo é um dos elementos da multidão que constitui a terceira pessoa da trindade. A primeira é Deus no estado de pensamento, isto e, o Espírito. A segunda é Deus no estado de vontade em ação, isto é, o Pai. A terceira é Deus no estado de obra realizada, isto é, a criação. Ela foi primeiramente pensada, depois desejada e, finalmente, realizada. Tal obra é o Sistema perfeito da primeira criação, um organismo de criaturas, ainda não despedaçado pela queda no AS, que constitui o nosso universo de matéria, em antítese ao S, universo do espírito. O S é o estado orgânico em que Deus se transformou com a primeira criação, totalmente espiritual. Nela não existia ainda o nosso universo físico, resultado da queda. Cristo é um dos muitos elementos do estado orgânico originário, na sua forma ainda íntegra, como foi criada por Deus.

O fato de apoiar-se em Cristo tinha para o nosso personagem uma importância fundamental. Com isso ele vinha gravitando em direção ao S, desvinculando-se do campo gravitacional do AS; orientando-se em direção ao primeiro, afastando-se do segundo. Assim biologicamente bem orientado, ele dirigia-se para o pólo positivo do ser, que o colocava numa posição de vantagem, porque, dessa maneira, estava seguindo a Lei de Deus, preso na grande corrente da evolução que tudo conduz para Ele. Isto o levava para o alto, em direção ao bem e à alegria. Apesar de constrangido a viver no mundo, ele se destacava deste cada vez mais, tornando-se independente, cidadão da ordem e não da desordem.

Não se tratava de abstrações. Aquela ordem existia dentro dele e como tal funcionava. Em vez de ser ignorância, egoísmo e guerra, era conhecimento, amor e paz. Mesmo que o mundo exterior permanecesse como tal, o nosso personagem mudava completamente o seu mundo interior, porque várias forças o atraiam, outras leis funcionavam em sua nova posição evolutiva, reações eram provocadas pelos diferentes tipos de movimentos. Ainda que lá fora reinasse a desordem do AS, neste deserto ele tinha construído para si um oásis de paz interior, uma ilha emergindo do mar desse caos, na qual tudo era harmonia com Deus. Assim, podia viver a sua verdadeira vida ao lado de Cristo, diversa daquela aparente que vivia o mundo. Podia viver à sua vontade no seu mundo interior, no qual não era mais um exilado como o era na Terra. A segunda metade de sua vida, empregada para escrever a Obra, ele a tinha vivido neste outro mundo do espírito; tinha estabelecido o contato e fixado um liame definitivo com a fonte da sua inspiração, que representava mais uma experiência, como a outra, que os milênios não tiveram a força necessária para fazer esquecê-la.

Se este era o resultado para o indivíduo, a Obra representava o mesmo para a sociedade. Era uma semente que ficava no mundo, para o mundo, depois que ele partisse. Mas, no período da sua formação, a Obra constituía, com a vida do autor, a mesma coisa. Tinha vivido para realizá-la. Era, por sua vez o fruto que valorizava a sua vida. Foi um todo único e compacto: ter sentido a Obra como pensamento e, ao mesmo tempo, tê-la vivido como norma de conduta. Agora que estamos chegando ao seu fim. É possível ver que também nela existe um princípio de unidade, dado pela fusão de dois elementos de um dualismo. De fato, por causa de vicissitudes terrenas, a Obra (S), ao entrar no mundo (AS), partiu-se em duas, escrita em dois hemisférios, nos antípodas, como S e AS, para depois se recompor em uma unidade, duas obras em uma, como o dualismo S e AS é destinado a ser reabsorvido no S. Eis que a Obra reproduz o motivo central do fenômeno cósmico que descreve e que nela, deste modo, se reflete.

Nos seus volumes conclusivos, a segunda Obra representa uma descida ao mundo, em zona do AS. Assim, depois de ter exposto as verdades do S, ela nos mostra o que é a Terra perante o Céu, o mundo perante Cristo, enquanto nos faz sentir o choque entre os dois pólos do dualismo. Dividindo-se em duas partes, a Obra percorreu tudo, de um extremo a outro, permanecendo, contudo, una, completando-se com a oposição de dois termos contrários e complementares.

Olhando agora para o caminho percorrido, podemos compreender o significado do trabalho realizado. Mesmo aqui vemos um dualismo que se resolve em unidade. Temos duas coisas que se fundiram numa só: a construção de uma Obra e o cumprimento de um destino; um trabalho que justificou e preencheu uma existência. e uma vida que serviu para realizar esse trabalho. Dois termos que colaboram: um homem que construiu uma Obra e uma Obra que edificou um homem. Tudo no fim se

recompõe em unidade. O mesmo homem que vive para pensar uma Obra, pensa-a para vivê-la e assim realizar-se.

Paralelamente, uma vida constituída de duas partes: a primeira metade ligada às coisas do mundo, a segunda dedicada à realização da obra espiritual. Esta foi iniciada na metade dessa vida, exatamente no fim do primeiro período e início do segundo. Duas partes opostas, que, não obstante, se completam reciprocamente, formando uma só existência. Esta por sua vez complementa-se nos seus dois aspectos, de vida material, exterior, e de vida espiritual,. interior, formando somente uma.

Eis o que nos diz a história que estamos narrando. Nos fatos vividos vemos repetidos e confirmados os princípios gerais. expostos na Obra. Assim, temos princípios e fatos, teoria e prática, abstração e realização, duas posições que parecem opostas e que, entretanto, são a mesma verdade. Vemos sempre repetir-se o tema da unidade que se despedaça no dualismo e deste que se reconstitui na unidade. Ecoa, assim, o princípio fundamental em todas as alturas. Podemos, desse modo, ver de que forma o motivo central do fenômeno resulta projetado na Obra. Num primeiro momento ele nos aparece no ápice do ser. É o dualismo monista: S e AS. Num segundo instante, ele se reflete na Obra, que o fotografa e o mostra até ao ponto em que ela mesma se despedaça em duas para depois reconstituir-se em unidade. No fim, a existência de um homem se divide em dois períodos que fazem uma só vida, na qual se realiza um destino de redenção que completa o caminho percorrido no passado, agora amadurecido até à catarse biológica dirigida para um plano mais alto de vivência.

Eis que imenso conteúdo se pode dar a uma existência vivida com consciência e conhecimento, em harmonia com o grande plano do existir, em contato com as verdades supremas, conforme a Lei de Deus. Eis em que pode tornar-se uma vida, quando a abrimos para tão vastos horizontes e a vivemos nas superiores dimensões do espírito, projetada para o centro do S, Deus, unidade suprema na qual se resolvem todas as cisões do dualismo. Reunificar o que foi despedaçado sanar o cisma da revolta, para passar do infernal caos do AS à ordem feliz do S, este é o objetivo da evolução, a último meta da existência. Dirigir-se com Cristo para Deus, para subir até Ele, e não descer com o mundo para o anti-Deus; viver unificado conforme o estilo do S, do lado de Deus, e não Dele separado segundo a maneira do AS, do lado oposto; eis o fato que pode transformar uma vida de miséria em uma existência de riqueza. A solução do problema da Salvação está na volta do estado de separação (AS) à união com Deus S. Com esse retorno, se resolve, por si próprio, o drama cósmico da queda, porque, dirigindo-se para o ponto de chegada, o ser, com o fechar-se do ciclo involutivo-evolutivo e a reunificação a Deus, volta ao ponto de partida, onde encontra a sua originária perfeição e felicidade.

I V

INCOMPREENSÃO E CONDENAÇÃO

Vejamos, agora, a posição em que o nosso personagem se encontrou perante o mundo. Este o estigmatizou com três palavras: é um imbecil.

Desse modo, ele foi subitamente utilizado pela sua mais alta virtude, de acordo com o mundo: possuir riquezas. E foi assim colocado no lugar em que a nossa sociedade o esperava: o de derrotado. Parece que na Terra os bons não podem ser utilizados senão para serem explorados, aproveitando-se da sua bondade Ele era um imbecil que, socialmente, apenas podia ser útil para ser vencido.

Mas como se pode afirmar que o atual biótipo humano deve constituir a única unidade de medida dos valores da vida? Na verdade, ela se pode preencher com coisas maravilhosas, não as do homem que só se interessa por sexo, pela riqueza, pelo orgulho, pelo poder etc. Estas são satisfações elementares, para primitivos. Existem outras paixões, outros prazeres, lutas e conquistas. Quem assegura que à vida não se possa dar outro conteúdo senão das coisas terrenas? Quem afirma que ela se exaure toda no plano físico e que não se pode concebê-la de forma muito mais vasta em relação a outros pontos de referência? É lógico que a evolução abra as portas para mundos e formas de vida que o atual homem comum nem sequer concebe. Então, pode-se viver em função de realidades situadas além do período

terreno, de finalidades mais altas e longínquas, diversas da vantagem concreta e imediata Quem permanece naquele primeiro tipo de vida, primitiva, pode ser apenas um míope, vendo somente uma pequena vivência que se realiza no presente, um ignorante que desconhece como funciona o grande mecanismo da existência, não se dando conta dos imensos poderes e desenvolvimentos contidos no processo evolutivo. Àquele homem conhecia-os e até os tinha explicado a quem os ignorava, não nos vagos termos da fé, mas com a lógica positiva do raciocínio, das provas, da experimentação e da ciência. Ele tinha, portanto, agido racionalmente, segundo uma visão profunda dos princípios da vida e, através deles, no caso particular do seu destino. Ele sabia por que tinha nascido e qual era o trabalho a realizar nesta sua atual existência. E o executava. Tudo isso ele fazia com conhecimento e consciência das razões pelas quais se vive e para realizar um plano de construção da personalidade em sentido evolutivo. Este era o homem que o mundo julgava um imbecil.

Mas era natural que o condenasse, porque, para se corrigir numa forma de vida de tipo S, tinha destroçado o modelo de vida na Terra, de tipo AS. Tendo-se colocado contra as leis do plano evolutivo humano, para seguir outras mais elevadas, era óbvio que aqui fosse condenado. Para o mundo a sabedoria está em saber enriquecer, não importando os meios, sendo o empobrecimento considerado ignorância e derrota. Os valores são imediatos e concretos e não u'a meta a alcançar com a evolução. A finalidade é gozar logo, mesmo que se fique devendo, ou ainda que retrocedendo, inconscientes das conseqüências longínquas. Não se pensa em criar formas mais progressivas de vida, adquirindo-as com a ascensão espiritual. O ser, quanto mais é involuído, tanto mais tem vista curta e vive o dia-a-dia com reações imediatas; e, quanto mais é evoluído, tanto mais vê ao longe e é previdente organizador do seu futuro. O selvagem vive só do momento presente, o homem civilizado prevê por anos e o evoluído antevê a sua evolução em outras vidas. Como se percebe, o problema da vida nos dois casos é colocado de forma oposta. Além disso, é lógico que seja assim, dado que existimos no dualismo, cisão em duas posições antagônicas. Este condicionamento faz parte da própria estrutura de nosso universo constituído do S e AS, de positivo e negativo, de um contraste entre contrários. E a esta estrutura cósmica que pertence a contraposição Cristo e mundo e, no caso presente, a oposição entre o nosso personagem e o ambiente humano. Eis a amplitude das bases da sua conduta e da sua moral.

E certo que neste mundo são mínimas as proporções onde são reproduzidos tão vastos princípios, e, no entanto, estão aí. O mundo, contudo, gravita em direção ao pólo oposto. E assim que tipos como o nosso personagem ficam isolados, fora da normalidade, que pela força do número, na Terra, decreta a verdade. Aqueles tipos vivem como marginalizados num meio que lhes é hostil. O nosso mundo está organizado para satisfazer os gostos de determinado tipo médio, que se intitula de normal. Tudo se destina à sua medida. Os outros devem adaptar-se. E, se são muito evoluídos, não têm outra alternativa senão animalizar-se. Só assim serão considerados normais e poderão reentrar na série e moverem-se de acordo com os demais.

Pouco a pouco o problema inicial desta história se dilata. O voto de pobreza não é um fato isolado; está conexo com outras questões e se nos apresenta como uma emersão da profundidade de um mundo subterrâneo: a personalidade humana, sua estrutura, seu destino.

Para o indivíduo espiritualmente mais avançado, há o tormento de ter de se adaptar, isto é, usar u'a medida que não é a sua. A sociedade não admite no seu seio tais seres, construídos fora de série, porque eles não caminham na sua corrente. O tipo de inteligência que o mundo exige é diverso do que ele possui. Pertence a um nível mais baixo, destinado a realizar-se na Terra, no momento presente, e não para dirigir um padrão de vida mais evoluído a alcançar quando se esteja maduro. Trata-se da inteligência-astúcia, adaptada a fabricar enganos para neles enredar o próximo e vencê-lo, vantagem própria na luta pela vida. A outra é uma inteligência feita para descobrir aqueles enganos, e não ficar preso em suas armadilhas, evitando o próprio dano, vítima dos poderosos deste mundo. Em resumo: inteligência de guerra, egoísmo, rivalidade, atrito, mentira, em vez de ser individualmente construtiva e coletivamente organizada, sincera, colaboracionista, iluminada, ordenada e consciente. Com o seu tipo diferente de inteligência, o evoluído busca conhecimento e evolução, e não faz o jogo de conquistas e posições sociais, usando o próximo para fazer carreira e ganhar dinheiro. A esta bravura inferior a inteligência do evoluído não mais se adapta. Repugna-lhe desfrutar as suas capacidades espirituais, usando-as egoisticamente. À muitos isso poderá parecer a atitude de um orgulhoso aristocrata que tem repugnância do mundo. E ainda mais quando ele é rico e poderoso, porque sabe como isso se alcança na Terra. Entretanto, mesmo o tipo comum, quando enriquece, tende a fazer-se aristocrata e a repelir a plebe. Isso é fatal, porque qualquer ascensão provoca distância e estabelece divisão entre o alto e o baixo. Não se pode, por isso, impedir que

a separação surja automaticamente, mesmo no caso da espiritualização, que representa um deslocamento muito maior do que o enriquecimento e o seu aristocratizar-se.

Observemos ainda outros aspectos de inconciliabilidade entre as duas situações. Quando o homem espiritual abandona as riquezas terrenas, ele se empobrece verdadeiramente, ou isso acontece somente para o mundo que não conhece outras? Se alterarmos o ponto de vista, pode suceder que a sua pobreza seja relativa à forma mental do mundo que o julga, mas não como uma conquista de outras riquezas ainda não compreendidas na Terra. Os valores econômicos e os espirituais constituem dois diversos tipos de bens, situados em dois níveis evolutivos diferentes, ambos úteis à vida, mas cada um tanto mais precioso quanto mais alta é a sua posição. Quando se abandona uma coisa de menor valor, para conquistar outra de maior interesse, não se pode negar que se trata de um bom negócio. E não se tratava, neste caso, de maior valor abstrato, mas prático, em termos de conhecimento, satisfação moral, resistência na luta, formação de personalidade. Tínhamos uma economia diversa, sem furtos, enganos, desilusões, traições e semelhantes desastres das riquezas terrenas. A essas conclusões, de fato, o nosso personagem chegou ao término da sua vida, depois de ter conduzido até ao fim a sua experiência evangélica

No caso tomado em exame, as avaliações eram opostas: o que nele era positivo, para o mundo era negativo, e ao contrário. Assim, na pobreza, o mundo via somente uma perda material, a coisa mais importante, enquanto ele via um grande lucro espiritual. Julgamento inverso. A diferença entre os dois casos está no fato de que para o nosso personagem a renúncia não é sentida como perda, mas como um meio de conquista espiritual. Não se trata de um fato negativo antivital, porém positivo, em favor de uma vida maior. O mundo busca valores transitórios, só aderentes à parte exterior da pessoa, da qual se podem facilmente destacar; em nosso caso procuravam-se atributos interiores, definitivamente unidos à pessoa como qualidades suas, que ela não pode mais perder, virtudes que não podem ser vendidas, nem roubadas. Tudo depende da própria potência visível e da amplitude dos horizontes que com ela se pode abraçar. De resto, o fundamental impulso da vida é essencialmente subir. E, neste caso, se ascende a dimensões mais amplas e com resultados mais estáveis, isto é, realizando não uma correlativa elevação econômica, mas um verdadeiro crescimento biológico, não acrescentando a si alguma coisa de fora, mas tornando-se absolutamente diferente, o que coloca o indivíduo em posição evolutiva diversa, conduzindo, portanto, a um definitivo melhoramento de tipo de vida.

Explicamos noutro lugar a função evolutiva do fenômeno da descida dos ideais na Terra. O nosso personagem a tinha compreendido e por isso seguia um ideal, para realizar o seu progresso espiritual, vivendo-o por sua conta em um ambiente social, evolutivamente inferior, levando um tipo de vida superior para se preparar a entrar individualmente em um mais alto plano biológico. Não podendo constranger o mundo a evoluir, não lhe restava senão abandoná-lo á sua sorte. Sendo este bem armado de resistência para permanecer no seu nível atrasado, ao nosso personagem só restava limitar-se a evoluir isoladamente. Ele tinha o seu modo de fazer carreira, não pelas pequenas estradas do mundo, mas pelas grandes vias-mestras da ascensão do universo em direção a Deus.

Também ele era um conquistador de riquezas, mas segundo um tipo de economia diversa à do mundo. Antes de tudo, sabia produzir e fabricava para si, depois oferecia gratuitamente aos outros o fruto do seu trabalho. Por isso, era contra os métodos do mundo que, ao contrário, utiliza a troca egoisticamente calculada. Então, é interessante observar o que acontece quando as coisas espirituais são oferecidas e têm de passar do seu tipo de economia àquele da Terra. É natural que as trate com a sua forma mental do "do ut des"[2], isto é, de troca, conforme a lei da oferta e da procura, e que se ponha em primeiro lugar e utilizá-las não como um meio para evoluir, mas em função dos seus interesses materiais Assim as coisas espirituais são colocadas no balcão como mercadoria comercial dos vendilhões do templo.

O caso em exame nos faz ver o choque que nasce quando um produto espiritual, filho das leis do seu plano, é transportado para o terreno de nosso mundo material, onde vigora outro tipo de lei. Aqui o produtor de bens espirituais encontra-se em condições econômicas de imensa desvantagem. De tais bens poucos são os consumidores e, portanto, os adquirentes Então, a oferta torna-se inútil e morre sem resultado, quando não lhe corresponde uma procura proporcionada. O produto pode ser sublime, mas não é comerciável. Fazem-no, pois, desaparecer do mercado, e o problema fica resolvido.

As massas querem outros artigos; é a procura que regula a oferta e, portanto, a produção. Deixa-se de produzir aquilo que não se vende. Há, no entanto, um meio para dar saída aos bens do espírito: consiste em rebaixá-los ao nível que satisfaça o gosto das massas. Quando se trata de coisas de primeira necessidade, sendo a procura assegurada pela carência do consumidor, o produto pode impor-se a ele.

[2] **"Dou para que dês". (N. da E.)**

Mas, no caso contrário, é o que o consumidor que se impõe ao produtor, exigindo que sejam satisfeitos os seus desejos. Isto significa que em matéria espiritual os caminhos são dois: ou quem oferece tais bens os rebaixa ao nível terreno, prostituindo-os ao adaptá-los à satisfação dos seus gostos, da sua ignorância, superstições e interesses, ou o mundo o deixa só com os seus interesses e lhe volta as costas, para contentar-se com outros que lhe agradam mais. Passam pela Terra profetas, santos e gênios, mas ela toma deles só o que lhe serve, adaptando-o às suas preferências e necessidades, e não vê, ou abandona o restante. Quem na Terra se encontra em sua casa, em seu ambiente e, pela força do número, estabelece as suas verdades, não são os seres de exceção, super-homens descidos de outros planos exilados e solitários neste mundo, mas é este que os julga com a sua forma mental e se limita a utilizá-los para os próprios fins evolutivos.

Ora, a função de adaptar as altas coisas do espírito, rebaixando-as ao nível do involuído, vem sendo realizada pelas religiões. Este é o trabalho dos ministros de Deus, o qual é realizado aceitando uma interpretação materialista do que é espiritual, encenando espetáculos com as representações do rito, adaptando-se às massas onde estas não cedem. Poder-se-ia observar em que medida Cristo transformou o mundo, ou até que ponto o mundo transformou Cristo. É preciso, no entanto, reconhecer que não havia outro meio para chegar a essa simbiose, necessária para os fins da evolução Reduzido a essas condições, o produto espiritual é aceito no plano humano, evolutivamente degradado, mas utilizável para os fins da vida.

Não se pode pretender que o homem mude de natureza, quando, como ministro, ou como fiel, se ocupa de coisas religiosas A substância de relação entre os dois é uma troca, na qual cada um dá e recebe alguma coisa. No fundo, também aqui vigora a psicologia humana do "do ut des". O bem, objeto do contrato, é a outra vida. O clero se apropriou dela e a usa em regime de monopólio. Trata-se de uma mercadoria-esperança, baseada na fé, de modo que os descrentes a deixam sobre a mesa. Mas, para quem nela crê e, portanto, a deseja, nasce a luta entre a procura e a oferta, como sucede com qualquer troca Diz o fiel ao ministro: "eu te presto obediência, se tu me deres o paraíso". Diz o ministro ao fiel: "se tu não me prestares obediência, eu te mandarei para o inferno". Deve-se pagar com a obediência o paraíso que se adquire Mas aqui há qualquer coisa mais. Nas outras trocas o adquirente não é castigado, se não as efetua. Neste caso, se ele não as realiza, é sujeito a uma pena, de maneira que não está livre para recusar. Temos, assim, um mercado forçado em economia de monopólio. A realidade é que o ministro quer a obediência a qualquer custo e, por isso, utiliza os meios de que dispõe. No entanto, o jogo é totalmente psicológico e é descoberto, na falta de crentes ou ausência de fé. Tudo isso é inevitável num mundo em que a troca não é um balanço de justiça, mas é dirigida por uma forma mental egoísta, pela qual cada um luta para extrair do próximo a maior vantagem possível.

Esse é o mundo ao qual o homem espiritual oferece os seus produtos. Tais bens superiores ele os oferta gratuitamente, nada pedindo em troca. Estamos bem longe da psicologia econômica da Terra, que o mundo compreende e sabe praticar. Ele quer bens adaptados ao seu gosto, não importando se para isso são adulterados. Se não são manipulados, mesmo que sejam preciosíssimos, não lhe agradam e não os aceita. Não os compreende e volta as costas a quem lhos oferece. A moral é que a produção de bens espirituais genuínos é restrita ao uso individual. O mercado público é invadido por artigos adulterados, apresentados com infinitos objetivos por falsos profetas, em nome das coisas mais elevadas. Sendo assim, ao homem verdadeiramente espiritual não resta outra coisa senão isolar-se e viver a sua vida interior por si próprio, perante Deus.

É certo que devem parecer estranhos esses raciocínios para quem está satisfeito em nosso mundo e a ele proporcionado. Poderão até soar a escândalo, sobretudo para as almas piedosas, peritas na arte milenária de conciliar, com boas maneiras, as coisas terrenas, com as do céu de modo que possam ir para o paraíso sem se incomodarem demasiadamente. Poder-se-ia continuar ainda por séculos o belo jogo, mas a verdade é que a História está preparando golpes tremendos para quem usa tal método não mais vigorante, constituindo, assim, dever de honestidade falar claro, sem os tradicionais floreados, que, em certas horas difíceis, podem significar um engano perigoso.

Neste mundo parecerá estranha esta nossa febre de evolução, esta mania de superação, esquisita a muitos outros e para quem se encontra tão bem acomodado no seu atual modo de viver. Para quem não se inflama na alta-tensão da criação espiritual certas renúncias e revoltas contra o mundo parecem loucura, pois o enriquecer é a causa da maior ambição e do maior trabalho. Na Terra certos valores considerados máximos são minimizados, enquanto agigantados outros, bem menores. No fundo, o problema de nosso planeta é digno de piedade, porque a fadiga que ele suporta é improba e traiçoeira. Mas, se o tipo corrente é de tal natureza, como pode a vida destiná-lo a trabalhos mais altos? É certo que

seria mais belo usar a inteligência noutro nível, em lugar da guerrilha quotidiana; mas nenhum trabalho se pode fazer sem amadurecimento adequado. Se não fosse o constrangimento das necessidades materiais. a maioria não trabalhava. Tudo, portanto, está proporcionado. A avidez é útil, como o é a miragem que a excita e a ilusão em que se resolve. O tipo de trabalho-engano, ao qual o homem vive submetido, é adaptado à sua capacidade e necessidade evolutiva. E é natural também que tudo mude para os indivíduos que se deslocam em direção a outros níveis de existência.

Explicamos, assim, o voto franciscano. Mas o mundo está convencido de que tal pobreza é loucura, mesmo se, com palavras, a exalta. Faz-se boa figura, o que não custa nada. O homem normal sabe muito bem que isso são belas coisas a serem ditas. mas não para fazer. No entanto, elas podem ser utilizadas para outros objetivos. Se elas ainda são professadas, significa que servem para alguma coisa, sem o que teriam desaparecido. Ora, encontra-se sempre alguém de boa-fé. Estes, tomando para si a renúncia, aos outros oferecem generosamente o que é seu. E o idealista cai nisso. Também este é um modo de utilizar o ideal na Terra: recomendá-lo, elogiosamente a quem possui, mas colocar-se da parte de quem recebe . Considerando o comportamento humano, por que razão se poderiam fazer na Terra tantas glorificações, que em si mesmas não interessam a ninguém? Conforme as leis biológicas do nível evolutivo do homem, tudo deve ser útil à vida na Terra. Por isso. em tal ambiente, até os ideais podem ser importantes. Isto sucede em todos os campos. Apenas se forma um grupo, este glorifica o seu fundador sobre as virtudes baseadas em sua grandeza; exalta os seus mártires, porque com o seu sacrifício testemunharam a verdade sobre a qual esse grupo fundamenta a sua posição. E, se não há mártires, criamnos, utilizando qualquer desgraçado que se tenha feito matar pelo ideal do grupo que o sustém. Isto é mais evidente em política, que está sujeita a rápidas mudanças. O partido dominante se apressa a fabricar os seus mártires, que duram enquanto aquela agremiação continua existindo. Depois eles desaparecem e surgem os do novo partido, e assim sucessivamente.

Vamos refletir um pouco mais sobre as razões pelas quais o mundo julgava o nosso personagem um idiota. O que tornava fatigante a sua posição era o fato de ter de enfrentar simultaneamente duas lutas: uma, em alto nível, no plano espiritual, apropriada para evoluir; e a outra, a luta da Terra, no baixo nível material para sobreviver, que não o poupava, porque estava engajado em outro tipo de trabalho. O que agravava a sua fadiga era a sua forma mental de bondade e amor; mas estava imerso no ambiente humano, que, diversamente, queria aproveitar-se de tudo. Estava empenhado numa tarefa complexa, num mundo em estado de guerra, com as mãos atadas pela honestidade, desarmado pelo Evangelho, enquanto muitos outros, sem escrúpulos e preocupações espirituais, livres de tal peso, podiam pensar somente em lutar e vencer Ele era altruísta e praticava justiça, os outros, com métodos opostos, facilmente o venciam em seu próprio plano. A sua superioridade espiritual o colocava numa posição de inferioridade material. Na prática aquela superioridade se resolvia numa inaptidão para viver e sobreviver neste planeta, onde devia permanecer. O mundo fazia-lhe pagar aquela sua superioridade. Não era porventura honesto e pacífico? Mas para que na Terra podem servir tais qualidades senão para serem exploradas? Enquanto ele sonhava com as superações, o que atraía o involuído, perito em outra sapiência, era cuidar de espoliá-lo e esmagá-lo. Havia a religião, a fé, os ideais, mas tudo isso na forma em que exista no mundo; em vez de ser uma ajuda no seu trabalho de elevação, representava uma resistência a vencer, muitas vezes um inimigo da espiritualidade, uma armadilha para pescar os ingênuos. Assim, ele devia defender-se sobretudo dos crentes das pessoas de bem que fazem a mesma luta dos outros mas de forma mais sutil com a astúcia coberta de virtudes com vestes evangélicas.

À posição dos dois termos é clara. Se o evoluído pode ser logicamente superior, isso não interessa ao mundo, que evita roubar tesouros espirituais, porque não sabe o que fazer com eles. O involuído pode ser inferior, mas isso não lhe importa, porque possui aquilo que mais ama: as riquezas da Terra. Sabe procurá-las, defendê-las, gozá-las. Se os anjos para estarem bem têm necessidade do paraíso, os diabos sabem estar à vontade mesmo no inferno. Cada um está bem na sua casa, no ambiente que lhe é proporcionado, onde encontra satisfação das próprias necessidades Se os diabos não podem ir para o paraíso é porque também ali eles se encontrariam muito pouco satisfeitos, não podendo exercitar-se na sua ocupação preferida, atormentando o próximo.

Tudo isso é justo, porquanto cada um, finalmente, recebe o que merece. O evoluído hoje sofre na Terra, onde se encontra exilado, mas com a morte vai-se embora e, amanhã, estará melhor. em ambiente de maior progresso, ao qual doravante pertence por evolução. O involuído hoje está bem na Terra, mas, a manhã, aqui retorna e é condenado a ficar até percorrer toda a sua "via crucis", necessária para tornar-se um evoluído. Constata-se essa grande diferença na hora da morte: enquanto para o evoluído se abrem os céus, para o involuído ocorre que, desesperadamente, se volta para trás, prendendo-

se àquilo que mais ama — a vida terrena que lhe foge. Para o primeiro a morte abre a porta à luz, para o segundo é um pavoroso mistério cheio de trevas. Mas a diferença se vê mesmo em vida. Na Terra tudo é instável, dependente das vicissitudes da luta, inseguro, condenado automaticamente a consumir-se. Vive-se de um presente que, na sua contínua fuga, não se consegue apanhar; o amanhã é incerto e a realidade está sempre pronta a dissolver-se numa ilusão. O que é sólido não é o concreto, como se crê, mas o abstrato. O espiritual, porque se encontra em cima, subtrai-se ao vórtice do transformismo que tudo arrasta.

Insistimos nesse tema das diferenças de posição evolutiva porque nelas está o significado da história que narramos e porque explicam o maior fenômeno biológico no qual a humanidade, sobretudo no momento atual, está empenhada, isto é, a passagem da fase evolutiva animal-humana á do homem evoluído e consciente. No fundo, durante a sua vida terrena, o evoluído é um desgraçado, porque não se encontra no seu ambiente, mas em posição de retrocesso involutivo, o que para ele pode significar a condenação. Mas é esta inconciliabilidade a sua salvação, porquanto, se ele pudesse adaptar-se, seria um involuído, o que seria a maior infelicidade. É natural, pois, que no mundo se sinta no inferno, provando não ser dele cidadão. E isto o salva, porque o constringe a realizar a sua redenção, que aos outros pouco interessa, mas de que sente urgente necessidade. Ele faz esforços desesperados para chegar à superação, fuga do pior para.. conquistar o melhor. O seu drama está no fato de que ele quer o céu, embora deva permanecer encadeado na Terra a uma lei feroz e não sua. Entretanto, sabe conceber formas de vida superiores que os outros nem sequer suspeitam; conhece a estrada para ascender àquele nível e luta para alcançá-lo, dando um valor imenso ao seu esforço, enquanto os outros se fatigam do mesmo modo, mas só para se esmagarem, fechados dentro da mesma prisão. É interessante observar o que está atrás do cenário, onde se vê o real funcionamento das leis da vida no plano humano. A riqueza no sentido de excesso, de supérfluo não ganho, não correspondente ao próprio valor é nas leis da vida um desequilíbrio que traz consigo a reação corretiva. Tal riqueza excita o ataque de quem não a possui e enche de saciedade e preocupações quem a obteve. E uma atraente miragem, e ao ser atingida revela o engano. Pode ser desejável para o pobre, inexperiente, e pode satisfazê-lo no primeiro momento da sua aquisição, para compensar as precedentes privações. Comer é agradável para quem tem fome, não para quem já está satisfeito. Eis que para obter prazer pela posse das coisas não basta possuí-las, mas são necessários outros elementos não econômicos, como a necessidade e o merecimento. Quem nasceu rico, não conhecendo a pobreza, com a qual pode fazer o confronto, não sabe apreciar a riqueza. Este é um desgraçado, porque já satisfeito, não habituado a lutar por ela, inepto para defendê-la, portanto destinado a perdê-la. Assim, a posse dos bens rola como as ondas do mar, num vaivém contínuo: os que nascem ricos acabam perdendo tudo, os que nascem pobres, e por isso esfomeados, acabam levando-lhes tudo, para condenarem depois os seus filhos ao destino dos ricos. A sabedoria da vida parece consistir no fato de induzir os ricos a criar um ambiente feito de propósito para levar automaticamente à perda da riqueza. Eis uma forma de justiça social já realizada e funcionando há tempos imemoráveis, antes da chegada do Comunismo. Por isso, as posições de rico e pobre são cíclicas, e todos as percorrem por turnos, obrigados a fazer esforços e a aprender lições, num trabalho útil para evoluir, o que representa o precioso resultado final desse belo jogo. Também na Terra, independentemente do "Discurso da Montanha", os pobres são destinados a enriquecer e os ricos a empobrecer. Sábios e justos equilíbrios da vida, para os quais todo o excessivo esbanjamento de um lado tende automaticamente a inverter-se para reequilibrar-se, reentrando no seu contrário.

O mesmo fenômeno se verifica no caso dos detentores do poder. Parece que cada fenômeno, quando alcança uma fase de. excessivo desenvolvimento, se esgota e regressa, por força das leis da vida, à sua posição de justo equilíbrio. Parece que os fenômenos se cansam por excesso e por carência, e quando se saturam num sentido ou noutro, a vida lhes freia o movimento desordenado, para reconduzi-lo à ordem dos seus equilíbrios. Assim, também a política flui na História como as ondas do mar, num ir e vir continuo. Coerente com a baixeza do seu nível evolutivo sempre fora da ordem, o homem é continuamente corrigido pelas leis da vida. Regimes e governos se cansam e se sobrepõem sem pausa. Este é o fator constante, o denominador comum de todos os partidos, de qualquer tipo de Governo. Também este fenômeno se satura. Quando se move só num dado sentido, o poder se cansa e se esgota no seu funcionamento. Então, enfraquece-se e sucumbe ao assalto dos recém-chegados, repletos de forças e de desejos. No momento em que, caindo o velho Governo, todos lhe notam os defeitos eles se apresentam com um novo programa, por reação corretiva geralmente em antítese ao precedente, na ilusão de que basta lazer ,o contrario para ser per eito. Na realidade continuam a fazer as mesmas coisas, embora de forma e com nomes diferentes. O poder vai como um rio serpenteando pelo vale, procedendo por golpes e

contragolpes de correntes, mas é sempre o mesmo rio**.** Independentemente do tipo de Governo, sua formação, funcionamento e queda, reencontram-se fatores que se repetem em cada caso, porque é sempre o mesmo tipo fundamental de elemento humano que concorre para a formação do fenômeno.

Assim funcionam as coisas de nosso mundo. Opõe-se um sistema político a outro, uma religião a outra, mas trata-se apenas de diversos agrupamentos feitos com o mesmo material humano, baseados em interesses diferentes e por isso em luta. A questão de princípio é puramente teórica. E inútil distinguir, ou, pelo menos, a distinção é apenas superficial, porque o tipo humano básico permanece o mesmo, situado num dado nível de evolução, regido por determinadas leis, levado, portanto, a comportar-se de certa maneira. Opõe-se, desse modo, o sistema democrático ao totalitário, como se se tratasse de duas coisas substancialmente diversas. Mas o poder fica sempre nas mãos dos especializados no mister do comando. Com o método totalitário, é conquistado à força, por meio das revoluções; com o método democrático, através da habilidade de granjear os votos, levando o povo aonde se quer. O poder é sempre o resultado de uma conquista; significa a posição de vencedores sobre rivais em competição. Os princípios são teóricos, os programas são superestruturas e simples embelezamentos. As massas respeitam o poder pela sua força material; é fruto de uma conquista, vitória do mais forte. Quando mais ele se enfraquece, assaltam-no e liquidam-no, para tomar a mesma atitude de respeito perante o novo vencedor. Rapidamente esquecem o velho poder e se inclinam perante o novo, porque, em substância, é o mesmo. Não existe senão uma pequena diferença; ele agora está em outras mãos. Mas isso diz respeito aos partidos em luta e não ao povo, mero espectador. Qualquer forma de Governo é sempre constituída por um elemento dominante, separado da massa, o qual pensa, primeiramente, em manter a sua posição. Naquele mesmo recinto, com as vicissitudes políticas, entram elementos diversos, mas trata-se sempre de especialistas por competência e longa preparação. De maneira que, mesmo se teoricamente qualquer indivíduo pode subir ao poder, na prática a escolha é limitada a um restrito círculo de candidatos elegíveis. São eles que tomam a iniciativa, que dirigem a própria luta para a conquista. O povo é guiado. E, ainda que creia escolher livremente, no fundo aceita, porque só pode fazê-lo no âmbito do que lhe é apresentado.

Em qualquer sistema político o rebanho não pode ficar senão rebanho. A luta é entre os pastores. A massa é feminina, e o chefe, de qualquer tipo, é o macho que a domina. A luta é entre machos para dominar a manada das fêmeas. Naturalmente, o cuidado de cada um é fazer crer no rebanho que ele é livre, escolhe e comanda. Mas até no organismo humano a parte óssea e muscular não poderá jamais assumir funções diretivas, nem mesmo eletivas. As células cerebrais não são escolhidas umas pelas outras, mas são elementos especializados, fruto de uma longa seleção. Não são células indiferenciadas que lutam para conquistar uma posição de comando no organismo, mas tipos aperfeiçoados no seu particular setor, para executar uma tarefa de interesse coletivo na qual, dirigentes e dependentes, todos concordam espontaneamente, porque esse trabalho é organicamente recíproco e dele depende a vida de todos. Daí se vê quanto a sociedade humana está ainda longe de alcançar um verdadeiro estado orgânico.

Neste capítulo quisemos apenas traçar alguns aspectos do ambiente humano no qual o nosso personagem se encontra vivendo, para poder melhor compreender a sua psicologia e atitude perante o mundo.

V

A VIDA É UMA ESCOLA

Na verdade, em nosso mundo predomina o princípio egoísta-separatista, próprio do AS, de onde derivam muitas conseqüências. Quando os elementos que compõem uma sociedade não se coordenam para colaborar, não se pode falar de organismo, mas apenas de grupo, que, para continuar a existir mantendo-se unido, tem necessidade do domínio imposto por um chefe. Realmente, a primeira coisa que se procura em qualquer associação é quem a comande, impondo a sua disciplina, porque, sem este sistema forçado, o grupo se desagrega. Nos verdadeiros organismos, não nas unidades coletivas em formação,

como é o caso da sociedade humana, mas nas que alcançaram o estado orgânico, não existe chefe, mas somente um centro, em direção ao qual espontaneamente se orientam em obediência todos os elementos componentes. A disciplina, que é a base necessária da ordem, é automática, e não há necessidade de ser imposta à força por um chefe. Este grau de evolução já foi alcançado pelo corpo humano.

O modelo perfeito do estado orgânico no plano espiritual é o S. Quando se chega a este nível, a lei da luta, produto do separatismo do AS, desaparece. Assim, cada indivíduo, como sucede nas células do corpo humano, dirige-se livremente ao posto que o espera para executar o seu trabalho em função de todo o organismo. E evidente que a sociedade humana está longe desse regime de ordem. O que nela domina é o caos, em cujo seio se vão experimentando tentativas de ordenamentos parciais, isolados, como oásis num deserto. Na História eles sucedem-se em cadeia; baseando-se na força, nascem e caem em função dela. Daqui se pode deduzir o que significa a palavra liberdade e o que dela pode advir. Num regime de caos ela quer dizer revolta contra a autoridade, em favor do individualismo separatista, que vê apenas o seu próprio eu contra todos, e não em função da coletividade. Nesse regime a liberdade é um elemento de desordem e não de ordem; para que não houvesse prejuízo deveria ser somente concedida aos povos maduros que dela soubessem fazer bom uso.

Esse é o mundo no qual o nosso personagem veio a encontrar-se, apesar de sua forma mental evolutivamente madura para viver à vontade no seio de uma ordem social do segundo tipo. Não se trata de programa político, mas de posição biológica. Daqui a dificuldade de adaptar-se a uma humanidade que, por estar situada em outro nível, vivia com uma psicologia diferente, sujeita a outro tipo de leis, que eram as do seu plano. Enquanto ele se oferecia para aderir a um sistema de ordem, seguindo espontaneamente seu impulso instintivo para colaborar numa sociedade que atingiu o estado orgânico, não encontrava senão normas impostas com sanções punitivas contra os desobedientes. Havia uma ordem imposta à força, mas sempre violada, como se a maior aspiração do homem fosse a rebelião em lugar da cooperação, ou o afastamento do próximo para agredi-lo, em vez de se unir a ele para o bem comum. Tudo isso era tão absurdo e contraproducente, e o nosso protagonista não conseguia entender. como a humanidade quisesse permanecer neste estado tão penoso, quando teria bastado só um pouco de inteligência para compreender o erro. Porém era precisamente esta inteligência que faltava. Mas parecia-lhe impossível que pudesse faltar esta percepção, quando para ele era fato tão evidente. Assim, surpreenderam-no juízos estranhos a seu respeito, que o qualificavam de soberbo, como se ele quisesse isolar-se em posição biológica privilegiada, desdenhando ficar no pântano de todos e, sobretudo, satisfeito com isso, como se fosse dever de quem ama o próximo. Explicar, nada adiantava. Certas verdades são axiomáticas, produto do instinto, dado pela posição evolutiva de cada um.

Ele se encontrava perante contradições clamorosas e uma série de verdades relativas e contrastantes, cada uma afirmando ser ela a única. Por exemplo, nada há mais relativo e contraditório do que o conceito de culpa e de virtude no campo moral. A lei parece feita para ser violada. A autoridade religiosa repetia o mandamento mosaico: não matar. E depois abençoava as armas. Na guerra quem mata é um herói e é glorificado; quem não mata é um covarde e, por isso, é desprezado. No seio da sociedade quem mata vai para a prisão e quem não mata é um bom cidadão. Mas tudo se explica, se se põem de parte as superestruturas idealistas nas quais se escondem essas contradições. O fato básico constante nos dois casos, em função do qual tudo isso acontece, é biológico, não moral, ou de elementar moral biológica, isto é, constitui a defesa para a sobrevivência. Trata-se de u'a moral egoísta, para proteção do próprio grupo. Quando na guerra matar é útil para a nação, isso é considerado virtude e premiado. Quando no seio de uma sociedade matar é prejudicial, porque não praticado contra estranhos, mas contra os componentes do grupo, isso é tido como culpa e castigado. Em suma, o problema é um só: o interesse próprio. E a moral muda em função dele. A base é absolutamente utilitária.

A moral que prevalece no mundo é a do interesse e não a da justiça. Assistimos ao belo espetáculo de um mundo dividido em duas partes; a dos que podem abusar do supérfluo e a daqueles que ficam a olhar e a servir aos primeiros. Muito embora, as vezes, a esta desigualdade pode corresponder uma diferença de capacidade, preparação e atividade que a justifique. É certo também que, se o pobres conhecem a necessidade e a preocupação para obter o necessário, os ricos sentem outra miséria, não econômica, mas que consiste na inquietação de poderem ser derrocados a cada momento, de terem de suportar a mentira em seu redor, e de arriscarem à decadência a que leva a vida improdutiva. Mas, se é justo que em tal mundo ninguém pode estar bem, não é boa a moral que ali se pratica. Isso porque a forma das construções mentais e legais quer fazer-se passar por justa. Ao menos, para ser honesto, bastaria reconhecer que, dado o nível evolutivo alcançado pela humanidade, ela hoje não pode fazer mais do que isto, embora possa realizá-lo amanhã.

O nosso mundo é feito de tentativas, de instabilidade, de luta. Por quê? O que é injusto, por esse mesmo motivo, não tem a força de governar-se. Trata-se de uma lei universal a que ninguém pode fugir. Em tal caso tem-se uma construção a que faltam fundamentos sólidos para que possa sustentar-se, então ela se desmorona; o edifício não está equilibrado e, por isso, cai. Isto se verifica em qualquer construção social. Quando as forças que a constituem não estão em equilíbrio, quando o impulso de cada necessidade não encontra satisfação, ele faz pressão num dado sentido, deslocando o centro de gravidade do edifício até fazê-lo ruir. Isto sucede sempre quando se verifica o desequilíbrio provocado por uma excessiva abundância de um lado e uma correspondente carência do outro, uma desproporção para mais e outra para menos, as quais por este motivo tendem a compensar-se reciprocamente. Acontece que o impulso da Lei, ordenadamente, quer reconduzir tudo à estabilidade, em uma posição equilibrada, deixando cair o velho edifício para que em seu lugar surja outro, são e forte, constituído por forças em equilíbrio.

Também aqui assistimos à luta entre S e AS. O individualismo separatista do AS desejaria fazer prevalecer interesses parciais e faz força para que cada um possa impor o próprio egoísmo, o seu ímpeto separatista. Mas não está em jogo apenas o impulso do homem, também existe o da Lei. Eis que esta intervém para agir segundo os princípios imparciais do S, levando assim ao equilíbrio aqueles impulsos, satisfazendo-os com uma distribuição equitativa. As forças da parte negativa da carência lançam-se, então, contra as do lado positivo da abundância, o vazio contra a plenitude, em forma de assalto, para dela se apossarem, enquanto a porção que está cheia não pode fazer outra coisa senão transbordar para a parte que está vazia. Assim, a vida, cada dia que passa, se torna mais coletiva Em substância, a propriedade é uma passagem contínua de mão em mão, resolvendo-se num usufruto temporário.

Em nosso mundo, as construções sociais não duram, porque elas não se mantêm juntas por uma íntima coesão determinada pelo impulso unitário que existe dentro de cada elemento. Pelo contrário, este tende à revolta, conservado unido pela imposição de uma força estranha que o constrange à obediência. Mas, logo que o ímpeto dessa imposição se enfraquece, prevalece o impulso separatista próprio daqueles elementos. E eles se separam, levando à queda o edifício. Por instinto, eles se repelem em lugar de se atraírem. Isto, como é lógico, tanto mais se verifica quanto mais o homem é involuído, próximo do AS, onde mais aplica aquela força, estranha e imposta. Encontrando-se as coisas desse modo, tais derrocadas são inevitáveis. Este é o resultado de todos os regimes coativos. Mas também é verdade que, sem regime coercivo, no nível humano, é difícil construir seja o que for. Portanto, não há como remediar. O defeito está na natureza humana, que somente poderá ser mudada através de lenta e fatigante evolução. Para construir com estabilidade é necessário um novo tipo de homem, que hoje existe em tão ínfima minoria não chegando a ter importância social. Continuarão a erguer em sentido descendente, em vez de ascendente, edifícios sociais elevados com métodos anti-Lei, de tipo AS, em lugar de seguirem o modelo S. Mas ninguém poderá impedir que a evolução avance conforme o princípio das unidades coletivas.

Ademais, o modo comum de conceber a vida revela que estamos num mundo onde ela funciona ao contrário do que devia. Como podemos, pois, exigir que os resultados não sejam invertidos? E depois se grita que a vida é ilusão e engano! Mas, como pode acontecer de outro modo, se é errado o princípio sobre o qual se baseia! Imagina-se que se veio ao mundo para gozar e pensa-se apenas no bem-estar. A vida, ao contrário, é uma escola aonde se vem para aprender, trabalhar, experimentar e, muitas vezes, sofrer.

Durante milênios se insistiu neste erro, continuamente, produzindo uma acumulação de efeitos tais que instituem agora um enorme peso a suportar, uma lacuna que fará sofrer enquanto não for preenchida, um débito em constante aumento e que deverá ser pago. É uma grande massa a arrastar que a humanidade tem sobre as costas. No passado, em outras posições biológicas, era possível permanecer estagnado em condições mais ou menos estacionárias, nas quais o peso dos velhos erros se descarregava sobre as novas gerações, deixando-lhes depois a consolação de fazer o mesmo sobre as sucessivas, e assim por diante. Se o débito perante a Lei aumentava no decorrer do caminho, era um encargo para os outros, seus sucessores, enquanto a geração que o praticava recebia as utilidades imediatas. Foi assim que o débito sempre aumentou.

Ora, com o tempo, aquele peso se tornou esmagador, até ao ponto em que as gerações de hoje não o aceitam, como ocorreu no passado, herança que lhes foi transmitida pelas precedentes. Acrescenta aí o fato de que a cultura, os meios de comunicação e o progresso despertaram os adormecidos de modo que os jovens estão se revoltando contra as coisas velhas e as repelem para delas se libertarem e sobreviverem. Atingimos, assim, o ponto crítico de uma explosão, porque a saturação do equilíbrio chegou ao máximo, e os velhos edifícios não se mantêm mais; não existe mais hipocrisia que tenha o poder de esconder o peso do mal, nem há mais paciência que tenha força para suportá-lo. Os expedientes

usados até agora para encobri-lo não servem mais. Vem à superfície a verdade nua e crua. que é bem diferente da oficialmente proclamada para se fazer uma boa imagem.

Não se vem ao mundo para gozar, mas para aprender. Mas aprender o quê? Que existe uma ordem codificada numa Lei, pela qual a vida é regida por normas, equilíbrios, princípios, um todo não só abstrato teórico, mas também real, vivo, funcionando, que rege com fatos, infligindo dor a cada violação. Ora, todas essas coisas a vida não explica, mas elas estão aí para agir e golpear-nos quando provocamos a sua reação. E deste modo que elas falam se fazem compreender, não com raciocínios, mas com fatos. Quem tem olhos para ver percebe tudo isso; para quem não os tem continua da mesma forma, sem entender coisa alguma, até que, à força de repetição, a coisa se torna evidente e, assim, se aprende a ver e a compreender. Os olhos são os da mente desperta através do esforço e da dor. O trabalho da evolução consiste neste despertar. Com a queda o homem ficou ignorante. Agora, à sua custa, deve fazer o esforço de tornar-se inteligente. E, enquanto não o for, deverá pagar, com os seus sofrimentos, os erros, fruto da sua ignorância. Ele deve com o seu suor reconquistar toda a sabedoria perdida. Há muitas regras a respeitar, se não quiser sofrer. A cada erro chega uma chicotada da Lei, que reage. O mundo vive na escola dessas contínuas chicotadas.

É interessante ver como funciona esta escola. É fácil imaginar o que deve suceder a um ser humano, que está ansioso de possuir toda a felicidade do S, do qual é filho e se recorda: ficou livre, mas ignorante das conseqüências. Aquele seu desejo de felicidade o leva a todos os excessos, mas, ao mesmo tempo, ele está enjaulado dentro de uma Lei onde cada erro — desvio da justa posição de equilíbrio — conduz ao sofrimento. Esta é a sua posição, como é lógico, em virtude da queda. Ocorre que o homem se lança loucamente em direção aos prazeres para os quais pensa que foi criado, mas se choca contra a Lei, que lhos nega até que seja cercado pelos caminhos do S, e não pelos do AS, isto é, de obediência, na ordem, conforme a Lei, e não de revolta, na desordem, contra a Lei como desejaria. O homem não gosta de permanecer preso a uma disciplina, que limita a sua liberdade. O seu sonho é destruir a Lei para substitui-la por ele próprio, pelo seu egoísmo, pela sua lei. Mas isto é impossível, e ele não sabe. Na sua ignorância crê isto ser possível e insiste em rebelar-se, julgando poder vencer mesmo contra a Lei, impondo-se, dando uma demonstração de força, como costuma fazer no seu baixo mundo. Então, a Lei continua a lhe infligir sofrimento, até que à força de tanto padecer acabará compreendendo que a revolta é absurda, ela não conduz à alegria desejada, mas semente dor. Eis a escola em que consiste a vida. O homem é como uma borboleta atraída pelo esplendor da chama, e termina queimando as asas. Não vê, não entende, não lhe interessa perceber, mesmo com explicações suficientes. Então ele se queima na chama e depois grita e chora; aí começa a compreender. A lição não é de palavras, porém de sofrimento, aplicada na própria pele. E não poderia ser na dos outros, pois, deste modo não compreenderia.

Para poder gozar da felicidade do S, é necessário saber viver conforme a Lei. Mas o homem não sabe, nem quer fazer o esforço para tanto. É levado a viver em posição antagônica de AS. Então, é lógico que, em vez de alegria (S), não possa obter senão o seu contrário, isto é, dor (AS). Outra coisa não pode acontecer a quem, sendo livre, mas não sabendo agir, quer fazer tudo a seu modo; a quem. sendo disciplinado por natureza, deve viver num universo feito de ordem e no qual esta é obrigatória. A escola consiste no constrangimento a essa disciplina até aprendê-la toda. Ser astuto, saber encontrar escapatórias para fugir poderão ter valor em nosso baixo mundo, mas não serve a ninguém perante a Lei. O homem pode lutar com o seu semelhante e vencê-lo, porque este se encontra no seu nível, mas não pode competir com a Lei de Deus, que está acima dele e de todos.

Temos : liberdade, erros, chicotadas. Esta é a história humana. Assim, uma a uma, vão se aprendendo todas as regras do reto comportamento. A cada lição aprendida sobe-se um degrau. Por se ter adquirido um conhecimento evita-se novo erro e, portanto, outro sofrimento. Trata-se de um ser ansioso de reencontrar a sua originária felicidade do S, para a qual foi criado e que ele sente como coisa sua. No entanto, por causa da revolta, não sabe procurá-la senão em sentido e em ambientes contrários, o que faz com que esta busca corra em direção a uma miragem, que depois, na realidade, se resolve em dor. Este é o drama humano. Alucinado pelo sonho de felicidade, o homem vai desesperadamente ao encontro dela para achar apenas o oposto daquilo que procura. Julga que nasceu para gozar e, ao contrário, existe para trabalhar duramente dentro da escola da evolução. A cada passo um engano, a cada engano uma dor, a cada dor uma lição. O mundo o atrai, e, na sua inconsciência, vai atraído pelas miragens, enquanto o alçapão o espera na passagem Lá se encontra a mesa posta: sexo, riqueza, glória, poder etc. O incauto se precipita para gozar. Mas, dado o que ele é, abusa e se envenena. No fim da experiência, não lhe resta nem a posse da coisa cobiçada, nem o gozo, mas a desilusão e o sofrimento do veneno em ação.

Observemos agora, mais em particular, a técnica do processo de depuração. Ele se realiza através de três fases ou momentos:

O primeiro é o do prazer, no qual livremente se atinge pelas vias travessas da astúcia e da força, como se usa na Terra, a satisfação não ganha, violando os justos equilíbrios da Lei, endividando-se deste modo, perante ela e, portanto, preparando a sua reação.

Num segundo momento, que pode ser uma vida sucedendo a anterior, o indivíduo, viciado pela satisfação alcançada no passado, convenceu-se de haver encontrado o caminho certo, o método seguro para gozá-la e, então, experiente da vivência precedente, usa o mesmo sistema, contando chegar aos mesmos resultados. No entanto, a vitória obtida no primeiro momento foi uma derrota, porque confirmou este indivíduo na direção errada, aquela mesma que agora o obriga a repetir o jogo; mas, ele se encontra noutras condições para não deixá-lo mais obter o que deseja, dado que estão faltando as circunstâncias favoráveis, difíceis de repetirem todas juntas. A moral, como é lógico e justo que aconteça num mundo pelo avesso, tipo AS, é esta: quando se afigura que as coisas estão andando bem, de fato vão mal e, quando parece que elas vão mal, aí vão bem. Isto porque, no momento em que se goza de modo errado, aprende-se somente a errar, o que significa atrair a dor; e, quando se sofre conforme a justiça, aprende-se a corrigir-se, o que quer dizer salvar-se do sofrimento. Pretende-se chegar à felicidade, mas não se compreendeu que pelo caminho da desordem, contra a Lei, não se pode alcançá-la. E assim que, neste segundo instante, aprende-se a não cometer mais o erro, porque se experimentou que ele conduz ao sofrimento e sabe-se que a coisa deve ser evitada. Esta é a lição vivida na segunda fase.

Numa terceira fase, que pode ser simplesmente outra vida, o indivíduo se encontra perante as mesmas tentações do segundo momento. Na Terra elas existem de todo gênero, em abundância, e cada um é atraído pelas correspondentes ao seu tipo Delas se encontra, sempre, quantidade bastante para o seu caso. Por haver experimentado as conseqüências da violação à Lei, ele já não comete o erro como anteriormente e, desta vez, pode evitar o sofrimento. Eis que se libertou um pouco da ignorância e conquistou outro tanto de sapiência, o que significa um passo à frente na ordem e portanto, uma posição de menor sofrimento e maior felicidade.

Este procedimento se repete a cada imperfeição que nos induz a comportar-nos fora da perfeita disciplina que a Lei exige, se não quisermos sofrer-lhe aquelas conseqüências dolorosas por tê-la violado. A libertação da dor e a conquista da felicidade são fenômenos que se realizam por graus, à medida que se sobe ao longo do caminho da evolução. Para chegar à felicidade completa do S, é necessário haver percorrido todo esse caminho de purificação e redenção, experimentando tantos sofrimentos quantas são as imperfeições de que é feita a nossa natureza de cidadãos do AS. A dor não poderá cessar enquanto não houvermos aprendido a não cometer mais erros e a viver em total disciplina dentro da Lei. A conquista da felicidade consiste no reordenamento do caos do AS até a reconstrução da ordem do S. Vemos que, geológica e biologicamente, social e espiritualmente, a evolução é um processo de reordenamento contínuo, que caminha na desordem para uma ordem sempre mais completa. A moral aqui exposta se eleva sobre bases positivas de amplitude cósmica, enquadrando-se perfeitamente no plano do funcionamento orgânico do todo. É através deste processo que cada indivíduo, que se tornou de tipo AS por causa da queda, deve apagar de si, uma a uma, todas as qualidades desse tipo, transformando-as em outras consoante o modelo S. Este é o único caminho pelo qual se pode alcançar a libertação da dor.

Tudo isso é claro, lógico e justo. Mas não agrada ao homem, porque o declara culpável e dele exige trabalho e disciplina, enquanto ele deseja ser aquele que faz a lei, patrão, livre de tudo. Mas é precisamente este seu instinto luciferiano que o revela filho caído da revolta, com vontade de comandar egoisticamente, substituindo-se à Lei de Deus, fazendo isso em estado de ignorância e de incompetência para dirigir, não conseguindo desse modo nada mais do que cometer erros e atrair dores. O inferno que ele construiu para si na Terra, com as próprias mãos, prova a verdade dessas afirmações. E, quando ele procura uma via de escape, fá-lo para baixo, em direção ao AS, e não para cima, rumo ao S. Com este tremendo erro, julga ser inteligente, porque a sapiência para ele consiste em saber defraudar a Lei. Tal psicologia poderá justificar-se perante as leis da Terra, tão imperfeitas e, também, freqüentemente injustas, mas é loucura ir contra a Lei de Deus, que existe só para o nosso bem. Quem se aproxima Dela com intenção de engana-la é justo que seja traído. Arriscar a vencer as leis humanas que possam merecer isso ainda se compreende, mas não é admissível que o mesmo aconteça com a Lei de Deus. É triste ver com que inconsciente leveza o homem procura enganar-se ao procurar burlar a Lei. Depois desencadeiam-se as tempestades pavorosas que vemos na História, e ninguém lhes entende as causas. Continua-se a semear como se nada houvesse ocorrido. Assim, este pobre ser que no AS queria voltar ao S, permaneceu ainda dentro da Lei do S, onde é Deus que domina. Por isso, a revolta foi o maior fracasso,

porque se resolveu não em felicidade, mas no seu oposto, na dor. E o caminho para sair dela é somente um: a obediência.

Assim é o fatal destino do homem, como o de todos os decaídos. Explicamos tudo isso, também, para melhor esclarecer o caso em exame. O nosso personagem encontrava-se, com relação à riqueza, aos tesouros e alegrias do mundo, na terceira fase. Por já ter experimentado a queimadura que eles produzem, não mais os aceita. Tais fatos naturalmente dependem da posição relativa de cada um ao longo da escala evolutiva. Os problemas a resolver são diferentes de indivíduo para indivíduo, conforme a sua natureza e as qualidades velhas e inferiores a serem postas de parte e as novas superiores a serem adquiridas. Na Terra, nas mais diversas posições, há trabalho para todos. Aquilo que para uns é conhecimento adquirido depois de superada a prova, para outros pode ser problema longínquo, do qual nem sequer suspeitam a existência. O trabalho de polimento em geral começa de baixo, ao nível da animalidade do indivíduo. Nesse plano de vida as provas são grosseiras e pesadas, de modo que penetrem a insensibilidade do primitivo, infligindo os seus golpes no corpo: fome, miséria, morticínios, dores físicas, porque os defeitos são do mesmo tipo e as provas espirituais não seriam percebidas. Depois, à medida que o indivíduo se faz mais civilizado e intelectual, também as provas se tornam mais espirituais, até às do gênio e do santo, que se apressam a liberá-lo das últimas escórias, destacando-o completamente das coisas do mundo. Ela nos mostram que outra espécie de prazeres procura o evoluído, a quem os deleites da Terra não interessam, antes podem despertar repugnância.

Insistimos nestas explicações, porque o problema é de fundamental importância, e não havê-lo compreendido significa imensos sofrimentos. Mas, com exceção de poucos que são levados à compreensão pelo seu próprio sofrimento, para a grande maioria tal trabalho talvez seja inútil. O motivo é que uma escola como esta não se faz com palavras, mas à força de queimaduras na própria pele. É ali que se escreve, marcada a fogo, para todos, inclusive para o leitor destas páginas, a verdadeira história da própria evolução e redenção, porque só com tal método estes escritos podem ser lidos e compreendidos. Assim estão as coisas, e ninguém tem o poder de mudá-las. Disto não pode ser culpado quem se limita só a expô-las.

Dissemos que o erro depende da ignorância. Pode-se objetar: mas que culpa pode ter quem não sabe? Como pode ele ser responsável, se agiu por falta de conhecimento? Ora, se o erro está sendo pago, onde está a culpa sem a qual aquele pagamento não se justifica? Que se trata de ignorância não há dúvida, porque é evidente que, se o indivíduo soubesse quanto deve depois pagar caro o seu erro, não o cometeria. Se ele o pratica é porque não lhe conhece as conseqüências. De fato, quando depois o conhece, porque o pagou, ele não o comete mais.

Para responder a essas indagações, é necessário reconstituir o fenômeno em suas origens e verificar de que deriva esta ignorância. O ser fora criado sapiente e tornou-se ignorante como conseqüência da queda, devida à culpa da sua revolta. Demonstramos isso nos volumes: *O Sistema e Queda e Salvação*. Ora, a revolta foi feita em plena consciência e, portanto, responsabilidade. Eis e como foi a primeira culpa, e depois, em cadeia, derivou todo o restante, isto é, a involução e o atual esforço da evolução, por meio da qual, à força de erros e conseqüentes sofrimentos e com a técnica que vimos, reconquista-se o conhecimento, única via para evitar o sofrimento. A este destino, enquanto não readquirir totalmente o conhecimento, o ser ficará inexoravelmente ligado. Até redimir-se, ele estará prisioneiro na engrenagem atual que vai do AS ao S, ao longo deste caminho: revolta, queda, ignorância, erro, experiência. conhecimento, ordem, felicidade. Cada termo é efeito do precedente e causa do seguinte. Movido o primeiro, todos os outros lhe sucedem logicamente em cadeia.

Desse modo, de agora em diante, fica estabelecido para todos o jogo da vida, inclusive para aqueles que o ignoram, ou não querem admiti-lo. O funcionamento de tais fenômenos é independente da compreensão e aceitação humanas, como, no tempo de Galileu, não era necessário que os teólogos compreendessem o que sucedia, para que a Terra pudesse girar em torno do sol. É claro que a Terra não parava e o sol não começava a girar à volta dela só pelo fato de que, na Bíblia, Josué assim dizia e os teólogos desejavam isso, O funcionamento da Lei não pode ser alterado, unicamente, porque se pensa que as coisas sejam diferentes. Tudo permanece justo e benéfico, porque a dor, se queima, liberta da ignorância e com isso dela própria, fazendo adquirir sabedoria e, portanto, felicidade.

Com estes conceitos explica-se um fato que deixa muitos perplexos, porque parece que contradiz a justiça de Deus. Vemos, na Terra, muitas vezes, que aos maus tudo corre bem e aos bons tudo vai mal. Ora, podemos compreender o que realmente acontece sob estas aparências de injustiça. A Lei deixa o ser livre de mergulhar no mal à sua vontade. O sucesso que ele atinge no mundo, seguindo esta direção, em vez de o libertar, confirma-o nos seus defeitos, porque o convence de ter procedido bem,

conferindo-lhe assim um hábito e uma segurança que o conduzem a tentar de novo o mesmo caminho nas vidas sucessivas. Ora, já vimos que esse jogo não pode dar bom resultado. E nesta segunda fase que os encontramos atribulados ao praticar o bem, porque anteriormente eram afortunados no mal. Agora o insucesso forma uma conexão de idéias opostas à precedente, determinada pelo sucesso anterior, e o mal efetuado desta vez não dá satisfação, mas sofrimento.

Pode-se objetar: mas por que a Lei não impede que se pratique o mal? Ela primeiramente o permite e depois o castiga. Mas responde-se: sem se atravessar a prova da dor, que segue ao mal, ninguém aprenderia. Eis a razão por que esta dupla experiência é necessária. No fundo, o mal é utilizado para chegar ao sofrimento. que, por sua vez, o elimina. Este é o resultado final de toda a operação. E isso é sumamente benéfico. Este é o motivo porque a Lei permite que se pratique todo o mal desejado, desde que seja à própria custa, para ser resolvido em seu favor. Não se pode negar. mesmo que seja duro, tudo isso é bom e justo.

Eis assim explicada a contradição acima. Os maus, para quem as coisas estão correndo bem, encontram-se na posição de pecadores, e os bons, para quem as coisas vão mal, na situação de penitentes. E, se estes parecem infelizes, acham-se, ao contrário, num estado mais avançado, em via de redenção, porque estão pagando: enquanto os outros, que se afiguram afortunados, estão mais atrasados, em via de perdição, porque se estão endividando. Os primeiros ascendem rumo à alegria, os segundos descem em direção à dor. É claro que não se pode compreender todo o complexo jogo da vida limitando-se a uma só existência.

Em substância trata-se de desaprender tudo aquilo que é AS, para aprender tudo o que é S. Isto não significa que aos maus não seja oferecida uma oportunidade de boa conduta. É a sua natureza de tipo AS que os leva a seguir o caminho oposto. Dada a estrutura deles, isto é inevitável Mas, na segunda vez, depois que a benéfica oferta não foi aceita, a lição chega em forma de martelamento. Assim, o que não foi aprendido através do amor, o é agora pela força. O mal formou sobre o nosso corpo um grande manto de penas. É preciso arrancá-las todas, uma a uma. Depois, à força de sofrimento, é necessário perder toda a pele e, por força de sacudidelas, toda a carne. Eis em que consiste a evolução. Com a queda cada virtude se tornou defeito. Com a evolução cada defeito deve voltar a ser virtude. Que se trata de endireitamento de uma situação virada pelo avesso, pode-se ver, também, nas posições agora consideradas. Quem segue o AS encontra primeiro o prazer, mas fica com um débito que deverá depois ser pago com o sofrimento. Quem segue o S não encontra encorajamentos traiçoeiros, mas duro e honesto esforço. No fim, porém, tem assegurado o prêmio merecido. O primeiro método agrada e atrai, não obstante constituir um engano. O segundo não encoraja e repele, mas é sincero. Naquele caem os preguiçosos gozadores, que fazem jus àquela lição, e não os segundos, que não a merecem.

Assim caminha a massa humana ao longo da escala evolutiva. Há quem se encontre na primeira fase, da satisfação traiçoeira, quem se ache na segunda, da experimentação corretiva, e quem esteja na terceira, do conhecimento adquirido. O jogador, atraído pelo ganho fácil, senta-se à mesa do jogo e ali perde tudo. Assim, reduzido à miséria, aprende a não jogar mais. Eis a verdade simplicíssima: aquilo que é obtido sem justiça é traição. Mas como poderia aprender sem jogar e sem perder tudo? Custa caro adquirir o conhecimento, mas este vale aquilo que custa, porque é a coisa mais preciosa da vida. Não se pode viver como ingênuos em um mundo esterilizado, sem ataques dos micróbios. É o organismo que deve ser forte, hábil em resistências, para não cair nos inúmeros perigos dos quais o nosso planeta está cheio. O homem experimentado enxerga com olhos diferentes daqueles com que via antes da prova. As astúcias do mundo são pequenos jogos de curta duração. O grande jogo da vida, aquele que dá verdadeiro fruto, aquele que é feito por quem entendeu, é absolutamente justo e honesto. Somente este, porque está acima de todas as seduções e respectivas traições, recebe frutos a valer. Depois destas considerações, podemos compreender a conduta de nosso personagem, que o mundo julgava um imbecil.

VI

O PROBLEMA DA JUSTIÇA E OS EQUILÍBRIOS DA LEI

Em nenhuma época se andou tanto em busca de justiça como hoje, especialmente no campo social. Assim, o mundo procura disciplinar de modo mais equânime, à base de mais justas formas de convivência, os direitos e os deveres de todos. Mas é interessante observar como, no âmago de tantas injustiças humanas que se procura corrigir, tenha existido a justiça de Deus, na qual aquelas injustiças terminam automaticamente por resolver-se. Ela é devida à presença no AS do Deus imanente, impulsionando o ser para que ele se dirija à salvação por meio da escola que vimos no capítulo precedente. As atuais injustiças, no fundo, não são mais que efeito de sua causa. Esta pode ser a incapacidade, a preguiça, a ignorância. a ausência de esforço e de merecimento etc. Aquelas injustiças, as vezes, são necessárias para que determinada vantagem seja obtida Entretanto, não são virtudes, porque, na realidade, faltam qualidades de esforço e mérito.

Se observarmos bem todo o mecanismo da vida, compreenderemos que, não obstante ser ele tão cheio de ilusões e de sofrimentos, é precisamente por isso que está certo, porque, se assim não fosse, a vida não serviria para ascender, mas para descer. Neste caso ela seria o inverso de uma escola, isto é, feita para confirmar os defeitos do AS, em lugar de os corrigir com as virtudes do S. Mas ao homem isto não agrada, porque a sua vontade é vencer como AS e não como S. A sua desilusão está, exatamente, em não poder se impor com a revolta. Ele não compreende que a vitória do S ao negativo seria uma derrota a menos que ele sofreria. Então, na realidade, tudo caminha da melhor maneira possível. Isto parece uma traição. No entanto, é uma boa obra, pois impede um louco de dar um passo à sua própria ruína. Julga do primeiro modo quem pensa com a forma mental AS, mas quem raciocina com a psicologia de tipo S compreende que nisso está a sua salvação. Porventura, não será um bem que aquele que procura enganar fique enganado, para que assim não engane a si próprio? Não será justo que a falsidade recaia em quem é falso para que aprenda a ser sincero? Eis o drama dos caídos no AS: querer reencontrar a alegria do S onde, em posição emborcada, não se pode encontrar senão a dor. E quanto mais aumenta o esforço para achar a felicidade, movendo-se no sentido da revolta, mais se encontra o sofrimento. O drama está em procurar obter com a força e depois ficar esmagado; o drama está em, movido pela astúcia, julgar que se é capaz de obter tudo com engano e terminar por ser enganado

O conhecimento e a sabedoria da vida estão em compreender esses íntimos mecanismos da Lei, esta sua misteriosa técnica interior que arrasta às mais duras provas, enquanto estão à procura de prazeres, aqueles que, obcecados pelo orgulho, se julgam os mais hábeis. A grande armadilha foi desejada, portanto, merecida. Consiste no fato de que, levado pela própria miopia, o homem caiu, usando métodos para obter vantagens imediatas que o iludem; e, a longo prazo, elas acabam sendo-lhe danosas. Ora, enquanto procura ardentemente a felicidade, ele continua pagando e sofrendo. Realmente, de outro modo não pode ocorrer para quem vive em posição emborcada. É assim que ele, porque se movimenta em sentido inverso, não pode obter senão o oposto do que deseja. Não se poderia explicar de outra forma como, em um mundo criado por um Deus bom, que nos ama, andasse o homem em busca de felicidade por toda parte e não recolhesse como fruto senão o sofrimento. Proponho a quantos neguem a teoria da queda que expliquem como na lógica da criação possa existir tão gritante contradição. É evidente que uma obra de Deus deve basear-se na lógica, na justiça e na bondade; sem isto, seria necessário admitir um Deus ilógico, injusto e mau, ou então Ele não existe, e tudo se tornaria um caos, sem nenhuma lei reguladora, não correspondente à realidade.

A nossa capacidade sensória oscila entre os dois pólos do dualismo: alegria-dor. A primeira é qualidade própria do S, a segunda, do AS. O ser criado por Deus para a alegria, com a revolta caiu na dor. Com a evolução ele se redime do sofrimento e, reabsorvendo-o, regressa à alegria. Isto constitui a penitência que corrige a culpa; Perante a Lei, é o pagamento que extingue o débito contraído para com a sua justiça. A dor é o chicote que o conduz à força para a salvação, é o remédio amargo que cura a doença. Trata-se de uma escola, de uma lição a aprender, de um tratamento para curar, não de uma vingança ou punição. O objetivo não é atormentar, mas ensinar. A prova não pretende matar, mas tende a não ultrapassar dado limite. Se a dor fosse somente destrutiva e, perante os valores da vida, não tivesse uma função criadora e salvadora, ela não subsistiria na sábia economia do universo, apesar de sua posição emborcada de AS. Qualquer sofrimento encontra sempre na morte a válvula de segurança extrema que o faz cessar. É assim que a maior parte das dores é superada. E, para que se continue a viver e deste modo aprender, a alegria para sobreviver chega, em geral, no último instante, à guisa de oxigênio reanimador. Isto para os gozadores pode parecer uma traição, um a crueldade para prolongar a agonia, mas é um meio salutar para adiar a. prova que redime.

No fundo, alegria e dor são apenas duas posições opostas do mesmo fenômeno. Elas estão situadas ao longo da mesma linha comunicantes entre si, pelo o que mais (+) pode tornar-se o menos (-) e este pode transformar-se naquele. A sensibilidade do ser oscila de um ao outro extremo, até um limite máximo, dificilmente alcançado, além do qual se morre. Há uma fase intermediária, neutra, de indiferença, na qual, num estado de quietude, não predomina nem um, nem outro. Nestas deslocações há uma disciplina que tende a equilibrar os dois extremos para que eles não prejudiquem por excesso, tanto num sentido, como no outro. A correção é automática. Acontece que, quanto mais se sofre, tanto mais diminui, com o hábito, a sensibilidade à dor e mais se adquire a capacidade de gozar. Desta maneira, o ser imuniza-se um pouco contra o sofrimento e se sensibiliza para o prazer, e será necessária uma quantidade cada vez maior de dor para sofrer na mesma proporção. Inversamente sucede que, quanto mais se goza, tanto mais diminui, com o hábito, a sensibilidade ao prazer e mais se adquire a capacidade de sofrer. Deste modo, o ser se insensibiliza ao prazer e se sensibiliza para o sofrimento, pelo que é necessário uma quantidade de prazer cada vez maior para gozar, sempre na mesma proporção. Em resumo, a abundância de qualquer coisa satura e tende a eliminar a capacidade de assimilação, aguçando ao contrário, a sensibilidade em sentido contrário. Assim, no primeiro caso, a dor torna-se mais suportável e passa a existir maior sensibilização à alegria. No segundo, a alegria produz maior indiferença ao prazer e maior vulnerabilidade à dor.

Como se vê, essas posições e a sua movimentação são canalizadas pela Lei ao longo de um binário, em virtude do qual elas não se movem ao acaso. De fato, a primeira dose de determinado bem produz, por exemplo, uma satisfação. A segunda dose, igual à primeira, não gera o mesmo contentamento, mas, por exemplo, meia satisfação. A terceira dá um terço, a quarta produz a quarta parte, a quinta não ocasiona nenhuma, a sexta faz mal e provoca a dor, a sétima causa ainda maior dor, e assim sucessivamente. A razão desta descrente capacidade de gozar é dada pelo fato de que ela está enquadrada no AS, onde a alegria, em vez de aumentar, tende a diminuir, invertendo-se na dor. Cada tentativa neste sentido, isto é, em direção ao AS, conduz automaticamente a uma progressiva diminuição da qualidade do S, a alegria; e a um gradual aumento da qualidade do AS, a dor; até desaparecer a primeira e ficar somente a segunda. Com a revolta ocorreu que o ser, em vez de conquistar uma alegria maior, emborcou-se na dor, que constitui a lição salutar forçando-o a fugir do AS através da evolução. Isto tem como conseqüência o seguinte: por este caminho ele deve acabar por regressar ao S para reencontrar o paraíso perdido, sua meta constante, que em vão procura alcançar no AS. Segue-se também que, quanto mais o ser aceita o merecido sofrimento do AS como expiação e pagamento do seu débito, tanto mais endireita em direção ao S o seu emborcamento no AS, redimindo-se da dor e caminhando para a alegria. Em cada caso, portanto, tudo tende para melhor. Assim, Deus pode dizer à criatura rebelde: "Distanciai-vos de mim; se quiserdes, pois, a mim devereis voltar, porque fora de mim não encontrareis senão dor e morte.

Portanto, o movimento que vai da alegria à dor, e ao contrário, é uma oscilação contínua, como entre dois vasos comunicantes. As duas existem, uma em função da outra. A mesma percepção verifica-se entre os contrastes com posições opostas, dependendo destas muito mais do que das suas próprias intensidades. O prazer verifica-se, então, na medida em que elimina o sofrimento de uma precedente necessidade insatisfeita e diminui com a sua satisfação. Assim, pode haver prazer apenas pelo bem-estar que se segue ao desaparecimento de uma dor, contentamento que, quando é contínuo, pode deixar-nos indiferentes, sem a sensação de alegria. E, quando esta fica fora dos equilíbrios da Lei, pode transformar-se em veneno. Para esses equilíbrios, quanto mais ela se encontra em excesso. tanto mais atrai o sofrimento que a compensa; quanto maior a dor, tanto mais a diminuta alegria tem o poder de compensá-la. Po exemplo, para sentir prazer com a comida, é necessário ter fome: para se contentar com a bebida, é preciso ter sede; para se satisfazer com o repouso, necessita-se de trabalho; para usufruir a riqueza, faz-se mister ter conhecido a pobreza; para ter satisfação com as honras, convém tenha sido humilhado; para valorizar a saúde, é preciso ter estado doente; para se apreciar a liberdade, é conveniente ter sido escravo. A grande justiça da Lei consiste no fato de que quem teve tudo está cansado e não sabe mais aproveitar coisa alguma, e quem não teve nada sente prazer com qualquer coisa. Daí podem nascer posições diversas, como a do rico que fica nauseado pela abundância; como a do pobre que, faminto de mil desejos insatisfeitos, assalta-o para espoliá-lo de tudo. Assim acontece com todo aquele que, além deste plano, encontrou alegrias superiores no nível do espírito e luta para conquistá-las; não regride, não guerreia, antes avança, como no caso de nosso personagem.

É por este processo de saturação que se verifica o fenômeno já mencionado no Cap. IV: a perda automática da riqueza não ganha honestamente. Aqui observamos mais particularmente o caso muito comum, segundo o qual o ciclo da riqueza, em geral, dura três gerações. A primeira é a dos pobres, que,

estimulados pelo desejo e tornados ativos e inteligentes por causa da necessidade, acumulam com qualquer meio um capital. Eles o apreciam pela satisfação que lhes dá a riqueza como compensação da pobreza precedente. A segunda geração, ainda com a memória fresca da pobreza, é a dos gozadores que se sentam à mesa para banquetear-se. A terceira, crescida na fartura, não recorda mais fome alguma; não aprecia, portanto, aquilo que tem; não o defende, caindo, assim, vítima de assaltos de outras pessoas tão ávidas, como as da primeira geração, que lhe roubam tudo. Em geral trata-se de gente ociosa, inepta e cansada, que a vida se apressa em liquidar. Isto sucede às famílias, como às nações. Foi o que aconteceu na frança com Luís XIV (1ª fase), Luís XV (2ª fase), Luís XVI (3ª fase), caindo com a Revolução. Isto ocorreu na Rússia, com a aristocracia do Czar. É assim que a justiça social resulta automaticamente aplicada pelos equilíbrios da Lei, independentemente das intervenções humanas.

O que pode parecer uma traição esse doce convite a uma vida fácil, levando ao enfraquecimento e, consequentemente, à ruína é, na verdade, um ato de justiça, porque quem gozar do que não merece é justo que disso seja privado. Assim, automaticamente, a Lei tende a eliminar os abusos. O hábito de viver sem fadiga fabrica ineptos para a luta, destrói sua capacidade de resistência, enfraquece-os e torna-os vulneráveis ao mínimo ataque. Ao contrário, viver afadigado sem recursos, torna o homem apto à vida difícil, faz adquirir capacidade de luta e resistência, reforça-o contra os ataques. A vida é um jogo contínuo, e a fácil vitória cria a inconsciência que impele a enriquecer, tornando-nos imprudentes e levando-nos à derrota. Os obstáculos, entretanto, criam a consciência das dificuldades, tornam-nos prudentes e mais preparados para a vitória. Aquilo que se apresenta como uma cômoda ajuda para a vida faz perder as qualidades preciosas para a sobrevivência, enquanto o que parece entravá-la leva a adquirir aqueles atributos. Logo, é desvantajoso, o que parece vantagem, e lucro o que parece prejuízo. No fundo, o que domina é uma justiça superior, contra a qual o homem nada pode. Aquele que goza o que não mereceu, desvaloriza-se e se destrói. Quem se esforça por merecer valoriza-se e se constrói. Por isso, ninguém é tão desgraçado e votado à pobreza como os que nasceram ricos, parecendo os mais afortunados e, portanto, invejados.

Considerando o fenômeno em escala social, vemos que a tendência da classe dominante é fixar para sempre a sua posição em forma hereditária, apoiada pela adesão da classe eclesiástica e protegida pelas leis do Estado. Esta foi a história da aristocracia francesa, russa e chinesa até às respectivas revoluções. Mas, justamente por causa dessas leis, exatamente quando se julga ter levado o sistema ao máximo de perfeição, ele se desfaz pela reação que surge do lado oposto. Precisamente, quando tudo parece definitivamente ajustado, é, então, que tudo desmorona, porque as aristocracias perderam as suas virtudes de luta e assim caíram como fácil presa de quem as conquistou por se ter encontrado em opostas condições de vida. Até a queda das aristocracias e o triunfo das revoluções são devidos aos equilíbrios da Lei. Assim se explica como as aristocracias tardam a desmoronar-se, dado que certo lapso de tempo é necessário para que elas, corrompendo-se no ócio, percam as qualidades de defesa, e, do lado contrário, as classes pobres, no estado de opressão, carregando-se de revolta e desenvolvendo a mente, adquiram o poder de decisão e a capacidade necessária para realizar o esforço da reação.

Eis que o período de tempo dos sistemas de opressão depende da duração da inépcia dos submetidos que se vão rebelar. Isto porque na vida, cada posição deve corresponder, rigorosamente, aos efeitos e valores que a justifiquem, e quando estes faltam ela se perde e cai na situação oposta, obrigando a desenvolvê-los. Se os do$_1$ninadores gozam vantagens, porque estão vivenciando o que conquistaram como um esforço precedente, eles perdem quando aquele esforço não continua, ou foi consumado o seu resultado. E justo, portanto, que eles aproveitem, enquanto tem o poder nas mãos; por outro lado, é também justo que os fazedores das revoluções, quando se tornam poderosos, gozem por sua vez; assim como é legítimo que os servos permaneçam tais, enquanto não adquirirem a capacidade e a força necessárias para se tornarem patrões. Estes, com o seu exemplo, ensinam àqueles, que estão atentos a observá-los, ansiosos por aprender com eles e imitá-los. Ora, os mestres da injustiça, julgando ser astuciosos ao pretender realizar o seu próprio interesse, na realidade funcionam como mestres de justiça, oferecendo vantagens aos que eles julgam estar desfrutando. E através da luta e compensação entre as várias injustiças que a Lei atinge a justiça. Desse modo, permitindo que, reciprocamente, se corrijam os egocentrismos rivais, alcança-se entre inimigos um funcionamento coletivo cm colaboração.

Com este processo eles realizam todos juntos o trabalho mais importante: evoluir. As aristocracias caminham à frente gozando o fruto do esforço realizado e, por fim, se cansam no bem-estar e descem. Entretanto, descobriram e, sem querer, ensinaram um tipo de vida mais adiantado aos atrasados. Estes assaltam, enriquecem e depois, imitando, avançam um trecho, mesmo que depois parem e decaiam. Assim, às ondas, a humanidade toda progride, fazendo cada um a sua parte. As aristocracias, no entanto,

não descem ao nível do qual partiram ao iniciarem a subida, mas a um plano um pouco mais alto. Nisto consiste o progresso, o verdadeiro fruto de todo este trabalho. Somente poucos indivíduos isolados não se esgotam no bem-estar, descendo tanto, porque os utilizam para trabalhar e desenvolver em outro terreno, no plano espiritual. em lugar de esbanjá-lo nos prazeres

Poder-se-ia perguntar: como é possível que os inferiores mais fortes em número, podem permanecer por tão longo tempo subordinados a uma classe de dominadores mais exígua que a deles? Isto se explica onde e quando as massas, ainda que numericamente mais fortes, são mais débeis, biologicamente menos evoluídas. Ser evolutivamente mais avançado constitui uma força que dá direito à vitória sobre os mais atrasados Uma grande massa de indivíduos com ausência de valores, pode menos do que uma pequena massa poderosa. E assim que um pastor pode dominar um rebanho inteiro. Mesmo ao nível de luta egoísta no plano animal os vencedores superam, como valores biológicos, as massas que carecem deles e, portanto, podem dominá-las, porque elas são, evolutivamente, mais atrasadas. Mas em que consiste esta sua inferioridade, se não se pode negar que o primitivo seja um lutador forte e agressivo? É preciso ver de que forma e com que métodos ele usa essa força. Ele é egocêntrico, indisciplinado, desorganizado, antiunitário. Está em luta contra todos. Encontra-se isolado num oceano feito de guerra e de caos, sem um palmo de terra onde apoiar os seus pés com segurança. Isto torna débil aquela sua forca. Ele possui a potência do número, mas não a inteligência para saber utilizá-la com uma ação unida e convergente. Enquanto os elementos de tipo mais evoluído se dispõem, organicamente, integrados numa engrenagem, cooperando para uma finalidade única; os outros são dispersivos e gastam a sua força em atritos e em rivalidades individuais. A classe dirigente, apesar de ser da mesma raça, pelo menos se mantém unida por espírito de grupo, o que a torna mais resistente na luta. Isso lhe permite dominar as massas enfraquecidas pela sua íntima desagregação. O que as vence é o fato de que ao seu nível a força se apresenta dividida contra si própria. Não é surpresa, portanto, que ela seja abundante e violenta quando é dividida. Ela não pode produzir coisa alguma e se dispersa fragmentada em mil grupos rivais. A sua verdadeira potência estaria em saber inteligentemente organizar-se, evitando os atritos do separatismo excessivo, para somar os esforços de todos os elementos em direção convergente, em vez de se anularem reciprocamente com os seus antagonismos em sentido divergente. Mas, para chegar a isso, necessário certa inteligência, certa consciência coletiva e espírito unitário que as massas ainda não possuem, porque essas qualidades aparecem somente em estágio evolutivo mais avançado.

Tal sistema biologicamente mais atrasado encontra-se em posição de desvantagem perante a economia utilitária da vida. E por isso fica vencido pelo outro sistema, evolutivamente superior, porque mais unitário, representando maior valor biológico. É por isto que em tal sistema a vida dá o direito de vencer. O outro método é formado de rivalidades, e a sua própria natureza faz com que o seu trabalho seja destrutivo. O método unitário, pelo contrário, é feito de colaboração, significa soma de energias em vez de subtração, e a sua própria natureza faz com que o seu trabalho seja construtivo O futuro da humanidade será representado pelo estado orgânico; este será de nível superior, para onde ela caminha evolutivamente. Essa unificação representa uma potência de coesão, de resistência e, com isso, uma superioridade de método na luta e maior garantia de sobrevivência. O primeiro procedimento não produz bens, mas guerra, uma seleção de seres fortes e violentos que sabem somente matar. Desse modo, não se pode obter senão a luta infernal do involuído. Com o progresso, mais útil do que a forma física, ou a coragem do guerreiro, a inteligência, a organização, a técnica. Isto está se verificando nas guerras modernas, onde o valor militar impulsivo está reduzido a zero perante a potência calculada das máquinas dirigidas pela mente do homem. Haver substituído este novo método de luta à velha ferocidade sanguinária já representa um certo progresso. Outro passo será dado quando força e astúcia, que hoje se usam em sentido destrutivo, isto é, ao negativo, forem utilizadas construtivamente, ou seja, ao positivo. Não basta a força. se se quiser construir com estabilidade. É necessário que os elementos que esta força quer unir sejam amalgamados e mantidos juntos pela potência de coesão de outra força igualmente potente, que se chama justiça. Quando o homem for mais evoluído. conseguirá entender que sem ela as construções não resistem e desmoronam, como costuma acontecer no mundo atual.

O fato de que as massas até ontem eram incapazes de se fazerem valer é demonstrado pela sua atitude perante as classes dominantes. Elas não se organizavam em busca dos seus direitos, mas cada indivíduo procurava sozinho subir por sua conta, arrastando-se aos pés dos mais poderosos e, assim, infiltrar-se no reino deles. Faltava uma consciência de classe, necessária para saber organizar-se; faltava um sentido de cooperação, indispensável para podei. unir-se. Assim, isoladamente emergindo de baixo, somente poucos, os mais evoluídos, podiam chegar à altura dos dominadores, enquanto as massas permaneciam dominadas. Mas não podia suceder de outra maneira, pois, aquilo que é evolutivamente

superior é mais potente e, naturalmente, domina o que lhe é inferior. Isto porque o primeiro é positivo perante o segundo, que, em relação a ele, é negativo. Sendo ele mais avançado na hierarquia e, assim, mais próximo do centro, funciona como polo de atração para os menos evoluídos, que se encontram em posição periférica, e por isso ficam-lhe submetidos.

A lei geral, é tanto mais visível quanto maior a diferença de nível O indivíduo de um plano evolutivo inferior é, pela própria ignorância e capacidade intelectiva, excluído da compreensão dos acontecimentos num ambiente superior. Este permanece fechado para ele, não porque as portas de ingresso estejam cerradas e, sim, porque aquele plano é inacessível. Não obstante ser ali a vida mais feliz, ele não sabe conceber em que consiste tal felicidade. Não saberia usá-la, nem gozá-la, como aconteceria a um macaco retirado da floresta e instalado dentro de um apartamento luxuoso. E fácil admitir que os diabos não seriam capazes de sair do seu ambiente infernal mesmo que se lhes abrissem as portas do paraíso, como um peixe não pode desejar sair do seu "habitat", à água, para o qual foi feito, a fim de aventurar-se no ar, onde certamente morreria. Para poder voar é necessário primeiro transformar-se em pássaro. Assim os involuídos ficam no seu inferno e não se apercebem da existência do paraíso, pelo menos enquanto forem atrasados.

Essas posições, no entanto, não são fixas, mas em contínuo movimento, este acompanhando o valor de quem o vai conquistando. Aquele que se encontra em baixo está sujeito a uma escola contínua para amadurecê-lo, até que um dia, uma vez realizada tal maturação, ela o torna apto a subir. Como se vê, o ser vive dentro de uma rede de leis, sendo necessário aprender a conhece-las, se não desejar sofrer. Rede de leis significa malha de reações e sanções. O ser se encontra ali dentro, livre e ignorante. A cada erro paga com o sofrimento, mas sofrendo aprende e, aprendendo, erra e sofre menos, ao mesmo tempo que, evoluindo, aprende também a saber usar e gozar de alegrias mais verdadeiras e menos traiçoeiras.

As conseqüências de tais equilíbrios no terreno prático mostram que cada prazer somente se pode obter na justa medida estabelecida por aquelas leis. É inútil, portanto, tentar forçar a máquina do prazer, como o homem na sua ignorância julga ser possível. A satisfação só recompensa uma função quando esta é praticada dentro dos limites estabelecidos pela finalidade que ela se propõe alcançar. Se estes são ultrapassados, as leis avisam que se cometeu um erro, invertendo sempre mais a alegria em dor. E inútil, portanto, insistir artificialmente na procura do prazer, porque os efeitos, são decrescentes, até se inverterem em sofrimento. Moral: tudo é equilibrado, nada se rouba, tudo é merecido e estabelecido em dadas proporções que ninguém pode violar. Se se pretender demais, terminar-se-á por obter o oposto do que se procura. O ser é livre e pode tentar qualquer excesso. Mas a reação reequilibradora por parte de tais leis está sempre pronta a intervir para colocar cada coisa no seu lugar, naturalmente à custa de quem cometeu o erro Se se quiser gozar, será necessário procurar a alegria somente na medida estabelecida. O método utilitário para obter a máxima satisfação possível, ou o maior rendimento em termos de prazer, isto é, de maior vantagem e menor dano, é manter as proporções entre o prazer e o esforço feito para obtê-lo em função da necessidade que daquele prazer decorre para realizar um bom trabalho.

Assim acontece com o sexo, com a gula, com o orgulho, com a riqueza e com o poder. A negação completa é defeito, como o é o abuso Mas ela se explica como reação a este, para compensá-lo com o seu oposto. A vida não se transforma numa penitenciária, mas pode ser também gozada nos limites estabelecidos nela satisfação das suas necessidades E tudo isso não termina em si mesmo apenas como sabedoria para melhor gozar a vida, mas existe em função da finalidade suprema desta: evoluir. Isto não significa que para ascender seja preciso um masoquismo martirizante. O trabalho da ascese é já bastante grave por si só. Portanto, é saudável a renúncia que ajuda à superação, não a que oprima, impedindo-a. Mas a uma renúncia decidida e enérgica pode ser conveniente para quem se excedeu, sempre como correção do abuso precedente. Em tal caso, que é comum, isto pode ser necessário, mas como corretivo, para restabelecer o equilíbrio Na idade Média se praticavam excessos de ambos os lados: vida dissoluta e renúncia absoluta, insaciabilidade e abstinência, ferocidade e santidade. A virtude está em usar tudo com medida e desprendimento, com a finalidade de viver, e existir com o objetivo de evoluir; o vício está no fato de se usar tudo sem medida, com avidez, para gozar e, assim, involuir. O erro está em fazer de um meio um fim. Tratando-se de um emborcamento, é natural que ele não possa produzir senão resultados invertidos, isto é, sofrimento. A evolução é dura necessidade, mas é também uma arte que, se soubermos exercitá-la, pode dar resultados mais facilmente e, com menos esforço, produzir mais rápidas vantagens menos dor. Mas o homem comum está bem longe de conhecê-la e, portanto, de praticá-la! Deverá, assim, realizar a sua própria evolução de forma não inteligente, caminhando dentro do mar de leis no qual está imerso, não funcionando regularmente como uma máquina bem lubrificada, mas cometendo erros a cada passo e depois obrigado a sofrer para corrigi-los, guiado pela força dos golpes das reações da Lei.

VII

SINAIS DOS TEMPOS

Por mais que o homem procure fazer da sua vontade a lei das coisas, ele não pode deixar de chocar-se com a lei delas próprias Esta impõe as normas constrangendo-o a obedecer Não obstante proclamar-se livre, fica prisioneiro nas malhas de uma disciplina que não pode violar sem cair num estado de desagregação que o golpeia, infligindo-lhe dano. Este fenômeno é tanto mais evidente quanto mais se intensifica a vida social, porque se torna cada vez mais função coletiva em posição de organicidade. Vemo-lo acentuar-se nas grandes cidades, onde só o fato de existir uma aglomeração urbana faz surgir problemas antigamente desconhecidos. Esse estado de convivência bastante compacto vai implicar certamente em limitarão de liberdade individual, bem como a necessidade de ordem e de disciplina. Vejamos isso de modo mais evidente no caso simples da circulação nas estradas. A contínua produção mundial de automóveis, à qual não corresponde uma proporcionada ampliação de estradas para recebê-la, tende a gerar sempre maior congestionamento de tráfego, porque absorve e restringe sempre mais o espaço disponível para cada indivíduo, que hoje não ocupa mais o lugar de urna pessoa a pé, mas de um veículo veloz. Assim, no fim, torna-se inútil possuir rápidos meios de locomoção, quando os imobiliza a dificuldade de circular. Da mesma forma empilham-se, uns sobre os outros, novos tipos de casas, não mais sobre terreno próprio, nem sequer residências geminadas, mas comprimidas, não apenas lateralmente, mas também, verticalmente, nos arranha-céus, com muitos serviços em comum.

Em virtude deste imprevisto impulso em direção à organicidade, produzido pela técnica e pelos novos tempos, o homem é constrangido a adotar novo tipo de vida, a descobrir e observar leis que lhe eram desconhecidas, aprendendo a comportar-se de acordo com suas exigências. Isto é verdade também no campo moral, ainda que o homem não saiba ver até esse ponto. Saber distribuir os meios econômicos, como os direitos e os deveres de cada um nas relações sociais, é uma arte tão necessária quanto saber repartir o espaço na circulação das estradas, ou as normas de convivência entre os apartamentos de um arranha-céu, sem que um elemento se choque com o outro.

Independentemente de qualquer programa político, a tendência ao coletivismo é hoje fenômeno universal. Esta nova posição da humanidade em forma de sociedade orgânica não é problema de democracia ou comunismo, mas biológico, e corresponde a uma fase de amadurecimento evolutivo a qual toda a sociedade humana está atravessando, em todos os pontos do globo. A cisão entre o que parece ser dois opostos, democracia e comunismo, é devida só ao fato de que eles representam os dois extremos do mesmo problema; são como os dois pólos do mesmo planeta. A futura organicidade nascerá no seu equador, ponto intermediário que os une, onde os dois opostos se reencontrara-o depois de haver abandonado cada um os próprios defeitos como excessos, para se equilibrarem na justa medida, compensando-os e corrigindo-os com as virtudes assimiladas.

O equilíbrio da justiça social hoje não existe nem num pólo, nem no outro, inclusive onde o indivíduo, em nome da liberdade, pode legalmente apropriar-se daquilo que não é fruto do seu trabalho, formando grandes riquezas, ainda que possa acumular e gastar, de qualquer modo. A justiça social não existe tampouco onde, em nome do bem coletivo, se tolhe ao indivíduo toda livre iniciativa, nem onde se lhe retira o prêmio da posse que o estimula ao trabalho, de modo a transformá-lo num robô sujeito à grande máquina do Estado. Nesses dois pólos cada um mostra as próprias virtudes, gabando-se dos dois e com eles escondendo os próprios defeitos. Se se colocar como ética absoluta a liberdade, não se alcançará o bem comum. Se se puser no absoluto este último, não se atingirá a primeira. O erro está no exclusivismo que em ambos os casos sacrifica tanto a liberdade quanto a justiça social que deveriam se completar, e não separar-se.

É inútil, portanto, aplicar sistemas diversos, utilizando o mesmo princípio da unilateralidade, dado que o biótipo humano é o mesmo em ambos os lados, substancialmente, com métodos idênticos, no exclusivismo está a raiz de todos os males. A propriedade é ainda um fato sadio e necessário ao homem no seu nível atual, embora esteja pronto a fazer mau uso dela. E, então, aí surge o Comunismo, que, para

o corrigir, a destrói. Disciplina e justiça econômica são outro fato salutar também necessário numa sociedade civil, ainda que o homem esteja sempre pronto a fazer delas mau uso com o escravagismo policial dos Estados totalitários. Por isso, aí estão as democracias, que para corrigi-lo querem a liberdade. De um lado, goza-se da liberdade, mas com o perigo de desordem, conduzindo ao abuso. Do outro, usufrui-se da ordem, mas com o perigo de que o peso da disciplina paralise no homem, que deseja ser livre, o impulso ao trabalho e produção. Em ambos os casos, falta, do mesmo modo, o indivíduo equilibrado e consciente. No primeiro caso, para fazer bom uso da propriedade e liberdade, sem excesso de egoísmo. No segundo, para possuir um sentido unitário coletivo que o faça renunciar ao seu individualismo separatista. E, quando falta equilíbrio e autodisciplina, quando está em falta o homem maduro adaptado, não existe sistema político que tenha o poder mágico de somente com a aplicação de um método, transformá-lo em novo tipo biológico que saiba comportar-se com inteligência. A evolução é lenta. Vivemos, no entanto, em fase de transição de um nível evolutivo para outro. Os dois pólos se chocarão, para se destruírem reciprocamente e, assim, cada um deles não dominar sozinho o planeta. Mas isto será útil à fusão de ambos, necessária à vida que deseja criar novo tipo de sociedade, isto é, uma humanidade no estado orgânico unitário.

Não queremos aqui observar o que divide o mundo, mas, o que há de comum nas partes opostas, porque nessa aproximação consiste o seu futuro Existe um mesmo processo de transformação no Oriente como no Ocidente, u'a mudança em dado sentido que abrange tudo e todos, incluindo as coisas que parecem muito distantes umas das outras. Por toda parte a técnica tende a fazer do indivíduo um átomo econômico automatizado, que desaparece como unidade nos grandes planejamentos de trabalho e produção. A vida reduz-se a um método racional para satisfazer todas as necessidades, sem outra meta. A hipertrofia do progresso técnico produziu o enfraquecer do desenvolvimento espiritual. Tanto no Capitalismo, como no Comunismo, o homem está se tornando, como trabalhador, em simples instrumento de produção e, como consumidor, em máquina de consumo. Ele é considerado uma mercadoria racionalmente calculada, seja como produtor, seja como consumidor, em ambos os casos estudado e manipulado pelo psicólogo.-

Integrado nesta máquina como engrenagem sua, o homem fica seu prisioneiro, com todos os seus desejos satisfeitos, mas constrangido não só a trabalhar para produzir, mas também a receber e consumir toda esta produção, se não quiser ficar sepultado debaixo dela. Assim, a vida gira em torno de si mesma; é vivida apenas no presente, sem nenhuma razão que a justifique e valorize perante metas mais altas, em função das quais nos deveríamos preparar para alcançá-las num futuro mais longínquo. Perante tal utilitarismo imediatista, até as religiões, como qualquer espiritualidade, tornam-se inúteis. Sem um ideal e uma fé que iluminem o caminho da vida, abrindo-a em direção a mais vastos horizontes, ela reduz-se a um simples instante sem significado que aparece encerrado entre o nascimento e a morte, isto é, entre dois abismos de tempo desconhecidos. Corremos para ganhar tempo e depois para desperdiçá-lo, para trabalhar e depois para nos distrairmos, para produzir e depois para consumir, para ganhar dinheiro e depois para gastá-lo. Com isso privamos o espírito, que constitui o íntimo de nossa personalidade, do alimento que lhe é mais vital. Colocados assim neste vazio, procuramos atordoar-nos com a corrida, julgando que velocidade e barulho constituam vida, enquanto não são mais do que agitação de superfícieA evolução conduz à conquista de novas qualidades, um setor de cada vez. É natural, portanto, que o progresso numa determinada direção anule o que foi realizada em outra. A vida não pode proceder à criação de demasiadas coisas e avançar por diversas estradas ao mesmo tempo. Assim, quando tudo se torna ciência, técnica, trabalho produção, industrialização e mercado, as qualidades espirituais tendem a atrofiar-se. Hoje o homem especializou-se na conquista daquele tipo de valores, mas, obedecendo à mesma lei, assistirá à reação representada por uma espiritualização em um plano racional e científico mais positivo e aceitável do que o fideístico atual.

Mas a presente fase significa já um passo à frente e corrige os defeitos e pecados do século XIX. Eram eles os seguintes:

1) — O autoritarismo com o abuso do egocêntrico, pelo qual quem chegava ao comando se reservava o direito de dominar os seus semelhantes. Daí a autoridade do homem sobre a mulher dos pais sobre os filhos, do clero sobre as consciências, dos patrões sobre os empregados, dos estados sobre suas colônias etc.

2) O egoísmo da posse de minha propriedade, exclusivamente reservada para mim.

3) A desigualdade para com os outros. Nascia-se e vivia-se, contra os preceitos cristãos, em posições diversas, de favorecidos ou desfavorecidos, de soberba ou miséria, tudo isso fixado por leis civis e religiosas e transmitido por herança, com a pretensão de durar eternamente.

4) A exploração do trabalho alheio para prover as próprias necessidades.

Essas culpas estão, hoje, diminuindo, quando controladas e limitadas em cada um dos quatro pontos examinados. Assim, advém u'a mudança radical do modo de viver e do tipo de relações sociais. Afasta-se aquela estrutura baseada no individualismo, assente sobre a injustiça do domínio do mais forte, vencedor do mais fraco na luta pela vida, com o direito de abusar, para substituir tudo isso pelo sistema da justiça social. Ao método do separatismo baseado egoísmo, que leva ao triunfo de poucos, sucede outro unitário, que leva à coletivização. Deste modo, indo ao encontro dos vencidos, a evolução se apressa a superar a lei animal da luta que recompensa o forte e esmaga o fraco. Ela alarga o círculo da sua zona de atividade, apossando-se agora dos que primeiramente se encontravam mais em baixo, inertes, esperando o despertar.

Acontece que, suprimidos aqueles vícios do século XIX e evitados os respectivos males, aparecem os do século XX. O perigo do primeiro era tornarmo-nos escravos, o atual é convertermo-nos em robôs. Assim a evolução ascende: corrigindo um defeito e subitamente oferecendo outro, mais avançado, para corrigi-lo depois.

Vemos que, na atual fase de transição, antes que se fixe o novo, ainda resistem os instintos velhos, porque a ciência está transformando o mundo pelo lado exterior, sem que o homem tenha tido tempo de, paralelamente, mudar interiormente. Explicam-se, assim, algumas posições contraditórias, próprias de todas as fases de transição. Até há pouco tempo, o tipo mais adaptado à sobrevivência era o primitivo forte, corajoso, astuto, conquistador. Isto porque era necessário vencer isoladamente em um ambiente inimigo. Este era o tipo admirado e premiado. Hoje o ambiente não é mais um terreno a ser conquistado, cheio de inimigos, a matar, mas é o vizinho igual a nós, e mesmo que não se ame, como aconselha o Evangelho, com ele se deve entrar em acordo, a fim de não se viver em regime de guerra e destruição recíproca. A vida moderna leva-nos cada ver. mais a viver comprimidos na cidade. E, quanto mais se vive juntos uns dos outros, tanto mais se reconhece a necessidade de deixar viver o próximo, para que também ele nos deixe viver. Desse modo, nasce à força um estado de disciplina tanto mais rígido, quanto mais a vida se torna coletiva e complexa, como é a tendência moderna. Ainda que nos queiramos proclamar livres, caminhamos todos necessariamente para uma ordem social cada vez mais compacta. Então, surgem leis de convivência, às quais somos constrangidos a obedecer, e que são próprias do mais alto nível evolutivo, no qual o homem se prepara para entrar As guerras não se fazem somente com a coragem física, mas com inteligência e organização econômica e técnica. O herói de antigamente hoje não seria mais o tipo adaptado para vencer numa luta, porque esta se faz de forma totalmente diversa. Matar individualmente não serve mais para coisa alguma. Isso constitui apenas um delito, doravante inútil resíduo de instintos atávicos que nasceram quando era necessário matar para sobreviver. Hoje se procura desafogar tais impulsos agressivos, por falta de outros mais evoluídos, através de competições desportivas, de aventuras arriscadas dos romances policiais, das crônicas de delitos e outros equivalentes materiais e mentais com os quais se possam satisfazer os instintos bélicos e sanguinários elaborados no passado. Procura-se, assim, limitar o desabafo ao plano emocional, até que consigamos desabituar-nos desta forma mental.

Este fenômeno faz parte de um processo de coordenação dos elementos que se chocavam entre si no caos do AS, a fim de levá-los, progressivamente, para um estado de ordem dentro da Lei, próprio do S. Caminha-se, assim, de um regime de rivalidade, guerra e injustiça para outro de colaboração, paz e justiça. Hoje a força bruta já aparece limitada, e, mais tarde, será a vez de circunscrever também a astúcia.. Trata-se de uma disciplina, como a do trânsito, também necessária para uma mais rápida e segura circulação mental no seio de uma sociedade civilizada. Será do interesse de todos que isso aconteça, porque invadir o recinto da liberdade dos outros em um mundo organizado será furto de espaço vital em prejuízo de cada um. Dessa forma, está-se formando, progressivamente, uma consciência coletiva contra tais atentados.

Assim está se sucedendo em nossos tempos. Um salto para a frente quer dizer evoluir para novos estados de unificação coletiva e orgânica, na qual vai aparecendo mais evidente a ordem da Lei. Tal organicidade significa um tipo de vida mais complexo e completo. Para isso a humanidade está laboriosamente se preparando. O movimento neste sentido se está iniciando hoje na forma de um nivelamento igualitário destrutivo das diferenças individuais das diversas personalidades, para fundi-las na uniformidade cinzenta do produto feito em série. Ora, se para o indivíduo pode ser mais cômodo e protetor assemelhar-se aos outros misturando-se na corrente, tal homogeneização, que reduz todos ao mesmo tipo monotonamente repetido, não é ainda o estado orgânico ao qual tende a evolução. Este, ao contrário, não consiste em sufocar e fazer desaparecer a personalidade, mas em desenvolvê-la e acentuá-

la, para depois coordená-la com todas as outras, fundindo-se em seguida, para formar um corpo coletivo. O movimento atual terminará assim acabando por tomar uma forma diversa daquela com que ele hoje se está iniciando. Tal processo evolutivo não consiste em suprimir as diferenças, mas em colocá-las de tal modo que colaborem entre si. Logo. a especialização não prejudica, antes favorece o fenômeno, porque não afasta e, sim, avizinha e acaba não dividindo, mas unindo. Esta união não é, porém, do tipo representado pelo grupo formado da soma de elementos homogêneos, mas de outro tipo, constituído por indivíduos diferentes, engrenados num conjunto, para realizar um trabalho coletivo, em que cada um, conforme as suas respectivas capacidades, traz a sua contribuição em função das oferecidas pelos componentes do grupo. Eis a posição de organicidade a ser alcançada pela futura humanidade, isto é, a situação das diversas engrenagens de u'a máquina para cujo funcionamento todos eles colaboram, precisamente porque são diferentes. Não se trata de um aglomerado de elementos, porém da sua função em uma unidade coletiva.

O esforço para dar este salto evolutivo manifesta-se hoje com um confuso desejo de renovação. É natural que as suas primeiras manifestações sejam desordenadas, dirigidas mais para destruir as coisas velhas das quais se conhecem os defeitos e de que se está saturado do que a construir o novo que ainda se ignora Diz-se que o mundo hoje é pior. Mas isso é apenas porque o defeito agora é visível, enquanto antigamente estava encoberto. No entanto, assim se varre melhor a casa do que quando a imundície estava escondida e a casa parecia limpa. A função da nova geração é fazer limpeza. O mundo está cansado de truques camuflados de verdade e quer ver a realidade, qualquer que seja, nua e crua como deve ser. Os jovens puseram-se a varrer a casa, limpando-a precipitadamente e, assim, destruindo também o que é bom e belo. Mas, se é agradável ter tudo asseado, acontece que se jogam fora também as belas e boas coisas quando não estão limpas. Recomeça-se desde a primeira fase, e existe tudo para refazer. Feito o vazio, outras gerações deverão pôr-se a trabalhar para construir no terreno desimpedido. O nosso trabalho é mostrar nestes escritos o que se poderá fazer, quando se tratar de reedificar.

Uma das inovações em que se baseia essa reconstrução consiste em substituir o princípio de autoridade (segundo o qual quem comanda se interessa, em primeiro lugar, em submeter seus dependentes para conservar o poder) pelo da inteligência, que implica pensamento e consciência, para se chegar à compreensão e cooperação. Em resumo trata-se de passar do estado de luta separatista ao orgânico colaboracionista. Isto em todos os campos da estrutura social onde haja quem comande e aquele que obedeça: na luta de classes, na política, no trabalho, na economia, na educação. na religião. Enfim, procurar o entendimento, reconhecendo as recíprocas necessidades e, assim, entrar em acordo para satisfazê-las melhor, o que não se pode fazer lutando para se esmagar mutuamente. O progresso consiste em substituir este outro método pelo velho. Hoje o espírito de luta invade tudo. Quem comanda peleja para manter a sua posição; quem depende se esforça para libertar-se de tal estado de sujeição. Há luta entre ricos e pobres; entre governantes e povos; entre patrões e empregados nas organizações de trabalho e produção; entre educadores, sejam eles professores, moralistas ou progenitores, e os seus discípulos; entre a autoridade religiosa e os seus fiéis etc. Sempre luta em cada campo. Ora, o novo homem, mais inteligente, acabará por compreender que a opressão excita reações às quais depois terá de resistir; o tempo e trabalho desperdiçados para litigar e as energias gastas neste atrito significam diminuição de riqueza, bem-estar, harmonia, educação e progresso moral e espiritual.

Esta é a grande transformação que a humanidade deverá iniciar neste final de século para preparar-se a pô-la em prática, plenamente, no próximo milênio. Condenado, pelo menos entre os indivíduos, o uso da força, antigamente base do Direito, continua a sê-lo no campo internacional. Desta fase atual, que já é um progresso perante o estado primitivo de pura violência, a humanidade passará a outra ainda mais avançada, na qual a mente será usada para fins mais altos que não sejam conquistar vantagens tecendo enganos e mentiras em prejuízo do próximo, o que significa usurpação, sem nada ter de eqüidade. Então, a inteligência será usada menos estupidamente, de forma mais rendosa, para resolver o problema do conhecimento e os de nossa existência, a fim de vivê-la de modo menos doloroso e mais proveitoso do que o atual. Será, no entanto, necessário acabar com o sistema de pensar somente em si, não se importando com o dano que a própria vantagem pode acarretar aos outros, sem compreender que, num regime de contínuas trocas, o mal e o bem são comuns, e acabam por voltar ao remetente. A maior revolução deverá ser moral, como complemento da que já está em ação, a tecnológica, que por si só leva à transformação do homem em robôs mecânicos e não à espiritualização, o que não constitui verdadeiro progresso.

Nos países mais civilizados, já se começa a compreender a grande utilidade de ser honesto, em lugar de ludibriar o próximo com astúcias. Os países mais atrasados, ao contrário, por um feroz egoísmo e

espírito de mentira, estão reduzidos a um inferno onde não se pode produzir para melhorar, mas somente roubar e fugir. Mas aqui e ali, em algum ponto do globo, começam-se a manifestar sintomas de mudança no método de vida. O movimento aparece entre os jovens, porque é através deles que a vida se renova. Eles procuram clareza, sinceridade; colocam a nu os problemas para resolvê-los, em vez de os esconder no silêncio. Os adultos são ainda da velha escola e preferem ocultar a verdade, julgando não existir aquilo que não se vê. Mas os jovens o descobrem, porque querem ver, compreender, resolver. E neste momento que nasce o escândalo, porque se descobre que muitos problemas não estavam de fato resolvidos, e, muitas vezes, a moral oficial era u'a mentira, a autoridade um meio de comandar para vantagem própria, a religião uma hipocrisia, e assim sucessivamente.

Eis já um início de renovação contra o passado. Em alguns países, já se denunciam os erros dos adultos que se tornaram mestres para ocupar posições de comando e não para formar um sociedade melhor, isto é, denuncia-se a traição da missão da qual os dirigentes procuram conservar a investidura, mostrando-lhes que a realidade é diferente da que proclamam. Em vários pontos da Europa, já se vê despontar esta reação contra os velhos métodos de vida. Procura-se, assim, quebrar a cadeia a que se deveriam sujeitar os não saídos ainda da menoridade, os quais, uma vez adultos, dominariam a geração sucessiva. Passava-se este peso de uma a outra geração que tinha vencido na luta pela vida e que, agora, deveria pensar primeiramente em si, se quisesse sobreviver. A revolução consiste em substituir a noção clássica de autoridade-direito, com fim egoísta, isto é, para vantagem de quem a possui e prejuízo de quem a ela está sujeito, pelo conceito de autoridade-dever, para o bom coletivo. Neste caso, a autoridade, sendo também para vantagem de quem dela está dependente, não gera a clássica revolta dos subordinados contra os patrões.

Em novo estilo a orientação educativa não se baseia mais numa imposição dogmática assente em temores reverenciais. Pelo contrário, é eliminado tudo quanto provoca afastamento, e favorecido tudo aquilo que signifique aproximação, de maneira a estabelecer não mais um relacionamento baseado, de um lado, no comando e, do outro, na subordinação, temor e mentira, mas, sim, na igualdade, confiança e compreensão, de modo que se possa criar um diálogo. Até agora, por causa da imaturidade geral, não só dos educadores, mas também dos educandos, não se seguia o método da compreensão, mas o da imposição como sistema educativo. No regime de luta em que se vivia, o educador, para não ser vencido, devia por força tornar-se um domador. Mas com este processo a obediência que se conseguia era cheia de desconfiança e de rancor. Então, se a personalidade do indivíduo, apesar de torcida pelo esmagamento, sobrevivia, ela ficava esperando o momento da revolta, e a sua obediência era fingida, exterior e passiva. Se, entretanto, aquela personalidade era destruída pela opressão exercida, ela aderia, simplesmente como um autômato, ficando sua obediência ainda mais inerte e passiva. O resultado era sempre uma destruição o não uma criação de valores. Ora, a função do educador não consiste em exercer a sua profissão com a menor fadiga e a maior comodidade possível, fazendo o seu trabalho para submeter outras personalidades, mas em desenvolvê-las para que elas cresçam e se aperfeiçoem. Deste trabalho depende a formação da humanidade futura. Ele é, portanto, de fundamental importância. No passado fez-se isto demasiadamente ao contrário, tendo como resultado os belos exemplares de hoje.

Quantas energias se desperdiçaram e que prejuízo para todos, só porque cada um andava em busca da sua egoística vantagem! Deste modo, na realidade se educava com hipocrisia, sendo esta a substância daquilo que se aprendia, porque esta era a essência daquilo que se ensinava. Assim se fabricava ou um tipo de indivíduo que mordia o freio à espera de se revoltar quando chegasse a adulto, ou um tipo de falido não mais capaz de se afirmar na vida. Este é o resultado, quando o objetivo da autoridade é fabricar seres obedientes. Em resumo, o mais bem educado, segundo o velho sistema, era o que aprendia o jogo escondido, que consistia em saber conquistar a sua própria vantagem sob a aparência de pessoa de bem, religioso praticante, exaltador da virtude, cidadão irrepreensível. A autoridade tacitamente aprovava o sistema, porque detinha a parte que mais lhe importava: o respeito devido. Assim, educado na arte da hipocrisia, o indivíduo encontrava-se de acordo com todos, sendo tolerante para com as fraquezas dos outros, que cuidava de não denunciar, porque com isso poria as suas a descoberto. Não incomodava ninguém, até se tornava simpático, fazendo assim carreira no mundo, tudo isto de modo a alcançar uni ideal de paz e harmonia. O que de melhor se podia desejar? Até agora a sociedade tem avançado com esses acordos secretos, mas com os resultados que acabamos de ver. Como por um tácito consenso, cada um podia infligir certa dose de dano ao próximo, para isso tirar a respectiva vantagem, de maneira que permitisse ao semelhante aplicar outro tanto em prejuízo de terceiros, para colher também a sua própria vantagem. Assim se praticava a arte da convivência pacífica.

Com tal método, no entanto, aquele prejuízo se transmitia de indivíduo a indivíduo, passando-o

cada um ao seu vizinho, até que chegasse àquele que deveria absorvê-lo e pagá-lo. Seria natural que existisse uma classe de prejudicados, adaptados à função de vítima: jovens, porque desarmados; dependentes, porque sem meios; crentes, porque simples; os quais, pela sua posição de inferioridade, deviam aceitar essa situação. Ora, o dano todos o sentem, porque queima. Mesmo que não cheguem a descobrir de onde lhes é imposta a queimadura para poder reagir contra a sua origem, forma-se nas vítimas um ódio tal que procura todas as ocasiões para desabafar, fazendo sofrer qualquer um. Até hoje a sociedade viveu arrastando este enorme peso de forças negativas que a agridem a cada passo.

O grande escândalo dos novos tempos é querer ser leal e honesto, é pretender descobrir e denunciar tal jogo, é querer finalmente destruí-lo para não ser mais vítima e, assim, truncá-lo definitivamente, para que não se transmita às gerações futuras. É natural que tais pretensões levantem o partido fortemente consolidado dos bens pensantes, acomodados nas suas posições, nas quais não querem ser perturbados. O problema deles é assegurar o respeito, que é a garantia da sua defesa e sobrevivência. Acontece que, descobrindo-se hoje o velho jogo, ele não serve mais, e quem o praticava com habilidade encontra-se por terra, desarmado. Por isso grita que é um escândalo. Assim, um dos elementos se deslocou, e os que deviam submeter-se àquele jogo não o aceitam mais. A cadeia ficou assim rompida. O passado, todavia, resiste a uma sociedade que já tem os pés no amanhã, mas, algumas vezes, ainda pensa com forma mental remanescente da Idade Média. É necessário, contudo, libertar-se de tais erros, se se desejar viver menos carregado com tantas lutas e dores. A moral permanecerá, mas as culpas serão diferentes, não as de índole privada, que não dizem respeito senão ao indivíduo, mas as que prejudicam a coletividade, como, por exemplo, viver sem trabalhar, possuir em excesso, o parasitismo econômico, o abuso de autoridade, o furto que sabe fugir à lei, tudo o que é contra a ordem e o bem dos outros. Será u'a moral que respeita mais a liberdade privada e mais preocupada em satisfazer os interesses coletivos, o que significa, numa justa distribuição, satisfazer os de cada um.

Ora, não se pode impedir que o mundo se vá transformando nesta direção, na qual se move o fenômeno evolução. Já aqui e acolá se nota este trabalho, tanto no plano político, como no social, econômico, moral e religioso, com tentativas de adaptação a novos tipos de vida. Procura-se desmantelar a hipocrisia para se chegar a uma forma de coerência entre o que se prega e o que se pratica, mesmo que, para chegar a isso, seja necessário dizer de outro modo, para que tudo corresponda à realidade da vida. Perante o homem novo, que será mais inteligente, o ardil da hipocrisia se tornará uma ridícula puerilidade. Vemos aparecer sinais de tal transformação no fato de que, em alguns povos mais avançados, a mente — especialmente no ensino — não é mais usada nas suas qualidades inferiores e, sobretudo, como registrador mnemônico, mas nas suas funções diretivas de compreensão e orientação. Assim, não se carrega mais a inteligência com o peso de um árido amontoado de noções, para o que bastaria a técnica de pesquisa de biblioteca. O ensino não é mais imposição de idéias, porém desenvolvimento de personalidade, de capacidade de raciocínio e de juízo. É um exercício que, com o livre intercâmbio e o estímulo ao pensamento, tende à formação de uma mente autônoma e madura. Então, o professor não é mais um repetidor que transmite noções recebidas, ou que impõe idéias por autoridade, em vez de fazer demonstrações e expor suas convicções; não é mais o sapiente absoluto que não discute, mas apenas sentencia. O aluno, por sua vez, não é mais um recipiente para encher com dados e informações, mas um ser que pensa também com a sua cabeça, faz perguntas, critica. podendo, inclusive, não aceitar os pontos de vista do mestre, quando saiba apresentar justificativa. São essas as qualidades que mais valem e que são desenvolvidas. É certo que para o professor é menos fatigante o método de repetidor de sabedoria, mas isso não basta para formar homens. A escola do futuro deverá servir para preparar os jovens a resolver os problemas da vida e não para fazer eruditismo e colecionadores de noções que os tornarão cultos, mas fora da realidade.

Concluindo : a nova posição é oposta à precedente, isto é, a geração dos adultos não se ocupará apenas de manter, com base na autoridade, as suas posições, nem os jovens pensarão em conquistá-las tolhendo os meios aos detentores. Acontecerá, ao contrário, que a primeira se ocupará de educar a segunda, estimulando-lhe o que tiver de melhor, e esta aceitará tal ajuda para colaborar depois com os adultos no interesse comum. E não pensará em libertar-se deles como se fossem um obstáculo à sua própria expansão vital. O que nos conforta é ver que, nos países mais civilizados, várias idéias sustentadas na Obra em seu início, então olhadas com desconfiança, começam agora a ser sentidas e postas em prática.

Um sinal evidente de tais mudanças o vemos nas novas atitudes do Concílio Ecumênico Vaticano II. Na parte final no volume Constituição, *Decretos, Declarações* (Editora Ave, Roma, l966~. no Capítulo "Liberdade Religiosa", aparecem textualmente estas palavras:

Este Concílio Vaticano declara que a pessoa humana tem o direito à liberdade religiosa ***(. . . .)*** *os seres humanos devem ser imunes à coerção por parte de qualquer poder humano, de maneire que em matéria religiosa ninguém seja forçado a agir contra a sua consciência* ***(. . . .)****. Cada um tem o dever e, portanto, o direito de procurar a verdade em matéria religiosa* ***(. . . .)****. Os imperativos de lei divina, o homem os colhe e os reconhece através da sua consciência, a qual deve seguir firmemente para alcançar o seu fim, que é Deus. Não se deve, portanto, constrangê-lo a agir contra a sua consciência* ***(. . . .)****. O exercício da religião consiste antes de tudo em atos internos, voluntários e livres, com os quais o ser humano se dirige imediatamente para Deus, atos que não podem ser nem impostos, nem proibidos por uma autoridade meramente humana.*

Mesmo que tais disposições possam ter sido provocada. pelo desejo de obter liberdade religiosa no seio de regimes que a negam, representam, entretanto, um grande passo à frente no terreno da liberdade de consciência, tendo sido esta até ontem oprimida a seu modo, como o Comunismo faz agora também de outra maneira particular. Isto demonstra não só que a Igreja com a sua divina inspiração não dirige os tempos, mas, no evoluir de tudo, é dirigida por eles, como também que a verdade, mesmo a inspirada por Deus, é relativa e progressiva. Por isso, se as teorias de nossa Obra até ontem eram condenadas, hoje é lícito ser convencido por elas e professá-las, em vez de Ler que se retratar, como antes havia sido ordenado pela condenação do Santo Oficio (ver mais à frente o Cap. "O Problema Religioso. A Obra Perante a Igreja"). Assim, arrastada pelo amadurecer da vida, a Igreja teve de atualizar-se à força, reconhecendo aquilo que, finalmente, era um fato inegável e incoercível, isto é, que com Deus se fala sozinho, que o verdadeiro diálogo é feito somente com Ele, sem ministros intermediários, livre de qualquer opressão de consciência.

Vê-se outro sinal dos tempos: o novo ajuizamento a respeito de Teilhard de Chardin, no mesmo ambiente eclesiástico. Em certas conferências e revistas, depois de se ter cuidado dos sofrimentos morais vividos por ele no longo exílio, admite-se que tenha sido um "gênio religioso e um dos maiores cristãos deste século". Tal mudança é intitulada: "Um Ato de Justiça". O sistema é sempre o mesmo: primeiramente se martiriza e depois se santifica; a autoridade, mais forte, salva-se, e o indivíduo, isolado e fraco, é submetido. Depois ela se atualiza, e tudo fica em ordem. Acontece como se um indivíduo depois de ter praticado o mal, sem ao menos reconhecê-lo, fosse considerado inocente por ter sido mudada a lei, de modo que, segundo esta nova lei, aquilo que ele fizera não mais teria sido mal; e dessa forma inocente. Admite-se: ele já que não fora punido, agora reabilitado, não chegou a sofrer, sendo a sua dor anulada. Quantas coisas pode fazer a autoridade, porque tem a força do poder, as quais, para o indivíduo, que não a possui, são condenadas como culpa!

Estes não são senão alguns aspectos do movimento evolutivo do mundo que está deslocando as posições tradicionais, às quais ele se havia adaptado durante séculos. Fala-se de diálogo, de encontros de cúpula, de aberturas, tanto no campo religioso, como no político. A novidade é que se procura um entendimento através de contatos. Lançando pontes entre as partes contrárias, procura-se resolver os problemas da vida, o que é interesse de todos, em vez de se lutar sempre para prejuízo recíproco. Começa-se a compreender como tal sistema é contraproducente e, assim, procura-se outro mais inteligente e rendoso. Não há dúvida de que se trata de um método mais civilizado do que o de discutir, matando-se uns aos outros e provando ter razão com o suprimir do adversário. Estamos nas primeiras tentativas, e já tomando esta direção, fato novo na História; como prova, sem dúvida, de inteligência.

Encontramo-nos perante um processo de aceleração da História. Estes sinais dos tempos nos mostram que vivemos num período onde as mudanças se sucedem com uma velocidade que, no passado, não se concebia. Parece que hoje o fenômeno do transformismo evolutivo se encontra em fase de precipitações, movendo-se a passo acelerado. Assim, o velho conservadorismo se extingue, apesar de em outros tempos ter existido no caos das idéias uma grande função estabilizadora, protetora dos valores conquistados e das posições em que eles se entrincheiravam. Mas, no momento necessário dos deslocamentos do equilíbrio em que a vida é tomada da febre de renovação criadora, aquele conservadorismo não serve mais, porque está freando, opondo obstáculos e, por isso, é posto de lado. Em matéria religiosa, o Concilio não enfrentou, nem resolveu nenhum problema de base. Disse apenas: começamos a raciocinar. Ao fiel foi reconhecido o direito de pensar; agora, ele mais do que acreditar, se pôs a pensar. De agora em diante, vê-se que a inspiração divina, guia infalível, na prática depende sobretudo da aprovação e aceitação da opinião pública. O grande progresso atual está no fato de que doravante se aderirá a uma fé não por obedecer cegamente a uma autoridade, mas porque esta dá prova de estar com a verdade. E, portanto, seguida por convicção e não por constrangimento. Hoje se começa a compreender que o ato de fé das religiões foi, pelo referido espírito de conservadorismo, cristalizado na

forma de um tradicionalismo consagrado, e que dessa maneira se matava a fé na sua essência, que é crescimento e criatividade, vida e movimento, e não mumificação de antigüidades num museu.

Os refratários são constrangidos por esta onda evolutiva a se atualizarem, a fim de não ficarem ultrapassados. Assim, a vida confrangeu a Igreja, que, para se conservar, queria deter, em nome de Deus, a sua ação criadora no mundo. Verificou-se, então, uma inversão de posições: os que haviam sido condenados encontraram-se subitamente na vanguarda, e a autoridade pôs-se a correr para não ficar superada. Este é o caso do personagem de quem aqui contamos a história. Amadurecido por si só, em antecipação ao grande movimento coletivo da onda histórica, havia-o anunciado e explicado nos seus escritos, mas, não podendo nem determiná-lo, nem impô-lo, resolveu construir-se por sua conta, vivendo rapidamente, incompreendido, sozinho, aquela tempestade evolutiva que investirá a humanidade no terceiro milênio. E agora, na velhice, no fim do seu trabalho, ele se consola ao ver que também o mundo se move na mesma direção, iniciando o mesmo processo de transformação que ele terminava. Isto é natural, dado que os vastos movimentos de massa, que são os mais resistentes às mudanças, são também os mais lentos a se determinarem. No fundo, trata-se sempre da mesma onda histórica, que, antes e depois, arrasta todos. O fenômeno evolutivo, nas suas fases de preparação para amadurecer, é o mesmo para todos.

Tais afirmações não se baseiam numa filosofia pessoal, mas na demonstração da existência de uma Lei que tudo regula e na exposição do seu conteúdo, com o objetivo de chegarmos a nos comportar mais inteligentemente, evitando erros e, portanto, sofrimentos. O nosso personagem tinha controlado experimentalmente tudo isso durante toda a sua vida, colocando, no mais arrebatado vôo em direção a realizações futuras, o mais positivo sentido da realidade. Ele tinha nascido do lado dos dominadores, e a sua salvação foi não ter cedido á tentação de aceitar esta posição de privilégio. Ao colocar-se contra o inundo, mas do lado da Lei, ele tinha usado a sabedoria do evoluído, aquela que será adotada pelo homem mais inteligente do futuro. Pondo-se a funcionar de acordo com a Lei, ele se viu imerso na correnteza da vida, que o levou para a frente, porque secundava os movimentos em direção aos seus fins. Assim, em vez de desperdiçar as suas energias em obras de destruição e correr atrás de miragens, como se usa no mundo, pôs-se a construir a sua nova casa num plano mais alto, onde a vida é menos dura. Ao trabalho negativo tinha preferido o positivo, realizado em função do amadurecer do momento histórico que ele tinha querido viver plenamente, antecipando-o. Nascido no coração do velho sistema, desafiando-o, recusou o banquete hereditário que o passado lhe oferecia. Em vez de deixar-se seduzir, quis seguir um método diverso de vida: aquele que temos ilustrado nestas páginas e que será o do homem evoluído de amanhã. Quis, em suma, viver com conhecimento e consciência, sem enganar, nem ser enganado.

Sentia à volta de si as leis da vida funcionando efetivamente, constituídas por muitas forças vivas e pensantes, com as quais era possível raciocinar, estruturadas ao mesmo tempo por uma inteligência, como por uma vontade própria e potência de ação. Conhecendo-as, ele se entrosou com o funcionamento dessas leis e movendo-se de acordo com elas, era pelas mesmas sustentado. Deste novo método de vida, num plano em que se é consciente da atividade orgânica do universo, ele tinha feito a sua arma de defesa na luta pela sobrevivência. Via que essas forças teciam a trama interior da História, da qual podia sentir o futuro desenvolvimento. Nesta urdidura ele se integrava e vivia com antecipação tais acontecimentos. Assim, a vida tornava-se uma coisa imensa, transportada a outras dimensões, lançada para planos de existência mais altos. Aquilo que poderia parecer loucura incompreensível era, ao contrário, a mais audaciosa aventura da vida: tentar o grande salto para a frente, em direção a mais avançado nível de evolução.

* * *

Um novo sinal dos tempos aparece enquanto estou escrevendo na primavera de 1967, com a *Encíclica Populorum Progressio* de Paulo VI. Ela enfrenta os mais escaldantes problemas atuais e foi definida como o documento mais corajoso de nosso século, tanto que nos ambientes imobilizados pareceu imediatamente como revolucionário. E no entanto ele constitui uma série de tentativa ao diálogo para um bom entendimento, colaborando, de comum interesse, conforme princípios de justiça, para resolver mais inteligentemente os problemas, em vez de usar o tradicional sistema de lutas, acabando com o matar-se uns aos outros. A Encíclica é um apelo à responsabilidade implícita na nova liberdade concedida, porque deveria corresponder a uma presumida maturidade de consciência que o homem, atualmente, teria alcançado. A imprensa viu na Encíclica unia concessão econômica notavelmente avançada, "quase marxista", um favorecimento em direção à parte oposta, fato que escandalizou os velhos conservadores

Até a Igreja através desse documento, mesmo que seja em sentido Cristão, se orienta para os programas de justiça social que pareciam monopolizados pelo Comunismo. Eles, no entanto, vão pertencendo sempre mais a toda a humanidade, porque representam o produto do momento histórico atual, um novo grau na ascensão evolutiva Este documento confirma as nossas afirmações e previsões a respeito das futuras relações entre Capitalismo e Igreja de um lado e Comunismo do outro.

Não vamos analisar todo o documento. Desejamos tão somente resumir e focalizar, para nossa orientação, alguns dos principais problemas por ele tratados, sobre os quais a Encíclica chamou a nossa atenção. lá dissemos noutro lugar que Capitalismo e Comunismo não constituem senão as duas posições extremas de u'a mesma verdade que se alcança tomado de cada uma o que tiver de melhor, e eliminando o restante. Isto pelo fato de que cada extremo tem os seus méritos num sentido e os seus defeitos no sentido oposto, precisamente porque, como extremo, é unilateral, feito portanto para ser compensado, isto é corrigido com o elemento oposto que lhe é complementar. Isto no AS, em nosso Universo emborcado, é um processo utilizado pela vida para formar uma unidade, utilizando o método dos contrários pelo qual costuma construir e colocar em luta entre eles dois termos antagônicos para que cada um se compense e assim possa corrigir seus próprios erros; primeiro com o contato, depois com o choque e finalmente através da luta demolidora. No momento atual estamos ainda na fase do contato e do choque pelo qual cada um fica ainda fechado no seu recinto em posição de ofensiva e defesa, vendo e exaltando apenas os seus méritos sem ver os próprios defeitos, e acusando a parte oposta dos seus defeitos sem ver aqueles méritos. Assim, ouvindo as duas partes, se pode conhecer toda a verdade.

Quais são estes méritos e defeitos? O Capitalismo exalta a livre iniciativa, o Comunismo a justiça social. Mas cada uma das duas afirmações tem as suas vantagens e as suas desvantagens. A liberdade econômica, sustentada pelo Capitalismo, sem dúvida conduz à produção, porque corresponde à natureza egoísta do homem que, quando se trata dos próprios interesses, trabalha mais. Mas este sistema conduz a uma injustiça: a desigualdade econômica. Do lado oposto a justiça social, sustentada pelo Comunismo, conduzindo a uma coletivização, que sem dúvida é igualdade, e no entanto suprime ao indivíduo a sua livre iniciativa, que constringe a recorrer a um regime de produção forçada, ao qual a natureza humana se rebela, com resultado negativo, porque se trabalha muito e se produz pouco.

A primeira coisa que se deveria ter em conta ao elevar o edifício (tipo social) é o material (o homem) com o qual se deve construí-lo. Os sistemas econômicos e políticos procuram enquadrar o ser humano a seu modo. Verdadeiros capuzes colocados sobre o homem, que por sua vez continua a andar pela sua própria estrada, adaptando-os e torcendo-os a seu modo. Esta é a realidade O resto é superestrutura. Assim as teorias mudam com o tempo. com as necessidades do homem, conforme o seu grau de evolução e o momento histórico que as expressam.

Ora a diferença entre Capitalismo e Comunismo está no considerar o homem como indivíduo, ou como coletividade. De fato a primeira posição corresponde àquilo que realmente é a natureza humana, satisfazendo melhor a sua vontade. Conceber o homem em forma orgânica, como coletividade, pode representar um conceito evolutivamente mais avançado, mas ele tem de ser imposto coativamente para poder ser praticado por um biótipo, ainda não maduro. O primeiro sistema então, por ser mais adaptado ao atual tipo de homem oferece a vantagem de seu maior rendimento. Mas o segundo sistema é uma tentativa de novas construções, e como tal percorre os tempos, antecipando o futuro, oferecendo a vantagem de iniciar a evolução; dando á sociedade uma estrutura orgânica, que representa uma fase de vida mais evoluída e perfeita. Ora, o Comunismo é filho de uma revolução e o objetivo desta é sempre o de introduzir novos fermentos à vida. Mas a conquista é fatigante, cheia de lutas e contradições, de erros e excessos, como vemos acontecer. Custa muito a escalada a novas posições biológicas. Indubitavelmente a liberdade oferece vantagens, mas oferece também um estado de disciplina que a limita quando este conduz à organicidade própria de uma civilização mais avançada.

No fundo trata-se de um movimento emergindo da profundidade e tendendo a conduzir para novas formas de vida social, penetrando, hoje, em toda a humanidade. O momento histórico o aceita, o que prova ser ele oportuno, isto é, chegou a sua hora. E certo que o velho homem quereria permanecer nos velhos esquemas do passado. Mas os princípios de justiça social se estão expandindo em todo o mundo, e estão penetrando profundamente, em forma de previdências e providências, até há pouco desconhecidas nos mais diversos países. Poder-se-ia dizer que o Comunismo é um dos efeitos melhor observado de um fenômeno universal e que se manifesta em toda a parte, porque é o resultado de um estado de maturação da humanidade que se prepara a passar para formas de vida social mais progressistas. De fato este movimento não é isolado, mas é acompanhado de paralelos fatores de desenvolvimento, que são necessários para o seu afirmar-se com êxito: descobertas científicas, rapidez de comunicações,

aumento de cultura, elevação de nível de vida etc. Assim tudo rapidamente se transmite, comunica, encontra os meios para realizar-se.

Eis que o contágio do melhor funciona e se estende até ao campo oposto. O resultado, no entanto, que mais vale e serve a vida, é selecionado e utilizado. Assim os princípios de justiça social lançados pelo Comunismo se transmitiram aos países capitalistas, aperfeiçoando o seu sistema de liberdade, com reconhecimento de muitos direitos, anteriormente ignorados. E, ao mesmo tempo, o princípio da livre iniciativa, lançado pelo Capitalismo, começa a ser reconhecido nos países comunistas com maior respeito pelo indivíduo e pela liberdade. Estes para obter maior rendimento humano, aqueles, os países capitalistas, para viverem com mais justiça. Ambos vão se avizinhando, compreendendo, assimilando.

O sentido profundo de todo este trabalho é de chegar a.. amalgamar num só organismo esta massa humana feita de elementos ansiosos por se dominarem e destruírem reciprocamente porque assim os construiu o animalesco passado biológico. Aqui também outros paralelos fatores de desenvolvimento concorrem para alcançar aquela unificação: a concentração do poder mundial em duas ou três nações principais, em torno das quais giram todas as outras como satélites; o potencial bélico atômico concentrado em poucas mãos de modo a suprimir as pequenas guerras não mais toleradas, a eliminar as grandes porque não haverá mais vencedores e sim a destruição de todos.

Ora, uma Igreja espiritualizada não podia ser contrária a este impulso ascensional que hoje domina o momento histórico. Este é o fato novo que aquela Encíclica representa. Procurando realizar a justiça social, a Igreja não contradiz os seus princípios evangélicos. É verdade que com a tão vasta aplicação ela chegue atrasada, e somente agora. Mas é também verdade: possuir princípios eternos não basta para que possam realizar-se enquanto não tiver chegado o momento histórico adaptado, que o permita de acordo com a maturação do grau evolutivo necessário. Nada pode acontecer fora da sua hora, isto é, enquanto o tempo não levar o transformismo até ao ponto devido, somente um evento pode reunir todos os elementos necessários para manifestar-se. Assim virá o dia, quem sabe ainda quão longínquo, da total aplicação do Evangelho.

O que dá razão ao Capitalismo é a imaturidade do homem, para saber comportar-se, coletivamente O que não dá razão ao Comunismo é a necessidade de recorrer à força para poder aplicar a justiça social. Tudo isto se justifica porque o homem deseja permanecer como tal. Que não exista outro meio para impor a justiça social temos aí a prova: com o amor e as boas palavras, em dois mil anos o Evangelho, até agora, realizou bem pouco. Era necessário chegar à maturidade mental de hoje, para compreendei- que desinteressar-se pela sorte do próximo é um prejuízo coletivo, que acaba por golpear também o indivíduo. Nos habituamos a acreditar: quando uma coisa pertence a todos, por esse motivo não é de ninguém e pode ser negligenciada e destruída; desta forma, acredita-se: o mal que se faz aos outros não é mal, porque não foi contra nós Pelo contrário, estamos todos no mesmo mundo, onde é sempre mais difícil nos isolarmos. Assim não pode haver um rico feliz, enquanto ao seu lado existir um pobre. Por isso as várias classes sociais tendem a reagrupar-se em diversos bairros urbanos. Mas a tendência moderna não é a de distanciar o pobre, o que não resolve, mas erguê-lo da sua pobreza, de modo que com esta não infete mais o corpo social. A tendência é para uma homogeneização a um nível médio, fazendo de um mínimo de bem estar um fenômeno coletivo, resultado da colaboração.

Hoje se opõem ricos e pobres e ao contrário, em forma de luta de classe. Mas o tipo de homem que constitui estas classes é o mesmo Então condenar ou exaltar conforme a posição social, em vez de se ter em conta caracteres pessoais, não corresponde à realidade. Não se pode portanto tomar uma só atitude nem a favor dos ricos, nem dos pobres, porque todos são levados aos mesmos abusos, Só que em posições diversas. Na prática pode tratar-se de um indivíduo demasiado rico e desonesto, ao qual então é justo privar do supérfluo. Mas pode também tratar-se de um indivíduo pouco rico e honesto, que com o trabalho se fez uma modesta base para viver civilizadamente, o qual merece gozar o fruto dos seus esforços e não tem nenhuma obrigação de distribuí-lo com os pobres que, podendo fazer aquele trabalho não quis porque não teve vontade de fazê-lo. Da mesma forma o pobre zombador, preguiçoso, desonesto, inclinado ao ócio, ao vício, ao esbanjamento, é justo que sofra. É necessário distinguir este caso de outro pobre, verdadeiro desgraçado, cheio de boa vontade, que por força maior não pôde sair de sua pobreza.

Tudo isto nos mostra um outro aspecto da questão. Ora, se o pobre hoje está adquirindo direitos, implica para ele, também, o cumprimento de correspondentes deveres. O passar a melhores condições de vida obriga a um maior sentido de responsabilidade, necessário para mantê-las. A coletivização à qual aspiram os que não têm nada significa vida responsabilizada, e não apenas assalto à propriedade de outrem, condenando-a quando ela não é sua, mas disposto a mantê-la à maneira capitalista quanto é

própria, seguindo assim o mesmo instinto egoísta, condenado nos outros, mas legítimo quando se trata do próprio interesse. É assim que o homem da rua entende a justiça social, e no entanto ela é outra coisa: não significa seguir o atávico impulso à conquista, mas caminhar em direção a uma fase mais evoluída de convivência numa posição social de organicidade, o que traz consigo um estado de vida disciplinada, na medida em que é dever trabalhar com responsabilidade, fazer planejamento familiar, controle de nascimentos. Coisa bem diferente do que a fácil liberdade dos sonhadores do paraíso na Terra!

Os fenômenos são conexos: o econômico é ligado ao demográfico. Disso se ressentem sobretudo os pobres cuja primeira riqueza consiste na multiplicação da carne, o que significa das bocas a saciar a fome. O uso que os países subdesenvolvidos são mais prontos a fazer das ajudas recebidas, não é de utilizá-las para trabalhar e produzir, mas para multiplicar ainda mais a sua miséria. O resultado da excessiva proliferação é sempre um abaixamento do nível de vida. Ora, o novo modo de viver deverá ser regulado para todos por um princípio de responsabilidade. Os povos ricos terão o dever de ajudar os povos pobres e estes terão o direito de ser ajudados; mas estes terão o dever de fazer frutificar com o seu trabalho as ajudas recebidas para não se tornarem sempre pesados, e aqueles terão o direito de intervir, para que, na sua inconsciência, os povos pobres não multipliquem ao infinito as bocas para matar a fome. Em um regime de responsabilidade, de direitos e deveres, pelo qual só se pode ter direito quando admitido que se cumpram os próprios deveres, então os irresponsáveis devem ser constrangidos a reentrar na ordem. Assim, quem atenta contra o bem da coletividade será considerado, socialmente, um perigoso.

Quando a sociedade não assumia obrigação para com os deserdados, podia ficar livre da sua procriação porque eles estavam abandonados e não recaíam no balanço coletivo. Eis que ao direito do pobre de ser protegido, corresponde o dever do trabalho produtivo e da procriação proporcional aos meios de que dispõe. A justiça social não pode ser feita somente com os próprios direitos e os deveres dos outros. Fala-se tanto de exploração; todavia, para ser imparcial, pode-se afirmar: é explorador o demasiadamente rico desonesto que tudo monopoliza para si, como o pobre desonesto que aproveita da justiça social para ser sustentado por quem trabalha. Até a beneficência, como tudo, hoje tende a tomar uma forma organizada, que enquadra não só o benfeitor, mas também o beneficiado. Ela não é mais um desordenado ato de piedade à mercê de impulsos emotivos, mas uma coordenação de providências calculadas, que presume em todos uma consciência dos próprios direitos e deveres. É exatamente este novo aspecto orgânico da beneficência que impõe sejam preventivamente eliminadas as causas do mal estar econômico com uma sábia conduta, para que ele não aconteça..

Julgou-se resolver o problema econômico com a abolição da propriedade. Mas esta faz parte da natureza humana e da estrutura do ambiente terrestre onde deve atuar. Assim onde se aboliu a propriedade privada, ela ressurgiu como propriedade de estado. Aconteceu a mesma coisa com as ordens religiosas pobres, que resolveram o problema de igual maneira, isto é, conservando a propriedade, é fazendo-a passar do indivíduo à coletividade - Explica-se este impulso abolicionista como reação aos abusos que da propriedade se fizeram no passado. Ela, de fato, era um direito absoluto, até de escravidão sobre as pessoas. Para corrigi-lo, hoje se desejaria fazer o oposto. Mas o homem encontra-se a mil milhas de distância para ser conduzido a um evangélico desprendimento dos bens. Quando na Idade Média se quis praticá-lo nas ordens religiosas, ele se transformou num meio para fazer-se sustentar com as esmolas do trabalho de outrem. Assim a espiritualidade se tornou parasitismo e obstáculo ao trabalho produtivo. Tais renúncias podem interessar ao evoluído, exceção na Terra; e não ao tipo médio normal, adaptado ao mundo e feito para nele permanecer. O desprendimento evangélico perante o trabalho e a produção, base do bem estar, se tornou negativo, como foi nos países comunistas a abolição da propriedade. Nos dois extremos opostos, a mesma tentativa de anti-propriedade produziu os mesmos resultados.

A solução não está em nenhum dos dois extremos, isto é, nem na propriedade absoluta, nem na sua abolição. O problema se resolve conservando o direito a ela (dado que para fazer mover o homem é necessário deixar-lhe o fruto do seu trabalho que por instinto sente seu, e sem isso não produz), mas ao mesmo tempo limitando aquele direito, de modo que não possa tornar-se exploração e injustiça social. Em resumo: propriedade corrigida, disciplinada, entendida não só pelo interesse individual mas também pelo coletivo. A solução está no ponto intermediário, no melhor de cada um, em que se possam encontrar, compensando méritos e defeitos, os dois extremos opostos: Capitalismo e Comunismo. Isto é o que, de fato, está acontecendo no mundo; e confirma as observações com as quais iniciamos este tema.

Hoje a luta entre ricos e pobres não é mais uma circunscrita luta de classes, mas é luta entre povos. O problema não é mais de ordem interna, mas mundial. Ele não respeita mais à justiça social, mas dele depende a manutenção da paz. Isto porque os povos pobres assaltam os povos ricos. O argumento é persuasivo. Depois de dois mil anos de pregação evangélica se passa da palavra aos fatos. A ajuda aos

necessitados não é mais uma generosidade do benfeitor, mas está se tornando cada vez mais um direito do beneficiado. Hoje a norma evangélica se tornou executiva, como não o tinha sido até agora, porque encontrou o modo de fazer-se valer, imposto por uma autoridade competente. Desprovido de uma sanção, aquele direito tinha permanecido somente em teoria. Assim, de simples exortação o Evangelho pode tornar-se realização prática, porque os povos pobres estão se organizando contra os ricos, levando o mundo a uma guerra atômica. Dessa forma eles sentiram o coração pleno de amor pelos subdesenvolvidos.

Até o problema demográfico examinado acima toma hoje dimensões mundiais, e como tal representa uma outra ameaça. Não se trata mais do indivíduo pobre que pede esmola, mas de massas enormes de povos esfaimados, tendentes a proliferar e que, com a anulação das distâncias, estão vizinhos. O seu aumento quotidiano constitui um perigo crescente. A população mundial hoje é de cerca de três bilhões e meio. Calcula-se que em 1981 superemos os 4 bilhões, os 5 em 1999, os 6 em 2013, os 7 em 2025 e os 8 em *2033.* Se hoje se cresce de uns 45 milhões por ano, em 2.033 este aumento será de 100 milhões. Continuando, em 2.050 seremos 10 bilhões de pessoas, assim por diante. Com tão vertiginoso aumento de bocas para matar a fome, a luta entre povos ricos e pobres sempre mais armados de bombas atômicas, torna-se uma ameaça alarmante. É sobre o fundo vertiginoso de tais previsões. que se desenvolve a *Encíclica Populorum Progressio.*

O problema mais escaldante de nosso tempo, no qual se conjugam e culminam os outros, é o problema da manutenção da paz. A tendência e a esperança é chegar à supressão da violência entre as nações. Entre os indivíduos já se chegou a isto por meio da autoridade estatal que pode impor-se porque armada de força, constrangendo os indivíduos a permanecer na ordem. Pelo que observamos a vivência da não violência não foi praticada como uma boa exortação evangélica, mas com a presença de uma sanção penal. O uso da força não se pode disciplinar senão com o uso de uma força maior.

Eis então que à paz entre as nações não se poderá chegar senão com o mesmo sistema, isto é, com a formação de um poder central superior a elas, o qual lhes imponha a não violência. Hoje esta nova posição política mundial está em formação em fase de tentativa, pela qual as maiores nações procuram sobrepor-se às menores, o que acabará por construir uma nova ordem mundial. Se isso conseguir formar-se e estabilizar-se, como aconteceu com os indivíduos de algumas nações, teremos uma ordem pública internacional que tornará possível uma estável paz mundial. Serão punidas como criminosas as nações rebeldes à lei comum, livremente aceita e concordada por elas, ou, pelo menos, por uma sua maioria.

Hoje estes grandes indivíduos coletivos vivem ainda sem lei, no estado anárquico do selvagem. Antes entre eles, em guerra, o uso da força era considerado um ato de valor. O desabafo dos mais baixos torna-se um gesto heróico. Mas quanto mais o homem se civiliza, tanto mais ele vê que aquela glória, assim conquistada, se baseia em instintos que, durante a paz, são julgados de delinqüência. Temos assim esta contradição pela qual o mesmo ato, como o matar, é delito no interior de unia nação, enquanto é dever e heroísmo, premiado se cumprido contra o povo de uma outra nação. No segundo caso quem não o cumpre é um vil, no primeiro caso quem o executa é um assassino.

Esta é a realidade da Terra. Aquela que nos mostra o Evangelho é uma outra realidade bem diversa, feita a ir para o Céu e adaptada a quem está maduro para atingi-lo, mas não para viver na Terra, pelo menos no mundo atual que nada tem de civilizado. Aqui aplicar o Evangelho a sério significa imitar o Cristo: gloriosa ressurreição no Céu, mas crucificação na Terra. E desta Terra que aqui falamos. As religiões fazem aquilo que podem para minorá-la, mas com escassos resultados. Os sistemas políticos e sociais, assim como as religiões devem fazer as contas com o mesmo tipo de homem. As leis do seu nível evolutivo dizem para ele não fazer nada se não lhe trouxer qualquer coisa de útil. São colocadas as miragens da vida para fazê-lo mover. Assim ele pensa sobretudo resolver cada dia o seu problema fundamental, que é o de fazer avançar a sua vida e para isso utiliza tudo, Deus e o diabo, religiões e anti-religiões, cristianismo, democracia, comunismo, os ideais de qualquer tipo para a mesma finalidade. Assim a religião se torna hipocrisia, a liberdade injustiça, a igualdade e a justiça social tornam-se regimes policiados, trabalhos forçados, opressão política, ditadura. Assim em forma de força ou de astúcia, reaparece por toda a parte a lei fundamental da luta pela vida. O poder em qualquer regime é sempre o resultado de uma conquista. A igualdade, perante a insuprimível realidade da vida, fica sempre teórica. O operário em vez de ser explorado por uma patrão o é pelo Estado. Muda a forma, permanece a substância. De novo não existe nada a não ser aquilo que pode conduzir a evolução. Mas esta hoje é apenas progresso tecnológico, não moral, portanto somente exterior, o que deixa o homem como o era anteriormente. Ele é o último e o mais difícil a modificar-se.

Hoje, se pedem e se obtêm novas liberdades. Mas deve-se ainda atingir a maturidade necessária

para saber fazer bom uso delas, sem o que se arrisca que elas se resolvam no abuso e no dano que se lhe segue. O homem quer a liberdade para libertar-se da disciplina. Pelo contrário a liberdade presume e exige uma disciplina maior, livre, mas responsável, autodisciplina interior, mais difícil de possuir do que aquela estabelecida pela obediência, a uma autoridade, em função desta, somente exterior e irresponsável. Pediu-se e se obteve uma liberdade de consciência. Esta cessão de poderes de autodecisão por parte da autoridade do indivíduo, encontrará nele a capacidade de saber assumir o comando de si próprio? A sua posição agora não é tão fácil como ele pode imaginar, porque evadir-se de uma disciplina terrena não significa de fato impunidade quando se cai na desordem. As conseqüências das próprias ações se pagam da mesma forma, mesmo que se suprima qualquer autoridade em pleno regime de liberdade. Antes se paga mais do que quando se estava sob aquela autoridade, não se pode descarregar a própria responsabilidade porque conhecendo-se mais, tem-se o dever de se tornar mais consciente e responsável. A disciplina necessária para manter-se dentro da ordem estabelecida permanece sempre porque esta ordem é inviolável, fixada por leis invisíveis e interiores às coisas, que não admitem escapatórias como as humanas, e automaticamente reagem respondendo à nossa conduta restituindo-nos em bem ou mal o que livremente desejamos. Mesmo que se destruíssem todas as autoridades terrenas, as leis da vida permanecem. A existência é regida por uma ordem, codificada numa lei escrita no íntimo das coisas, funcionando sempre automaticamente, que rege e guia os seus movimentos. A ilusão do homem está no crer que a disciplina esteja nas leis humanas e que, afastadas estas, se possa gozar de uma liberdade ilimitada. E ele não compreende que a disciplina permanece e sabe fazer-se valer.

Eis o que significa liberdade: significa dever formar-se uma consciência para saber-se dirigir por si próprio, assumindo-se as próprias responsabilidades em proporção à independência conquistada, tanto mais quanto mais a autoridade retira para trás deixando-nos livres. Assim a vida não se torna mais fácil, mas se torna mais séria, com mais problemas a resolver cada um por si, com o risco de se dever pagar pessoalmente as conseqüências em caso de erro. Ninguém mais fará ao indivíduo o serviço de dirigi-lo e ele não pode descarregar-se senão sobre si próprio. Hoje o homem se encontra só com a sua consciência, no momento crítico da escolha. A liberdade lhe permite mais fácil o caminho da descida, da desordem, mas este caminho leva à ruína e ao sofrimento. Ele deve saber resistir à tentação e escolher o caminho difícil da subida, da ordem, que no entanto é o que conduz à salvação e à alegria.

Hoje para o homem começa a vida do adulto, deve portanto começar a fazer à sua custa, as experiências do adulto. Verá então que a liberdade é um poço de perigos e uma jaula de responsabilidades, que a vida do homem livre é mais difícil do que a do menino que deve obedecer. Mas tudo isto é necessário para aprender, e está escrito nas leis da vida que cada um deve evoluir à sua própria custa.

VIII

INVESTIMENTOS NO BANCO DE DEUS

A história que estamos narrando foi vivida em função dos mais diversos problemas individuais e sociais, o que faz com que ela transcenda os limites do fato pessoal, de interesse muito relativo Para compreendê-la é necessário aqui enfrentar e resolver tais problemas Trata-se de um homem que viveu a seu modo, contra a corrente e, por isso, condenado, mas que agora apresenta a justificação racional da sua conduta, explicando quais são os erros na lógica do mundo. Assim, o tema que estamos aqui desenvolvendo, a renúncia aos bens materiais, nos leva a observar, com psico1ogia positiva, um estranho tipo de economia e de leis que lhe regulam o funcionamento, porque este se verifica, não obstante o mundo julgá-lo absurdo, já que representa um emborcamento do seu tipo de economia vigente. Observemos o fato.

O fenômeno econômico, segundo o qual se pesam e manejam os valores necessários à vida, reflete a dupla estrutura de nosso mundo em que encontramos presentes duas leis opostas: a do AS radicada no passado e ainda sobrevivente, e a do S em formação, como antecipação do futuro. Esta

segunda lei entra em conflito com a primeira para substitui-la, ao mesmo tempo que, dentro desta última, os indivíduos igualmente combatem para se esmagarem reciprocamente. Mas a luta serve à vida na medida em que, no fundo, significa colaboração de contrários que, enquanto procuram elidir-se, se completam. Trata-se de destruir para reconstruir e, assim, renovar-se e evoluir. Desse modo, não é danosa a peleja em si mesma, e sim, aquela de tipo inferior, praticada no nível animal, quando o evoluído é condenado a fazê-la, em vez de a efetuar no plano intelectual e espiritual, onde é mais apto.

Esta oposição de leis coexistentes no mesmo terreno se explica e é justificada, porque a humanidade se encontra numa fase intermediária entre S e AS e em contínuo transformismo evolutivo, que a leva do AS para o S. Tudo pode ser entendido e utilizado de dois modos diversos e é suscetível de constante emborcamento. Assim, a moral, o Evangelho, o ideal podem ser compreendidos, seja como via de aperfeiçoamento, ou como meio de desfrutar a ingenuidade dos seus praticantes. A religião pode ser entendida e usada como virtude apropriada para ascender, mas também como pesquisa dos defeitos dos outros, para agredi-los nos pontos mais fracos. Na Terra é possível usar uma lei, uma norma, u'a moral, em sentido oposto ao verdadeiro, isto é, inverter tudo o que seria de tipo S, de maneira que, se na aparência continuasse a parecer como tal, de fato seria usado em forma de AS.

Desse modo, segundo os ideais principais do S, defende-se a não-resistência, como quer o Evangelho. Então, a, defesa deveria ser confiada à justiça num regime de ordem. Mas a realidade é o AS, em que a defesa é confiada às armas de cada um. Por isso, quando se descobre que o vizinho não as tem e, se as possui, não as usa por amor ao Evangelho, ele é esmagado, porque se pensa que não há razão para não o fazer, já que pode fazê-lo impunemente.

Não é verdade que o pecado é nefasto e que é coisa santa extirpá-lo? Por que, então, não fazer esta coisa santa, condenando e perseguindo o pecador? Como é fácil e cômodo fazer o emborcamento das coisas, que permite aplicar os princípios do S, transformando-os nos do AS!

Isto pode acontecer, porque, dada a evolução, não vivemos em um mundo de tipo único, mas de dois modelos de medida do valor de u'a mesma coisa. As duas apreciações coexistem e as encontramos presentes em cada ponto e caso. Tudo pode ser visto e utilizado em função do S, como do AS. Eis que a realidade a cada passo pode ser interpretada de dois modos diversos. Pode, neste caso, assumir dois valores opostos. O dualismo a divide em dois aspectos, o que complica o jogo da vida, enquanto o transforma em outro duplo, deslocando continuamente o valor das coisas. Se digo a verdade, esta pode ser entendida como mentira. Se digo u'a mentira posso conseguir que ela seja aceita como verdade. Assim, o mais alto ideal pode tornar-se hipocrisia e a virtude ser um engano. A religião pode ser compreendida, no seu verdadeiro sentido, como uma forma de aproximação do S, mas também em direção oposta, em forma de AS, como um meio de desfrutar a ingenuidade dos crentes. Então, não temos mais lobos e ovelhas, mas lobos camuflados de ovelhas para melhor devorá-las. Esses lobos são os mais zelosos pregadores do Evangelho. Gritam mais alto que os honestos, pois estes cuidam mais de praticar do que de pregar.

Na prática a bondade evangélica pode reduzir-se a uma técnica para a formação de desarmados em favor dos devoradores. De outro modo não pode acontecer num mundo cheio de lobos (AS) a procura de boas ovelhas de Deus (S) para devorá-las. A virtude dos melhores pode resolver-se num lauto banquete para os piores. Então, a não-resistência do Evangelho serve somente para fabricar mártires, o que significa primeiramente alimentar o sadismo dos perseguidores, seguindo-se o desfrutar daqueles mártires por parte dos sectários da religião, que lhes glorificam a memória para a grandeza do seu grupo, utilizando-a para sua própria vantagem. Também o rico que renuncia, seguindo o Evangelho, pode parecer um desperdiçador, e a esmola para o pobre ser um estímulo ao ócio. Em virtude desta duplicidade de apreciação, o santo pode parecer um louco semeador de desordem, e o que renuncia pode tornar-se um parasita de peso para a sociedade. De igual modo, o conselho evangélico: "Não vos preocupeis com o amanhã; a cada dia basta sua tarefa", pode ser entendido como imprevidência de um inconsciente. A expressão "jesuíta" (homem de Cristo) pode não ter o mesmo significado. Assim um ato, visto em função do S, pode ser sublime e, praticado como AS, pode tornar-se uma culpa.

Depois dessas premissas sobre a dupla estrutura de nosso mundo, podemos compreender como, ao lado da economia vigente na Terra, caracterizada pelas qualidades do AS, possa existir outro tipo oposto, tendente a assumir as qualidades do S. Este corresponde ao ideal, antecipação do futuro; o outro, à realidade atual, sobrevivência do passado. Os princípios sobre os quais se baseia a economia do mundo são o egoísmo, o separatismo, a rivalidade, enquanto a outra parte, que poderemos chamar economia do céu, fundamenta-se no altruísmo, na unificação, na cooperação. É natural que, se a luta é a lei de nosso mundo, ela, neste plano, domina também o fenômeno econômico, e que este, nos dois níveis, contenha valores e se realize com métodos do tipo oposto.

A economia terrestre apresenta-se entre dois elementos separados em um castelo, cada um fechado na torre do próprio egoísmo, que abre suas portas para fazer entrar ou sair qualquer coisa desse castelo constituído pelo egoísmo alheio. Verifica-se, então, a troca, base do fenômeno econômico, a qual se realiza quando é reciprocamente vantajosa. Por isso, ela é bem calculada por ambas as partes, pesada na balança do "do ut des". A troca baseia-se no equilíbrio entre duas forças rivais, em luta, tendentes cada uma a sobrepujar a outra, mas cada uma reduzida à justa medida do constrangimento imposto pela reação da parte oposta. Até o acordo é o resultado de um estado de guerra, de um equilíbrio alcançado entre impulsos contrários. Mais do que isso não é possível obter num regime de luta. A eqüidade só se pode alcançar por mútuas concessões do próprio egoísmo em favor do outro, mas com vista à vantagem própria, ou, então, por compensação entre direitos e deveres, entre aquisições e concessões, satisfazendo, assim, as exigências igualmente egocêntricas dos dois termos opostos. Cada um dos dois procura tirar do próximo para si a maior utilidade possível e valor, enquanto o outro, por seu lado, luta para fazer o mesmo. Cada uma das duas partes tende a aproveitar-se da outra, tão logo esta não lhe saiba resistir. Procura-se, todavia, regularizar tal estado de luta disciplinando-lhe os movimentos e estabilizando-lhes os resultados com leis e normas administrativas. Alcança-se, assim, uma ordem relativa, o máximo que se pode obter neste nível.

É outro tipo de economia, regido por uma psicologia totalmente diversa. Agora, os dois termos em vez de trabalharem como rivais, separados pelo egoísmo no qual se fecham um contra o outro, cooperam unificados pelo altruísmo, que os leva a se abrirem mutuamente. Segue-se daí que ao método de concórdia forçada, pronta a romper-se, sobreposta num regime de discórdia, se substitui o método de harmonia espontânea, não como fato excepcional, mas normal, tendo como conseqüência fixar-se um regime de ordem, estável e definitivo. Ao regime de desconfiança se substitui um de confiança mútua, no qual desaparece a tendência para se explorarem reciprocamente, antes ajudando-se uns aos outros, tomando em consideração não apenas o interesse próprio, mas também o alheio. Então, ordem e justiça não se alcançam por imposição de uma disciplina forçada, sobreposta a forças rivais, para constrangê-las a ficar dentro de limites estabelecidos que elas procuram violar a cada passo. Não há necessidade alguma de controles policiais e métodos coativos para conter os violadores. Em suma, uma economia aberta, em vez da atual a portas fechadas, com barreiras levantadas a cada passo, necessárias para impedir aos desonestos violarem a ordem em que se equilibram direitos e deveres de cada um

Os valores de troca na economia terrestre são representados por vários produtos, mercadorias e, sobretudo, pelo dinheiro, que lhes destila em síntese a utilidade que eles representam. Surge, assim, o problema da valorização, isto é, a contabilidade com que se dá a cada produto um preço conforme o custo de produção e a utilidade de consumo. Os elementos constitutivos do outro tipo de economia são sujeitos também à valorização e contabilidade, mas segundo outros princípios, dada a sua diferente natureza. E, se ambas as economias podem ter a sua contabilidade, deveremos admitir também que cada um possa ter o seu tipo de instituto bancário. Poderemos, assim, ter dois modelos opostos: um que tem como ponto de referência o AS, o outro que o tem no S; o primeiro poderemos chamar banco do mundo, o segundo, banco de Deus. O fato de que ambos existem nos permite observar o seu diverso funcionamento.

Nos dois casos são diferentes as relações entre indivíduo e banco, entendendo-se este como órgão a que o primeiro confia as suas economias e valores. Dado que cada um dos dois bancos é regido pelo seu próprio tipo de economia, AS e S, é lógico que ele funcione conforme os seus respectivos princípios, acima expostos. Dessa maneira acontece com o indivíduo, cliente do banco. Temos, assim, duas técnicas diferentes, uma vigente no mundo, praticada pelo banco e seu cliente, e a outra num plano evolutivo mais avançado, utilizada pelo banco de Deus, bem como pelo seu depositante.

No banco do mundo vigora uma economia separatista, na qual, como vimos passar-se com a troca, os dois elementos — indivíduo e banco — permanecem encerrados no seu próprio egoísmo. enquanto a contabilidade se baseia exclusivamente no cálculo do próprio interesse individual. Realiza-se a troca, havendo uma ponte. através da qual se estabelece a comunicação. Mas os dois castelos que ela une são fechados e armados; não abrem as portas senão numa medida calculada e com motivos visíveis, cada um no seu próprio interesse, prontos a reagir e a fazer valer os seus direitos, quando estes não forem respeitados. A confiança não vai além desta estreita abertura. E é armada, pronta para a luta. O cliente confia ao estabelecimento de crédito os seus valores em forma de dinheiro, que lhe sintetiza a essência no plano humano, e exige garantias de segurança, que, por sua vez, o banco oferece para obter os depósitos de que tem necessidade. O titular da conta reclama os juros pelo capital que dá, enquanto a parte contrária os apresenta, porque lhe servem os fundos, com cuja colocação aufere lucros. O cliente é honesto, porque observa as regras impostas pelo banco. Este também o é, visto que, de outra maneira, ninguém mais lhe

confiaria os capitais. É verdade que isso, dentro dos seus limites, significa ordem, embora relativa, em relação ao que possa vir a ser rompido (por exemplo, o banco pode fechar as portas e não restituir o capital). Sucede ainda que se trata de ordem imposta de fora, de um a outro dos dois termos, forçada, mantida pelos impulsos da parte oposta, não inserida na natureza deste tipo de economia, que, ao contrário, é de rivalidade e luta, ao nível de *AS*. Além da linha do interesse próprio a cada um dos dois termos, não importa nada do outro, isto é, não interessa ao cliente se o banco vai a falência, e a este se aquele morre de fome. O acordo de ambas as partes existe somente em função do próprio egoísmo e se rompe, logo que este não seja satisfeito. Vemos aqui realizada a economia de tipo AS.

No banco de Deus vigora uma economia de modelo S, não separatista. Nela os dois elementos, indivíduo e banco, não fica cada um fechado no seu próprio egoísmo, não se comunicam apenas pela estreita ponte do interesse pessoal. Os dois castelos não são fechados e armados, mas abertos e comunicantes, de modo que entre eles não passa somente a pequena corrente que a abertura apertada e calculada permite, mas todo o fluxo da vida, em qualquer das suas formas, para uma troca contínua e universal de valores. Estes não são somente os econômicos, que permitem a aquisição de bens materiais, mas também valores morais e espirituais, igualmente úteis e necessários para a sobrevivência. Trata-se de uma economia mais vasta e completa, que abarca, além dos valores do banco do mundo, aqueles mais altos que este ignora e que se encontra somente no banco de Deus.

Neste a confiança não é limitada e armada, pronta para a luta, como naquele. O cliente se oferece com ilimitada segurança; sem pedir controles e garantias defensivas da honestidade do órgão bancário, e isto de modo absoluto, sabendo que ele está automaticamente certo de que não será defraudado em coisa alguma. Tudo funciona dentro de um regime comum e unitário, em perfeita fusão de vantagens conforme a justiça, em vez de cálculo e luta entre interesses opostos. Os dois termos não são honestos de modo forçado, mas espontâneo, porque eles mesmos são constituídos de uma ordem interior, inserida na sua natureza, e que, portanto, não se pode destruir. Com os métodos do S a justiça não pode ser violada. Não existem antagonismos, mas acordo completo, convergência de finalidades, funcionamento em uníssono, ajuda recíproca e constante.

O banco de Deus atua com princípios diversos dos do mundo; ele é amigo do cliente e o ajuda em tudo aquilo de que este tem necessidade. Com previdência total, sustém-no em cada precisão, seja qual for; acompanha-o no desenvolvimento de seu destino, no cumprimento dos seus deveres; conforta-o e ilumina-o moralmente; procura o bem para ele e lhe dá forças para que o busque para si, inclusive aquilo de que precisa para viver. O cliente, por sua vez, é amigo do banco e o segue, enquadrando-se disciplinadamente na sua ordem, confiando-lhe todos os seus valores, cumprindo todo o seu dever, obedecendo ao mesmo regulamento de absoluta honestidade que o estabelecimento observa, tudo num regime de mútua confiança e de inviolável justiça. Cada valor depositado no banco de Deus recebe os seus juros equitativos, e, se ele concede empréstimos, não há possibilidade de usura. O valor de cada boa ação dá o seu fruto, que fica propriedade integral de quem a praticou. Não há rivalidades, nem possibilidade de evasão da justiça; não existe perigo de perda por furto, inflação, desvalorização monetária, crises econômicas, erros de contabilidade, desastres, guerras; não há necessidade de controle administrativo, de coações disciplinares, de desconfianças e defesas. O banco de Deus não engana, não comete erros, nunca entra em falência. O interessado é garantido de modo absoluto.

Se os valores que se depositam ali não são feitos de dinheiro, nem por isso eles deixam de ser tais e, portanto, sujeitos às leis econômicas. Eles representam um trabalho, logo um custo de produção. São suscetíveis de propriedade a favor de quem se esforçou para a conquistar; significam uma utilidade para vantagem de quem a possui; podem ser depositados no seio da Justiça da Lei de Deus, na qual se escreve o dar e o haver, a cargo e a favor de quem os depositou. A contabilidade fica toda registrada com exatidão nos equilíbrios da Lei, que tudo regula e dirige. Neste grande livro está assinalada a conta de cada um conforme as suas obras, segundo os reais valores que ele produziu, seja ao positivo S, seja ao negativo AS, calculados de acordo com a justiça divina.

Não se trata de fantasia. Um dia a ciência chegará a medir esses valores e a descobrir essas leis. No volume *Queda e Salvação,* calculamos a reação da Lei para tais valores, em bem ou em mal. Eles são investimentos que o cliente faz no banco de Deus. Esta reação representa o pagamento que ele recebe no guichê do banco, conforme o valor de bens ou ativo depositado a seu crédito, capital; ou de mal, acumulado como passivo, a restituir à justiça divina, como débito próprio. Trata-se de leis positivas como as da Física e da Química, de forças que podem produzir efeitos terríveis: trata-se de moral racional e religião científica que permanecem verdadeiras e funcionam tanto para os ateus, quanto para quem não as conheça ou não acredite nelas. Ignorar ou negar as leis da vida não pode impedir que elas se apliquem aos

fatos.

E evidente que nos encontramos perante dois diferentes tipos de economia, e cada um deles toma forma e funciona no seu próprio banco. Qualquer deles faz parte de um mundo de diferente nível biológico. Eles correspondem a dois diversos planos de evolução. São, portanto, o expoente de dois métodos diversos de vida: o do céu, praticado pelo homem justo; e o do mundo, baseado no egoísmo, na rivalidade, na avidez e no engano. O primeiro é um sistema em equilíbrio, para o qual basta ser honesto, e tudo funciona, automaticamente, em perfeita justiça. O segundo é um sistema de lutas, isto é, de equilíbrios instáveis, mantidos pela força, a qual não pode garantir certeza alguma. No primeiro caso a ordem é alcançada de forma estável, bastando integrar-se nela pelo cumprimento do próprio dever, para que tudo funcione bem por si mesmo. Foi assim que o Evangelho pôde dizer: "Procura acima de tudo o reino de Deus e a sua justiça, e todo o resto te será dado por acréscimo" (Mateus VI**,** 53). No segundo caso, a ordem está ainda por alcançar, porque, no caos, não existe outra garantia senão a própria força com a qual cada indivíduo se pode impor a todos. No primeiro caso, ele vive num mundo de elementos amigos, e, reciprocamente, cooperam todos, pelo que basta unificarem-se para ter garantida a sobrevivência, que é sempre o problema fundamental. No segundo, o indivíduo está num mundo de elementos inimigos com quem deve fazer as contas a cada passo, se quiser sobreviver. No primeiro exemplo, é função da Lei dar o que esperamos, pelo que não é necessário pedir e exigir. No segundo, ficamos abandonados às nossas forças e nada podemos obter senão nos impondo, fazendo valer os nossos próprias direitos.

Usar um ou outro método, servir-nos de um ou de outro banco depende do nível evolutivo em que vive e labuta o indivíduo Em nosso mundo cada um pratica o sistema que mais se adapta à sua natureza e recebe o correspondente tratamento. O fato é individual. Cada um põe em movimento o mecanismo que deseja e recolhe por sua conta aquilo que semeia. Assim, o banco de Deus pode funcionar também, na Terra, para vantagem do indivíduo, se este se achar em grau de saber comportar-se conforme aquele tipo de economia. Se ele trabalhar segundo o tipo oposto, também o banco funcionará ao contrário, com todas as conseqüências desfavoráveis. No fundo, esta idéia de banco significa a presença da Lei, a sua contabilidade quer dizer a técnica das suas reações, como acima dizíamos, e constitui fenômeno amplamente ilustrado por nós, noutros lugares.

Quem tem consciência e conhecimento sabe como funciona o banco de Deus e nele faz honestamente as suas operações para sua vantagem. Muitos, ao contrário, ignorando tudo isso, aplicam o método terrestre, próprio do involuído, segundo o qual o valor consiste em sobrepujar o próximo, e não prejudicar somente os seus semelhantes, porque, ao cometerem injustiças, estão defraudando a própria Lei, sem compreenderem que com isso não alcançam vitória alguma, mas se endividam para depois terem de pagar a Deus. Isso porque Ele é a própria Lei, a Quem ninguém se pode impor. Destarte, eles apenas se carregam de dívidas perante a divina justiça que depois exigirá que lhe seja restituído o que lhe é devido, porque dos seus equilíbrios lhe foi usurpado. Em suma, o emprego dos métodos do AS é totalmente vão no terreno do S, alcança até mesmo o efeito oposto ao desejado, isto é, em vez de se obter uma vantagem, recebe-se apenas um dano, o que não leva à vitória, mas à ruína. A astúcia se revela ignorância, a força, fraqueza, roubar significa endividar-se, enriquecer e empobrecer, a vitória não é mais do que uma derrota, a utilidade não ganha significa uma perda, porque, perante a justiça, é um vazio que depois se faz necessário preencher. É perigoso procurar lesar a justiça de Deus, gozando aquilo que não é merecido. No princípio ou no fim, tudo se paga, como deseja o banco de Deus. A sua inviolável contabilidade funciona para todos, a favor dos justos e em prejuízo dos desonestos. Quanto mais uma ação é pura, dirigida para o S, tanto mais acaba por trazer vantagem no sentido do bem; e, quanto mais é corrompida, rumo ao AS, tanto mais acarretará prejuízo no sentido do mal. Esta é a técnica com que se manifesta a Divina Providência. Ela funciona não só ao positivo, em favor de quem opera o bem e, portanto, deve receber ajuda, mas também ao negativo, contra quem pratica o mal e, pois, merece castigo. Isto não é devido a um Deus pessoal que esteja a ocupar-se de cada um, mas a uma lei onipresente, inserida na vida, que provê automaticamente que tudo aconteça de modo que, antes de mais nada, sempre se faça justiça.

Um exemplo terreno de depósito de valores calculados, não em dinheiro, mas como mérito e demérito, encontramo-lo no caso do aluno e do mestre. Se o primeiro estuda e aprende, o segundo é obrigado a premiá-lo com boas classificações e a promovê-lo. Neste caso o aluno deposita os seus valores intelectuais nas mãos do seu juiz, que é o banco que contém a sua contabilidade, onde eles estão depositados com segurança e podem ser retirados no fim do ano, como o homem justo pode depositar e encontrar os seus valores morais no banco de Deus.

Mas o banco do céu não é apenas contabilmente exato e justo. Ele também pode antecipar

empréstimos, como pode esperar, dilatando o pagamento, conforme as forças do indivíduo Possui uma misericordiosa elasticidade na cobrança, como uma inteligente bondade no emprestar. A sua finalidade é sempre benéfica e construtiva, sempre a favor da vida e da sua ascensão. A base de todos os direitos perante o banco de Deus é ser honesto trabalhador. O fundamento de todos os direitos diante do banco do mundo é ser economicamente forte, comercialmente hábil, astuto na pratica. Eis que o problema da vitória sobre a qual se baseia a sobrevivência se pode resolver de duas maneiras diversas: ou com a retidão, ou com uma guerra de competição contra todos. É fácil averiguar quais são os produtos do segundo método, porque em nosso mundo ele é normalmente praticado e podemos constatar a que resultados conduz. Agora podemos compreender em que consistia a força do método usado pelo nosso personagem, de quem narramos as vicissitudes. Se ele sobreviveu, isto foi devido à Divina Providência, que funcionou em seu favor por ele haver investido os seus valores no banco de Deus. Foi assim que ele venceu a batalha da sobrevivência, na qual todos estão empenhados a fundo, que representou o maior objetivo a ser alcançado na vida. A Providência funcionou, porque, como se vê nesta história, ele havia colocado as necessárias causas para a fazer funcionar. Sabemos que elas são a retidão, o espírito de sacrifício, o contínuo trabalho para o bem e por um ideal superior. Bastou esta força imponderável para salvar um indivíduo, humanamente desarmado pelo Evangelho, no meio de uma batalha de avidez desenfreada e de egoísmos ferozes. E pode-se considerar a sobrevivência como uma grande vitória da vida, à qual muitas vezes nem os mais fortes lutadores conseguem chegar. Eis, portanto, um fato experimentalmente controlado que vai contra os hábitos da natureza no plano biológico humano, onde, por enquanto, ele se encontrava vivendo, e que consistem em liquidar rapidamente quem não aceita a luta e não sabe vencer. Como poderia ele triunfar com a renúncia e a não-resistência, isto é, sem as armas necessárias e com meios tão antivitais? Então, o método do Evangelho possui uma potência que, mesmo que o mundo não o veja, conduz à vitória, e isto até no plano humano, onde tal método é abertamente repudiado pela vida como um absurdo que leva à morte. Como é que, neste caso, se salvou? Existe, certamente, outra potência mais no alto, mais sutil, porém nem por isso menos forte, capaz de vencer também onde vigora a brutal força do mundo.

Aqui nos encontramos perante o fato consumado de uma inversão dos métodos terrenos e do êxito feliz deste emborcamento. Vemos, em suma, o ideal triunfar na Terra, isto é, o S em pleno campo do AS. Além disso, esse homem teve uma esplêndida oportunidade para gozar a vida, e não a aproveitou; assim, derrotado perante o mundo, não deixou de vencer a batalha da sobrevivência. Isto prova que, lá do fundo do Anti-Sistema, o Sistema faz pressão para subir. Do baixo nível evolutivo da luta, da força e da injustiça, querem emergir a honestidade, a bondade e a justiça, com o propósito de se afirmarem, porque este é o conteúdo da Lei de Deus, que quer triunfar sobre todas as potências contrárias. Eis o segredo da força do cordeiro, contra os lobos devoradores. E assim que o fraco, porque é forte num plano mais alto, consegue vencer os poderosos da Terra. A arma que o defende é a sua superioridade moral, o fato de pertencer a um nível biológico mais elevado, próximo do S. Pode-se, então, verificar que o bem, a retidão, os valores espirituais também são forças que constituem um potencial biológico, porquanto são de tipo positivo e porque a vida está ao lado do S, enquanto da parte do AS está a morte. É deste modo que os métodos do Evangelho podem vencer os da Terra e que Cristo pôde afirmar ter vencido o mundo. Porque a Lei de Deus é senhora de tudo, pode-se garantir que no fim o bem triunfa sobre o mal, o S sobre o AS. Quem a segue acaba por personificá-la. Então, os princípios e as forças da Lei tendem a funcionar e a agir sobre ele, tomando corpo na Terra para se realizarem. Não obstante todos os assaltos das forças do mal, a vitória final da vida está na superação e no êxito do espírito.

Este tipo de filosofia evangélica exposta neste volume poderá ser considerado próprio só para os débeis e para os vencidos. como consolação às suas renúncias e fatigantes virtudes, podendo ser olhado com desprezo pelos astutos e pelos fortes, vencedores no mundo. Esta filosofia de bondade poderá ser qualificada, juntamente com as religiões, como o ópio dos povos para os adormecer na tranqüila aceitação da sua escravatura perante os ricos e os poderosos. Das superiores vitórias aqui explicadas o involuído não sabe o que fazer. Então, que permaneça feliz à sua maneira, no seu próprio plano. Mas não pense que desse modo ele sai sempre vencedor. Neste caso, esta é a única filosofia que lhe pode abrigar as ruínas, procurando curá-lo novamente. A vida não é feita só de vencedores., como sonhava Nietzche, com o seu super-homem. A maioria é feita de débeis e de vencidos, não de gozadores, mas de sofredores, necessitados de uma filosofia saneadora de ruínas que alivie dores e salve doentes. A vida tem necessidade não só de vencer no presente, mas também de preparar o futuro, não só de afirmar-se em baixo, porem ainda de subir mais alto. Se luta para se conservar, isto não é para outra coisa senão avançar e, na subida, encontrar a salvação. Esta história que estamos contando poderá ser de péssimo exemplo na Terra, onde se buscam coisas bem diferentes. Mas esta é a narrativa de um homem que sofreu de olhos

bem abertos, procurando compreender e depois superar a dor, utilizando-a para o bem. Por isso, se ela não interessa a quem leva uma vida sem dificuldades, tenha um pouco de respeito àqueles para quem a existência é dura. E estes são muitos.

IX

A UNIVERSAL BIPOLARIDADE DO SEXO NAS RELIGIÕES

Neste volume pusemos em discussão o homem evangélico e a sua conduta perante o mundo. Mas a questão ultrapassa em vastidão a vida de um simples indivíduo, porque se baseia em princípios morais e religiosos seguidos por ele. Sendo assim, ao colocar em debate o homem, implicitamente são postos em controvérsia também os princípios aplicados por ele. Isto faz aparecer contradições e contrastes, conduz a juízos diversos, hoje, bem atual, porque vivemos num momento de revisão de todos os valores do passado. Tudo se deseja esclarecer e compreender para viver com maior conhecimento e inteligência. Já tocamos em tais assuntos no capítulo intitulado: "Psicanálise das Religiões", em nosso precedente volume *A Descida dos Ideais*. Agora continuamos a mesma indagação sobre o sentido íntimo de muitas das nossas atitudes mentais em matéria religiosa, observando-as sob outros pontos de vista.

No estudo de tal fenômeno, sobretudo do Cristianismo, tomamos os movimentos de bases biológicas positivas da realidade que a vida nos mostra, dado que este é o método mais livre de preconceitos e superestruturas, mas retilíneo e claro, portanto o mais adaptado a mostrar-nos como, na verdade, se encontram as coisas Ora, o aspecto biológico que o dualismo universal toma em nosso mundo, isto é, ao nível animal-humano, é o da distinção entre macho e fêmea, aspecto que neste plano expressa o lado positivo do dualismo, oposto e complementar do negativo, e ao contrário. Observemos, portanto, como o ser humano, no seu nível de evolução com a sua forma mental, entende o fenômeno religioso. Constatemos a esta altura uma realidade psicológica, da qual se afastaram as abstrações teológicas, as quais, por isso, não leva em consideração.

A primeira realidade objetiva, positivamente controlada, a existência da mente humana. Este recipiente estabelece a amplitude dos conceitos que essa mente pode conter. Então, a idéia de Deus não pode existir em nosso mundo senão na medida e forma em que com tal meio pode ser alcançada. Mesmo que ele exista de per si, independentemente daquela mente, não podemos encontrá-lo senão na medida e finalidade em que esta é capaz de conceber. Também se considera aquele conceito como um derivado daquela mente, porquanto ela só pode pensar conforme as suas qualidades e capacidades de compreensão estabelecidas pela sua própria natureza. Mas esta é bipolar em correspondência ao dualismo universal, o que, no caso humano, significa tipo macho e fêmea, que não é somente sexo, mas estrutura profunda de tipo biológico e personalidade. Sendo assim, é natural que também o conceito de Deus lenha tomado, na mente construída deste modo, dupla forma. Assim se explica como, então, temos dois modelos de divindade, o masculino e o feminino. Notamos, porém, que, se é verdadeira esta redução do conceito de Deus ao nível humano, é também certo que a divisão terrena dos sexos corresponde a um princípio universal de bipolaridade, ou motivo central periférico, que se encontra até em Deus — egocentrismo e irradiação criadora periférica — posição que se repete mais em baixo no caso do sol, em volta do qual giram os planetas, ou do núcleo, em torno do qual circulam os elétrons, ou do centro e periferia na esfera etc.

E certo que Deus existe por si mesmo, total e independente dessas concessões com que o homem O imagina para os fins da sua vida, servindo-se para isso dos seus meios intelectivos. Mas é também aceitável que o conceito de Deus feito pelo homem seja uma projeção do seu mundo biológico, único campo de sua experiência e conhecimento. Isto estabelece os limites da sua capacidade de conceber. Assim, por impulso de evolução, certamente temos uma projeção dirigida para o Alto, que não pode deixar de se ressentir do ponto de partida do qual se eleva: o ambiente terrestre, onde e segundo o qual o homem se formou. Foi desse modo que ele concebeu Deus à sua imagem e semelhança, mantendo

depois esta relação genética ou de derivação quando inverteu a idéia, imaginando um Deus que cria o homem à sua imagem e semelhança. Assim, o homem se posicionou no conceito máximo concebido por sua mente.

E evidente que o Deus dos hebreus, concebido por Moisés, é de tipo macho. A primeira coisa que Ele diz é: "Eu sou o Senhor". Subitamente, Ele se faz centro, de sinal positivo, que exclui qualquer outro do mesmo sinal: "Não tereis outros deuses diante de mim". Os seus mandamentos são atos de comando, sobre o que se pode e o que não se pode fazer. Ele é o Deus dos exércitos, conquistador, e o seu povo é o eleito, que ele protege contra as outras nações. Ele fala sobre o Sinai entre trovões, raios e tempestades, incutindo terror. A sua palavra é escrita na pedra. Para fazê-la respeitar com o bom exemplo e aplicar o seu mandamento "não matar", Moisés, ao descer do monte, manda exterminar os adoradores do bezerro de ouro, o deus rival. Mandou matar três mil. Em um mundo como o nosso, estes são os meios de que o ideal tem necessidade para poder descer à Terra. Eles representam para os povos primitivos a manifestação do elemento realizador de tipo masculino, complementar da ação espiritual idealista.

E evidente que Cristo é de tipo oposto. Ele faz tudo em função do Pai, em posição a Ele subordinada. O seu mandamento é um ato de amor: "Ama o teu próximo; amai-vos uns aos outros como eu vos amei". A sua batalha faz-se com a não-resistência e com o perdão. A sua concepção não é restrita a um povo, mas é universal. A sua palavra não é escrita na pedra entre os raios do Sinai, mas no coração do homem, ditada na cruz. Para fazer respeitá-la Cristo não mata, mas se faz matar. Ele não é o Deus dos exércitos, mas o herói do sacrifício.

O Velho Testamento não é destruído, mas continuado Primeiro apareceu o macho com a força, depois a fêmea com o amor; e o segundo termo se acrescenta ao primeiro para completá-lo. Chegou-se, assim, ao conceito de um Deus mais completo, porque bilateral, em vez de unilateral. Os dois pólos se uniram, como positivo e negativo, macho e fêmea, para formar o casal em que se compensam e se fundem os aspectos opostos e complementares. A evolução conduz à unificação dos elementos separados do AS, na ordem orgânica do S. Complemento que é aperfeiçoamento e correção da dureza feroz, com função e finalidade civilizadoras.

Não se pode dizer que o positivo tenha mais valor do que o negativo, o macho mais do que a fêmea. Cada um tem necessidade do outro, sozinho representa a metade que sem a outra pane não está completo. A vida tende a formar a unidade no circuito, conjugando-se e fechando-se as duas metades complementares, como é necessário para chegar à gênese. Desse modo, os fortes atraem os fracos, que estão cm busca de proteção, e estes chamam aqueles, que andam em busca de vítimas. Os malvados atraem os bondosos e benéficos e estes perversos e maléficos. Cristo atrai Judas e este, Aquele. Cada um tinha necessidade do outro para cumprir o seu destino. Cristo tinha urgência de um traidor para realizar a sua paixão de amor. Judas precisava de um homem bom, que por amor se deixasse trair e vender por dinheiro. Sem o outro termo oposto, nenhum dos dois teria podido satisfazer-se. Sem bondade de um lado, não pode haver traição do outro. Se Cristo tivesse sido como Moisés, ninguém teria conseguido traí-lo. Mas, sem a traição de Judas, não teria podido manifestar-se a bondade de Cristo. Se Judas tivesse atraiçoado Moisés, este o teria matado, como. para aplicar o mandamento de Deus — não matar — fez com aqueles que, no regresso do Sinai, encontrou seguindo outra religião e, assim, o renegando. Então, a traição de Judas, com a morte do rebelde, teria servido apenas para manifestar a potência de Deus, por que o mundo não era ainda tão civilizado a ponto de poder aparecer também o outro aspecto da divindade: a bondade. Ora, com o Cristianismo os dois termos complementares uniram-se, formando o circuito potência-bondade, um moderando o outro e integrando-se reciprocamente. Isso foi possível, porque, na realidade, não se trata de cisão, mas apenas de oposição interna dos dois termos de uma unidade bipolar universal macho-fêmea, que vai do sexo às mais altas manifestações da vida humana, como a moral e a religião. Até estes mais altos níveis se projeta a natureza humana nos seus dois lados, macho e fêmea.

Observemos agora como aquela natureza, quando não está consumida, se comporta; de que forma ela expressa sua positividade, ou sua negatividade, sobretudo no terreno ético e religioso. No fundo, trata-se sempre da vida, que, em cada caso, através do egoísmo individual, quer afirmar-se. Conquanto ele tenda a fechar e separar, os dois tipos podem chegar a concordar, porque eles se afirmam, ou seja, dizem: "eu sou e eu quero", em forma oposta, isto é, são dois egoísmos inversos, um ao positivo e outro ao negativo, feitos, portanto, para se completarem acasalando-se. Se assim não fosse, a união não seria possível, porque ninguém está disposto a renunciar ao próprio egoísmo. Cada um dos dois termos se empenha para fazer a favor do outro a parte que lhe compete e sabe fazer, num aproveitamento recíproco. Por isso, o macho toma as iniciativas e é realizador; a mulher o segue e lhe é fiel. O macho raciocina, não crê. A mulher, ao contrário, não raciocina, mas crê. O macho pensa por análise, sobrepondo

racionalmente as particularidades de que é feita a realidade. A mulher pensa intuitivamente, por síntese, da qual conhece os totais, mas não os termos componentes. O macho é positivo e aderente aos fatos. A fêmea é idealista e sonha fora da realidade. Temos, assim, dois tipos de pensamento: para o macho, retilíneo; para a fêmea, curvilíneo; correspondendo aos dois centros do ser humano: mente e coração.

O macho comanda e faz a lei que expressa a sua vontade. Ele faz a justiça com as suas mãos, tudo em função do seu eu. A fêmea coloca-se em posição subordinada e vive na dependência de outro eu; obedece, suporta, recebe a lei e a justiça das mãos de Deus. O macho conquista com a força, faz-se valer com a guerra, afirma-se destruindo ele próprio o inimigo. A fêmea conquista com o amor, faz-se valer com a paciência, afirma-se ao negativo, esperando, adiando a sua reação que confia nas mãos de Deus, para que Ele castigue o inimigo com a sua potência e justiça. O macho usa as suas armas para vencer; a fêmea, não sabendo lutar por si própria, utiliza a religião para refugiar-se nos braços de Deus. As concepções humanas são todas influenciadas por este princípio da luta pela sobrevivência. O grande problema a resolver é sempre o da defesa, mesmo que o macho o resolva com as suas próprias forças e a fêmea procure as dos outros. O macho ataca e é atacado. A fêmea protege e procura proteção. Ela espera da potência de Deus o milagre que, fora das leis da vida, a salve; quanto maior a violação da ordem natural, mais forte é aquela proteção; porque isso lhe prova que Deus, em quem ela se apoia, é potente e está habilitado a defendê-la. O macho, com a virtude da sua força, procura ele próprio a sua defesa.

Toda a ética do macho difere da fêmea, diferente o conceito de justo e injusto. Assim, compete ao tipo feminino introduzir no cálculo econômico o estranho sentimento de bondade, presente na esmola, como na idéia de uma providência, fatores de per si improdutivos. Para o tipo feminino viver de esmola é honesto, porque esta é fruto da caridade de outrem, isto é, de um ato de amor e de bondade. Para o tipo macho a mesma coisa significa ser mantido pela própria inaptidão e preguiça, o que merece desprezo. Pois, na mente do macho, não há lugar para tal economia, tão imprevidente, elástica, funcionando à mercê de gestos de bons corações, enquanto a vida é feita de necessidades intransponíveis, de exigências precisas e concretas que não admitem esperas e incertezas que perturbam a exatidão do cálculo econômico. Entrelaça-se o trabalho produtivo com elementos contraproducentes, o que para o macho é danosa dispersão de forças e não virtude. Mas o é para a fêmea, que com isso procura afirmar-se mesmo no campo do macho. As virtudes dela são defeitos para ele, e ao contrário. O macho deve produzir mais do que amar, enquanto a fêmea quer mais amar do que produzir. O próprio trabalho, ela o entende mais como um ato de amor, dedicação e oferta do que como um ato de avidez, de posse e domínio. O mesmo mundo pode ser diferente, dependendo dos olhos com que é visto.

A máquina da produção é o macho. Portanto, é absurdo para ele introduzir-lhe motivos de tipo fêmea. Não se concebe uma indústria baseada na Divina Providência. Não estamos afirmando aqui que ela não exista, nem funcione. Dizemos somente a que tipo biológico corresponde e como ela atua ou não, segundo a forma mental desse tipo. Nesse sentido devemos entender o capítulo precedente: "Investimentos no Banco de Deus". O macho faz as contas do que o seu trabalho rende; a fêmea, pelo contrário, confia em Deus para que as contas sejam feitas por Ele e as providencie. Cristo, com o seu conselho de confiar em Deus, rejeitando o dinheiro, deixado a Judas em forma de culpa, repudiando aquilo que é o tesouro do macho, com a sua condenação contra os ricos, demonstra que segue o aspecto feminino da vida, no qual prevalece o sentimento do coração sobre o previdente cálculo de quem conhece as reais dificuldades do mundo. Cristo condena Marta, que acudia à sua casa e fazia o trabalho, e louva Maria, que, ao contrário, estava seduzida a ouvi-Lo. Mas a realidade dá razão a Marta, porque era ela que provia o necessário para Maria e para Cristo, que, embora fossem sublimes em pensamentos, abstraíam-se em belos sonhos, aproveitando-se das fadigas dos outros para as suas alegrias espirituais.

Que fosse, pois, necessário o cérebro calculador do macho para completar a correção da fêmea, prova-o o fato seguinte: para que o ideal de Cristo sobrevivesse na Terra, foi preciso confiar-se nas mãos da Igreja, que, sendo feita de machos, aplicou-lhe injeções de qualidades do termo oposto, seja intelectualmente como raciocínio, seja materialmente como organização hierárquica disciplinada, fazendo leis, possuindo bens, sendo até mesma guerreira, servindo-se da política, autoritária etc. Mesmo que isso fosse emborcamento do espírito do Evangelho, foi inevitável que ocorresse. Só assim a idéia de Cristo poderia chegar até nós. A mesma questão pode assumir aspectos diferentes, segundo a visão com os olhos de tipo macho, ou com os de modelo fêmea. Nesta última parte da Obra, procuramos colocar em evidência, além da visão tipo Cristo, sustentada até agora, aquela concepção oposta, própria do mundo, procurando superar o antagonismo segundo o qual ele a concebeu, para reduzi-la antes à unidade, de modo que não sejam inimigos que se excluem e se combatem, mas dois aspectos que, apesar de contrários, não são contraditórios, já que se contrapõem apenas por serem complementares, isto é, destinados a

se completarem reciprocamente como duas metades de um mesmo circuito.

Um campeão humano do modelo macho podemos vê-lo no super-homem de Nietzsche, ideal vivido por Hitler. Agora podemos ver as conseqüências de tais atitudes. Ele matou tanto que acabou por suicidar-se. Um campeão de tipo oposto não podemos encontrá-lo senão importado do céu, ou de planos evolutivos mais avançados. Assim, ao Cristo se pode opor Hitler como Anticristo. Aconteceu também que Cristo, confiando no Pai, que o deixou morrer, fez-se matar inocente, criando, então, uma multidão de pecadores responsáveis por isso, ou, mais diretamente, um povo de deicidas. Nos dois casos, temos igualmente uma reação, mas de tipo contrário. No primeiro, uma reação imediata na Terra. No segundo, ela é remetida para o Além. O primeiro tipo morre depois de ter feito um morticínio neste mundo. O segundo também morre, mas enche o inferno de pecadores. Em ambos os casos, tudo se paga, mas muda o tempo e a forma. No exemplo inicial, temos o morticínio de inocentes, depois a punição do culpado. Os dois termos opostos tendem igualmente a completar-se, conjugando-se no mesmo circuito.

Isto é o que sucede num primeiro tempo. Observemos agora o que ocorre depois. Ao macho vencido não resta outra coisa senão meditar na vingança e preparar nova guerra. Mas, para compreender o comportamento das religiões, é mais útil observar o sutil processo de tipo feminino. Quando o princípio masculino se esgota e, com isso, se cansa, dessa situação se aproveita o modelo feminino para tomar o predomínio e, por sua vez, esgotar-se realizando a sua desforra, já que aproveitou o enfraquecimento do outro. Isto porque o circuito não é só compensação e complementarão entre contrários, mas também luta para se esmagarem reciprocamente O tipo feminino tenta a sua vingança, compensando-se com a compressão sofrida por parte do princípio oposto. Para aqueles que, pela sua natureza, posição e interesse, se encontram da parte do inocente morto e, por isso, à volta dele se reagrupam, fazendo causa comum, este se torna um mártir. Os antigos romanos, como machos, simplesmente matavam os cristãos. Destes, o grupo que formava a Igreja fez mártires e santos, com eles enchendo o paraíso, e dos romanos pagãos fez assassinos, com eles povoando o inferno. Tudo é deslocado para o Além, não em função da própria forca, mas de Deus. O macho é realizador, não renuncia, resolve rápido, não adia. No caso dos mártires o que funciona é o método feminino. Quem o segue primeiramente ama e perdoa e se faz matar como Cristo. Depois, como a Igreja que o acompanha, manda para o inferno os pecadores; das vítimas faz mártires e envia-os para o paraíso. Quem adota o princípio masculino. ao contrário, não ama, nem perdoa, não se deixa matar como vítima, não vai para o paraíso, nem manda ninguém para o inferno, porque se arrisca a matar o inimigo, tendo em vista que as contas são imediatamente saldadas sem deixar nada para o futuro ou apelos à divina justiça. Isto que se encontra por detrás da cena é o que nos mostra a psicanálise das religiões.

Nestas opostas manifestações cada um dos dois tipos revela a si próprio e depois se glorifica, exaltando as suas qualidades: o macho a sua virtude, que é a força; a fêmea, o sacrifício. Mas, em ambos os casos, ninguém renuncia à reação defensiva, base da proteção para a sobrevivência. Apenas cada um a realiza, em forma diversa, a única que sabe usar segundo a sua natureza. Cada um dos dois sabe vencer com o seu próprio método, com o qual se sente forte e hábil, enquanto se acha débil e inepto em face do processo oposto. Isto sucede porque o ser humano é filho da sua história, durante a qual se construiu com as qualidades agora instintivas que lhe foram necessárias para sobreviver. Quem não as adquiriu foi liquidado. O macho, para a caça ao alimento, como para a defesa contra os inimigos, tinha necessidade da força e viu-se obrigado a desenvolvê-la. A fêmea, para a reprodução e para a criação dos filhos, precisava do amor sexual e materno, de dedicação, de sacrifício e, por isso, teve de desenvolver essas qualidades. Cada uni tem a sua tarefa, com divisão de trabalho para o fim comum: a sobrevivência do indivíduo e da raça. Foi em função da necessidade dessa sobrevivência que o homem teve de se plasmar. Foi assim que tivemos até hoje dois tipos de atividade: o macho na guerra, ou no trabalho, e a mulher em casa a criar a família.

Com a civilização, o guerreiro ou o caçador se transformaram em executores de atividade de interesse social, pelo que receberam a sua compensação econômica em um sistema organizado de divisão de trabalho. Assim, à conquista guerreira se substituiu esse seu equivalente mais adiantado O fato de que com o civilizar-se o valor vem a consistir não mais na força física, mas na inteligência e atividade mental, transforma as condições de vida e as qualidades necessárias para a sobrevivência Mesmo que isso tivesse permitido a mulher invadir o terreno do homem, masculinizando-se e acrescentando novas qualidades às antigas, permanecem, todavia, os dois tipos fundamentais. De um lado, o amor; do outro, o dinheiro. O primeiro, virtude da fêmea. O segundo, qualidade do macho. Destarte, a humanidade se divide em duas partes complementares. Cada uma, independentemente do seu sexo, pertence a um ou a outro tipo de personalidade, possuindo as respectivas qualidades. Por amor se entende espírito de sacrifício, bondade,

sentimento, paciência, religiosidade, altruísmo, desinteresse, intuição etc. A fêmea faz a sua guerra com esses valores e a vence. Por dinheiro se compreende espírito de iniciativa, realização, atividade, produtividade, apego aos bens, instinto de posse e de domínio, agressividade, egoísmo, irreligiosidade, raciocínio etc. O macho enfrenta a vida com esses atributos e triunfa. Ele calcula e exige de direito o pagamento do seu trabalho A fêmea em recompensa da sua tarefa se faz manter por amor; com este ela se paga, e nisto consistem a sua lógica e o seu direito. Assim, ela aprecia a esmola gratuita, baseada não sobre o cálculo, mas sobre o sentimento. A mulher transforma o dinheiro em amor, enquanto o homem converte este naquele. Cada um dos dois termos paga ao outro correspondente ao que tem para receber, isto é, o homem dá à mulher os meios para viver que ela não tem, enquanto esta oferece àquele o sentimento que ele não possui.

Este jogo de opostos investe todas as formas de vida. De um lado, o macho trabalha à sua maneira, do outro, a fêmea. O primeiro, com a sua razão prática, domina a Terra; a fêmea, com a sua intuição, abre-lhe as portas do Céu. O macho, forte no mundo, castiga. A fêmea, débil, perdoa evangelicamente. Mas, idealmente mais forte, esta castiga no Além, onde o macho, positivo, se perde no mistério. Ele pensa através da ação. O seu pensamento é concreto, materializado em fatos. Assim, ele avança. Se está em erro, conquista a justiça matando o adversário; se tem razão, é porque sabe destruir o obstáculo. Compreende que errou quando perde a batalha. Se vence, isto lhe prova que pensou certo. Ele não tem recompensas ou desforras além desta realidade, nem as espera. As contas se fazem imediata e realisticamente: ou se torna um vencedor, o que significa vida; ou se torna um derrotado, o que significa morte. A fêmea, porque é débil, não pode arriscar-se na ação; deve, portanto, prever com antecedência, porque se errar não tem defesa. O seu pensamento é astuto, prudente, intuitivo. E prudente porque sabe que não pode impor a sua justiça, mas deverá esperá-la do beneplácito do macho. Este tem a força. Ela não tem senão a astúcia. Se o macho erra, fracassa tudo, até ele próprio A fêmea sempre se conserva e, se erra, com paciência procura juntar os fracassos e reconstruir tudo novamente. O macho põe o terreno em desordem, a fêmea o cultiva. Nas guerras o macho, vencedor, invade conquistando e destruindo. A fêmea, os vencidos, recebe o vencedor, acolhendo-o entre os seus braços e reproduzindo a sua raça forte.

Realmente, o mundo é dividido entre estes dois tipos opostos, cada um com a sua forma mental e diversa função biológica. Temos Aristóteles e Platão, Santo Tomás e Santo Agostinho, Santo Inácio e São Francisco, ciência e fé, técnica e arte, obras destrutivas de guerra e obras construtivas de paz, como também Comunismo e Cristianismo. Chega-se assim, as grandes dimensões, que, segundo esses princípios, abraçam povos e civilizações, também com funções masculinas e femininas e divisões de trabalho construtivo ou defensivo da vida. Trata-se sempre de aspectos unilaterais necessitando de se unirem com a parte oposta, com a outra metade, sem a qual não se pode formar uma unidade. Nós mesmos, na presente Obra, da qual este volume faz parte, para que ela fosse completa, tivemos que utilizar ambas as formas mentais: a intuitiva, fideística, idealista, a princípio; e a racional, crítica, realista, agora. no fim.

Estas qualidades correspondem a dois tipos de personalidade, com atitudes próprias que os tornam aptos a atividades diversas para cumprirem funções sociais, seja de tipo masculino, seja feminino, ambas necessárias numa coletividade organizada onde vigora o princípio da divisão do trabalho por complementaridade de especializados. Independentemente do sexo físico, há personalidade de tipo masculino ou feminino, a cada uma das quais se destina o seu respectivo tipo de trabalho. Ora, o segredo do rendimento deste está em saber pôr o indivíduo no lugar que mais corresponde à sua natureza. Eis que o problema psicológico se torna questão econômica de suma importância. Colocar um indivíduo fora da sua justa posição conduz a um rendimento mínimo, a uma dispersão de energias, o que significa uma perda para a coletividade. É necessário compreender quem é o sujeito que trabalha e secundar-lhe as tendências, evitando situá-lo em condições de desajuste, em posição irracional, lutando consigo mesmo e em atrito com o ambiente. Se a luta é necessária à evolução, é, no entanto, verdadeiro que ela representa um consumo de forças que é interesse coletivo não desperdiçá-las. Assim, a cada profissão e atividade social deveria corresponder o tipo a ela adaptado. Verificou-se, por exemplo, que grande parte das vocações eclesiásticas desaparece, se analisada à luz da psicanálise. Existem os simples, sem vocações destacadas, a princípio capazes de fazer qualquer coisa, mas há os que se distinguem por qualidades especiais e são os mais preciosos. A sapiência das novas gerações consistirá em saber utilizar ao máximo, em cada campo, a virtude produtiva do indivíduo.

Quem se ocupava, porventura, antigamente dos problemas da personalidade? Havia um sem-número de deslocados e de aventureiros do trabalho. sendo que preciosos recursos permaneciam estáveis em um ambiente hostil. Quanto dano com o método da luta, que é sufocar em vez de desenvolver, e

quanta vantagem com o método da compreensão, que é chegar á inteligente utilização das capacidades individuais! Somos herdeiros de um passado de ignorância profunda, quando o que tinha valor era a posição social e não as qualidades do indivíduo. Valia não quem labutava e produzia, mas aquele que sabia tornar-se e permanecer patrão de servos que trabalhavam para ele. A vida era feita de guerra, não de trabalho; o bem-estar se alcançava com o domínio sobre os mais débeis, não com o esforço produtivo. Aos nobres prepotentes e ociosos com o valor da espada se opunha a vergonha de servos laboriosos.

* * *

As observações das páginas precedentes nos podem fazer compreender um profundo significado do moderno fenômeno representado pelo Cristianismo e Comunismo. A evolução leva a vida do AS para o S, isto é, de um estado de desordem para outro de ordem. O mundo passa, assim, por natural lei biológica, da força ao direito, da injustiça à justiça, emergindo sempre mais do caos do AS para disciplinar-se conforme os princípios do S. Desse natural processo biológico fazem parte as religiões, bem como as revoluções. Pode-se, deste modo, compreender por que o Cristianismo, a Revolução Francesa e, agora, o Comunismo se encontram ao longo da mesma linha evolutiva, que leva a um progressivo melhoramento na estrutura social. No fundo, não se trata senão de diversas formas segundo as quais se desenvolve o mesmo processo de evolução. Em resumo, a vida cuida sempre de progredir, mesmo que isto se verifique de maneira aparentemente contraditória, algumas vezes caminha com Deus e outras vezes contra Ele. Na verdade, em ambos os casos, ele obedece à mesma Lei de Deus.

Também aqui nos encontramos perante o mesmo fenômeno de bipolaridade constatado na contraposição dos sexos, isto é, de opostos acoplados no mesmo circuito. Temos, portanto, u'a mesma e única Lei de Deus, que se manifesta nos aspectos macho e fêmea, ambos válidos e fundamentais para a vida. Para compreender u fenômeno é necessário reduzi-lo à sua substância biológica. O Evangelho, então, não é toda a Lei de Deus, mas apenas a sua metade. Ela é a voz do elemento fêmea, que diz ao macho: "Sede bom, não assalteis, não destruais, não abuseis do comando, sede justos; deveis construir, não com a violência, mas, sim, com compreensão e bondade". E a voz purificadora da fêmea que propõe a não-resistência. Pressupõe, portanto, do lado oposto ao qual se dirige, o macho, de quem é necessário frear os instintos violentos. Sem isto o Evangelho não tem sentido. Seria como dizer a uma ovelha: "Não devoreis o vizinho", conselho que só vale para o lobo. No entanto, o Evangelho é útil às ovelhas, porque diz aos lobos para não as devorar.

Na Terra, quem representa o princípio dominante da luta é o macho, porque ele é afirmativo e caracterizado pelo espírito de iniciativa. O Evangelho significa o modelo oposto, que o completa. já que lhe é complementar, como sucede no plano da bipolaridade sexual. Mas, neste caso, ele reproduz o ideal descido de um nível evolutivo superior com a finalidade de se enxertar no plano terreno inferior para completá-lo. O princípio masculino neste mundo quer dizer o desencadeamento das forças primitivas, a matéria-prima da vida no estado caótico de separatismo; o tipo feminino representa a sua reordenação e aperfeiçoamento, disciplinando-o ao levá-lo para a situação orgânica unitária. O primeiro princípio é cisão, porque é egoísmo e guerra. O segundo conduz à coesão, porquanto é altruísmo e amor. A religião presume a fera para amansar. Mas há momentos, no desenvolvimento evolutivo, em que é preciso agir com violência para vencer resistências, quando o elemento fera é chamado a funcionar com o objetivo de avançar e fazer o mesmo trabalho em forma oposta.

A Igreja é fêmea, malgrado ser constituída de elementos masculinos, os quais não podem fazer outra coisa senão usá-la como tais, apesar de se cobrirem de atitudes evangélicas. Mesmo que a Igreja seja feminina num plano superior ao sexo, aquele é o seu sinal. O Evangelho defende a não-resistência, mas para o macho o homem evangélico que o pratica é apenas um velhaco que se deve matar. Temos aqui duas virtudes igualmente exaltadas, mas de sinais contrários: a bondade que perdoa e a coragem que vence para dominar; o herói do ideal, que se santifica com o martírio, e o da guerra, que se glorifica matando o inimigo. Quem tem razão? Trata-se de duas vitórias igualmente reconhecidas, mas que se condenam reciprocamente, uma julgando a outra derrotada. A Igreja. quando fez as guerras, realizou-as como atividade secundária e como sendo um desvio introduzido pelo elemento macho no programa evangélico original. Muitas vezes, ela se pôs a olhar para aqueles rudes feitos dos machos, abençoando-os, embora esperasse o seu fim, para se jogar, como faz a fêmea, nos braços do vencedor, que é o mais forte. Estas são leis biológicas a que ninguém na Terra pode fugir, nem existe outro caminho para quem é desarmado pelo Evangelho. Pelo fato de Cristo, através do Evangelho, ter pregado outra lei, nem por isso o princípio terrestre da luta pela vida deixou de funcionar. É evidente que o ideal representa o futuro que

se avizinha por evolução. Mas é verdade que o presente, bem diverso, com a dura experiência terrestre construiu o homem para sobreviver neste mundo e enfrentar sua feroz realidade, e não para abstrair-se dela, sonhando com uma vida nos céus. A sociedade humana é organizada para viver na Terra e repele o homem do ideal que não se põe dentro desta insistente realidade. É a própria vida que o deixa fora da lei, porque ele se coloca distante das leis biológicas vigentes.

Se a Igreja é fêmea, o Comunismo é macho e faz por si a guerra, para aplicar os seus princípios. Aqui se exalta a virtude de sinal oposto ao precedente. Os princípios são aplicados a fatos por quem está decidido a vencer para dominar. O programa, no fundo, é o do Evangelho, que a vida se pôs agora a aplicar com os métodos do macho, depois de o ter pregado por dois mil anos com os da fêmea. Trata-se do mesmo projeto de desenvolvimento que a vida vai realizando na sua evolução, ora com uma técnica, ora com outra, utilizando por turnos, segundo os seus planos, os elementos de sinal oposto de que dispõe. Alcançar a justiça social faz parte do processo de reordenação que incumbe à evolução cumprir. Aquela justiça deve, portanto, aplicar-se, porque faz parte da realização de uma lei biológica. Para chegar lá a vida passa, ora pelo caminho feminino, ora pelo masculino, mas quer atingir aquela meta. Seja em forma de capitalismo, seja de Comunismo, o mundo vai todo para este lado. Assim, estes dois opostos, como o macho e a fêmea no matrimônio, não são senão dois egoísmos rivais que, no fim, acabam por colaborar para o mesmo objetivo. Se o Cristianismo procura realizar a justiça social com o amor, o Comunismo busca realizá4a com a força. No primeiro caso, chega-se àquela finalidade com a caridade pela via da bondade e do sentimento; no segundo, com o trabalho obrigatório para todos em posições bem definidas de direitos e deveres. De um lado, uma economia de generosos impulsos da alma, do outro, a parcimônia de férrea disciplina. Dois métodos para alcançar o mesmo escopo

Parece que neste setor a vida tenha chegado a um estado de maturação, devendo passar da teoria à prática. Depois de haver com o Cristianismo difundido aquela idéia durante dois mil anos, conseguindo realizar bem pouco, a vida, para aplicar a sério o seu programa de justiça social, em vez de o confiar à Igreja, entregou-o às revoluções, primeiro à francesa e depois à russa. É evidente que, enquanto se tratava apenas de pregar bastava a palavra feminina, mas, quando se tratou de realizá-lo em larga escala o ideal tinha de passar para as mãos do macho. O modelo evangélico de justiça social é o mesmo, mas, no primeiro caso, a sua efetivação é remetida ao além, permanecendo no estado de intuição e esperando o futuro, enquanto, no segundo, aquela justiça não fica só teoricamente proposta em forma de ideal, à base de esperanças messiânicas, mas torna-se problema a resolver imediatamente na Terra, em forma concreta. Eis um Evangelho tornado macho, ativo, violento, guerreiro e realizador, que aparece como uma explosão da vida dirigida à conquista de novas expansões, como acontece na primavera, quando as sementes germinam depois do longo inverno de incubação, guardadas pela *terra mater* debaixo das neves. A forma mental do macho realizador está nos antípodas em relação ao do Cristianismo, que vive de esperanças.

Mas até as santas aspirações são necessárias, porque servem para amadurecer a semente e preparar o seu desenvolvimento, conduzido à realização da fase sucessiva, condicionada à precedente, a qual, na economia da vida, tem o seu valor. Por isso, era indispensável o trabalho preparatório realizado pelo Cristianismo, para que hoje fosse concebível em larga escala a idéia da justiça social, e este fato a tornasse hoje aplicável como programa sentido pelas massas, o que não seria possível acontecer sem aquela preparação. Em virtude deste milenário trabalho interior, o feto ficou maduro. Então, elaborado como Evangelho feminino, poderá nascer outro Evangelho masculino, que romperá a tradição das expectativas, ou as esperanças, para progredir e civilizar-nos em dimensões mundiais.

Assim, o Cristianismo pode representar um período preparatório do atual, que é de realização. Superada a sua fase feminina, o Evangelho da justiça social entra hoje na sua fase masculina. O macho revolta-se contra uma filosofia que, negando com a renúncia o seu tipo biológico e oferecendo-lhe como triunfo a glória do sacrifício, para ele negativa, coloca-o numa posição emborcada perante a realidade que ele bem conhece, impulsionando-o assim a perder a batalha pela sobrevivência. É necessário, então, que o Evangelho, se quisermos realizá-lo, tome também a forma masculina, atuando neste outro estilo, com outros métodos. A vida, para alcançar os seus fins, utiliza ambos os canais, o da fêmea e o do macho, como suas virtudes, compensando os defeitos de cada um deles.

Será que estes dois Evangelhos se encontrarão um dia, de modo que a pregação da justiça social a alcançar com o amor se resolva, em realidade, com a aplicação dessa justiça atingida através da força? Conseguirão as duas metades desfazer-se e fundir-se? Se isto acontecer, chegaremos a um Cristianismo comunista, que terá ensinado o amor aos violentos, e a um Comunismo cristão, que terá ensinado o Evangelho a atuar, em vez de somente a pregar; chegaremos a um Comunismo que reconhece o natural instinto humano de possuir, mas o limita e disciplina para o bem coletivo; e a um Capitalismo que se

torna mais justo, reconhecendo não só para os ricos, mas para todos o direito à vida. A atual dificuldade da compreensão recíproca reside no fato de que as duas idéias estão incorporadas nos grupos de interesses opostos, que prevalecem sobre aqueles princípios Em geral, em nosso mundo, não é o grupo que serve à idéia, mas esta ao grupo; em função do qual, os princípios são utilizados, como meio de luta pela vida.

Em teoria, o Comunismo é justiça social, mas, na prática, é violência e sem esta, no atual grau de evolução, não se faz nada. Teoricamente, o Cristianismo é justiça social, mas, na prática, é hipocrisia e sem esta, no presente estágio evolutivo, o Evangelho não poderia existir. No plano humano, sem uma arma para lutar não se sobrevive. Assim, o Comunismo e Cristianismo têm cada um a sua, o primeiro a do macho, a força; o segundo a da fêmea, a dissimulação. Isto porque, em uma humanidade ainda de tipo involuído como é a nossa, o ideal (S) não pode aparecer senão em forma emborcada no AS. A solução só pode ser dada pela evolução. As suas ideologias são afins no plano teórico; deveriam, portanto, facilmente entender-se; mas, no campo prático, elas são inimigas, porque este não é terreno de princípios, mas, como foi dito, de interesses, e os princípios são ostentados somente em função destes. Trata-se de vantagens concretas, imediatas, as que o involuído melhor compreende, enquanto os ideais lhe passam quase completamente despercebidos. Dada a natureza humana, na Terra não pode acontecer outra coisa. Somente por evolução é possível transformar a forma mental e as coisas poderão mudar.

Vê-se claramente o que sucede quando um ideal desce à Terra em forma de religião. O evoluído o aceita para ascender, mas a maioria involuída se sente agredida por sua intervenção para impor-se com sua presença e atuação, modificando a seu modo e fazendo-a evoluir. Isto a levaria para melhor. Contudo, interessa-lhe mais a vantagem imediata que, na sua miopia, melhor percebe. Então, dada a sua natureza, filha de um ambiente de luta, entende a ação salvadora do ideal como um assalto para subordiná-la a uma vontade inimiga, porque assim se costuma fazer no mundo. Seguindo os seus naturais impulsos de autodefesa, rebela-se contra o ideal. Nisto cada um se expressa conforme o seu tipo. O método do macho é aberta revolta, sendo que ele se faz audazmente ateu — Comunismo. O método da fêmea, pelo contrário, é o engano. um consentimento obediente de hipocrisia — Cristianismo. Recusa frontal no primeiro caso, adaptação torcida no segundo. Cada um, conforme a sua natureza, trava a luta a seu modo, com os meios que possui, um com a força, o outro com a astúcia. Estes são os dois tipos de resist6encia que o ideal pode encontrar no ambiente humano, dadas as qualidades que aqui se verificam. Compreensão para o ideal não poderá existir senão da parte do evoluído, capaz de entendê-lo e, por causa do seu amadurecimento, apto a realizá-lo. O involuído não pode responder com compreensão, porque eles só tem resistência para oferecer.

A evolução leva do sistema divisionista, feito de luta em regime de caos, ao sistema unitário colaboracionista, composto de ordem. É como avizinhar-se dessa fase mais avançada que pode realizar-se a compensação e a coordenação entre qualidades diversas para chegar ao estado orgânico. Assim, o Comunismo poderá ensinar ao Cristianismo a aplicação da justiça social, e este ensinar àquele que a vida não tem somente metas próximas a alcançar de bem-estar econômico, mas também objetivos longínquos de caráter espiritual. Mas, para que estas trocas de recíprocos ensinamentos possam verificar-se, para que as partes contrárias possam avizinhar-se, é necessário um sentido humanitário de compreensão, certo espírito de amor, que hoje falta ao inundo, sem o que não se cimenta a união, base do estado orgânico. Ora, a esse nível de entendimento e amor não se pode deixar de chegar, porque são produtos da evolução, que tende à unificação. Ir-se-á, então, do antagonismo, ao colaboracionismo, dando cada um a sua contribuição. O comunismo, no terreno econômico, contribui com o trabalho e a justiça social; o Cristianismo, no campo espiritual, com a boa ética para tornar o homem um ser trabalhador e honesto, ao mesmo tempo.

Estamos, hoje, ainda na fase caótica e primitiva de formação, na qual as forças elementares explodem desordenadamente à procura do caminho que as canalizará em direção a uma sistematização orgânica. Existe luta, porque nos encontramos em estado de involução. Mas, justamente porque a lei é evoluir, essa luta deve ser superada, a fim de desembocar numa situação de ordem. Hoje o Comunismo é ateu, mas isto acontece no atual nível biológico. Ele é inimigo da religião, enquanto esta e Deus estão incorporados numa casta. Com o pretexto bem terreno de dominar, esta se faz, fora do seu setor espiritual, rival do Comunismo no seu campo material. Ocorre que o Cristianismo somente é seu inimigo enquanto formar um grupo contra ele, defendendo os seus interesses terrenos. O conflito nada tem de ideal. O Comunismo não luta contra Deus, mas contra o clero, que, a pretexto de ser Seu ministro, quer dominar com as coisas do mundo. Ora quando, por evolução, os problemas religiosos passarem das mãos do clero às da ciência, quando a religião for problema enfrentado e resolvido positivamente e de Deus se tiver um conceito que poderá ser aceito por todo aquele que saiba raciocinar, então o Comunismo não poderá

recusar-se a admitir o que está na lógica dos fatos. Será necessário um Deus e uma religião de formas diversas. Não haverá razão para que o Comunismo, como qualquer outro regime, não aceite quem, em conseqüência de tais convicções, for honesto, e portanto mais facilmente enquadrável na ordem social.

Voltemos ao presente. Do que ficou exposto podemos deduzir várias conclusões. O Comunismo hoje nos mostra que o Cristianismo pode ser encarado também no seu aspecto masculino, em forma de realização, em vez da maneira feminina de expectativa. Isto prova que o Evangelho faz parte da vida e tem uma função a cumprir, mesmo para os ateus Colocados de parte os abusos dos seus representantes, ele significa um valor biológico universal. S, portanto, de importância vital para todos. Purificado através do Comunismo, o Cristianismo poderá sobreviver como elevada norma de conduta no seio da futura civilização do terceiro milênio. Em resumo, a fêmea como tal, dada a sua natureza e função protetora, terá conservado em forma de Igreja a idéia de Cristo por dois mil anos, porque, chegada a hora de amadurecimento dos tempos com a humanidade às portas de uma nova era, o macho se apossa daquela idéia para traduzi-la finalmente em atos e fazê-la produzir o seu fruto. Assim se compreende a função biológica da Igreja e da religião.

Podemos atingir ainda a uma outra conseqüência. A verdadeira posição da Igreja, na sua luta contra o Comunismo, não é resistir ao macho com golpes de autoridade, com ameaças e condenações, prova de uma força que ela não possui, porque a imposição forçada é adaptada à matéria e não ao espírito, enquanto a utilizada no campo espiritual foi desacreditada pelo longo abuso, perdendo, portanto, o seu poder persuasivo. A correta situação é, pelo contrário, a de quem abre os braços ao macho para compreender e colaborar; é a de cumprir a sua própria função que é de fêmea, pacificadora, e que consiste em meter-se entre os machos guerreiros para que não se matem e, assim, salvar a humanidade de uma guerra de extermínio. Para a Igreja este é o momento próprio de fazer valer as qualidades que possui como religião, isto é, as suas virtudes moderadoras, complementares das do macho. É certo que a expressão deste é a violência e o comando. Mas, se esta e a sua natureza e com isso ela representa uma força de vida e uma função a cumprir, não se pode remediar este seu defeito, comprimindo-a para eliminá-la, mas corrigindo-a com a função que lhe seja complementar. Isto, verdadeiramente, é aquilo que hoje, por instinto, se procura fazer, substituindo, com uma nova atitude de bondade, o método precedente autoritário e repulsor, feito de excomunhões e vinganças espirituais Explica-se, pois, o novo estilo do diálogo, com o qual se abrem as portas e se tenta a aproximação. No terreno da força, a Igreja não pode lutar, porque esse campo não é o seu. E se, por ser composta de machos cair na fácil tentação de ali penetrar, ela utilizará meios e métodos de outros, o que a fará entrar em contradição consigo própria.

O mesmo sucede no terreno do pensamento. A fé tem a função de penetrar por intuição no mistério, mas não pode opor-se ao controle racional da ciência, da qual tem necessidade para adquirir a solidez positiva que lhe falta. Por seu lado, a ciência tem necessidade da fé e da intuição para alcançar as altas zonas misteriosas que escapam ao raciocínio frio e aos métodos experimentais. Assim, fé e ciência são feitas para colaborar. São matérias complementares. Malgrado cumprirem funções diversas, são constituídas para se integrarem reciprocamente, dado que são insuficientes cada uma de per si. Para as necessidades da inteligência, para a técnica produtora de utilidades práticas, existe o raciocínio da mente, mas para as do sentimento, para a formação de uma consciência moral, necessária para o comportamento social, existe o calor do coração. A dureza e rigidez masculina se amolece na ternura e maleabilidade feminina, e esta se fortifica na positividade masculina, completando-se cada uma das duas nas suas carências com o pólo oposto. A virtude está no equilíbrio dado pela compensação dos dois contrários. Na Idade Média a religião fazia da vida uma fuga em abstrações místicas, em busca de alegrias espirituais. Nos tempos atuais tudo é atividade prática, utilitária, dirigida a realizações imediatas, à procura de bem-estar material No primeiro caso, só se via no além; agora, olha-se apenas para o que está próximo, ignorando o espírito. Mesmo aqui temos duas metades, cada uma incompleta por si, mas feitas para trabalharem unidas em conjunto. cada uma cumprindo a sua função. Isolar-se unilateralmente seria, para ambas as partes, um erro. O fato de que um período de nossa existência decorre no além, não implica que não se deva cuidar da fase que se vive na Terra, porque as duas vidas são complementares e nenhuma delas vale por si só. A cada uma o que lhe pertence. Nenhuma das duas vidas deve ser sacrificada pela outra: nem a do paraíso, durante o período na Terra; nem a do Além, atormentando-se com o nascimento neste mundo.

Só quando se consegue ver ao mesmo tempo os dois aspectos contrários do problema, é que se pode compreendê-lo inteiramente. Perceber apenas um deles separadamente seria ter da questão uma visão unilateral. Esta é que faz aparecer o lado oposto como contraditório e inimigo, enquanto, na verdade, é complementar e colaborador. Agora, com o panorama completo, se compreende como o tipo

masculino no Cristianismo foi levado pela sua natureza à construção de uma Igreja material em vez de espiritual, criando uma instituição mais terrena que divina e utilizando a segunda ao serviço da primeira. Mas o macho só sabia fazer uma Igreja a seu modo, conforme o seu próprio tipo biológico; não podia administrar senão se substituindo ao patrão; não podia representá-lo senão no seu lugar, afirmando-se a si próprio. Mas, desta maneira, ele completava o princípio oposto, representado pela doutrina de Cristo. A religião do macho, muito embora com a finalidade do bem, consiste em tomar o poder. Tal biótipo é construído para o comando e não pode agir de outro modo. Se ele tiver que seguir princípios de outrem, não pode deixar de lhes introduzir iniciativas próprias. Isto pode parecer traição, mas é indispensável para que o ideal possa descer e resistir ao nível evolutivo humano.

Pode impressionar ao tipo espiritual evangélico a resposta que, para explicar tal materialismo religioso, me foi dada pelo bispo de uma diocese vizinha de Roma: "O Evangelho mata. E que morte! Então, para o fiel lhe resta escolher a autoridade da Igreja". Quem concebe a religião somente do ponto de vista de Cristo fica perplexo. Como? O Evangelho por quem o representa é posto de parte por ser impraticável e a Cristo se substitui a autoridade dos seus ministros? Isto pode parecer usurpação de poder e traição aos princípios. Mas, se impedirmos de se aceitar o Evangelho a sério, isto significa que o Cristianismo é falsificado nas suas raízes!

Se pensarmos melhor depois das precedentes observações, compreenderemos que esta psicologia representa o modo masculino de ver as coisas. Tal tipo não sabe pensar e proceder diversamente. Portanto, mesmo quando deseja servir a Deus, não pode e não sabe entender isto senão como um meio de domínio. De outro modo, não seria macho. Ele, mesmo quando governa como ministro em nome de outros, só sabe fazê-lo afirmando como autoridade o seu eu (sinal positivo). Mesmo porque, para atingir o seu objetivo, vai encontrar o Evangelho pregando exatamente aquilo que ele mais deseja que "os outros" façam, isto é, acreditar e obedecer (sinal negativo). Assim, entre opostos, se forma o acordo.

Depois de havermos sustentado nos volumes precedentes a primeira interpretação, chegamos a esta, que é mais completa, porque explica a contradição que existe entre Cristo e a Igreja. Explica-a e justifica-a, até porque, quando o macho se apossa da fêmea, por tê-la feito sua, protege-a como sua propriedade, o que constitui condição indispensável para que ela, na luta pela vida, se possa salvar. E por esta razão que a hierarquia eclesiástica defendeu a doutrina de Cristo das heresias e a levou avante com o seu esforço durante dois milênios, cumprindo, com guerras, fogueiras e inquisições. exatamente a função do macho: proteger o que, precisamente, lhe pertence. Então, aquilo que podia parecer um emborcamento de princípios é apenas um trabalho necessário de recíproca complementação.

Se isto representa hipocrisia perante Cristo, porque se faz o inverso daquilo que Ele ensinou, isto é, continua aceitando o mundo e usando os seus métodos. Essa impostura humana é necessária ao princípio oposto da vida cristã, colocada em ação, para sobrevivência do modelo evangélico, que não sendo protegido pelo seu contrário é liquidado, subitamente, na Terra, no meio da luta geral.

Dessa forma tudo se explica. Mesmo que se possa compreender como realmente se encontram as coisas, também é certo que muitos absolutismos serão destruídos, se se admitir que Deus não chega junto de nós senão segundo as nossas capacidades de concebê-lo e, portanto, em função de nosso nível evolutivo e tipo de personalidade. Não é preciso fazer acusações, porque ninguém pode ser diferente de si mesmo, nem agir contra a sua própria natureza. Então é lógico e não surpreende mais — que o Evangelho seja vivido somente em parte, que a religião seja hipocrisia e triunfe o método das acomodações. Em outros livros constatamos e lamentamos esses fatos. Aqui, reduzindo o fenômeno à sua substância biológica, quisemos dar-lhe uma explicação e, finalmente, uma justificação perante as leis da vida.

Se até ontem se vivia na beata aquiescência da ignorância que não considerava tais problemas, contentando-se com dirigir-se através de fórmulas feitas, como normas consuetudinárias transmitidas sem discutir nem compreender, hoje essas questões são enfrentadas, porque se pretende resolvê-las, procurando evidência de fatos e clareza de idéias. Inicia-se, assim, novo estilo de vida. Antigamente, resolviam-se as dificuldades através de subterrâneas evasões às normas postas em evidência; agora elas são solucionadas com a compreensão. Quantas distorções, mentiras e contradições se poderão evitar comportando-nos com mais inteligência! Mas quantas verdades vieram à luz, embora estivessem escondidas atrás dos paramentos da religião e da moral oficialmente proclamada!

Para o bem estar que a humanidade está procurando alcançar dê resultados, é necessário que ele seja utilizado com compreensão e amor. Os meios materiais são completados com os espirituais, que lhe são complementares, para formar o conjunto corpo-espírito, vida na Terra e no Além. Cada tipo de bem estar, unilateralmente, por si só, é metade. É preciso equilíbrio e fusão entre os dois opostos. A solução

não está em opor às religiões o ateísmo, mas em compreender-lhes a função e em saber usá-las mais inteligentemente, deixando-as sobreviver numa sociedade cientificamente civilizada.

O amor é tão precioso quanto o dinheiro. Este fornece o necessário para viver, aquele gera a vida. Ele existe, também, no plano espiritual, acima do sexo e a gênese carnal. O Amor — e aqui com maiúscula — é sempre criador, mesmo no espírito. Sem ele a força e a riqueza do macho podem ser maléficas. O elemento feminino é conjugado com o masculino; o Amor, sempre em sentido elevado, é aliado ao trabalho produtivo. Hoje, com o desenvolvimento da técnica, que elevou muito o rendimento da atividade do macho, um paralelo progresso da capacidade de compreensão do homem poderá levar a melhores formas conviv6encia social pelo trabalho inteligente do seu princípio complementar. Esta poderá ser a moderna função do Cristianismo, isto é, amalgamar os opostos unificar os extremos, função de atualidade, que poderá ser chamada princípio feminino da religião.

Falamos assim de Deus nos seus aspectos masculino e feminino. Isto não significa que Ele seja apenas um ou outro dos dois termos. Ele é tudo sobre a cisão binária que ele abraça na sua inviolável unidade. Mas pode ser visto dualisticamente, ou num só dos seus aspectos, conforme os olhos ou formas dos termos macho ou fêmea que o observem e concebam. Sendo assim, a cada um aparece diferente, porque o tipo masculino não sabe corresponder senão relacionando Deus à potência; e o modelo feminino, senão ao Seu lado o Amor. Com qualquer dos dois termos Deus fala igualmente e se faz compreender, embora com a linguagem de cada um deles. Fala, sendo o Pai, no seu aspecto potência e, como Cristo, sendo Filho, no aspecto do Amor. E o Filho se oferece em sacrifício ao Pai, que domina e exige Dele um pagamento para remir as culpas dos homens. No entanto, os dois termos não estão separados, porque são o mesmo Deus.

Como nos referimos anteriormente, nos volumes finais da Obra, podemos chegar a um mais completo conceito de Deus, concebendo-O não só como ideal cristão de Amor, mas também como modelo masculino de atividade realizadora que, rompendo a resistência da matéria, lhe impõe a evolução para elevá-la em direção ao espírito. Teremos, assim, um Deus menos unilateral. A nossa perspectiva torna-se deste modo mais ampla, alcançando também o aspecto oposto do apresentado por Cristo. Esta visão permite-nos compreender ainda o mundo que Ele — naturalmente do seu ponto de vista — referindo-se ao céu, condenava. Mostra, além disso, a outra metade do problema e nos faz entender a realidade da vida, fato que rijo se pode suprimir e que se existe, deve ter a sua razão. Destarte, constatamos mais uma vez a lógica e o equilíbrio com que a lei de Deus funciona maravilhosamente em tudo.

X

O IDEAL E O MUNDO

Observando no capítulo precedente o fenômeno da universal bipolaridade, explicamos algumas atitudes das religiões, sobretudo do Cristianismo. Examinando-as em função não de abstrações teológicas, mas de positiva realidade da vida, foi possível compreender como nasceram e se manifestam, porque existem e quais as soluções que pretendem alcançar. Assim explicamos que a contradição e luta entre o Evangelho e o mundo são apenas oposição de dois termos complementares, feitos para se compensarem reciprocamente, não constituindo verdadeiro antagonismo. Perguntamo-nos: o que significa e que função tem, no campo do fenômeno biológico, um Evangelho que aspira a inverter as leis vigentes em nosso plano de evolução? Ora, não podemos negar uma realidade existente, conforme os desígnios de Deus, em nossa própria natureza; realidade na qual nos encontramos, sem possibilidade de escolha, inexoravelmente imersos e prisioneiros. Se de fato existe o Evangelho — e se apresenta biologicamente como um absurdo, porque julga que possamos evadir-nos da lei animal imperante na Terra, a luta pela sobrevivência — o que significa ele e qual o objetivo desta sua presença em nosso mundo?

No capítulo anterior, o problema de tal dualismo foi enfrentado em sentido horizontal, permanecendo no mesmo nível evolutivo, como bipolaridade macho-fêmea, cisão e reunião desses dois

opostos, mas ficando no plano de nosso mundo e olhando a religião como produto de forma mental humana. O nosso ponto de referência era a Terra para compreender, em função dela, todos os acontecimentos. No presente capítulo, a questão é encarada verticalmente, em diversos níveis de evolução, como bipolaridade involuído-evoluído, superação do plano terrestre, observando as religiões como uma antecipação de progresso, a realizar-se no futuro, como resultado de uma psicologia super-humana. A nossa perspectiva não será mais este mundo, mas um nível evolutivo mais avançado, para compreender como o homem poderá alcançá-lo. No caso do capítulo antecedente, a complementaridade entre positivo e negativo era entendida pelos tipos macho e fêmea. Agora, a mesma complementaridade é expressa pelos modelos involuído e evoluído. Nos dois casos permanece idêntico o principio dualístico da unidade bipolar, representada pelos dois sinais + (mais) e - (menos). Mas, aqui, não observamos mais o choque entre eles no mesmo plano evolutivo humano. macho-fêmea, mas em dois diversos níveis de evolução, isto é, ideal e mundo. Mudam as perspectivas, observando-se o fenômeno de outros pontos de vista, e, proposta de outra forma, a exposição assume aspectos diferentes.

Cristo vem ao nosso planeta e propõe-se inverter as leis biológicas aqui vigentes. Ele diz: "Abandonai todas as armas, amai o próximo. sede ovelhas. **. . .**" A vida replica: " para que o inimigo vos vença, o próximo vos explore, os lobos vos devorem". A conclusão é que os piores engordam à custa dos melhores e que, deste modo, a seleção se realiza ao contrário, a favor dos primeiros, aos quais é o próprio Evangelho que oferece o material para explorar. Esta seria, então, a verdadeira conseqüência da vinda de Cristo à Terra. Aqui continuam a dominar as leis deste mundo, segundo as quais o mais forte vence, e os bons seguidores do Evangelho, como tais considerados débeis, ineptos para a luta, são eliminados. Resultado negativo, o que significa falência do ideal.

Estes fatos explicam por que aqui o Evangelho não é de fato vivido e como o Cristianismo, à força de adaptações, se tenha tornado uma coisa diferente da que foi pensada por Cristo. Enquanto se afirma que Cristo venceu o mundo, na realidade: este venceu aquele. As leis da vida. em vez de cederem, reagiram e dobraram a seu modo o ideal. Mas, se a negação do que é inferior, por parte do que é superior para conduzir à superação, quer dizer levar novos pesos á dura vida do inferior, é natural que ele se rebele e tenha repulsa pelo ideal. Lamentavelmente, enquanto sonha com o paraíso, tem diante de si o inferno. Perante as leis da Terra, deixar-se matar, mesmo que seja por um ideal, constitui derrota, é loucura propô-lo como exemplo a imitar. Ele é apresentado em nome de leis que, neste planeta, não têm sentido e conduzem á ruína. Todavia, aqui se introduzem com a pretensão de ensinar, muito embora como estrangeiros em terra estranha. Mas aconselhar o perdão é encorajar os prepotentes. Deste modo, favorece-se o desenvolvimento dos piores, sacrificando os melhores em seu favor. Esta é a moral dos fatos, diversa das palavras. O próprio Cristo com a sua bondade se fez crucificar, o que significa a vitória das forças do mal sobre as do bem, de Satanás sobre Deus. A desforra de Cristo com a ressurreição somente depois se pôde manifestar, como uma fuga nos céus, quando as forças do mal terminaram o seu banquete, imperturbáveis no seu triunfo.

Compreende-se porque a Igreja teve o cuidado de não seguir tal exemplo e de fazer de Cristo uma organização terrena; do céu e do ideal, um cálculo de interesses econômicos e políticos Explica-se como a Igreja, que proclama o Evangelho, que condena a riqueza, possa economicamente ser avaliada como a segunda potência financeira do mundo, precedida somente pelos Estados Unidos, mas superior a todos os outros países do globo, incluídas a União Soviética e a Inglaterra. Assim, o ideal desceu para inverter o mundo, mas foi emborcado por ele. Encontrando-se na sua própria casa, o mundo colocou-o a seu serviço. Logo, o meio mais eficaz e utilizado para fazer apreciar as coisas do espírito é pô-lo em evidência, revestindo-o com valores mais apreciados em nosso mundo, como pedras preciosas e ouro, e tornando-o concreto com meios materiais, como construções, estátuas, pinturas, sem que o espírito, por sua natureza imaterial, se perde inatingível e despercebido. Verificam-se, assim, contínuas distorções: com as coisas sagradas feitas de matéria preciosa, transformadas em tesouro que excita cobiças; com os valores apreciados do espírito, cobertos de riqueza, também cobiçada, julgando que se rende homenagem a Deus através da pompa religiosa com apresentação mundana etc.

Em outros momentos de nossa exposição, observamos o ideal se posicionando superior ao mundo, no instante da sua descida, para aqui realizar-se. Examinemos agora o mesmo fenômeno, não olhando para o alto, mas para baixo, a fim de verificar o que sucede, quando o ideal pretende entrar em ambiente estranho para transformá-lo a seu modo, isto é, para fazer do indivíduo um evoluído.

Procuremos compreender o fenômeno deste outro ponto de vista. Já noutro lugar, vimos a função biológica e a finalidade evolutiva da descida dos ideais na Terra. Este trabalho não pode ser confiado ao involuído, que nada entende de tudo isso, estando bem à vontade em seu plano de vida

animal. Esta tarefa deve, então, ser empresa do evoluído. É necessário definir o que entendemos por evoluído, para evitar um mal-entendido. O homem, que ingenuamente vive o Evangelho, obedecendo às suas normas, pode julgar-se tal, embora não o seja; imaginando sê-lo, enquanto é apenas um simples indivíduo honesto, de boa fé. Assim é grande parte dos seguidores de Cristo: suaves ovelhas, ótimas para serem devoradas pelos lobos. É assim que o tipo de pseudo-evoluído serve, sobretudo, como pasto para os ferozes involuídos de que é constituído o mundo, aqueles que o ideal pretenderia civilizar. Essas ovelhas não são adequadas para este trabalho. Seu destino é ser derrotadas na luta pela vida. Eis que o ideal para afirmar-se na Terra tem necessidade de outro tipo de evoluído.

Quando perante o homem do mundo, que sabe, por sua dura experiência, qual é a realidade da vida, aparece um exemplar de idealista que crê no Evangelho como num sonho de fácil realização, ele o observa e, julgando-o de seu ponto de vista, pensa: "Este vive fora da realidade, não conhece a vida. E simplesmente um ingênuo, um ignorante. Não pode servir senão para ser' explorado. Demos-lhe, portanto, razão, alimentemos o seu sonho, cultivemos a sua ingênua ignorância, façamo-lo crer que o ajudamos a realizar o seu ideal, seguindo-o a seu lado. Poderemos, assim, melhor explorar a sua estupidez, transformando-a em nossa utilidade concreta".

Ou, então, o homem do mundo pode pensar: "Este é um astuto que colocou a máscara de idealista para melhor enganar o próximo. É necessário, pois, secundá-lo aprovando tudo, mas tomando cuidado de não acreditar nele, nem lhe cair na rede".

Em ambos os casos a verdade consiste em enganar para explorar. Esta é a verdade do involuído, aquela com que ele se expressa, dado que a sua natureza o leva a conceber tudo em função de sua vantagem egoísta, tanto que o universo não serve a ninguém senão a ele. Eis em que terreno traiçoeiro cai o ideal. O mundo o espera para destruí-lo. O resultado desta descida é guerra, lei da Terra, conduzida falsamente pelas vias subterrâneas da hipocrisia e, assim, tornada mais dura e pérfida.

Se o indivíduo por temperamento ou por educação recebida, acreditou no ideal fácil, tanto pior. Ele é um primitivo do espírito e deverá aprender a não ser, mesmo no bem, um ingênuo. O ambiente terrestre lhe ensinará que não se chega ao céu só por ternura sentimental, que a descida dos ideais significa dever imergir no pântano, que a cruz de Cristo não é só um belo ato de amor mas significa abraçar a fera humana para ser por ela dilacerado. O idealista deve aprender em que mundo vive, a desconfiar e lutar antes de acreditar e amar. O próximo se incumbe de ensiná-lo à força de golpes massacrantes. Quem se faz instrumento da descida dos ideais deve saber e ser não somente anjo da paz, mas também forte lutador; e mais do que todos os outros, porque o é em forma pacífica, sem armas; deve fazer guerra em duas frentes, a da Terra para sobreviver, e a do céu, que confia nele para a descida do ideal.

Chega-se, destarte, a outro conceito de evoluído, isto é, ao tipo inteligente, por ter atravessado e experimentado a zona involuída da besta, conseguindo superá-la. Não mais o evoluído ingênuo e inocente, acabado de chegar ao plano do espírito, mole e frágil, sonhador e enamorado, convencido de que se pode alcançar o céu com vôos de fantasias, sonhos de poeta, evangelicamente terno para com o próximo, porque ainda não lhe conhece a verdadeira natureza. Pelo contrário, temos um evoluído que subiu todos os Calvários e foi crucificado em todas as cruzes das muitas velhacarias humanas. Portanto, conhece-as e não cai mais nelas, dado que lhe deixaram o sinal na pele, para sua permanente lembrança; um evoluído verdadeiro, tornado tal por ter amadurecido através de todas as provas. É assim aquele que leva consigo a experiência do mal superado, ou porque lhe foi feito pelos outros, ou porque, tendo sido feito por ele, experimentou as duras conseqüências a que conduz. Como vítima sacrificada, ou mesmo como carrasco convertido, deve conhecer todo o mal de que transborda a Terra. Os ingênuos não vão para o céu, mas ficam neste mundo para aprender. O paraíso não pode ficar cheio de meninos que brincam de ideal. Deus os manda ao nosso mundo para que vejam o de que verdadeiramente se trata e voltarem depois mais maduros, terminada a escola.

Trata-se de compreender que o bem e o mal não são somente o próprio bem-estar ou o mal-estar individual e presente, como crê o primitivo, mas que o verdadeiro bem pode ser dor, e o mal prazer. Quanta coisa é necessário experimentar e entender para ser realmente evoluído, soldado do ideal!

O santo, que não conhece o mundo e não está encouraçado contra os seus assaltos, é eliminado pela vida como um inepto que não ajuda a descer na Terra nenhum ideal. O verdadeiro pobre, aquele que sabe o que é a pobreza e luta contra ela com qualquer meio, pensa que fazer-se pobre por amor ao Evangelho seja um esporte de luxo para os muitos saciados; julga-o um capricho dos ricos, uma aventura de gente que não conhece a realidade. Prepara-se, portanto, para derrotá-lo. Quem experimentou a luta pela vida sabe que não há margem para brincar com os ideais e que com eles se pode arriscar à morte.

Cuidado com os ingênuos, fáceis em acreditar, que se deixam seduzir pela glória do guerreiro e do santo, sem terem estofo para tal! A vida baseia-se num jogo de força ou astúcia, não sobre a justiça. Na Terra, quando alguém consegue devorar o seu inimigo, diz que Deus o ajudou. Enquanto o idealista contempla o seu sonho, o mundo prepara o assalto. A sua voz de sereia encantadora fala em nome das coisas mais elevadas, mas ninguém a escuta. E, se alguém a ouve, entende-a a seu modo, ou seja, que ela vale somente enquanto pode ser utilizada para explorar o cantor, dado que este é o único meio com o qual aqui ele pode servir para alguma coisa. Ele é uma flor frágil do campo, adaptado ao céu, enquanto a Terra é feita de tempestades e de vida dura que não admite bondade. Entretanto, julga poder encontrar em tal ambiente enamorados do ideal que celebrem com ele o seu canto sobre-humano! Neste mundo o homem não pode ser um honesto ingênuo, mas deve ser um honesto astuto, para não ser enganado por todos os astutos; um honesto lutador, para não ser destruído pelas agressões de todos os lutadores.

Conforme as leis do plano animal-humano, a vida coloca o problema em sentido completamente diverso. Para ela o trabalho a realizar é a conquista do conhecimento terreno. É atividade que procura o novo e explora o desconhecido, porque a sua finalidade maior é evoluir. Para isso experimenta todos os caminhos. E, se a tentativa foi mal dirigida e resultou em erro, em todo caso vale mais do que a inércia, que não constitui experiência alguma. Se esta acabar mal, poder-se-á corrigir. Porém ela é já uma esperança, enquanto a inocência do ignorante não representa coisa alguma, não contém qualquer atividade, nem experiência, nem conhecimento. Para a vida o inerte vale menos que o rebelde. Este ao menos se move, arrisca, luta, à sua custa faz alguma coisa. Por este caminho ele pratica o mal, mas se prepara também para aprender que aquele mal lhe cairá em cima e que, portanto, será mais conveniente não repetir a experiência. Quem não faz nada não se dispõe a aprender coisa alguma. Ele se afasta da vida, porque nem sequer inicia a senda da experimentação. O outro, ao contrário, mete-se na estrada e vai em busca de qualquer coisa. De algum modo ele tomou uma iniciativa, por isso caminha, e quem assim procede, porque já se encontra em posição de marcha, tem mais probabilidade de chegar do que quem está parado. Quantos santos na juventude foram tristes indivíduos! A santidade não pode ser ignorância e ingenuidade, mas sim, conhecimento por experiência adquirida. Para chegar aos altos níveis da vida e empreender a 1uta do santo, é necessário ter primeiro atravessado os planos mais baixos e não ignorar a luta que neles se trava. O santo não é um débil, sem potentes impulsos, sem músculos e garras, mas um forte com ímpetos dirigidos para o alto, com a sua força colocada ao serviço do bem. Só assim se pode representar o ideal na Terra e ser instrumento da sua realização.

Para que isto suceda, o ideal não pode ser confiado a ovelhas, que, não sabendo fazer outra coisa senão deixar-se matar, servem apenas para fornecer alimento destinado a engordar lobos, que continuarão a devorá-las enquanto elas os convidarem com a sua bondade. A vida quer a evolução e o esforço para executá-la; não protege, portanto, essas fugas. Ela quer que os bons lutem e construam uma barreira que sirva de obstáculo ao avanço dos malvados. Por obra desta resistência, o número destes e dos seus golpes bem sucedidos deve diminuir cada vez mais. E esta transformação a vida confia à ação das próprias vítimas, que devem tornar-se sempre mais espertas e inteligentes, de modo que não se deixem mais enganar. A evolução é uma arrancada da injustiça para a justiça. O ideal desce tanto para os justos como para os injustos, com o escopo de levar todos em direção ao S. Para encontrar vítimas, os astutos desonestos devem inventar sempre novos enganos, a fim de que, sofrendo-as, também elas aprendam. E inevitável a chegada do momento em que, havendo elas experimentado e aprendido todos os ardis, esgote-se o repertório, e nenhuma astúcia poderá mais servir, por falta de ingênuos que neles creiam. Então, o mal, tornando-se cada vez menos produtivo, acaba por ser cada vez mais posto de lado, já que sempre traz consigo mais risco e falência. Chegados a este ponto, os bons terão vencidos os malvados, que deverão admitir que doravante a velhacaria não lhes pode trazer senão dano. No final os exploradores da bondade do próximo devem reconhecer o seu erro e chegar a um acordo com os explorados, se quiserem viver. Quando não se encontrar mais quem faça o papel do enganado, não é mais possível viver enganando. O jogo deve cessar por falta de elementos com quem praticá-lo. É assim que o desonesto tem de se tornar honesto, porque a resistência dos atingidos por ele faz com que para si seja danoso ser desonesto. Com esta técnica nos seus níveis mais baixos, a vida, por meio da luta, impulsiona a subir, indo ao encontro do ideal que desce do Alto.

É por isso que a vida expõe a inocência do primitivo a todos os assaltos, a fim de que ele faça alguma coisa e aprenda. Ela o deixa indefeso com esse objetivo. Num plano superior o super-homem pode dizer: "Eu sou honesto, vivo o Evangelho, isto basta, Deus, então, me recompensa. Se sou paciente e resignado, com a minha virtude caminho em direção à felicidade". No nível humano, pelo contrário, a vida diz: "Se não te sabes defender, serás morto. Se fores paciente e resignado, os outros aproveitarão

disso a te explorar para vantagem deles". O ideal diz: "Segue Cristo até ao martírio. Este é o triunfo do espírito". A vida diz: "Acabar como Cristo é morte horrível. Isto não é triunfo, como te querem fazer crer, mas a pior das derrotas. O homem é feito para viver e não para seguir tal mortífero exemplo. Cristo é filho do céu e se apressou a voltar para lá; o homem é filho da Terra e aqui deve ficar. Deixemos que os ingênuos caiam no engano. Por isso são eliminados. Mesmo encorajando-os a se sacrificarem, aproveita e engorda com a sua virtude e renúncia" Como se vê, trata-se de duas leis diferentes, cada uma própria de determinado ambiente. O fenômeno da descida dos ideais verifica-se desde o plano do evoluído ao do involuído, agora descritos, para transformar o segundo no primeiro e fazê-lo, portanto, passar a um nível e lei de vida mais altos.

Este é o trabalho que espera ao evoluído. E ele que deve trazer o céu à Terra, resistindo ao assalto de quem quiser destruí-lo. Com o seu grande sonho no coração, ele deve descer até à luta. Ao seu amor o mundo responde com a agressão; à sua generosidade, com a carência das necessidades materiais. A luz do céu se torna sangue: o ideal, dor. O AS procura aniquilar o S, que pretende entrar no seu reino. A tentativa de endireitamento é seguida de contínua e oposta vontade de emborcamento. Antes de poder concluir com a ressurreição, o ideal deve ser crucificado. Ele é luz, mas deve mergulhar nas trevas para transformá-las naquela. É uma subida que implica uma descida para fazer ascender quem está em baixo. Para poder existir na Terra, a idéia deve ser fechada numa camisa-de-força que a defenda e a torne sensível aos outros, sem o que não sobrevive e sequer é percebida. Descer no mundo significa ficar aprisionado dentro dele.

Para chegar a realizar-se, a intuição do evoluído deve sujeitar-se a retrocesso involutivo, a uma queda de dimensões, adaptando-se a contorções e mutilações. O ideal deve penetrar num mundo antagônico, onde as virtudes se tornam fraqueza e defeito; a lógica do bem, um absurdo no meio do mal; a verdade, uma forma de mentira para enganar os ingênuos; a ordem, a paz, a felicidade, miragem para esconder a realidade, que é caos, luta, dor. O mundo entende a seu modo o impulso do ideal em direção ao Alto, isto é, como um assalto à sua integridade, ao qual resiste por legítima defesa e que repele com as suas armas, porque deseja permanecer como tal. O mundo é dividido entre fortes e fracos. O evoluído que não entra em guerra e não vence é colocado entre os fracos e liquidado. Enquanto ele oferece escola ao involuído para civilizá-lo, este mostra a experiência ao primeiro para fazer-lhe compreender a realidade da vida. Se o ideal representa o futuro, o presente é bem diverso; se aquele é uma esperança, uma expectativa, este é uma realidade dura e atual; se o primeiro é a coisa mais bela que possa existir, o segundo é o bruto que de fato existe. Ai de quem não conhece esta realidade e se mete dentro dela desarmado! Isso lhe pode custar a vida. Fazer na Terra o papel de evoluído é perder-se nos sonhos do céu, deixando-se seduzir pelo encantamento do ideal; é ignorância que a vida, no nível do involuído, castiga sem piedade.

Procuremos aqui compreender o significado biológico deste contraste entre o ideal e o mundo. Na Terra existe luta não apenas em sentido horizontal entre indivíduos do mesmo plano, mas também, verticalmente, entre representantes de níveis diferentes. É natural que, sendo transformismo o existir, dado que tudo é evolução, quê, deve sê-lo também a luta que é necessária para realizá-lo. A conclusão a que nos leva a constatação desse contraste entre os dois termos opostos, mundo e ideal, é que o primeiro é feito de involuídos, ao qual o grau de civilização do Evangelho não é ainda aplicável, ou então, este é uma utopia que a vida não pode aceitar, porque vai contra as suas leis. Se, de fato, esses dois constituintes são inconciliáveis, o defeito que disto é causa deve estar em uma das duas partes. Ou em ambas, isto é, no sentido de que o mundo tem razão, mas só no seu nível animal-humano e não no do ideal; e o Evangelho também está certo, porém apenas no seu plano super-humano e não no do mundo. Assim, é natural que cada um dos dois, transportado para fora do seu ambiente, não seja realizável.

Não há dúvida de que o ideal na Terra representa um transplante em campo que não é seu. Assim se explica por que ele existe mais como aparência do que como realidade. mais pregado do que vivido. Compreende-se também o fato de ser ele uma adaptação e um artifício; apenas uma bela "toilette" com a qual o orgulho humano procura esconder a sua animalidade; um artifício com o qual aparenta uma espiritualidade que não possui. . É natural que o ideal neste planeta apareça sobretudo em forma de mentira, aparentando aquilo que na realidade não é. No entanto, se tudo é transformismo, esta posição não pode ser definitiva. Ora, o que significa isso? Se é verdade que na Terra o ideal ainda não pôde penetrar plenamente, contudo ele começa a fazê-lo cada vez mais. Trata-se, pois, de progressiva percentagem de realização por lei de evolução.

Na verdade, o ideal está só tentando entrar no mundo, mas se encontra no início desta sua operação. Nosso ambiente terrestre ainda pertence ao nível evolutivo animal, e o Evangelho, a um plano

superior. Partindo do seu estágio atual, o homem está destinado a alcançar essa realidade mais avançada, guiado para isso pelo Evangelho, como por um farol de luz alta e longínqua que lhe mostra o caminho a percorrer e o modelo segundo o qual se deverá construir. O Evangelho só é hipocrisia nesta fase, porque tende sempre mais a tornar-se verdade vivida; tampouco é utopia, em sentido evolutivo, perante o futuro, porquanto se tornará realidade. Então, nossa fé no Evangelho, em contraste com o mundo, não é ingenuidade de inexperiente, mas antecipação evolutiva, já que corresponde a um impulso da vida em sentido criador, tendente a civilizar um mundo ainda selvagem. Isso, entretanto, só pode ser compreendido por quem está amadurecendo para superar o nível biológico da humanidade atual e está em via de transformação. Só este pode entender qual é o tipo de vida de um plano mais avançado, porque, com uma forma mental diversa, pode ver aquilo que o homem comum, bem instalado no seu nível, de onde não sabe sair, nem sequer suspeita possa existir. Para ele, em plena consciência, mesmo que isso seja hipocrisia. este é o melhor modo de atuar e, portanto, está convencido de estar fazendo o bem de tal maneira

O tipo biológico que melhor pode fazer compreender o fenômeno do contraste entre ideal e o mundo é aquele que se encontra em fase de transformação evolutiva, que o leva à superação do nível humano e o prepara para entrar em plano mais alto Ele pertence um pouco a ambos os níveis, está suspenso entre os dois, que se podem mostrar nele encarnados. Chamá-lo-emos santo, porque assim, na Terra, se costuma designar este tipo espiritualmente elevado. Com esta palavra, contudo, entendemos cada tipo de evoluído, ou super-homem, seja ele cientista, artista, pensador, filantropo, herói etc., isto é , o indivíduo que levou ao estado de sublimação o seu particular tipo de personalidade. A sua esporádica existência no mundo permite-nos observar o seu especial modo de comportar-se, a sua luta para fazer descer na Terra uma realidade mais alta e a reação do mundo contra esta oferta.

Desta maneira, é fácil ver o contraste, porque os princípios opostos dos dois planos se podem apresentar encarnados em seres vivos e em ação, enquanto estão realizando a sua natureza. Eles fazem-se guerra, usando duas formas mentais e seguindo duas estratégias diversas, o que gera um mal-entendido contínuo. Enquanto o santo se oferece para abrir o caminho a um tipo de vida mais alto e feliz, o involuído, incapaz de compreender as vantagens de tais ascensões, revolta-se como para proteger-se de um perigo, julgando tratar-se de um ataque, como é normal na luta pela vida Pelo fato de que se lhe pede esforço e renúncia, ele interpreta a oferta como se fosse uma tentativa de sufocação dos seus impulsos vitais. Daí o mal-entendido e a reação. Porque o indivíduo quer o desabafo e não repressão dos instintos. Mais do que o esforço da ascensão prefere a cômoda via da descida; ao bem a conquistar com o seu trabalho prefere o mal merecido pelo prazer imediato. Ora, se o santo já vislumbra outra forma de vida superior, o involuído só conhece a terrena. E, não sabendo imaginar coisa melhor, porque esta vida esgota todas as suas possibilidades e aspirações, agarra-se a ela desesperadamente. Isto é natural, porquanto, perdido este tipo de existência, nele não existe o amadurecimento necessário para ele poder ressurgir espiritualmente em um nível mais alto, restando somente o vazio e a morte. A sua capacidade de existir está restrita apenas ao plano biológico humano. Assim ele se coloca contra o santo para vencê-lo na luta pela vida, ficando exclusivamente no âmbito dos problemas terrenos. Mas a luta do santo é por outro tipo de existência. Privá-lo do mundo não significa tirar-lhe toda a vida como sucede com o involuído mas somente a sua inferior, mutilando-a, ele se liberta de um obstáculo à ascensão, é ajuda para ascender-se, rompendo a casca da matéria e saindo do cárcere da animalidade, reino do involuído.

Mas existe ainda outro fato: o santo exerce atração. O involuído sente isso que se torna objeto de sua simpatia. O instinto. inconscientemente o leva a submeter-se a este fascínio Isto tem a sua razão de ser. A beleza da mulher seduz, porque isto serve à vida para a reprodução. O ideal se apresenta belo, e a sua beleza encanta, porque serve à vida para a sua evolução. Ele é um absurdo na Terra, mas corre-se para vê-lo, porque certamente é uma maravilha sonhar para viver como ele ensina, quando a realidade na Terra é feroz e assim quer permanecer. Também o involuído, por um obscuro pressentimento, sente que o santo representa a realização de uma fase evolutiva mais avançada, colocada no seu futuro, aonde ele próprio um dia chegará. Esta ânsia de ascensão é comum a todas as formas de vida, e a sentem também os seres inferiores. O santo apresenta o grande sonho alcançado, que nele se encarnou, mostrando uma forma de superior felicidade; e todos procuram, ardentemente, ser felizes. As massas desejariam roubar-lhe essa felicidade já que ele a possui. Avizinham-se dele, esperando por vias oblíquas poder, pelo menos, roubar-lhe um pouco, sem compreender que cada alegria não pode ser possuída senão se sujeitando ao esforço individual necessário para merecê-la.

Há outra razão mais positiva e imediata pela qual o santo atrai: ele é a boa ovelha que se deixa devorar. Oferece, portanto, a satisfação mais ambicionada na Terra: poder, impunemente, banquetear-se

devorando o próximo. O santo satisfaz o maior desejo da vida no plano animal: sufocá-la aos outros em favor dela própria; ele não reage, não faz guerra, ao assalto responde com o perdão; em vez de luta e riscos de derrota, oferece a outra face, isto é, a vitória fácil sem perigos e fadiga, sem ter de pagar o desabafo gratuito dos piores instintos. Que se pode desejar de melhor? Cristo deu a maior satisfação possível à feroz cobiça dos seus crucificadores. E eles puderam saciar-se sem arriscar ou pagar coisa alguma, ao contrário do que acontece na guerra, onde existe um inimigo armado em lugar de uma vítima paciente.

Como se vê, também ele representa uma força na vida. E aqui o vemos em ação, cumprindo a sua função de fundamental importância biológica para realizar a sua parte na técnica da evolução. Estas observações nos permitem delinear a posição do santo em relação ao mundo, quando ele entra em contato com este. O exame que agora fazemos se poderia chamar: psicanálise de fenômeno da santidade.

O valor do trabalho, que a vida oferece ao evoluído, isto é, a função biológica de preparar a realização da ascese evolutiva não é reconhecida na Terra, mas apenas o valor do trabalho produtivo de vantagens concretas e imediatas. Ele deve, portanto, executá-lo nas mais difíceis condições. Se não é econômico e socialmente valorizado, todavia, entre todos os trabalhos, é o mais importante para os fins da vida. Dado que por essa razão ele tem de se realizar, deve ser protegido por forças estranhas ao nosso mundo, superiores às comuns avaliações humanas. Não é, pois, com o homem que o santo pode contar, mas somente com Deus, isto é, com as forças inteligentes da Sua Lei. A intervenção do mundo a respeito do santo é totalmente negativa, pelo menos enquanto vive e trabalha na Terra. A glorificação virá depois, quando ele não tiver mais necessidade de ajuda alguma. Mas, enquanto for vivo, terá de ser pobre, virtuoso, crucificado. Porque deve ser pobre, ele é privado dos meios para realizar o seu trabalho, já que vive num mundo, onde sem o estímulo do dinheiro ninguém o segue e, se faltarem condições para viver, toda a energia e tempo serão empregados na necessidade de lutar para conseguir essas condições, sem as quais não se vive. Ele deve ser virtuoso e trabalhar com as mãos presas, enquanto os demais que não são santos as têm livres. Ele, enfim, deve estar pregado numa cruz de dor, porque assim é difícil trabalhar para o próximo e produzir, mesmo que seja espiritualmente, podendo apenas santificar-se e ir para o céu.

O mundo funciona com outros princípios. . É organizado para outras finalidades e joga fora da sua corrente quem não a segue. O ideal na Terra é um luxo de ricos que podem abandonar-se a sonhos por terem resolvido o problema econômico. O pobre, pelo contrário, assediado pelas necessidades materiais, deve subordinar tudo a estas, mesmo o ideal. É natural, portanto, que procure utilizá-lo em tudo aquilo que lhe seja possível. É assim que a religião pode servir para tantas coisas não religiosas, mesmo anti-religiosas. Quem vive num baixo plano de vida não tem, nem deseja margem para meter-se a antecipar formas mais altas, porque isto custa trabalho e sacrifício. Para ele já é muito conseguir resolver os problemas do presente, do seu nível. Ele tem outras necessidades e não vai prever problemas futuros, ou planos mais altos. Não há lugar para enfrentar superações, quando se é martelado pelas exigências quotidianas. O mundo enxerga o santo através de sua ótica, e somente pode tratá-lo em função dela.

Na Terra, não vigora a moral da superação, mas a da sobrevivência; é justo, é bom aquilo que serve para viver, e é injusto, é mau aquilo que conduz à morte. Segundo a moral biológica, a experiência de Cristo foi um erro e uma culpa. E, de fato, essa moral o castigou com a morte. Ora, o ideal desejaria derrubar essas leis. Mas é natural que, quando ele oferece a miragem de uma vida superior, ao nível humano isto possa soar como um engano e uma traição. O instinto de conservação não foi, porventura, dado por Deus para a finalidade da sobrevivência? E devemos nós violar esta lei? Para a moral biológica quem faz isso é um suicida, expulso da vida porque é culpável, por não a ter defendido, como seria seu dever. E, no plano humano, a vida é física e terrena, não celestial. Ser privado aqui daquele tipo de vida significa perdê-la toda. Como exigir, então, que a vida humana não se rebele? E, se o Evangelho, para quem segue o exemplo de Cristo, mata, como pode a vida aceitá-lo? Afinal que se pode reclamar de um ser filho da moral biológica, dentro da qual cresceu e à qual deve o fato de ter sobrevivido até hoje, vencendo com tenacidade a luta pela vida? Para contê-lo um pouco dentro de uma disciplina moralizadora necessária à convivência social, foi preciso o terror do inferno, desenvolvendo nele instintos de sadismo, enquanto do outro lado permanecia, pouco convincente, um paraíso feito de nebulosos bens futuros e de alegrias espirituais dificilmente compreensíveis.

Eis que, quando o santo, terminado o seu trabalho terreno, vai-se embora, o mundo, que se põe a glorificá-lo, não muda por isso a sua forma mental, nem a sua atitude em relação a ele. E assim que também nesta glorificação há um cálculo utilitário. Fazer de outro modo seria contrário às leis da vida. Começa, pois, a indústria do santo, porque este utilitarismo, que é lei biológica, leva a industrializar tudo: ideal, religião, espiritualidade, salvação final etc. Na Terra, também essas coisas acabam revestindo-se de

formas humanas, como fama, glória, meios econômicos, poder psicológico, domínio de massas, e assim por diante. Então, daquele pedacinho de céu que o santo trouxe à Terra se apossam os homens de ação. Tiram-lhe toda a utilidade possível, mas o usam para as suas finalidades de grupo, como sua própria bandeira, exemplo para os outros e justificação de posições adquiridas. O santo está morto, mudo, podendo-se fazer dele aquilo que se quiser. Ele arrastava as massas atraídas pela sua luz antecipadora de evolução e, por seu intermédio, pode-se continuar a atraí-las para vantagem própria e à maneira de cada um. Isto significa adaptação. Pode ser até desvio. mas trata-se também de um momento do fenômeno da descida do ideal, dado que o seu rebaixamento é necessário, se quisermos que ele possa alcançar a Terra. Aqui um ideal de absoluta pureza não consegue existir. E, para que possa resistir, é necessário um certo grau de acomodação, o que significa a sua corrupção. Para sanear o pântano é preciso que a pureza nele penetre e fique manchada.

Ocorre que o santo é incorporado ao grupo dos seus seguidores, que o acompanham levando cada um a sua vantagem. Em geral o santo atrai meios econômicos, como as esmolas, os quais constituem a suprema atração no mundo. Vemos isto, atualmente, no caso do Padre Pio de Pietralcina na Itália. Eis o resultado: milhões de liras, construções, enriquecimento do lugar, fanatismo, aglomeração do povo. Para os outros: a indústria do santo. Para ele: tribulações Transformando-o numa preciosa e rendosa propriedade de um grupo. Depois de morto, ele se torna santuário, peregrinações, esmolas etc. Eis em que o inundo transforma a santidade. O dinheiro por sua natureza atrai os piores, e à volta dele começam: luta, rivalidade, irregularidade administrativa, acusações, escândalos e a algazarra humana. A autoridade eclesiástica, ora aprova, ora condena. Defenderá só depois da morte do santo, se, apoiada por um consenso universal, puder incorporá-lo sem risco de se enganar. Então, intervém oficialmente e santifica. Com isso a utilização do santo é legalizada e definitiva. Durante a sua vida, não lhe resta senão penitência, amargura, isolamento, incompreensão, exploração e freqüentemente condenação. Com mentalidade materialista, a espiritualidade é relegada ao último plano e, no caso acima, reduzida ao fenômeno físico dos estigmas, levada ao nível que o mundo compreende. Isto reduz tudo àquilo que a sua forma mental exige para seu uso. Ele oferece ao santo glória e dinheiro, as coisas que mais lhe dão fastio, mas que melhor servem aos seus seguidores, que se preparam para substitui-lo, tornando seus herdeiros e administradores, fazendo da santidade uma coisa que lhes é útil e não ao santo. A este se deixa o sacrifício de todas as virtudes, extraindo deles a glória com seu rendimento. Esta substituição é o primeiro passo de desenvolvimento do fenômeno da descida de um ideal. O instinto dos seguidores é utilizar o santo para si, é tomar posse dele e submetê-lo às suas próprias finalidades. Tentaram, assim, envenenar São Benedito de Norcia e fizeram desaparecer as regras da Ordem de São Francisco, para ficarem discípulos fiéis em arrecadar esmolas, mas não na vida de penitência.

Pode-se ver como na descida dos ideais seja inevitável aquilo que sucede também com as religiões e espiritualidade na Terra, isto é, a luta entre dois planos evolutivos diferentes: o do espírito e o do mundo. Cada um deles exige satisfação às suas necessidades. O santo diz: o homem é involuído e o solicita a subir; o mundo grita: o ideal é utopia que mata e o adapta às suas próprias comodidades, freando o impulso do santo. Este debate-se entre os liames da matéria para dela se libertar; o mundo luta para não morrer na atmosfera rarefeita do espírito. O santo quer amar, com um amor diferente, e se o fizer, será destruído. O mundo cuida de banquetear-se com a carne da doce ovelha que gostaria de amá-lo. Grande parte da paixão de Cristo serviu para divertir as feras humanas do seu tempo.

Com a mente cheia de idéias e o coração repleto de paixão, o santo deve salvar-se dos mercadores do espírito e da involução das massas, que, com a força do número, como clientes compradores dos produtos espirituais, impõe os seus gostos. O mundo quer o ideal rebaixado ao seu nível, porque de outro modo não o entende e não o utiliza. Assim, também o santo deve acabar por tomar a cor da Terra, em que vive. Ambos não podem deixar de se manifestar segundo o seu ponto de vista: o santo, com inteligência e bondade; o mundo, com astúcia e egoísmo. Cada um dos dois enfrenta o outro com os meios que possui! E para lutar se abraçam. Deste modo se realiza o trabalho da transformação evolutiva. Tal é a técnica da evolução na qual o evoluído é plenamente envolvido como instrumento realizador.

O contraste é evidente e depende da absoluta diversidade dos princípios colocados como base da vida. Às vezes temos vontade de perguntar se não é uma pretensão absurda inverter as leis biológicas do planeta para substitui-las. Como se pode pedir que se ame o próximo, quando cada concessão feita em favor da vida deste, que é um inimigo, significa uma limitação da sua? Não resta senão adaptar o ideal, restringindo-o às formas externas, à superfície, impedindo-o de intervir na substância, que, dessa maneira. ele não perturba. Este, de fato, é o ideal que existe no mundo: falsificado, reduzido à hipocrisia. Que pode fazer o evoluído, levado a tomá-lo a sério? O homem pode escolher entre estes quatro cami-

nhos: 1) concordar com o mundo, isto é, viver conforme a lei terrena, embora dissimulada com práticas religiosas, usando a inteligência para camuflar-se de pessoa de bem, formalmente no seu lugar; 2) rebelar-se contra o mundo; isto leva a um estado de guerra pouco evangélico e requer um instinto de agressividade que o evoluído não possui. Só ao involuído podem agradar tais métodos de difusão de um ideal, os quais implicam: absolutismo, intransigência, proselitismo e afins; 3) rebelar-se contra o mundo em forma pacífica, mas sofrendo4he a reação e acabando como mártir, para vantagem dos sucessores; 4) isolar-se do mundo para seguir o seu próprio caminho. Este é o único modo que evita a mentira, a guerra, a exploração.

Isolar-se não significa consumir-se a favor dos outros mas, sim, estiolar-se como solitário, isto é, não correspondido pela compreensão, bondade, comunhão de vida. É um extinguir-se que nos deixa ainda mais sozinhos. Mas outra coisa não se pode esperar de um mundo que se rege por outros princípios. No fundo, permanece o fato indestrutível da distância evolutiva e da dificuldade de preenchê-la. Ninguém pode deixar de ser aquilo que é, nem pode pertencer a um plano evolutivo diverso do seu. A verdadeira superioridade é um fato interior que o mundo não vê, e quem a possui não deseja mostrá-la. Ele baseia a sua avaliação sobre aquilo que ele é, não sobre o que aparenta. De fato, não procura louvores e glória, porque a exaltação da sua pessoa não pode acrescentar nada àquilo que é. O santo baseia-se no consenso de Deus, não no dos homens. No entanto, é fácil cair na lisonja da glória e ficar por ela seduzido, estando ela ligada à fama de santidade. Portanto, é sábio não mostrar virtudes para não ser exaltado, visto que o cheiro da bondade atrai imediatamente os astutos, que procuram explorá-la. Para trabalhar em paz é melhor confundir-se com a multidão e colocar as vestes de um normal pecador, mesmo que não o seja. A pessoa boa é presa fácil, gratuita e atrai os caçadores. Aparecer como santo também aos de fora, dado o mundo em que se vive, pode excitar nos outros qualquer instinto inferior e impedir que se seja santificado verdadeiramente. Em vez de estar numa atmosfera de espiritualidade, o santo encontra-se imerso na baixa luta humana que, para os seus próprios fins, procura desviá-lo dos objetivos que ele pretende alcançar. Então, o mundo pretenderá julgar o seu caso, intrometer-se nas suas relações com Deus, e ele será levado perante o tribunal da opinião pública, curiosa, vá e egoísta. Oferece-se, assim, a tantas nulidades ocasião de divertir-se, de desabafar os próprios instintos, de penetrar nos sagrados recessos de uma alma para sujar e estragar. O mundo não merece tais sacrifícios, para ele uma verdadeira exploração. Mesmo os valores do espírito são preciosos e não podem ser desperdiçados.

A santidade é um fato individual e interior, que vale por si mesma e não é reconhecida, glorificada e medida pela autoridade religiosa para as suas finalidades. O santo é Deus quem faz, não os homens. Quem sabe quantos santos não são conhecidos do mundo! E, se o foram, até que ponto chegaram a ser reconhecidos como tais! Poderá o homem julgar esses casos? Servirão os pontos de referência de que ele dispõe? O consenso popular tem um valor relativo: corresponder a um desejo da massa que o santo satisfaz. Mas o subconsciente coletivo não possui a unidade de medida para julgar tais fenômenos, que superam o plano de evolução em que estão situadas as massas. O alto pode julgar o que está em baixo, mas o contrário não é possível. De tudo isso a mediocridade não pode compreender senão a satisfação dos seus instintos. Assim, os concílios podem revelar aquilo que a maioria pensa e quer. Mas a verdade está por cima desses acordos, nem se constrói por consensos coletivos. Estes oferecem uma verdade relativa para os usos da vida em dado momento, sujeita à contínua evolução, como de fato acontece, servindo à autoridade para aliviar a própria responsabilidade e justificar assim as suas decisões.

Neste exame da técnica evolutiva, observamos a posição do mundo perante a do santo como instrumento realizador da descida dos ideais, isto é, diante da função do santo, que é o elemento mais alto do fenômeno, o ativo e positivo; examinamos a função do mundo, o elemento mais baixo desse fato, o passivo e negativo, que se expressa com movimentos de resistência. O processo evolutivo realiza-se com o contato e conjunção, em forma de luta, entre esses dois extremos de sinal oposto. Desta maneira, o quadro completo resulta não apenas de como aparece o ideal visto pelo mundo, mas também como este se mostra observado pelo ideal. Analisemos agora melhor, colocados juntos do lado alto do fenômeno que desce do céu, a sua parte mais baixa que está na Terra

O ideal, quando desce no mundo, concretiza-se na forma de um edifício constituído de elementos humanos que, à guisa de células, se dispõem automaticamente, consoante a sua forma mental, valor e função, no seio do processo evolutivo que estamos vivendo. A base da pirâmide é a mais extensa, mas recolhe os tipos mais elementares. Esta é a parte que menos entende, a mais passiva, que apenas aceita. Ela é a massa ignorante, que segue por fé, por sugestão, sem pensar, sem compreender. Ela crê e vai atrás dos pastores; tem necessidade de ser guiada e se deixa conduzir; é o povo que forma o grande corpo das religiões O interesse dos dirigentes é tê-lo quieto e submisso para dominá-lo mais

tranqüilamente. Para este objetivo a fé é um ótimo calmante, alivia as dores presentes com a esperança de um bem futuro acessível a todos, para que se pratiquem as virtudes da paciência e resignação.

A seleção produziu, contudo, uma classe mais desenvolvida em inteligência Trata-se naturalmente do grau mais elementar da intelectualidade: a astúcia para vencer na luta pela vida. É uma das primeiras emersões evolutivas. Ela serve apenas para melhor viver na Terra e ignora ainda o valor do ideal, que se limita a explorar. Trata-se, portanto, de astúcia destinada somente a ser utilizada para finalidades terrenas.

Aparece, então, a classe sacerdotal, que, em todos os povos e tempos, procura dominar em nome de Deus. Ela se instala na sociedade colocando a religião como base do seu poder material. É proselitista para aumentar com o número a própria potência e condena as outras religiões e respectivos sacerdotes, porque rivais no domínio das massas.

Uma vez entrada a religião plenamente no jogo dos interesses terrenos, a ela se aliam os ricos e os poderosos para utilizá-la naquilo que para eles também é premente: o domínio sobre as massas. Forma-se espontaneamente, segundo as leis utilitárias da vida, o acordo e a simbiose. Temos, assim, a classe dos bem pensantes, das chamadas pessoas de bem, religiosas praticantes, exibindo grandes demonstrações de fé, as quais, uma vez compreendido o jogo, o aprovam e apoiam, juntando-se à classe sacerdotal, a fim de que isso sirva para manter quieto o povo e não perturbar o banquete deles.

Do nível dessas classes feitas de indivíduos, para sua conveniência coligados em grupos, podem emergir outros tipos isolados, que se preparam para um trabalho pessoal. Pode aparecer, então, o tipo de idealista que se diz investido de u'a missão. Podem ser de vários modelos e alturas. Há o tipo ligeiro e inexperiente que se faz de idealista para se vangloriar. Coloca-se uma auréola fingida de santo para a fazer crer verdadeira e receber a veneração. Nisso caem os ingênuos, embora depois os admiradores, a seu serviço, exijam daquele as mais pesadas virtudes, como pagamento da homenagem tributada.

Pode também haver o malandro que se faz de idealista para enganar o próximo, para explorar a sua boa fé, enquanto tem em vista finalidades materiais bem mais concretas. Ele se apresenta envernizado de santa virtude, de nobre espiritualidade, porém, na realidade, entretém-se apenas com os seus interesses. Dada esta premissa, pode-se imaginar o que ele poderá recolher. Pretendendo entrar no lado dos ideais, a fim de invertê-los para objetivos terrenos, ele se expõe às reações da Lei, contra a qual se choca, porque ignora o funcionamento desta. Nesta altura a hipocrisia não serve, antes provoca o contragolpe e, da mesma forma, destrói o engano.

Uma posição perante o ideal menos perigosa, porque possui ao menos a virtude da sinceridade, é a do ateu convicto, que reconhece com franqueza as leis do plano animal-humano e repele o ideal, julgando-o utopia, como estranho à realidade da vida.

Além destas formas híbridas de primeira aproximação, existe o verdadeiro evoluído, o genuíno homem do ideal, aquele que em nome deste luta no mundo para superá-lo. O seu jogo não é o comum de vencer no plano humano, mas realizar um tipo de vida superior, mesmo que esteja em contraste com a vigente. Ele é suficientemente inteligente para compreender tanto o jogo do mundo, como a sua baixeza e seus perigos, sendo bastante honesto e forte para os repelir. O mundo oferece-lhe o seu método e diz-lhe:

"Deves ser astuto como eu. Mostra-te cheio de virtudes, mostra-te pessoa de bem, digna de toda a confiança; poderás, deste modo, melhor realizar o teu interesse enganando os ingênuos; utiliza esta sapiência que o mundo te oferece já verificada pela sua longuíssima experiência, portanto com resultados garantidos". Assim lhe fala o mundo. Mas ele sabe que se trata de uma ilusão traiçoeira e não cai na armadilha.

Ele está nos antípodas do mundo. Este vê as coisas em sentido oposto, isto é, no ideal uma miragem pela qual é perigoso deixar-se enganar. Uma vez que quem nele crê é julgado um ingênuo, e não se pode utilizar de outro modo senão o explorando. Assim o ideal é sustentado, enquanto é utilíssimo para realizar esta exploração. É erro, é culpa isto? Mas é a própria vida que o exige. Estas são as leis do plano humano; estes são os métodos que ele pratica para alcançar os seus fins. Não será utopia pretender inverter tudo isso? Não será próprio de um tolo ignorar este estado de fato? E não será justo que se paguem as conseqüências desta ignorância? Na Terra o ideal não pode existir senão enquanto serve para viver; neste caso, é um meio cômodo e sutil para adormecer o próximo e assim enganá-lo melhor. Lança-se o anzol com o ideal como isca e se pescam os crentes que a mordem. Eis para que serve a fé.

Na Terra, somente existem duas posições: a do pescador e a do peixe, de quem pesca e de quem é pescado. Os seres, mesmo no nível humano, vivem comendo-se uns aos outros. Paga por todos o peixe de boa-fé que se deixa pescar. Quem se sacrifica pelo ideal é liquidado, o caso fica resolvido. Cristo mostrou-nos com o seu exemplo que o ideal mata. Não é que ele se mate, mas o mundo destrói quem

esquece a luta pela vida, perdendo-se atrás da perfeição. A lei da vida é luta, fora de qualquer ideal. Este, ou se reduz a uma arma para lutar e, por isso, serve para viver, ou se toma a sério e, então, serve para morrer. O idealista é um sonhador que não se dá conta do nível biológico em que vive o homem, que, todavia, o exalta e o apresenta como exemplo para criar outros idealistas e fazer deles um viveiro para os seus banquetes. Assim, faz-se do santo uma bandeira a seguir, uma isca, e se pesca. Entretanto, se ele não se deixar aprisionar dentro dos interesses de um grupo e quiser fazer-se de santo sozinho, independente, não sendo, então. confiscável, é combatido, porque não serve a ninguém. Do ideal existe na Terra apenas o uso que dele se faz. Quando o céu desce à Terra, o homem o faz tornar-se mundo. O santo, o verdadeiro evoluído, o genuíno representante do ideal, está do lado oposto, do lado de Deus, mas por isso tem o mundo contra ele. E, sozinho com Deus, em tal ambiente, ele deve cumprir o trabalho que a vida lhe confia.

XI

A CRISE DA VELHA MORAL

A moral é um instrumento de evolução enquanto procura educar o homem para uma forma de vida mais elevada. Para realizar esta ascensão, o ideal, antecipando o futuro, toma forma concreta em normas de conduta com o objetivo, através de longa repetição, de fazer o indivíduo assimilar hábitos e com isso enriquecê-lo de novas qualidades, de modo a transformá-lo num tipo biológico mais evoluído.

Ora, pode acontecer um choque entre a vontade superior do homem que quer fazê-lo evoluir, e a inferior que resiste, porque rebelde a realizar o esforço que aquela vontade exige para sua própria transformação. Temos uma luta entre o alto e o baixo, isto é, entre dois planos de evolução, um mais avançado e outro menos, o primeiro fazendo pressão para impor-se ao segundo, que ao contrário, quer ficar nas suas velhas e seguras posições, sem o esforço de criar o novo e o risco de aventurar-se no desconhecido. Quem tem razão? Cada uma das duas situações está certa em relação ao seu ponto de referência e é errada perante o outro. Se o evoluído, com o ideal, quer fazer avançar a vida perigosamente, o involuído deseja, ao revés, conservar as posições mais seguras, conquistadas no passado. A moral assume a tarefa de disciplinar a transformação evolutiva, de maneira a ser possível realizá-la. Deste modo, a moral está no meio, entre os dois focos, e é campo de batalha onde se dá o choque entre as duas vontades opostas.

O contraste resulta evidente em nosso mundo. Aqui a realidade biológica, em pleno vigor, impõe sua lei, bem diversa do ideal, proclamada pelas religiões. Porventura, não pregam estas que é necessário sermos bons? No entanto, o choque surgiu logo que apareceu o homem, pelo menos de acordo com a Bíblia. Caim mata Abel. Caim é mau, mas sobrevive. Abel é bom, mas morre. A moral religiosa promete justiça, remetendo-a para o misterioso além-túmulo. A moral biológica, imediatamente e de fato, recompensa Caim com a vida e condena Abel com a morte. Desde o início da humanidade, vê-se que fim têm os bons. Ao idealista a outra moral, não restando outra coisa senão compensar Abel com luz celestial e punir Caim com trevas e terrores. Mas permanecem os fatos que, inversamente, dizem: "não ser tão bom ao ponto de deixar-se matar pelos maus". Em suma, a moral inferior defende mais a vida do que a superior, que, com altruísmo e renúncia, pede que nos sacrifiquemos pelo ideal. Como pretender que a vida a aceite sem reagir por legítima defesa? Não é o martírio o fim natural das grandes bondades? Cristo é uma lição. Assim se explica como o involuído se defende do ideal como se fosse um inimigo; assim se entende por que o transforma em hipocrisia, procurando todas as escapatórias para se evadir. Se isto acontece, deve ter a sua razão de ser. Iniciada com os mandamentos de Moisés, porventura não constitui a moral para o primitivo uma série de constrangimentos? Não lhe limita a liberdade? É natural, pois, que ele se rebele. Estes mandamentos insistem sobretudo no "não fazer". Pressupõem o indivíduo que quer fazer o mal e lhe proíbem; falam a um rebelde que querem constranger à obediência. A sua atitude é a do domador.

Penetrada, assim, a moral no plano humano, ela se encontrou em um regime de luta e se

enxertou nesta, fazendo-se instrumento dela. Absorveu-lhe as qualidades e tornou-se um meio de domínio e uma arma de defesa dos interesses da classe sacerdotal e aristocrática. Temos u'a moral levada ao nível da vida terrena, guiada pelo instinto de conservação e utilizada em favor da vantagem egoísta de cada um. Com isso o involuído toma a sua desforra, isto é, ao reagir, corrompe o ideal, em vez de ascender, desfrutando-o para os seus próprios fins utilitários. Ele se justifica com o fato de que na Terra fica dominado quem não é forte e hábil para saber-se defender com a revolta ou a mentira, ou quem, porque é bom e honesto, cede em favor do próximo. Consoante a moral da vida, não há senão duas posições: a do forte, que vence e comanda e a do débil, que, vencido, deve obedecer. Impondo-se à força, o primeiro expande-se e se satisfaz à custa do segundo; e este, suportando por bondade, retrai-se e renuncia a favor do primeiro. Então, a moral serve para os fortes em prejuízo dos fracos, ou seja, para impor deveres e renúncias a estes últimos, para vantagem daqueles. Em regime de plena moral, triunfa a lei do mais forte, a da Terra, ficando o ideal aqui invertido e vencido.

Isto é inevitável em um mundo de rivalidades, onde a vantagem de um se paga com o dano do outro. O resultado de tudo isso é que a moral, imersa em nossa realidade biológica, reduz-se a um meio para dominar; que bondade e honestidade se tornam defeitos que a vida pune, enquanto força e astúcia são virtudes que ela recompensa. Eis que, perante a realidade da vida, muitas qualidades proclamadas pela moral são atributos negativos, antivitais, ao passo que revolta e egoísmo são valores positivos, vitais. O homem religioso não luta; a vida o deixa cair entre os vencidos; a própria fêmea, que na escolha sexual expressa leis da natureza, repele-o. A religião pode tornar-se não um oásis de super-homens, mas um refúgio de instintos que nela procuram proteção mascarando sua fraqueza sob um manto de virtudes. Até para pecar é necessário iniciativa, coragem, expor-se a riscos e conseqüências, mas do que para não fazer coisa alguma. A moral, então, é feita sobretudo para domar os fortes, que sabem lutar para sobreviver e resistir às restrições à sua expansão vital, e a eles deveria dirigir-se, antes que aos fracos, já por sua natureza submissos, necessitados de defesa. Estes são simples, de boa fé, acreditam com facilidade, enquanto a luta pela vida exige astúcia, desconfiança, sobretudo para com aqueles que os aconselham a crer. Para este ingênuo rebanho de crentes seria mais conveniente u'a moral de tipo oposto, não restrito, mas vigorosa, não uma escola de sofrimentos, mas aquela que ensinasse a desvendar todas as velhacarias humanas. Além de virtude, honestidade e fé, uma escola que os habituasse a descobrir todos os truques de falsa moral, torcida a seu serviço pelos mais hábeis para enganar os bons, de maneira a salva-los, iluminando-os sobre o que na Terra constituem as autênticas verdades da fé. Esclarecer, afastar as trevas da ignorância contra a falsa religião, mostrando qual é a verdadeira espiritualidade. Mas quem fará essa escola a esses pobres honestos? Eles devem aprender à sua custa, porque o interesse da classe dominante é esconder, ensinando a moral que mais lhe convém. Se o rebanho for iluminado, descobre o jogo e, então, adeus às posições de domínio! Assim se cultiva a boa-fé das massas, para que fiquem obedientes... Esta é a verdadeira moral da Terra, e, muitas vezes, com este objetivo é usada a mais alta moral do céu.

E este segundo tipo de escola que procuramos fazer agora, nesta parte final da Obra, em defesa dos honestos de boa-fé facilmente enganados pela velha moral. Mas a iniciativa não é nossa. Estamos, portanto, de pleno acordo com os tempos, porque é exatamente agora que a nova geração está se levantando contra aquela moral do passado. Antes, nós o iniciamos quando esta estava em pleno poder e, portanto, tinha toda a razão. É certo que tais explicações não podem agradar a quem tem interesse que o belo jogo fique escondido e continue. Mas os tempos mudaram, e ele não governa mais. Então, é caridade cristã esclarecer os ingênuos, mesmo que os interessados se rebelem contra isso, com gritos de escândalo, porque terminada a boa-fé, perde-se a clientela. Trata-se simplesmente de abrir os olhos dos bons para que não se deixem enganar. Os primeiros volumes da Obra transbordam de boa-fé, que o mundo pode achar ingênua. Mas ele não poderá rir-se desta segunda parte que lhe descreve os truques. No final da sua vida o autor teve de imergir na dura realidade, pelo que agora, nestes últimos volumes, já pode mostrar as coisas vistas tanto em relação ao céu, como em relação à Terra. E pode fazer isso não só respeitando as verdades já enunciadas e demonstradas, mas também denunciando as deformações com que elas são representadas no mundo. Enquanto se exalta a fé, a experiência da vida ensina a não crer, porque tudo está coberto de enganos. Diz-se que a verdade, muitas vezes, não é mais do que u'a mentira que ainda não foi descoberta. De fato, no mundo. atrás de cada afirmação procura-se a coisa que poderá estar escondida, e não se fica tranqüilo enquanto não se descobre a verdade.

O leitor não encontrará nestes volumes finais o estilo dos primeiros. Entre aqueles e estes decorreram muitos anos de dura experiência. Mas isto foi útil, porque permitiu completar o quadro, fazendo ver também o outro lado da medalha. Passar da posição de rico à de pobre faz compreender muitas coisas que de outro modo não se poderia entender. Quando não se é protegido por meios

econômicos e por uma posição social, a vida torna-se outra. Quando se possuem os meios para pagar, tem-se sempre razão, mesmo que se erre; todos se inclinam e louvam, mesmo que se seja um idiota. Ora, isto não é verdade, quando não se têm os meios para pagar; então, se descobre o verdadeiro rosto do homem. Por exemplo, Teilhard de Chardin tinha margem para sonhar, porque era protegido pela sua Ordem. Sem isso a vida o teria liquidado. O ideal, então, é um desporto reservado aos ricos. No caso oposto ele deve fazer-se de ferro para travar no mundo a sua dura batalha. Assim, aos sublimes amores do espírito sucede o terror da realidade, às visões celestes, a crucificação. Isto tudo se compreende quando, depois do sonho inebriante, trespassa a própria pele a queimadura em contato com o que é de fato a vida.

Nestes últimos livros devemos mostrar também este outro lado da verdade que o mundo esconde, porque para os astutos é contraproducente iluminar os bons. Ora, que há de estranho nisso? A lei da vida não é porventura a que manda devorarem-se reciprocamente? Esta é a realidade que constatamos. Primeiro eliminam-se os mais débeis. Depois se faz a guerra entre os fortes e, por último, também estes se matam entre si. Quantos delitos e quanta dor! Esta é a vida em nosso nível de evolução. Mas não ser ingênuo não quer dizer que a bondade deva desaparecer. Ver e compreender não significam que acabe a fé, porque se continua a crer, embora com os olhos abertos, isto é, não engolindo cegamente mistérios, mas controlando-se aquilo que se julga corresponder à verdade. O idealista não deve ser um ingênuo. Todo o trabalho feito nesta Obra foi para se chegar a crer, mas através da razão, com uma fé positiva, aderente à realidade. Tudo é verificado, levando-o em contato com esta. Ao contrário, a comum tendência humana é declarar-se infalível, resolvendo dúvidas e problemas com afirmações próprias de caráter absolutista, impostas à fé dos outros, assegurando-se, assim, a sua verdade e justificando a autoridade que deles emana. Um idealista completo deve ver também o lado oposto à verdade, o lado anti-ideal, feito de trevas e negação.

É assim que esta última parte não contradiz nem renega a primeira, mas a confirma, quando procura estigmatizar a imoralidade que o mundo esconde debaixo da sua moral. Esta é uma renovação de estilo e de conteúdo expositivo, em virtude do modo diferente de vida do autor, nesta sua fase final, no país denominado "Coração do Mundo e Pátria do Evangelho", atendendo ao desejo de outros leitores que vão se beneficiar com isso. Mostra, finalmente, também o lado da sombra do fenômeno e não somente o da luz, completando-o. Dizia um astrônomo que no cosmo a luz é exceção, as trevas são a regra. Este nosso trabalho não é agressivo, nem de critica com o objetivo de demolir, mas movido pela boa intenção de acompanhar, com a finalidade de fazer o bem, a mensagem esclarecedora dos nossos tempos.

Observemos, por exemplo, o que é na realidade a virtude da beneficência. Para poder fazê-la é necessário ter os meios isto é, ser rico. Mas, honestamente, apenas à força de trabalho, é difícil tornar-se rico. Então, não se pode fazer beneficência se não se foi primeiramente desonesto para poder enriquecer. O próprio Evangelho diz que se dê aos pobres o supérfluo. Entretanto, para dar aos pobres é necessário antes chegar a possuir. E evidente que não se pode ser generoso se, inicialmente, não se acumulou fortuna. O pobre tem mais em que pensar do que fazer beneficência. Ele está suficientemente oprimido pela sua própria luta, para poder encarregar-se à dos outros e ajudá-los. Assim, a virtude da beneficência permanece um luxo dos ricos, um embelezamento reservado para lhes servir de adorno, é qualidade vedada aos pobres, juntamente com a sua recompensa no paraíso, o que, ao contrário, os ricos esperam como benefício adquirido por direito. Para aqueles que souberam enriquecer, com a vida abastada, que a beneficência não altera, há o paraíso merecido e a gratidão que lhes é devida pelos pobres que não souberam ficar ricos. Por isso, dando pouco em comparação com aquilo que tem para gozar, o rico resgata-se do seu pecado de origem. Embora este seja necessário, deve ser perdoado, porque, sem ele e sua riqueza, não se pode fazer beneficência.

Hoje este elástico jogo de compromissos foi substituído por direitos calculados do trabalhador. O pobre não confia mais no beneplácito de quem possui e já não se adapta a servir de instrumento para outros, para que eles possam ir para o paraíso. O pobre, nos países civilizados, simplesmente conquistou com as suas forças o direito de ser ajudado. A beneficência foi no passado um modo de ir vivendo com pouco incômodo. Amar o próximo é outra coisa, é superar as distâncias para se avizinharem, enquanto a beneficência é o ato de quem está no alto e, lá permanecendo, se digna olhar para baixo; é humilhação para quem está em baixo e aí continua. O pobre não sabe o que fazer com o rico que empobrece para se irmanar com ele, porque tem necessidade de bens e não de amor E, quando não existe coisa alguma para se apossar, esses heroísmos não lhe servem para nada.

Observamos em outros casos as contradições da velha moral. Na vida dos santos, são exaltados, ou, pelo menos, não são condenados atos que para um mortal comum são considerados culpa. Por exemplo, São Francisco abandona o pai e a mãe, esta última inocente da perseguição paterna, para

aventurar-se pelo mundo a fora. A Igreja exaltou o santo enquanto lhe servia para sustentar o Latrão em decadência, como se compreende da visão do papa Inocêncio III no afresco de Giotto em Assis. Mas à Igreja não interessou de modo algum o caso da mãe, que ficou solitária na velhice, sem o direito de ser assistida pelo filho. Cristo, também, para discutir com os doutores aos doze anos, não se importou de maneira nenhuma com o pai, nem com a mãe que ansiosamente o procuravam. Serão estes, porventura, exemplos a seguir? Outros poderiam ser citados.

Por outro lado, na Terra, ideais, princípios, moral são utilizados para finalidades humanas. Observamos que isso se verifica em todos os campos, tanto em relação ao Cristianismo, como ao Comunismo, tanto para os conservadores, como para os revolucionários. Por exemplo, que objetivos diferentes da santidade se prestaram as Cruzadas! Tudo é utilizado para servir ao que mais convém: guerra, negócios, carreiras, conquistar posições, dominar, desabafar instintos etc. Esta é a realidade basilar, que depois é coberta de santas finalidades. O grande iniciador de cada movimento, com os seus métodos e princípios, em pouco tempo é posto de lado. Isto correu com Cristo, como com Karl Marx. Depois, por necessidade adaptação à realidade, surge o revisionismo, conhecido pela Igreja. Assim, católicos e protestantes se dividiram, para um destes dois grupos construir um Cristo de acordo com as suas próprias necessidades, que eram diferentes. Com Karl Marx e Lenine, russos e chineses fizeram o mesmo.

No âmbito do Cristianismo, para poder falar da ajuda de Deus, primeiro, na realidade, é necessário vencer Só depois, sobre este fato positivo, como interpretação da vitória, pode-se construir o milagre. Uma guerra vitoriosa pode constituir a prova de que Deus se colocou do lado do vencedor. Deste modo, uma guerra feita em nome de Deus estava destinada a vencer. Naturalmente isso é verdadeiro, quando se verifica de fato e quando existe quem nisto acredite, deixando-se sugestionar por quem lança tal idéia para sua vantagem, ou a aceita por interesse próprio. Se se vence, então, indubitavelmente, o resultado foi desejado por Deus. Se se perde, foi porque não foi desejado por Ele, e com isso se justifica a derrota. Com tal forma mental, na Idade Média, papas e antipapas se excomungavam reciprocamente, inclusive os imperadores. Assim aconteceu com Henrique IV, que humilhado em Canossa, foi obrigado penitenciar-se. Também a Alemanha, na Segunda Guerra Mundial, tinha apregoado o "slogan": "Deus está conosco". Se ela tivesse vencido, isto seria tido como verdadeiro.

Estes poucos exemplos, escolhidos ao acaso, podem parecer uma crítica malévola. Desejamos, pelo contrário, assegurar-nos de que tudo fique bem sólido para que resista a esses ataques. Estamos no fim da Obra e procuramos sacudi-la, para que aquilo que não seja forte e seguro caia e fique o que resiste e que, portanto, é feito para durar. Este é um controle, uma verificação, um exame de consciência, uma auto-análise, para demonstrar que a Obra não é um ingênuo idílio espiritual fora da vida. Até agora, entretanto, vistas num lampejo de fé, as teorias saíram consolidadas deste processo demolidor. As eternas verdades tomaram nomes científicos e, sob esta nova veste, permaneceram as mesmas. Destruir a hipocrisia não é contra, mas a favor da religião. Mesmo que isto possa soar a escândalo, surge uma religião mais pura e resistente, para maior glória de Deus. Para poder compreender bem um fato é necessário observá-lo sob todos os ângulos. não somente daquele positivo do bem, mas também do lado negativo do mal, não só da parte elevada espiritual, como também daquela material e utilitária. A grande preocupação do passado era matarem-se uns aos outros e fazer filhos. É necessário agora que a do futuro consista em pensar e compreender.

* * *

Antes de observarmos mais de perto o problema da crise da velha moral, vejamos de que revolução mental e social esta transformação deriva, de que fenômenos substanciais emerge até se concretizar em nova ética. Qual é hoje a posição do homem da rua, do tipo mais comum, que forma a maioria? Vivemos num período que, no seu conjunto, do ponto de vista da espiritualidade, se pode chamar colapso. Os ideais eram antigamente uma forma de hipocrisia útil para cobrir a realidade com um belo manto. Parecia que salvar as aparências era o suficiente para se ficar satisfeito. Salvava-se a coisa mais importante, que era poder, honrosamente, realizar as suas próprias conveniências Hoje, em um mundo de mentalidade mais positiva, não se perde mais tempo com esses jogos complicados e que não chegam a nenhum resultado, porque escondem, mas não eliminam o mal, dando-se primazia ao caminho mais rápido e produtivo de enfrentar os problemas e resolvê-los. Então, dado o uso que se fazia dos ideais, prefere-se hoje colocá-los de lado, para olhar a realidade como ela é, abertamente, com plena sinceridade, para compreendê-la e procurar remédio para os males com uma conduta diversa, mais

iluminada, evitando erros e os respectivos danos. Libertamo-nos das superestruturas que não servem à vida e que lhe impedem o caminho. Paralelamente à decadência da fé religiosa, corresponde a da fé política. Não é esta ou aquela fé que decai, mas a atitude para conceber qualquer uma. Perante tal onda de realizações práticas, tudo é dominado pela indiferença e pelo agnosticismo.

Hoje, ao sonho para alcançar ideais de metas longínquas se substitui a chã realidade de uma civilização de consumo. Temos, assim, de um lado, a pesquisa de um resultado real e mediato, como levantar o nível econômico. Do outro, um cansaço crônico de todo o idealismo, agora gasto por um longo e mau uso. O homem fez-se mais prático, quer melhorar de fato e subitamente as suas condições de vida. Com auxílio da ciência e da técnica, ele possui os meios para chegar lá. E para esta finalidade concreta, e não por um ideal de honestidade, é por um princípio utilitário de maior rendimento que, hoje, não se gosta mais de perder tempo escondendo-se atrás da hipocrisia. Trata-se apenas de libertar-se de um estorvo.

Este processo de renovação penetra em tudo, inclusive nas religiões. E hoje um fenômeno universal que penetra todas as formas de vida, individual e social. Aumentou o sentido de crítica, de autocontrole, de responsabilidade. A ciência, com as suas conquistas, criou uma forma mental realizadora sobre a qual as vagas promessas incontroláveis e dirigidas ao futuro não são mais tomadas em consideração.

O nosso tempo fez-se racional e quer coisas positivas. Por isso, os ideais não são tomados em consideração. A técnica oferece metas diferentes utilitárias, de atuação imediata, sem sonhos e demoras. Dessa forma estão se realizando o que é mais convincente. O novo ideal é o do bem-estar material, da elevação do nível de vida, tornado mais fácil e seguro. Progresso bem diferente do espiritual, programa pequeno, burguês, mas concreto, terreno, acessível. Restringem-se, assim, os grandes horizontes do espírito, e a estes se preferem outros mais limitados, porém com mais vantagens reais. Tudo isto é conveniente e se aceita. As pessoas se cansam menos, faz-se uma vida mais cômoda e segura, mesmo que para isso o homem sacrifique a sua personalidade e se reduza a elemento anônimo de uma multidão imensa, economicamente enquadrada e valorizada sobretudo como consumidora de produtos. Mas para o indivíduo, ainda que esteja espiritualmente destruído, não falta nada, e o tremendo problema da vida para ele está resolvido, embora ao nível mais baixo de animal satisfeito e protegido. Até ele pode, com certeza, poupar-se da fadiga de formar a sua própria personalidade, porque a sociedade já lhe fornece confeccionada e pronta com as instruções; para uso, pré-fabricada conforme determinados modelos, de maneira que nada há mais a fazer do que endossá-la e servir-se dela. Isto é comodismo, simplifica e facilita, ao mesmo tempo que enquadra todos numa ordem, resolvendo, assim, o problema da convivência. Destarte, entra-se no rebanho, e alma e corpo tornam-se massa. Se isso oferece vantagens, não há razão para que a vida, que é utilitária, não se lhe adapte.

Mas tudo possivelmente responde aos mesmos fins e não constitui senão uma fase de transição, um primeiro passo necessário para poder depois, socialmente, evoluir até ao estado orgânico. Provavelmente a vida executa de propósito — e faz parte dos seus planos — esta absorção do indivíduo na coletividade, porque tende a realizar para a humanidade um tipo de existência social unitária, à qual pode permitir conquistas que, no estado atual de separatismo e luta, não são possíveis. Não podemos admitir, dada a lógica da vida, que o prejuízo de tal anulação da personalidade por penetração num tipo de vida em série, mecânica, possa ficar definitivo e improdutivo, exaurindo-se em si próprio. Por esta mesma lógica devemos, ao contrário, acreditar que se trata apenas de um momento transitório, que depois deverá abrir-se em direção a outro modelo de existência no qual o homem voltará a afirmar a sua individualidade. Isto sucederá atrás de uma revalorização do sujeito, cujo rendimento pessoal será maior do que aquele que se pode alcançar com o sistema separatista vigente, isto porque ele terá ao seu lado, em harmoniosa colaboração, o apoio de uma coletividade orgânica, enquanto hoje ele se encontra em luta contra todos. Em um mundo de rivalidades falta a contribuição das forças amigas: a coordenação, a confiança, a segurança, qualidades necessárias para poder dar o rendimento máximo ao trabalho humano.

Hoje o ideal do homem comum, quanto a programas de salvação eterna, se reduziu ao mínimo. Está limitado à distribuição de bens de consumo: ter casa, comida, ordenado, pensão, satisfazer os seus interesses privados. Ao homem comum não interessa, de fato, as grandes coisas que estão fora do seu alcance. Seguir o caminho de menor resistência, com o método da imitação, adquirir segurança evitando fadigosas iniciativas, resolver o problema da vida com o menor risco e maior comodidade possível, procurar a vantagem própria, indiferente a todo o resto: este é o programa normal. O homem médio já se preocupa bastante com seus afazeres, observando com total indiferença como os grandes, que estão por cima, resolvem os seus; goza com as suas dificuldades, diverte-se com o espetáculo que lhe oferecem religião e política. O espírito, tomado a sério, exige e incomoda. Então, para não mentir, prefere-se

colocá-lo simplesmente de lado. Resolve-se a questão espiritual suprimindo-a, por se adotar uma atitude insensível a seu respeito.

A tendência geral, mesmo para os pregadores de novos evangelhos econômicos, é desembocar no aburguesamento feito de bem-estar, ainda que se no início a sua posição revolucionária o condenasse. Mas as revoluções se estancam, o seu impulso acaba mergulhando-se no comodismo, passam a ser os seus ideais ganhar muito dinheiro e com isso uma posição social; os esfomeados naturalmente se detêm quando alcançam o bem-estar que os sacia. Esta é a lei do fenômeno, igual para todos. Depois de feito um esforço, a vida quer descansar para lhe gozar o fruto. O belo ideal é risco e fadiga, longínquo de atingir e, no fim, não resta senão o cansaço. Envelhece-se e não se realizou quase nada. Então, a evolução, apesar de ansiosa por subir, pára, a fim de que quem a seguiu possa tomar fôlego e avaliar as suas forças. A vida, econômica e utilitária, calcula tudo isso. As revoluções se acalmam até o ponto em que acumulam energias necessárias para realizar os novos movimentos que a esperam. A vida coloca de lado as sublimes aventuras evolutivas, dobra-se sobre a pequena realidade terrena e, em vez de enfrentar para superá-la, a ela se adapta, contentando-se em fazer dela, de momento, seu único fim. O grande ideal fica no estado de sonho e nostalgia da alma, porque é difícil realizar subitamente aquilo que está no alto, aquilo que não deixa nunca de exigir reais sacrifícios e fadigas, aquilo que, em vez de pagar imediatamente, só promete que o fará, mas não se sabe quando, como e onde. Não se vive só de esperanças. Então, vai-se embora, apagando-se a grande luz do espírito, e nos tornamos crianças, a quem restam apenas os seus brinquedos terrenos.

No fundo, esta adaptação à realidade significa a grande renúncia do indivíduo de se tornar super-homem, resignando-se, assim, a permanecer homem-animal. No entanto, tal adaptação tem as suas virtudes: ele é tranqüilo, conveniente, racionalmente utilitário, sem o desespero dos renunciadores, nem menos triste, dir-se-á, porque sem consciência da perda que tudo isso representa. Acaba-se vivendo em paz sob um céu sem Deus, tendo uma vida cômoda, bem calculada, mas sem superações, sem esperanças, desinteressando-se de tudo o que não seja vantagem imediata. Assim, ocupando-se em produzir em vez de conhecer. Com o sacrifício do espírito se paga o bem-estar material. Para evitar tal suicídio, a salvação e sabedoria, juntamente com o bem-estar, consistiriam em não se entregar à preguiça, efetuando outro trabalho, neste caso a ascese evolutiva, depois de tal preparação suscetível de uma retomada. Para explicar como isso possa acontecer, apresentemos um exemplo tomado do mesmo progresso tecnológico. Este criou os calculadores eletrônicos, que, poupando muito trabalho mental, podem parecer um convite ao ócio. Existe, no entanto, um fato contrário Sucede que, permitindo resolver muitos problemas anteriormente incompreensíveis, demasiado difíceis, essas invenções enfrentam hoje outros mais complicados ainda, tornados, assim, acessíveis, de modo que o resultado não é o ócio, mas trabalho novo mais complexo, com ampliação de horizontes.

A verdade é que a vida calcula e economiza as suas forças permitindo repousos, porém os utiliza como fases transitórias, intercaladas no seu contínuo desenvolvimento. Ela existe como tendência constante em direção a um fim a alcançar e vale enquanto é adotada como meio para realizar os seus objetivos. Se lhe retirarmos isto, ela se esvaziará de todo o conteúdo, corrompendo-se e extinguindo-se. O necessário repouso para retomar depois o caminho é uma coisa; a inércia, que não quer mais avançar, é outra. Por isso, é inevitável que amanhã a evolução retome no seu turbilhão a humanidade, no plano espiritual, em maior escala e maior conhecimento que no passado, quando ela tiver resolvido o fatigante problema animal das necessidades materiais. A vida é um organismo no qual aquilo que não funciona para o fim prefixado não tem direito d existir. Portanto, gasta-se e morre, já que ela o lança para fora da sua corrente. O inútil é por fim eliminado.

Estes fatos justificam a presença da dura lei da luta pela vida, enquanto ela impõe uma incessante atividade para a conquista evolutiva. Essa luta obriga a uma constante experimentação de tipo proporcionado ao nível biológico no qual vive o indivíduo. Se ela ao grau animal-humano é destruição e construção no plano físico, todavia com isso representa uma escola que leva à aquisição de novas qualidades que desenvolvem o ser mentalmente.

Ora, o fato de se ter alcançado, em alguns países, um alto padrão econômico pode implicar o perigo de paralisar a função vital daquela lei de luta pela vida, com tristes conseqüências.. O fenômeno não é novo e verificou-se, historicamente, nas aristocracias adaptadas ao bem-estar. E esta é a tendência atual. Higiene e Medicina se encarregaram de proteger a saúde. As guerras não pedem mais ao indivíduo coragem ou qualquer ato de valor, porque a defesa não será mais individual, porém nacional, confiada a uma tecnocracia de especialistas. A organização social poderá garantir a segurança econômica. Muito trabalho será confiado às máquinas, e a automatização economizará toda a fadiga. Não faltarão alimento,

repouso, meios de transporte, comodidades. Tudo isso pode representar para os povos não preparados para disso fazer bom uso u'a mudança imprevista, perigosa na medida em que pode conduzir a adulterados sucedâneos, em vez de levar a mais altos tipos de trabalho. A História nos mostra qual o fim das aristocracias ociosas e adormecidas nos prazeres. A vida as arrasta na dura, mas vital corrente das experiências a que conduz a luta pela sobrevivência.

A existência é feita de tensão constante dirigida para o futuro. Quando o repouso cumpriu a sua função de retemperar as forças, se se prolongar muito, envenenará. Vemos isto também no plano físico, em nossa vida quotidiana. Quem estacionar demais ao longo da estrada da evolução é corroído pelo grande vendaval do tempo. que continua a correr sem parar. Terminado um esforço criador, é necessário encontrar outro, mais avançado ainda no campo da criação. Tudo isso está expresso nos instintos da própria insaciabilidade dos nossos desejos. A vida é feita para avançar; é uma estrada na qual todos estamos caminhando; é uma pista, e nós somos os veículos. Os que não marcham devem ser colocados de lado, fora do caminho para não se tornarem um obstáculo, a fim de que não sejam atropelados.

Com os povos e as classes sociais acontecem o mesmo. Os esfomeados assaltam os saciados, os pobres atacam os ricos para os eliminar, se estes se deixaram enfraquecer. Assim são todos arrastados no turbilhão da vida, que quer experimentar para avançar. E, se os povos pobres encontram o bem-estar, a vida subitamente os investe em capital biológico, isto é, como acréscimo de população. Mas é lei econômica que o aumento da quantidade de um produto lhe diminui o valor. O homem vale cada vez menos até ao ponto em que, com a multidão, se torna um embaraço — isto leva às guerras — E, quanto mais aumentar ó bem-estar, mais crescerá a população e com isso as lutas armadas. No último conflito mundial com todos os estragos havidos, a população do mundo no seu total, aumentou. Pode ser que a vida queira restabelecer o equilíbrio com a arma mais decisiva: a guerra atômica. O progresso atual a impede de usar os seus habituais expedientes, como a fome, as epidemias etc. Como se vê, encontramo-nos perante um encadeamento de leis biológicas a que ninguém pode fugir e que estabelecem o tipo e os limites dos nossos movimentos. Neste pano de fundo se verifica o fenômeno tomado aqui para exame: a crise da velha moral.

* * *

Observemos agora essa crise no seu aspecto mais vivo, no seio da religião mais difundida no Ocidente, o Catolicismo. Ela é confirmada por um fato novo e significativo: a atualização por parte da Igreja, tão tradicional e conservadora. Os conceitos acima referidos mostram-nos as remotas razões biológicas do fenômeno no atual momento histórico. Vejamos as recentes conseqüências no terreno da moral religiosa

Este desejo de modernização por parte do grupo eclesiástico dirigente é devido a um instinto de sobrevivência que a isso o constrangeu, porque, sem esta necessidade, ele teria ficado com muito gosto nas velhas posições, agarrado aos velhos métodos. Assim, esta atualização é um índice seguro, revelador das profundas transformações que sucedem em nossos tempos. Certamente se trata de novos fatos decisivos para que eles possam ter tido a força de mover o imóvel, de vencer resistências radicadas por milênios, já prescritas por longuíssimo uso aprovado pelas vantagens obtidas.

Uma primeira mudança é automática e vem do exterior, não por decisão de autoridade que se atualiza, mas por imposição de impulsos cuja influência ela não pode deixar de sofrer. O fato expressa os novos tempos e diz respeito ao problema das vocações religiosas, ponto nevrálgico para a organização eclesiástica. Veremos depois o da confissão. Tanto a elevação do nível de vida, quanto abrirem-se novos caminhos para resolver o problema econômico influem sobre as vocações. É certo que, na prática, vocação e situação são conexas. Muitas vocações nascem tendo em vista condições econômicas. Acontece que, quando se consegue encontrar mais facilmente essa situação noutro lugar, não há mais razão para que deva nascer a vocação que lhe é conexa. O sacerdócio assegurará a vida futura, mas isso não evita que o indivíduo não deva primeiro cuidar da vida presente. Assim, o problema básico de mais urgente solução é a conquista de uma posição social. Esta antigamente era oferecida pela igreja com o seu poder temporal e burocracia estatal. O sacerdócio era emprego e carreira seguros. Hoje temos, entretanto, uma sociedade secularizada e técnica. E, portanto, por esta outra via, e não pela eclesiástica, que se é levado a procurar a referida posição.

Os fatos confirmam o nosso ponto de vista. Resulta que setenta por cento do clero provêm da classe operária e de camponeses. Por causa das novas condições de vida já mencionadas, as vocações na Itália diminuíram numa proporção que vai de 752.000, há cem anos, para 50.000 nos dias de hoje,

enquanto a população aumentou de 12 para 53 milhões. Se isto aconteceu depois de ter perdido o poder temporal, o que sucederia se a Igreja perdesse o poder econômico? Quantas vocações restariam? O homem tornou-se mais prático e prefere as vantagens terrenas às do além. É natural que se imaginem e se escolham carreiras mais rendosas e que custem menos renúncias. Pensa-se que violar a castidade é considerado um sacrilégio. Pertencer a algumas ordens religiosas significa não poder possuir, comprar, vender, creditar. O sacrifício é real, o ganho é duvidoso. Assim, o fator utilitário não pode deixar de influir nas vocações. Em nosso tempo crítico e positivo, perante resultados tangíveis, o problema da alma salvar-se e santificar-se, tornou-se muito menos importante.

Existe, pois, o fato de que o público hoje se tornou menos ingênuo. Por isso, percebe se o sacerdote com a sua conduta entra em contradição com os princípios que professa, pretende que este os aplique e que ao menos prove com fatos que neles acredita verdadeiramente, o que é coisa diversa de ser um bom empregado na administração eclesiástica. O fiel faz-se mais critico e exige dos pastores que pelo menos pratiquem o que pregam. E isto porque o que pregam lhes serve Para o fiel significa que eles se colocam ao seu serviço para lhe fazer gratuitamente o trabalho espiritual. Ora, quem, para chegar a uma situação eclesiástica, deve ter desenvolvido o esforço de superar muitas dificuldades, tendo depois de ser sobrecarregado de renúncias e de disciplina — e tudo isso nem sempre é bem retribuído — não pode arder de santo zelo para salvar almas, muitas vezes indolentes e que gostariam de ser servidas em nome de santos princípios. É humano, portanto, que o sacerdote se limite ao exercício das suas funções, como faz qualquer bom operário na sua profissão, tendo feito bem quando cumpriu o próprio dever. Surge, assim, uma ruptura entre rebanho e pastor, cada um dos dois tentando resolver os seus próprios problemas.

Hoje se procuram outras técnicas de apostolado, nova estratégia de proselitismo religioso, contanto que não se perca a clientela necessária para viver, feita de almas para salvar. Assim, vão procurá-las nas fábricas, nas profissões, nas praças etc. É um ótimo serviço de massa para salvar a instituição para a qual o indivíduo não pesa. Entretanto, se este quiser salvar-se, terá de fazê-lo por si próprio.

Até há pouco tempo, as vocações não eram submetidas ao controle da moderna investigação psicológica. O próprio sujeito de boa-fé podia enganar-se sobre a verdadeira natureza dos seus sentimentos ocultos no subconsciente. Este, através da memória de experiências passadas, conhece bem a luta desesperada pela sobrevivência; esconde, portanto, a sua verdadeira razão de agir para que, a qualquer custo, a vida seja garantida. Hoje se constatou, através da Psicanálise, que fracassa grande parte das vocações. Estas no passado tinham preeminência e cumpriam o prejudicial trabalho de corrupção interna da religião. Eram elementos que depois se dedicavam a um trabalho bem diferente dirigido a outra finalidade — e, por seu mérito, hoje tão avançada — do castelo das acomodações, da hipocrisia, de uma doutrina escondida, aninhada dentro da verdadeira, para invertê-la segundo as próprias conveniências.

Nos dias atuais, uma nova penetração psicológica entrevê muitas coisas que a ignorância do passado deixava encobertas. Os rígidos conservadores se puseram a caminhar depressa para se atualizar, dado que hoje o mundo corre veloz. Este vai adiante, e a Igreja, inspirada por Deus, chega depois. As mudanças são estabelecidas e impostas pelo mundo. Eis que muitas afirmações absolutistas, lançadas, antigamente, em momento de euforia, hoje insustentáveis, são cobertas com o silêncio, esperando que. a poeira do tempo as oculte sob o véu do esquecimento. Atualmente, se deve usar a prudência ao assumir uma obrigação, porque se observa que tudo pode mudar de um instante para outro, e depois será difícil manter o compromisso. Em matéria de verdade, sopra um vento de relatividade. Exige-se, portanto, menos por princípios de autoridade e se concede mais como respeito às consciências. Não se sabe se as verdades de hoje serão válidas amanhã e se se imporão novas atualizações.

Presentemente, se todos quiserem encontrar um lugar em nosso mundo, devem ser úteis e cumprir uma função na coletividade. Se a Igreja não encontrar ou reencontrar motivos que a tornem socialmente útil, ela poderá ser colocada, silenciosa e cortesmente, de lado, como se faz com os velhos para os deixar morrer. A Igreja pôs-se a investigar estas causas, através do apostolado, na classe operária, mostrando-se como pode ser simples, sincera, pobre, mais espiritual e menos formal. Isto com o beneplácito divino. Por outro lado, a Igreja tem de prestar contas às massas, porque estas, com a força do número, comandam tudo. É necessário, portanto, prover as suas exigências, porque provoca descrédito cometer erros, quando será necessário um expediente para remediá-los, mesmo que tenha sido guiado por Deus. Toda obrigação equivocada pode levar à necessidade de que seja refeita desde o principio, com uma fatigante atualização, como sucede presentemente. É difícil não cair em contradições, ficando-se imóvel, onde tudo se transforma, porque na realidade, a tática humana explora o desconhecido. Somente

não se pode errar quando se trabalha numa atmosfera de infalibilidade, e cada decisão fica estabelecida para séculos. A fé dos primeiros tempos hoje desapareceu, passando a haver nos pastores e no rebanho uma linguagem que não se entende mais. O mundo conhece muito pouco Cristo, sepultado debaixo de dois milênios de Igreja e Catolicismo. Desenterrá-Lo é difícil. As superestruturas se substituíram ao original, e somente Cristo pode resolver os problemas em que hoje a Igreja se debate.

A verdadeira dificuldade da Igreja não é só atualizar-se, mas reencontrar Cristo, depois de dois mil anos de História. O mundo se adaptou ao Catolicismo, afeiçoando-se ao próprio comodismo, que, por intermédio de longa elaboração, conseguiu conciliar-se com a salvação, tendo o subconsciente coletivo absorvido e fixado tudo isso, de tal modo que hoje resiste a tão grandes revoluções. Precisamente porque os valores espirituais estão em crise, se faz necessário salvá-los. Sem eles morremos. Não se trata de atualizações. A doença é mortal e exige o cirurgião. Aproveitando o silêncio de Cristo, o homem fez aquilo que lhe veio à cabeça. Realmente, para atribuir-se poder e tornar eternas as suas posições terrenas, ele assumiu, em termos de absolutismo, sérias obrigações no passado. E agora como renovar-se, para atender às exigências da evolução? Eis que mistura o divino com o humano, aquele colocado ao serviço deste, quando as posições terrenas se tornam insustentáveis, compromete também os princípios absolutos usados para defendê-lo. Se ali estivesse Cristo, não seriam necessárias atualizações, porque a Igreja, em vez de por último, teria chegado em primeiro lugar, mesmo nestes tempos de busca da renovação. Para o indivíduo que quiser tomar a religião a sério, no caso de haver hesitação entre Cristo e a Igreja, a preferência deve ser por aquele, a fim de salvar-se com Ele, embora respeitando esta última.

* * *

Outro ponto nevrálgico do Catolicismo com tendência à atualização é a confissão. Procura-se adaptá-la aos nossos tempos, de maneira que possa incluir a nova forma mental que se está constituindo, seja como responsabilidade moral, seja como conceito de culpa. Se existe uma pátria de confissão na sua forma atual, isto ocorre porque ela satisfaz uma necessidade humana, que é procurar apoio, receber conselho, tranqüilizar a consciência, encontrar proteção e segurança, particularmente perante o mistério do além. Nem todos têm a capacidade de autodirigir-se, assumindo a responsabilidade das próprias ações. Existe, então, o desejo de se recorrer a alguém, em quem se possa descarregar suas aflições, realizando consigo este labor. A Psicanálise, hoje, está em voga, porque busca a mesma finalidade e realiza o mesmo trabalho. Existe afinidade entre Psicanálise e confissão, tanto que esta foi chamada a "Psicanálise dos pobres". Hoje, para atualizar-se, tende-se a uma confissão menos formal e mais inteligente, com menos estereotipada aplicação de fórmulas e mais iluminada penetração psicológica, com menos preceitos e mais psicanálise.

E, contudo, necessário reconhecer que o sistema preceptivo foi no passado, e pode ser ainda, o mais adaptado para o povo ignorante, desprovido de uma consciência com a qual possa orientar-se e de sentido de responsabilidade. A tal tipo de homem não se pode conceder liberdade e autonomia, sendo mais conveniente enquadrá-lo na mecânica de regras formais. Tais indivíduos são irresponsáveis, porque, inconscientes do dano que as suas ações podem produzir nos outros, são capazes de compreender somente em função do seu próprio prazer e sofrimento. Eles são orientados apenas pelo medo do seu sofrimento e pela esperança dos seus gozos. Mas, desta maneira, também se domesticam os animais, mas não se resolve casos de consciência, nem se elimina o pecado. Permanece intacto o instinto em busca de desabafo, conquanto torcido pelas adaptações, escondido atrás da hipocrisia. O pecado fica, mas tolerado como um mal inevitável, que serve enquanto útil para provar a misericórdia de Deus, tão bom que perdoa; ou para justificar a existência do clero; ou para satisfazer o próprio pecado. Mas, se o problema foi assim solucionado no passado, não é mais deste modo resolvido no presente, nem o será no futuro, porque a moral mecânica se torna cada vez menos aceitável quanto mais o homem evolui. Diminui sempre mais o número dos tipos a que o atual sistema das confissões se adapta, restringindo-se às classes menos evoluídas.

Como hoje se posiciona a confissão relacionada ao passado, já que os novos tempos a puseram em crise? Atualmente, existe o fato de que nasceu outra psicologia, mais positiva, feita de duas qualidades básicas: mais sinceridade e maior sentido de responsabilidade. Somos mais retilíneos. Mesmo que isso possa parecer abuso, há mais pureza, mais honestidade, o que não constitui afastamento de Deus. Ora, a confissão para a moral é importante, porque implica o problema da consciência, culpa, escolha entre o bem e o mal e respectiva responsabilidade, conduta e suas conseqüências individuais e sociais. Hoje se está realmente formando uma nova ética, que não tem nada a ver com as religiões, pronta para resolver o

problema da convivência moral, reguladora das relações no seio da coletividade.

Até agora esses problemas do Catolicismo foram resolvidos formalmente, método usado no século XVI. Saído do Concílio de Trento, aquele século absolutista acreditava sistematizar tudo, concretizando formalmente a moral, codificando-a em normas exatas, reduzindo-a a elencos de pecados. Isto era simples, proporcionado ao escasso desenvolvimento mental dos tempos, acessível à primitiva necessidade mais de um domador de paixões que de um psicólogo da espiritualidade. Tinha-se, assim, u'a moral feita de regras exteriores, às quais bastava obedecer para libertar-se de qualquer esforço de análise e de qualquer responsabilidade. Uma ética de superfície incomoda menos do que outra penetrante em profundidade, que vincula mais, porque chega à substância e permite menos evasões. Mas, quando falta aquele sentido sutil, necessário para dirigir com inteligência a própria conduta, sabendo-se ajuizar o valor dos próprios atos, não se pode deixar de cair na superficialidade do preceptismo. Foi assim que este nasceu e funcionou como método mais acomodado à forma mental do fiel subdesenvolvido, a quem se pedia apenas uma obediência mecânica. À consciência incapaz se substituiu o formalismo, isto é, u'a moral cristalizada, reduzida a uma lista de preceitos e de culpas. A futura ética será completamente diversa. Sem preceptismo e juízos que assumem o peso da responsabilidade, cada indivíduo será ele próprio o seu juiz e tomará sobre si as suas responsabilidades[5] sem pensar em fugir delas, porque ele já não é mais tão inconsciente que acredite se possa defraudar a lei de Deus fugindo às suas sanções, isto é, que, uma vez feito o mal, se possa evitar pagá-lo. Sobre este fato indiscutível os julgamentos dos homens, mesmo em nome de Deus, não têm nenhum poder; sobre tais fenômenos eles não podem trazer nenhuma modificação.

É verdade que o velho método oferecia vantagens. Ele facilitava o trabalho de julgar. Até o penitente lhe encontrava a vantagem. Ele podia resolver os problemas de consciência facilmente, com regras sobre o fazer e o não fazer. Tudo era simplificado com a lista dos pecados, tendo ao lado de cada um as instruções para o uso e o não uso. Assim, o formalismo moral deixou raízes, porque era conveniente para ambas as partes, colocadas tacitamente de acordo, satisfeitas pela conveniência comum. Fixou-se o método do preceptismo, que concordava com o comodismo do clero e com o dos fiéis. Tudo isso triunfou, porque oferecia ainda outra vantagem ao pecador: o formalismo. Este permanece na superfície, sem penetrar em profundidade, deixando aberta a cômoda via das escapatórias e da hipocrisia, já que permite perfeita conciliação entre a observância das formas e a inobservância da substância. Pode-se, assim, enganar a lei e ao mesmo tempo mostrar-se virtuoso. Desta tão enganosa solução os fiéis não deixaram de aproveitar. De fato, para eles a grande preocupação, no terreno da moral, era encontrar a forma de fazer prosseguir a própria vantagem mostrando, ao mesmo tempo, perfeito cumprimento das leis. A sapiência consistia em ter encontrado a maneira de salvar as aparências, para fazer boa figura, apresentando-se como cumpridores da lei, enquanto em substância se fazia o contrário, satisfazendo os próprios instintos. Antigamente, não se atacavam os problemas de frente, para resolvê-los. Procurava-se, ao contrário, a evasão. As próprias leis não eram feitas para solucioná-los, mas em favor dos seus autores e para que os outros as observassem. Em suma, o que em realidade se fazia atrás das aparências era, em ambos os lados, a mesma luta pela sobrevivência. Legisladores e súditos eram simplesmente rivais. E, com o mesmo método, buscavam ambos a máxima vantagem em favor próprio. A imposição autoritária, a desobediência, a hipocrisia não eram senão diversos expedientes para alcançar o mesmo fim no mesmo plano. Deste modo, aplicavam a mesma lei da luta pela vida. Segundo esta, não havia razão para que tais métodos não fossem usados. Biologicamente, tudo se explica e se justifica.

Hoje, no entanto, verifica-se um fato novo: exige-se por parte de quem deve aceitar a moral: sinceridade e honestidade. Isto não porque os indivíduos tenham ficado melhores, mas porque se tornaram menos ingênuos, menos dispostos a se deixarem cair no engano e a aceitarem o jogo dos oportunistas. Atualmente não se admite mais o sacrifício sem lhe controlar a utilidade, mesmo que ele seja apresentado como coisa sublime. Tais métodos são herança do passado e nos pertencem. Se a Igreja quiser atualizar-se, deve libertar-se desses inconvenientes, embora isso venha sendo sustentado há quatro séculos, o que não se aniquila tão facilmente. Ora, quando se enfrentar a moral com a consciência mais iluminada dos novos tempos, em lugar de se usar a velha preceptística, o pecado e a confissão tornar-se-ão outra coisa. O pecado tradicionalmente entendido e medido com a regra da antiga doutrina está em crise, ainda que não ocorra o mesmo com o problema da consciência. Outrora, a virtude consistia em resistir às tentações, em, simplesmente, não fazer. Hoje o problema moral se coloca de modo positivo com o respeito ao bem, em vez de se pôr em defensiva contra o mal, isto é, faz-se consistir no cumprimento do dever em relação aos outros elementos da coletividade. Surgem, assim, pecados diversos dos tradicionais, a confissão toma para exame diferentes valores e entra em outros terrenos, sobretudo no social A culpa não consiste tanto

em ter ofendido a Deus, que não sofre com isso, mas em ter prejudicado o semelhante. É inegável a relatividade do conceito de pecado, variável conforme tempo e espaço. Isto prova que ele existe não em função de Deus, caso em que deveria permanecer sempre e, em qualquer lugar, invariável, mas em função do homem, que o constrói em relação a si próprio, diverso, consoante a época e os lugares, de acordo com as suas condições da vida.

Até agora o maior conteúdo da confissão era o sexo. Ao concentrar-se a atenção do clero sobre este particular aspecto da moral e ao formar uma mentalidade sexófoba, não é estranho que a castidade da classe sacerdotal tenha tanta força. Esta é necessária, em virtude da luta pela sobrevivência do grupo eclesiástico, verdadeiro exército que não pode ir à guerra com crianças e senhoras, nem com elas pode desperdiçar as suas riquezas. Uma necessidade humana de se refazer, à custa de alguém. do sacrifício que tem de suportar deve inconscientemente ter levado o clero, como por um sentido de justiça, a considerar o sexo também para os outros como pecado. Apesar de não o ser, foi considerado como tal por causa de problemas circunstanciais. Podemos, assim, explicar-nos as razões daquela forma mental e por que, além do sexo, não se tenha dado tanta importância a muitas ações graves praticadas em prejuízo do próximo, deixando-as passar em silêncio, como se fossem lícitas. É natural, portanto, que a moral se tenha feito mais exigente, porquanto, embora tenha aumentado o sentido de responsabilidade, a paciência dos oprimidos diminuiu. Fala-se da abertura de direitos e deveres, enquanto os prejudicados em todos os campos reclamam e impõem justiça mais do que antigamente. Hoje é muito menos tolerado o mal contra o próximo, porque se está muito menos disposto a suportá-lo.

Nasce, assim, o pecado de caráter social, o que causa dano aos outros, enquanto passa para segundo plano o do sexo, que não é pecado quando não prejudica ninguém. Hoje o ponto de referência em função do qual se mede a culpabilidade não é um teórico mal teológico, mas o que os outros sofrem com as nossas ações, o que é real. Pensa-se em quem deveria ser punido, conforme a justiça, como no caso da freira de Monza. Todavia, não foram de fato condenados os diversos culpados responsáveis, isto é, a família, os costumes daqueles tempos, aprovados pelas autoridades eclesiásticas, enquanto foi selada a fogo a última conseqüência, e aquela pagou por todos. Esta era a moral de então, estes os resultados a que pode levar o preceptismo. Os verdadeiros culpados ficaram impunes, tendo caído na armadilha o ser mais débil, destruído por ter procurado satisfazer um instinto da natureza, que ninguém tinha o direito de impedir-lhe.

Com a nova forma mental tornam-se problemas de consciência e entram no confessionário muitas culpas comerciais, políticas, sociais, freqüentes na sociedade do passado e não condenadas pela religião, que ficava satisfeita com o formalismo da sua preceptística. Eram culpas das quais o penitente não pensava em acusar-se, tampouco arrepender-se e corrigir-se; nem o confessor pensava em propô-las, para não entrar em matéria considerada fora da sua competência, respeitando, assim, o silêncio do penitente e evitando o assunto delicado dos interesses. Este, por seu lado, não admitia que o confessor se imiscuísse nos seus negócios e comércio. Por isso, reconduzia-o ao seu terreno espiritual, dizendo: isto são coisas que se fazem fora da Igreja, não competindo ao clero ocupar-se delas. Evitava-se a sua intervenção e fazer de tais coisas um problema de consciência. Interessava ao clero ser indulgente numa questão espinhosa. Não intervindo, não chamava a atenção sobre negócios que não se podiam fazer, com exceção quando ele próprio comerciava, que, sem prejuízo, podia concentrar a atenção sobre o sexo, atividade mais facilmente ocultável sob uma castidade oficial que permitia colocar-se do lado da virtude. Tudo isso convinha também ao penitente, que aproveitava esta tolerância, respeitando em troca os negócios do clero, ou seja, o mesmo respeito que este tinha pelos do penitente.

Assim, o sacerdote foi repelido para dentro da Igreja, para que fora dela não incomodasse. A religião ficou, em parte, separada de um setor realista da vida: a luta econômica — renunciando a discipliná-la e dominá-la. Teria a Igreja podido fazê-lo? Sim, se apenas se tivesse colocado, como era de sua competência, na sua verdadeira posição: a espiritual, sobrepujando a luta do mundo. Mas existia o fato de que se estava na Terra e não no céu. Era inevitável, pois, que a Igreja tivesse de travar aquela luta, se quisesse sobreviver. E nela estava imersa como todos. Então, não podendo mudar as leis da vida terrena, a fim de não evidenciar a contradição entre teoria evangélica e fatos, e, para salvar ao menos as aparências, não ibe restava senão o caminho da hipocrisia, levando a crer que fazia aquilo que realmente não praticava — e, na verdade, não podia fazê-lo — porque na Terra é contrário às leis biológicas do atual nível evolutivo animal-humano. Neste plano, que nada tem de evangélico, a lei é a rivalidade e a luta, sendo, portanto, antivital renunciar à própria vantagem em favor dos outros.

É certo que o Evangelho aponta-se para o centro da questão, mas isso não desloca a realidade de que aqui vigoram leis biológicas que estão nos antípodas daquilo que ele proclama. Nem se pode

pretender que homens, filhos deste mundo, tenham a capacidade de inverter as primeiras em favor dos segundos. Esta tentativa custou a vida a Cristo, que com seu sacrifício não conseguiu nada, porque são as leis da Terra e não as do céu que por enquanto continuam a dominar o mundo. Todavia, a hipocrisia representa uma primeira tentativa de aproximação. É já um modo de atuar, dado que não se tem ainda a força de aplicar integralmente; é um malfeito inevitável; uma primeira fase indispensável de penetração por parte do ideal, destinada a ser superada por evolução.

Dizíamos, entretanto, que o principal domínio da confissão é o sexo. Não é necessário romper o segredo do confessionário para ver como é feito o mundo. O fato de que antigamente se fazia escondido aquilo que agora se pratica a descoberto não desloca a questão. Se hoje o problema do sexo fosse posto em discussão, também deveria sê-lo o do tribunal regulador de suas funções em muitos países. Mas, presentemente, a Igreja encontra-se perante algo novo. Aqueles velhos tipos de pecado passam para o médico e para o psicanalista, e são tomados em consideração outros diferentes do agora examinado. Falamos acima de pecado de caráter social. A tendência atual é olhar sobretudo culpas que prejudicam o próximo e não perder mais tempo com as que não fazem mal a ninguém. Há ainda o fato de que vivemos uma fase de masculinização, na qual os pecados de tipo feminino, como são os do sexo, são julgados com a forma mental do macho, a quem só interessa a luta para a conquista. É assim que assumem importância os pecados de tipo masculino, como dinheiro, furto, exploração, injustiça etc., isto é, aqueles de caráter social que interferem no problema da convivência, os que trazem dano, contra os quais todos se defendem, enquanto é mais raro que o sexo tenha tal conteúdo. Dada a nova unidade de medida usada para julgar, o sexo é culpa menos importante do que qualquer pecado de caráter social.

Eis que também o confessor terá de se atualizar tendo em conta este novo tipo de pecado. Hoje se procura tanto a liberdade. Mas ela significa livre desabafo dos próprios instintos, de tal modo que para a fêmea quer dizer liberdade no sexo e para o macho liberdade de assaltar para apossar-se e dominar. O instinto para se satisfazer procura a liberdade até ao abuso, violando a disciplina. A função do confessor moderno é levar disciplina responsável e consciente a este novo setor masculino da moral, enfrentando-o em profundidade, dando a importância que merece ao do tipo feminino, quando não acarreta conseqüências danosas individuais ou sociais.

É natural que as espécies fundamentais de pecado sejam de caráter econômico, ou bem sexual. Elas correspondem aos dois impulsos fundamentais da vida que visam à conservação do indivíduo e da raça, dois fatos imprescindíveis que implicam a urgência de procurar os meios para viver, como os da procriação. Se a satisfação destas necessidades não for reconhecida como um direito, será inevitável que o indivíduo procure igualmente realizá-la, mesmo que isto seja declarado culpa. Mas esta, ao contrário, será de quem declarou como tal aquilo que é uma necessidade a que o indivíduo deve sujeitar-se, porque estas são as leis da vida. Tais problemas não se resolvem com a tolerância, com a qual se busca remediar a sua má colocação. O novo moralista, para poder exigir que os outros cumpram o seu dever, tem de cumprir primeiro o seu de reconhecer o direito á vida. Se ele não se colocar num terreno de justiça, não poderá pretender obediência.

No passado o legislador pensava em primeiro lugar em si próprio, e as relações com quem dele dependia eram impostas num regime de luta recíproca, na qual vencia o mais forte e hábil e não a justiça. Depois, para viver tranqüilamente, suavizavam-se os ângulos com as acomodações, apesar de tudo necessárias, para tornar menos fatigante a convivência. Deste sistema nasceu u'a moral fragmentada a cada passo, como desejava o penitente, ao lado de outra teoricamente íntegra, como pretendia o moralista. É certo que deste modo ficavam satisfeitas as suas opostas exigências. Nem a outro resultado podia conduzir o choque entre duas vontades contrárias. Porém é também verdadeiro que assim se chegou a uma mistura de pecado e perdão em incessante contradição, perante um problema eternamente insolúvel, mas que tem significado na medida em que é destinado a solucionar-se. Destarte, em vez de aplicação da lei, se chegou à sua contínua violação, a que se opôs o paliativo de uma constante reintegração do arrependimento e do perdão, o que não resolve, porque deixa abertas as portas a novas violações. Mas a outras conseqüências não se podia chegar, colocando a questão nos termos acima expostos, isto é, sem reconhecer os direitos do indivíduo. É natural, então, que este se defenda com a desobediência.

Mas tudo está previsto. Temos, assim, uma confissão feita por reincidentes e para estes. É certo que ela fracassa no seu objetivo. Mas deste modo o penitente fica contente, porque ele pode satisfazer-se, mesmo que seja com uma veste de pecador. Reconhecendo-se tal, tem a vantagem de poder continuar a pecar, optando pelo que mais lhe convém. Por outro lado, o clero também fica satisfeito, porque o confessionário é freqüentado. É verdade ainda que o penitente devia descobrir um meio que o permitisse viver a seu modo, ou seja, continuando a pecar. Encontrou-se, então, o método das evasões, do pecado

ocasional, repetido com regularidade, mas não premeditado, não expressamente desejado, praticado por incidente. E com isso o penitente ficou satisfeito. Chegou-se, por seguidas adaptações, ao sistema conveniente para todos, dos pecados contínuos, de poderem ser salvos por ininterruptas lavagens purificadoras nos confessionários muito concorridos. E tudo vai bem, porque a Igreja mantém a sua autoridade sobre as consciências e o pecador tranqüiliza a sua alma com uma penitência que muito pouco lhe custa. Ao mesmo tempo ele goza da vantagem de poder descarregar, com um ato formal de obediência, a sua responsabilidade sobre a autoridade julgadora, o que é uma ilusão, ou de poder fugir à fatal necessidade de pagar as conseqüências das próprias ações. Em suma, veio-se a ter, certamente sem premeditação, por sucessivas acomodações, uma obra-prima de moral elástica que sabe conciliar os opostos: a salvação e a incessante repetição do pecado. E não é difícil encontrar uma solução que satisfaça todos ao mesmo tempo.

O resultado de tudo isso é uma observância formal que salva as aparências e, em substância, uma hipocrisia na qual naufraga a sinceridade, o sentido de responsabilidade, a consciência do mal cometido na ilusão de fazê-lo francamente. Hoje, às avessas, estas são exatamente as qualidades que é necessário desenvolver, para se chegar a compreender que, independentemente de qualquer clero ou religião, existem leis positivas, como as da ciência, às quais ninguém pode escapar e pelas quais o mal feito automaticamente recai em forma de reação punitiva sobre quem o praticou. Esta será a moral científica de amanhã, sem hipocrisia, acomodações ou possibilidades de evasão. Infelizmente, construiu-se no passado um sistema de simulação tido como sabedoria, habilidade do saber viver, e hoje o herdamos bem radicado nos hábitos. É uma falsidade de linguagem e de costumes contra a qual as novas gerações lutam para varrer tudo, aparecendo escandalosamente atrevidas, porque não representam mais a tradicional farsa, escondendo o mal sob um manto de virtudes. Abrem-se as janelas e entra o ar puro, mesmo que este seja de tempestade que levanta turbilhões de poeira, rompe as delicadas teias de aranha, fazendo estremecer os velhos adormecidos. Esta ventania entrará também nos confessionários, que, se quiserem sobreviver, terão de atualizar-se. Mas não é um mal para as almas o escândalo de descobrir a realidade. Se esta se mantiver escondida, elas poderão muito mais facilmente se corromper.

Chegara-se, assim, a dar um sentido de virtude à assexualidade e de culpa à fundamental função da vida confiada ao sexo. Se isto, espiritualmente pode representar uma tentativa de superação da animalidade perante a natureza, que exige a continuação da espécie, por outro lado é antivital e, portanto, biologicamente imoral. Esta identificação do sexo com culpa é contra a moral da vida, que, pelo menos no atual plano humano, é a moral de Deus. Sucede que, dada a estrutura do organismo em que não podemos deixar de viver, não nos podemos evadir do nível terreno, a não ser por longa evolução. Biologicamente, não é qualificável com característica de superioridade a frigidez, que na natureza representa um fato negativo, pertencendo mais ao patológico. Quando, pois, a castidade não é assexualidade, ou frigidez atribuída ao indivíduo, mas se verifica por pressão imposta, então ela é obrigada a manifestar-se em formas contorcidas contra a natureza. A castidade é útil para o interesse do grupo de quem protege a conservação, mas não o é para o tipo comum do indivíduo. Ela é inútil para os frígidos, que através dela nada podem sublimar, porque nada têm para isso; é perigosa para os eróticos, que são levados a contorções e aos sucedâneos, em vez de sublimação. Isto pelo fato de que tal solução é mais fácil de alcançar e porque a vida a prefere no nível humano, uma vez que ela costuma escolher a via de menor resistência, requer menor esforço. A castidade é adequada e dá resultado somente para os maduros à superação, podendo, então, ser coisa sublime. Mas é aplicável apenas a uma exígua minoria. Assim, usada em larga escala por pessoas não maduras, elas só serve para a sobrevivência do grupo, porque para o indivíduo ou é frigidez, ou hipocrisia, quando não se resolve em desvios, o que faz dela sempre uma qualidade negativa.

Este conceito de sexo-pecado coloca nas próprias origens da vida um sentimento torcido, porque só pelo fato de se ter nascido se é pecador. O surgimento de tal psicologia se explica pelo desejo, mesmo que inconsciente, por parte do clero de se atribuir, com a sua castidade oficial, uma posição de superioridade, base de domínio sobre a massa dos pecadores não castos; compreende-se, também, com a devida necessidade que ele tinha de justificar, e assim tornar necessária a sua presença como salvadora de almas Todos deviam ser filhos da culpa para que fosse imprescindível o trabalho de quem depois viveria à custa de redimi-las. Deste modo, o sexo tornou-se um mal tolerado porque indispensável para se ter filhos Mas ele pode constituir uma necessidade também, independentemente disso, para quem não pode, ou não considera conveniente ter filhos. Chega-se à hipocrisia de dizer que se casa para cumprir o dever de procriar. Seria interessante observar quem teria tanto zelo de cumprir esse dever só por imposição de u'a moral, se não existisse a atração sexual. Se assim fosse, teriam o mais alto sentido ético tantos

inconscientes pobres que geram, sem medida, filhos destinados à fome. Por isso, os castos, porque frígidos foram vistos como virtuosos, e os hipereróticos como grandes pecadores, dignos de toda a condenação. Para tentar superações a cargo de imaturos, torceu-se e aviltou-se o amor; ao se forçar a evolução produziram-se estados sexuais patológicos aberrantes. Estes são os frutos da velha moral e da forma mental que a construiu. A nova moral resultará de um grau de consciência mais desenvolvido que traz à luz muitas contradições e danosas conseqüências.

* * *

Continuemos a observar as duas morais nos seus contrastes e implicações nesta hora de transição em que o mundo evolui da primeira para a segunda. O advento de uma nova moral não é fato isolado, mas conexo com a profunda renovação que se esta verificando em todos os campos, através da maturação psicológica produzida pela passagem de uma fase evolutiva a outra superior. É o tipo mental que muda, com todas as suas conseqüências. Devemos, então, adaptar estas considerações ao pano de fundo deste fenômeno maior. O pecado de caráter social não é senão um dos aspectos da atual transformação.

O grande fato moderno é que a nossa vida se socializa Antigamente, a unidade máxima de organização coletiva era a família. Esta, hoje, parece desfazer-se, porque o seu grau de unificação se torna secundário, portanto menor, incluído noutro maior: a sociedade. É natural que a unidade maior, tornada agora principal. absorva no seu seio a menor e que esta lhe fique subordinada. Nesta nova unidade é maior a amplitude e o grau de organização coletiva dentro do qual se estabelece a convivência, porque o tipo unitário não é mais o pequeno núcleo familiar, mas a sociedade, que agora de estado de rebanho passa ao orgânico de núcleo social. Isto não significa que a família desapareça como unidade, mas é absorvida na mais vasta unidade coletiva. O fato encontrado na base de tudo isso é o desenvolvimento da consciência, hoje tornada capaz de abranger uma unidade social mais extensa em vez de apenas um grupo familiar. Com a compreensão de mais amplas relações, o ser humano começa a sentir-se ligado também a quem não é seu parente de sangue. Nasceram, assim, vínculos acima do nível da carne. Isto quer dizer progresso, não só como amplitude de campo, mas também como complexidade de estrutura. Aqui vemos como agora se aplica o princípio das unidades coletivas, demonstrado noutro lugar.

Tudo isso implica outras transformações, envolvendo outros aspectos da vida. Um destes é a atual emancipação da mulher. O problema fundamental para todos, como vimos no que respeita às vocações do clero, é a situação econômica. Isto acontece também com relação à mulher. Antigamente, para uma jovem essa situação se resolvia com o matrimônio; hoje o mesmo problema se soluciona com o trabalho. Outrora, o sonho era o marido, hoje é a profissão. Eis que agora a vida para a mulher, que representa a metade do gênero humano, assenta em outras bases. Disto derivam grandes deslocações. A sua existência não fica fechada entre as paredes domésticas, reduzida a ser um apêndice do homem, seu único sustentáculo, mas se amplia na sociedade com uma função importante, como é a de quem trabalha, estando, portanto, conexa com a produção, fato que se encontra na base da vida. Então, a mulher se coloca ao nível do homem, economicamente independente, auto-suficiente, tornando-se um elemento socialmente válido, que se enxerta com o seu peso próprio na organização coletiva. Encarrega-se de novas atividades e responsabilidades, mas conquista também liberdade e, com o trabalho, a possibilidade de desenvolver-se como inteligência, o que não acontecia quando a sua função era somente a de serva ou de instrumento de prazer para o homem, ou de servir para criar os seus filhos.

O grande fenômeno a que hoje assistimos é um processo universal de socialização, que se verifica para toda a humanidade, ainda que com programas políticos opostos, processo que influencia tudo: a moral, a religião, a família, o desenvolvimento mental, a atividade produtora etc. Trata-se de novo modo de conceber a vida sob princípios diversamente orientados, conduzindo a outra moral, tema aqui tratado com a devida precisão. A velha moral era empírica e instintiva; a nova é racional e controlada. No primeiro caso, o indivíduo era movido por impulsos do subconsciente, guiado por atrações e repulsões, simpatias e antipatias; no segundo, é conduzido pelo pensamento e pela lógica que enfrentam os problemas para resolvê-los. A segunda é a moral mais evoluída de quem conhece e raciocina; a primeira é a impulsiva do primitivo irracional e inconsciente, arrastado pelos instintos. A moral sexual era até ontem desse tipo, mas já está passando do tribunal do confessor e dos mexericos da opinião pública para o juízo competente do médico, do psicólogo, do sociólogo. A unidade de medida do pecado não será estabelecida de acordo com as reações do subconsciente instintivo, mas consoante um critério social baseado no dano que esse pecado acarreta ao próximo, isto observado com lógica positiva. É assim que nasce outro tipo de

pecado: o social, que vai da evasão fiscal à imprudência ao volante, baseado no respeito que se deve ao próximo, não o prejudicando, o que representa uma forma positiva de amá-lo conforme o Evangelho. Eis um Cristianismo racionalmente utilizado para chegar, como exige a hora histórica, a um estado social orgânico, feito de uma ordem sempre maior. Trata-se de um modo inteligente e calculado, mas também de ser bom. Temos uma ética cristã, civil, em vez de religiosa, que leva a uma disciplina que é perda de liberdade, conquanto também seja vantajosa, porque, se limita a minha liberdade, restringe igualmente a de outrem a quem é vedado causar-me dano.

Sendo uma expressão de vida, a moral sobe com a evolução daquela. Assim, codificada pela religião, temos a moral do nível Moisés, que permanece ainda no plano animal do "não matarás", "não roubarás", isto é, do delinqüente. Depois, com a religião de Cristo, temos a ética do tipo Evangelho, que sobe um degrau mais alto, o do amor, do "ama o próximo como a ti mesmo" Agora, com a ciência e o despertar intelectual moderno, passa-se a u'a moral cérebro e pensamento, situada num plano ainda mais alto, o do conhecimento, consciência e responsabilidade. Estas três fases da progressiva evolução da ética correspondem a três tipos de civilização. dos quais são o produto: 1) a da força bruta, do primitivo; 2) a do amor, que com a bondade procura domesticar aquela força; 3) a da inteligência, que com o conhecimento busca iluminar e dirigir racionalmente aquele amor.

O valor de cada uma dessas posições não se pode julgar eqüitativamente senão em função do momento histórico em que aparece da fase evolutiva que representa e do trabalho que deve realizar. Não se pode, portanto, culpar o Cristianismo por alguma das suas atitudes agressivas para com a animalidade e para com a parte inferior do homem, maneiras de fazer penitência que nos parecem ferozes. Ele devia enxertar-se no primeiro tipo de civilização e fazer o trabalho de transformá-lo no segundo. Assim se explica a psicologia do inferno, hoje cada vez menos persuasiva, a exaltação das torturas físicas do mártir como meio de santificação, a repressão em vez da educação dos impulsos naturais, os métodos brutais de espiritualização. Tudo isso se justifica, se se pensar naquele tipo de homem que dirigia então a religião. E explica como tais sistemas estão perdendo calor, quanto mais o ser humano amadurece para entrar no terceiro tipo de civilização. Hoje, usar aqueles meios para desenvolver o espírito seria contraproducente. A religião deve descobrir outros, se quiser ser útil à sociedade.

A velha moral pertence ao segundo tipo de civilização. Enquanto ela prega o amor, deve lutar contra a ferocidade. Disto derivam muitas contradições que com o tempo se vão eliminando. Hoje se começa a compreender que não convém desperdiçar energias positivas para o bem, para atormentar o sistema nervoso com contrariedades e renúncias, quando aquelas energias devem servir para trabalhar e produzir. A nova moral é racional, utilitária, vital, e não negativa, opressiva ou antivital. São eliminados os sacrifícios improdutivos. Em compensação pensa-se mais no próximo, para não o prejudicar, do que egoisticamente em si próprio para salvar-se. É um regime de maior ordem, liberdade e bem-estar, mas também de maior trabalho, responsabilidade e deveres. Mudam assim os pecados. Antigamente, conforme a religião, não era culpa encher o mundo de filhos doentes, esfomeados e delinqüentes. Hoje se pratica o controle da natalidade, mas se assume a responsabilidade da educação dos filhos; os pais adquirem o direito de defender o seu sistema nervoso de inúteis renúncias, mas assumem o dever de trabalhar ambos para o grupo familiar. Para a religião, era lícito outrora viver de rendimentos, do trabalho do próximo, sendo ociosos, parasitas da sociedade. Era justo fazer-se de patrão, em nome da autoridade marital e paterna, sobre mulher e filhos. Era permitido casar por interesse e não por amor, fazendo do matrimônio um mercado. Muitos outros pecados não eram como tais considerados, mas abençoados pelo clero e santificados com os sacramentos. No entanto, aquela moral era santa para o grau de evolução do segundo nível Ela tornou-se, porém, injusta e inaceitável, quando se alcançou o grau de evolução do terceiro nível.

A grande diferença entre a velha e a nova ética é que a primeira é preceptística e, portanto, obrigatória, mas irresponsável, enquanto a segunda não é mandamental, porém livre e responsável. Para a primeira bastava a forma, para a segunda importa a substância. É assim que para a primeira não é necessário ter alcançado o grau de consciência exigido pela segunda. No passado a velha moral tratava só da observância formal da lei (farisaísmo), e cada um se sentia satisfeito em consciência quando tinha cumprido o que era necessário para obter a sua salvação pessoal. Além desta finalidade egoísta, o resto pouco interessava, mesmo que prejudicasse o próximo. O indivíduo não sabia sequer pensar que existisse um bem e um mal, além do seu, de que devesse ocupar-se. Vivia-se num regime de luta no qual a morte dos outros constituía a própria vida, ao contrário. Perante uma forma mental como esta, não pode funcionar senão u'a moral preceptística, armada de taxativas sanções punitivas, porque este é o único meio persuasivo que o primitivo entende, o qual, ferindo-o pessoalmente, pode induzi-lo a comportar-se bem A ele nada interessa do próximo. Se ele é bom, não o é por amor aos outros, mas a si mesmo, para

obter a salvação própria. Esta é a fase em que inferno e paraíso são necessários para dirigir o homem. E a este se torna bem compreensível a idéia de um Deus-patrão que castiga o servo desobediente. A nova ética é a do indivíduo consciente do mal que pode fazer ao próximo, procurando, portanto, não praticá-lo. Eis que a moral não é mais uma formal observância da lei (farisaísmo) com objetivo egoísta, mas está ligada à consciência de um estado de ordem coletivo e à utilidade de enquadrar-se nele, no seu próprio interesse. Do farisaísmo, isto é, do formal cumprimento da lei, passa-se ao Evangelho, que é substancial aplicação de um princípio de amor. Por isso, o farisaísmo, em vez de perfeição, foi julgado hipocrisia.
O ponto de referência da nova moral não é um código frio feito por Deus para os seus fins, e que Ele impõe, porque, sendo o mais forte, tem o direito de comando. Tal concepção mosaica era proporcionada ao desenvolvimento mental daqueles tempos. O ponto de referência da nova ética é o bem do próximo, porque os outros fazem parte do mesmo organismo a que pertence cada indivíduo, de modo que, se este, mesmo que seja em perfeita observância da lei, prejudicar aqueles, está causando dano também a si próprio. O progresso mental dos nossos tempos levou a um conceito social da vida humana, antes desconhecido. Tal princípio unificador, coletivista, enunciado pelo Evangelho há dois mil anos e, então não compreendido, hoje, por maturação biológica, está-se tornando realidade.

Assim, se a velha moral era individualista e separatista num mundo de seres isolados, cada um encerrado no seu egoísmo, hoje a nova ética é de tipo coletivista unitário. Atualmente, assistimos a um grande fenômeno biológico, segundo o qual as células dos indivíduos isolados, até agora dispersas, se reúnem para se construírem em organismo social, o que significa alcançar uma forma de vida mais progressista. Por isso, a nova moral exige que o homem veja no interesse coletivo o próprio benefício; compreenda que evitar o prejuízo dos outros é afastar o próprio dano; alegrar o próximo é fazê-lo a si mesmo; cumprir o próprio dever é utilitarismo egoísta.

O resultado das duas morais são opostos. A primeira deixa os indivíduos separados, inimigos, em estado de guerra; a segunda os confraterniza para que colaborem em paz, isto é, propõe-se realizar a grande obra de fundir elementos humanos, hoje ainda ávidos de se sobreporem uns aos outros. Da nova moral nasce outro tipo de santidade, ou seja, a que não corre apenas atrás de miragens egoístas, mas se projeta em direção ao próximo para ajudá-lo a viver. Assim, o santo não é mais aquele que se isola para tratar da sua própria evolução, mas o que se oferece, colaborando com a dos outros. Antigamente, mesmo sozinho caminhava-se para Deus. Hoje, o trabalho é elevar os indivíduos até que se tornem evoluídos. Presentemente, ao lado do santo, tem valor também o cientista, igualmente útil no meio social, porque ampliar a inteligência vale tanto quanto desenvolver a bondade. Com a nova ética, ao método do irresponsável, que, uma vez praticado o mal preocupa-se, sobretudo, em fugir ao pagamento da pena, substitui-se o sistema do responsável, que não pensa em enganar o legislador. Portanto, não faz o mal, porque sabe que isso é tentativa inútil, porque não se pode fugir ao castigo. Ter a ilusão de que isso seja possível é coisa que só pode pensar o homem da velha moral, ignorante das leis da vida. Com a nova moral, a confissão deve assumir uma função educadora para a vida social, deve constituir um meio para desenvolver a consciência e o sentido de responsabilidade, e não um tribunal perseguidor de culpas à base de artigos de código e listas de pecados. Isto é, dissecar a vida, em vez de ajudá-la a progredir É certo que pode ser o primitivismo dos fiéis o fato que impõe a necessidade de usar tais métodos. Mas precisamente por isso é necessário educar o penitente a compreender a lógica da nova moral. A aplicação dos velhos processos a um indivíduo maduro pode colocá-lo na situação de querer decidir, preferindo ir parar no inferno como pecador a seguir as velhas regras, cumprindo um ato lícito para a religião, mas que para ele é mau, ou realizando outra coisa que para a religião é culpa, mas que para ele é justo. Por exemplo, um indivíduo que por temperamento não pode sujeitar-se a um regime de castidade, pode renunciar ao egoísmo de sua salvação extraterrena usando o controle, isto é, não fazendo mal a terceiros inocentes, incapazes de se defenderem, como os filhos a quem lhe é impossível dar saúde, educação e alimento. O que hoje mais interessa na vida social é a honestidade, a grande virtude de não prejudicar o próximo. E existem infinitos meios de fazê-lo, considerados lícitos. Honestidade, em todos os campos, é a coisa mais necessária, porque é nela que se fundamenta a convivência. A vida se baseia demasiadamente na luta, posição que está nos antípodas. A religião cumpriria uma grande obra, se conseguisse levar o mundo, pelo menos um pouco, para um estado É de retidão, do qual ele tem extrema necessidade. Pelo contrário, prevalece excessivamente a convicção, escondida nas palavras e expressa em fatos, de que o maior pecado é ser honesto, porque este é esmagado, enquanto a vida favorece os desonestos.

Se esta é a forma mental da maioria, que pode a religião fazer contra isso? É uma complexa multidão de seguidores a se opor a que, realmente, se faça da religião uma coisa séria, sem escapatórias. Estas são muito cômodas. Com elas se pode fazer ótima figura de santa pessoa e, no entanto, agir como

lhe convier. A própria preceptista habituou os fiéis a este sistema. São, portanto, eles mesmos que não querem renunciar às vantagens que lhes oferecem. Já estão viciados, aprenderam a mentir, acham vantajosa a hipocrisia e não tencionam mudar de método. Trata-se de hábitos seculares, profundamente assimilados. Preferem a tradicional lista de pecados, o cumprimento formal, os quais evitam indagações que perscrutem a fundo as suas vidas e possam descobrir outras coisas. Rebelam-se contra isso como se fora uma intromissão. Quando, entretanto, cumprirem o dever de se acusarem de acordo com as regras, não reconhecerão ao confessor o direito de imiscuir-se em outros assuntos. Consideram tais métodos um direito adquirido por longo uso, passado já à prescrição. Portanto, não admitem que lho seja tirado. Defendem-no, mesmo que isso vá contra a consciência. Continuam a preferir a velha moral mecanizada, fornecida em pílulas com instruções para o seu uso.

Falamos acima de penitência fácil, por intermédio da qual com um mínimo incômodo se sacia o pecado confessado. À parte o fato estranho de que a oração, que deveria ser uma forma alegre de se elevar até Deus, em vez de prêmio, seja usada como pena expiatória, como castigo espiritual, o sentido de responsabilidade da nova moral faz compreender que confissão e penitência não eliminam o malfeito, que as conseqüências são inevitáveis, e é necessário pagá-las. E, portanto, ilusão acreditar que se pode comodamente fazê-lo desaparecer com estes meios, ou seja, não pagando. Mas a evasão é aliciante, porque fácil e vantajosa. Logo, por que não aproveitar? Com a nova moral, acabou-se a ingenuidade e se compreende que, se não quer sofrer, é preciso não fazer o mal, e quando feito, não há salvação, deve-se pagá-lo. A verdadeira absolvição é uma só: o pagamento.

Como se vê, trata-se de duas formas mentais completamente diversas com as quais se enfrenta a moral. No passado havia muita religião, mas em substância ela era pouco ética. No futuro haverá uma moral mais evoluída, porém em forma menos religiosa. Em suma, diminuir a religião reduzida à hipocrisia e, com a sinceridade, aumentar a ética. O Cristianismo atual sobreviverá, se souber tornar-se útil à vida, acompanhando a transformação neste segundo tipo de moralidade. De outro modo, será colocado de lado entre as coisas inúteis. Podem-se ver hoje as duas faces do problema, porque nos encontramos em fase de transição, na qual o velho e o novo estão presentes, contemporaneamente. Já existe uma tendência para se adotar u'a moral de verdade, e não apenas fazer bela figura exibindo princípios teóricos de retidão. Através de cálculo correto, ficou comprovado ser mais conveniente assumir tal posição.

Com o velho sistema, a culpa, na realidade, consiste em fazer-se cair em erro por não ter sabido esconder-se sob um manto de virtudes. Com o novo, a culpa não depende da aparência exterior e do juízo dos outros, mesmo que estes sejam tribunais, mas do mal efetuado e do juízo de Deus. O primeiro método representa um estado de inconsciência dirigido apenas com as regras da luta pela sobrevivência. O segundo corresponde a um estado de consciência da lei moral e do seu funcionamento, portanto das fatais conseqüências de cada violação. Neste caso, não se recorre a escapatórias e mentiras, porque se sabe que elas não resolvem. Neste nível, a nova moral não significa a imposição de um patrão a quem convém desobedecer para defender-se do seu domínio. Trata-se apenas de uma lei própria de nossa vida, a qual deve ser obedecida para o nosso próprio bem. Falamos da forma mental que dirige nossos atos e não das belas palavras com que se cobre nossos feitos. Com o velho sistema, o interesse do indivíduo é defender-se das imposições da moral, de maneira que se possa continuar evadindo. Com o novo, ele está convencido de ser mais vantajoso seguir a lei moral; e se esta lhe pede disciplina, isto é para seu benefício, convindo-lhe, portanto, obedecer. Com o velho método, num mundo de injustiças baseado no princípio da luta, a moral, abstraindo-se de tal realidade, pedia ao indivíduo que se comportasse de forma oposta, impondo-lhe deveres sem levar em conta os seus direitos. Depois deixava fazer o que ele quisesse, porque era inútil fazer exigências a um pecador nato. Com a nova disciplina, os problemas são encarados abertamente. Pede-se ao indivíduo aquilo que ele pode dar, impõem-se-lhe deveres, mas tendo em conta os seus direitos. Depois se exige dele conforme a ética proposta para o seu bem.

Com a nova forma mental, fazem-se e respeitam-se as contas do dever e do haver, bem claras de ambas as partes. Liberdade, mas compromisso sério, sinceridade e responsabilidade por parte de seres conscientes. No bom tempo antigo, com santa simplicidade e ignorância, muitas coisas se faziam e passavam como lícitas, para que não fossem vistas. Hoje, sem aquela santa simplicidade, muitas coisas não são mais tidas como justas. E o que é errado não se faz, por ser prejudicial. Com essa mentalidade, conscientemente utilitária, muitos velhos abusos reconhecidos contraproducentes tornam-se absurdos. Assim, o atual destrucionismo contra o passado pode representar uma função social de saneamento moral. Isto representa progresso, e a vida não pode deixar de aceitá-lo.

Como se vê, nas bases da crise da velha moral, está outra ainda maior, de forma mental que leva a

conceber a vida de outro modo. A crise da confissão, da religião, da moral é conseqüência de si própria. Segundo esta nova psicologia, o conceito de culpa não é dado por abstrações teológicas, mas pelo prejuízo que ela traz ao indivíduo e ao seu próximo, resultado mais convincente, porque corresponde ao interesse deles, já que é para defendê-los, não para condená-los e puni-los. Desaparecem, assim, velhas culpas e não nascem novas, pois, pela primeira vez, são conscientes.

A consciência do pecado em sentido social propõe tornar sempre menos difícil a convivência, porquanto, ao passar á humanidade, ao estado coletivo, ela faz-se sempre mais estreita. Até agora, o hábito de se incomodarem uns aos outros em estado de luta era a principal ocupação do homem. Antigamente, a moral era feita para que uma classe pudesse dominar os seus súditos. Hoje, procura-se construir outra que sirva para todos, sendo esta a única pacífica, porque não gera reações dos excluídos. Outrora, a ética era determinada pelos mais fortes, que, como vencedores na luta, tinham conquistado poder e autoridade, podendo, assim, estabelecer uma disciplina para vantagem deles e à custa dos mais fracos a eles submetidos. Hoje, pretende-se u'a moral menos idealista, mas também menos egoísta em prejuízo do próximo, sem conter para alguns exclusividade de vantagens que outros devem pagar com o seu sacrifício. Deseja-se, em suma, não mais u a moral de classe, mesmo que seja em nome de Deus, mas algo equânime, a favor de todos, sem a injustiça de favorecidos e deserdados, não de domínio, porém de cooperação. Com uma ética assim, a autoridade não existe para comandar, mas para cumprir uma atividade útil coletivamente; não é um direito individual, mas uma função social, a única coisa justificando a sua presença; ora, se aquela função não for cumprida, aquele poder deve ser retirado de quem o possui. Conceito novo, pelo qual o comando não pertence ao mais forte, vencedor, no seu interesse, porém ao mais apto a executar para vantagem de todos a função social que lhe é confiada. A nova moral não tolera mais os aproveitadores e os que trazem prejuízo, mas exige que cada um cumpra o próprio dever para com os outros, enquadrando-se na ordem coletiva. Cada um é forçado a levar em conta as exigências do próximo, que, antigamente, se não era suficientemente forte para impor-se, constituía apenas a massa que devia ser submetida sem quaisquer direitos. Se ela hoje é reconhecida, isto é porque os mais fracos se fizeram valer, seja como força, inteligência, número, ou organização. Pela mesma razão, nenhuma lei na Terra tem valor, se não for sustentada por uma sanção punitiva contra os desobedientes. Explica-se, deste modo, como, no passado, quando eram simples e pacientes, os deserdados não tinham direitos, ao passo que os têm hoje, porque os fazem valer. Não os possuíram enquanto esperaram o seu reconhecimento pela bondade dos outros, em lugar de sua própria força. Por isso, hoje está nascendo certo respeito, cada vez mais crescente pelos direitos dos outros. Logo, mesmo na Terra, para gozar uma vantagem, é necessário merecê-la, conforme a justiça e a capacidade de cada um.

Reduzir a moral a simples condição de não prejudicar os outros, respeitando-lhe os direitos, parece uma disciplina mais livre. Entretanto, é mais severa que a preceptística do passado, que codificava cada ato, embora permitisse, uma vez cumprido o dever formal, escapatórias e liberdade hoje ilícitas. Com o conceito de pecado social, a ética é mais livre, porém mais profunda, enquanto no passado era formalmente mais rígida, conquanto mais superficial. A nova moral não se limita ao ato exterior, mas vai às raízes de nossa conduta, porque não dirige o homem mecanicamente nas suas manifestações. Penetra na sua consciência, exigindo-lhe um sentido de responsabilidade.

Assim, será lícito o livre uso do sexo, quando ninguém ficar prejudicado, nem o indivíduo, nem o outro termo, nem terceiros, nem os filhos já nascidos, ou gerados. Com esta liberdade, aparentemente tão grande, está implícito para os honestos o dever da fidelidade e muitos outros que, no passado, não se levavam em conta. No fundo, a nova ética, se parece mais livre, substancialmente é mais vinculada. Muitas coisas aceitas no passado tornam-se agora culpa, como, por exemplo, degradar, como bastardos filhos inocentes por terem nascido ilegítimos; viver em ociosidade por ter herdado gratuitamente patrimônios, ou por os ter adquirido através do matrimônio, de qualquer modo não ganhos pelo próprio trabalho. Será culpa por em perigo a vida dos outros conduzindo mal o automóvel, ou arruinar os negócios de outros administrando-os mal, por exemplo, estando no Governo; não pagar ao fisco; enganar legalmente o próximo no comércio; aproveitar-se da boa-fé dos honestos; propagar doenças infecciosas; desfrutar a ignorância dos inexperientes; espalhar vícios lícitos e danosos, como fumo, álcool etc.: aproveitar-se, consoante a lei, do trabalho de outrem; deixar os próprios dependentes em ociosidade e indigência, conduzindo-os ao furto. Para cada rico será culpa a pobreza de qualquer um dos seus semelhantes em relação ao qual ele não tenha cumprido o seu dever de prover, como para cada pobre será culpa não trabalhar e não fazer o possível para não se reduzir a um parasita que pretende viver à custa do rico. Será culpa capital viver do trabalho de outrem em vez do seu próprio, embora, antigamente, explorar os dependentes fosse distinção de aristocrata.

No futuro outra será a lista dos pecados de competência do confessor. Os santos parasitas da sociedade iriam para o inferno em lugar de ir para o paraíso. Poderiam ser salvos os que fossem verdadeiros trabalhadores do espírito, o que é coisa diferente da mecânica das recitações vocais e dos exercícios formais. Mesmo que para os primitivos, incapazes de se dirigirem, fosse necessário fazer uma preceptística, ela deveria ser feita com outras vozes. Então, as penas do Código deveriam castigar os responsáveis que são a causa dos delitos, tanto quanto os executores destes. Deverá chegar-se a uma justiça de substância que mereça confiança, porque sabe encontrar o verdadeiro culpado e não vai só contra o desgraçado executor, que é mais fácil apanhar, porque é menos hábil em saber fugir. Deveriam, portanto, ser punidos todos os culpados, direta ou indiretamente, de violação da justiça social.

Estes não são senão alguns exemplos, escolhidos ao acaso, dos melhoramentos possíveis no futuro, quando o homem conceber religião e moral de modo mais inteligente. Mas, no momento atual, já se chegou a uma nítida contraposição entre a velha moral conformista, burguesa, clerical do passado, e a nova ética de consciência e responsabilidade, rebelde àqueles velhos esquemas, identificável com a disciplina laica atual. Julga-se moral apenas aquela responsável de hoje e não a irresponsável do passado. Existe, pois, também o fato inegável de que ela se está desenvolvendo com sentido de maior respeito pela personalidade humana. Se ela é hoje incorporada à coletividade, isto é para se encontrar uma proteção antes ignorada. Também se a este novo estado se chegar por imposição de um regime rígido, isso representa uma estrutura orgânica, feita de previdência e providência, inicialmente inexistentes. Se a disciplina limita e pesa, todavia constitui ordem e defesa. Portanto, é aceita, porque útil à vida. O fato de se haver deslocado o conceito de culpa de um ponto de referência longínquo e incontrolável, qual seja a ofensa a Deus, para outro próximo e controlável, como é a lesão que prejudica terceiros, permite alcançar resultados menos teóricos e mais reais. Usa-se, assim, uma unidade de medida mais humana e positiva, o que permite resolver melhor o grande problema coletivo atual da convivência pacífica. Hoje a humanidade se avizinha cada vez mais deste estado orgânico. Se se ofende a Deus, Ele não fica prejudicado pela nossa ofensa, dirigindo-se o mal para fora da realidade de nossa vida. Mas, se se ofende o próximo, este fica lesado de forma concreta e imediata. O segundo tipo de ofensa é muito mais positivo do que o outro e muito mais conveniente para a mente moderna. Existem muitas ideologias proclamadas pelo mundo. Mas aquela que na prática vale e que todos aplicam é a da própria vantagem ou prejuízo. Esta funciona em qualquer lugar, que todos compreendem e professam. As outras freqüentemente servem de coberta para esconder esta universal ideologia utilitária, que, em todos os lugares e tempos, está na base da vida.

Neste nosso exame da posição da Igreja no momento atual, alguns poderão ver algo como o velho materialismo anticlerical e tomar posição a favor ou contra. Aqui, entretanto, partindo de uma imparcial constatação de fatos, quisemos lazer o seu exame para lhe entender o significado e ver o que está hoje sucedendo no mundo. Podemos, portanto, dizer que não compreendeu a nossa exposição quem nela viu agressividade contra a Igreja. Não estamos no terreno dos partidos que se combatem uns aos outros para se vencerem. Aqui, não existe luta, porque não há inimizade. Tais atitudes, mentalmente contraproducentes, mais primitivas, estavam em grande voga no passado. Hoje, o mundo resolveu começar a pensar e, antes de mais nada, deseja compreender, para poder depois agir com inteligência. Com desabafos de ódio, com espírito de agressividade, com o desgaste dos atritos, não se compreendem, nem se resolvem os problemas.

Hoje, o mundo não é mais anti-religioso, porém arreligioso; não é mais materialista, mas realista. A crise não é só do Catolicismo, mas de todo o pensamento humano, feito reacionário contra qualquer modalidade de conformismo. A Igreja é envolvida num fenômeno universal, num momento crítico da evolução humana, pelo qual se passa de um a outro nível biológico. Para ela, tão conservadora, isto é um terremoto. Para se salvar e sobreviver num mundo que se transforma celeremente, ela teve de entrar, também, na corrida. Este é o significado do seu desejo de atualização, do diálogo, do Concílio. Mas ela é uma velha senhora carregada de anos e de jóias, com as pernas atrofiadas por ter andado com muita dificuldade; ela faz o que pode para, agora, avançar a tal velocidade. Mas a sua velhice merece respeito e também gratidão.

Por dois mil anos a Igreja lutou para sustentar um ideal, mesmo que tenha feito por interesses terrenos e, de vez em quando, o tenha traído. Mas não era fácil ser cristão na feroz Idade Média. Se ela quisesse sobreviver, deveria utilizar os meios que os tempos impunham, os únicos persuasivos para aquelas mentes selvagens, como o inferno, as excomunhões, a inquisição, as fogueiras, as alianças com o mais forte, as guerras contra ataques e perigos contínuos. É certo que não correspondia aos fins da vida e a missão da Igreja que ela fosse constituída de seres tão bons e santos que se fizessem matar, como Cristo,

o que teria servido só para liquidá-la. De fato, a realidade da vida é bem diversa da sonhada pelo Evangelho. E até que a esta não cheguem todos por evolução, um só grupo não pode fazê-lo sozinho, separando-se do resto da humanidade. A Igreja não podia ser constituída por uma supremacia de santos, tendentes isoladamente a alcançar a sua salvação pessoal. Ela devia, ao contrário, enxertar-se na baixa vida de todos, para ajudar a ascensão dos outros. Foi assim que a Igreja se fez instrumento de progresso e realizou o seu trabalho de civilização.

Ora, não existe organismo que com o tempo não envelheça. Então, a vida, que não pode parar, a fim de poder caminhar à frente, renova-se, deixando morrer os velhos. Se isto é conforme a natureza, todavia o ser velho e cansado não é culpado, nem merece condenação e ataques. Faz-se a guerra contra os jovens, mas não contra os velhos, o que é covardia. Tanto mais que não é preciso matá-los, porque morrem por si. Basta só esperar. Tem-se, contrariamente, o dever de amá-los, porque eles fizeram o seu trabalho, enquanto os jovens não realizaram ainda coisa alguma. A vida é justa deixando a estes as novas fadigas e põe de lado os velhos, em paz. a por isso que hoje não nascem heresias e ninguém se interessa mais por problemas teológicos. As novas gerações pensam em outra coisa, sendo para elas o passado coisa superada; elas gravitam em direção ao futuro, que se apresenta bem diverso. Elas se preparam para explorações interplanetárias, constatam que a ciência, antigamente condenada pela religião, fez coisas que esta nunca soube fazer, desinteressando-se, sentindo-se, orgulhosas e auto-suficientes.

Nestes escritos, não podemos mudar o momento histórico e o seu conteúdo. Todos nós estamos nele imersos e devemos vivê-lo. Aqui, apenas procuramos compreendê-lo e explicá-lo. Por evolução, hoje mudam as forças da espiritualidade, de maneira que as velhas desmoronam. Ela se tornará científica, demonstrada, racional. As suas obsoletas formas não estão mortas, mas a vida as deixa docemente parecer de morte natural, não as reabastecendo de material vivo através da contribuição das novas gerações, que vão, de preferência, alimentar outros organismos, enquadrando-se em múltiplos esquemas sociais. Por isso diminuem as vocações, esvaziam-se os seminários, o cansado organismo não encontra células novas para substituir as velhas, o metabolismo nutritivo se detém, os tecidos murcham e a arteriosclerose destrói a vida. Entretanto, o que muda é só o corpo da velha senhora, que não morre por isso. A sua alma permanece, a natureza não mata a venerável dama para sepultá-la no cemitério, mas faz-lhe lentamente um corpo novo para substituir o velho, de modo que aos de fora pode parecer que houve morte e ressurreição de outra pessoa, quando, na realidade, a mesma alma, a mesma espiritualidade toma forma num corpo diverso, ficando mais viva do que antes. Então, morre somente a forma, não a substância. Por isso grita o corpo da Igreja, porque teme pela sua própria vida, que pode morrer. Mas não grita, porque não tem nada a temer, o seu espírito, que não pode extinguir-se.

A Igreja é princípio e forma. Ora, em tudo o que existe, o princípio permanece e o que muda em redor é a forma. Ninguém pode alterar estas leis, pelas quais, no interior de cada elemento, existe um conceito que o rege e permanece constante, deslocando-se, através de um transformismo contínuo, ao mesmo tempo que o põe em posições sempre diversas, desenvolvendo-se ao longo de sua trajetória típica. O moribundo, que, para não morrer, se agarra ao corpo, que representa a sua sobrevivência física, não compreendeu que a morte é necessária à vida, porque esta precisa mudar sempre de formas para poder continuar. Se não fosse a morte, que nos liberta de uma forma velha e gasta, deveríamos terminar com ela no entanto, é certo: por meio da morte, pode acontecer o contrário. Com isso parece que não somos donos de coisa alguma, porque incessantemente somos desapossados de tudo, mesmo de nosso corpo. E é igualmente verdadeiro o fato de que somos uma trajetória de transformismo em constante movimento, que nos torna capazes de usufruir de todas as coisas que encontramos ao longo de nosso caminho, do qual somos artífices e proprietários absolutos.

Eis que as coisas não são como podem parecer. Deixemos, pois, gritar quem crê que com a morte de uma forma possa perecer a substância. Quem pensa assim trata da sua própria sobrevivência, a cujo serviço colocou o ideal, e não se ocupa do triunfo deste, a cujo serviço deveria ter colocado a própria pessoa.

XII

O PROBLEMA RELIGIOSO

A OBRA PERANTE A IGREJA

1) Autoridade e Liberdade

Veremos neste capítulo qual era a posição assumida pelo nosso personagem diante da Igreja. Isto nos permitirá examinar outros problemas afins. Para ser honesto ele definiu sua posição, antes de tudo, perante Deus e a própria consciência. Na Terra os dois termos da questão eram: por um lado, uma organização humana armada de verdades absolutas, infalibilidade, autoridade, poder material e espiritual para impor o próprio domínio, exigindo obediência sob pena de sanções neste e no outro mundo; por outro, um indivíduo isolado, incapaz de pensar e crer por sugestão e coação, absolutamente necessitado de um conhecimento claro e lógico, adquirido por livre adesão, fruto não de submissão cega, mas de convicção sincera. Duas formas mentais e duas finalidades opostas, duas posições antitéticas, uma destinada a formar e a submeter o rebanho; a outra, a alcançar a compreensão, através do raciocínio e do desenvolvimento espiritual, subindo em direção a Deus. Aqui, uma organização gigante na Terra cujo objetivo é conquistar adeptos; ali, um pobre solitário que pretende adquirir valores da alma e. por isso, se vê forçado, em face da autoridade, a tomar uma posição de legítima defesa. Cada um tinha as suas armas. De um lado havia a imposição de verdades estabelecidas e imóveis; do outro o direito de evoluir e a inviolável liberdade do espírito na procura de verdades sempre mais avançadas. Ainda de um lado, a forçada interposição de intermediários entre a alma e Deus, e do outro, a- absoluta impossibilidade de impedir que a alma possa comunicar-se com Deus, sem intromissão de terceiros, intérpretes ou ministros, que se autodenominam seus representantes. Aqui a imperiosa necessidade de manter unido o grupo sob o próprio domínio, para que não se disperse em cismas e heresias, acorrentando o pensamento e paralisando a pesquisa; ali, a necessidade de pensar para compreender e viver conscientemente, persuadindo-se da razão dos próprios atos.

Dissemos: legítima defesa, pois, na Terra, todas as coisas funcionam em regime de luta. Esta é a lei do nível biológico animal-humano. Ora, era no seio de tal regime que existia, na Terra, a organização do Catolicismo como poder social, sustentado por meios jurídicos, econômicos, políticos, com plena autoridade, enquanto do outro lado se encontrava o indivíduo isolado, desprovido de qualquer poder, pelo menos daqueles que têm valor neste mundo. Se ele o tinha no céu, isto cá em baixo não valia. Aqui falamos do jogo terreno, e não do espiritual, diante de Deus, o que é outra coisa. A ele na Terra cabia só o direito de obedecer, enquadrando-se na ordem estabelecida. Ora, isto podia convir à ovelha comum, feita para viver no rebanho sob o jugo de um pastor, mesmo que este a abrace e proteja para ordenhá-la. Mas ele não era ovelha; tinha necessidade de pensar e compreender e não podia engolir com olhos fechados verdades já confeccionadas em série para o uso comum, sem fazer a análise profunda do produto oferecido.

Deste contraste de formas mentais, necessidades, objetivos e posições só podia nascer um choque, a ser observado nos seus vários momentos. Ele nos permitirá colocar em evidência alguns problemas. No volume precedente, A *Descida dos Ideais,* no Capítulo "Psicanálise das Religiões", observamos alguns aspectos do Catolicismo em si. No presente capítulo, observaremos o encontro entre o Catolicismo e o nosso personagem, caso que pode interessar, porque não é o único, se bem que raro e fora de série. Pode-se dar a este fato um alcance mais vasto: o desencontro, que não é nada novo, da psicologia de qualquer pesquisador livre perante as verdades cristalizadas que a evolução obriga a levar mais adiante.

O fato de na Terra estarmos em regime de luta, onde nada escapa, levará forçosamente a interpretar em nossas observações como uma crítica demolidora dirigida contra a Igreja. Para os seus grupos rivais, poderá parecer um convite a ser utilizado para fazer guerra — o que mais se sabe fazer em nosso mundo — enquanto os problemas espirituais, que tanto interessam ao nosso personagem, têm bem pouca importância. Ora, é evidente a posição recíproca: para quem está interessado no conhecimento, bem pouco importa fazer guerra. Na Terra as religiões tendem a reduzir-se à luta de grupos. Para quem se ocupa da investigação da verdade, isso representa uma fastidiosa perda de tempo, enquanto para o homem

comum, que se interessa sobretudo pela supremacia do seu próprio grupo sobre os outros, é a pesquisa da verdade que representa enfadonha perda de tempo. Mas ele deve mostrar que a cultiva para justificar o que, contrariamente, mais lhe interessa: a sua própria posição de domínio. Em nosso planeta, o problema maior não é o conhecimento da verdade, mas, sim, a autoridade e o poder.

Em nossa análise, trata-se de uma luta entre o Céu e a Terra, isto é, de uma reação do seu poder espiritual para não ser liquidado pelo homem, aqui bem instalado, que utiliza o espírito como meio para vencer no plano da luta animal e dominar materialmente. Tratando-se de um indivíduo espiritualizado, era natural que o choque se verificasse no terreno religioso, isto é, o da descida dos ideais na Terra, e não nos outros campos, como o filosófico o político, o social, o econômico etc., menos próximos e de menor relação com o problema espiritual. Tal choque é devido a irredutibilidade do tipo de indivíduo, que o torna incapaz de enquadrar-se junto das massas no materialismo religioso a que, para sua comodidade, o homem reduziu a religião. Ele está dedicado a outro trabalho, que não é prosperar na Terra, mas evoluir e subir espiritualmente. A religião, ao revés, ocupa-se de domesticar o ideal para reduzi-lo aos limites da animalidade humana, transformando-o numa forma de hipocrisia, para esconder, cobrindo-se de elevados princípios, a própria involução e, ao mesmo tempo, poder eximir-se do esforço evolutivo, permanecendo comodamente no nível animal. Não importa se a autoridade religiosa se preocupa antes com o seu poder e, por isso, luta contra a falta de fé, o erro, o rebelde a ordem. Esta é a substância do problema.

A primeira coisa que a autoridade adverte: procurar comunicar-se diretamente com Deus pode significar uma tentativa de fuga do seu domínio por ter encontrado outro tribunal, a ela superior, que torna o indivíduo independente. É a possibilidade que surge de liquidação dos intérpretes patenteados, adaptados a esta função sobre a qual eles baseiam as suas posições terrenas. É o temor de perdê-las, quando é suprimida a necessidade de depender dos ministros intermediários de Deus, monopolizado em suas mãos. Eis em que consiste o pecado mortal para aqueles intérpretes: em apelar para Deus, porque isso anula a sua autoridade, que assim deixa de ser suprema, último juízo, infalível, não inquirível, absoluta, sem apelação. Então a voz de Deus fala noutro lugar, por outras bocas e pode julgar de forma diversa, até mesmo condenando-os. É natural que tudo isso leve a desencorajar os contatos diretos da alma com Deus, sem submeter-se à intervenção dos seus representantes, porque isso significa voltar-lhes as costas, não lhes dando importância. Representa, portanto, libertar-se do poder da autoridade, que assim pode ser colocada de lado por outros que queiram pôr-se a comandar em nome de Deus. Estamos na Terra e aqui o que domina é a rivalidade pelo poder. Foi por isso que a Igreja condenou muitos que, falando em nome de Deus, faziam pressão para que ela pudesse evoluir, mesmo contra a autoridade, que, pregando em nome de Deus, pressionava para que a evolução, que é ascensão para Deus, se detivesse. Também, historicamente, vemos que a religião oficial, com a sua autoridade, muitas vezes não serviu para caminhar, mas para impedir que outros caminhassem.

É certo que tal conflito não deveria nascer, porque o homem espiritual não pensa de fato em atentar contra a autoridade terrena, pela qual não se interessa. Mas a luta nasce, porque o homem espiritual, apelando para Deus, foge ao domínio da autoridade religiosa terrena. E esta é muito ciosa daquela prerrogativa, seu ideal, que, deste modo, é atacado. Ele não só foge, mas, apelando diretamente para Deus, dá um péssimo exemplo de insubordinação, ensinando aos outros que existe um meio para fugir daquele domínio. E, como o seu exemplo, convida-os a fazer o mesmo. Em suma, trata-se de um rival no mesmo jogo de medianeiro entre o homem e Deus, de um rebelde que quer substituir-se à autoridade no monopólio de interpretar o pensamento e a vontade de Deus. Essa regalia está nas raízes do poder, as quais é preciso romper.

Cada tentativa de comunicação direta com Deus é considerada como sendo uma provocação ao Seu intérprete verdadeiro, atentado ao monopólio sobre o qual se baseia essa autoridade. Eis que este homem espiritual pode contradizê-la e, em nome de Deus destruir aquele privilégio com o mesmo estilo e método da infalibilidade e inapelabilidade — já tão útil nas mãos da autoridade — em seu próprio benefício. Pode diretamente insurgir-se contra ela, opondo-lhe outra autoridade, o seu próprio tribunal, que não se discute, expedindo sentenças contrárias às suas. Por isso afirma-se que a palavra de Deus não pode ser verdadeira sem a aprovação eclesiástica. E necessário, para sua defesa, que a Igreja mantenha o exclusivo domínio dos contatos divinos, que justificam a sua presença no mundo. Assim, é a única

intérprete dos textos sagrados, a única que recebe e transmite o pensamento de Deus, a única depositária da verdade. Se surgem outros intérpretes, então nasce o conflito entre eles e a autoridade representante de Deus. Nasce a heresia, o cisma, a cisão que extirpa uma parte do corpo da Igreja, colocando-lhe em perigo o poder baseado na unidade do grupo. Então, trava-se a luta pela vida. A autoridade responde ao desafio mobilizando todas as suas armas. Verifica-se, como em todas as revoluções terrenas, o choque entre a autoridade constituída e os defensores de outros princípios e governos. A luta se desenvolve como em todas as revoluções. Se o rebelde é forte pelo número de adeptos, então vence, como aconteceu com o Protestantismo. Se é fraco, vence a autoridade, que o liquida como herético na fogueira. Esta era a história até ontem. Se não fosse a atual maturação biológica, que fez evoluir o mundo, a Igreja teria ficado por vontade própria naquelas posições. Vicissitudes humanas, praticadas com métodos humanos, que nada têm a ver com o espírito e com Deus.

Tudo isso é natural e lógica conseqüência das leis biológicas imperantes em nosso planeta, isto é, do princípio da luta pela sobrevivência e do respectivo sistema de rivalidades entre indivíduos e grupos. Dado tal ambiente e tal nível de evolução, tudo isso se justifica. O homem espiritual, cujo caso estamos observando, vive, pelo contrário, em outra fase de evolução e, por isso, é governado por outras leis. Disto se seguem dois métodos de ação totalmente diversos. O evoluído para afirmar uma verdade põe-se a demonstrá-la raciocinando, apresenta provas para convencer e alcançar uma adesão espontânea, que é resultado pacífico e duradouro. O involuído, por sua vez, põe-se a agredir as outras verdades, acusando-as de erros e, assim, as destrói como rivais, colocando no lugar delas a sua como única verdadeira. A conseqüência é guerra e incerteza. Aqui vivemos num regime de luta baseada na força das próprias armas. O involuído não sabe fazer outra coisa. Constituirá, neste caso, arma sutil, e por isso não deixa de ser arma: um terrorismo psicológico que se aproveita da fraqueza mental ou do alto grau de sugestão e ignorância das massas. O inferno e os demônios são o equivalente psicológico da galera e dos esbirros. O fato de que, no campo espiritual, possa haver valores como meio de convicção para aceitação de uma verdade - meios coercivos terroríssticos, como o inferno — prova a imaturidade espiritual das massas religiosas, que só entendem os métodos terrenos de persuasão coercitiva.

Os resultados que se obtêm são proporcionais a tais processos. Com o da imposição por autoridade e ameaças de sanções, isto é, com o regime da força, mesmo que seja no plano mental. apenas se pode obter reação e luta, não convicção, mas tentativas de se evadir com o engano. Há, no entanto, um fato que justifica tais atitudes: o mundo em grande parte é constituído de involuídos, com os quais é inútil tratar com sistemas espirituais, porque os homens procuram somente a sua própria vantagem, compreendem apenas a força que se impõe e o temor do próprio dano. E, sem uma punição e uma autoridade que a aplique, não se convencem de frear os seus instintos ferozes. As massas anseiam por fugir das sanções de qualquer autoridade, seja humana, ou divina. Eis que o evoluído fica sozinho contra o rebanho e os seus chefes, relacionados a eles e reunidos à sombra dos ideais, em perfeita compreensão e acordo. Tudo isso nada tem a ver com a verdadeira espiritualidade e religião. Mas é o que funciona na Terra, porque corresponde ao nível mental do homem contemporâneo.

Cristo pregou amor e paz. O homem continuou a fazer guerras. E, se este chegar à lua e a outros planetas, armará ali outros conflitos. O próprio Cristianismo é feito de uma história de heresias e cismas, num estado de guerra contínuo. Em tal mundo cada ato construtivo acaba em litígio para destruir. Foi, portanto.. natural que, neste ambiente, o desejo de nosso personagem de encontrar verdades mais profundas e convincentes provocasse como única resposta a condenação dos seus livros ao Índex. As precedentes considerações podem explicar as verdadeiras razões de tais atitudes. Agora podemos compreender como, neste caso, a autoridade tenha pensado somente em se defender, indiferente à sorte do indivíduo condenado. Uma psicologia diversa desta pertence a níveis evolutivos superiores. E, por conseqüência, um absurdo no atual plano humano.

Compreende-se agora o erro fundamental daqueles que pretendem reformar a Igreja. A falta de conhecimento desse fato pelo homem é a ilusão de acreditar que ele, de um dia para outro possa transformar-se. É inútil procurar reformar a Igreja se, primeiramente, não se corrigir o homem, isto é, o material de que ela é feita: sua hierarquia, e seu rebanho. Com o indivíduo atual, mais do que aquilo que se adquiriu até agora — o que é bem pouco — nada se pode obter. Com o homem de amanhã, aquele que

a evolução terá levado mais adiante, entre muitos fatores servindo-se também das religiões, poder-se-á conseguir mais alguma coisa. O problema não é de religião com base em verdades reveladas e respectivas organizações hierárquicas, mas de espiritualização por evolução, o que é trabalho biológico muito demorado; fenômeno imenso, de que o homem é mais efeito do que causa, confiado à História, ao tempo, aos golpes tremendos do destino. Este é o caminho das massas. Se algum indivíduo antecipa a sua evolução e, por isso, emerge, isto é assunto que não interessa aos outros, que não pretendem por isso mudar de vida. Porque analisou o fenômeno e compreendeu que não é possível, só com dois braços, mover a inércia de uma montanha. ele avança sozinho, respeitando a bem decidida vontade dos outros de permanecerem na retaguarda. Então, ele não deve ser julgado um rebelde, mas um prudente homem de ordem.

Estando assim as coisas, não foi culpa da Igreja se, para sobreviver, não teve outra escolha senão radicar-se no mundo como poder terreno, como organização hierárquica sobre bases econômicas, como autoridade dominando o seu rebanho, porque, sem usar os métodos do mundo, não poderia alcançar supremacia sobre ele. Para melhor compreender esta conduta e ver mais em profundidade os aspectos deste grave problema, observemos agora mais de perto a origem e a estrutura da igreja e da autoridade.

* * *

Quais são as origens da autoridade, a sua função, o seu significado nas suas várias formas? Pode-se tratar de progenitores, educadores, ministros de Deus, professores, superiores hierárquicos, burocratas, patrões, diretores, chefes de qualquer gênero, em todos os casos se encontra uma posição constante de domínio de uma parte e de sujeição da outra. Misturados, mas em luta entre si, temos, de um lado, a organização hierárquica, que representa o modelo de coordenação dos elementos em unidade orgânica (princípio do Sistema); e do outro, o dualismo entre superior e inferior, o qual representa o tipo oposto (do Anti-Sistema), de antagonismo entre elementos que se contrapõem como rivais. Eis que o princípio unitário em que se expressa a tendência da evolução para a organicidade (em direção ao Sistema) fica poluído pelo princípio oposto, antiunitário (emergente do Anti-Sistema), que tende a cissão. Explica-se assim , como é contraditório o fato de que as tentativas de unificação em nosso mundo se façam usando a força, principio desagregante, separatista, excitando reações e produzindo antagonismos. Sucede que todo impulso em direção ao Sistema é freado por outros, resíduos do Anti-Sistema ainda não superado, os quais, em vez de tenderem para a unificação, dirigem-se para o seu emborcamento, com a luta, na cisão. A universalidade unificada, sob a direção de um só chefe, foi sempre o grande sonho, ambição imensa, em política como em religião, desde o Império Romano ao de Carlos Magno, ao Islã, ao Catolicismo, ao Comunismo. Acontece que a construção unitária é sempre corroída interiormente pelo princípio oposto (AS) da revolta, que procura despedaçar aquela unidade. Isto é o que nos mostra a História, e só com estes conceitos podemos compreendê-la.

Realmente, o princípio de autoridade dirigido para a santificada finalidade unificadora (S), apoiando-se na obediência, traz em si, em germe, aquele outro oposto, divisionista, da revolta (AS). Em suma, cada autoridade representa o princípio do S, isto é, de Deus, centro do seu sistema; mas, em nosso universo decaído, essa causa primária não existe pura, porém corrompida, aparecendo, então, emborcada na forma de uma autoridade que comanda só para sua vantagem, e de elementos seus dependentes que procuram somente a revolta contra ela. Eis em que se pode transformar — e freqüentemente assim ocorre — o princípio da autoridade. Por isso, aparece a lei da luta em todas as manifestações humanas. A autoridade não é usada, como no Sistema, qual centro vital do organismo dos dependentes, mas somente para utilizar-lhe as vantagens, de modo que a sua submissão, tornada assim forçada, se reduz a uma expectativa de revolta. Isto é lógica e fatal conseqüência do fato de que, em nosso mundo, sob o princípio altruísta, unitário, colaboracionista do Sistema, prevalece aquele oposto, egoísta, separatista, individualista, do Anti-Sistema.

Implantado o processo da vida segundo o método da luta, não se pode fugir ás conseqüências que dele derivam. Ambos os termos se põem a lutar, cada um pela sua sobrevivência. É um estado de guerra: ao lado do mais forte (porque venceu, se tornou autoridade) para defender e reforçar a sua posição de comando; ao lado do mais fraco (por isso se encontra em situação dependente), para procurar, em sua

legítima defesa, libertar-se de uma autoridade que não é ajuda e, sim, peso, a fim de destruí-la, logo que esta perca a força sobre a qual apoia todo o seu poder.

Num regime de luta, a autoridade pode significar uma forma de agressão contra a liberdade dos dependentes, que essa autoridade é naturalmente levada a limitar, porque, segundo foi colocado o problema, eles não são seus colaboradores, mas seus rivais. Num sistema de cooperação, tal limitação deveria resultar de um recíproco reconhecimento de direitos e deveres, por livre consentimento e convicção de ordem, para vantagem comum. Mas, dado aquilo que é o homem, ela tende a reduzir-se à imposição forçada, o que produz a sua correspondente reação. Este impulso serve para alimentar nos dominados certo fortalecimento, até levá-los ao ponto em que possam reagir pelo enfraquecimento da autoridade. Entretanto, mesmo durante a espera, aquela imposição serve aos súditos para aprender alguma coisa, porque lhes ensina a evadir-se de qualquer maneira, com a hipocrisia e mil outras astúcias, para poder sobreviver da forma menos mal possível. Quem não tem a força defende-se com o engano. E esse engano constitui-se num trabalho mental, por ínfimo que seja, proporcionado á capacidade do involuído e que serve para desenvolver-lhe a inteligência. Para o involuído isso já é uma conquista, exigência que a vida faz a todos, ainda que ao nível de cada um. A luta tem sempre uma função criadora, levando o fraco a fortalecer-se, o ingênuo a tornar-se astuto, o ignorante a fazer-se sapiente. A sobrevivência é condicionada e a evolução é o prêmio deste esforço. Quanto mais baixo é o nível de cada um tanto mais caro se deve pagar o direito à vida.

Eis a que tende e para que serve a autoridade na Terra. Para excitar, com a opressão, a revolta dos súditos, constrangendo-os a desenvolver qualidades que ainda não possuem, o que constitui benéfica ação evolutiva para sua vantagem. Quase soa a escândalo reconhecer tais verdades. Mas não vemos que neste mundo cada autoridade, uma vez bem instalada, tende ao abuso, com que se compensa quem fez o esforço de conquistá-la? E não vemos igualmente que ao abuso costuma seguir-se uma reação revolucionária que acaba destruindo aquela autoridade, substituindo-a por outra, que, por sua vez, tende a novo abuso, terminando em outra revolução? Mas assim todos trabalham e aprendem sem trégua, e a evolução jamais pára. Na sabedoria da vida tudo se torna um meio salutar para evoluir. E para isso que serve esse jogo de comando e de obediência num mundo inferior sujeito a regime de luta. É assim que, com os métodos do AS, se consegue subir para o S, e o próprio mal colabora para a ascensão em direção ao bem. É assim que, à força de injustiças de todos contra todos, (da autoridade contra os seus súditos e destes, na revolta, contra aquela), consegue avizinhar-se da justiça. Deste modo, seres ignorantes das leis da vida as aplicam inconscientemente, corrigindo-se reciprocamente dos seus erros. Constrangidos pelos impulsos opostos, vão cometendo erros cada vez menores, passando de um estado de injustiça a outro de justiça cada vez mais completo. Gradualmente, a autoridade torna-se cada vez menos agressiva, e os seus súditos se tornam cada vez mais obedientes. Os dois termos contrários aproximam-se cada vez mais um do outro, educando-se mutuamente, compreendendo-se, aprendendo a conviver, numa posição de luta e de sofrimento cada vez menores.

Sucede que, quando os dependentes, impulsionados pela opressão da autoridade, são obrigados por reação a fortalecer-se e, então, podem fazer valer os próprios direitos, ela faz-se generosa, mais razoável, mais justa e entra mais facilmente em acordo. Quando os subordinados se tornarem bastante astutos, de modo que não se deixem mais enganar, ela abandonará o método da hipocrisia, agora contraproducente, e se fará mais sincera e honesta. Entretanto pelas referidas razões, ao mesmo tempo em que a autoridade passa a ser mais condescendente e honesta, também os seus subordinados, que, então, são menos obrigados a se defender para a sua sobrevivência, podem ficar mais respeitosos para com ela. Como conseqüência, ocorre que quanto mais eles se tornam assim, tanto mais a autoridade — que por isso é menos forçada a lutar contra eles para a sua sobrevivência — pode fazer novas concessões a favor deles, porque agora é para ela menos perigoso. É evidente que quanto mais as massas são conscientes e menos rebeldes, tanto maior liberdade se lhes pode conceder sem o perigo que dela abusem. Então, quanto mais a autoridade for leve e transigente, tanto mais os seus subordinados poderão ser obedientes, porquanto agora o comando daquela não é para os oprimir, mas para ajudá-los, já que ela está a favor da vida deles e não contra. E assim sucessivamente.

De tudo isto se deduz que a sabedoria vai encontrar, automática e gradualmente, a solução. Mas,

enquanto cada um dos dois termos não reconhecer o direito de vida à parte contrária, esta a defenderá com todos os meios. E nem autoridade, nem dependentes terão paz, até que aquele direito seja plenamente respeitado. A solução está em chegar a um acordo, mas não, como se faz hoje, lutando para se sobrepor reciprocamente. É a tendência ao abuso de uma das partes o que constringe a outra, que não quer suportá-la em seu prejuízo, a reagir para detê-la. Nestas condições, é inevitável o regime de ataque e defesa. Até que a sobrevivência de um esteja ameaçada pelo ataque do outro, em vez de ser garantida pelo reconhecimento do direito próprio à vida, haverá luta, porque fica de pé o motivo da oposição dado pela necessidade de defender-se contra um inimigo. Basta que este se torne amigo, para que o caso seja resolvido. Nem se pode resolvê-lo de outra maneira, a não ser chegando a um estado de justiça, isto é, de reconhecimento dos recíprocos direitos e deveres. É o abuso de um lado que faz nascer a reação do outro. Suprimido um, desaparece o outro. Como se pode notar, há todo um jogo de reciprocidade, de ações e reações. Começa-se com a imposição e acaba-se pela compreensão; começa-se com a força e termina-se pela justiça; começa-se com a guerra e finda-se pela paz. Assim funciona a vida.

De tais princípios a própria Igreja nos oferece hoje uma aplicação. Ela usou os métodos de opressão por toda a Idade Média. Hoje que, pela maturidade mental dos fiéis, tais métodos se tornaram contraproducentes e se compreendeu que, dadas estas novas condições, a fé não se afirma oprimindo, mas convencendo, a Igreja abandonou a técnica dos anátemas e condenações, concedendo no último concílio maior liberdade de consciência. Mas isso pôde suceder só agora quando séculos de opressão impulsionaram a inteligência a desenvolver-se, a fim de tornar-se independente, de maneira que hoje não é mais aceito cegamente só por principio de autoridade.

O problema da autoridade passou a ser o da emancipação e da liberdade, porque, ao conceito de autoridade dominante, veio juntar-se o da libertação da sua dependência. É assim que em nosso mundo a liberdade é concebida como uma revolta contra o poder e não como um ato de pacífica coordenação no seio da ordem de um estado orgânico. Eis que imensa distância separa o conceito de liberdade pelo involuído, conforme o AS; do outro, pelo evoluído. segundo o S. Neste segundo caso, a autoridade não é, como no primeiro, uma imposição do mais forte para sua vantagem e em prejuízo do mais débil. Quando isto acontece, se é poder político, ela pesa sobre o cidadão; se é poder religioso, sobre o fiel Mas, quando o cidadão se fortalece pelo número e pela organização, então o Estado democrático — como agora, com a pressão do Comunismo — faz-se justo e respeitador dos direitos do cidadão. E, quando o fiel se torna mais inteligente para desvendar os mitos da Teologia e as astúcias da hipocrisia, então a religião —- como acontece presentemente, por causa da indiferença geral — faz-se mais compreensiva dos direitos da consciência. Eis através de que o jogo de forças se realiza o progresso neste terreno e como se passa, gradualmente, da fase imposição que constringe à obediência àquela de adesão convicta e espontânea. À força de fatigantes tentativas para se expandir um à custa do outro, autoridade e subordinados acabam reconhecendo os direitos da parte oposta, aprendendo a arte da convivência pacífica. Vivemos numa sociedade na qual, mesmo que se pregue o amor pelo próximo, o vizinho é quase sempre, pelo menos potencialmente, um inimigo, e àquele amor não se pode chegar senão quando cada um impõe amor ao semelhante, ou seja, com o o cumprimento dos próprios deveres e o respeito pelos próprios direitos.

No atual baixo grau de evolução do ser humano, não se pode obter mais. Hoje, ainda se concebe a vida com a forma mental do Anti-Sistema, isto é, como um individualismo separatista colocado na desordem, e a liberdade é concebida como um direito à revolta para cada um se impor sobre todos. No futuro, a vida seirá' concebida como a forma mental que se aproxima sempre mais do Sistema, isto é, como disposição de cada um na ordem coletiva, e a liberdade, como dever de obediência dentro do trabalho comum de cooperação para o bem social. Assim se compreende por que hoje a palavra liberdade é ainda o grito das revoluções, revela o instinto de luta e é sinônimo de revolta. Isto prova que o poder, muitas vezes, reduz-se a uma forma de opressão da qual o oprimido defende o seu direito à vida. Explica-se também por que hoje ainda domina tal conceito de liberdade.

Esta é a história dc todas as emancipações. Começa-se com a opressão e acaba-se pela libertação, que pode ser do proletariado contra o capitalismo dos ricos: da mulher contra a prepotência do macho; das consciências contra o dogmatismo e a intransigência religiosa etc. Cada liberdade não só deve ser conquistada, mas também representar o cumprimento de um justo direito, sem cair no abuso. Se a luta

não se concluir com a justiça, mas com outra injustiça, esta provoca a reação do prejudicado. Então, a luta continuará até que se encontre o justo equilíbrio. O involuído atual ainda entende por liberdade não só a revolta contra a opressão para obter a justiça em seu favor, como também uma vitória sobre o opressor para vingar-se e oprimi-lo, alcançando, deste modo, apenas outra injustiça. Assim, invertendo-se somente as partes, quando se realiza esse mesmo trabalho, fica-se sempre no ponto de partida, porque a injustiça, causa da desordem, permanece. Então, a série de revoltas pela liberdade e justiça, não acaba mais. Enquanto triunfar o egoísmo e se procurar somente a própria vantagem, espoliando o próximo o direito à vida, continuará em cada um a luta para defendê-la, e o problema não será resolvido.

Explica-se, desse modo, a forma predominante de desconfiança de que é rodeado todo tipo de autoridade, que o indivíduo, por longa experiência histórica, é habituado a considerar como um inimigo do qual tem de defender-se. Foi assim que nasceu a luta contra o Governo pela evasão fiscal, a fim de eximir-se dos deveres do cidadão; nos países católicos, onde mais dominou a Inquisição, nasceu o hábito da blasfêmia, e outros mais. Quando as várias partes do organismo social estão em luta, ele não pode funcionar. O estado de guerra contínuo não permite construir, porque o trabalho maior que absorve todas energias é a guerra: não só aquela entre povos, mas entre indivíduos, corpo a corpo, em cada momento e movimento. É um enorme peso de inconsciência coletiva sobre todos. Somente à força de suportar os dados e as penas a que conduz tal estado, é que se chegará a aceitar o absurdo do sistema atual e se poderá alcançar o da colaboração, fazendo cada um a sua parte por especialização de funções e coordenação de atividades. Mas quantas dores serão ainda necessárias para que o homem chegue a admitir uma coisa tão lógica e evidente!

A esta nova posição se chegará, quando a autoridade compreender a sua superioridade de comando não como um direito, mas como um dever para com os seus subordinados, e estes entenderem a sua obediência como colaboração, e não como subserviência; quando a autoridade der o exemplo de assumir o esforço maior desta colaboração, e os subordinados se sentirem, por isso, obrigados, no interesse comum, a fazer outro tanto. Contudo, a iniciativa deve partir da autoridade, que está mais no alto e comanda. Quando, entretanto, ela pensa só em si, os seus dependentes têm o direito de fazer o mesmo, e, então, tudo se corrompe. Nesta nova posição a autoridade, sem se impor, encontra espontânea obediência, porque esta não significa sujeição ao seu egoísmo, mas adesão à sua ordem. que convém seguir. Então, essa autoridade não é um inimigo que desfruta, mas um amigo que ajuda. Para ela não serão mais inimigos os seus dependentes, e estes não terão nela mais um inimigo. Em vez de um montão de rodas, inutilizadas na sua desordem, teremos u'a máquina que trabalha e produz, gerando bem-estar para todos. Hoje o mundo está carregado de males produzidos por ele mesmo no passado. É necessário anulá-los à força de inteligência e retidão. Trata-se de um trabalho de reabsorção coletiva que exige a cooperação de todos. Mas nenhum de nós quer fazê-lo e espera que o vizinho o faça primeiro. Esses males formam uma massa enorme, e ninguém, cooperando, quer tomar a sua parte para destruí-la. A colaboração será o único modo para conseguir isso. Ao contrário, cada um procura jogá-la em cima do outro, a fim de salvar a si próprio. Assim, ela cai sobre todos e ninguém escapa. Todos nós gozamos fraternalmente o belo inferno que construímos com as nossas mãos.

Por tudo isto se vê como é inexorável a lei que impõe devamos suportar as conseqüências das próprias ações. O que semeamos devemos recolher. Ficamos, assim, encadeados a este estado de guerra, mesmo que ele nos atormente. E são inúteis os nossos belos planos para fugir dele. Todos desejam o desarmamento, mas quem o fizer em primeiro lugar será morto. Quem não é forte, por não estar armado, não tem direito à vida, sendo, portanto, ridículo pensar que se renuncie a armar-se por um princípio de paz. Procura-se, portanto, esmagar o vizinho, de modo que ele não possa reagir. Esta é a paz que se alcança com tal sistema.

Eis qual é o verdadeiro opressor: a nossa involução, a montanha de abusos acumulados no passado, a forma mental que procura continuá-los, o egoísmo, o instinto de domínio, a injustiça, com os quais se formaram os nossos hábitos de vida e se saturaram no passado as nossas instituições. A verdadeira revolta pela liberdade deveria ser contra este opressor É desse peso que o homem deve emancipar-se, se quiser alcançar resultados sérios. A sublevação deveria ser contra a baixeza de nossa própria natureza. As outras revoluções, salvo pequenas alterações, deixam mais ou menos tudo como

estava e reduzem-se a uma mudança de ocupantes nas mesmas posições e com os mesmos defeitos, para continuar a fazer as mesmas coisas. É por isso que as revoluções não resolvem, voltando sempre a limpar onde não se consegue fazê-lo nunca. De que serve substituir uma forma de Governo por outra, quando os homens permanecem os mesmos e, em nome de outros princípios comportam-se igualmente?

Esta nova revolução, ninguém a quer, nem a faz, porque não é dirigida contra as culpas dos outros, mas contra as próprias; ela não é feita assaltando, roubando, matando, porém, pedindo satisfação à própria consciência; ela não é feita para conquistar direitos, exigindo justiça dos outros para sua vantagem, mas reconhecendo e cumprindo seus deveres, exigindo justiça, em primeiro lugar, de si mesmo com sacrifício pessoal.

Como tudo é interdependente! Falar de autoridade nos levou a tratar de liberdade, emancipação, revolução, para acabar por explicar o verdadeiro significado delas em relação aos mais altos fins da evolução. Sem dúvida o homem chegará a realizar essa outra substancial revolução, que terminará por substituir todas as outras ainda formais com que o homem de hoje se deleita. Mas quantas dores serão ainda necessárias para poder chegar a compreender como deve ser feita e como adquirir a inteligência e a coragem para enfrentá-la e realizá-la! Quantos vencedores de revoluções, que por sua vez se tornarão depois tiranos, deverão ser mortos, em nome da mesma justiça pela qual eles mataram os seus opressores! Que cadeia de débitos, em nome do mesmo ideal, repetidos pelo mesmo tipo de homem, para alcançar o mesmo objetivo, acabar no mesmo abuso, provocando a mesma reação proveniente de nova revolução! Assim ela caminha, lenta e dolorosa, ficando o homem encadeado ao duro esforço de percorrê-lo. Mas tais são as leis da vida. É assim que estas funcionam para os que se colocam em posição emborcada, contra elas, embora acreditem, na sua inconsciência, ser possível não provocar reações, nem dever suportar tais conseqüências

* * *.

É um fato que a tendência moderna é a de passar de um tipo de autoridade, entendida como meio de domínio imposto, que se torna fonte de revolta por parte dos dependentes, a outro tipo entendido como meio de coordenação com a finalidade de colaborar, o que, pelo contrário, é fonte de convivência pacífica. Passa-se assim de um sistema de opressão a um sistema de compreensão recíproca, da inimizade à concórdia, da luta à unificação, o que significa um regime utilitariamente muito menos danoso e mais proveitoso. Tudo isto é o produto natural da evolução. Aqui observaremos agora a passagem do velho ao novo estilo de vida. Trata-se de uma diferente orientação devida à constituição de uma nova forma mental, o que leva em cada campo a conceber e, portanto, a fazer as coisas diversamente, fato que desloca toda a estrutura de nossa vida individual e social. Em substância, trata-se de um salto evolutivo em frente para afastar-se ainda um passo do AS e avizinhar-se do S. Trata-se de um reordenamento do caos, de uma reaproximação na cisão do dualismo, de reabsorver o separatismo na unificação, de uma pacificação no universal regime de luta, de superar o estúpido regime de agressividade destrucionista (próprio do primitivo), para chegar àquele mais inteligente e proveitoso amor construtivo, próprio do evoluído.

A grande nova construção dos nossos tempos é o organismo coletivo. E para chegar a este resultado que as relações sociais hoje estão mudando de forma. Antigamente baseavam-se em dois princípios: autoridade de um lado, obediência do outro. Estávamos na era do patrão e do servo, da força de um lado e a hipocrisia do outro. Assim cada um tinha construído a sua própria arma de ataque e defesa, necessário por que vivia num regime de luta. Hoje, pelo contrário, tende-se a basear as relações sociais sobre princípios diversos: colaboração entre autoridade e súditos, isto é, autoridade concebida como função social para o bem coletivo, à qual quem lhe está submetido espontaneamente adere pelo seu próprio interesse. Hoje, em lugar da autoridade que se impõe pela sua força, do servo que deve obedecer e, portanto, procura fugir-lhe com escapatórias e mentiras, de um sistema de guerra baseado em tais armas, existe uma tendência aos acordos claros, para se chegar a um método de sinceridade e pureza, e paralelamente a uma maior consciência de ambas as partes, dos próprios direitos e deveres.

Esta maturação de forma mental que conduz a um novo modo de conceber a vida e com isso as relações sociais, é o resultado da evolução acelerada, no momento decisivo de sua curva. E assim que as relações sociais são sempre mais disciplinadas com recíproca compreensão e justiça, em vez de serem

estabelecidas. como no passado, por imposição do mais forte, e como tal, usando todos os direitos contra o mais fraco que, só tem deveres. Hoje, a tendência é de regularizar aquelas relações sociais com uma definição dos recíprocos direitos e deveres, procurando-se completá-la por meio do diálogo representado com palavras e fatos, choques, abalos, adaptações e acordos que se estão desenrolando como fenômeno de grande importância na atualidade, com tendência a alcançar uma posição biológica mais evoluída: aquela que através da superação do atual estado de luta, realiza uma fecunda convivência pacífica.

Para se ter uma idéia do que foi a forma mental no passado, basta observar o modo pelo qual, na religião, o homem concebia Deus que, nas classes menos espiritualizadas, continua ainda a concebê-lo. É natural que o homem faça de tudo uma idéia própria, até de Deus, segundo as únicas medidas que possui, estabelecidas pelas dimensões, estrutura e, portanto, capacidade de entender a sua forma mental. Ora, mudando esta, ele muda, também, o conceito da divindade. É inevitável que, representando Deus a autoridade máxima, quando o homem Nele projeta o conceito que tem de autoridade, e comporta-se diante Dele, como está acostumado às autoridades do seu mundo. Assim a idéia de Deus é concebida pelo comum dos fiéis, semelhante a do servo para com seu patrão, paralelamente àquela que o súdito faz do seu governo, a mulher deve ter do marido que manda, os filhos do pai, os alunos do mestre, os dependentes dos seus superiores significando autoridade do Estado, marital, paterna, disciplinar etc. A posição de um lado é a de submissão, do outro a de comando.

Essa relação de domínio e dependência responde a uma natural graduação de poderes segundo as próprias capacidades e, numa sociedade de seres conscientes e honestos, pode constituir a base de uma hierarquia sã. Mas infelizmente vivemos num mundo de tipo oposto, isto é, baseado na rivalidade e na luta. Segue-se, então, que essa diferença de posições não gera coordenação, mas revolta e atrito. Dominando o tipo involuído egocêntrico, que detêm a autoridade, busca somente a vantagem própria contra a do rival a ele submetido; e ao contrário, quem lhe é submetido compreende a obediência como uma derrota, contra a qual é necessário defender-se para não permanecer vencido. Eis que quem vive neste nível evolutivo concebe as relações entre o homem e Deus, como as que existem entre dois impulsos opostos e interesses inimigos, isto e, entre quem quer impor-se e quem procura rebelar-se, entre quem exige obediência, porque é o mais forte, e quem não pretende submeter-se só pelo fato de ser mais fraco.

É assim que o homem, não podendo conceber seja o que for senão com a sua forma mental, entende as suas relações com Deus semelhantes às que existiam entre escravo e senhor. Explica-se, então, a comum atitude psicológica que se costuma ter de Deus: 1) temê-Lo, porque mais forte e armado de sanções punitivas; 2) como tal tendo Ele pleno direito ao comando e dependendo completamente do seu beneplácito, porque é poderoso, pode, por isso, cometer qualquer arbítrio, até, com o milagre, violar a lei estabelecida; 3) humilhar-se para melhor obter o favor do soberano que concede a "graça" a quem quer e como quer, por razões não censuráveis que só ele tem o direito de conhecê-las; 4) procurar as escapatórias para fugir ao domínio do patrão que o exercita no seu interesse pela sua grandeza, para se afirmar a si próprio; procurando enganá-lo, fingindo-se seu fiel súdito, obediente e servidor para conseguir, desse modo, evitar a pena e ganhar o prêmio Eis a religião da hipocrisia. A idéia do amor pode até mudar esse sistema, mas ficam dele os defeitos básicos que tudo torcem, adaptando-o a si mesmo. Tal sistema infelizmente é o resultado da psicologia instintiva do homem comum, mesmo que tenha boa fé, produto do subconsciente coberto ingenuamente de hipocrisia pelo exterior. As nobres aspirações podem ser diversas, mas esta é a realidade. A natureza humana no fundo é ainda de tipo AS.

Com a passagem por evolução a uma forma mental mais evoluída, tende-se a conceber Deus de modo diferente, semelhante ao novo conceito que os súditos fazem dos seus governantes (democracia), esposa-esposo (matrimônio como colaboração entre iguais), filhos dos pais (compreensão recíproca), alunos do mestre, os dependentes dos superiores (isto é, relação de recíprocos direitos e deveres) etc. Eis que a posição do indivíduo, seja do lado do comando ou da obediência, faz-se, completamente, diversa; isto é, não mais de imposição obrigatória, mas de consciência e responsabilidade. Assim o problema é colocado diversamente por quem, suprimida a posição de dominador, falta-lhe a causa provocadora da revolta. O chefe permanece, mas como função diretiva, até necessária para os outros, e não com função de puro domínio imposto a servos. Eis que se forma também neste caso uma hierarquia, mas ela se avizinha

do tipo S, ou seja, é livre e convicta, não escravagista e inconsciente, como no passado de tipo AS.

Neste novo estilo de vida as relações sociais são estabelecidas por exatos direitos e deveres, sem luta, sem vencedores nem vencidos, sem opressões escravagistas. Cada um se coordena espontaneamente com o outro elemento, consciente da posição que lhe corresponde, e coloca-se no seu lugar, porque sabe que por-se fora da ordem é antiutilitário e contraproducente, mesmo para ele. Ele sabe que a posição melhor para si, como para todos, é a do próprio dever, porque é a única legítima, portanto, segura para poder fazê-lo senhor dos direitos que lhe dizem respeito. Alcançada essa forma mental, as relações entre o homem e Deus são concebidas não como entre dois egoísmos rivais, mas como duas posições complementares no mesmo organismo, por ele unidas em colaboração para atingir as mesmas finalidades e o mesmo interesse.

Eis então que as relações entre o homem e Deus tendem a concebê-lo em uma forma diversa da precedente. Muda assim a atitude psicológica que se tem perante Deus: 1) não se teme mais Deus como uma autoridade egocêntrica que se impõe com promessas e ameaças sobrepostas aos nossos desejos para dobrá-los à sua vontade, mas sente-se Deus vivo em nós, enquanto somos parte do seu ser, seus verdadeiros filhos, que, portanto, em lugar de temê-Lo, O amam. Então todo antagonismo se torna absurdo como aconteceria se os órgãos do corpo se rebelassem contra o cérebro que os dirige. Isto é possível num estado de caos, não em um organismo como e a criação de Deus. A desordem pode existir somente para os seres que ainda gravitam em direção ao AS, isto é, um estado de revolta; 2) o indivíduo não vive no arbítrio do beneplácito de um Deus, que pode tudo, mesmo fazer qualquer desordem, arbitrariamente, mas é dirigido por uma Lei, que é o próprio Deus, é o Seu pensamento e a Sua vontade, Lei por Ele estabelecida, feita de normas conhecidas, em que Ele é o primeiro a ser-lhe fiel, sujeitando-se somente àquilo que Ele mesmo fixou, porque era necessário fixar para que cada ser tivesse a garantia dos efeitos, de modo previsíveis, a cada ato Seu, vivendo não num sistema de nebulosidade e de mistérios, mas de clareza e sinceridade; 3) o humilhar-se é necessário para que quem deve vencer o seu próprio orgulho, mas não existe objetivo para quem tem consciência da sua posição e nela se coloca livremente sem pensar em superá-lo. Não pede favores nem graças porque reconhece não ter direito, mas espera com segurança o que merecer conforme a Lei, sabe que num regime de ordem não se pode apropriar de um direito senão depois de ter cumprido o próprio dever. Tudo isto é de seu conhecimento, sem mistérios; 4) em tal sistema é absurdo, louco, contraproducente procurar escapatórias para fugir ao comando do patrão. Não existe mais nenhuma imposição, porque cada um a sente dentro de si como autodeterminação, como uma exigência do cumprimento do próprio dever, correspondente à utilidade do indivíduo, necessidade de ser imposto. Portanto, nenhuma elasticidade e incerteza de normas que permita enganos. Prêmio e pena são calculáveis com antecedência. Deve assim forçosamente desaparecer a religião de hipocrisia. É verdade que o homem atual não atingiu ainda este ponto, mas ele já está se dirigindo para este novo modo de conceber a vida. É verdade que ele gravita ainda em direção ao AS, mas é verdade, também, que a evolução é um impulso irrefreável que o arrasta em direção ao S.

No futuro Deus será concebido não como hoje antropomorficamente, mas cientificamente, como um organismo conceitual de princípios e leis sempre em ação, produtos executivos de uma vontade sempre presente em todos os campos, positivos e universais como os já descobertos pela ciência. O conceito de Deus-Lei é muito mais avançado do que o atual de Deus antropomórfico, e oferece a vantagem de que com Ele não são admissíveis acomodações e hipocrisias, porque perante uma Lei íntima em tudo o que existe, presente em toda a parte e sempre funcionando, é absurdo excogitar fingimentos para se evadir, como normalmente pode ser feito com as leis terrenas. A tendência atual é de se crer livre das leis e da sua disciplina, porque está perdendo força a mitologia do Cristianismo que fixava as normas da conduta humana. Ora, um dia o homem vai se defrontar com as mais exatas exigências e os mais graves deveres morais quando, livre mas responsável, estiver sozinho com a sua consciência perante a Lei. Então, através da sua dura experiência ele aprenderá que com a lei de Deus não se brinca. e que as atuais alegres evasões, ainda que sabiamente encobertas, se pagam caro.

Esta Lei é universal, mesmo se cada religião viu nela aspectos e aproximações diversas, mesmo se no relativo do espaço e do tempo ela se mostra em seus momentos diferentes. Portanto não mais favores, graças, milagres entendidos como violação daquela Lei, nem atos arbitrários, mas um regime de

ordem, no qual também a vontade do Soberano se integra ficando regulada por ele. Então o homem se transforma como mente e ação. De rebelde à procura de evasões forçado à obediência pelo medo de um castigo ou pelo desejo de um prêmio, ele se torna um consciente operário de Deus, aderindo espontaneamente à Sua vontade, porque se sente pensamento do seu pensamento, célula do seu corpo. Tudo está estabelecido na Lei, e todos naturalmente colaboram para a sua atuação. Então o indivíduo encontra-se perante Deus numa posição diversa. Isto lhe confere honestos direitos que ele pode chamar a si, não por espírito de revolta ou de orgulho, mas porque está consciente da Lei que os estabelece e sabe o que espera a cada um quando cumpre os próprios deveres. É a mesma Lei que autoriza e satisfaz os seus direitos. Esta é a técnica de um sistema mais avançado do que o atual, de ordem, isto é, evoluído em direção ao S. Assim o homem é elevado de dignidade porque conduzido a um estado de consciência mais profunda, mas precisamente por isso obrigado a uma mais exata observação da Lei. Viver num regime de clareza que admite tais direitos significa que não se pode esconder mais nada e que não há fingimento que possa permitir fugir ao cumprimento dos próprios deveres. Não mais palavras mas fatos; não mais tentativas de propiciar-se o favor por intercessão (a recomendação do amigo), mas apenas o real valor do mérito e das obras realizadas. Resta o amor e a misericórdia de Deus, o primeiro para suavizar, a segunda para adiar oportunamente os pagamentos, mas não para violar a justiça como se quereria.

A este novo modo de conceber as relações com Deus se deverá chegar como conseqüência da nova psicologia que já se está realizando nas relações sociais. A hierarquia permanece na medida em é princípio de coordenação orgânica, permanece no campo eclesiástico, civil, político, familiar, econômico etc., mas dirigida por um espírito diverso. Jamais a autoridade do velho tipo foi tão discutida, a paciência dos subordinados foi tão diminuída, a inteligência se aguçou e adestrou tanto, a fim de descobrir tudo o que se encontra atrás da cena da arte de dominar, de modo que o velho sistema já não vigora mais. Os demasiados abusos de que ele se carregou no passado o fazem desmoronar. As grandes palavras altissonantes soam agora a falsa retórica. Exige-se seriedade no comportamento. Assim ambas as partes se tornam mais razoáveis. Convém a ambas abandonar a luta e por-se de acordo. Mas até hoje a inteligência humana ainda não se desenvolveu a ponto de compreender uma coisa tão simples. Eis que nasce a idéia do diálogo. É mais útil de um lado abandonar o chicote e do outro a rebelião, para fazer o contrário: estudar, inteligentemente, o que mais convém a todos Começa-se a compreender aqui o que nenhum proveito, somente prejuízo traz o atrito da luta. Assim se estuda a técnica da convivência pacífica, e se busca o entendimento.

Assim se altera o conceito de trabalho. Antigamente ele era escravidão, para vantagem exclusiva do patrão; agora ele é um meio de produção para vantagem de quem dirige o trabalho, como de quem o executa. Então o Cristianismo concedeu ao fiel que reclamava a liberdade de consciência, concedendo-lhe de igual modo o peso da responsabilidade de dirigir cada um a sua própria consciência. De agora em diante o crente não poderá mais responsabilizar a autoridade e ninguém o ajudará a carregá-lo. Para a autoridade o comando era fácil quando todos lhe obedeciam, não hoje que cada um se sente no direito de pedir-lhe que preste contas da sua conduta. Antigamente o mal se curava com o método de não deixar que fosse visto. Bastava escondê-lo. Mas hoje isto não é assim tão fácil. Antigamente as massas se contentavam com as aparências. Hoje elas se tornam críticas e muito menos crentes. Haverá menos fé, mas tudo isso é a morte da hipocrisia Para afastar a mentira não há outro meio senão o desaparecimento do ingênuo que nela acredita.

Cabe perguntar-nos quais foram as causas que produziram essa triste planta que é a hipocrisia. Ela é uma lógica conseqüência do método vigente no passado, o do absolutismo e do egoístico espírito de domínio. Assim se explica o fato de que antigamente se exaltava a obediência como grande virtude, somente porque ela servia a quem queria dominar Infelizmente para o primitivo a autoridade serve se é entendida em sentido egoísta. Quais os meios de defesa que ficavam então nas mãos dos dependentes? Eles tinham á escolha: 1) a força, rebelando-se, mas esta significa guerra e o mais débil não pode fazê-la contra o mais forte, que possui a autoridade; 2) a aceitação submissa mas, dado o sistema, esta significava renuncia a própria vida em favor do patrão; 3) uma posição de acordo, dado o tipo de impulsos opostos em ação, era impossível. porque cada um olhava somente ao seu interesse e não estava disposto a reconhecer os direitos do outro; 4) não restava ao patrão, com o chicote na mão, senão ser mal servido e

detestado; e ao servo, de joelhos, não restava outra coisa senão fugir aos seus deveres, fingir, suportar, talvez roubar e trair, enfim rebelar-se quando no lugar da força do comando, encontrasse fraqueza. Estes os resultados do velho regime, do qual hoje o mundo procura libertar-se.

Tudo isso cai com o novo sistema de clareza, de direitos e deveres definidos, que a Lei reconhece e fixa para todos. A cada uma das duas partes a mesma liberdade e responsabilidade em posições diversas como tipo de trabalho, mas iguais em valor como função social, todas indispensáveis para o bom funcionamento do organismo coletivo. O mundo está ainda cheio das escórias produzidas pelos métodos do passado, mas vai libertando-se delas. O mal se desenvolveu escondido, subterrâneo, e por isso se corrompeu interiormente. Assim qualquer clareza ainda soa a escândalo, e aí se denunciam certas verdades agora já evidentes, que todos sabem: estas são as verdades que não se devem dizer. Quem se aninhou no velho sistema quer conservá-lo. Conforta, porém, o fato de que. no momento histórico atual se constata uma tendência para uma profunda transformação, que é fatal superação do passado, porque ninguém pode impedir que o impulso da evolução triunfe e a luz vença as trevas.

2) A Condenação ao Index

Quisemos anteriormente observar a fundo o problema da autoridade. Podemos agora compreender melhor o significado do caso de que estamos tratando. Falando dele anteriormente, colocamos os dois termos um em frente ao outro: de um lado, a Igreja, como organização e poder, provida de autoridade; do outro o indivíduo isolado, obrigado à obediência Podemos, assim, ver implantado, segundo os princípios expostos, o problema da autoridade neste caso particular. Referimo-nos à condenação ao Index. Eis que nasce o choque entre os dois termos. A autoridade sente-se lesada e condena. É justo. Trata-se de um ato de legítima defesa das próprias posições terrenas, baseado sobre princípios teóricos. À autoridade pareceu que aqueles escritos a ameaçavam. Tais situações são fatos positivos e não admitem discussões. Mas elas se baseiam sobre premissas espirituais, que, portanto, não devem ser discutidas para não abalar a solidez das posições que delas dependem. Obrigação, assim, de fé cega e de aceitação incondicional daqueles princípios, mesmo para quem tem necessidade de conhecimento para evoluir e não pode cristalizar-se na imobilidade. Eis que, neste caso, o indivíduo se encontra impedido no seu progresso espiritual por aquela autoridade, cuja exata função deveria ser encorajado nessa direção. Mas, dados os princípios acima expostos, com o tipo normal humano dominante, isto é natural. Podemos agora estabelecer. a posição entre os dois termos: compreender o seu comportamento e fazer a análise do caso sob exame.

A posição desses dois termos é a seguinte: a autoridade, pelas razões mencionadas, sente-se no direito de proibir a pesquisa que ponha em discussão aqueles princípios. Mas é exatamente o trabalho dessa pesquisa que conduz ao desenvolvimento espiritual do escritor condenado. Ora, proibindo a autoridade a pesquisa, paralisa tal desenvolvimento, que representa o objetivo da instituição que ela defende e que consiste na realização de suas finalidades espirituais, lançando a culpa sobre um sincero investigador da verdade. Com isso ela comete o pecado de sufocar a espiritualidade, contradizendo-se e renegando o seu fim maior.

Observemos agora o termo oposto. Perante unia autoridade que procede assim, tem o indivíduo o dever de obedecer? Surge subitamente o problema de consciência. Ele apela para Deus. Mas vimos o apelo não ser aceito pela autoridade, porque não pode admitir que outro tribunal superior decida sem ela, servindo-se de outros intermediários para transmitir sentenças que podem, inclusive, ser contra suas normas. Diante do perigo e da ameaça, nasce a legítima defesa. A autoridade não proíbe só a pesquisa para o desenvolvimento espiritual, mas é contrária aos contatos diretos e livres da alma com Deus. Então, em sã consciência, deve-se ainda obedecer? O indivíduo sente-se paralisado no campo espiritual, próprio daquela autoridade, que, segundo os princípios que lhe são específicos, deveria, ao contrário, encorajá-lo a trabalhar naquele sentido. Pode ele, colocado contra a sua vontade nestas condições, renunciar à sua vida espiritual tão criadora, sacrificando-se neste ponto fundamental do seu ser, para prestar obediência a uma autoridade fazendo o oposto do que deveria fazer, e que, para não ser incomodada, procura deter em vez de encorajar os crentes no caminho da espiritualidade? O problema pode ser colocado em outras

bases: o que vale é o princípio de legítima propriedade, segundo o qual cada um é senhor na sua própria casa. A Igreja tem pleno direito de expulsar da sua casa quem aí entra sem se lhe submeter, reconhecendo-a como dona. Assim, tudo é justo. Mas, então, adeus espiritualidade! Não se tem mais direito de falar dela, que permanece, apenas, como uma forma de hipocrisia.

No desenrolar concatenado dos referidos momentos do problema. chegamos ao ponto onde a autoridade fez o que mais lhe convinha. levando em conta os seus interesses e não os do seu subordinado; este se vê forçado à necessidade de escolher entre ela e a espiritualidade, entre o dever formal e a consciência, entre o tribunal dos homens e o de Deus. Em última análise, tomada a sua posição, que é de resistência, a autoridade fecha-se atrás da barreira das suas proibições, que detêm a entrada do invasor no seu terreno. Isto prova que o objetivo é apenas a sua defesa. Uma vez alcançado, ela não tem mais nada a fazer. E não faz coisa alguma. Quem tem muito que executar, preso como está pela ânsia da ascensão, é o nosso personagem. O seu comportamento está nos antípodas do precedente. A Igreja apenas proíbe; o seu único movimento é de defesa da sua imobilidade; a sua atitude é passiva. Ela fica na defensiva, negando uma afirmação oposta. Ele, ao contrário, é dinâmico, ativo afirmativo. Se a autoridade tivesse seguido este caminho, teria respondido com uma verdade mais comprovadora e convincente, de maneira a poder impô-la ao erro, depois de tê-lo demonstrado. No entanto, a autoridade limitou-se a retirar-se em silêncio às suas posições. A iniciativa de escolha, portanto, ficava nas mãos do outro termo. É a própria atitude tomada para cada uma das partes que automaticamente conduz a este resultado. Então, querendo o nosso personagem avançar, porque encontrava pronta a impulsioná-lo para a frente a corrente da evolução, era obediente à Lei; mas ficara abandonado pela autoridade, espiritualmente ausente de seu caso. Assim ele se precipitava na estrada da ascensão espiritual, por sua conta, mesmo que ela o condenasse. Veremos agora as conseqüências de tal atitude.

Chegado a este ponto, pode nascer uma dúvida: todo este raciocínio se baseia num mal-entendido. Ao homem normal, de tipo comum, que constitui a maioria, os problemas espirituais, a pesquisa da verdade, a necessidade de se avizinhar de Deus, não para pedir graças, mas para lhe sentir a presença, são coisas que de fato não interessam. A religião, em geral, é outra coisa e é usada sobretudo para satisfazer o desejo egoístico da própria salvação pessoal. A espiritualidade é entendida no sentido utilitário. O problema mais evidente para esse tipo biológico é o estômago e o sexo. Satisfeitos estes seus instintos, ele só deseja gozar a vida no ócio e engordar. Ora, a Igreja, para poder cumprir a sua função, deve ser adequada a tal tipo que constitui a massa. E, de fato, o é, porque aquele é o seu rebanho. Nem isto é difícil, porque o tipo biológico dominante é o mesmo de ambos os lados: nem se pode pretender que seja de outra maneira. É natural, portanto, que, quando a Igreja se encontre perante tipos fora de série, nasça um conflito de incompreensão, porque a religião, necessariamente modelo, foi feita para satisfazer a maioria, não se adaptando à exceção. Esta é destinada a andar sozinha com Deus.

Ora, tudo isto não suprime o caso de que estamos tratando, ainda que o relegue para fora das regras normais. Mas, se ele permanece, devemos examiná-lo para compreendê-lo. Se não se encaixar na normalidade, dele não se deve descurar, já que representa uma tentativa de emersão evolutiva do nível animal em que a normalidade repousa feliz, tendo-se o cuidado de não fazer tais tentativas para sair dela. Vejamos, pois, o que sucede no referido caso. Se era legítima a defesa que a autoridade fazia dos seus interesses contingentes, também o era a do indivíduo quanto às suas pretensões espirituais. De um lado, havia uma autoridade que não queria ser incomodada; do outro, alguém que desejava trabalhar com a mente para resolver os seus problemas do espírito, base da sua vida, mesmo que isso pouco importasse àquela. Que da parte dela tal fosse a ordem de idéias determinantes, provava-o o fato de que, com a condenação do índex, a liquidação tinha sido sumaria, sem nenhuma explicação no ato, que não demonstrava qualquer interesse paternal pela sorte espiritual do condenado. (O documentário dessa condenação, publicado no "Osservatore Romano", Roma, 15 de novembro de 1939, é reproduzido na íntegra no lº volume da 2ª Obra: ***Comentários)***. Vê-se que o objetivo era afastar um perturbador e não iluminar um espírito ansioso de verdades. A medida era friamente administrativa e burocrática. À ovelha extraviada só se transmitia a condenação. Mas estava-se no ano de 1939. Hoje a mesma autoridade compreendeu como tais métodos, no seu próprio interesse, são contraproducentes.

É assim que agora tudo está mudando. O período dos anátemas parece ter acabado com o

Concílio Vaticano II. A Congregação do Santo Ofício mudou de nome, tornando-se uma entidade com muitas funções e setores, um dos quais destinado à censura dos livros, funcionando na prática o menos possível e existindo apenas em teoria. Atualmente, nem todos concordam com a utilidade de tais condenações; tendem até para uma reforma geral de censura religiosa. De fato, de algum tempo para cá, o Index condena cada vez menos. Depois da edição de 1948, apareceu só um folheto suplementar, em 1964, com 14 nomes. Eis uma função que, em silêncio, sem ser notada, vai-se apagando[3].

Hoje, encontrando-se num período de escassez em matéria de fé, para não perder os fiéis, a Igreja mudou de tática e se tornou generosa. Ao método dos anátemas substituiu o "do diálogo", que boje parece o melhor meio de defesa, dada a atual crise e fé, de que falaremos mais adiante. A mudança é imposta pela nova forma mental dominante, crítica e analítica, sensível ao raciocínio que convence e indiferente aos anátemas, que não assustam mais ninguém E a Igreja que, inspirada por Deus, deveria antecipar a evolução, eis que chega, penosamente, em último lugar, rebocada pelo progresso do mundo. O que evoluiu foi a vida, que vai toda em direção a Deus, e, nessa trajetória, tudo o que ela contém, incluindo as nossas instituições, que a seguem.

Ora, mudar de rota, dizendo que é para atualizar-se, pode parecer fácil, embora não o seja, mesmo que oportuno e necessário. Aqui se trata de uma instituição em que se incorporou uma serie de idéias, outrora eficientes, porque úteis à vida, situada então em outras fases que a evolução hoje superou. São milênios de História, de um passado imenso e diverso, o qual, mesmo que hoje incomode, em virtude do dogmatismo, não se pode mais eliminar. O problema não é só mudar conceitos que hoje não correspondem mais ao novo grau de evolução e respectiva forma mental, mas trocar hábitos seculares que os fiéis lá assimilaram, fixando-se na raça. De modo que não é fácil mudá-los. A posição deles até ontem foi tanto de obrigatoriedade, quanto de cega aceitação de verdades religiosas que lhe eram fornecidas daquela maneira, sem admitir discussão. Dominavam métodos inquisitoriais, de coação psicológica. Os crentes eram proibidos de debater os seus problemas de fé, deixados exclusivamente aos competentes "agregados aos trabalhos", teólogos que faziam e desfaziam tudo entre eles, expulsando os não especializados. Ora, com a declaração de infalibilidade, não havia outra coisa a fazer senão aceitar. Quem queria pensar por si próprio, quem duvidava e indagava para saber, pagava caro a sua atitude. Exceto poucas mentes eleitas, à grande massa, preocupada sobretudo com os seus problemas materiais, essas outras questões não interessavam de fato, custando pouco renunciar e executar um esforço mental que tinha em pouca conta. A grande maioria habituou-se voluntariamente a obedecer e, assim, a não pensar, o que no fundo correspondia à sua comodidade. Afinal, este era o caminho de menor resistência para se conseguir viver em paz. Aprendeu, portanto, educada pela Igreja, a não fazer mais perguntas e a limitar-se a observar preceitos e práticas exteriores que exigiam pouco esforço. mas que bastavam para salvar-se, objetivo final atingido a baixo preço. Isto convinha e, deste modo, era bem aceito Tal quietismo servia também para evitar sanções eclesiásticas, já suficientes para tolher ao fiel qualquer veleidade indagatória. Este foi bem educado a não levantar problemas espirituais e a resolver tudo apenas acreditando e obedecendo. Com isso se obtinha a vantagem de não se expor a operações perigosas e, ao mesmo tempo, satisfazia a sua própria preguiça mental.

O resultado de tudo isso foi a formação de um hábito, agora já inveterado: o desinteresse pelos problemas religiosos, reduzidos a ritos e práticas exteriores, uma vez que este é o caminho mais fácil, que não causa aborrecimentos, nem fadigas mentais. Fica-se em paz com a autoridade e salva-se a alma. Conseguiu-se, assim, esquecer Deus, religião, espiritualidade, num estado de feliz e inerte aquiescência. Sucede que, neste momento, quer-se inaugurar o novo estilo do diálogo, isto é, de uma livre discussão sobre temas vinculados à idéia de proibição e perigo de dano. Como anular de um golpe uma conexão tão cristalizada de idéias? Como fazer renascer hoje um interesse que se procurou apagar? Como reanimar uma fé adormecida e educar em sentido oposto ao de uma religião formal, de rito, reconstruindo no lugar dela outra de convicção e paixão? Não basta que uma nova direção convenha à autoridade para que ela resulte aplicável e eficaz. E, quando esta indiferença foi provocada por aquela mesma autoridade, como se pode pretender evadir da lei universal, em virtude da qual ninguém pode fugir às conseqüências das

[3] **O Index proibitorium foi extinto cm 1983. (N. E.)**

próprias ações? Se a autoridade pensa apenas na sua sobrevivência sem se preocupar com o fiel, é natural que este não se importe com os interesses daquela. Se uma e outro viveram separados nas suas finalidades, se nos crentes foi cultivado sobretudo um estado de sujeição, é natural que eles intimamente se tenham tornado dois termos vinculados apenas por uma relação de antagonismo. E que colóquio se pode realizar nestas condições?

Fizemos esta exposição para mostrar sobre que fundo e em relação a que fenômenos maiores se desenvolve o caso que estamos observando. A recente abertura do diálogo chegou demasiadamente tarde para trazer qualquer deslocamento. Um fato ocorrido no passado permanece; nem Deus pode fazer com que ele não tenha acontecido. Pode apenas ser corrigido, e assim neutralizado com impulsos opostos, mas não anulado, reduzindo um estado de existência a outro de não-existência. O autor viveu no período da condenação, e este fato permanece. A mudança atual não pode suprimi-lo. Dois volumes[4] de sua Obra, primeira explosão de uma alma em direção a Deus, foram condenados ao Índex. Segundo a injunção do Santo Ofício, o fiel cristão deveria ter cessado a publicação e, sobretudo, o seu desenvolvimento, confirmando-o em novos escritos Desobedecer era pecado, mas obedecer significaria paralisia da atividade espiritual de uma alma, o congelar do seu desenvolvimento através da pesquisa necessária para chegar à solução, para ele urgente, de problemas dos quais a Igreja não lhe oferecia solução. A fim de não pecar devia cortar a cabeça para não pensar, aceitar com a inércia mental o suicídio do espírito, imposto em nome de Deus, para que os adormecidos não fossem perturbados por quem tinha a febre de conhecer e progredir.

Hoje a posição é diferente, e a autoridade segue outros métodos. O pecado foi só haver errado num dado período de tempo, porque, se ele tivesse sido cometido em outra época, não teria sido considerado pecado. Logo, a salvação ou a perdição são relativas ao tempo e dependem das mudanças das vicissitudes humanas. O erro foi o de se ter antecipado aos tempos, porque hoje as teorias condenadas encontraram apoio em vários cientistas, como no Jesuíta paleontólogo Teilhard de Chardin. Entretanto, o mesmo tribunal que condenava se está abstendo de fazê-lo. Teremos, então, de nos perguntar como se resolve o caso de condenações que até ontem mandavam para o inferno os atingidos. Um belo dia a Igreja se atualiza e tudo se cancela. Mas poderá esse cancelamento ter efeito retroativo perante um inferno eterno? E, se é eterno, aqueles que nele se fizeram cair não podem de lá sair somente porque o seu pecado hoje não é mais considerado tal. Então, ou aquelas almas deveriam sofrer para sempre, o que não é justo perante os que hoje podem cometer o mesmo pecado sem punição, ou deveriam sair do inferno, que assim não seria mais eterno. É certo que a autoridade se salvou, adaptando-se aos novos tempos; mas de salvar os réus no passado não se fala. Será justo perante Deus que eles sofram dano tão imerecido, quando hoje quem pratica e mesmo pecado não é mais culpado? Conforme a justiça, quem golpeia por uma culpa que não existe deve indenizar os danos. Mas a autoridade não tem esses deveres, porque, sendo a mais forte, tem o direito de fazer o que lhe convém. Teremos, pois, uma multidão de condenados na Idade Média que entravam no inferno para sempre que hoje não são mais considerados tais, mas que devem permanecer ali, embora sejam julgados inocentes. Eis de que contradições nasce a descrença.

No caso de nosso personagem, resta o fato de que quem em 1939 foi condenado, hoje dificilmente o seria. Qual é, portanto, a sua justa posição? Hoje, não é mais a de outrora. Antigamente, não se gozava da liberdade moderna. A proibição vinha da autoridade sem qualquer explicação. E, num indivíduo consciente e por sua natureza amante da ordem, podia surgir a dúvida de se encontrar em culpa e, portanto, a convicção de dever arrepender-se de ter querido pensar e compreender, empenhando-se em não cair mais em tal erro. Ora, não obstante isso, o autor não obedeceu. A voz da consciência foi mais forte do que a da autoridade. Chegados a este ponto, podemos perguntar: fez ele bem ou mal? Só agora que terminou a Obra se pode fazer um juízo, porque, na época da condenação, não foi possível.

Em primeiro lugar, não se pode negar que ser catalogado no Índex constituía no passado um grande meio de propaganda editorial, potente e gratuito. A ele deve a Obra o seu impulso editorial no estrangeiro, onde se pôde desenvolver definitivamente. Deste modo, o mundo se servia do Índex para os seus fins utilitários, resolvendo aqueles casos em favor dos seus objetivos.

---

[4] **Ascese Mística** e **A Grande Síntese**

Mas a condenação produziu ainda outro efeito salutar. Ela obrigou o autor a aprofundar o seu pensamento, a intensificar os seus controles para assegurar-se de estar com a verdade. a potencializar a sua espiritualidade, a fim de superar os obstáculos e resistir aos ataques. Enfim, a condenação funcionou como resistência a vencer para avizinhar-se mais ainda de Cristo, também pelas vias da razão e da ciência, segundo os novos tempos.

Hoje, depois de terminado o trabalho, pode-se ver em que vazio espiritual teria ele ficado, se tivesse obedecido, deixando paralisar a sua atividade intelectual, e qual a vantagem que lhe adveio por haver desobedecido. Isto lhe prova não ter procedido mal. Agora ele está com um grande trabalho realizado, uma Obra que de outra maneira não teria sido produzida; possui, para ele e para os que dela têm necessidade, uma religião sólida, que satisfaz razão e sentimento, positiva, demonstrável até para os ateus, de acordo com a realidade dos fatos. Foi assim enunciada, desenvolvida e logicamente provada uma teoria sobre a gênese e funcionamento orgânico do nosso universo físico-dinâmico-psíquico, partindo da primeira criação de Deus da qual teve origem a existência das criaturas, até ao seu regresso a Deus depois de ter percorrido o ciclo involutivo-evolutivo ou queda-redenção. No caminho foram atravessados os mais diversos campos: científico, filosófico, religioso, teológico, místico, ético, psicológico, biológico, social, histórico, jurídico etc. A aplicação é positiva, porque é à forma mental moderna que ela se dirige, de tipo laico, racional, não fideístico, tradicional. E usada uma linguagem clara, explicando-se tudo, e por que tanta coisa acontece de determinada maneira. Linguagem translúcida, como exige a gravidade do atual momento histórico e o seu veloz precipitar-se, que não permitem que se possa perder tempo com mentiras, atenuando-se com a hipocrisia.

Sucede que hoje as questões religiosas apresentadas ainda com linguagem convencional e com a forma mental superada dos séculos adormecidos, apoiadas em pontos declarados imóveis, que hoje, simplesmente, estão colocadas de lado, fora da vida. Só apresentando o ideal cristão, de forma diversa, como se faz aqui, ele não pode ser ignorado pela ciência, pelo positivismo ateu, pela lógica materialista, porque se revela como fenômeno de evolução no qual se realiza a superior biologia do espírito. Deste modo, Cristo fica vivo no mundo e não é mais possível ignorá-Lo. A religião regressa ao seio da vida como fenômeno biológico do qual não se pode prescindir. Então, o atual sistema de liquidá-la sem conhecê-la não é mais racionalmente justificável. Veremos mais adiante que hoje um dos maiores perigos da religião é, precisamente, a ausência de interesse por ela. Esta nossa visão positiva da religião assente sobre a realidade biológica e incomodou tanto que foi condenada. Talvez o modo de concebê-la possa representar o único meio, não obstante o Index, de fazê-la sobreviver no futuro.

Trata-se, portanto, de uma atitude construtiva, de uma tentativa de revalorização da religião, feita a favor e não contra ela Hoje, já sopra uma grande tempestade e não há mais lugar para os adormecidos. Tais atitudes não se condenam mais e se abrem as portas à compreensão, admitindo-se o diálogo. Mas, em nosso caso. ele chega muito tarde. A compreensão póstuma não serve mais. Agora, aquele homem viveu, formou por si próprio uma fé em Cristo, demonstrou-a aos outros e publicou-a em dez mil páginas, tendo-a imprimido na sua alma e o passado se fixado definitivamente nesses resultados. As portas de uma existência quase ao termo se fecham, e o colóquio não pode deslocar mais nada daquilo que foi dito e feito, agora já encerrado dentro daquela vida. Pois um diálogo se faz entre iguais, que, por isso, se podem avizinhar, e não entre dois termos de dimensões tão diversas, colocados em posições tão distantes, isto é, um pobre indivíduo e uma autoridade situada no alto com o seu poder. Esta se ocupa com a massa, porque tem grande peso, enquanto o indivíduo por si só nada representa. Assim, cada um ficou com o que é seu: a autoridade com a sua potência, o indivíduo com a sua fé. Já há muitos séculos aquela autoridade obrigou os seus subordinados à obediência passiva, em vez da colaboração, e, neste sentido, como já dissemos, os educou. Para que eles possam ser educados em direção oposta, correrão outros séculos. Entretanto, hoje não existe mais a confiança necessária para um diálogo, nem se pode reconquistá4a de um dia para o outro. Vimos qual a posição tradicional do indivíduo perante a autoridade. Que se pode obter mais quando se emerge de tal passado?

Agora a Obra já está escrita, impressa, difundida. Qualquer intervenção é inútil. Ela surgiu num momento histórico de grandes maturações, numa hora de crise do Cristianismo, quando sua revalorização, perante a ciência e o pensamento moderno, era necessária. A nova linguagem da Obra perturbou os incomodados. Mas o precipitar do transformismo evolutivo impõe que se corra, e isto se torna difícil, porque se está sobrecarregado de superestruturas medievais. O mundo de hoje tem necessidade de

libertar-se de tais obstáculos. Ele pôs-se a pensar e quer compreender. A fé em velho estilo atrapalha, porque se fez dela um instrumento de proibições, como se querer compreender fosse culpa. Atualmente, o rebanho é diferente e não se sugestiona mais à força de mistérios. Coloca-se de lado, como coisa que não serve, tudo o que respeita a fé, à religião e aos mistérios. Hoje o incompreensível não atende mais à vida. Esta se encontra perante problemas bem diferentes, graves e urgentes que deve resolver e que se está habituando a solucionar por sua conta.

O Concílio Vaticano II não abordou senão questões de superfície. Parece que também ele estava de acordo com o mundo, que considera melhor não tocar nos problemas de substância. Assim, a própria Igreja, para evitar o perigo de se meter em questões espinhosas, para as quais não possui saída, concorda com os fiéis, encorajando-os a se desinteressarem dos problemas de base. Mas que pode ela fazer se, perante as perguntas mais simples, não sabe dizer nada de positivo, recebendo ou esperando resposta da ciência materialista, até ontem por ela condenada? O mundo vê que, ao contrário, esta caminha e vai resolvendo os seus mistérios. Quem hoje fala de problemas de fé com o mesmo interesse com que se refere a problemas de ciência?

As pessoas vêem esta posição de inferioridade das religiões, tanto mais difícil de superar, porque, no passado, a Igreja se aventurou e se comprometeu com afirmações definitivas, agora empenhada em manter, ainda que se pense não ser mais racionalmente aceitáveis. Todo este material a Igreja tem de arrastar consigo, mesmo que lhe paralise cada movimento. É assim que se torna difícil atualizar-se e acompanhar o ritmo do mundo, onde a ciência, hoje, se lançou vertiginosamente para a frente. Ocorre que, em vez da religião se desenvolver e expandir em novos campos, é a ciência invadindo cada dia mais aqueles setores, outrora, reservados à religião, e deles sendo expulsos. Antigamente, a religião era tudo: Governo. Tribunal, Direito Civil e Penal, Ética, Medicina, Poder Político, Econômico, Espiritual etc. Hoje ela se retrai sempre mais e perde terreno perante o Estado e a ciência, que avançam, o primeiro com O seu poder, a segunda apropriando-se, com nova competência, dos seus problemas e dispondo-se a resolvê-los sem ela, considerada incompetente para tanto. O conhecimento se abriu de muitos lados, subdividiu-se em tantos setores de especialização que não é mais possível reduzi-lo aos limites de uma religião.

Assim, o Concílio não enfrentou muitos problemas que a ciência corajosamente encara para encontrar uma resposta, que não é dada pela divina inspiração, nem pela revelação. E tal resposta é necessária para resolver seriamente também outras dificuldades de nossa vida quotidiana. O Concílio se limitou a questões mais próximas, de ajustamento e administração, como o predomínio da Cúria Romana, matrimônio e controle da natalidade, celibato dos sacerdotes, deicídio dos hebreus, unificação dos cristãos separados, reforma litúrgica, liberdade de consciência etc. Retoques, detalhes. maior amplitude de visão. Já é muito haver compreendido que a fé não se propaga por imposição, mas por convicção. Mas a velocidade com que avança o mundo é bem diferente. A ciência conquista o espaço interplanetário, as suas descobertas mudam a nossa maneira de viver, novas teorias de justiça social se sobrepõem às religiões e invadem o mundo para realizar aquilo que estas não souberam fazer.

3) A Crise da Fé

A crise é profunda, e não só do Cristianismo, mas de todas as religiões. Ela é devida a uma mudança de forma mental, tudo envolvendo. Os problemas que a religião não sabe esclarecer, procura-se resolvê-los de modo positivo, por outras vias. Os sucessos obtidos nos ensinaram que o desconhecido pode ser sistematicamente explorado e descoberto. Então, o sistema fideístico de crer sem compreender é colocado de lado como inútil para alcançar o conhecimento. E dele o mundo não tem hoje necessidade, porque é penoso e perigoso mover-se nas trevas dos mistérios. A grande crise da Igreja, de que o Concílio nem sequer se abeirou, está no fato de que o tradicional método psicológico fideístico, que funcionou até ontem, hoje vale cada vez menos e amanhã, de fato, não funcionará mais. A realidade é que poucos crêem seriamente, ficando a religião reduzida a práticas mecânicas, sem espiritualidade, o que significa falência no próprio terreno onde ela deveria sobretudo afirmar-se.

Isto não quer dizer que morreu a religiosidade. O risco para determinada religião é o de tomar outras formas, quando a atual não satisfaz mais, muito embora a religiosidade continue a expressar-se

Isto é fato comum na História. Mas, para uma dada forma de religião, significa a sua liquidação. Aquela muda, embora permaneça a religiosidade, que não é uma religião codificada, porém uma permanente necessidade humana, para poder expressar-se de maneiras sempre novas. As religiões envelhecem, não a religiosidade. Infinitos são os caminhos que conduzem a Deus, e cada um é levado a seguir aquele que é proporcionado ao seu tipo individual e ao seu grau de evolução.

O transformismo evolutivo hoje está em fase de aceleração. Quem não for capaz de acompanhar a velocidade com a qual se pôs a correr a vida fica para trás. Quem viveu a sua juventude no início deste século recorda os anátemas eclesiásticos contra o evolucionismo darwiniano. O princípio da evolução ficou, e hoje até a Igreja se adapta a ele. Com o jesuíta Teilhard de Chardin a evolução tornou-se um processo de espiritualização da vida. A geosfera evolui para a biosfera, que, por sua vez, ascende para a noosfera Da civilização da matéria se sobe para a "hominização" da vida Eis incorporada a proibida teoria evolucionista, levada às suas mais altas conseqüências com a espiritualização. À ciência entra na religião, que, primeiramente, a nega para deter-lhe o avanço, mas depois tem de aceitá-la à força, se não quiser ser superada pelo progredir da vida. Esta caminha por sua conta, exigindo que a sigam, e ninguém pode detê-la.

É interessante observar o caminho forçado de quem gostaria de ficar para trás, imóvel, e que, apesar de tudo, deve caminhar para ascender; de quem, à força de negar, acaba por afirmar; de quem, resistindo ao progresso, termina progredindo; de quem chega afinal a fazer aquilo que proibia, isto é, evoluir enquanto condenava a evolução. É por esta via tortuosa e contraditória que, não obstante a fé e os mistérios, se passa ao conhecimento; as imutáveis verdades absolutas avançam, como acontece com aquelas relativas, completando-se com as novas descobertas humanas, e até o eterno imóvel, como todas as coisas, se transforma por evolução. Em nosso universo relativo, mesmo das verdades absolutas se apossa o transformismo evolutivo, que tudo arrasta em direção a Deus Nem pode suceder de outro modo À Igreja, como tudo o que existe, não é permitido colocar-se fora das leis da vida.

Ora; a evolução não representa um perigo para a religiosidade, que permanece, sabendo transformar-se, com a vida, em formas cada vez mais perfeitas. A evolução representa um perigo para a forma particular em que, num dado momento, aquela religiosidade se expressa. Mas, com o progresso, aquela forma deve ser superada. Logo, é fatal que seja deixada para trás e com ela a sua própria instituição. Existe esse perigo para a Igreja, como organização terrena, sobretudo porque esta sua parte, hoje, está tomando a dianteira. O perigo é grave, porque a religiosidade, que não pode morrer, se extinguiu nas velhas formas de religião e delas exige novas. Quando a religiosidade se afasta de uma religião formal, reduzida a prática exterior, ela acaba renascendo noutro lugar. As massas já se ajustaram comodamente ao materialismo religioso, que na prática vale tanto quanto ser ateu. E a religião tornou-se política, ação social, problema financeiro, autoridade; poder. A espiritualidade é a coisa de que menos se fala O perigo se torna mais sério, porque tudo isso pode dar uma ilusão de força, já que hoje a parte terrena está no apogeu A Igreja triunfa como potência político-temporal. isto é, no pólo oposto do poder espiritual sustentado por Cristo, próprio do mundo e por Ele condenado. Então, não poderá essa vitória constituir um grande perigo, já que na realidade, representa o estado de maior fraqueza, não do corpo, mas do principio espiritual animador de todo o organismo?

Estas palavras poderão ser entendidas como uma crítica demolidora. Mas elas são motivadas apenas pelo desejo de compreender o que está hoje sucedendo, em profundidade, em tão grave momento. Acontece que o súdito obediente deve sempre concordar. Se se mostrar dissidente, mesmo que seja visando a um fim melhor, isto o torna suspeito de orgulho e insubordinação. Mas esteja tranqüilo o leitor. Aqui não fala um reformador, um revolucionário, um rebelde à ordem. Um indivíduo sozinho não pode fazer nada perante a vastidão de tais fenômenos. Ele se inclina diante da autoridade, como exige quem a detém, e não pretende transformar- nada. Ele sabe: o que tiver de mudar fá-lo-á por si próprio, não existindo poder humano a impedi-lo. Apenas não pode deixar de usar os olhos para observar- e a mente para pensar. Feita a sua parte, que é de respeitar a autoridade, se põe a observar como ela faz a outra, tentando sair da dificuldade, o que não é fácil. Aqui não se trata de acusação, mas de pensamentos que um solitário troca com a sua própria consciência. Não se trata de uma atitude de oposição, mas de exposição, um pouco triste, que um nostálgico da plena realização do Cristo faz consigo próprio, para não morrer sufocado na cristandade oficial praticante e em geral descrente.

A crise é grave, tanto mais porque está escondida sob as aparências enganosas de triunfo. O Concílio não apresentou divergências doutrinárias tão agudas e comuns como ocorria no passado. O tempestuoso período das heresias parece ter acabado. Em questões de fé, não se eleva mais grito algum no mundo. Eis, finalmente, alcançada a concórdia, a unânime adesão às verdades da religião, o estado do seu completo triunfo. Trata-se, verdadeiramente, de um fato novo na História, e não podemos deixar de nos alegrar.

Na realidade, as coisas não estão assim. O Catolicismo, que conseguiu tornar-se independente do Judaísmo, superando, na sua viagem de dois mil anos, tantos obstáculos, como a Gnose, os Arianos, o Islã, os Cátaros, a Reforma protestante, encontra-se hoje perante uma crise maior. Ela é diferente das outras. Os tempos mudaram. Os perigos que em outras épocas ameaçavam a fé já desapareceram. De fato, o atual Concílio decorreu numa atmosfera de normal administração, sem conflitos de base no terreno espiritual. Isto pode parecer um estado de segurança, finalmente alcançado. com a definitiva eliminação do erro. Mas esta pode ser a paz do cemitério, no qual está sepultada a espiritualidade.

A controvérsia religiosa pressupõe um interesse de mesma natureza Ora, ela hoje não existe mais, pois morreu este último. Não despontam mais heresias, não porque se tenha formado um acordo em matéria de fé, mas porque se chegou a um consenso coletivo em sentido oposto, isto é, de indiferença por tais problemas. Não há mais heresias, porque já não existe o substrato comum de fé sobre o qual discutir. Hoje não há mais divergências teológicas, porque ninguém se interessa mais por essas questões. Assim, nem sequer a polêmica religiosa nasce mais, porquanto não podem surgir dissidências sobre idéias abandonadas e mortas.

A crise atual é diferente das outras, que eram de luta vital. Esta é, ao contrário, uma pacífica crise de morte. A posição atual das massas é não examinar mais as verdades religiosas, para se ocuparem de outras, liquidando-as simplesmente como elucubrações inúteis, porque fora da realidade como conceitos que esgotaram a sua função e que a moderna forma mental não aceita. É por isso que desapareceu todo o sentido de agressão, todo o esforço demolidor. É a automática extinção de um velho que se deixa morrer em paz, porque não é necessário matá-lo, ele morre naturalmente. Sintoma grave, já que se trata de uma indiferença em larga escala. As iniciativas maiores, nas quais palpita e se manifesta a vida, são as ideologias econômicas-políticas e a ciência. A religião encontra-se na defensiva, subordinada àqueles movimentos, em posição secundária. Parece que a vida se retrai de um terreno agora já gasto por demasiadas contorções e adaptações que não produzem senão frutos falsificados, que ela não aceita, porque não alimentam mais. O sintoma é grave, uma vez que revela uma atitude da própria vida para com certos conceitos que ela abandona. Como objetos de museu, eles não têm senão o valor histórico ao qual pertence o passado. Não ganhamos nada em nos agarrarmos às verdades eternas para nos podermos instalar comodamente seduzidos ao lado da grande estrada evolutiva. É precisamente este fato que a cristaliza e assim lhe faz parar a vitalidade. Então, a vida avança, deixando para trás não as verdades eternas, mas o ataúde das formas humanas no qual elas foram sepultadas. Como dizíamos, é o fim de uma religião, não da religiosidade. Será o fim causado pela velhice, o verdadeiro significado da crise atual do Catolicismo? E a Obra, nascida exatamente neste momento, não poderá, entre outras coisas, representar uma tentativa, que emerge do inconsciente da vida, para salvar a religiosidade no instante em que declina a religião?

No passado se discutia sobre uma ou outra modalidade de fé, a heresia representando uma delas, mas se permanecia sempre no mesmo terreno e com uma forma mental a ele relativo. Hoje é este método de pensamento que se põe em discussão, com muita desvantagem, porque a ciência está provando quanto é improdutivo. Assim, a religião está ameaçada nos seus fundamentos, porquanto cai o processo sobre o qual ela se baseia para manter o seu domínio psicológico sobre as consciências. E da amplitude do fenômeno, não limitado a poucos descrentes que se possam isolar com condenações e expulsões pelo grupo, vê-se que se trata de movimentos de massa, que a autoridade não tem mais a força de deter e, portanto, não pode deixar de suportar. Desta maneira, a defesa da religião como organismo humano se torna cada vez mais difícil.

O trabalho dos séculos passados era diverso. A forma mental humana se havia estabilizado conforme certo modelo fundamental, e não se saía dele senão para pequenas variantes, enquanto hoje se

tentam caminhos completamente novos. No passado o trabalho principal era descobrir o modo de adaptar a fé às próprias comodidades, e não resolver racionalmente os problemas da vida, como se faz hoje, enfrentando-os com coragem. O trabalho não era encontrar qualquer coisa de mais positivo que a fé, mas adaptar as exigências da vida às da fé e, dentro desta, fazer espaço suficiente para que aquelas exigências fossem satisfeitas. O problema era tanto desenvolver, quanto assimilar os conceitos da religião. Mas tudo girava em torno dela, eixo central da vida. Hoje este eixo se deslocou, e o mundo gira à volta de outros conceitos. Nisto consiste a grande revolução, a mais radical e profunda, porque expressa um deslocamento de fase evolutiva por maturação biológica. E o fenômeno investe por toda a humanidade na medida em que é determinado por movimentos da vida que arrastam todos.

A tendência atual é jogar fora muitas estruturas milenares. hoje tornadas obstáculos, para olhar de frente a realidade da vida. Estão se deslocando os pontos de referência pelos quais se fixava o que é o bem e o que é mal. A blasfêmia está desaparecendo na Europa latina, onde era freqüente, porque, com a nova forma mental, a reação não tem motivo para desabafar contra seres que não interessam mais. Antigamente, vivia-se em um estado de quietude mental. As idéias eram poucas, os cérebros adormecidos, grande a preguiça, a credulidade imensa, as consciências muito elásticas. A ignorância permitia fusões estranhas entre religião e sua exploração, entre fé e as comodidades de cada um, entre ideal e ócio, entre coisas santas e sujas. Hoje as pessoas já não são tão simples que não possam ver nem aceitar tais contradições Outrora, a religião era reduzida a clericalismo e não se podia ser bom católico, se não fosse clerical. Acreditar em Deus significava crer também no poder temporal da Igreja. Hoje o absurdo de tais posições salta aos olhos de todos e faz-se outro raciocínio. Aos pregadores da verdade colocam-se os problemas em forma positiva. Aos construtores de teologias opõe-se a moderna exigência com que cada um, com o próprio trabalho, justifica a sua posição na sociedade. E se lhes diz: vocês comem. E o que produzem? Que oferecem à coletividade em troca do que consomem? Ninguém se aproveita das referências a longínquas origens divinas, para não fazer claramente as contas e viver sem trabalhar, fazendo-se manter à custa do trabalho dos outros.

Para melhor compreender a distância entre a psicologia do passado e a atual, tomemos um exemplo. Trata-se de um passado recente. Era caso comum, até há poucos anos, na Itália, que um proprietário agrícola vivesse de rendimentos na cidade, sem fazer nada. Feitores e colonos trabalhavam para ele. A religião aprovava plenamente, até porque muitos dos seus representantes viviam, igualmente, no ócio, à custa do trabalho dos outros. Portanto, ninguém era obrigado a confessar-se de tal pecado. De resto, tudo era legítimo, conforme as leis divinas e humanas. É certo que a primeira aquisição de uma riqueza presume alguma culpa, nem sempre lícita. Mas tudo isso é imediatamente legalizado e, assim, integrado na ordem, à qual se assimila, transformando-se em direito reconhecido, correspondente à justiça. Daquele momento em diante tal legitimidade é rodeada do respeito que o nosso mundo tributa a quem possui, e ela pode, confirmando-se cada vez mais e legalizando-se, continuar sem fim, de pai para filho. Com tal sistema podia-se ter uma série de gerações legitimamente empossadas em um regime de ócio e bem-estar baseado na exploração do trabalho dos outros. A Igreja aprovada, até se aliava, dando abertamente o exemplo e porque se tratava de indivíduos por ela considerados honestos, garantindo-lhes o paraíso.

Do outro lado, administradores, operários, colonos trabalhavam para o seu patrão. Naturalmente, também eles desejavam entrar no paraíso. Mas eram pobres. E roubar — em forma ilegal — levava para o inferno. Então, para não suportarem só eles todo o dano, puseram-se à procura de um pouco de justiça. E a encontraram, compensando-se da injustiça do patrão, com outra a seu favor. Era necessário encontrar, então, o modo de roubar como bons cristãos. Era a escapatória: roubar e pôr-se de lado. Depois se confessavam e se arrependiam; em seguida, continuavam a roubar e a colocar-se à parte, e assim sucessivamente. Os primeiros que enriqueceram foram os administradores, que, freqüentemente, numa só geração de absenteísmo do patrão, compravam a sua propriedade, substituindo. À hora da morte, com uma boa confissão e arrependimento, remediava-se tudo. Assim, além da riqueza, conquistava-se a salvação. Operários e colonos, por falta de forças, permaneceram pobres e deviam contentar-se com as beatitudes longínquas do paraíso. Eis porque muitas vezes são pregadas as bem-aventuranças do Discurso da Montanha por aqueles que as vão assegurando para si aqui mesmo na Terra.-

Assim, durante esse tempo, todos conviviam. Reuniam-se ao anoitecer na capela da vila para, juntos, pregarem o Evangelho cada um a seu modo, e para sua própria vantagem, vivendo, de acordo uns com os outros. O patrão pregava a Deus para que o deixassem gozar ao longo da sua vida de ócio, à custa do trabalho dos outros. Administradores e dependentes pregavam ao Senhor para que lhes fossem perdoados os seus furtos, a fim de que, sem perder o paraíso, em estado de constante arrependimento, continuassem a praticá-los o mais tempo possível. Patrões e subordinados permaneciam unidos na mesma fé, na qual por fim haviam encontrado uma forma de pacífica convivência: os servos com respeito pelos patrões e estes com o devido amor pelos servos.

Este era um método comum há pouco tempo. No fundo. ele constituía uma obra-prima de equilíbrio entre forças opostas, de recíproco ajustamento pacífico, pelo qual, em comum, se dava lugar a um regime de bondade até onde o permitia a lei fundamental da vida, que é a luta, segundo a qual não se obtém a utilidade merecida senão conforme a própria capacidade, força e trabalho executado. Para além das injustiças humanas, no fundo permanecia íntegra a justiça de Deus, porque o furto atual do administrador compensava aquele outro, original do patrão. O administrador que trabalhava, tinha mais direito a compensações que o patrão, vivendo no ócio. Até da religião recebia a sua recompensa conforme a sua posição, porque lhe era reservado o posto de honra, em lugar superior, sendo objeto de veneração. Mas em substância funcionava encoberto um regime no qual, para vantagem própria, eles eram abrangidos e sob o qual se escondia o outro trabalho, também necessário para viver, com o consentimento implícito dos ministros de Deus. E mesmo nisto se via a justiça de Deus. porque a religião era tratada com a mesma hipocrisia, por ela distribuída, recebendo em troca a mesma forma de pagamento.

Este era o nível mental de muitos crentes no passado. Então, quando não se combatia a religião, procurava-se domesticá-la com astúcias. Hoje, não há mais tempo para tais jogos. No fundo, há mais sinceridade. Atualmente, tende-se a encerrar a religião no seu campo espiritual, julgando-o, como ele é apresentado, fora da realidade da vida, permitindo-lhe sempre menos a intromissão nesta. Assim, com métodos radicais, são rapidamente resolvidos muitos problemas com os quais se deleitavam os nossos avós. Já não se combate a religião, porque, na medida em que ela se mantém no seu terreno espiritual, não interessa mais. Pelo contrário, ela é combatida como um inimigo, quando sai daquele campo para entrar no econômico e político. É tomada em consideração onde ela não é religião, isto é, quando significa invasão no setor laico e social A religião está-se tornando assim cada vez mais um fato privado, pessoal e abre caminho para o princípio de liberdade de consciência. Que o respeita.

Hoje o impulso não se verifica no terreno religioso, mas no econômico e político. O poder temporal da Igreja não foi de modo algum desfeito quando dos fatos de Breccia de Porta Pia. Esta história é velha e remonta ao período constantiniano, isto é, quando a Igreja se transformou de comunidade espiritual em organização econômico-política. Desde aquele momento, começou o seu poder temporal à custa da espiritualidade. O ideal, para implantar-se na Terra, deixou-se cortar as asas e se afundou no charco dos interesses e lutas do mundo. Tornada assim construção terrena, a Igreja desceu ao plano das outras estruturas humanas, vendo-se obrigada a competir com elas no mesmo nível, passando a ser sua rival no mesmo campo. Era inútil alegar direitos divinos para obter vantagens materiais. As autoridades não estavam, de modo algum, dispostas a deixar-se dominar em nome de princípios divinos superiores utilizados para este outro objetivo

Foi assim que, desde a época constantiniana, a Igreja, para disciplinar de qualquer maneira este impulso, teve de fazer ou suportar concordatas com as quais regulava as suas relações com. o poder civil, de quem se tinha feito rival. Então, o problema é colocado em comparação a duas potências humanas que definem as suas posições, direitos e deveres no plano terreno. Isto deriva do fato de que o poder religioso, saído do seu âmbito, que é espiritual, entra no campo do poder civil, com o qual começa a lutar como rival, porque como tal se tornou.

A espiritualidade transformou-se num instrumento de domínio terreno, num meio para adquirir direitos e poderes materiais. São utilizadas as origens sobrenaturais da instituição para exigir que o Estado as reconheça e faça de sua parte as respectivas concessões. Mas o Estado, por sua vez, sente-se lesado por esse pretenso poder temporal, que, à custa dele, Estado, a Igreja alega para sua vantagem, deduzindo-o da sua posição com relação a Deus. O dissídio nasce, porque a Igreja utiliza o espírito para receber vantagens no plano da matéria, entrando, assim, no terreno do Estado, que, sentindo-se em sua casa, retém para si o

pleno direito de cassar o intruso. O Estado não poderia sentir-se ofendido por a Igreja alegar origens sobrenaturais, se esta não fizesse delas pretexto para adquirir poderes terrenos. A resistência do Estado provém do fato de que ela, em nome do espírito, solicita privilégios temporais. À volta deste conflito, originado pelo pretenso poder temporal em terreno de outrem, gira a história da Igreja na Idade Média. E a luta ainda continua. Faz parte da sua crise atual o domínio do Estado, que prevalece cada vez mais forte., porque ele está cada vez menos disposto a tolerar invasões

É por isso que o espírito animador de uma instituição religiosa, muito ligada ao plano material, desaparecesse. Hoje as construções teológicas sobre as quais ela se baseia são consideradas como mitologia superada, fantasia histórica situada fora da realidade positiva da ciência E o organismo material que restou da Igreja é avaliado com igual medida de todas as outras organizações terrenas. porque é feito dos mesmos elementos, funcionando com os mesmos métodos, tendendo aos mesmos fins.

A estas condições internas do organismo correspondem as do ambiente que o rodeia, decaído em plena crise de fé. Esta é uma resposta à crise interna, e as duas se ligam e se somam numa única. O velho sistema das condenações não serve para dobrar as inteligências, mas para afastá-las à procura de outras soluções. A Igreja encontra-se perante uma transformação do modo de pensar. pelo qual o homem, tornado adulto, enfrenta e resolve os problemas por si mesmo, com a sua própria mente, em lugar das regras da tradição. Está superado o sistema dos irresponsáveis que pensam por delegação e por sugestão, os quais, para pouparem toda a fadiga, engolem um alimento já mastigado, fornecido por uma autoridade que não prova coisa alguma. Hoje a descoberta da verdade propriamente dita deve ser feita para cada um, que, se errar, deve ser responsável por todas as conseqüências.

O Sistema das condenações não demonstra nada, não prova, nem convence; pode servir para um primitivo sugestionável, não para um ser racional. Não se demonstra um teorema com ameaças, ou por princípio de autoridade. Entretanto, até ontem, pretendia-se a adesão dos fiéis com tais meios. Aquele sistema prova,. inversamente, que se teme a discussão. Esta não seria temida, se se estivesse seguro das verdades que se afirmam. Se se possuíssem provas dessas verdades, não haveria necessidade de anátemas para defendê-las. Elas se apoiam sobre fatos e sobre raciocínio que cada um pode sempre controlar. São assim tão frágeis as verdades da religião? Por que esteve a Igreja sempre com medo de que as suas verdades não fossem reais, tanto que bastava discutir ou apresentar uma dúvida para ofendê-la? O uso do princípio da autoridade, o método das condenações, a declaração de infalibilidade, tudo isso revela falta de segurança, que a Igreja deveria demonstrar possuir, porque era sobre a segurança que se baseava a posição terrena da instituição. Como é que as verdades absolutas, transmitidas por revelação, podem ter medo das teorias de qualquer mortal que as observe mais de perto? Ou o pensamento de um escritor é ultrapotente a ponto de provocar aquele medo, ou as verdades da fé são tão débeis que temem a mínima voz discordante. O que é forte não tem necessidade de ser tão protegido. O fato é que estamos perante verdades apresentadas de forma nebulosa que devem esperar, se lhes quisermos conhecer o verdadeiro significado, esclarecimento e confirmações por parte dos doutores da Igreja, teólogos e concílios, isto e, por aquelas mentes humanas que funcionam como tradutores e intérpretes, sujeitas no tempo às oscilações do pensamento humano em evolução. Então, não se sabe se, nesta colaboração, a verdade que dela resulta é produto humano ou divino, deriva de uma revelação ou de toda a elaboração que o homem depois dela fez com o seu pensamento.

A gravidade do momento crítico atual consiste no fato de que o Catolicismo se encontra numa bifurcação: se souber tomar a nova forma mental racional, científica, demonstrada nas suas afirmações, poderá continuar a desenvolver em tal direção os seus princípios e prosseguir cumprindo uma função. Se, ao contrário, quiser permanecer cristalizado, repetindo o passado, então ficará abandonado como uma velha mitologia fora de uso, como foi a paga. O desenvolvimento do pensamento humano, fatalmente, responde à lei da evolução. As religiões que não o seguem ficam para trás. Com Cristo, não se transformou o hebraísmo? Hoje o problema não é mais de ortodoxia ou heresia. Estas são velhas distinções, quando o ponto fixo de referência era dado por verdades estabelecidas pela fé. Agora o ponto de relação do pensamento humano não é mais a indiscutível revelação, mas os fenômenos ou os fatos, que nos dizem uma verdade mais restrita, porém mais positiva e segura. É esse tipo de certeza que hoje está à cabeça do progresso humano, enquanto o modelo de verdade revelada permanece inerte, como dissecado, sem perspectiva de progresso, reduzido agora a seguir o outro e constrangido a pôr-se de acordo com ele, se não quiser ficar para trás, sem ser mais tomado em consideração. Esta é a verdadeira crise religiosa

moderna.

O erro não está nas verdades reveladas, mas em haver transformado a sua natureza absoluta e eterna em imobilidade, que é recusa à evolução, a maior lei da vida, a ascensão em direção a Deus. Portanto, a crise não é das verdades reveladas, mas de instituição, que, para fins terrenos, pretende reduzi-las a um estado de quietismo. A história mostra-nos que pode morrer uma religião. mas não a religiosidade. Às religiões não se podem subtrair o universal transformismo evolutivo que renova tudo o que existe. As verdades eternas permanecem. E aperfeiçoa-se a sua compreensão, elas tendem a avizinhar-se cada vez mais daquela Verdade! Da visão nebulosa da fé passa àquela mais clara da ciência. A sucessão das verdades humanas relativas constitui apenas a série dos progressivos deslocamentos que, fazendo avançar sempre o conhecimento, cada vez mais se avizinham da compreensão da verdade absoluta, colocada ali como meta-cimo do percurso da evolução. Não é senão de forma diversa a série das fases da própria ascensão para Deus. Ora, quando se alcança os pontos mais avançados da evolução, a vida abre novas portas, e por que fechá-las ou recusar-se a entrar, se conduzem a Deus?

XIII

A OFERTA

Podemos agora deter-nos em outro momento, numa curva da história que estamos narrando A primeira fase, a do afastamento do mundo, exposta no início do presente volume, já se encontra distante, são decorridos 35 anos (1931-1966), e o trabalho de nosso personagem no cumprimento do seu destino se encaminha para a sua conclusão. O que era um programa agora é fato consumado. Chegou, portanto, o instante de observar, de ver, depois do caminho percorrido, o fruto, produto daquele primeiro impulso inicial.

Com este objetivo, vamos transcrever a conferencia proferida pelo autor da Obra em Brasília, centro do continente sul-americano, lida depois por um parlamentar na Câmara dos Deputados e publicada no Diário do Congresso Nacional Brasileiro, em março de 1966, com o título:

"A NOSSA OFERTA SIMBÓLICA AO BRASIL E AOS
POVOS DA AMERICA LATINA"

Nessa reunião, na Capital do Brasil, participaram amigos provenientes de vários pontos do continente sul-americano, como dos Estados Unidos, juntos, em estreita colaboração. Chegaram mensagens de adesão do Japão e de outras partes do mundo. Eis o texto da conferência

Queridos amigos,

Contar-lhes-ei uma estranha história. Há trinta e cinco anos, um homem, chegado à metade de sua vida, sem preparação alguma e sem plano de trabalho, começou a escrever obedecendo a um impulso interior. Desde o Natal de 1931, ele nunca mais parou. Sem conhecer quais seriam os futuros desenvolvimentos do seu labor, ele o foi executando dia após dia.

Hoje, aquele trabalho encontra-se quase terminado e está visível na sua estrutura orgânica, no seu desenvolvimento lógico, na sua harmônica arquitetura. Trata-se de uma Obra de 24 volumes e com cerca de 10.000 páginas. Ela explica a origem, a estrutura e o funcionamento orgânico de nosso universo físico-dinâmico-psíquico, a nossa posição dentro dele e o significado e finalidade de nossa vida, para chegar, no fim, a conclusões práticas, mostrando qual deve ser a nossa conduta, se não quisermos pagar, com sofrimento, os nossos erros.

A finalidade desta Obra é oferecer um conhecimento que o mundo ainda não possui, necessário para se conduzir com sabedoria e, portanto, viver de forma menos bárbara do que aquela em que vive o assim chamado homem civilizado moderno. Nesse sentido esta Obra contém as bases sobre as quais se poderia apoiar uma nova civilização, aquela que, por lei de evolução, o homem deverá seguramente

realizar no 3º milênio. Trata-se de viver melhor, o que só é possível usando maior inteligência e bondade. A finalidade maior da Obra é fazer o bem, mostrando como se pode viver uma forma de existência menos feroz, mais civilizada e, portanto, mais feliz

A Obra é um projeto para ação, destinado a quem quiser executá-lo, porém não é a ação em si mesma. É uma luz que ilumina e orienta, mas não é o movimento que realiza. Esta é outra parte, que pertence aos executores, que poderão chegar num segundo momento. Os que ficarem inertes, esperando que tudo caia do céu, não gozarão das vantagens que a ascensão evolutiva contém. De resto, a divisão do trabalho, conforme a especialização de cada um e particulares capacidades, é uma necessidade prática. O engenheiro, que faz o projeto de um edifício, não pode fazer o trabalho de pedreiro para construí-lo, e o pedreiro tem necessidade de encontrar o projeto feito para saber como construir.

A posição na qual nos encontramos hoje é a seguinte: o projeto está quase terminado, chegando à sua última fase, com a qual fica concluído. O autor cumpriu a sua missão. Muitos falam de missões e se dizem missionários, mas poucos conseguem chegar ao fim. Podemos aqui falar de missão, porque ela foi cumprida. O autor terreno fez a sua parte. Ele está ao mesmo tempo no fim de sua vida, e com ela atingiu o seu objetivo. O primeiro ato do drama se encerra. Desce a cortina, e o autor, satisfeito, desaparece na sombra. Ele só deseja ser esquecido ao término deste labor. O que tem valor e utilidade é a Obra e não o operário. Neste momento, ele pede uma graça: que lhe sejam poupadas exaltações pessoais, honras inúteis, porque elas pertencem somente à Obra; pede que o deixem retirar-se em silêncio da cena do mundo, para se preparar a viver o novo tipo de existência que, em breve, o espera no além-túmulo.

A Obra permanece, é o que mais interessa. Ela não é um produto morto, de literatura, mas uma semente viva que agora cai no terreno do mundo para germinar. A vida a gerou para que ela viva. As idéias da Obra foram formuladas para serem transformadas em fatos. Eis que neste momento entra em cena outro tipo de trabalho: o dos homens de ação, dos realizadores, aos quais pertence cumprir o segundo ato.

Hoje se realiza a passagem do projeto das mãos do projetista para as dos construtores. O primeiro terminou sua parte e vai-se embora. Este momento é o da entrega do projeto. É isto que estamos fazendo, juntos, aqui em Brasília. Hoje é o dia desta entrega. Desde este momento, a Obra entra em sua nova fase, que se desenvolverá paulatinamente, como ocorreu no início, para continuar em seu novo ciclo. Temos, assim, dois movimentos opostos: o autor se retrai, afasta-se e desaparece, seguindo noutro lugar o seu destino; a Obra, como um feto acabado de nascer, toma vida. própria e começa, por sua conta, a caminhar pelo mundo.

Os senhores, a quem hoje falo, são os operários aos quais a Obra está confiada. E por isso que estamos aqui reunidos. Este encontro tem um importante significado, exatamente pelo fato de que nele se realiza esta nossa oferta, neste lugar e momento. Trata-se de passar das mãos do compilador às dos seus herdeiros espirituais. Oferta gratuita, para o bem de quem a recebe. Isto acontece em Brasília, Capital do Brasil, no coração do continente sul-americano. Como diz o título da conferência, esta é a nossa oferta simbólica ao Brasil e aos povos da América Latina. Aqueles que, de outros países da América do Norte, Centro e Sul, não puderam chegar até aqui, pessoalmente, estão espiritualmente presentes nesta hora, como testemunham cartas e mensagens por eles enviadas. Estas nossas palavras serão levadas ao seu conhecimento no seu próprio idioma, e a distância física não impedirá a união espiritual.

É lógico que as forças que quiseram a realização da primeira fase do trabalho, desejem agora que se cumpra também a sua segunda parte, sem a qual aquela não teria sentido. No período inicial, muitas provas concretas nos demonstraram que este movimento é vontade do Alto e que não tenciona parar, já que nenhuma força até agora teve o poder de detê-lo. Ele não confia nos falsos métodos do mundo. Aqui não se trata de barulhentos e rápidos sucessos, de tangíveis realizações imediatas, mas de fenômenos de grande amplitude e por isso de lenta maturação, de realizações que não têm pressa como ocorre como ocorre com o homem, fechado numa só vida; trata-se de desenvolvimentos que se projetam no tempo e no espaço, não precisando, portanto, atingir rápidas conclusões para quem enxerga somente de perto, deles se apercebendo. É um movimente de grandes proporções que ultrapassa o interesse do indivíduo e do momento e que se entrosa, juntamente com outros movimentos paralelos, no desenvolvimento da História. Então, que cada um cumpra espontaneamente a sua parte para a qual se sinta chamado. Depois chegarão outros. O artífice de tudo isso está no Alto e possui inesgotável reserva de instrumentos humanos. Assim aconteceu agora e terá de ocorrer no futuro.

Eis o que significa esta oferta: a Obra terminada e, hoje, entregue aos seus continuadores. Duas vezes essa oferta foi feita e, em ambas, providencialmente rejeitada. Dizemos "providencialmente", porque cada recusa lhe abriu as portas para maior expansão. A primeira, a recusa de Roma, abriu-lhe as

portas do Brasil a segunda, de alguns no Brasil, as da América Latina. Logo, a finalidade a alcançar foi atingida. Para quê? Qual seria essa finalidade?

Se o Comunismo representa a idéia asiática e a democracia capitalista o sistema anglo-saxônico, eis que a América Latina pode ter uma terceira ideologia de cunho cristão — como cristãos são os latinos filhos de Roma — baseada não sobre problemas de expansão territorial e predomínio econômico, o que conduz às guerras, mas sobre princípios espirituais que afirmem e difundam a paz. Eis por que a Obra automaticamente se dirigiu para o Brasil, dele se espalhando pela América do Sul.

De fato, o plano da Obra é essencialmente pacífico. As suas bases são evangélicas e as suas conclusões levam a u'a moral de recíproca compreensão e colaboração. Tudo isso se coloca decididamente nos antípodas do estado de guerra, no qual, em outro hemisfério, vivem as mais poderosas nações do mundo. Na realidade, o hemisfério norte é um campo minado e sobre ele está suspensa, como uma espada de Dâmocles, presa por um fio, a arma atômica. Grande importância pode ter no mundo o poder bélico e econômico, mas ele tem necessidade também de paz, sem a qual — apesar de que com grandes trabalhadores muito se produz — tudo acabará sendo destruído. Precisa-se de paz, sobretudo neste momento em que se vive sob contínua ameaça de guerra nuclear.

A nossa Obra ensina a viver outro tipo de vida, baseando-se sobre princípios de um nível biológico mais evoluído para levar o homem ao maior grau de adiantamento, que será a nova civilização do terceiro milênio. Pela lógica do processo evolutivo, é fatal que se deve chegar até lá. O problema é prático, utilitário. Trata-se de ter suficiente inteligência, para compreender a vantagem de viver, organicamente, em ordem, em vez de luta e caos; viver com compreensão e coordenação de esforços, em lugar de rivalidade e separatismo egoísta. Estas são as conclusões da Obra, nela estão demonstradas as suas razões profundas, oferecendo soluções até à origem de nosso universo. Evidencia-se claramente, sem se exigirem atos de fé, o porquê de nossa existência, quais as leis que a regem e como a dor surge pelo fato de não se obedecer a elas. Explica-se como funciona o imenso organismo do todo dentro do qual estamos situados e com o qual nos devemos coordenar, se não quisermos sofrer. Cada erro é como uma doença nesse organismo, uma enfermidade que causa sofrimento e que percebemos, porque a dor atinge cada célula doente daquele organismo. A enfermidade aparece quando se sai da ordem, e com ela manifesta-se a dor. Pode-se estabelecer a seguinte equivalência: ordem na Lei = felicidade; desordem fora da Lei = sofrimento. Então, sabemos por que existe a dor e como evitá-la. Sua função é a de nos fazer voltar á ordem para nosso bem, porque na ordem não existe dor.

Alcançamos, assim, u'a moral racional, positiva, demonstrada e por isso mesmo não suscetível de hipocrisia; moral que não é produto fideístico de um ou outro grupo político ou religioso em seu interesse; pelo contrário, trata-se de uma ética universal, não ligada a interesses, verdadeira em todo tempo e lugar, sem escapatórias, como são as verdades científicas. Ninguém pensa que a lei de gravitação possa mudar pelo fato de se pertencer a este ou àquele partido político, a esta ou àquela religião. Assim, a Obra nos oferece u'a moral biológica que funciona para todos, nela se acredite ou não, uma regra de vida armada de sanções, pronta a reagir quando a violamos, à qual ninguém pode fugir, como não se pode impedir o desencadear de uma reação química, ou de uma doença, só pelo fato de que se professa uma fé em lugar de outra. O homem hoje, como indivíduo ou como sociedade, sofre imensas dores em conseqüência da ignorância dessas leis, não podendo impedir que elas existam e golpeiam quem, por não as conhecer, comete o erro de as violar. Hoje tais conceitos podem parecer utopia, mas, muitas vezes, o ideal de hoje torna-se realidade amanhã. O ideal é uma antecipação da evolução, e, no mundo atual, dores imensas estão prestes a se desencadear para apressar o desenvolvimento da mente e o amadurecimento da consciência, que são necessários para chegar à compreensão.

Eis o conteúdo e a finalidade da Obra que hoje, neste local, oferecemos. Uma vez que nos explica como funciona a vida, ela não pode deixar de ser, como a ciência, imparcial e universal. O seu objetivo não é constituir um grupo e com ele lutar contra outros para vencê-los, como é hábito em nosso mundo. O seu método não é impor para dominar, produzindo rivalidade e cisão, mas demonstrar para convencer, gerando concórdia e unificação. E por isso que a Obra, hoje, não está sendo oferecida a um grupo particular. Ela não pode ficar fechada em nenhuma divisão humana, em nenhum setor particular ou partido, seja político, seja religioso, como não o podem as leis da vida e as verdades universais da ciência. Isto não significa querer colocarmo-nos acima dos grupos humanos, em nome de Deus, como fizeram algumas religiões. Apenas estamos fora deles. Explica-se, assim, como faliram as tentativas dos grupos que procuraram absorvê-la para suas finalidades particulares. Ela não constitui uma opinião particular, não é um ato de fé cega, nem teoria para esconder e defender interesses, é simplesmente a explicação de como funciona a Lei de Deus nos seus diferentes níveis; é tão somente um pensamento que, expressando

verdade, quer oferecer conhecimento e estado de consciência necessários para urna vida mais elevada e, portanto, com menor sofrimento. Por essa razão, não servem os poderes do mundo, seja político, seja econômico, seja bélico, porque eles não são mais do que engrenagens da máquina de Deus, da qual fazem parte como elementos subordinados, máquina que já encontra funcionando e que não precisa do consentimento humano para atingir os seus objetivos. Quem entendeu este mecanismo sabe aonde a vida quer chegar e, fatalmente, acabará chegando, dirigindo, com a sua inteligência, o homem ignorante daquelas metas.

É assim que a Obra oferecida se funde, totalmente, no fenômeno evolutivo e no momento histórico em que se realiza, com pleno conhecimento dos seus objetivos: ele quer e deverá alcançá-lo. Em suma, reunindo todas as distinções humanas que produzem separações, lhes dizemos: não entramos nesse separatismo. O nosso princípio é a unificação. Mas não a de grupo, baseada em sectarismo e proselitismo para lutar, isto é, para dividir e vencer alguém, e sim uma unificação com a Lei de Deus, com a sua harmonia universal e ordem suprema. O homem só entende a unificação como um agrupamento contra alguém. A isto, muitas vezes, se reduzem as religiões. Por unificação, porém, entendemos urna adesão à Lei de Deus, saindo de todos os agrupamentos humanos que acabam por dividirem-se. O homem que usa as coisas espirituais com método sectarista, separatista e agressivo contra o próximo revela a sua involução. O evoluído, para não entrar em luta, afasta-se dele em silêncio, respeitando-lhe a ignorância.

Uma vez, procurando explicar esse tipo de universalismo, responderam-me: "Entendi, trata-se de um novo partido, o dos universalistas". Isto nos mostra como o homem não sabe conceber coisa alguma a não ser em forma de separatismo egocêntrico. E como é difícil para ele superá-lo em sentido universalista unitário! Mas é exatamente nesta fundamental renovação de mente que consiste a nova civilização do terceiro milênio, porque é dela que depende a nossa conduta e, portanto, toda a orientação da vida na sociedade humana. O que mais interessa ao involuído atual é a rivalidade e a luta. O que mais interessará ao involuído de amanhã, será, ao contrário, a unificação e a colaboração. E esta vai ser a maior revolução do novo milênio. É para ela que a Obra nos vai preparando. Assim, desde agora, quem a compreendeu, começa a praticar este novo método de viver, que não é uma egocêntrica vontade de sobrepor-se aos outros, mas, sim, de entendê-los para cooperar. Trata-se de tornar, finalmente, realidade o lema evangélico, até hoje reduzido apenas à pregação e teoria: “ama a teu próximo como a ti mesmo”.

Com esta Obra nos projetamos no futuro. Ela foi escrita para as gerações que chegarão e às quais os senhores a confiarão a fim de que possam vivê-la. Os senhores têm — e elas também terão — u'a missão: a da realização. Lembrem-se, porém, que u'a missão não existe somente para ser proclamada, como se costuma fazer, mas para ser cumprida. O nosso trabalho não é de palavras, mas de obras. Agora a oferta está feita. Como foi com trabalho que se realizou a primeira fase, agora terminada, assim será com ele que se poderá realizar a segunda, ainda a fazer. Trata-se de construirmos a nós próprios. O edifício a levantar é interior. Mas nada cai do céu gratuitamente. Tanto o indivíduo, como a humanidade, todos têm de subir a montanha da evolução com as suas próprias pernas. Mudam-se os operários, e a obra continua. Eu lhes mostrei a meta a atingir. O homem é livre e pode também recusar. Neste caso nada colherá e, em vez de ganhar, elevando-se, ficará em baixo, nas velhas posições atrasadas.

Para isso, hoje se trata de uma oferta e não de uma ordem, isto é, uma dádiva que a vida oferece para o bem da humanidade, não uma imposição a constrangê-la. É uma ajuda, uma orientação, um convite para evoluir. A vida, nesta hora, deseja convencer quem tem capacidade de compreender, mostrando o caminho aos homens de boa vontade Para quem não quiser entender há outros meios mais persuasivos: a imensa destruição pela guerra. Isto não é novidade na história da evolução. A dor foi sempre o meio clássico com o qual a vida se faz presente àqueles que não querem compreender outra linguagem. Só assim, para o seu bem, ela consegue fazê-los evoluir.

* * *

Estabelecemos nitidamente a posição da Obra perante o seu futuro desenvolvimento e explicamos qual a função que ainda tem de cumprir; mostramos qual o seu conteúdo e o significado desta nossa simbólica oferta feita hoje, aqui, em Brasília, e dirigida ao Brasil e aos povos da América Latina. Vamos esclarecer agora, porque todas essas coisas aconteceram, acontecem e se concluem, hoje, neste momento e lugar.

Tudo isso corresponde às atuais condições do mundo e aparece justamente para satisfazer uma urgente necessidade. O desenvolvimento da técnica está pronto para fornecer o bem-estar material. Falta, para o completar e equilibrar, um paralelo desenvolvimento moral e espiritual que o dirija para o bem e

não para o mal, que pode ser uma ruína para todos. Se o homem não chegar a possuir estas outras qualidades, o programa material por si só poderá levar a um desastre. Estes podem ser os resultados de uma ciência que não seja guiada por princípios superiores. Vimos isso com a descoberta atômica. Eis a função salvadora da terceira idéia.

Ora, esta idéia não é somente, como acima explicamos, uma verdade válida para todos, porque racionalmente positiva, biologicamente evolucionista, cientificamente universal. Ela é também cristã. E o é no mais profundo sentido unitário e substancial, porquanto nela podem, juntos, encontrar-se Catolicismo, Protestantismo, Espiritismo e espiritualismos afins de fundo cristão, uma idéia para a qual já se encaminham as filosofias e religiões de tipo cristão no seu presente trabalho de atualização. Trata-se de um produto típico da raça latina para a raça latina, irradiando de Roma, novo modelo da mesma civilização cristã que a Cidade Eterna espalhou pelo mundo por dois milênios e que agora se desloca para outro centro, no país que foi chamado Nova Pátria do Evangelho. Os sintomas e os efeitos desta nova amplitude de visão encaminhada para a unificação dos irmãos separados já apareceram em atitudes ecumênicas no seio da mais dogmática das religiões. É evidente que esta é a tendência de nosso tempo. Outros, menos ágeis, chegarão mais tarde, mas tendo de progredir no mesmo sentido de unificação. Vemo-lo na política, no fato de que o mundo está reduzido a duas ou três grandes potências ao redor das quais se agrupam todas as demais.

Esta nova terceira idéia aparece em um momento histórico gravíssimo. Há um século ela teria sido considerada absurda e inaplicável. Hoje tudo se move para novas posições. Vive-se uma febre de renovação. Em sua grande parte, só se assiste ao primeiro momento, que é negativo, de destruição, como vemos no existencialismo e similares. Mas isto implica a fase inversa e complementar, isto é, positiva e reconstrutiva. Eis a função da terceira idéia. Tudo o que for deste tipo se torna hoje de primeira necessidade, indispensável para a continuação da vida, porque a sua velha casa, na qual os homens se abrigaram por dois mil anos, agora está caindo de velhice, com terremotos de revoluções mundiais, sacudindo-a até aos alicerces. Eis que a Obra oferecida está proporcionada ao nosso tempo e este a ela. Tudo está conexo e chega na devida época, feita de partes correspondentes que se entrosam umas nas outras.

Tudo isso deixa supor a existência de um plano preestabelecido, tanto mais que não se podia prevê-lo quando a Obra foi iniciada. E aparece visível só agora, depois do trabalho terminado. Outra mente que sabia deve, portanto, ter preparado e organizado este labor. E, se essa mente tanta coisa soube fazer até hoje, isto nos autoriza a crer que ela continuará a sabê-lo executar também no futuro, porque é inadmissível que quem deu prova, num determinado período, de ser inteligente se torne de repente o oposto e se desinteresse de um trabalho tão cuidadosamente elaborado. Com estas afirmações, ficamos aderentes aos fatos, porque queremos ser entendidos pelas mentes racionais, permanecendo positivos, como é necessário para quem deve realizá-los Exatamente porque a composição da Obra foi em grande parte trabalho de parapsicologia, tive de me impor uma disciplina mental que cumprisse um contínuo e rígido controle; e aconselho aos que trabalhem neste terreno, fácil de se perder em fantasias e aceitar por verdades aquilo que é produto do subconsciente. É certo, no entanto, que, se tivesse de fazei: uma confissão, deveria dizer que fiquei maravilhado em constatar não somente na composição da Obra, como também nos fatos que determinaram sua difusão até aqui, a presença de uma inteligência diretriz e de uma vontade realizadora; sem ela tudo o que foi alcançado até hoje, até este ponto culminante em Brasília, não poderia ter sido realizado. Também para os céticos a lógica é lógica e os fatos são fatos. E o conhecimento pormenorizado do caminho até aqui percorrido pela Obra que me diz e me obriga a concluir: seria absurdo ter seguido esta trajetória, inutilmente, sem que ela continuasse a desenvolver-se até atingir seus objetivos.

Agora que o trabalho foi realizado, pergunto-me como foi possível executá-lo, seguindo um plano lógico de desenvolvimento sem o conhecer com antecedência, como foi possível chegar ao ponto conclusivo desta oferta em Brasília, no qual tudo fica confirmado, quando não se dispunha de meios adequados para tanto. Pelo contrário, tudo parecia em poder de discordantes vontades alheias, muitas dirigidas para objetivos bem diferentes. Foi um caminho tortuoso, através dos mais diversos ambientes. Porém o ponto de chegada foi atingido, sem contradições nem desvios, sem concessões nem adaptações, caminho em substância retilíneo, apesar de ter per corrido uma floresta cheia de obstáculos e enganos. O milagre está no fato de os ter vencido com a sincera simplicidade de uma criança. Que longa história vejo para trás! É a história de minha vida

Agora observo que as afirmações sustentadas no Cap. XIII: "A Minha Posição", num dos primeiros livros da Obra: Ascese ***Mística***, nunca foram desmentidas. Foram confirmadas no livro: ***A***

Grande Batalha. Aquele método, que parece loucura para o mundo, de se confiar sobretudo nas forças espirituais demonstrou-se experimentalmente válido e nos levou até as conclusões de hoje. Se não se admite uma intervenção que esteja acima dos comuns recursos humanos, tudo isso não pode ser explicado.

Cumpre-se por fim o que foi dito no Cap. V do volume ***Profecias***, a respeito da "Função Histórica do Brasil no Mundo". Quando escrevi aquelas páginas, ainda não existia Brasília, e elas nos explicam por que hoje estamos aqui realizando esta oferta da Obra. E com o livro ***Profecias*** que a Obra inicia a sua segunda parte escrita no Brasil, por isso, chamada brasileira, em homenagem a este pais. Há uma convergência de tantos fatos para este momento que agora vivemos! Ele encerra um caminho e inicia outro. Um pobre homem chegou de longe, do centro da civilização cristã, velho e esgotado, e entrega hoje o fruto de sua vida a um mundo jovem, imenso, ao qual pertence o futuro. Esta semente levada pelo vento de mil aventuras chegou até aqui e parou neste lugar, nesta terra virgem, no centro de um novo continente. Mil acontecimentos milagrosamente concordaram para chegar a este resultado. O acaso não poderia tê-lo produzido. Não se pode deixar de ver em tudo isso a mão de Deus. nos explicam por que hoje estamos aqui realizando esta oferta da Obra. É evidente Sua vontade que esta semente cresça e se desenvolva para a afirmação espiritual desta nova grande Terra, para que ela no terceiro milênio cumpra a sua missão no mundo, conforme o seu destino, que não é de guerra, mas, um destino evangélico de bondade, de amor e de paz.

XIV

GÊNESE E SIGNIFICADO DA OBRA

Realizou-se a oferta da Obra, isto é, um novo passo em frente na sua longa viagem do céu à Terra. Agora o seu caminho no mundo toma uma forma cada vez mais autônoma. O filho concebido pelo pai, gerado pela mãe, que com longa elaboração interior lhe deu um corpo na Terra, tirando-o da própria carne, começa a caminhar, com as suas pernas, como criatura independente. É neste momento que aqui resumimos a sua posição, para defini-la sobre o fundo do quadro geral de todo o fenômeno. Mais adiante, em outros capítulos, observaremos este caso mais exatamente no plano parapsicológico. Agora, queremos, sobretudo, orientar-nos para compreender a sua origem, significado e desenvolvimento, no momento desta encruzilhada em seu percurso. Depois de haver compreendido como tudo isso funciona, poderemos melhor avaliar as conseqüências.

A respeito deste caso se falou muito de mediunidade. Ora, se isso é assim, o é em forma tão diversa da comum, que chega a ser difícil catalogá-lo sob este nome. Segundo o tipo corrente, a mediunidade é: passiva, inconsciente, irresponsável, genérica, promíscua. A mediunidade, em nosso caso, é, pelo contrário: ativa, consciente, responsável, específica, exclusiva. Como se vê, estamos nos antípodas.

Expliquemos. Não é que neste caso o sujeito não receba. Ele funciona como instrumento, mas de forma diferente. No caso comum o médium adormece, abandonando-se na passividade, como instrumento cego e irresponsável, nas mãos de qualquer entidade espiritual que queira apossar-se dele. Isto para que ela transmita a seu bel-prazer uma comunicação qualquer, sem que o sensitivo possa intervir, seja como escolha autônoma da comunicação, seja como consciência do seu conteúdo e da técnica do fenômeno. Em nosso caso, ao inverso, o médium coloca-se num estado mais ativo de superconsciência do que o normal, sabe com quem se comunica e o que lhe é transmitido; disso assume toda a responsabilidade depois de o ter bem compreendido e examinado. Ele coloca-se livremente neste estado receptivo com o objetivo de executar um específico trabalho conceitual, somente esse e não qualquer outro, para determinados fins espirituais e não somente o de comunicar. Por fim limita o contato e o mantém apenas com a fonte de pensamento dele conhecida, não se submetendo a nenhuma outra. Em nosso caso, o sensitivo não é um instrumento puramente mecânico no nível físico, como é a mão do psicógrafo. Ele permanece no plano mental, onde funciona como colaborador encarregado de executar a parte mais simples da obra, que consiste em expressá-la com palavras, em traduzi-la na forma mental

própria do estágio evolutivo humano. Encontrando-se o médium totalmente desperto e tudo controlando, esse caso possui a vantagem de não ser possível que a sua mediunidade seja utilizada como desabafo do subconsciente, deixando-a livre no estado de transe com a fonte inspirativa

A superioridade desse tipo de contato espiritual é devida ao fato de que ele corresponde aos fins da evolução, que ele corresponde aos fins da evolução, que consistem no desenvolvimento da consciência e não em paralisá-la para colocá-la a serviço de desconhecidos, cuja identidade e valor moral desconhece. Elementos ruins já ternos bastantes na Terra, para que seja necessário ir à procura deles noutro lugar. O objetivo da vida e avançar, e não retroceder. O que não serve para o fim principal que é evoluir, é de importância secundária.

Ora, a primeira coisa que se realiza nos casos de nosso tipo é exatamente a ascensão espiritual do sujeito. Assim, o fenômeno, através do qual ela se realiza, se poderia melhor chamar de "telepatia". Trata-se realmente de uma comunicação consciente entre duas fontes de pensamento: uma espiritual, e a outra encarnada no plano físico; a primeira tão imaterial que pode ser individualizada somente como corrente de pensamento ou centro conceitual irradiante. Mas o maior valor de tal fenômeno consiste no fato de que ele interessa de perto à evolução, enquanto se verifica entre dois planos diversos. Estabelece-se, assim, uma comunicação pela qual se realiza uma descida de valores ideais do Alto, funcionando um indivíduo como canal desta descida. Então, ele se eleva do plano físico até à fonte para captar-lhe o pensamento e depois transportá-lo à Terra, absorvendo-lhe o valor espiritual em primeiro lugar para si próprio. Temos, portanto, um caso de telepatia entre dois centros pensantes situados em dois níveis diferentes, resultando deste contato também uma escola de ascensão do inferior por obra do superior e em direção ao seu nível. Aqui a função evolutiva assume uma tarefa de primeiro plano, seja como descida de ideais na Terra para o progresso da humanidade, seja como ascensão espiritual do indivíduo comunicante, graças a tal estado de contato e colaboração. De fato, a fonte é conhecida; é uma só e sempre a mesma; a relação constante é devida a uma estabilidade na sintonização da qual nasce uma espécie de convivência espiritual, situação permanente, bem definida, correspondente a fins preestabelecidos.

O fenômeno resulta, portanto, do concurso de várias condições: sensibilização do sujeito por evolução; contato com a fonte de pensamento situada num plano mais elevado; sintonização com ela; estabilização de contato telepático, através do qual se fixa a ponte da comunicação. Tudo isso deixa intactos e livres os dois centros de pensamento comunicantes, cada um ficando íntegro em sua personalidade, inconfundível, independente, sem qualquer abdicação, confusão ou mistura de tipo mediúnico Forma-se, assim, um elo permanente entre duas consciências, uma união entre dois elementos complementares, como pode suceder na Terra, no plano físico, com o matrimônio. Fazemos esta aproximação como confronto, porque a tendência do fenômeno aqui em exame é justamente a de chegar a uma fusão estável e profunda de almas, que se ligam para fazer em conjunto um trabalho espiritual, que é o fruto a nascer desta união. Por isso falamos de colaboração.

Não se pode dizer que o princípio da união pai-mãe, da qual nasce o filho, deva ficar limitado ao nosso plano físico e que ele não se possa repetir em mais altas formas paralelas no plano espiritual, no qual os dois elementos geradores, do produto de sua união, são de natureza exclusivamente conceitual. Cada um dos dois contribui com as suas diferentes qualidades complementares. Vemos na natureza que a centelha da gênese criadora nasce sempre da fusão de dois elementos opostos desse tipo. Ora, se é difícil que tais uniões espirituais possam realizar-se no tipo corrente, que fica saciado no seu nível, porque neste plano lhe é fácil encontrar o seu termo complementar, elas são mais fáceis de verificar em nível mais evoluído. Aí constituem uma necessidade, dado que, pela sua natureza, o outro termo, para se completar, tem necessidade de encontrar o seu elemento complementar, evolutivamente, mais no alto. Isto pode acontecer sobretudo para quem, no momento em que amadureceu ao ponto de poder dar o salto evolutivo que o leva a um nível biológico superior, procura juntar-se a qualquer coisa na Terra, no plano humano, e não consegue encontrar.

Esta relação pode comparar-se também àquela que existe entre mestre e discípulo. Mas, em nenhum caso, nunca uma das duas personalidades se apossa da outra e a ela se substitui. Todavia, a diferença de nível evolutivo não impede a aproximação e a colaboração que se realizam sempre com o maior respeito pela personalidade do outro. O mestre transmite e fecunda, mas não se apossa por esse fato do discípulo, não se lhe substituindo. É lei que, quanto mais se evolui, tanto mais se respeita, como coisa sagrada, a personalidade do próximo.

Tal fenômeno não pode surpreender, porque vemos que ele não é excepcional na natureza, onde existe este princípio de dependência e subordinação de um elemento em função de outro, de tipo complementar, sem que isso signifique a sua diminuição, mas somente a sua complementação. Vemos,

assim, que os planetas giram à volta do sol, os elétrons em torno do núcleo do átomo, as nações mais débeis em redor das mais potentes, os subordinados à volta do seu chefe, a fêmea em torno do macho etc. Em todos os casos, verifica-se sempre o mesmo fenômeno, pelo qual, logo que surge um indivíduo de tipo centro, dispõem-se ao redor dele e se põem com ele a funcionar aqueles que lhe são complementares. Esta é uma técnica que a vida adota para coordenar os seus movimentos e organizar os elementos menores em unidades coletivas maiores. Ora, é natural que também o evoluído seja envolvido nesta técnica e que a siga, pondo-se a operar em relação a um centro proporcionado ao seu tipo de evoluído, isto é, uma fonte espiritual situada acima do plano humano.

Forma-se um elo de relações, como um acasalamento entre o elemento periférico e o central, com recíprocas funções, integrando-as. Não podemos aqui aprofundar o estudo desta técnica, que, neste momento, observamos só para explicar o caso tomado em exame. Tudo isso sucede de forma espontânea e automática, em obediência a determinadas leis. Querer violá-las, falsificando e usurpando posições que não correspondem à verdadeira natureza do indivíduo que as ocupa, é loucura que somente a inconsciência do involuído pode julgar realizável. Tal acasalamento é tanto mais livre e consciente quanto mais evolutivamente se sobe. Nos planos superiores, ele se alcança por consentimento recíproco e depois implica a observância dos compromissos que cada um tomou em relação ao outro, conforme a própria natureza e posição, como fazem o pai e a mãe, segundo a parte que a cada um respeita no trabalho comum de formar uma família. Como neste caso, constitui-se, então, um círculo fechado, baseado na cooperação, defendido pelo dever da recíproca fidelidade, sem promiscuidade de relações estranhas. Nestas uniões espirituais tal situação de exclusividade é imposta pela necessidade de coordenar o trabalho comum e de construir um único sistema de forças.

Nos contatos espirituais, tal exclusividade é necessária também, porque a passagem de outra personalidade através da que recebe deixa sempre vestígios. Daí a necessidade de que a fonte seja pura, bem individualizada e que fiquem fechadas as portas ao ingresso de quaisquer outras entidades desconhecidas que não se tenham joeirado e livremente escolhido. Em suma, a casa de nosso espírito não se pode deixar aberta a todos. A posição da mulher é sã e honesta, quando ela se oferece no matrimônio para formar uma família, e não quando introduz na sua intimidade qualquer macho que queira dispor dela. Deste modo a casa torna-se uma estrada suja por onde passam todos, mas impossível de ser habitada. Então, o contato é provisório e estéril, dele não nasce coisa alguma, além de um fugaz prazer, e não se chega a nenhuma construção espiritual como fruto da união. Não se forma o sistema centro-periférico, e tudo se dispersa sem fecundação nem criação. A vida repudia esses namoros vazios que não servem para os seus fins. Desse trabalho, de fato, não nasce um fruto orgânico, mas apenas detritos de pensamento, células espalhadas; não se gera um filho completo, feito para crescer e viver.

Eram necessárias essas premissas para compreender o nosso caso. Podemos, assim, entender como o fenômeno se produz pela conjunção de três elementos. Então, a Obra resulta constituída pela fusão dos seguintes termos:

1) A fonte de pensamento, ou fonte inspirativa, ou centro irradiante, isto é, o ponto de origem do fenômeno, o elemento positivo, ativo, dinamizante, fecundador, iniciador do movimento, situado no plano espiritual.

2) O ser humano a ele subordinado, funcionando como instrumento de recepção, mas em posição de colaborador livre e consciente que a ele se liga por adesão espontânea para cumprir o mesmo trabalho, embora de forma complementar. Este funciona como canal na descida de princípios ideais, para dar a sua expressão no plano humano. Para fazer isso ele deve receber, e também captar, pensar, interpretar, traduzir, fazer tudo o que é necessário para executar a parte do trabalho que lhe compete. Neste sentido ele é fecundado, mas não passivamente; antes é um elemento cooperador complementar do primeiro na execução da mesma Obra, ainda que seja em posição subordinada. Assim, o elemento que está no alto se abaixa, enquanto aquele que está embaixo se eleva, até se encontrarem e se fundirem num mesmo circuito. Disto se vê que a importância do fenômeno reside no seu aspecto evolutivo mais do que no telepático, que não é senão um meio para alcançar o fim maior da vida, que é a evolução, neste caso, a do elemento humano cooperador. Trata-se, de fato, como referimos acima, de uma aproximação entre dois níveis evolutivos diferentes para estabelecer uma comunicação que se resolva num curso de espiritualidade que fatalmente tende a fazer subir a parte inferior.

3) A Obra é o terceiro termo, que resulta da fusão dos dois mencionados elementos em um mesmo circuito; é a criatura espiritual gerada da união espiritual, o filho dela nascido, ao qual o primeiro termo deu a alma e o segundo o corpo, revestindo-o de uma forma no plano sensório humano.

Como se vê, o modelo da gênese, também, neste caso, é trino, como o é no da criação universal,

no qual temos os seguintes termos:

1) A centelha do pensamento criador. 2) A ação que realiza a gênese, dando-lhe forma. 3) a Obra criada resultante da cooperação dos dois primeiros elementos.

Isto corresponde à natureza trifásica do universo: 1) Espírito. 2) Energia. 3) Matéria, em que se projeta a Trindade máxima: 1) Espírito, 2) Pai, 3) Filho.

Este fato não é para admirar num universo funcionando por tipos ou modelos fundamentais, repetidos em todas as alturas e dimensões. Depois destas observações, podemos compreender qual é a técnica da gênese de nossa Obra. No seu início as ***Mensagens Espirituais*** bem como ***A Grande Síntese*** representam a primeira manifestação de uma forma de contato no qual o receptor é em grande parte passivo e em que é outra individualidade que fala. Mas depois, rapidamente e, cada vez mais, nos escritos sucessivos, esse receptor se transforma em elemento ativo, abandonando o método receptivo para assumir o de colaborador que capta e interpreta. Neste momento, desaparecida a forma mediúnica inconsciente e passiva, quando o fenômeno assim se desenvolvia na sua plenitude, preenchendo a sua função fundamental, ele deixou de interessar ao Espiritismo, porque foram ultrapassados os seus limites de forma.

Este processo foi preparado por duas provas no período que vai dos 25 aos 45 anos do autor. Superada esta fase de maturação, despedaça-se o diafragma que dividia os dois termos e com as "Mensagens" se estabelece o primeiro contato. Neste instante aparece o voto de pobreza, necessário para que aquele contato pudesse fixar-se com estabilidade, rompendo toda a ligação com o mundo. Vê-se logo a importância desta decisiva tomada de posição perante todo o desenvolvimento do fenômeno. Como conseqüência desta sua primeira fase, como se referiu no final do Cap. 1 deste volume, foi traçado, na primavera de 1932, o plano de trabalho do qual depois nasceu a Obra. Naquela ocasião foi livremente fixado um compromisso de ambos os lados, com recíproco pacto de fidelidade. O centro irradiante, se bem que superior, desejava respeitar totalmente a liberdade do instrumento, oferecendo apenas e não impondo o referido trabalho, condicionando-o a uma espontânea aceitação. *(**Grandes Mensagens*** - vol. 1).

A gestação da Obra durou quase quarenta anos, e o feto se formou e nasceu. E neste momento que queremos aqui orientar-nos para compreender o que sucedeu. Tudo foi previsto há muito tempo, quando não era possível sê-lo, e se realizou segundo um processo lógico, desenvolvendo-se harmonicamente, com proporções de períodos de tempo e de meios adaptados ao fim, de modo que não se pode deixar de reconhecer, escondida na profundidade do fenômeno, a presença de uma inteligência diretora. E a constatação da existência de um plano preposto à sua execução, o qual se desenvolveu depois com regularidade, é a observação, agora já depois dos fatos consumados, de toda a arquitetura do fenômeno concebido e depois realizado em forma musicalmente rítmica, é a realidade desses fatos que nos impõe chegar a tão surpreendentes conclusões.

Tal compreensão do fenômeno, através da visão do seu passado, é importante, porque nos leva ao conhecimento do significado da Obra, como da sua posição atual e seus prováveis desenvolvimentos. O processo que aqui vemos em ação é um caso particular da descida dos ideais à Terra, o qual estudamos no volume anterior que tem este titulo. Com a técnica que aqui examinamos, neste caso uma idéia de um plano superior desceu ao mundo, formalizando-se numa Obra escrita. Ainda mesmo no estado de pensamento somente escrito e não vivido, ela é já uma criatura completa, um organismo que funciona, move-se, vive, quer viver e por isso nasceu para continuar a existir no mundo. A Obra é de tipo crístico, evangélico, como é a fonte da qual deriva, mesmo que depois tenha de se vestir de forma racional e científica para poder ser aceita no mundo. Esta criatura, assim nascida, tem agora uma personalidade bem definida e, conforme sua natureza, começa a sua peregrinação na Terra. Deste fato resultam algumas conseqüências.

Trata-se de um sistema conceitual, amplamente explicado nos seus detalhes até às suas conclusões. Disto se vê que não há necessidade de interpretações que lhe alterem o sentido para adaptá-lo aos interesses de um grupo, seja qual for, como se costuma fazer em nosso mundo. A Obra se estendeu até à sua atual amplitude, precisamente para que pudesse também conter a sua interpretação.

A técnica da gênese da Obra nos mostra que ela <u>é</u> completa nos seus limites estabelecidos, pelo que, uma vez chegada à sua última palavra, ela se fecha, o fenômeno da comunicação telepática se detém, a fonte inspirativa emudece e, tendo o seu canal exaurido a sua tarefa, a transmissão se interrompe e se cala definitivamente. A criatura nasceu, <u>é</u> agora um ser vivo a cujo organismo não se podem mais acrescentar modificações. Ele é defendido pelas forças do Alto que reagirão contra qualquer atentado em tal sentido. A responsabilidade e as conseqüências recairão sobre quem o perpetrar. Com a Obra o

instrumento humano esgota toda a sua função. Não há, portanto, nada a modificar, acrescentar ou retirai àquilo que já está escrito e que permanece tal. O seu caminho leva agora, fatalmente, aquele instrumento para longe da Terra, na qual, por mais de oitenta anos, sofreu e trabalhou bastante. É lógico que ele se dirija para o outro termo com o qual se ligou, agora já definitivamente. Segue-se daí que qualquer chamada por via mediúnica será inútil, que qualquer comunicação obtida desse modo será ilusão um desabafo incontrolado do subconsciente do médium, mesmo que de boa-fé. Dizemos isto claramente neste livro para que fique escrito, a fim de evitar qualquer equívoco. Dado que o exato escopo de todo o processo foi a criação da Obra, uma vez alcançado, é lógico que o fenômeno deva se fechar, assim como se encerra toda a atividade genética quando nasce a criatura que foi gerada. É natural que, uma vez dito aquilo que se deve dizer, emudeça-se. Seria absurdo voltar a falar em outro lutar e época pela boca de incompetentes, estranhos ao fenômeno, desordenadamente, contradizendo os princípios de harmonia e organicidade observados tão rigidamente em toda a Obra.

Com isso esclarecemos a posição dos dois elementos: fonte inspirativa e seu instrumento humano. Falta agora, no momento de conclusão da Obra, estabelecer qual é na Terra a situação deste fruto derivado da sua fusão, o terceiro termo que dela nasceu, cuja gênese agora se completou. Cessa o trabalho inspirativo, e os dois primeiros componentes desaparecem da cena. Resta só o seu produto no ambiente terrestre. Agora entra em ação um novo fator; o mundo, por sua vez ativo e em outra direção, aquele contra o qual Cristo tão energicamente se declarou De agora em diante, a execução do trabalho não depende mais dos três termos, fonte, instrumento e Obra, mas se compõe só de dois: a Obra e o mundo.

Observemos o que acontece. Explicamos no citado volume anterior o fenômeno da descida dos ideais. Estes representam novas perspectivas biológicas, antecipações de evolução, tentativas de realizações futuras lançadas em frente para explorar o desconhecido e preparar-se para entrar em mais altos planos de evolução. Trata-se de projetos de tipos de existência mais adiantada, descidos daqueles planos, como sucedeu para cada verdade revelada. O nosso mundo vive em outro nível, mais baixo, regulado por leis mais vizinhas da animalidade. No referido volume, observamos como o mundo reage contra estes impulsos ascensionais, seja rebelando-se abertamente contra eles, seja torcendo-os para os adaptar às suas próprias comodidades. Então, o ideal, ao descer à Terra, se encontra subitamente perante um inimigo que, em vez de aceitá-lo, procura destruí-lo ou explorá-lo. Isto porque esse mesmo ideal exige um fatigante esforço ascensional que o involuído não tem nenhuma vontade de realizar. Daí ser o ideal assediado por um inimigo, também porque nega as leis daquele nível inferior de vida e se propõe a substitui-lo. Os objetivos são opostos. O ideal quer, à custa de sacrifícios, a evolução em direção ao espírito; o mundo deseja, para satisfazer os seus próprios interesses e prazeres, ficar onde está. Assim, a primeira coisa que a Obra encontra na Terra é o choque com o mundo. Neste momento, o fenômeno que vimos até agora desenvolver-se de determinada forma toma outra, a de luta entre aqueles, que agora são os seus dois elementos constitutivos: o ideal e o mundo.

No fundo, trata-se do mesmo processo de antes, que continua, porque é a Obra que, na sua forma escrita, toma o lugar da fonte inspirativa da qual contém o pensamento que nela se fixou, enquanto a humanidade receptora assume o lugar do instrumento registrador. Como acontecia no caso precedente — para a fonte de pensamento e a Obra — agora esta funciona como elemento fecundador, enquanto a humanidade é o termo fecundado. Como no caso anterior, eles devem combinar-se, desta vez com o objetivo não de elevar um indivíduo e produzir uma Obra, porém de oferecer uma contribuição para arrastar para o Alto o ser humano e criar um mundo mais adiantado. O resultado da primeira fase do processo era a Obra; o da segunda é um novo tipo de vida mais civilizada. Há, contudo, uma diferença: se mesmo neste caso a oferta respeita a liberdade do receptor, como acontece por parte da fonte inspirativa perante o seu instrumento — e, portanto, o mundo é livre de aceitar ou não — esta espontaneidade de adesão não existe por parte deste, de tal modo que o fenômeno toma, ao contrário, a forma de choque e de luta. É natural que tal descida encontre essas resistências, maiores que no caso precedente da criação da Obra, porque agora o Alto deve descer até enxertar na matéria. Ora, a primeira fonte não deve apenas revestir-se, como no caso da Obra, de uma forma de pensamento, mas tomar corpo no plano concreto da vida humana; deve penetrar nela para vivificá-la com um novo sopro espiritual.

Se estas resistências terrenas, como a maior profundidade de desnível a superar na descida, representam o aspecto negativo do fenômeno, há, todavia, nele também a parte positiva. Está constituída pela filiação do primeiro elemento genético de todo o processo. qual seja o centro irradiante, seu ponto de origem, como já dissemos, por sua natureza positivo-ativa dinamizante, fecundadora e iniciadora do movimento, porque situado num plano espiritual mais elevado, mais potente do que nos níveis evolutivos inferiores, que não podem deixar de lhe ficar sujeitos.

Ora, esta positividade é uma das características fundamentais da Obra e constitui a sua força no ambiente humano, que se mostra negativa em relação a ela. De fato, ela existe como afirmação, sem luta e agressividade. O mundo existe, pelo contrário, como revolta, feita de embate e violência. A primeira é simplesmente construtiva, sem impulsos negativos. O segundo é destrutivo, impregnado de negatividade. A primeira se manifesta como oferta, como uma dádiva gratuita que respeita a liberdade do próximo. O segundo, na sua posição de receptor, se rebela para não aceitar, tentando sujeitar e explorar o doador. O próprio fato de ser mais evoluído significa estar mais próximo do S, que é positivo, portanto possuir maior dose de positividade; como, ao contrário, o fato de ser mais involuído quer dizer estar mais próximo do AS, que é negativo, logo conter maior grau de negatividade. Tudo isso está escrito nas leis da vida, e cada coisa. não obstante todas as resistências, só pode terminar por colocar-se no ponto que a espera, conforme a sua natureza e o seu real valor, porque é isto que estabelece a função que ela deve realizar na fenomenologia universal e, nesta, a sua relativa posição.

Para quem compreende e aceita esta realidade não faz sentido falar de superioridade ou inferioridade. Tal valorização dos referidos conceitos em sentido humano pode aparecer somente no plano onde funciona a forma mental da luta, violência, orgulho de vencer, idéias que não têm mais sentido, logo que se supere este nível. A Obra está fora disso. Por este motivo ela apresenta-se apenas como afirmação de verdades, não como agressão para demolir outros sistemas. Se há debates, é só para oferecer melhoramentos, não para mostrar uma superioridade terrena qualquer. Em nossos livros usamos freqüentemente as palavras, evoluído e involuído. Seja qual for o modo com que o leitor as queira entender, elas não são usadas com nenhum sentido de orgulhosa superioridade para dominar. ou de humilhante inferioridade que subordina. De fato, todas as posições são relativas, e, ao longo da escala da evolução, não há quem não tenha um seu superior e um seu inferior. Além disso, quanto mais se sobe, tanto mais se afirma o Amor, o princípio da unificação, qualidade do S, o que faz a superioridade consistir num dever de ajuda em relação aos inferiores, infelizmente, porém, quanto mais se desce, tanto mais domina o egoísmo e a rivalidade, o princípio separatista, qualidade do AS, o que faz conceituar a superioridade como domínio que subordina e esmaga os inferiores. Assim se explica por que, em nosso mundo, possa nascer a idéia de que à distinção entre evoluído e involuído corresponda um sentido de orgulhosa superioridade.

Estas observações mostram-nos quais os tipos de forças que entram em luta no fenômeno da descida dos ideais na Terra, do qual a Obra, cujas vicissitudes estamos estudando, não é senão um caso. O que sucede quando, nesta descida, o evoluído entra em contato com o involuído? Como vimos no caso da oferta, o elemento superior é levado, pela sua natureza, a colocar-se a serviço do inferior. Mas em que forma pode fazê-lo? Além de o educar, convida-o a evoluir, porque nisso consiste o seu verdadeiro bem. Entretanto, o involuído o entende ao contrário. Ele não quer de fato ser educado, a fim de subir, em seu próprio benefício; prefere dominar o evoluído para colocá-lo a serviço da sua involução. Então, as relações entre os dois não podem ser senão de luta, sem possibilidade de compreensão e colaboração, tendentes à violência. Neste caso, só se podem verificar duas posições: 1) o evoluído desce ao mesmo nível do involuído e põe-se a travar a luta terrena, até que um dos dois submeta o outro; 2) se o evoluído não se rebaixar a fazer isso, ensina com a palavra e com o exemplo e, depois, para não entrar em luta com o involuído, deixa-se eliminar e vai viver no céu. Este é o caso de Cristo, que rejeitou o reino terreno que os hebreus lhe ofereciam e aceitou ser rei apenas nos domínios de Deus. O caso oposto é o do que entra em luta no plano terreno, procurando utilizar o ideal para satisfazer os seus próprios interesses O método mais fácil e usado é o da hipocrisia, explorando a boa-fé dos honestos. O involuído se veste de evoluído e, mascarado, trava a luta do involuído. É assim que na Terra se usa o ideal pelo avesso. O sacrifício para elevar-se transforma-se em hipocrisia para explorar Quisemos esclarecer estes pontos para mostrar o que esperava a Obra no seu primeiro contato com o mundo e o que ela teria encontrado ao descer para se realizar Mas, antes de observar estas suas novas vicissitudes, para melhor lhe compreender o significado, focalizemos outros aspectos do fenômeno, analisando a natureza e os movimentos das forças que neste caso encontramos em ação.

Falamos acima de positividade da Obra. Ela é sobretudo afirmativa Diz: "Os fenômenos funcionam de tal modo; observem-nos; isto corresponde à realidade; eis aí as provas". Esta positividade coloca a Obra em uma posição central, porque, dada a sua natureza e qualidade, esta é a situação que a espera, e outra não poderia ser A sua natureza lhe advém da fonte que a gerou, das virtudes do seu centro irradiante, que vimos ser positivo, ativo, dinamizante, fecundador, iniciador de movimentos. Estes atributos tornaram-se assim os da Obra, e são eles que lhe conferem e, automaticamente, a fazem assumir uma posição central.

Até agora ela não se havia podido definir, porque tudo isso não tinha aparecido, dado que a Obra não tinha ainda nascido. Na fase de gestação ela necessita de paz e silêncio, porque o trabalho era interior e profundo e devia ser protegido de intromissões por parte de estranhos, inconscientes a seu respeito. Era necessário que apenas poucos compreendessem para que muitos não perturbassem, dados os seus instintos agressivos, ficando desviados para outras miragens. Assim, o instrumento pôde trabalhar afastado, e a Obra, permanecendo no terreno teórico, ideal, de exposição, que não toca em interesses concretos, deixou a maioria indiferente. Esta julgou tratar-se apenas de inócuos exercícios filosóficos. Essa incompreensão foi uma defesa necessária no período de formação da nova criatura.

Aconteceu depois que esses conceitos chegaram a formar um corpo em uma Obra completa, e esta, por ter assim tomado configuração, tornou-se visível na Terra, tanto mais que entrou na sua fase de realização. Nesse momento, ficando perceptível com novo impulso em ação para penetrar no terreno humano, era natural que ele, como as outras forças neste campo presentes, se tivesse dirigido para tomar a posição que a cada um espera, conforme sua própria natureza. Isto porque de agora em diante os conceitos da Obra não são mais apenas afirmação teórica, mas se tornaram forças em ação para as quais surge a necessidade de definir atitudes. Entre as forcas da Obra e as do ambiente, nasce o choque para decidir: se devem repelir-se para se afastarem, ou se para chegar a uma coordenação de movimentos que reciprocamente as disciplinem urnas em função das outras. De fato, ao aparecerem estes impulsos, cada um dos outros reage a seu modo, uns rebelando-se contra o intruso e outros concordando, sentindo-se atraídos. No primeiro caso, a centralidade da Obra manifesta-se com efeitos negativos; no segundo, com resultados positivos. Então, em vez de causar dispersão, centraliza, porque leva os outros elementos a se aproximarem dela. Sucede que eles são incluídos no seu campo de ação e nele se dispõem em posição periférica em relação ao centro em torno do qual começam a girar.

Como se vê, tudo se desenvolve por concatenação lógica, desde a primeira fase de todo o processo, estabelecida pela sua origem inspirativa, da qual depois tudo derivou. É essa fundamental qualidade da Obra que fixa esta sua centralidade com todas as suas conseqüências. Desta sua primeira tomada de posição se desce depois por graus até à atual, na qual as relações entre centro e os outros elementos podem ser de dois tipos, isto é:

a) Se estes são já de natureza central, são levados a resistir contra este novo impulso rival. Então, ou travam a luta para submeter e absorver o novo elemento como subordinado na própria órbita, ou, se não o conseguem, procuram destruí-lo, paralisá-lo, repeli-lo

b) Se os elementos do ambiente são de natureza periférica, eles são levados a introduzir-se em situação subordinada na órbita do novo centro, por ele atraídos, para lhe girar em torno e formar com ele um sistema de forças do tipo supracitado, como sol-planetas, núcleo-elétrons, macho-fêmea, governo-povo etc. Tudo isso ocorre conforme um modelo único, que vemos repetido em todos os campos. Esta disposição em sistema circular centro-periférico, segundo o próprio sinal positivo e negativo, assumindo um movimento rotatório, é lei geral pela qual cada elemento, consoante a sua natureza, de sol ou planeta, automaticamente se coloca na única atitude que lhe é adaptada: ou de centro, ou de periferia.

Tudo isso acontece sem que o executante seja consciente destes seus movimentos e lhes compreenda o significado. E não pode ser de outro modo, porque esta é a lei do fenômeno: fundir-se em um sistema rotatório, se os sinais são opostos; ou se repelirem, se os elementos são do mesmo sinal. Isto, de fato, foi o que se verificou com a Obra nos seus primeiros contatos com os outros centros de sistemas que ela encontrou no seu caminho. Com eles ocorreu logo o choque. Isto prova que a Obra é centro, que esta e a posição estabelecida pela sua natureza Foi assim que o Catolicismo, porque mais forte, armado da sua autoridade, súbita e definitivamente liquidou a Obra, repelindo-a com a condenação do Index O Espiritismo brasileiro procurou introduzi-la na sua órbita, aceitando a como satélite, absorvendo-a como uma contribuição. Depois alguns tendo-se dado conta do perigo de assumir a posição de satélite, ou, pelo menos, que parte dos seus planetas abandonassem a velha órbita para entrar na nova, rejeitaram também toda a oferta de colaboração. É exatamente esta reação de repulsa, esta recusa de aproximação por parte de outros centros, a maior prova de que a Obra centraliza uma idéia, isto é, um termo que não pode, por natureza, assumir posição de complementaridade perante outras idéias.

Isto se prova também por outro fato em sentido oposto: a Obra já está funcionando como centro, na medida em que já atrai vários elementos de tipo periférico que se puseram a girar à sua volta. Com isso ela manifesta que a sua natureza é de tipo positivo. De fato, ela é viva, dinâmica, cheia de pensamentos e de germes fecundadores, toca à mente e ao coração, agita, sacode, atrai. Não se consegue sepultá-la no silêncio. É necessário de qualquer modo reagir e tomar posição: ou se repele, ou se aceita. Não se pode ficar indiferente. Disto se pode deduzir qual seja o seu destino.

Esses movimentos no princípio são desordenados, como o é a fase caótica da primeira formação de qualquer sistema de forças, ate que ele não se discipline, se fixe em órbitas exatas e seja construído em forma orgânica. A idéia é livre, mas a matéria é presa. E quando a idéia desce à matéria, deve enquadrar-se dentro das normas impostas pela Lei. O dever de obedecer-lhe, quanto mais se sobe para o S, tanto mais é confiado à consciência do ser. Mas quanto mais se desce para o AS tanto mais constitui coerção determinística. Isto porque os elementos do S são criaturas conscientes da ordem, obedecendo espontaneamente à Lei, enquanto as do AS são seres inconscientes na revolta, rebeldes à Lei. Esse estado de coerção é devido somente ao desejo de revolta. Afastada esta, ele não tem mais razão de existir. Quando um cidadão é consciente dos seus deveres e espontaneamente os cumpre, não há mais motivo para que sejam impostos por coação policialesca. Dado o seu tipo, as forças que constituem o fenômeno não podem alcançar outras posições.

Vivemos num universo onde o movimento de cada força, seja no plano físico, seja no espiritual, é regulado por leis, sendo utilizado para cumprir a sua própria função, para a qual é mais adaptado. Assim, cada elemento tende a realizar os movimentos necessários, a fim de colocar-se no posto que, segundo as suas qualidades, o espera no organismo universal. Então, ai de nós quando surge inimizade entre centro e periferia, entre sol e satélites, os elementos dependentes se sentem traídos pelo chefe que não cumpre mais a sua atividade vital a favor deles, aquela que lhe compete executar como centro do sistema. Quando um chefe deixa de exercer as suas atribuições para o bem do seu povo, este se rebela e o liquida. Cai o liame que mantém unido o sistema e este se desfaz Cada posição permanece estável e pode resistir enquanto representa o cumprimento de uma função. Isto aconteceu com a Revolução Francesa e ocorre todas as vezes que a classe dominante vive à custa do país. Isto sucedeu no fim da última guerra, quando as nações vencidas se rebelaram contra os seus chefes, para se libertarem de centros de sistemas que, com a derrota, de positivos se haviam transformado em negativos. Fizemos estas alusões em campos afins para mostrar que as leis às quais a Obra está sujeita são universais e não limitadas somente a este caso particular.

XV

O CALVÁRIO DE UM IDEALISTA

Nestas pesquisas permanecemos no terreno positivo. A evolução é um fato aceito. Que ela caminha em direção à espiritualidade é uma verdade amplamente demonstrada. O conceito de evolução implica no de vários planos biológicos e a possibilidade da existência de seres mais ou menos adiantados, situados nesses níveis. É lógico que quanto mais se sobe, tanto mais eles se tornam seres pensantes e que aumente o seu conhecimento em proporção ao seu grau de evolução.

Em nosso ambiente terrestre, é conhecida a telepatia. Não há razão para que tal fenômeno de transmissão do pensamento não se deva verificar também fora do restrito campo terreno no qual o vemos funcionar. Não se pode negar "a priori" a possibilidade de uma comunicação telepática entre seres pensantes situados em diversos planos de evolução.

Tal hipótese é corroborada pelo fato de que este processo se demonstra útil aos fins da evolução, que se aproveitaria da inteligência e conhecimento conquistados pelos mais avançados para colocá-los, —- com a finalidade de ensinamento e como guia de orientação, — no nível e à disposição dos menos avançados. Outra confirmação é que na Terra é conhecido — e historicamente tem funcionado — o fenômeno da intuição, da inspiração profética, tanto que delas derivou a revelação, acontecimento espiritual de tal importância que constitui as bases das nossas religiões, nas quais é Deus quem fala. Quando se diz que estas vozes descem do Alto entende-se que provêm de seres situados em superiores planos de existência, de pleno acordo com a teoria da evolução. Este tipo de transmissão telepática, que aqui estamos observando a propósito da Obra, já existe, portanto, nos hábitos de nosso mundo espiritual. Assistimos finalmente ao fato de que a ciência está utilizando largamente tal sistema de transmissão por radiação, com a televisão, as transmissões de imagens da lua, o rádio etc. Mais tarde a transmissão do

pensamento como energia radiante será fato positivamente averiguado.

Do conjunto destas constatações se deduz não ser absurdo pensar que a vida utilize também o meio de transmissão telepática para realizar, dessa forma, o fenômeno da evolução, para ela importantíssimo, com a técnica da descida dos ideais aqui examinada.

Foi neste sentido que falamos da Obra-centro, isto é, como meio de evolução e tentativa daquela descida de ideais. Mas, se quisermos ou não admitir as suas origens super-normais, permanecerá o fato positivo da existência desta Obra e das soluções que ela oferece para muitos problemas do conhecimento que até agora eram insolúveis. Este já é um resultado que a torna útil conforme os fins a que ela se propõe. Aqui desejamos esclarecer que por Obra-centro entendemos: centro apenas como sistema conceitual e espiritual, não o sendo, em sentido algum, o instrumento terreno que a compilou. Aliás, esta sua posição de nulidade perante o valor da Obra, a sua firme vontade de não se fazer chefe terreno de nenhum grupo humano e de seus interesses foram muitas vezes declarados (cfr. Vol. **Profecias**, "Gênese e Origem da Segunda Obra"). para que não pudessem surgir quaisquer dúvidas a este respeito. Tivemos de insistir neste conceito, porque esta superioridade, toda espiritual e impessoal da Obra, valorizada sobretudo por ser posta a serviço dos outros, foi muitas vezes entendida como uma afirmação de supremacia humana individual por parte do instrumento Assim, ele foi condenado por alguns, que deram prova de não ter compreendido coisa alguma do que, efetivamente, estava acontecendo.

Infelizmente, cada um não tem outro meio para julgar, senão a forma mental que possui, conforme o seu nível evolutivo e dela é difícil sair. É natural: quem pensa de certa maneira vê tudo com sua ótica, mesmo que não corresponda de fato à realidade O que vemos não depende somente do objeto observado, mas dos olhos que usamos para observá-lo. Neste caso existe um centro de tipo espiritual em cujo campo de forças se puseram a girar elementos de sinal oposto. Mas os olhos comuns não vêem as coisas espirituais senão enquanto revestidas de forma material. Neste caso tal forma era representada pelo instrumento humano daquele centro. Trocaram-no pelo centro, enquanto este era somente a Obra; confundiram-no com a idéia e começaram a circular em volta dele, como se ele, e não a idéia, fosse o centro, como se a veste fosse a pessoa, o tradutor fosse o autor, ou o meio de expressão constituísse o conceito expresso. Tínhamos, assim, uma situação completamente invertida. Outra coisa ainda: os elementos periféricos não podiam fazer, porque não tinham olhos para ver a idéia, mas somente a sua forma.

Assim aconteceu: o ponto em volta do qual se movimentaram não era um centro. mas pseudocentro. Como cidadãos do AS não podiam ver as coisas senão pelo avesso e procurar inverter o centro espiritual, concebendo-o como matéria, conforme a sua forma mental. Atribuíram-lhe as características do plano humano, como egoísmo, avidez de domínio e semelhantes. Eis a que erros se pode chegar julgando as coisas do espírito com a psicologia corrente. Assim, se deixou de observar o fenômeno principal de natureza espiritual, como também se deu mais atenção à parte menos importante, em detrimento do próprio fenômeno. Somente a uma parte de sua manifestação, e deste modo observada, foram atribuídas as características que eles estão habituados a perceber.

Trata-se de uma visão sem muita profundidade. Esboça-se. então, o movimento rotatório. Mas ele não é senão o desordenado amontoar das borboletas em torno da luz, da gente atraída pelo barulho, isto é, um agrupamento caótico, que não se organiza e estabiliza num sistema. Isto pode verificar-se somente ao redor de um verdadeiro centro por parte de elementos que tenham olhos para vê-lo e mente para compreendê-lo. Assim se explica este mal-entendido. Ele é natural no caso da descida dos ideais, porque se trata do abaixamento de um nível evolutivo superior até outro inferior. E o que está mais em baixo é incapaz de compreender o que se encontra mais em cima. O remédio é um só: ver a parte espiritual em lugar da material e pôr-se ordenadamente a girar à volta do verdadeiro centro no plano espiritual, em vez de o fazer desordenadamente em torno de um pseudocentro no plano material. Procurar, então, a potência no espírito e não nos meios humanos. Este é e segredo da força.

Da natureza dos elementos do fenômeno deriva outro mal-entendido, dado pela mesma incapacidade de compreender. Como alguns puderam ver na afirmação espiritual da Obra uma vontade de determinação terrena por parte do seu instrumento, assim a atual oferta da Obra pode ser entendida em sentido material e não espiritual, não como a dádiva de uma idéia para assimilar, a fim de melhorar o próprio tipo biológico, colocando-se evolutivamente mais no alto não como uma oferta espiritual, mas como uma cessão de propriedade e de direitos de exploração de uma idéia para extrair-lhe vantagens materiais: uma utilidade concreta. No entanto, na conferência fala-se de herdeiros espirituais e de oferta simbólica Mesmo neste caso o mal-entendido pode ser completo, dependendo igualmente da diversa forma mental usada na maneira de julgar. Dada a natureza dos elementos em campo, não podia acontecer

de outra forma. Aqui, não podemos senão fazer constatações, embora necessárias, para compreender o desenvolvimento do fenômeno e vivê-lo sob sua orientação, conhecendo-lhe o funcionamento e, deste modo, prever os seus futuros desenvolvimentos. Pode-se, neste caso., controlar experimentalmente o modo pelo qual se verifica o fenômeno da descida dos ideais.

Estamos no momento em que o míssil desce em direção à Terra, entra na atmosfera e se incendeia. Encontramo-nos na última fase do fenômeno, no plano humano, onde se trava a luta pela sucessão. Então, não há mais Cristo, mas o papado e o Vaticano, que lutam para conquistar e manter o poder; não existe mais o santo, mas a ordem religiosa, que em seu nome administra a vida de uma comunidade. Ao iniciador se substitui o grupo dos seguidores, que o utilizam para os seus próprios fins. Termina o trabalho no plano espiritual e em seu lugar aparece a administração, a burocracia, entrando-se na fase da autoridade, das leis e regulamentos, da adaptação à realidade material. A idéia materializa-se de forma concreta, com templos, obras, instituições etc. Porque agora desceu à Terra. ela deve tomar um corpo, mas como faz a alma em nosso organismo animal. Começa a exploração, a degradação, até que, pelo uso da idéia, se consome a pureza do seu impulso de origem; corrompe-se e torna-se inutilizável pela série das adaptações que a torceram, ficando agora sepultada sob as superestruturas humanas. Neste momento, desce ao mundo outra idéia para recomeçar desde o princípio, percorrendo o mesmo caminho, cumprindo-se a mesma função, e assim por diante, em ondas sucessivas, operando na humanidade uma transformação em sentido evolutivo.

Esta descida é como a queda de uma estrela luminosa que se projeta nas águas do oceano. O momento que aqui observamos é o dessa queda. À idéia se substitui o grupo que a representa. Este a incorpora, e ela passa a ser o grupo, que é o seu corpo humano. Esta é a primeira fase de sua realização na Terra, e nela agora nos encontramos no caso tomado em exame. Estamos no mundo, no pólo oposto ao do ideal; estamos em baixo, onde reinam, em vez de obediência e ordem, a revolta e a desordem. Assim, a primeira necessidade que surge ao descer a este plano é formar e defender um centro de disciplina e de ordem. Para que seja possível um regime de liberdade, é necessário o estado de consciência e coordenação próprios níveis mais evoluídos. Num ambiente de insubordinação egocêntrica, a liberdade é anarquia, conduzindo à dispersão e à destruição. Em nosso planeta dada a sua natureza, surge subitamente a necessidade de impor a ordem com uma regra. E por isso que a cada passo encontramos leis que traçam as normas de conduta e se fazem valer por meio de sanções punitivas. Tendo em vista que o homem é naturalmente rebelde, levado a abusar de tudo, e preciso em primeiro lugar enquadrá-lo dentro dos limites exigidos pela ordem. Eis que, ao lado da lei, surge, subitamente, um seu sistema defensivo que lhe fecha as evasões e lhe garante a aplicação. Infelizmente, numa selva povoada de animais ferozes não se pode ir ao seu encontro de braços abertos para amá-los, mas faz-se mister estar armado e ameaça-los de morte, se não se quiser ser morto por eles. Esta é a lei de nosso meio, e a ela o ideal não pode deixar de se sujeitar,. se quiser civilizá-lo.

A descida de um ideal ao nosso plano inferior de vida constitui um retrocesso. Esse ideal deve ser fechado dentro dos estreitos horizontes de um mundo que nem sequer suspeita a existência de outros mais vastos, e cuja sapiência consiste em desfrutá-lo para fins terrenos, com a astúcia, que dele faz uma máscara para melhor enganar o próximo, assaltando-o para ser o vencedor. É com esta forma mental que o ideal se encontra constrangido a chocar-se. De fato, ele pretende iluminar e educar, mas se acha perante um mundo de rebeldes que lhe resistem, porque querem, ao contrário, impor o próprio eu. Eis porque o ideal, para não se destruir nem ficar prejudicado, deve armar-se de normas reguladoras que imponham a obediência através do meio de que dispõe o homem para melhor compreendê-lo. Nasce, assim, o inferno, a galera do espírito, semelhante àquela criada por nós, porque só assim o ideal civilizador pode sobreviver e funcionar em nosso inundo, onde a tendência é virá-lo pelo avesso para colocá-lo a seu serviço.

O ideal é um centro. Mas, para poder funcionar como tal em relação aos seus satélites, não pode deixar de levar em conta a natureza deles, que é a de um plano biológico inferior. Para que eles possam colocar-se na órbita daquele centro, é necessário um estímulo que os faça sentir-se no seu nível, impulso a eles adaptado e proporcionado. Aquilo que exige e mais apreciam é uma prova de força, porque para eles isto é o que mais vale e merece respeito. Este é o tipo de superioridade que eles compreendem, ou seja, não a inteligência ou a bondade mas a imposição do domador. Quem não possui, ou não usa estes meios, para eles não é forte, não vale, portanto não pode ser centro. Eis como nas religiões nasceu a idéia de um Deus armado de vingança contra os rebeldes. Não existe outro modo para fazer-se compreender por involuídos. Quem não usa tais expedientes é um indivíduo bom, isto é, um fraco, porque um tipo bom não é forte, não reage infligindo penas que fazem valer a sua vontade. Então, ele é escarnecido, como aconteceu com Cristo, que não quis reagir.

Na Terra, sem sanção punitiva, não há poder nem autoridade Para que serve a bondade em nosso mundo de luta senão para que nos aproveitemos dela, a fim de explorar o bem e submetê-lo? Ai do indivíduo que, em um momento de cansaço confiante, abandona-se aos braços do próximo. Encontrará, então, uma fileira de salvadores e libertadores que lhe retribuirão o abraço fraternal e amorosamente o espoliarão de tudo. A primeira coisa de que necessita um ideal ao descer à Terra é a sua defesa contra os assaltos da força da mentira, é a jaula da disciplina dentro da qual deve enquadrar direitos e deveres. O anjo, se quiser sobreviver em nosso mundo e nele trabalhar, deve induzir o homem a um regime de ordem, usando os meios à sua compreensão, isto é, os da Terra e não os do céu.

Apliquemos agora esses princípios gerais no caso particular de nosso protagonista. Hoje o autor terreno da Obra é velho, está terminando a sua missão e vai-se embora. Ofereceu ao mundo o fruto do seu trabalho. A Obra, por sua vez, se encontra em uma nova fase do seu caminho, diferente das precedentes, isto é, no momento em que o ideal desce à Terra e toma contato com um plano diverso do seu. Mas pela própria natureza do mundo, não se estranha que a oferta possa vir a ser entendida como um convite a dela se tomar posse, como uma simples aquisição em sentido material e não espiritual, podendo despertar uma cupidez bem terrena, como acontece quando surge uma herança, ou um lugar se torna vago e se abre a sucessão ao poder. É necessário imediatamente tudo definir e disciplinar, porque já não estamos no céu, mas na Terra. onde o mais urgente é estabelecer a ordem para evitar abusos.

Quem fez a Obra disse claramente que se tratava de uma oferta simbólica e de herdeiros espirituais, o que significa a dádiva de uma idéia e não uma cessão de negócios. Isto é evidente, porque os legítimos herdeiros neste sentido já existem. Este problema está portanto, automaticamente, por lei, já resolvido. Depois, uma vez que a Obra não é uma mercadoria — e a sua oferta foi espiritual — querer colocar o problema no terreno econômico e comercial significa, por parte dos que acabaram de chegar, deslocar a questão. Quando se dedica um livro a alguém, ao destinatário não cumpre por isso apossar-se da edição para fazer dela um negócio.

Não podíamos deixar de nos encontrar, também neste caso, perante a tentativa habitual, acima explicada, de emborcamento que se verifica, sempre que um ideal desce à Terra. No entanto, tudo isso foi previsto, e a nossa atitude anterior, diametralmente oposta, previu esses fatos. Portanto, o que aconteceu hoje não é novidade, mas foi há muito tempo definido na Obra, dado que faz parte da sua orientação geral. Desde um dos primeiros volumes da Obra, ***Ascese Mística*** (cfr. cap. XIII - Segunda Parte - "Minha Posição") já tinham sido expostos estes princípios diretivos. Quem tiver dúvidas pode reler aquele trecho. Estávamos então apenas no início de todo o trabalho. Depois o livro foi condenado pelo Índex, tribunal hoje desaparecido. Naquele capítulo foi dito: "Nenhuma posse (**. . . .**), nada que possa solicitar os baixos instintos e excitar a sempre demasiadamente rápida resposta dos inferiores instintos do homem comum; nenhum cheiro de dinheiro, que tanto atrai os ávidos e sórdidos mascarados (**. . . .**). Esta é a minha garantia (. .). Esta é a minha força em face do mundo".

Repetimos estas palavras, em 1955, na Introdução ao livro ***Profecias***, acrescentando: "Desejo que se compreenda claro e sem equívoco o meu método, que é de nunca procurar dinheiro, de nunca pedi-lo, de nunca organizar propaganda, comissões etc., para recolher dinheiro. Quem o fizer em meu nome, fá-lo sem o meu consentimento, contra a minha vontade e a seu risco e perigo". O tema foi retomado na conferência "O Nosso Caminho" (1957), na qual se diz: (**. . . .**), "devemos fugir da dependência dos bens materiais, porque a sua tendência é conduzir a Obra pela via dos enganos e, assim, da falência (**. . . .**), as grandes coisas fazem-se sem dinheiro (**. . .**), os meios materiais estão colocados no último lugar da Obra (**. . . .**), começa-se com uma grande propaganda e faz-se uma campanha para recolher fundos (**. . . .**), forma-se, assim, uma montanha de interesses individuais a quem tudo importa menos a Obra (**. . . .**), os que mais são atraídos pelo cheiro do dinheiro são os desonestos e os interesseiros (**. . . .**). Tudo o que fizemos com o nosso trabalho sem o barulho da propaganda, campanhas ou recolhimento de fundos". Por fim desenvolvemos amplamente este tema no volume: ***A Grande Batalha*** (1958).

Pode-se usar um regime de liberdade quando a disciplina é espontânea conseqüência de uma convicção de autocontrole. Só quando ela já existe interiormente, não é necessário que seja imposta do exterior. Mas, quando a disciplina interna não existe, a liberdade pode tornar-se abuso e por isso aquela disciplina deve ser invocada. Então, é necessária a exata definição dos direitos e deveres, e respectivas posições. Assim, não se pode admitir que os estranhos à Obra possam aproveitar-se da liberdade para substituir com as suas próprias finalidades, às da Obra e as dos seus legítimos herdeiros. Em primeiro lugar, seria preciso ter confiança nos novos elementos, a qual só se adquire dando-se prova de merecê-la.

Os atalhos para chegar mais rapidamente, sem fadiga, não constróem coisa alguma. É repetido e abusado nas religiões o método humano de se deslocarem as posições do plano espiritual para o

econômico e político, transformando-o, assim, num meio de domínio. É antigo o processo de administrar em nome do dono, para acabar apossando-se da sua autoridade e meios. É velha a indústria do santo, glorificado pelas suas virtudes e martírio, e depois utilizado como bandeira com a qual se esconde o prosperar dos interesses de um grupo de seguidores. Fenômeno humano de todos os tempos e lugares. A isto pode servir o ideal quando desce à Terra. Parece que, num ambiente de luta, não possa acontecer de outra maneira. A culpa está no baixo nível evolutivo de nosso meio humano. Esse é ainda o método vigente. Aqui, mesmo se por este motivo tivermos de ir contra a corrente, se for preciso lutar para não seguir tal processo, lutaremos, porque isso poderia acontecer com a Obra. Quem quiser levar a sério o que é do céu não pode deixar de se encontrar fora do trilho sobre o qual caminham as coisas da Terra. Mas esta revolta contra o mundo, que se respira em cada página da Obra, é realmente a sua maior força, a força do céu, aquela que a fará vencer.

É nesta fase do fenômeno que se inicia o calvário do idealista. Enquanto fazia o seu trabalho, ele vivia na embriaguez que lhe dava o contato com o seu mundo superior, para ele como a sua própria casa, onde podia viver conforme a sua natureza. Mas, terminado o trabalho, se não se apressar a morrer, deverá assistir à degradação do ideal, isto é, ao seu emborcamento no plano humano. Aparecem, então, os mercadores do templo. A crucificação de Cristo torna-se Estado pontifício, a pobreza de São Francisco transforma-se num convento que vale milhões. Esta é a técnica do fenômeno da descida dos ideais à Terra. Em geral o idealista já morreu e não é obrigado a ver tudo isso. Mas, se não tem essa sorte, ele deve suportar o tormento de ver assim tratado e a isto reduzido o fruto da sua vida. Nos honestos nasce, então, uma revolta, como a de Cristo, que perdoou aos seus crucificadores, mas não aos vendilhões do templo. É uma revolta que nasce irresistivelmente ao ver assim tratadas as coisas sagradas.

Somos invadidos pela tristeza, quando, depois de tantos sonhos e esperanças, depois de tantos impulsos em direção ao Alto, constatamos esses resultados ao se tentar elevar também os outros. O que havia acontecido, por ocasião da primeira renúncia evangélica ao patrimônio terreno, com o voto de pobreza, repetia-se agora, nesta segunda doação do patrimônio espiritual, concluindo com o mesmo assalto e destruição. É duro estar sempre a oferecer e encontrar todas as vezes o mesmo tipo de homem, na sua mesma insaciável avidez. E, quanto mais se oferece, tanto mais verificamos que vêm ao nosso encontro as goelas devoradoras da voracidade humana. Pode-se dizer à vontade, na Terra, que se ama o próximo. É perigoso amá-lo de verdade. E quem isso tentar fá-lo-á com risco e perigo, porque a lei aqui é lutar para vencer e dominar. Será possível que se deva sempre suportar a condenação de viver entrincheirado em castelos cercados de egoísmo, armado contra todos? Será possível que, em nosso mundo, não se possa viver senão na amargura das portas fechadas como em uma prisão?

Eis que no país que eu amo já aconteceu que, na metade da Obra, ela foi dilacerada. A marca ficou. Agora, quando ela se conclui, novamente se tentou despedaçá-la, e esse vestígio permanecerá nestas páginas. Embora depois isso tenha sido impedido de realizar-se, é triste ver que a oferta haja sido assim interpretada por alguns e fosse tratada deste modo a coisa que mais se quer na terra e mais se ama. Já a nova juventude começou a fazer as contas com os métodos da velha geração e assim se sujeitou a um julgamento. Quantos pecados o homem mais civilizado do futuro não encontrará no mundo atual, que julga estar procedendo com consciência, de acordo com a própria moral! Como será denunciado este tratamento sofrido pelo idealista, culpado de pretender fazer progredir um pouco os seus semelhantes! Compreender-se-à como também, em pleno século XX, tenha havido calvários e cruzes e como isso haja deixado a sociedade indiferente, como noutros tempos os suplícios deixavam apático o meio social de então.

Para poder oferecer, teve de ser reduzido à pobreza para poder continuar a produzir, teve de pedir esmola na contínua incerteza do amanhã e, apesar de tudo, realizando um grande trabalho sem compensação alguma. Depois ver o fruto de tudo isso a serviço de outros grupos, por estes repelidos, anteriormente, porque não utilizável, para em seguida, interessar-lhes muito, já que com a oferta surgira a possibilidade de se apossarem dele. Eis o que pode ser hoje, na Terra, o calvário de um idealista. Para poder publicar a Obra, sem nenhum lucro, que seria necessário para viver, primeiro tinha de vencer o assalto da cupidez dos editores, depois pedir ajuda por compaixão e dar-se por feliz por ter conseguido publicá-la, sem que a Obra fosse confiscada por aqueles grupos e subjugada aos seus interesses; eis a "via crucis" de quem luta para construir um mundo melhor. E triste ver que, neste mundo, não existem verdades, mas interesses, que elas valem em função destes e que são sustentadas sobretudo enquanto possam ser colocadas a serviço do grupo que as proclama. O calvário do idealista consiste em ver o ideal invertido, a verdadeira finalidade reduzida pelo meio para alcançar o objetivo oposto; o anjo lançado no pântano de cabeça para baixo. Ter lutado toda a vida para afirmar um ideal e encontrar apenas indiferença

e exploração! Ser sincero e não poder falar de Cristo sem ter de se misturar e se ver confundido com uma multidão de exploradores falando em seu nome! Oferecer o fruto do próprio tormento criativo e vê-lo esmagado! Para a própria paixão da ascese não encontrar outra resposta senão o cálculo utilitário! Querer trabalhar para o templo de Deus e lá encontrar os mercadores! Detestar o dinheiro e chocar-se com indivíduos que andam em busca dele! Ver Cristo enganado a cada passo, o seu sacrifício emborcado, colocado a serviço de interesses humanos, o seu pensamento desfigurado, o seu amor dilacerado pelos seus representantes e seguidores! Eis o tormento do homem espiritual.

Será sempre necessário reduzir o ideal a uma religião-jaula, na qual os seguidores estejam submetidos à força da disciplina, dada pela psicologia da sua utilidade ou dano, ao sistema policial de sanções, seja prêmio, seja pena? Mas, então, onde está a religião espontânea e consciente à qual se possa aderir livre e sinceramente? Pobre espírito reduzido a tão pouco e preso em cadeias! Que prisão é esta! Mas como permitir a liberdade a seres que não têm consciência da verdade e sentido natural de ordem e disciplina? Chegou-se ao ponto de ver o grande amor de Cristo reduzido e não podendo ser aplicado na Terra senão na forma de terror do inferno, e a bondade de Deus transformada num tribunal de onde emanavam apenas condenações. Pobre Cristo! Por maior que seja a Sua felicidade na glória dos céus, como poderá Ele não se entristecer ao ver quão pouco ajudou o seu martírio, ou que a sua paixão e sacrifício deixaram escancaradas as portas do inferno? Ou como Deus, não obstante a descida do Filho, tenha sido impotente para as fechar? Para que serve a religião neste mundo se, como sucede com todas as leis, é reduzida à arte de se lhe escapar para não ser cumprida?

Eis que o exemplo nos vem do caso maior. Como se pode pretender que, num caso muito menor, como é o da Obra. não se repita a mesma lei que regula o fenômeno da descida dos ideais? Esta é a roupagem que devem vestir quando vêm ao mundo, este é o tipo de leis a que eles devem sujeitar-se. Então, a liberdade deve tornar-se obrigação, a convicção ser substituída pelo cálculo, a adesão espontânea reduzir-se a sistema policialesco, o Amor precipitar-se numa prisão. Mas compreende-se que isto seja natural, quando se sabe que a descida dos ideais para eles significa, como se disse, um retrocesso num plano de vida inferior, uma degradação biológica, o que implica que eles sejam sujeitos a um processo de corrupção. Tudo isso faz parte do fenômeno e envolve também o idealista, que o incorpora e o vive Isto constitui o seu sacrifício necessário para que, através dele, a animalidade humana possa entrar em contato com algo superior e assim progredir. Eis o que custa aos mais adiantados a ascensão dos menos avançados, ao evoluído, o aperfeiçoamento do involuído. Este é o escopo e o sonho do idealista e não a glória do mundo, a qual, logo que este emerge, lhe é invejada, julgando que ele se quisesse fazer chefe de grupo para se tornar poderoso e comandar. E, se ele declara quanto seja absurda tal atitude, poucos acreditam, imaginando tratar-se de um modo de esconder as verdadeiras intenções, assim a comum forma mental está longe de conceber a vida daquela maneira.

Mas deverá tudo parar neste ponto e, após tão longo caminho, não se resolver com uma conclusão mais digna? Não é possível que a negatividade do ambiente ao qual a semente desceu tenha o poder de vencer a positividade de que esta é constituída. A parte que aguarda o instrumento, enquanto assiste ao desenvolvimento do fenômeno, envolvido na lei deste, que quer o seu sacrifício (Cristo ensina) esta parte é só uma: O sofrimento! Este é a sua contribuição. O fenômeno, enquanto movimento, não termina aí, porque, sendo feito de constante transformismo, continua a desenvolver-se. Por meio do esforço do instrumento uma semente desceu à Terra e aí jaz viva, como um concentrado de energia explosiva trazida consigo de planos superiores, energia que ela contém fechada em si mesma e que quer irradiar ao novo ambiente. A semente é uma força. Carregada de dinamismo criador, ela desceu ao terreno que a acolheu para que pudesse tornar-se árvore Esta é a vontade da semente. E ela está carregada da potência e sapiência necessárias para pô-la em movimento. Entretanto, está escondida no terreno e espera em silêncio. Na superfície passam nevascas e tempestades, calor e frio, chuvas e ventos A semente silencia e espera que chegue a sua hora Ninguém a vê Assim ninguém se aproxima, e a voracidade do próximo não perturba o seu trabalho interior. Liquidado o instrumento, — que por ser um homem, dá aos seus semelhantes a ilusão de ser o expoente principal, — no exterior não fica mais nada. No entanto, aquilo que não se vê trabalhou com a íntima e secreta atividade com que a vida costuma operar e com a qual ela gera as suas formas externas.

Então, quando o idealista tiver cumprido a sua função e morrido quando todos os assaltos contra o ideal se esgotarem — que na realidade, foram resolvidos somente com dano para aqueles sobre os quais recaíram — quando tudo parecer já sepultado no passado, então, numa manhã de primavera, no momento azado, despontará do segredo da terra um broto que começara a crescer. Neste instante, a onda do fenômeno, depois de ter sido obrigada a imergir na Terra, começa a subir em direção ao Alto, seguindo

a sua natureza ascensional. A positividade do princípio genético que se transfundiu na semente toma a dianteira sobre a negatividade do plano inferior ao qual aquele princípio desceu e nele atua como impulso de correção, arrastando consigo para o Alto — e assim redimindo — os elementos que encontrou de tipo AS. Deste modo, a semente cresce sempre mais e o ideal cumpre a sua função. A semente por fim torna-se árvore e produz os seus frutos. Realiza-se todo o fenômeno e a finalidade para a qual ele nasceu é alcançada; o seu desenvolvimento completou-se com a realização do plano preestabelecido, segundo o qual, desde o início, tudo aconteceu.

Vê-se, então, que toda a tentativa de destruição do ideal caminhou no vazio e que ele soube superar todos os obstáculos. Isto, de resto, é natural que suceda, porque é conseqüência da sua natureza de tipo S, o que fatalmente o torna destinado a vencer tudo aquilo que é inferior, modelo AS O mecanismo da evolução é tão maravilhosamente concebido que, apesar dos obstáculos, tudo termina bem. Estes contribuem para isso, realizando apenas a necessária função de resistência. É assim que o mal, em última análise, trabalha a serviço do bem. Profunda verdade que Goethe faz Mefistófeles enunciar, quando afirma: "Eu sou o espírito que procura sempre o mal e que produz o bem". Isto pode parecer uma peça de que Deus prega a Satanás, mas, na realidade, é a partida que Satanás, dada a sua natureza emborcada, por ele próprio desejada, não pode deixar de pregar a si mesmo.

Não obstante todas as resistências, é a vida que vence a morte, o espírito que vence a matéria, o S que por fim vence o AS. Isto porque só Deus é o senhor de todos os fenômenos, conduzindo-os para onde quer. Ele é o último termo que todos devem alcançar, porque são feitos para se resolverem Nele, que é o supremo e definitivo vencedor de tudo.

XVI

O MEU CASO PARAPSICOLÓGICO

No Capítulo "Gênese e Significado da Obra", tínhamos visto de relance que o fenômeno se encontra na base daquela gênese, concebido como um caso de comunicação telepática consciente entre uma fonte de pensamento ou centro irradiante e um correspondente instrumento humano, receptivo e colaborador. Acasalamento semelhante ao de pai-mãe, do qual nasceu um filho: a Obra, que cresceu depois com a sua colaboração. Tratamos deste caso inspirativo no final do livro ***O Sistema*** e em vários outros pontos da Obra. Mas não bastam estas referências para esgotar o assunto e mostrar-nos toda a arquitetura do fenômeno. É por isso que neste capítulo voltamos a observá-lo para dar-lhe uma completa e conclusiva interpretação, somente possível agora que estamos chegando à última fase do seu contínuo desenvolvimento, no momento em que a Obra chega ao fim e, com o seu trabalho, termina a vida do instrumento

De fato, não se trata de um fenômeno estático, porque ele se foi transformando, enriquecendo-se e aperfeiçoando-se pouco a pouco. É assim que de vários pontos da Obra foram dadas interpretações correspondentes ao grau de desenvolvimento alcançado pelo referido fenômeno, no momento em que ele era tomado em exame. A sua tendência foi tornar-se de receptivo e passivo, na sua forma inicial, em cada vez mais ativo e consciente, fato devido ao incessante contato do instrumento com a fonte, levando-o a educá-lo sempre mais para viver em estado de união dada pela completa sintonização de pensamento. Desta maneira o fenômeno teve um duplo significado: produzir a Obra e fazer evoluir o instrumento. Dois resultados agora alcançados em cerca de quarenta anos de ininterrupto funcionamento.

Observemos, portanto, o caso não só do ponto de vista espiritual, mas também à luz da moderna Psicanálise e Parapsicologia. Dado que, em nosso caso, trata-se também de um fenômeno de sublimação espiritual, comecemos por analisá-lo segundo os conceitos por nós sustentados e confirmados pelo Dr. Roberto Assagioli, do Instituto de Psicossíntese de Florença, Itália. Ele, mais do que outros especializados em Psicanálise, viu e pôs em evidência o aspecto sublimação das energias biopsíquicas, quer sexuais, quer combativas, tomando em consideração a zona superior do ser, aquela que neste caso mais nos interessa, isto é, a do inconsciente superior ou superconsciente. Esta parte do campo psicológico começa hoje a ser

objeto de pesquisas científicas (Psicologia do alto). Procura-se, assim, penetrar no mistério do inconsciente levando em conta os seus valores superiores, ou seja, a parte que, em nosso caso, é a mais importante, desenvolvendo-se o fenômeno no superconsciente; enquanto a Psicanálise corrente toma em exame sobretudo o inconsciente inferior, que constitui a parte mais baixa do ser humano

A teoria do superconsciente foi já por nós traçada no volume ***Ascese Mística***, Cap. XIX: "O Subconsciente", e Cap. XX: "O Superconsciente". Assagioli, no seu livro *A Psicossíntese* (Florença, 1966), como na edição inglesa *Psychosynthesis* (New York, 1965), expõe a teoria mais detalhadamente, como segue.

Num esquema gráfico ele mostra que os elementos e funções da psique são constituídos por

1) uma zona mais baixa ou inconsciente inferior, comumente dito o subconsciente.

2) uma zona mediana ou inconsciente médio, que inclui no seu meio o normal campo de consciência, ou consciência individual, em cujo centro está situado o Eu consciente ou Ego.

3) uma parte mais alta ou inconsciente superior, que chamamos superconsciente, em cima da qual brilha o Eu superior.

Usaremos neste capítulo os termos subconsciente e superconsciente no sentido que lhes é dado pelo uso comum, recordando, no entanto, que eles não significam um consciente, mas um inconsciente inferior ou superior, dado que a humana zona de consciência é limitada e está situada à altura e no campo do inconsciente médio.

À volta deste organismo psíquico assim individualizado se expande a atmosfera do inconsciente coletivo ou mundo psíquico, meta individual.

A nossa concepção em 1939 foi expressa no volume ***Ascese Mística***, com as seguintes palavras (Cap. XX, "O Superconsciente"): "A consciência humana divide-se em duas partes: o consciente e o inconsciente. O primeiro é a consciência conhecida, normal, racional, prática que todos conhecem. O segundo se compõe de duas zonas: o subconsciente, que pertence ao passado, e o superconsciente, que pertence ao futuro (**. . . .**). O subconsciente contém e resume todo o passado e o leva ao limiar da consciência; o superconsciente contém em embrião todo o futuro, que está à espera de desenvolvimento".

Como se vê, a visão da estrutura do organismo psíquico nos seus pontos fundamentais é a mesma. Nós havíamos antes visto no seu movimento evolutivo, que tende, através da experiência da vida, a deslocar continuamente para o Alto, isto é, para a zona do superconsciente, e a afastar sempre mais do baixo, ou seja, da zona do subconsciente, a parte média, onde está situado o campo da consciência com o centro EU consciente ou Ego.

Segundo a nossa visão, o esquema de Assagioli não é mais estático, como um edifício, mas torna-se uma cadeia de elementos em ascensão, envolvidos num transformismo evolutivo que vai do AS ao S e aponta em direção a Deus. Assagioli quis ficar, como médico, no terreno positivo-psicanalítico, com finalidades terapêuticas, não podendo, portanto, divagar em tão vasto terreno filosófico. Mas conforta-nos a confirmação, por parte de tão ilustre cientista, de nossa teoria esboçada de passagem e que foi controlada. através dos seus escritos, durante mais de quarenta anos de experiência.

Podemos, pois, ter uma distinção não só estrutural mas também dinâmica, o que nos permite traçar os três planos nos quais a personalidade humana pode funcionar e também os que ela, segundo esquema preestabelecido, deve atravessar na sua evolução. Nesta, então, o involuído encontra-se situado no primeiro grau; o tipo médio normal, no segundo; o evoluído, no terceiro. Eles mostram de fato as seguintes características: 1) o involuído, no nível subconsciente, manifesta-se no campo da matéria como corpo e sentidos; 2) o médio normal, no plano de consciência média, apresenta-se no terreno da energia como vontade e ação; 3) o evoluído, no âmbito superconsciente, é representado na extensão espírito como intelecto e pensamento.

E assim que temos as seguintes posições:

1) O involuído é instintivo, não controlado pela razão, impulsivo, emotivo, sugestionável, receptivo, registrador de impressões e experiências.

2) O médio normal não é só dirigido pelos apetites, não é automaticamente movido por atrações e repulsões em função de alegria ou dor; ele também raciocina, calcula, prevê, dirige, organiza, atua. Todavia, muitas vezes, é usado como instrumento colocado a serviço do primeiro termo do qual realiza os impulsos. Ele éo meio realizador, o da ação. Pode, excepcionalmente$_3$ seguir os impulsos do terceiro termo, fazendo-se dirigir pelo superconsciente em vez do subconsciente.

3) o evoluído, no ápice da escala, por visão interior dos princípios diretivos, possuindo o sentido da orientação, é levado a dominar os outros dois termos para fazê-los avançar, procurando superar o subconsciente instintivo, dirigir o consciente racional, colocando tudo em marcha no caminho da

evolução, reduzido o corpo — animal —, transformado em matéria, e a vontade — ação — em meio para chegar a um plano de existência superior. Neste terceiro nível é o anjo que se quer substituir ao animal.

Entre estes dois extremos há luta: o primeiro para eliminar o segundo, este para não se deixar destruir. O grau de evolução é assinalado pela medida em que o anjo consegue substituir o animal. É natural que o involuído gravite mais em direção ao AS, o evoluído ao S e que o conteúdo e o fim de suas vidas sejam o oposto um do outro. O primeiro vive em função da Terra, o segundo, do céu; duas concepções contrárias que vemos existir em nosso mundo e que podemos explicar.

Colocada assim a questão e explicado o papel do superconsciente, bem mais interessante no caso parapsicológico, aqui tomado em exame, é o fenômeno inspirativo, e nele concentremos a nossa atenção. O mesmo Assagioli nos adverte de que o Eu superior não é uma simples "função transcendental", mas uma realidade psico-espiritual, da qual se pode ter uma experiência consciente. Ele admite também que, entre as várias áreas ou campos, possam verificar-se — e, na realidade, continuamente acontece — passagens e trocas de "continentes psíquicos" entre si. Aceita que elementos e funções que têm sede no superconsciente possam descer no terreno da consciência, como as instituições, as inspirações, as experiências religiosas e místicas, e que tais fenômenos sejam fatos psíquicos reais, por isso susceptíveis de observação e experiência, com método científico.

Podemos, deste modo, chegar à psicanálise do super-normal, estudar como ele funciona, como fenômeno e realidade objetiva. Podemos usar a Psicanálise mesmo no campo da Parapsicologia, isto é, dos mais altos estados de consciência no nível espiritual, ou seja, podemos ter uma Psicanálise levada do terreno do subconsciente ao do superconsciente. É por essas novas vias que chegaremos à explicação do fenômeno que há tantos anos estou vivendo e ao qual devo a produção da Obra, dele me dando uma interpretação mais exata e positiva sem ser a do simples fenômeno mediúnico. enquanto permite fazer a psicanálise deste caso parapsicológico. É meu dever investigá-lo sempre mais a fundo para compreendê-lo cada vez melhor a estrutura e o seu significado.

Mas já nos orienta em nossa pesquisa, esta distinção entre consciente e superconsciente e o conceito de uma comunicação entre eles: os dois diversos planos de evolução ou níveis de consciência. Adverte-nos Assagioli de que a intuição não caminha da parte ao todo, como faz a mente racional analítica, mas abraça diretamente um todo em síntese. Isto corresponde ao meu sistema de conceber as idéias. Não o alcanço através de uma subida do particular ao universal, à força de lógica e raciocínio, mas subitamente levado ao resultado final, como rápida visão de uma verdade conclusiva que explica decisivamente afirmando, à guisa do total de uma operação já concluída, mas tendo lugar fora do consciente.

Continua Assagioli dizendo que há fatos e funções de tipo superconsciente, em geral excluídos do campo da consciência, que algumas vezes realizam urna espontânea, inesperada irrupção no campo da consciência, paralela, mas em sentido inverso à que, no mesmo terreno, emergindo do subconsciente, gera forças e impulsos emocionais ou instintivos. Ele explica que dos planos do superconsciente o material chega já confeccionado, como algo de novo, sem relação com precedentes experiências que possam tê-lo preparado. Parece que a transmissão se realiza melhor quando o consciente é tomado de improviso, de porta aberta, não defendido por poderes inibitórios ou pela tensão da espera. Parece tratar-se de energia de mais alta freqüência do que do inconsciente médio ou inferior. De outra fonte leio ter sido encontrado no ser humano duas diversas voltagens de eletricidade: uma mais baixa nos tecidos do corpo e outra mais alta no cérebro. Assim, o ato de pensar implicaria uma atividade elétrica de voltagem superior à das forças vitais.

Assagioli depois nos diz que a intuição é um meio de conhecimento superior à inteligência. A mente normal está aderente à realidade exterior, sensória. É feita para funcionar na periferia do mundo fenomênico. Para chegar aos conceitos diretores centrais, ela deve esforçadamente subir, primeiro observando o terreno por análise,. depois, levantada sobre eles, tentar hipóteses, em seguida teorias parciais, depois sempre mais vastas e sintéticas. Caminho lento, como de um cego que inspeciona a estrada. Com tal forma mental, parece que as últimas conclusões sejam inalcançáveis. Ela se destina a fazer-nos conhecer sobretudo os caracteres sensíveis da realidade com o objetivo de utilização prática, enquanto a intuição faz penetrar na íntima natureza dessa realidade. Deste modo, o método intuitivo pode alcançar até onde não vai o método racional. O primeiro funciona não por análise, mas por síntese, isto é, por rápidos lampejos que iluminam, à guisa de instantânea luz vivíssima. Uma característica das intuições é que elas são fugidias, uma vibração de luz, não obstante muito vigorosas no momento em que penetram no campo da consciência. É necessário, portanto, apressar-se a registrá-las na mente, para depois analisá-

las e submetê-las a controle experimental. No meu caso tomei nota delas sempre por escrito, porque idéias e soluções chegam nos momentos mais impensados como conclusão de um trabalho que se realiza no inconsciente, posto em movimento por uma colocação de problemas em busca de resolução. Eis que a experiência me confirma a teoria de Assagioli.

Podemos obter uma concepção do fenômeno intuitivo mais completa do que o apresentando sob o aspecto mediúnico, isto é. de recepção passiva de transmissões provenientes de uma entidade espiritual. O fenômeno é mais complexo e rico de elementos. O contato é ativo e consciente e não somente de tipo conceitual. O pensamento que nos invade em estado inspirativo é profundo, está no íntimo das coisas e dos fenômenos, não em posição estática, mas em incessante dinamismo, não só dirigindo tudo, mas também potencializando o funcionamento. Assim, aquele pensamento não aparece só como conceito, mas é sentido também como vida continuamente operante, revestido de energia e de forças_ em ação. Isto porque ele, ao mesmo tempo, é a idéia e a sua realização fundidas numa só. Outra das suas características fundamentais é ser positivo, de tipo S, isto é, construtivo, benéfico, saneador do mal, corretivo dos erros e desvios, sempre levado a dirigir o transformismo em sentido vital, em direção a melhores soluções. Esse pensamento é também uma força viva, protetora, que existe em nós para nos salvar e levar-nos sempre mais para o alto. Percebê-lo por intuição. no fundo, significa sentir a presença de Deus em nós mesmos e em todas as coisas. É esta presença que se pode chamar também S no AS e que, ininterruptamente, alimenta a vida (S), fazendo-a vencer contra a morte (AS), recuperando os tecidos lesados e saneando as doenças. Ela é a voz da consciência que nos aconselha o bem, é a força que faz nascer e crescer as formas e impulsiona a evolução para a frente; é a voz de Deus que nos chama para que se suba até Ele.

Então, a inspiração não é mais feita só de conceitos, mas de uma presença viva e vivificante na qual eles se personificam como emanações de um ser que se torna nosso companheiro e amigo. Sentimo-lo junto a nós, pondo-se a trabalhar conosco na Obra para realizar o melhor labor da vida. Ele se torna um fiel colaborador, o fio condutor de nosso destino, o modelo ideal a alcançar, a meta de existência. Isto é o que significa sentir a presença de Deus. Ela não é só conceito-guia, mas também força-ação. É alcançada não procurando agarrá-la para apossar-nos dela, como se usa para as coisas da Terra. Estes são os métodos invertidos do AS. Ela se atinge colocando-nos em estado de calma e confiança, sintonizando-nos para melhorarmos, em posição de humildade e bondade, requintando-nos até percebermos como um sentido interno o mundo do espírito. Estes são os métodos do S, que conduzem a Deus.

Assagioli insiste no aspecto da sublimação dos impulsos movidos pelas forças emergentes dos planos inferiores. Ora, em nosso caso, não há só o fato da recepção conceitual, mas e necessário ter em conta que esta se verifica através de uma comunicação que implica e estabelece um contato entre o inconsciente médio e o superior. Realiza-se; assim, com a repetição, uma descida habitual do superconsciente no consciente, que lhe vai absorvendo e assimilando o conteúdo, produzindo uma transformação evolutiva, uma catarse ascensional da personalidade. Como o citado autor afirma, a sublimação é um processo natural, pelo que, muitas vezes, como em nosso caso, ela é espontânea e fatal. Então, aqui mediunidade inspirativa significa também um processo de ascese espiritual. Em suma, o uso constante do estado inspirativo, como aconteceu na composição da Obra, isto é, um contínuo contato com o superconsciente, habituado a viver conscientemente naquele plano, o que não poderá deixar de transformar em sentido evolutivo a normal consciência do indivíduo, tornando-o assim apto a continuar a sua vida futura num nível mais alto. Resultado imenso no qual, como já referimos, realiza-se algo mais do que uma Obra, ou seja, um destino, de modo que os dois fatos são estreitamente conexos. Poder-se-á compreender a que conseqüências levará, quando se passa uma existência vivendo tão freqüentemente no plano do superconsciente, isto é, superior àquele em que o indivíduo teria vivido em condições normais.

Tal sublimação é possível enquanto se baseia numa fundamental propriedade das energias biológicas e psicológicas, consistente na possibilidade da sua transformação. Ela existe em todas as formas de energia. Freud diz (Weber, *Psycho-analyse*, Leipzig, 1910): "Os elementos do instinto sexual são caracterizados por uma capacidade de sublimação, se se troca a finalidade sexual por outra de gênero diferente e socialmente mais digna. À soma das energias ganha assim para a nossa produção psicológica devemos provavelmente os mais altos resultados de nossa cultura".

O próprio Assagioli estuda o processo de transformação e sublimação das energias sexuais, das combativas e das psíquicas. Estes são, de fato, os fundamentais impulsos do ser humano, isto no plano normal: sexo (mulher) para a reprodução, agressividade (macho) na luta pela sobrevivência; no âmbito super-normal, a espiritualidade (super-homem) para realizar a evolução. Trata-se., neste último caso, de uma transmutação em sentido vertical, isto é, evolutivo, interior substancial, de tipo biológico. Assim, o amor pode dirigir-se para seres mais altos, como Cristo e Deus mesmo, que se tornam um modelo ideal de

que nós nos podemos avizinhar sempre mais, funcionando como pólo positivo masculino, mais potente, porque mais avançado em sentido positivo na direção do S, pólo de atração com respeito ao biótipo normal, que relativamente a ele é negativo feminino, mais débil, porque mais submerso na negatividade do AS. Estes são os dois extremos de tal fenômeno de transformação.

Não se creia, no entanto, que o misticismo seja um simples sucedâneo ou derivado do sexo, a saber, que para amadurecerem tal sentido baste uma compreensão daquele instinto. As transformações biológicas não se improvisam. E, se o indivíduo não for maduro para realizar essa passagem ao nível superior, se ele não começou a despertar no superconsciente, não haverá compressão que possa despertá-lo e impulsioná-lo ao esforço de superação. Produzir-se-á, ao contrário, uma contorção do instinto, mesmo que seja coberto de pseudo-misticismo. Cada tipo de força pertence a um dado nível biológico. As energias que saem de baixo podem fornecer vitalidade e calor como matéria-prima para o desenvolvimento do fenômeno, mas não determiná-lo, porque são de outro tipo, inadaptado a construir formas de vida mais altas. O desenvolvimento interior pode utilizar estas energias, mas por si sós elas não são suficientes para realizá-lo. O agente transformador, dinamizante do fenômeno evolutivo, está no pólo superior, sempre mais em direção a ele Os impulsos que saem de baixo atraem em sentido de retrocesso, porque provêm do lado do AS. É certo que para realizar o fenômeno da sublimação há catalisadores semelhantes aos químicos, que com à sua presença favorecem o precipitar da combinação. Mas, em cada caso, o elemento básico determinante é a maturação evolutiva do indivíduo, alcançada por ter vivido e assimilado as experiências necessárias. E isto não em sentido genérico de provas iguais para todos, mas específico, isto é, segundo a natureza do indivíduo, que como tal deve aperfeiçoar-se, conservando o seu tipo de personalidade.

Quando se chegou a esta maturação, o fenômeno da sublimação verifica-se espontâneo e fatal, enquanto, quando ela falta, o subconsciente resiste por inércia para ficar no seu nível, ou reage para não se deslocar em direção a um plano mais alto, que não é o seu. É assim que, em vez da sublimação, pode-se obter a contorção no sucedâneo, reduzindo-a a um ato de orgulho como convicção de superioridade perante os outros o que não é superação, mas substituição de um baixo impulso por outro equivalente. É necessário ter em conta que não é fácil educar o subconsciente, forte de resistência e hábil nas escapatórias, fixado em posições estratificadas num longo passado. Em suma, o fenômeno da sublimação não se improvisa e, muito menos por imposição de métodos e práticas exteriores, aplicadas a qualquer pessoa do exterior, como um remédio qualquer. Para o involuído pode tratar-se de um inconcebível. As qualidades da personalidade são lentamente construídas, trabalhando na profundidade para realizar o maior fenômeno da vida, que é a transformação evolutiva.

Tais considerações, em princípio, mostram-nos quando o meu caso de parapsicologia é mais complexo do que quando foi definido simplesmente como mediunidade inspirativa, ativa e consciente. A este respeito já nos referimos no Cap. XIX: "Gênese e Significado da Obra" - Os perigos de entregar-se, passivamente, perdendo consciência, a qualquer entidade espiritual, Assagioli confirma: “O abrir-se sem sapiente discriminação e vigilância aos influxos psíquicos que procuram penetrar em nós seria como deixar aberta a porta de nossa casa a qualquer um que nela quisesse entrar. É fácil imaginar como possam insinuar-se facilmente hóspedes pouco desejáveis... Não nos deixemos, portanto, atrair pelo fascínio do desconhecido, excitar pela natural curiosidade suscitada por aqueles fenômenos, deixando que eles sejam indagados por aqueles que o estudam de modo sério e científico, tomando para si e para os outros as necessárias precauções, ou correndo conscientemente os riscos daquelas experiências... É perigoso penetrar diretamente naquelas religiões, desconhecidas e pouco seguras”.

É por isso que, no meu caso, é excluída a mediunidade de portas abertas, e a comunicação é canalizada num só sentido, em direção a uma só e bem definida fonte espiritual. A interpretação mediúnica do fenômeno, entendida dentro desses limites, não contrasta com a compreensão psicanalítica da comunicação com o superconsciente, que é justamente o plano biológico superior no qual existem as mais altas correntes de pensamento (noúres) que podem ser concebidas e mesmo personificadas como entidade ou centro conceitual transmissor. Neste caso, de fato, o sujeito fica completamente desperto e funciona não como instrumento passivo, mas num estado ativo e consciente, o que é, a um tempo, captar e receber um contato e um colóquio, uma colaboração com troca de atividade diversa e complementar.

A simples hipótese mediúnica não é mais suficiente para dar-nos uma exaustiva explicação deste caso, que é mais complexo, concorrendo com ele outros elementos. O instrumento não é cego, nem passivo; ele não recebe, mas capta; o contato com a fonte inspirativa sucede em perfeita consciência; o trabalho que se realiza é uma colaboração entre dois elementos complementares, cada um dos quais cumpre a sua específica função. Segue-se que o fenômeno se verifica por uma aproximação dos dois

termos, pelo que, se o superior para avizinhar-se do inferior em sentido evolutivo deve descer, este último para aproximar-se do primeiro deve evolutivamente subir. Em conseqüência, isso significa funcionar mentalmente desperto no superconsciente que, neste caso, não é, como normalmente sucede, um inconsciente, mas um consciente superior. Eis já uma imensa diferença com a comum mediunidade, na qual o estado de inconsciência leva antes a fazer funcionar o subconsciente em vez do superconsciente, podendo, portanto, representar uma função involutiva em vez de evolutiva.

Na comum mediunidade a portas abertas, há, pois, o fato de que o estado de inconsciência e passividade permite toda e qualquer promiscuidade de relações, o que deixa o indivíduo indefeso, exposto a qualquer contato, mesmo de tipo involuído. Em nosso caso, uma mediunidade a portas fechadas, em estado ativo e consciente, não permite tal mistura e intromissão de estranhos no canal. que fica defendido, de modo que o contato será feito só em direção ascensional. Então, ele se realiza em função de duas finalidades precisas que alcança: a composição de uma Obra para o bem da humanidade e a sublimação do instrumento, levando-o a viver num plano evolutivo superior. Em nosso caso, o fenômeno acompanha toda a vida do autor e faz parte integrante do desenvolvimento do seu destino; realiza-se em função da lei fundamental da vida, que é evoluir e ajudar a progredir. Em suma, ele tem raízes tão profundas que tocam as primeiras razões da existência, isto é, a ascensão do ser do AS para o S.

É certo que também, neste caso, pode-se falar de entidade transmissora; ela pode ser individualizada, não segundo o conceito que da personalidade se tem em nosso mundo, e sim como dado tipo de vibração e certa ordem de sentimentos e de idéias. Então, por entidade se entende só uma corrente de pensamento com que o instrumento se harmoniza, vive sintonizado e com que, em conseqüência, normalmente se comunica por via telepática, porque, assimilado o novo tipo de existência e forma mental, vive em uníssono com a individualidade transmissora. Assim, é lógico que, em tais planos mais altos, esta não tenha nome, ao contrário do que ocorre em geral com os desencarnados que aparecem nas sessões mediúnicas. Em nosso caso — e esta é a sua característica mais importante — o fenômeno acontece arrastando o instrumento a um mais alto nível evolutivo no superconsciente, afastando-o precisamente dos contatos inferiores que, em geral, não faltam nos ambientes mediúnicos.

* * *

Estendendo-se o fenômeno até ao superconsciente, ele abraça uma vasta gama de ressonância, isto é, uma amplitude biológica que atinge vários planos de evolução. Sabemos agora que quanto mais se sobe para o S, tanto mais a evolução tende a absorver e fazer desaparecer a visão do dualismo, para avizinhar-se sempre mais, por uma recíproca complementação entre opostos, da reconstrução da unidade originária. Segue-se que o instrumento não pode funcionar sensibilizado só de um lado do dualismo que corta o ser humano nas duas metades macho-fêmea, neste caso entendido não no plano animal-humano, mas num alto nível biológico, ou seja, nas suas propriedades espirituais. Torna-se urgente um biótipo completo que possua uma personalidade estendida a ambos os campos. Isto significa: 1) Possuir as qualidades femininas de tipo emotivo e intuitivo, necessárias para poder realizar a recepção; virtudes de sensibilização para poder perceber o estado vibratório da fonte transmitente. Tudo isso situando-se no nível super-normal 2) Possuir os atributos masculinos volitivo-racionais e ativo-realizadores necessários para poder captar aquelas vibrações, entendê-las no próprio superconsciente e depois transportá-las ao plano do consciente, traduzidas na forma mental humana, expressas em forma de lógica e de palavras.

É preciso, em suma, saber realizar duas funções opostas isto é: 1) no plano do superconsciente saber comportar-se com sensibilidade receptiva, parte passiva adaptada a auscultar e registrar o pensamento da fonte inspirativa, incorporando dessa forma em nosso conceito material; 2) no âmbito da consciência normal saber funcionar racionalmente, afirmando-se como parte ativa capaz de transmitir aos outros em forma mental a eles acessível, expresso em palavras, aquele conceito, primeiramente incorporado. Num primeiro momento, dado que a transmissão se verifica no nível do superconsciente e que o sujeito receptor deve vibrar em uníssono, porque os conceitos são transmitidos em ressonância por via telepática, é necessário saber trabalhar consciente naquele nível. Num segundo momento, já que a transmissão deve ser manifesta em situação do normal consciente humano, é preciso saber trabalhar consciente também aí para poder formular em palavras os conceitos transmitidos. É mister possuir uma amplitude de atividade consciente que abrace o normal consciente e o superconsciente, porque é em ambos os planos que o instrumento deve saber funcionar, isto é: 1) para captar no nível do superconsciente onde escuta; 2) para expressar-se à altura do consciente normal onde fala.

Encontramos esses conceitos confirmados nos escritos de Assagioli - *Grupos de Meditação*

Para a Nova Era, Florença — nos quais se reconhece a existência de uma função cognoscitiva superior com a qual se alcança uma direta e íntima compreensão da realidade. "Este órgão de conhecimento direto", diz ele, é a intuição. Ela não é irracional, mas super-racional. Nem tampouco a cooperação da mente deixa de ser necessária para sua correta utilização. É bom ter uma idéia clara de quais devem ser as justas relações de cooperação entre as duas. A esse respeito as funções da mente são:
1) reconhecer a intuição e as suas mensagens; 2) interpretá-las corretamente; 3) formulá-las e expressá-las com as palavras".

Ora, o que Assagioli nos diz é exatamente o sucedido em nosso caso, isto é, aquilo que a natureza do fenômeno instintivamente nos levou a fazer. De fato, neste caso, realiza-se fora da consciência uma secreta elaboração de conceitos no nível do consciente superior ou superconsciente, resultados que ele me apresenta no consciente médio, no cérebro, através do normal campo de consciência. Nesta passagem deve-se verificar um abaixamento de potencial e de freqüência da parte da mais sutil energia do superconsciente, para descer ao nível dinâmico da energia do consciente, ou uma elevação desse potencial e dessa freqüência por parte da mais pesada energia do consciente, para subir ao plano dinâmico da energia do superconsciente, de maneira a encontrar-se, no momento do contato telepático, em um mesmo nível e assim poder comunicar. Trata-se de dois tipos de pensamento e técnica mental que, no momento do lampejo no consciente, devem-se igualar, sem o que não se verificará a comunicação e nada daquele mais alto tipo de pensamento se revelará no consciente.

O fenômeno inspirativo resulta, portanto, composto de três momentos.

1) O primeiro desenvolve-se fora do campo da consciência do sujeito, no silêncio do seu inconsciente superior. Aqui a idéia pode aparecer por três vias: a) por havê-la o sujeito captado por iniciativa própria com o seu superconsciente nas correntes de pensamento existentes naquele nível; b) por havê-la o sujeito recebido telepaticamente por iluminação, tendo-se ele sintonizado com aquelas correntes; c) por ele a haver atingido no armazém do seu conhecimento, em seu superconsciente, onde um indivíduo evoluído, mesmo que seja inconscientemente, já sabe funcionar. Os fatos nos mostram que existe um processo interior constituído por um trabalho mental que se realiza no inconsciente, seja superior, seja inferior, porque se vêem aparecer no campo da consciência os seus resultados. O pensamento pode, portanto, funcionar também fora deste campo, oculto de nós. Não nos surpreendem, pois, essas afirmações.

Assim, a primeira origem da idéia pode ser devida a três fatos: o eu que capta, o eu que recebe, o eu que recorda e elabora. Nascida de tal modo a idéia no superconsciente do sujeito, este material, se já não está no estado conclusivo de produto-síntese, pode ser elaborado naquele nível pelo próprio sujeito, isto é, no seu consciente superior com a técnica de pensamento daquele plano, amadurecendo aquele material até levá-lo à sua fase final. Com isso se conclui o primeiro período do processo inspirativo. Neste momento ele alcançou e nos apresenta, destilado, o total de toda a operação, pronto o resultado-síntese que a contém e resume. Temos, desta maneira, a solução dos problemas, a visão de um determinado setor da verdade, como fase conclusiva de todo o processo interior, a qual, no entanto, dele não deixa ver analiticamente a técnica de funcionamento. Este sintético produto final é transmitido ao normal campo de consciência.

2) Superado o primeiro momento, que é o da concepção e primeira elaboração da idéia, passa-se ao segundo: o da transmissão desta, do superconsciente ao consciente. Trata-se da passagem de um plano evolutivo mais alto a outro mais baixo. Este é o momento no qual se verifica o contato necessário para poder comunicar. Para realizá-lo é preciso chegar a uma recíproca aproximação, que tem a função de reduzir os dois pólos ao mesmo nível dinâmico, sem o que eles não podem juntar-se. Este nivelamento de potencial psíquico consiste numa descida do mais alto (superconsciente), ou de uma subida do mais baixo (consciente normal) e, reciprocamente, compreende ambas as deslocações, de modo que se possam encontrar. É por meio deles, de ambos os lados, que se chega ao contato, mesmo quando ele, por longa repetição, tornou-se habitual. Este e o momento em que se realiza a comunicação, que é irrupção e penetração do superconsciente na esfera do consciente.

Neste ponto a idéia muda de forma e se veste com outra técnica de expressão, isto e, passa da técnica conceptual intuitivo-sintética, própria do superconsciente, à racional-analítica do normal plano mental humano. Neste instante funciona a mente comum do sujeito no seu nível natural, e, com isso, se entra na terceira fase do processo. Mas aqui se trata de uma posterior elaboração conceptual da inspiração. Esta, em sua chegada, não é um pensamento diluído analiticamente, ainda que dessa forma seja traduzida, ela é um pensamento concentrado em síntese, em forma de absoluta conclusão visão direta de uma verdade Do modo como tal tipo de pensamento se apresenta no consciente, depende a sua instabilidade

mnemônica, quando ele aparece no nível cerebral, e a necessidade já referida de tomar subitamente nota por escrito de tais conceitos, que parecem ansiosos para fugir de um plano mental que não é o deles.

3) O terceiro momento é aquele no qual a idéia, penetrada e revelada no consciente, ali se fixa para ser assimilada pela evolução do sujeito, ou para ser racionalmente elaborada, e depois ser exposta à compreensão dos outros no plano humano, para a sua ascensão. Nesta fase o material em conceito inspirativo é transportado à forma racional humana, trabalho confiado ao sujeito que recebe. Então, a idéia sintética e abstrata é analiticamente desenvolvida ao longo de passagens lógicas e sucessivas. É vestida de palavras escritas e de imagens que se referem ao ambiente terrestre e respectiva psicologia. Trata-se da tradução de uma linguagem para outra. Nesta etapa é o instrumento que cumpre a função específica que lhe espera no plano do consciente normal, a ele confiada, oposta àquela voltada para o inconsciente superior. Aqui ele entra em ação com as suas normais qualidades mentais para realizar um trabalho de elaboração do material em seu poder, adaptando-o, desenvolvendo-o, expondo-o logicamente, demonstrando-o e controlando-o, racionalmente, conforme as exigências da forma mental corrente.

No meu caso, tive de realizar estes dois trabalhos: assimilar o conteúdo da Obra para a minha evolução e expô-la para fazê-la conhecida dos outros. Alcançada esta sua última fase o processo inspirativo atingiu os seus objetivos e se fechou. De todo o fenômeno ficou na Terra a Obra e, para o autor, a sua ascensão evolutiva, porque ele leva consigo o fruto do seu trabalho.

Cumpre-se, assim, todo o ciclo do fenômeno nos três momentos acima descritos. Nesse processo as formas de funcionamento ativo e passivo se alternam. O sujeito pode receber passivamente, ou captar ativamente as correntes de pensamento, quando ele funciona no âmbito do inconsciente superior; e pode receber passivamente, ou captar ativamente no que respeita à zona de conceitos que o dominam no plano superconsciente, quando ele trabalha no ambiente do consciente normal. Ele é depois ativo no período final, ou seja, na elaboração daqueles conceitos neste nível, fase que, em nosso caso, compreende a compilação escrita da Obra.

Nesta deslocação há sempre uma troca entre polaridades opostas, entre um elemento que funciona ao positivo e outro ao negativo, um como fecundador, dinâmico e propulsivo, e outro como fecundado, receptivo e elaborador. Eles são constantemente complementares, mesmo nesta última parte na qual o instrumento receptor, em posição de fecundado perante o superconsciente fecundador, faz-se centro transmissor fecundador ante os leitores dos seus escritos, fecundados, por sua vez, enquanto recebem o pensamento que lhes é transmitido. Em substância, no entanto, esta posição de negatividade receptora não é passiva, porém complementar entre trabalhos de tipos opostos, ambos ativos, como ocorre entre macho e fêmea, mas em sentido inverso. O elemento passivo não é inerte. O instrumento que recebe é como a fêmea, que, recebendo o impulso dinamizante do macho, elabora-o, desenvolve-o, faz dele uma criação, sobre esta eleva uma construção, que, neste caso, é a Obra escrita. Esta, por sua vez, é dinâmica e fecundadora de almas, enquanto o autor, recebendo este impulso da Obra, pode elevar o edifício de sua nova espiritualidade.

Eis o processo e cadeia de momentos sucessivos que se realizou o meu fenômeno inspirativo e a formação concreta da Obra. Para explicar tudo isso era, todavia, necessário colocar cada elemento na sua posição, mesmo que isso pudesse parecer auto-exaltação do instrumento. O que me conforta neste caso é a constatação de que, para despertar no superconsciente, não se faz mister ser perfeito; que o fenômeno que eu vivi não implica nenhuma superioridade, o que me é provado pelo fato de que seres muito mais elevados, que realizaram trabalhos bem maiores, nem por isso foram isentos de defeitos. É precisamente para o nosso aperfeiçoamento que acontecem tais fenômenos.

É exatamente porque desejaria fugir ao desgosto de falar de mim, que procuro despersonalizar o caso aqui examinado, expondo-o como se se tratasse de outros e referindo-me sobretudo à parte teórica e explicativa do fenômeno. O leitor pode imaginar que experiência espiritual é escrever tal Obra nas condições em que estou descrevendo, e como as ambições que nascem depois de tal experiência não possam ser as do normal tipo humano. A grande aspiração, entretanto, é ficar em contato permanente com aquelas altas correntes de pensamento, é viver definitivamente consciente no superconsciente, num tipo de vida muito mais intenso do que a do plano físico, para continuar a contemplar as visões da Obra e outras mais profundas, sentado ao banquete do conhecimento para sacar a fome do espírito de tudo compreender. E, perto da velhice, sinto que tanto mais luminosamente se sobrevive, quanto mais alto se transferiu o próprio centro de consciência, o que confirma as teorias expostas. As minhas satisfações nunca foram as do mundo Afastando-me dele sempre mais, cada vez menos podem sê-lo. À minha grande festa está em constatar que, enquanto o corpo vai lentamente morrendo cada dia e, assim, perdendo a vida no nível matéria, esclarece-se e potencializa-se a minha existência no plano mental intuitivo de tipo

superconsciente. Isto representa uma imensa alegria de viver, dada não por me sentir de fato morrer com o corpo, mas a ele sobreviver num tipo de vida superior, mais intensa. Trata-se de uma ressurreição no espírito, de um sentido de ascensão e imortalidade, de uma plenitude vital que não há riqueza ou potência humana que possa igualar, perante a qual todos os triunfos humanos são miséria.

Como se vê, o fenômeno não tem só o aspecto parapsicológico, mas também o de catarse, enquanto cumpre uma função evolutiva na personalidade do sujeito. Em nosso caso, não se trata apenas de pensar no nível mental da fonte, mas também de viver no seu plano moral. Compreende-se, assim, como para poder cumprir o trabalho de escrever a Obra, fosse necessário seguir um tipo de vida adequado. Sendo a referida fonte algo vivo, passou a se constituir para o instrumento num modelo de existência, por estar com ela em incessante contato emotivo e mental, isto é, de sentimento e de pensamento, tornando-se uma função vital para ele necessária, pelo alimento que extrai daquele contato. Temos, pois, um fenômeno rico de conteúdo. Ele não apresenta apenas o aspecto telepático de transmissão conceitual, mas preenche também uma função de ascensão espiritual e de transformação de tipo biológico do instrumento. Todo o fenômeno é impregnado de finalidade evolutiva, que se revela ainda nos seus efeitos, enquanto ela, através da iluminação mental, tem também como objetivo a catarse e o progresso espiritual do leitor.

Neste caso, ocorre um fenômeno semelhante ao que, num plano mais baixo, é a fecundação do óvulo por parte do espermatozóide masculino. Quando o indivíduo por evolução chegou ao devido grau de amadurecimento que o torna apto ao salto evolutivo, então, tendo o invólucro de involução ficado tênue, o princípio superior pode rompê-lo e penetrar dentro dele para cumprir a sua função. O impulso positivo dinamizante, de tipo S, vence as resistências do AS, podendo enxertar-se no terreno negativo deste para fecundá-lo com a sua potência e levá-lo para mais alto em direção do S. A fecundação neste caso conduz à unificação, não de um dualismo horizontal no mesmo plano, como no caso macho-fêmea. mas em sentido vertical, entre dois estágios diversos, super-normal e normal. Todavia, em ambos os casos, o fenômeno verifica-se conforme o mesmo princípio de fecundação, concluindo com a gênese do terceiro elemento, fruto da conjugação: o novo ser, seja o filho, seja a Obra criada.

Neste campo tudo é analogicamente regulado nos verdadeiros níveis pelas leis da vida, pelo que, quando o fenômeno amadurece, o indivíduo é atraído pelos seus impulsos instintivos, por meio dos quais aquelas leis o manejam, atraído para o outro termo em conjunção com o qual deve cumprir a sua função criadora. Então, no plano humano, ele é atraído para o outro sexo, enquanto, no âmbito super-humano, o é para centros de vida superior, com os quais igualmente se une em forma espiritual, com núpcias noutro ambiente. A lei de atração para alcançar a unificação de objetivo genético, com atividade criadora, toma a forma sexual só no baixo reino animal-humano, embora seja regra universal, ou esquema ou modelo de técnica genética em todos os planos da existência.

O princípio dos dois pólos opostos e complementares que se conjugam para formar o circuito é verdadeiro em todos os níveis. Eles se aproximam para fundir-se e formar com as duas metades a unidade completa. Mas para poder fazer isso devem ser afins, coexistindo no mesmo ambiente evolutivo. Em nosso caso é necessário alcançá-lo, porque o contato é mental. Sucede telepaticamente. Exige, portanto, um estado de ressonância que só se pode verificar entre afins. Sem afinidade, não há possibilidade de fusão que unifique. E, se não existe fusão, nada se cria. Para que possa lançar a centelha criadora, conseqüência da unificação, é preciso que os dois pólos se ponham à mesma altura. No caso do evoluído, ele não encontra na Terra o seu termo complementar. Deve, portanto, procurar outro com o qual se una num plano mais alto. Para ambos os termos a união constitui uma função vital, porque corresponde à necessidade de completar-se, unindo-se à parte oposta. Existimos num universo despedaçado, no qual cada elemento do dualismo por si só se sente incompleto. Está, portanto, ansioso de reconstruir-se em unidade, juntando-se com o termo contrário. Por isso, em cada ser há uma necessidade fundamental de integração, que ele alcança ao se unir à sua parte inversa, sem a qual fica somente metade. Esta disposição de maneira a formar o casal representa uma necessidade basilar da vida, à qual ninguém pode fugir.

Em nosso caso, a união, a fecundação e a filiação verificaram-se no plano mental e espiritual, mas sempre em aplicação do referido princípio. Sendo assim, tal é a estrutura do fenômeno como emprego de uma lei universal, nele também presente. Mas aqui não se trata de junção de corpos em ambiente físico, mas de união de espíritos no nível mental. Aqui aparece também o lado sublimação mística. próprio das religiões. Esta é a forma que para os sensibilizados torna o amor nos estágios evolutivos mais altos, mais próximos ao S e mais afastados do AS.

Tal constatação convalida a técnica da sublimação da energia sexual, canalizando-a para funções criadoras de mais alto nível isto é, no mundo espiritual, utilizando em forma mais evoluída a

mesma carga energética e dinamismo criador. Trata-se de evoluir. Estamos na estrada da reunificação S e ÀS, ou seja, do saneamento da cisão dualística. Seguir este impulso constituí a alegria máxima, porque é a reconstrução e cura do universo fragmentado, dividido contra si mesmo, doente de separatismo. Assim, a união e a gênese são alegria em cada posição, porque sucedem em função do processo reconstrutivo da unidade no S. Então, o problema da sobrevivência material, que, no plano normal, é fundamental, torna-se secundário, e aquele da ascensão evolutiva em direção à espiritualidade, que, no nível normal, é menos importante, para deslocar-se até ao super-normal, passa a ser essencial. O que no plano animal-humano é loucura, num estágio mais alto, super-humano, converte-se em sabedoria. Aquilo que era perda depois vem a ser vantagem, e aquela loucura passa ao utilitarismo da vida. Esta acaba por aceitá-la, mesmo que, primeiramente, num nível mais baixo, já que, se fosse desvantajosa, a repeliria.

A lógica destes esclarecimentos justifica, mesmo em sentido prático-utilitário, a conduta de nosso personagem e explica por que o mundo o condenava. Há posições biológicas em certos momentos da evolução em que é necessário que a vida arrisque tudo pelo todo, quando se trata de alcançar finalidades mais importantes que as da conservação individual. Ela permite, assim, que o indivíduo se sacrifique. Por remontar cascatas, vi peixes despedaçarem-se contra as pedras, e isto a fim de botarem os ovos mais perto da fonte. É assim que, quando, no caminho da evolução, é chegada a hora decisiva da maturação, que exige o salto para a frente, a lei da sobrevivência cede passo a da evolução, que toma o domínio e a que tudo se sacrifica, contanto que se avance. Nestes momentos a luta pela vida é substituída pela evolução, isto é, por uma vida maior em mais adiantado nível ascensional. Então, constitui sabedoria arriscar aquilo que para o homem normal e estacionário representa loucura. Cada um é sábio a seu modo, um com a sabedoria de conservar as velhas posições, apegando-se às coisas da Terra, o outro por saber conquistar novas posições, com desapego completo, indiferente às coisas do mundo. O progresso é devido à coragem daqueles que quiseram, a seu risco, explorar o inexplorado. No presente caso, trata-se precisamente de uma evasão do normal para aventurar-se nas ignotas zonas do super-normal, para conquistá-lo com um tipo incomum de experiências no vértice. É uma conquista por parte do consciente, porque se trata de uma dilatação, ou seja, uma penetração consciente na zona da superconsciência. É um tipo de luta diferente da normal, dirigida a outras finalidades. O evoluído deve realizar a sua luta, ao seu nível, num mundo involuído que faz a sua guerra no plano humano.

Tais fenômenos espirituais eram antigamente tratados empiricamente e só pelas religiões. A ciência não os tomava em consideração, porque não os julgava positivos. Mas hoje se começa a admitir que considerar o super-normal como anormal não é científico. Tende-se, assim, a tomar em exame a "psicologia do profundo", dirigindo-se à investigação do inconsciente, além do subconsciente, ao superconsciente, isto é, não à zona animal do homem, mas à super-humana, de muito maior importância como valor biológico para a evolução Esta psicologia do alto é a que contém os superiores valores da humanidade. É assim que, como referimos, a indagação psicanalítica é levada ao campo da Parapsicologia, o que é precisamente aquilo que mais interessa no estudo de nosso caso. O superconsciente contém em embrião o nosso futuro, aquele a que as religiões, a ciência, o progresso, os ideais tendem a levar-nos. Ele é o terreno onde jazem os germes de muitos futuros desenvolvimentos. Hoje ele é um super-normal, mas que está à espera de tornar-se, amanhã, normal.

Baseado nesses conceitos, é que nos foi possível melhor compreender o caso parapsicológico aqui tomado em exame. Agora que ele se está aproximando da conclusão do seu percurso, são mais visíveis o seu significado e os seus resultados. O centro de consciência do autor habituou-se a funcionar, em grande parte, no nível do superconsciente. Deslocou-se, portanto, um pouco em direção a um plano evolutivo mais avançado, no sentido do S. Transformou-se o tipo de vida e com isso o sujeito se tornou apto a continuá-la em forma diferente. Ele se destaca do ambiente terrestre, que se deixa para trás como experiência superada, juntamente com as coisas más que ela traz consigo. A transformação consiste no fato de que ele saberá, de agora em diante, pensar de maneira diversa da velha forma mental racional-analítica, a saber, de modo intuitivo-sintético, em função de outro tipo de consciência, que constituirá a sua nova forma de existir. Mudando assim a própria natureza, em função da qual tudo se concebe, ele terá a sensação de viver imerso em outro universo, porque este se lhe manifestará de maneira diferente, estabelecida pelos seus novos meios de percepção e compreensão.

Com tudo isso vimos a estrutura e a função evolutiva do fenômeno inspirativo. Tratemos agora de lhe compreender o significado biológico, seja em geral, isto é, em relação ao funcionamento da vida, seja, em nosso caso, quanto à existência do sujeito.

Já dissemos, e aqui concebemos a distinção subconsciente, consciente e superconsciente — em função do movimento ascensional da evolução, pelo qual, com a experiência da vida, o ser adquire

conhecimento sempre maior e, por meio da atividade no consciente, avança do subconsciente em direção ao superconsciente. É assim que o subconsciente representa o passado, o fundo do AS, do qual emerge, e o superconsciente constitui o futuro, a meta situada nas alturas do S, em direção à qual se ascende. O superconsciente está situado do lado do S, formando a posição alta do existir, enquanto o subconsciente fica do lado do AS, para o qual representa a parte baixa, oposta. De modo que, como a evolução caminha do AS para o S, assim vai do subconsciente para o superconsciente. Que significa isto? Como é que se entende o fenômeno da queda em termos de psicanálise? Os dois fenômenos devem ser conexos, se, na queda, se fala de conhecimento e ignorância e, em psicanálise, de consciente e de inconsciente, termos equivalentes.

Com a revolta, em matéria de conhecimento ou consciência, nada se destruiu no S. A perda dessas qualidades, isto é, a derrocada delas nas trevas da ignorância e o respectivo estado de cegueira próprio do AS verificaram-se só para as criaturas rebeldes. É por isso que a evolução é um fenômeno de recuperação daqueles atributos perdidos, fenômeno a que está sujeito somente o ser decaído, que assim retorna ao S, reconquistando a sua originária natureza de ser iluminado e consciente. A evolução não se processa só do AS para o S, mas também da ignorância para o conhecimento, do inconsciente para o consciente. Como a unidade do S se despedaçou no dualismo S e AS, assim a unidade do ser se fragmentou em consciente e inconsciente, isto é, apareceu com a queda uma cisão na bipolaridade positivo-negativa, pela qual, junto ao consciente, no todo era somente positivo, apareceu o seu oposto negativo, a saber, o inconsciente. De fato, o consciente é positivo e pertence ao S; o inconsciente é negativo e faz parte do AS, e a evolução é uma conquista de positividade ou consciência.

Esta aquisição da consciência perdida e respectiva libertação das trevas da ignorância realiza-se por meio da experiência da vida. O subconsciente é a zona já reconquistada no passado, um primeiro trecho já percorrido de reconstrução da consciência do homem, ainda mal saído da animalidade. Os instintos representam a sua sapiência já adquirida. Isto prova o atraso mental do homem. O consciente é a zona na qual ele trabalha para reconquistar com a sua experiência o conhecimento perdido. O superconsciente é a faixa ainda ignorada, escondida no inconsciente, a recuperar como conhecimento do futuro. A sabedoria do S permaneceu intacta na consciência dos não decaídos e escrita na Lei. De fato, as diretivas do funcionamento do todo ficaram intactas. A sapiência quedou-se fora do consciente, ou seja, do conhecimento, só para o ser decaído, que por isso se encontra rodeado de mistérios e assim com grande parte de seu eu em trevas no inconsciente e constrangido à fadiga de descobrir e aprender tudo, obrigado com a evolução e reconstruir a sua consciência. O evoluir, de fato, é um progressivo despertar consciente no inconsciente, uma conquista de luz saindo das trevas. A sapiência ficou, mas fora do consciente, que deve desenvolver-se para reencontrá-la. As provas da vida são os choques adaptados a despertar o adormecido. Vive-se e sofre-se para despertar, com a compreensão do porquê de tudo isso, na zona mais alta do ser, ao lado do S — superconsciente relativo à evolução do indivíduo. Assim, para um macaco um nosso simples raciocínio pode estar situado no superconsciente, isto é, no seu inconsciente superior.

O subconsciente é o depósito onde se conserva registrado, como qualidades individuais adquiridas e constitutivas da personalidade, todo o material conquistado com o trabalho da experimentação biológica realizada no passado. O produto útil das vidas sucessivas é composto por zonas de conhecimento que se estratificam umas sobre as outras, as mais recentes sobre as mais antigas, em planos de consciência sobrepostos, voltados a percorrer no início de cada nova vida, mas tanto mais rapidamente em síntese quanto mais eles são distantes, repetidos e, portanto, assimilados. É sabido que a ontogênese repete a filogênese. É assim que o subconsciente humano é de natureza instinto-animal. O superconsciente, ao contrário, contém as experiências do futuro, mais avançadas, destinadas um dia, depois de terem sido vividas no consciente, a descer, assimiladas, estratificando-se no subconsciente para formar a personalidade do indivíduo, que está assim em processo de contínuo enriquecimento. As religiões e os ideais constituem o guia deste trabalho mais avançado. Os seus princípios são vividos para serem, depois de longa repetição consuetudinária, absorvidos no subconsciente e assim transformados em novas qualidades formadoras da personalidade, que deste modo se enriquece sempre mais e se desenvolve subindo em direção ao S

O subconsciente pode ser considerado como uma película cinematográfica em que fica registrado todo o passado. Em cada vida se grava uma determinada metragem do filme virgem, de maneira que nele permanece escrito todo o trabalho de uma vida. Os velhos se dobram sobre si mesmos e passam o tempo a relê-lo, recordando. Os jovens pensam no futuro, os velhos no passado. Eles encontram-se em duas posições opostas perante a vida. Os primeiros olham para a frente, para um

caminho a percorrer; os segundos olham para trás, para uma estrada lá perlustrada. Todo o processo evolutivo realizado até ao momento presente está registrado num imenso filme que nos mostra toda a história vivida. Ele está em contínuo aumento, enriquecendo-se sempre de novas experiências, até que abraça todo o caminho da evolução, o que significa reconquistar todo o conhecimento perdido com a queda no AS. A evolução é uma laboriosa emersão das trevas da ignorância na luz do conhecimento. O inconsciente representa a parte de ignorância ainda não destruída pelo conhecimento. A evolução é uma progressiva invasão do consciente no terreno do inconsciente para transformá-lo em consciente, o que leva a uma diminuição dos espaços dominados pelo inconsciente e a um aumento daqueles ocupados pelo consciente. O subconsciente é um inconsciente inferior, feito de material já conquistado que o ser possui em síntese como sua sabedoria adquirida. O superconsciente é um inconsciente superior a conquistar, que constituirá a sua sabedoria futura. O primeiro transmite ao consciente os resultados das suas experiências em forma de impulsos sintéticos. O segundo transfere ao consciente os seus pressentimentos, antecipações situadas ainda fora das suas experiências e à espera delas.

No meu caso, a coisa mais importante que filmei na minha vida atual foi a Obra. Cada um registra algo diferente. O filme dos jovens ainda é virgem, mas, no fim da vida, não resta senão a película gravada. Então, já não se podem registrar novos acontecimentos e, sim, apenas olhar as fotografias dos antigos. Próximo agora ao fim, estou olhando o meu filme. O meu cérebro foi a máquina de filmar. Acaba a minha vida atual, desfaz-se aquela máquina e fica a película. Agora o trabalho de registração está para acabar, mas tenho comigo todo o material registrado. Depois da morte levarei comigo o filme impresso no meu espírito, para poder ainda melhor olhá-lo, compreender e assimilar. Depois da fase extrovertida, entro agora na introvertida, trabalho inverso e complementar daquele terreno. Depois inverterei ainda estas posições, renascendo, fornecendo-me outro cérebro, nova máquina de filmar, para fazer outro trabalho em continuação ao precedente. A filmagem da Obra está pronta. E, de agora em diante, experiência vivida, patrimônio adquirido, inalienável, ponto de partida da nova experimentação na vida sucessiva.

Agora posso compreender o que ganhei com não ter querido perder tempo a ocupar-me de riquezas. Se tivesse corrido atrás delas, não teria em mão senão um filme de experiências terrenas de negócios que me teriam pregado neste ambiente inferior. Triste resultado. Bem ao contrário, encontro-me tendo nas mãos uma riqueza minha, que me leva um pouco mais para diante em direção ao S. Isto muda a minha posição evolutiva, impelindo-me para mais alto plano de existência, o que é o resultado máximo que se pode obter numa vida. Na próxima existência, com um cérebro mais aperfeiçoado, órgão adequado às novas capacidades mentais adquiridas e produto de um ambiente mais adiantado, poderei dispor de meios de compreensão e expressão mais evoluídos para satisfazer ainda mais a minha máxima aspiração, que é evoluir. Com u'a máquina de filmar mais aperfeiçoada, poderei realizar novas filmagens reveladoras do pensamento que tudo move. Poderei assistir a novas expansões do consciente num sempre mais alto superconsciente, para embriagar-me com a luz que desce do S, isto é, de Deus.

Esta é a análise do fenômeno que foi experimentado no meu caso. Estas são as conclusões para a vida do sujeito que as viveu. Enquanto as religiões com constrangimentos espirituais se intrometem nas relações entre a alma e Deus, enquanto os Estados coletivizam o indivíduo, reduzindo-o a uma peça da grande máquina social, perante todas estas tentativas de enquadramento e incorporação, o indivíduo pode evadir-se do ambiente terrestre para além dos limites deste, lá aonde os poderes do mundo não chegam. Por haver superado tudo isso, livre de todas estas pressões, ele pode alcançar uma forma de vida mais alta, mais civilizada, mais feliz. Também o indivíduo considerado como tal tem os seus direitos de independência. E, mesmo que o mundo não os reconheça, quando perante as leis da vida lhe pertencem, esta os reconhece e o autoriza a fazê-los valer. O mundo não tem em conta o fato de que, por cima de todos os seus poderes, existe o de Deus, que com a Sua Lei comanda tudo, inclusive aqueles que pela sua ignorância tudo isso negam. Há um grande e inalienável prêmio para o trabalho individual de superação evolutiva, um tipo de propriedade reservada que não se pode nem roubar, nem taxar, nem coletivizar. Este prêmio consiste em poder evadir-se de um plano de vida inferior, da humanidade atual, para ir viver no meio de outros mais avançados.

* * *

Se tal experiência tem um profundo significado biológico para o indivíduo, ela pode ter o seu sentido também para a humanidade, porquanto pode ser entendida como uma antecipação do futuro desenvolvimento desta. Observemos, portanto, o fenômeno também sob este outro aspecto.

Disse que o superconsciente contém em germe o nosso futuro e que o atual super-normal está à espera de tornar-se amanhã normal. Assagioli afirma que "A Nova Era atestará o florescer da intuição". A construção da nova civilização dependerá muito de aprofundar-se a investigação psicológica. A conformação de nossa vida depende muito de nossa conduta, e a primeira raiz desta é psicológica. O nosso mundo é feito de determinada maneira, porque também assim o pensamos e o reconstruímos. Isso diz respeito à nossa natureza, criadora da sociedade humana, à sua imagem e semelhança. Quando soubermos pensar melhor, dispondo de u'a mente diretriz diversa, poderemos plasmar um mundo diferente.

Hoje a humanidade vive no caos. Qualquer tentativa de ordem não tem valor, se não se apoiar na força. Não tem sentido a lei, se não for armada de sanções. A ordem tem de vir imposta de fora, porque o indivíduo é naturalmente rebelde. As diretivas da ação não são espontaneamente coordenadas, fruto de conhecimento e convicção. Os pensamentos que guiam a nossa conduta são de egoísmo e de luta. A grande ocupação do homem é procurar a vitória sobre o próximo e não a compreensão para chegar à colaboração. Tal caótico modo de pensar leva a uma conduta que faz de nosso mundo um inferno. A nossa sociedade pode ter um sentido, se olhada com a visão separatista do indivíduo isolado, mas representa o absurdo de uma loucura autodestrutiva se vista coletivamente. As energias psicológicas antepostas à ação não são inteligentemente guiadas para a criatividade, convergindo em direção ao bem de cada um e de todos, mas são usadas para lutar, para se destruírem reciprocamente, dissipando estupidamente, em inúteis atritos, com imenso dano, valores preciosos. À força de lhes sofrer as conseqüências, deveremos sair desse estado de inconsciência e de barbárie. De há muito se iniciou, aqui e ali, a desconfiança de que não somos de fato civilizados.

A futura humanidade se organizará de modo a obter de cada indivíduo o máximo rendimento possível, indo ao encontro dele, sabendo utilizar as suas qualidades, colocando-o no lugar que lhe é mais adaptado, no organismo coletivo, e não deixando-o só, obrigado a desperdiçar as suas energias para subir lutando, enquanto poderia usá-las para produzir. Então, a penetração psicológica da personalidade terá uma função fundamental. Construir o homem é problema básico, trabalho dos milênios futuros, e estamos ainda no início. É necessário educar, selecionar, guiar no seu desenvolvimento os elementos constitutivos da sociedade que hoje nascem e crescem ao acaso.

A grande sapiência a aprender é a arte da convivência, a que permite a coexistência pacífica. Muitas vezes a confraternização é, em grande parte, retórica. O impulso mais forte é o egoísmo que se torna um obstáculo à compreensão. Atualmente, não se chega à confraternização se não por motivo egoísta da defesa de um perigo comum. Assim, é o perigo comunista que faz unir os cristãos, só hoje intitulados de irmãos separados. De igual modo é o perigo chinês que avizinha os dois grandes inimigos: Comunismo e Capitalismo. Ainda, igualmente, é o perigo universal da bomba atômica que tende a unificar o mundo para a sua sobrevivência. Esta é uma confraternização baseada no egoísmo, não na compreensão recíproca. Por outro lado, é necessário compreender que é indispensável deixar a cada um, seja indivíduo, seja povo, um suficiente espaço vital sem o oprimir e, portanto, sem lhe excitar as inevitáveis reações. Estas, uma vez postas em movimento, transmitem-se em cadeia, provocando contra-reações, gerando revoltas à ordem, revoluções e aquele permanente estado de guerra que delicia a nossa humanidade. Isto significa dar e receber golpes contínuos, um prejuízo coletivo constante, um peso enorme a arrastar. Que absurdo e contraproducente método é usar as próprias energias para fabricar sofrimentos! Isto é somente admissível nas humanidades primitivas isto só se explica para os involuídos que gravitam ainda em direção ao AS. Não são, portanto, senão seres destrutivos, feitos de negatividade, enquanto exaltam como vencedor quem se afirma sobre um cemitério de vencidos. Mas a vida evolui em direção ao S, o que significa seres construtivos, feitos de positividade, para quem as energias são usadas utilmente, para criar o bem, não o mal. Eis que o maior problema da humanidade está em evoluir, para alcançar formas de vida mais elevadas.

A nova civilização consistirá em saber compreender-se e interligar-se reciprocamente em considerar o próximo como um colaborador no mesmo organismo, movido pelo mesmo interesse. Compreensão significa não procurar impor aos outros os próprios gostos e idéias em qualquer campo, como se fossem verdades absolutas, mas respeitá-los, como eles devem fazer o mesmo, cada um livre de viver conforme sua própria natureza, conquanto isto não traga prejuízo a ninguém. Não se pretenderá converter ninguém à própria fé, proclamando-a como única verdadeira e condenando as outras como erro.

A Psicologia estudará os vários tipos de uma nova "tipologia", de modo a prever e não a provocar a reação que cada um, conforme o seu temperamento, oferece ao mesmo fato, posição ou relação. Conhecendo a técnica psicológica do comportamento, será possível prever as conseqüências dos

vários movimentos, provocando os bons e evitando os maus. Num regime de inteligência, as atividades dos elementos da coletividade poderão desenvolver-se em sentido convergente, em vez de, como atualmente, em direção divergente, com maior rendimento utilitário.

A atual tendência ao nivelamento é um primeiro passo neste rumo. Tal inclinação à igualdade nasceu e se explica como reação aos abusos da desigualdade, segundo o velho método da injustiça social. No entanto, a posição futura não será de nivelamento, porque não consiste em uma homogeneização que suprima o diferenciado, mas numa síntese coletiva que o respeite, coordenando os diversos elementos com funções diferentes em uma unidade estrutural na qual as suas distinções se interliguem e integrem numa ordem coletiva. Em resumo, caminha-se para um estado orgânico. Por isso, o atual nivelamento deverá ser corrigido para tornar-se uma coordenação que conserve as diferenças, mas organize as funções específicas, levando-as do estado caótico ao orgânico, da posição de anarquia e desordem à de disciplina e ordem. Isto, biologicamente, é normal. Verificamo-lo já no organismo humano, no qual as células não são elementos homogêneos, mas especializados por diversas funções, que cada uma delas cumpre de acordo com as das outras células. Conforme esta divisão de trabalho, elas estão agrupadas para formar tecidos, órgãos, grupos de órgãos, funcionando tudo disciplinadamente, segundo a natureza específica própria de cada célula. Tudo isso acontece consoante o princípio das unidades coletivas, por nós, noutro lugar, largamente ilustrado, pelo qual a evolução avança em direção ao S, constituindo com elementos menores e seus agrupamentos unidades coletivas sempre maiores. Estas, todavia, não são uma soma de indivíduos componentes, mas resultam numa construção dada pela sua organização.

Depois desta digressão sobre as bases de nossa futura humanidade, voltemos ao caso aqui tomado em exame. Ele nos oferece um exemplo, mesmo que seja de antecipação sobre as massas, que depois poderão segui-lo, inicialmente limitado a indivíduos isolados, através dos quais se pode ver qual é o caminho da evolução que nos leva para graus de civilização mais avançados. Não se trata, portanto, de um caso esporádico da realidade biológica, mas de um despertar natural que se verifica com qualquer pessoa que tenha alcançado determinado nível de maturação evolutiva

A atual maioria humana, a que impõe e estabelece o seu tipo como normal, sem outra justificação que não seja a força do número, a qual, em função dessa sua normalidade, faz para todos leis e normas de conduta, vive equilibrada e fechada no campo de consciência situada no centro do inconsciente médio, nele recebendo os impulsos do inconsciente inferior ou subconsciente, sem suspeitar uma possibilidade de superações que desloquem a sua consciência ao nível do superconsciente É com tais elementos do consciente ao nível médio que funciona a nossa vida social.

Assim se pronuncia Assagioli no seu opúsculo — *Os Símbolos do Supernormal (1965): (. . ..)* "considera-se "normal" o homem médio, aquele que observa as normas sociais, o "conformista". Esta normalidade e uma 'mediocridade que condena tudo o que é fora das normas e que, portanto, é considerado "anormal", sem levar em conta o fato de que muitas das assim chamadas "anormalidades" na realidade são começos ou tentativas de superar a mediocridade". Porém, agora, começa-se a reagir contra este mesquinho culto da "normalidade"; pensadores e cientistas de nosso tempo se lhe opuseram com decisão. Entre os mais autorizados, pode-se citar Jung, que não hesitou em dizer: "para aqueles que têm possibilidades muito maiores que as do homem médio, a idéia, ou a obrigação moral de ser somente normais constitui a tortura de um leito de Procusto, um aborrecimento insuportável, um inferno sem esperança" *(O Homem Moderno em Busca de Uma Alma*, Nova Iorque 1935).

Outro estudioso, o Prof. Gattegno, da Universidade de Londres, avançando mais, acrescentou que ele considera o homem Médio ordinário como um ser pré-humano. E reserva a palavra "Homem" (com "H" maiúsculo) só para aqueles que transcenderam o nível ou estágio comum e que são, com relação a este, super-normais.

A tudo isso acrescenta Humberto Rohden no seu volume *Filosofia Cósmica do Evangelho:* "Todo homem, depois de certa altura de experiência espiritual, entra, fatalmente, num ambiente de antítese com a sociedade em que tem de viver. O grosso da humanidade vive num plano de evolução apenas físico-mental, guiando-se pelo testemunho dos sentidos e do intelecto e ignorando os altos ditames da razão espiritual. Quem se eleva acima das vibrações espirituais, está sempre em perigo de sofrer uma espécie de interferência de ondas; interferência que, em geral, se manifesta em forma de conflito de idéias e ideais, acabando por criar em torno desse bandeirante do Infinito uma atmosfera de frieza, hostilidade e incompreensão. Esse ambiente ingrato leva o homem espiritual instintivamente a um desejo de solidão e isolamento, onde possa cultivar desimpedidamente essas coisas belas e queridas que, em horas de profunda contemplação, descobriu e que ama com todas as veras de sua alma. Esse homem anda mal acompanhado na sociedade e bem acompanhado na solidão".

"Os profanos e inexperientes, em via de regra, interpretam esse isolacionismo como "orgulho" (. . . .). Para o homem espiritual, porém, é esse retraimento uma válvula de segurança, um instinto de autoconservação espiritual" (. . . .)

"Sendo que essa alma criou em si, pelo diuturno contato com o mundo divino, uma antena de extrema vibratilidade, é natural que o mais ligeiro contato com as rudezas e baixezas do mundo profano lhe causem grandes sofrimentos e lhe ponham em chaga viva o delicado Eu espiritual".

"A espiritualidade é a nossa maior glória e, também, o nosso mais acerbo sofrimento" (. . . .).

É deste modo que tais indivíduos, porque fora da comum medida em que todos devem uniformizar-se, auscultam o superconsciente, mesmo expulsos da sociedade. Todavia, como na primavera alguns frutos nascem antes dos outros, assim a vida costuma produzir alguns indivíduos mais avançados que chegam à maturação antecipadamente. Eles constituem as primícias da evolução, as suas vanguardas seguidas depois pelas massas. O seu despertar é isolado, caracterizado pelo fenômeno da penetração e irrupção do superconsciente na esfera do consciente. Isto pode acontecer tanto de improviso, depois de lenta e subterrânea preparação, como por gradual maturação, mentalmente controlada, como em nosso caso. Tudo isso não está fora da lógica do desenvolvimento da vida, dado que de agora em diante a evolução é de tipo nervoso e psíquico. Tudo isso está de fato acontecendo. Vemos, portanto, que, quando a evolução chega a um dado nível, ela se realiza como ativação do superconsciente, isto é, da zona superior da psique, para os normais ainda adormecidos em estado de inconsciência. A função de tais antecipadores sobre a evolução da grande massa humana é agir como antenas aptas a captar os mais longínquos horizontes que não os vêem. Assim, estes são ajudados a avançar na grande marcha da evolução.

Muitos já sentem que vivemos no limiar de uma nova era. Nesse mundo do futuro, em vez de se sufocar a vida de tais seres fora de série, procurar-se-á criá-los e deles se formará uma elite, reconhecendo a preciosa função biológica que lhes pertence cumprir para o progresso da humanidade. Quantos gênios hoje não deixam de produzir por falta de compreensão! No entanto, eles representam valores biológicos de grande utilidade coletiva que são desperdiçados, porque obrigados a se normalizarem, ao terem de enfrentar a vida no nível da luta de todos contra todos. Impedindo-os de se realizarem, tolhendo-lhes a criação, tornam-se indivíduos desajustados, obrigados a se isolarem, improdutivos para a sociedade, o que significa riqueza perdida para todos. Mas isso é inevitável no atual estado de egoísmo e caos em que vive a humanidade. Enquanto não for alcançado um grau mais avançado de civilização, a tais elementos não restará outra coisa senão se adaptarem, reentrando nas filas da gente comum e desperdiçando a sua capacidade num regime de competição. A agressividade do normal involuído, sendo este o mais forte, poderá facilmente vencer o homem bondoso e genial.

Quem é mais avançado em relação à Terra não deve jamais esquecer que vive numa humanidade de outro tipo. Se o evoluído nas suas superações se afasta demasiadamente das bases sólidas da animalidade sobre as quais se apoia a vida humana, passa a encontrar-se indefeso na luta que para qualquer um, onde esteja vivendo na Terra, é lei fundamental. Para sobreviver na floresta, entre as feras, não serve de nada ser um gênio ou um santo, mas é necessário estar bem armado para defender-se. É por isso que, no nível atual, a vida tende a eliminar os melhores, feitos para ambientes mais civilizados.

Já explicamos quais são as qualidades do indivíduo que alcançou semelhante estado de consciência. Até a sua moral é diferente da comum, imposta por autoridade e seguida pelo temor de um prejuízo próprio, enquanto se procuram todos os caminhos para fugir-lhe e assim desobedecer impunemente à lei. A sua moral é de outro tipo, de convicção, não de luta, livre, mas responsável. Enquanto o indivíduo normal vive satisfeito na ignorância dos últimos porquês do existir, saciado com as pequenas coisas da Terra, o mais evoluído não pode viver sem dar-se uma resposta àqueles porquês com a qual possa dirigir inteligentemente a sua vida, consciente da função que lhe espera no organismo universal no qual ele vive enquadrado. No seu nível psicológico, sente a necessidade prepotente de tudo compreender. Não se trata de uma conversão a esta ou àquela religião ou filosofia, mas de uma mudança da ignorância ao conhecimento, isto é, de tomar consciência do pensamento que dirige o funcionamento universal. Então, as relações com o mundo se tornam diferentes. A vida passa a não constituir mais um fim em si mesma, limitada à Terra, mas é um trecho do caminho da evolução e uma preparação à sua continuação em outros ambientes. A morte, então, torna-se outra coisa. Tudo muda visto deste modo, em função de outros pontos de referência. O despertar consciente no superconsciente, isto é, num consciente mais alto, nos transforma em elementos conhecedores da harmonia cósmica de um todo vivente, afasta-nos do tenebroso caos do AS e nos eleva em direção a um luminoso tipo de vida, universal e unitário, no S.

O nosso caso, que foi definido como mediunidade. baseia-se, ao contrário, no fenômeno biológico evolutivo do despertar no superconsciente. Só depois dessas explicações, pode-se compreendê-lo na sua essência, diferenciado dos comuns fenômenos mediúnicos, por dois fatos já estudados: 1) a produção de uma Obra; 2) a transformação de um homem no cumprimento de um destino. Este e não a mediunidade é o aspecto mais importante do caso parapsicológico aqui tomado em exame.

O que nos interessa pelo seu grande alcance biológico não é provar a sobrevivência, comunicando com os desencarnados, dado que essa sobrevivência é um fato inegável, mas importa afirmar o fenômeno do crescimento espiritual sobre o qual se baseia a evolução. Ele representa a solução do grande problema da redenção, isto é, libertação de tudo o que é negatividade devida à queda no AS, que entrou a fazer parte da existência, ou seja, libertação da dor para alcançar a felicidade. É assim que a análise do fenômeno parapsicológico se resolve no estudo do fenômeno da evolução da personalidade humana. O nosso caso, em vez de fideisticamente, é visto por nós, sobretudo, com os métodos positivos da investigação psicanalítica. A nossa interpretação inicial do fenômeno como mediunidade ativa e consciente, analisada, desenvolveu-se também sob esse outro aspecto psicanalítico.

Isto tem a sua importância. O inconsciente trabalha, se bem que esteja fora do campo da consciência, isto é, em forma inconcebível para o indivíduo. E, do evolutivamente baixo ou alto, a saber, inconsciente inferior ou superior, envia ao consciente as suas conclusões e impulsos conforme a sua natureza, ou seja, qualidades constitutivas da personalidade. Ora, se esta é desenvolvida do lado do inconsciente superior, em vez da parte do inconsciente inferior, como na maioria dos casos, depois de uma silenciosa elaboração irrompem na consciência conceitos elevados, evolutivamente avançados, seja como nível intelectual, seja moral, seja espiritual. Mas, se, inversamente, a personalidade é mais desenvolvida no plano do inconsciente inferior, como é mais comum, surgem na consciência os produtos ou impulsos baixos do subconsciente. E isso tanto mais facilmente quanto o indivíduo se abandona no transe mediúnico, pondo de lado o seu autocontrole consciente.

Ora, esse é o grande perigo da mediunidade de efeitos psíquicos, ou seja, constituir um desabafo do subconsciente, ou de correntes de pensamento do inferior nível do subconsciente, o que representa um subproduto de nenhum valor, ou francamente prejudicial para fins evolutivos. O que mais vale e que interessa funcionar é o superconsciente, o alto plano psíquico, ou seja a sua manifestação, ou corrente de pensamento do seu estágio evolutivo através da sua consciência. Por isso, em nosso caso, evitamos que de baixo surja uma inundação de animalidade. Controlamos a cada passo o fenômeno para que isto não aconteça, bem desperto, aceitando das transmissões do inconsciente somente aquilo que a nossa zona de consciência que o recebe julga que é puro e elevado produto do superconsciente ou de correntes de pensamento provenientes de centros espirituais do seu nível. É necessário sempre controlar qual a altura evolutiva do inconsciente de onde provém. ou através do qual passam as transmissões, isto é, se ele é superior, médio ou inferior, para aceitar apenas as superiores, de alto valor ético, intelectual, artístico, religioso. A nós interessa sobretudo o que serve para evoluir, porque subir é o objetivo supremo da vida, e fugimos de tudo o que está em baixo, porque conduz ao sofrimento e à morte.

Isto é o que sucede em nosso caso. Assim, vou aprendendo e assimilando o significado do que escrevo, à medida que faço este trabalho. De fato, trata-se de uma ordem de idéias que aparece no consciente como já pré-fabricada, construída fora dele. Não preparo com esforço consciente o desenvolvimento dos temas, mas me confio a uma corrente autônoma, que me arrasta e eu a sigo. Este é um modo bem estranho de pensar, segundo o qual leio um pensamento já escrito dentro de mim, e que surge à medida que o vou lendo. As idéias nascem espontâneas, como por impulso próprio. E, se intervenho com um ato volitivo, elas se rebelam a cada obrigação e desaparecem Mas sou eu que as leio, compreendo-as e depois as expresso em palavras. Portanto, devo estar bem calmo e concentrado, abstraído do mundo exterior, com o ouvido psíquico bem tenso para tudo perceber passivamente, sensibilizado ao ouvir, mas ativo como atenção viva, dinâmico no captar, mas não como vontade de domínio. Neste trabalho tenho a sensação de transferir-me consciente para o inconsciente superior, a fim de captar os resultados de um seu precedente trabalho secreto, mas sem poder analisá-lo, nem dominá-lo, do qual recebo as conclusões elaboradas. Isto dá-me a impressão de possuir um sentido de orientação na pesquisa da verdade. Sinto que a consciência normal irrompe para além dos seus limites, em outro mundo imenso, do qual, primeiro como num estado de exaltação mística, capto os lampejos, que depois, seguindo um desenvolvimento ordenado, procuro sistematizar racionalmente. Com tal método, quanto mais leio em mim sobre determinado assunto e, familiarizando-me com ele, melhor o compreendo, tanto mais facilmente consigo continuar a ler. Assim, fui lendo um volume após outro, como se subisse, degrau após degrau, a montanha do conhecimento, cada iluminação elevando-me em direção a outra mais alta, até me

encontrar nas mãos a Obra completa.

O que me maravilha é que, com um corpo de oitenta anos, em natural desfazimento, com um cérebro fisicamente anquilosado pelas células paradas tendentes à inércia, sempre menos adaptado à ágil função de pensar, eu possa conceber com clareza e encontre fadiga apenas no trabalho de tradução verbal dos conceitos, preocupado com a exatidão fotográfica da expressão. Constato, pois, o fato de que esse pensamento mais alto, jorrando do superconsciente, me dá uma sensação de potência, dinamismo e intensa vitalidade, em estranha expansão à medida que o organismo físico se enfraquece . Tudo isso me faz sentir também como seja absurdo que a morte possa matar-me, porque, com a aproximação de tal estado de consciência, em vez de haver enfraquecimento, como acontece com o restante, ocorre revigoramento. Este trabalho para mim é vital, me dá um sentido de alegria, direi que é nutritivo, como se com ele me alimentasse, absorvendo-o de uma fonte de vida Ele me fortalece a parte que não é humana, aquela em que sinto que sobreviverei sem ser perturbado pela morte, que, naquela zona, não me pode alcançar. A passagem a outro tipo de vida, ficando desperte no superconsciente, para mim doravante não é mais apenas teoria, porém sensação. lá tenho em mãos certo resultado de todo o fenômeno: ter-me avizinhado, no longo caminho da minha evolução, um passo a mais em direção à vida feliz do S e me afastando do AS, feita de dor e de morte. Realizar uma parte da sua redenção, por pequena que seja, representa a máxima valorização do próprio trabalho. O meu ponto de partida na vida foi a procura do seu significado; o conteúdo dela foi ter-lhe dado um sentido e haver vivido para realizá-lo; o resultado final é havê-lo cumprido e possuir-lhe as respectivas vantagens.

A luta por uma compreensão do significado da vida tive de empreendê-la sozinho no início deste século, quando para o Cristianismo era problema ainda importante o poder temporal dos papas, enquanto o materialismo definia o pensamento como uma secreção do cérebro. Entre os dois extremos opostos, cuidava-se sobretudo de litigar sem se haver compreendido o assunto. Só hoje religião e ciência se avizinham, começando a compreender o maior valor e verdade do conceito de mente espiritualizada, isto é, no sentido de que esta não é mais apenas uma alma, uma abstração teológica, nem somente uma função nervoso-cerebral, mas também espiritual, supercerebral. O cérebro é reconduzido à sua justa posição de instrumento do pensamento, não somente seu órgão produtor mas de atividade espiritual, na dependência de outra fonte superior, e não como única matriz de pensamento.

Destarte, o espírito torna-se um fenômeno acessível à pesquisa científica (Psicanálise, Parapsicologia etc.). De forma positiva podem ser estudadas não só cerebrais, mas também espirituais, isto é, superintelectuais, que se manifestam através do cérebro, funcionando este como instrumento. Podem-se estudar os mais altos processos criadores do pensamento, superiores aos que podem praticar um cérebro entendido apenas como máquina biopsicológica auto-suficiente. Hoje, com a distinção entre funções cerebrais e espirituais, alcançou-se uma colocação do problema espiritual mais exata do que seguindo um conceito de abstrata nebulosidade no caso da concepção religiosa da alma, ou acompanhando um materialismo negador do espírito, no caso da ciência.

Num ambiente dividido entre religião e ciência, ambas mais decididas a lutar do que a resolver tais problemas, era difícil, no meu tempo, sozinho, saber como estavam sendo as coisas. O mundo, por seu lado, quanto à realidade dos fatos, ocupava-se mais de outras coisas do que dos problemas do conhecimento. Formou-se, então — e depois não foi mais preenchida — uma cisão entre mim e o inundo, do qual não podia aceitar a forma mental e os involuídos métodos de vida. Descobri o desentendimento também em muitos pensadores. Ele foi aprovado e por mim definitivamente aceito, quando o vi propugnado por Cristo no Evangelho. Então, fi-lo meu, em nome do espírito. Mas, sendo necessária uma religião para viver com consciência, construí outra científica, seguindo Cristo; aquela que para mim, o Cristianismo deverá alcançar, se quiser sobreviver, superando a sua forma atual. Esses problemas hoje em discussão eram já meus no princípio do século, quando em relação a eles ainda se permanecia indiferente. Não acreditava nos meus olhos ao ver como se pudesse viver tranqüilo nas trevas da ignorância, sem haver uma resposta segura para os fundamentais porquês da vida. Ao contrário, cuidava-se muito do respeito para com as autoridades, para com a ordem constituída, a fim de que as posições fossem estáveis e a vida tranqüila. Não se respeitava de fato que a vida social pudesse funcionar de modo totalmente diverso, como hoje se está experimentando.

Toda a Obra reflete este dissídio com o mundo, na ânsia de superar os seus velhos métodos, respondendo ao desejo de conquista do conhecimento para alcançar um tipo de vida mais evoluída. Iniciei a Obra recomeçando tudo desde o princípio, partindo do nada. O seu desenvolvimento expressa o crescimento do meu espírito, que a seguiu na sua ascensão. O mundo esteve sempre do lado oposto — o do AS — mas de forma diferente. Nos primeiros volumes da Obra, o antagonismo se manifestou como

fuga do mundo, no espírito, e prevaleceu a visão do ideal, no qual me refugiei, fazendo dele o centro da vida sem tomar em consideração o nosso meio. Este é visto não como negação do ideal, mas como um ambiente apenas da sua realização teórica. A primeira fase da Obra se mantém, plena de fé e ímpeto espiritual, no plano místico. Mas, atravessada a primeira etapa, devia-se chegar à segunda fase, que não é mais de contemplação dos princípios ideais, mas aquela em que, para não ficar em vão, exige uma realização na Terra, o que não agradaria ao homem. Foi assim que, nos últimos volumes, chegando às conclusões práticas, os dois opostos, ideal e mundo, tiveram de se avizinhar e tocar, para se fundirem, o primeiro penetrando no segundo. Então, veio o choque.

O ideal não podia atraiçoar-se a si próprio e devia permanecer coerente. Por lei de evolução ele é feito para ser realizado. Mas o mundo não quer ser incomodado. Enquanto o tratado era longínquo e teórico, era aceito como inócua exercitação filosófica ou literária fora da realidade da vida. Mas, quando desceu ao plano das realizações práticas, sentiu-se-lhe, então, a queimadura, e veio a reação. O mundo funciona com outros princípios e não quer ideais que incomodem. Em dois mil anos, com escapatórias e hipocrisias, conseguiu-se domesticar a religião de maneira que não perturbe. É, portanto, irritante uma denúncia dos próprios erros. Por isso, repele-se o médico que diagnostica uma doença e propõe uma cura fastidiosa. Todavia, em certos momentos históricos graves, é necessário falar. Daí não vem mal nenhum, porque é só falar. A parte mais importante do discurso, Deus a pronuncia com fatos e com os acontecimentos apocalípticos que estão amadurecendo, dado que esta é a linguagem que todos compreendem.

O estilo de vida proposto pela Obra para realização, na sua parte final, tal modo de entender e dirigir a existência pode parecer estranho ao nosso tempo, que é ativo, sobretudo em direção extrovertida, no plano físico, para finalidades materiais. O homem, como a ciência, dirigiu-se ao domínio do seu mundo exterior, mas ignora ainda o do seu universo interior. Aquela visão é insuficiente, porque não abrange todo o campo da vida. Se ela modifica o ambiente a favor do homem, deixa-o, no entanto, no estado de consciência do involuído, prevalentemente dominado pelos impulsos emergentes dos baixos níveis da animalidade. É assim que da descoberta da energia atômica, obra de grande gênio, o maior uso pode resultar em prejuízo em vez de vantagem, resolvendo-se num retrocesso, pelo que teria sido mais útil se não tivesse avançado neste sentido.

É, então, urgente aprofundar o estudo das ciências psicológicas para guiar o homem com inteligência, depois de haver compreendido como interiormente ele é feito, quais são as forças que o movem e as leis do funcionamento mental com que ele dirige a ação. Nós somos conscientes apenas de uma zona limitada de nosso ser. Com este pequeno centro de consciência pretendemos guiar-nos, ignorando o que existe nas profundidades de nossa psique, nos abismos do inconsciente, de onde provêm impulsos incontrolados dos quais ignoramos as origens, a sua técnica funcional e aos quais obedecemos. A introspecção e respectiva pesquisa interior são uma lacuna que o homem moderno deve preencher, numa civilização superlativamente extrovertida, na qual se vive psicologicamente projetado para o exterior, ignorando-se a si próprio. Invade-se a matéria, mas não se sabe penetrar no homem. Exploram-se os espaços externos mas não se sabe fazê-lo nas amplitudes interiores. As grandes descobertas do futuro — necessárias para poder dar uma alma à nossa semicivilização da técnica, sem a qual esta é incompleta — virão da exploração do inconsciente, isto é, daquele grande mundo interior que trazemos conosco sem dele termos conhecimento.

O homem é ainda manobrado pelos impulsos instintivos emergentes de tal inconsciente. Eles plasmaram a sua ética empírica e ilógica e o impulsionam para formas de ações contraproducentes, muitas vezes desastrosas, como no caso das guerras. Estas, como a delinqüência, o vício e tantos males são devidos a um modo errado de pensar, a reações loucamente provocadas por uma absurda conduta, inconsciente das suas conseqüências, com profunda ignorância da arte de saber inteligentemente comportar-se. Será possível que a humanidade deva ainda funcionar com tanta estupidez, de modo que use as conquistas da ciência para destruir-se? Quando poderá o homem sair de tão desastrosa inconsciência?

É necessário aprender a agir diversamente, instruindo-nos com a arte do pensamento correto, que está na base da ação, sem o que cometeremos erros e geraremos sofrimentos. Pensar corretamente significa ser consciente do pensamento que dirige o funcionamento orgânico do todo dentro do qual existimos e nos movemos. Enquanto não pensarmos a vivermos de acordo com a Lei, seremos continuamente feridos pelas suas reações. Os maiores valores que sustentarão a nossa civilização não serão técnicos, mas espirituais. E serão descobertos não penetrando no mundo da matéria, mas no da psique. Não se trata de uma conquista de meios materiais com o domínio das forças da natureza por parte

de quem permaneceu espiritualmente um selvagem, incapaz de saber fazer bom uso daquelas forças, porém de uma conquista de consciência, da ampliação do domínio daquele que se tornou evoluído, capaz de compreender o verdadeiro significado da natureza e de enquadrar-se no seu inteligente funcionamento, fazendo dela uso benéfico

É certo que o atual domínio sobre as forças da natureza conquistado pela ciência é já um início de civilização. Se é a sua base material, não é, no entanto, ainda a civilização A nova espiritualidade que a formará não será de tipo religioso fideístico, empírico, ainda com base em instintos de exclusivismo, proselitismo, fanatismo, absolutismo etc., sobre o que, em grande parte se apoiam as religiões atuais, mas será uma espiritualidade científica, racional, demonstrada, positiva e universal, como é a ciência, baseada não sobre afirmações teóricas por princípio de autoridade, porém sobre a realidade do mundo interior, hoje ignorada, mas tão objetiva quanto a do mundo exterior, agora colocada em evidência pela ciência. Está provada a possibilidade da transmutação como propriedade fundamental das energias biológicas e psicológicas, fenômeno sobre o qual se apoia a evolução, sem o que ela não se poderia realizar. A ciência estudará a química naquele processo de sublimação, substituindo o velho método da repressão no subconsciente pelo de canalizar as energias vitais em direção ao Alto. Compreender-se-á, então, entre outras coisas, que o misticismo não é um sucedâneo ou um subproduto do sexo, como foi entendido por certo materialismo que está desaparecendo, mas um estado avançado de evolução em direção espiritual, resultado da sublimação vertical de todas as qualidades constitutivas da personalidade.

* * *

Continuemos a observar esses fenômenos também sob outros aspectos, para penetrar sempre mais a fundo, através do estudo de nosso caso, no mistério da psique e de outros problemas afins. Para o biólogo, habituado a constatar que o funcionamento psíquico é ligado ao de órgãos nervosos e cerebrais, é difícil conceber o primeiro isolado, independente do funcionamento dos segundos, de modo que possam sobreviver depois da morte destes Isto porque a vida não oferece exemplos de pensamento sem cérebro. Ora, o fato de que o caso que estamos estudando nos apresenta um pensamento de tipo intuitivo diverso do normal, ao nível cerebral, pode avizinhar-nos da compreensão da possibilidade de separação entre as funções psicocêntricas e as cérebro-cêntricas. Tal possibilidade implica uma vida mental independente do órgão cerebral e da morte física. Esta poderia ser uma prova da sobrevivência do espírito. É exatamente neste sentido que estou realizando experiências, possíveis porque, no meu caso parapsicológico, uso uma técnica de pensamento super-normal, podendo libertar-me um pouco das normais funções cerebrais e, ao mesmo tempo, observar além daquelas uma atividade mental isolável e independente.

Havíamos já explicado as diversas características que individualizam estas duas formas mentais e técnicas de pensamento A intuitiva transcende, sem dúvida, a normal; sabe funcionar por conta própria, separada e autônoma, tanto que a regular psicologia confia a ela um trabalho diverso do seu, executado de modo diferente. Evidentemente a personalidade humana possui ainda outras qualidades, além das ligadas aos órgãos do corpo. Eis, então, que ela pode funcionar também além dos limites dados pela capacidade daqueles órgãos. Deduz-se que eles — neste caso, o cérebro e o sistema nervoso — constituem o menos subordinado ao mais, isto é, são um instrumento que o indivíduo utiliza para produzir um tipo de pensamento proporcionado ao ambiente terrestre, a fim de poder viver aqui, sendo, entretanto, capaz de uma espécie de pensamento superior a este.

Existe, pois, o fato de que o efeito deve ser proporcionado à causa e ser da mesma natureza. Ora, matéria e espírito são de estrutura diversa, e um funcionamento cerebral não é proporcionado aos efeitos mentais que o transcendem em potência e em qualidade. Um caso semelhante é o representado pela impossibilidade de admitir que o tipo de personalidade seja o produto dos cromossomos e genes que o nascituro encontra nas células germinais dos genitores. Deveremos, ao contrário, admitir que a personalidade não derive do desenvolvimento desses elementos, causa da formação do seu tipo, que deles seria o efeito, mas que é preexistente ao nascimento e que, segundo o seu tipo já definido nas células germinais dos genitores, escolhe os elementos que mais lhe são adaptados, os que mais se lhe assemelham, para continuar a desenvolver-se consoante o próprio tipo. Isto acontece por afinidade e sintonia. Só assim a evolução pode seguir um desenvolvimento lógico, não confiado ao acaso como tentativa.

Na minha registração inspirativa, sempre observei que e técnica funcional do pensamento é, neste caso, diversa da que utilizo no estado normal, para os comuns trabalhos mentais da vida. O primeiro é um pensamento espontâneo, automático, que foge ao controle e à análise, independente da minha

vontade de pensar e esforço de raciocínio para compreender. Parece até que os dois tipos de pensamento sejam antagônicos e se elidam, porque a intervenção consciente do pensamento cerebral paralisa o funcionamento do intuitivo. Este foge a qualquer intervenção. Se se força, desaparece. Parece que teme a luz, a exemplo do ectoplasma, que se esconde se observado na sua misteriosa técnica funcional, como se a vontade de dominá-lo constituísse uma vibração violenta que o destruísse. Ele é um pensamento autônomo, com uma personalidade e vontade sua, que não é a do sujeito; ele pensa com uma mentalidade sua, independente das opiniões deste. Se se põe a desenvolver um tema; não o demonstra analiticamente, mas o expõe resumindo-o, condensado numa série de sínteses. Se não tomo nota imediatamente, ou uma dessas me foge, o discurso continua deixando o vazio no lugar da proposição que fugiu. Se procuro encontrá-la, recordando ou esperando que se repita, não acho mais aquela idéia, mas outra que continua o discurso da precedente. Enquanto tudo isso sucede, o meu pensamento normal procura ver como funciona o outro. E é assim que aqui posso expor estas observações. Procuro colhê-lo de surpresa para apreender-lhe os segredos. Mas estas minhas intervenções cerebrais o embaraçam e paralisam. Para uma melhor recepção é-me útil ficar ocupado e, deste modo, distrair tal atenção, por exemplo, com boa música, harmoniosa e elevada, ou olhando reprodução de quadros de alta concepção ou de paisagens bem sintonizadas. Para a mente normal isto não significa inércia e, sim, uma quietude contemplativa, um estado de vigilância tranqüila, harmonicamente ajustada ao ambiente espiritual em que estou submerso, num processo calmo de tornar mais aguda a sensibilidade, porém, em sentido diverso da comum percepção sensória. Trata-se de uma experiência estranha, se confrontada com o modo normal que conheço e que uso, comumente, de perceber e de pensar. Tenho a sensação de que isso seja comunicar-se telepaticamente com correntes de pensamento individualizadas, de maneira que dão a sensação de personalidade, com a qual o contato se faz tanto mais claro e intenso quanto mais exato é o grau de sintonização alcançado.

Tudo isso me prova experimentalmente a possibilidade de um pensamento não cerebral, elaborado no inconsciente, no plano espiritual, independentemente dos meus elementos mnemônicos e de minha precedente e consciente preparação mental. Tais experiências confirmam a minha convicção da sobrevivência da personalidade depois da morte. O estudo do meu caso parapsicológico me ajuda a resolver também este problema. Ele, no entanto, é enfrentado não só genericamente, mas também em sentido específico, ou seja, e preciso ver de que forma se sobrevive. São necessárias, então, outras observações.

A oposição cérebro-espírito corresponde à matéria-espírito, e também ela é um caso do dualismo universal. Aqui temos ainda uma bipolaridade de opostos inversos e complementares. Se observarmos como se desenvolve a vida do homem, constataremos claramente um dualismo de contrários. No período jovem temos um dinamismo físico, uma efervescência sensória, uma exuberância no plano matéria para desenvolver-se e afirmar-se. Mas a carga vital se esgota com os anos. O impulso evolutivo do jovem cansa-se e diminui até parar. No período senil tudo se inverte: calma, silêncio, repouso. A vida, que primeiramente se projetava toda em direção ao futuro, ansiosa de desenvolvimento, transfere-se para o passado e dela não restam senão recordações num cérebro cansado. Passa-se, assim, à posição oposta e complementar. Tal é o aspecto bifrontal da vida normal no plano físico e mental.

Ora, se a personalidade e o corpo fossem uma e a mesma coisa e a primeira dependesse do segundo, ela deveria seguir o mesmo ritmo. Pelo contrário, a vida psíquica segue um caminho diferente, o que mostra que se trata de um fenômeno de tipo diverso, portanto separável, de tal modo que pode subsistir, mesmo que isolado, depois da morte. Eis que o ciclo mental não corresponde ao físico. Cada indivíduo chega ao máximo de desenvolvimento da sua personalidade em períodos diferentes do seu ciclo físico, e isto conforme o nível evolutivo alcançado. Assim, um primitivo involuído, como faculdade mental, subirá até aos vinte ou trinta anos. Sendo baixo seu nível evolutivo, o máximo é rapidamente alcançado, e depois as faculdades mentais permanecem estacionárias e declinam, logo que o órgão da sua expressão, o cérebro, do qual não transcendem as possibilidades, decai. Um tipo normal de média evolução, mais alta do que a precedente, subirá, como faculdades mentais, dado que elas são mais elevadas, até um nível superior e poderá alcançar o seu ápice de maturação mais tarde, por volta dos cinqüenta anos. Um evoluído super-normal continuará a ascender, como faculdades mentais, uma vez que estas são ainda mais elevadas, até um plano mais alto, e isto levará mais tempo, de modo que poderá ser alcançado o ponto máximo de maturação pelos oitenta anos.

O que em geral acontece com os três tipos, na velhice e na morte, com referência às qualidades psíquicas? Aqui vemos que os decursos das suas vidas, física e psíquica, não coincidem. O órgão cerebral começa geralmente a decair entre os cinqüenta e sessenta anos. No tipo involuído as faculdades do

pensamento desenvolvem-se até ao seu máximo de vinte ou trinta anos, estando na dependência do órgão cerebral, diminuindo com este. Assim para o tipo normal. Em ambos os casos, a velhice física comumente conduz à velhice mental. Isto porque a parte espiritual do indivíduo se apoia toda no cérebro, que a expressa, não transcendendo os poderes do instrumento. Então, pelo fato de que a psique não é bastante potente para ter feito uma vida autônoma independente, porque acima da capacidade do órgão que a expressa, a parte mental é obrigada a decair com este. Teremos, assim, na velhice aquilo que geralmente acontece, isto é, uma descida mental progressiva, culminando na morte, que será um extinguir-se da consciência até aos níveis do subconsciente alcançados pela personalidade do indivíduo.

Nos primitivos não desenvolvidos no superconsciente, ativos apenas no plano físico, a vida é apenas corpórea, e a morte dá a sensação de anulação final. Por isso, é olhada com terror. Mas isso não quer dizer que eles não sobrevivam. Isto acontece, mas caindo na inconsciência, ou ficando com a capacidade de pensar apenas no nível do subconsciente animal. Faz realmente sofrer aquela sufocante diminuição vital, o que torna temível a morte. Extinto o cérebro, que era a zona dentro da qual estava limitada toda a consciência do indivíduo possuía, mentalmente era como se este fosse finito, mesmo que sobrevivessem no seu subconsciente resíduos de reminiscências terrestres. Para tais indivíduos a vida é a do corpo no plano físico. Por isso, temem perdê-la. E, uma vez perdida, procuram-na reencarnando-se, para tornar a viver no seu ambiente físico, o único em que se sentem vivos. Ao contrário, no indivíduo que alcançou um desenvolvimento mental e nível de consciência psicocêntrica mais avançado que o normal, a sobrevivência da personalidade no momento da morte advém sem nenhuma perda de consciência, em estado lúcido, sem a sensação de anulação e de morte. Isto confirma o que havíamos afirmado, isto é, a evolução em direção ao S conduzindo à superação de tudo o que é negativo, próprio do AS, como ignorância, dor e até a morte

Na velhice, que é o período em que por graus se começa a morrer, pode-se constatar e controlar a realização deste processo de desfazimento mental que acompanha o do cérebro nos indivíduos cérebro-cêntricos, de desenvolvimento mental inferior ou médio, como se pode observar a ausência deste enfraquecimento nos indivíduos psicocêntricas, habituados a funcionar mentalmente no nível supercerebral do superconsciente. A constatação destes fatos faz prever como será o gênero de morte que espera o indivíduo conforme seja o tipo a que ele pertence, isto é, se ela será uma queda na inconsciência, ou uma morte lúcida, sem perda de consciência e conhecimento. Para quem conhece quais são os resultados da evolução, é lógico que assim aconteça. Deste modo ele se liberta cada vez mais da morte, na medida em que dilata e potencializa a faixa do consciente à custa da zona do inconsciente.

Este é o fenômeno que agora estou, experimentalmente, controlando com aquela morte lenta, que é a velhice. Estou escrevendo estas últimas páginas na idade de oitenta e um anos, em plena lucidez, com técnica inspirativa supercerebral, isto é, com uma técnica de pensamento que não se ressente da natural dissolução senil do cérebro. Devo constatar o seguinte fato: se bem que o meu cérebro envelheça dando-me disso sinais no seu nível funcional, as faculdades intuitivas não sofrem as conseqüências disso e continuam a operar em seu plano, independentes daquele fato Isto me prova que o pensamento ativo no superconsciente não depende do órgão físico ao qual aquele pensamento está ligado, quando funciona ao nível normal. Ora, estar habituado a pensar em forma mental supercerebral significa ter conquistado um tipo de pensamento não ligado ao cérebro, da morte do qual a personalidade não sente os efeitos. Este pensamento sabe assim sobreviver intacto, em plena eficiência e lucidez, ao aniquilamento do corpo depois da morte. Agora que a velhice me está progressivamente matando no plano físico, o fato de que posso continuar a viver plenamente no nível mental me indica a continuação deste tipo de existência espiritual também depois da morte material. Se esta, que já está demolindo corpo e cérebro, não altera realmente o meu pensamento, isto quer dizer que ele lhe escapa e que poderá sobreviver intacto. Tal convicção me é confirmada, porque a natural anulação senil cerebral não só não altera esse pensamento, mas, definitivamente, o liberta das coações de forma material, tornando-o cada vez mais límpido e profundo, o que faz presumir que é desta forma que ele sobreviverá.

E nesta fase final do fenômeno que, podendo observar o enfraquecimento senil do órgão cerebral, posso melhor isolar e distinguir as duas formas de pensamento que vejo funcionar: a cerebral e a intuitiva. No atual período, a primeira se faz mais cansativa, a segunda mais evidente. Durante quase quarenta anos de uso, conheço bem estas duas formas mentais, com as quais construí a Obra. O pensamento cerebral tem sido um meio de registração e fixação do lampejo intuitivo, como também um instrumento de tradução deste na forma mental consecutiva, feita de anéis encadeados na sucessão lógica do pensamento racional. O pensamento intuitivo era, ao contrário, imediatamente resolutivo. Fornecia, já elaborados, os totais das operações, para chegar ao pensamento cerebral que devia depois — e era preciso

fazer-se compreender pelo leitor — realizar sucessivamente e mostrar-lhe o desenvolvimento daquelas operações. O pensamento cerebral é extrovertido, feito para entrar em contato com o ambiente terrestre e nele resolver o problema da sobrevivência. O pensamento intuitivo é introvertido, dirigido ao domínio de si mesmo e das íntimas forças da vida, outro mundo submerso e profundo, invisível na superfície. Agora constato que é a primeira forma de pensamento que envelhece e não a segunda, o que me dá motivo de crer que a primeira possa morrer com o cérebro, não a segunda. Tenho a sensação de que, quanto mais nos avizinhamos do superconsciente, tanto mais se pode atravessar a morte em estado de lucidez e consciência e que assim se possa ficar além dela. A tendência atual é funcionar cada vez mais consciente no superconsciente, que já está observando a lenta morte do meu pensamento no nível cerebral.

Isto me mostra qual é a trajetória dos dois fenômenos, segundo a qual cada um deles se desenvolve. O fenômeno ao qual agora assisto na velhice é que o pensamento não pára, mas muda de forma. Ele se interioriza, vê as coisas sempre mais por dentro, em vez de por fora, para concluir em lugar de analisar. Parece que ele adquire em qualidade aquilo que perde em quantidade, porque se faz mais agudo e profundo. Ocorre como se estivesse destilando para chegar a um estado de concentração e de potencial que o cérebro não tem mais a capacidade de sustentar. Parece que o pensamento foge do plano cerebral, explodindo para além dos limites deste, a fim de transferir-se a outra dimensão. Sinto, então, que estou pensando o inexprimível e fico mudo, impossibilitado de traduzi-lo em palavras que não encontro na forma mental humana. Assisto, por um lado, ao fenômeno de uma extinção e, por outro, ao de uma iluminação, que lhe toma o lugar. Trata-se de uma substituição, com a qual não se perde, antes se ganha. Porém o trabalho de transportar os conceitos ao normal nível cerebral torna-se cada vez mais difícil, porque, quanto mais se abre o novo mundo no alto, sinto que tanto mais se afasta o velho mundo em baixo. Tudo isso me faz supor que, estabilizada de agora em diante esta trajetória no desenvolvimento do fenômeno, tal transformação continuará até à morte e depois dela, e que este será o tipo de pensamento em que sobreviverei. Assim, por natural maturação evolutiva, estarei morrendo ao nível mental normal, relativo ao ambiente terrestre e ressuscitando no plano mental do superconsciente, provavelmente próprio de outros estágios de evolução. Em outros termos, depois de uma exercitação de quarenta anos a que devo a elaboração da Obra, verificar-se-ia a estabilização definitiva do fenômeno inspirativo, por longo uso transformado em qualidade adquirida.

Tudo isso significa a futura transferência a outro plano biológico, e agora a respectiva adaptação ao diverso tipo de vida e de pensamento próprio daquele novo ambiente. Trata-se, portanto. de uma transformação justificada pela lei da evolução, segundo a qual, quanto mais se sobe, tanto mais se tende à espiritualização. Nesses mais altos níveis, o trabalho do ser já não consiste na luta para selecionar um tipo forte, o mais apto a sobreviver, porém baseia-se na conquista do conhecimento e expansão da consciência, fato que na Terra interessa só a uma minoria. Mas, neste nosso próprio mundo, para a sua evolução, o futuro da civilização está nesta interiorização de pensamento, nesta penetração introvertida, dirigida a descobrir realidades espirituais hoje desconhecidas, nas quais está a chave do mistério da vida. Como sucede com o indivíduo na velhice, assim também com a humanidade, a maturação levará à introversão, isto é, a uma sempre maior penetração do mundo interior. No fim de cada ciclo evolutivo, no seu caminho projetado para a frente, quanto mais amadurece, tanto mais, na vida do indivíduo como na dos povos, se verifica este fenômeno: o impulso extrovertido, próprio da juventude e dirigido à experiência terrestre, no final desta é reabsorvido em sentido introvertido para depositar-lhe os resultados nas zonas interiores da vida, onde está a substância da evolução e se processa o íntimo trabalho do seu desenvolvimento. É nestas camadas profundas que a vida se retrai para realizar as suas elaborações no período pós-morte.

Como se vê, o estudo de nosso caso parapsicológico nos levou longe, mostrando-nos que se tratou não só, como já foi explicado, de escrever uma Obra, mas também de realizar o trabalho de maturação de um destino, tarefa que investe toda a personalidade humana e penetra, até as mais profundas raízes, no fenômeno da vida, da redenção, da evolução. O nosso caso contém muito mais do que um fenômeno parapsicológico, porque a Obra não foi só telepaticamente recebida ou captada como pensamento, senão também seguida como missão e vivida como redenção. A comunicação telepática não foi apenas com esta ou aquela particular corrente de pensamento, porém, mesmo que limitada a alguns dos seus aspectos. com a imensa corrente de pensamento constituída pela Lei, que percorre, onipresente, todos os caminhos do universo para lhes reger o funcionamento. Não é possível deixar de encontrá-la e de nela se submergir logo que a intuição nos faça penetrar na profundeza do ser. Assim, bem mais do que uma simples exercitação literária, a Obra é vida, ansiosa de desenvolver-se, vibrante da vontade de subir, de conquistar sempre maiores espaços Não obstante a queda, nela grita a voz do Sistema, a da divina substância de que estamos feitos e que permaneceu indestrutível em nosso universo reduzido a Anti-

Sistema. Ela é a voz do Deus imanente que ficou neste mundo derrocado para reconstruí-lo. De dentro dá o impulso para emergir do AS em direção ao S.

XVII

O ULTIMO ATO, O HOMEM PERANTE A MORTE

> *Neste mundo, a carne, plasmada pelo espírito para agir e se desenvolver, torna-se fatalmente, cedo ou tarde, uma prisão onde a alma fica sufocada. Para os organismos naturais, pertençam ao indivíduo ou à humanidade, só há uma saída para a vida maior: a morte.* (A Grande Mônada, Pierre Teilhard de Chardin)

O Cristianismo afirma solenemente o fato da sobrevivência do espírito, mas apresenta-nos o fenômeno de forma racionalmente não admissível. E isto pelas seguintes razões:

1) A alma não pode ter origem numa criação do nada, porque tal fenômeno não existe, nem pode existir em todo o universo, seja no estado de S, seja no de AS. Há apenas uma possibilidade de transformação da substância de uma forma em outra. Aquele conceito de criação é puramente antropomórfico, admissível somente no relativo, onde o ato de criar, transformar de um estado em outro, derivando pela criação o novo estado de um precedente, que em relação a ele é o nada. A lógica confirma o absurdo do conceito de uma criação do nada. Esta criação produziria qualquer coisa de novo que se acrescentaria a Deus. Se isso fosse possível, Ele não seria mais o todo, outra coisa poderia existir fora e além Dele. Então, Ele não seria mais Deus.

2) Com a criação da alma no ato da concepção física, Deus deveria estar à disposição do homem que a exigisse, obrigado a criar somente quando e se este quisesse.

3) Dado que Deus não pode ser injusto, as almas criadas, ao nascer, deveriam ser todas iguais, com as mesmas qualidades e destino. Ao contrário, sem justificação alguma, os tipos de personalidade e ambiente nos quais se nasce são diferentes, estabelecidos antes que o indivíduo possa conhecê-los e, portanto, tornado responsável pela maior parte das causas e efeitos que lhe vão trazer urna eternidade de alegria ou de dor.

4) A criação da alma ao nascer significa uma quantidade de tempo infinita no futuro, e nenhuma no passado, a menos que não se queira admitir nenhuma, também no porvir, negando a imortalidade. O que tem um início deve ter um fim. E, se este não existe, também aquele não pode haver. Não é admissível o desequilíbrio resultante de tal desproporção de partes. A natureza do fenômeno deve ser uma só, a mesma de ambos os lados, e não apenas na parte de tipo oposto àquela que ela é do outro lado.

5) É absurdo, porque fora de toda proporção entre causa e efeito, que, com uma vida de uma centena de anos no máximo, se possam determinar as causas suficientes para justificar como conseqüência uma eternidade de prêmio ou de castigo, de alegria ou de dor. Uma só vida, conduzida em particulares e limitadas condições, não é suficiente, para completar a construção de uma personalidade, não mais sujeita à evolução por ter atingido o estado final desta. Como pode o indivíduo, possuindo somente o resultado de uma tão escassa experiência, ter alcançado uma forma em que possa ficar definitivamente fixado para toda a eternidade?

6) Se o mal é devido à queda no AS, sem o que a sua existência não se explica, pois não pode ser obra de Deus, é absurdo que a redenção desse mal com o retorno ao S se possa cumprir: ou com o sacrifício de outros não culpados — neste caso, de Cristo — em vez de o ser com o esforço próprio, ou de um golpe com uma breve vida apenas, fugindo à longa maturação evolutiva, que é lenta transformação, a única que pode logicamente permitir o regresso ao estado de origem no S. Que dizer então, quando essa vida é só de poucos meses, totalmente insuficiente para experimentar ou aprender? Em suma, a criação da alma ao nascer exclui a evolução, sem a qual não se pode realizar uma justa e merecida redenção.

7) A construção da personalidade humana se explica apenas como resultado de uma

transmissão e acumulação de qualidades adquiridas. Ora, isto é possível somente por via espiritual através da reencarnação, não podendo acontecer pelas vias da hereditariedade fisiológica, porque esta se transfere na juventude, quando os genitores não viveram ainda experiências para transmitir; nem sucede na velhice, quando eles, tendo-se enriquecido, teriam material para propagar.

8) Em nosso universo tudo deriva de um seu precedente que lhe é a causa e do qual é o efeito. Também a personalidade humana é um fato positivo. Ora, se ela existe, deve ter um seu precedente do qual ela deriva e que é a causa da sua existência. Se nada se cria e nada se destrói, ela deve preexistir ao nascimento físico e continuar a existir depois da morte. Sem reencarnação a personalidade humana seria um efeito sem causa. E esse efeito não é genérico, mas bem definido nas suas qualidades individuais, que revelam uma história passada.

Aqui sustentamos o fato de que vivemos num universo dirigido por uma lógica que exclui a possibilidade de absurdos que a violem. Eis que o problema da sobrevivência, que estamos colocando, implica o da preexistência, que o desencarnar traz consigo o encarnar, que a saída e a entrada na forma de vida terrestre se condicionam reciprocamente, compondo um fenômeno único, visto em duas posições diversas. Tivemos de esclarecer estes conceitos, porque, somente desta forma, é logicamente concebível a sobrevivência do espírito.

Do lado oposto ao das religiões, vemos que a ciência, depois de ter negado, na sua fase materialista, a existência do espírito, agora que se pôs seriamente a indagar no campo psicológico e parapsicológico, permanece ainda titubeante e longe de saber concluir. É certo que a ciência tinha o dever de ser positiva, portanto de ficar no terreno objetivo, experimental. Mas isto tornou inevitável a limitação do seu campo de indagação ao aspecto material do fenômeno. Ora, o fato de lhe ter escapado a parte psíquico-espiritual dele, que, realmente, existe, não reduzível ao plano físico, não a deixou obter senão uma visão unilateral e incompleta.

Além disso, no próprio ato da observação, é bem estranho ter em conta somente o fato exterior, que representa a sua metade, e não também a outra, constituída pelo lado interior, isto é, da visão e interpretação daquela parte exterior obtida em função da natureza psíquica e espiritual do observador. Portanto, a atual objetividade científica é incompleta, e uma técnica experimental mais perfeita deveria abraçar ambos os momentos no ato da observação. A análise do fenômeno psíquico pode-se logicamente fazer não apenas por via extrovertida, observando uma vasta casuística, ou recolhendo de fatos acontecidos, ou procurando descobrir as leis reguladoras do seu funcionamento, mas também por via introvertida, pela qual o indivíduo pensante observa como nele está funcionando o seu pensamento enquanto está pensando.

Nos tratados de Psicologia e Parapsicologia usa-se em geral o primeiro método. No presente escrito usamos o segundo. Poder-se-ia dizer que, no primeiro caso, vê-se o fenômeno nos seus efeitos; no segundo, nas suas causas. É natural que a ciência tenha preferido a primeira via, porque a sua objetividade a torna exterior, enquanto a subjetividade do segundo caminho a converte em interior. Mas é evidente que se trata de dois métodos complementares para atingir o conhecimento do mesmo fenômeno, que será visto na sua totalidade e completo somente se observado de ambos os lados e penetrado pelas duas vias. Assim, o método do psíquico-espiritual pode ser concebido de forma cérebro-cêntricas e psicocêntrica, e uma sua visão total não pode ser dada senão através de uma observação ampla que os abrace em toda a sua extensão, de um ao outro dos seus dois pólos.

Perguntamo-nos: por que a ciência deve limitar-se apenas ao uso do primeiro sistema de observação e, na pesquisa, não utiliza também os recursos da intuição? É certo que esta deveria dar somente a orientação, mas com isso teríamos uma investigação guiada, e não cega como hoje, abandonada à tentativa das hipóteses lançadas ao acaso. Assim se faria mais completo o método da sondagem do ignoto. Por que se recusar a ajuda que pode vir deste lado? Por causa do conceito materialista que diz: mover-nos no campo metafísico nos conduz fora da realidade? É verdade que tudo seria controlado de maneira que a intuição não se resolvesse em fantasia. Trata-se de juntar duas vias de pesquisa complementares, de as ligar em colaboração, para funcionar cada uma na sua justa posição. Não foi dito que a metafísica não seria uma realidade, mesmo que diversa daquela objetiva e experimental da ciência. Se se trata de dois pontos de vista e métodos complementares, não há razão para que, com vantagem comum, eles não devam auxiliar-se reciprocamente: o primeiro ponto de vista utilizado para a visão de conjunto é abstrata; o segundo, para o exame particular é concreto. Deste modo, lançar-se-ia a antena que explora o ignoto, para encontrar, paralelamente, uma confirmação experimental e analítica no terreno concreto. Faremos a seguir uma aplicação desses conceitos.

O problema da sobrevivência depois da morte física não é facilmente solúvel, permanecendo-se

na parte externa do fenômeno, realizando-se observações de casos nos seus efeitos exteriores sem se penetrar na sua íntima estrutura psíquica, por via extrovertida, em lugar daquela introvertida. Tomemos como exemplo as recentes investigações de Rhine neste campo. Ele utiliza o primeiro destes dois métodos. Em seu longo caminho por via analítica, não chegou senão a conclusões parciais. Limitou-se a confirmar a presença de uma percepção extrasensorial (ESP) e de uma psicocinética (PC) isto é, de modificações extramotores no ambiente devidas à energia psíquica (o espírito que atua diretamente sobre a matéria). Circunscreveu-se, assim, a constatar que penetrou num terreno que transcende as leis físicas, isto é, extrafísico.

A respeito da sobrevivência, diz J. B. Rhine no seu volume: *The Reach o/ the Mind (O Alcance do Espírito),* Cap. XII:

"A única espécie de percepção possível no estado de desencarnado seria a extrasensorial (ESP); e a ação psicocinética (PC) seria o único meio para influir, fosse qual fosse o universo físico" (. . . .). "Rhine coloca o problema da sobrevivência em função da ESP e da PC e o enfrenta por essas duas vias. Ele permanece em nosso plano de existência, fora daquele em que se realiza o fenômeno; assim trabalha em forma sensória extrovertida, em vez da espiritual introvertida; indaga na matéria, onde aquele fenômeno não aparece senão incidentalmente, porque aquele não é o seu meio, nem investiga no espírito, onde o fenômeno funciona normalmente, viste que este é o seu ambiente natural. Assim, Rhine vê somente o aspecto negativo do fenômeno, a sombra que ele projeta no plano físico. Desta forma, não vai além da constatação do fato de que a ESP e a PC revelam que existe, na profundidade, um funcionamento que não pertence ao mundo material em que vivemos. Mais além ele não vê, e o aspecto positivo do fenômeno lhe escapa.

Rhine, para ser coerente, não podia colocar o problema senão no plano da existência humana, isto é, o material, e não no nível próprio do fenômeno, que é espiritual, porque, se o tivesse feito, não teria sido positivo como deve ser um cientista. A ciência, para ser fiel aos seus métodos, neste caso ficou longe do centro do fenômeno, que, por mais que ela procure agarrá-lo, foge-lhe na sua essência. Aqui vemos como são grandes os limites da ciência e dos seus métodos positivos de pesquisa.

Isto nos faz pensar numa incompetência "a priori , congênita, na ciência oficial, para penetrar na substância dos fenômenos, o que a constringe a permanecer na superfície deles. É assim que se explica como ela pode chegar, como sucede de fato, a construir uma técnica praticamente utilitária para desfrutar, para vantagem sua, as leis da natureza, enquanto não sabe chegar à compreensão da substância dos fenômenos e a uma orientação universal que resolva o problema do conhecimento.

Com o método intuitivo, nós não estamos a observar os reflexos que da profundidade do fenômeno irradiam na superfície exterior em nosso ambiente terrestre e em nossa respectiva forma mental periférica e analítica, para deduzir o que acontece no interior. Ao contrário, aprofundamos o olhar e, com outros sentidos e instrumentos mentais, olhamos o que acontece por dentro e por quê. Isto pode parecer fantasia às mentes positivas. Mas aqui, aplicando os princípios expostos no capítulo precedente, explicamos a que conclusões se chega com este outro método introspectivo e como o mesmo problema é enquadrado e resolvido. Podem-se, assim, confrontar os resultados dos dois sistemas de pesquisas.

O método da intuição não nos conduz, através de uma casuística e de um processo analítico, a uma interpretação do fenômeno em forma de hipótese e tentativas de formulação de uma teoria. Explica-nos simplesmente como ele funciona, oferecendo-nos o resultado final da pesquisa com a solução do problema. Trata-se de um produto-síntese obtido com uma outra técnica de pensamento. Enquanto a comum psicanálise se ocupa dos fenômenos que acontecem nos substratos do inconsciente, aqui se trata de uma psicossíntese que lhe observa os aspectos superiores. Segundo Jung, "a intuição é a função mediante a qual surgem percepções por via inconsciente (. . . .). Na intuição um conteúdo qualquer se apresenta como um todo completo. O conhecimento intuitivo possui tal caráter de segurança e de certeza, que induziu Spinoza a considerar a ciência intuitiva" como a mais alta forma de conhecimento

Similarmente Assagioli admite "a existência de uma função cognoscitiva superior com a qual se consegue uma direta e íntima compreensão da realidade. Este órgão de conhecimento direto é a intuição. Ela não é irracional, mas super-racional. Não obstante a cooperação da mente normal é necessária para o seu correto emprego. E é bom possuir uma idéia clara do que constitui as justas relações de cooperação entre as duas. A esse respeito as funções da mente são: 1) reconhecer a intuição e as suas mensagens; 2) interpretá-las corretamente; 3) formulá-las e expressá-las em palavras. A Nova Era atestará o florescer da intuição"

Estas palavras de Assagioli confirmam plenamente o método da intuição que eu usei na composição da Obra, exatamente nas suas três fases, como foi explicado no capítulo precedente. Esta

coincidência, de que só agora me apercebi, é uma nova confirmação. Assim, posso dizer que apliquei, experimentalmente. sem ter conhecido, a teoria do Dr. Assagioli. O meu caso não é, portanto, mediunidade no comum sentido da palavra, mas se pode antes definir como penetração consciente na esfera do superconsciente.

Ora, mesmo que tudo isso pudesse parecer não científico. poderia ser utilizado de forma subordinada como método de indagação para formular hipóteses de trabalho, e submetê-la depois a controle experimental, verificando-se com a observação e os fatos confirmariam a intuição, concordando com ela. A investigação poderia ser orientada em parte, não como preconceito, mas como hipótese, o que pouparia o trabalho que a pesquisa implica quando avança por tentativas. Esta poderia constituir a primeira parte da investigação, consistindo numa projeção do pensamento antecipador da solução do problema tomado em exame, projeção obtida lançando para a frente os tentáculos da intuição, para depois avançar, com mais segurança, com os meios positivos do normal controle racional e experimental.

Apresentemos agora um exemplo no qual aplicaremos os princípios acima expostos. Enfrentamos o problema da sobrevivência depois da morte com o método da intuição, segundo um caminho diverso do seguido pela ciência. Vamos expor aqui os resultados traduzidos em termos de raciocínio normal. O fenômeno é, em primeiro lugar, enquadrado no sistema filosófico exposto e demonstrado em outro lugar, utilizando dele aqui as conclusões. Assim, o problema é orientado desde o princípio e isto em relação a pontos de referência estáveis, já fixados em outros escritos. Já sabemos que nenhum fenômeno é completamente insolúvel, nem compreensível, se não for visto em relação aos outros. Tomemos, então, para depois proceder por sucessão lógica, como ponto de partida, o fato de que espírito e matéria são os dois pólos do ser, opostos e complementares, interdependentes e comunicantes. Eles são um aspecto do dualismo universal despedaçado, mas reconstituído em unidade no mesmo ciclo. O pólo espírito significa também S, e o pólo matéria quer dizer AS, que são os dois extremos do ciclo involutivo-evolutivo, que solda a fratura do dualismo, tudo reconduzindo á unidade originária no S.

O método do ciclo é universal e corresponde ao sistema rotativo, segundo o qual se move o universo físico. Este é feito de elementos de tipo esférico, de retornos cíclicos, de trajetórias fechadas, de espaço curvo. Este método do ciclo consegue compensar a complementaridade e conciliar a oposição dos dois termos do dualismo, chegando, assim, a reconstruir em unidade a cisão e a pôr de acordo os dois opostos modos de existir em um dualismo unitário constituído por um circuito que, fechando-se em si mesmo, reúne as duas metades na unidade oferecida pelo próprio ciclo. Assim, a cisão se resolve em uma pulsação de ida e volta, pela qual o afastamento do ponto de partida é compensado e equilibrado por um movimento de retorno em sentido que lhe é oposto, movimento inverso que, apesar de ser a continuação do primeiro no mesmo rumo tem o poder de o anular em direção contrária.

Este modelo universal repete-se na série vida-morte e morte-vida, na qual ecoa o circuito maior S e AS. O primeiro período do ciclo, que corresponde à fase involutiva, é representado pela descida no plano físico, na forma de um corpo, à guisa de queda na matéria, no AS, para ali realizar o esforço de evoluir e redimir-se, dele voltando a subir para o espírito e para o S. Deste modo, encarnar-se representa a condenação do decaído, porque conduz para a matéria, em forma de vida de obscurecimento do espírito ao nível sensório no plano físico. Ao contrário, desencarnar-se tende para o lado oposto, isto é, a elevar-se no plano espiritual, caminhando em direção ao S. A fase terrena da vida é feita de luta, de provas, de fadiga para subir, deslocando para o alto a própria posição ao longo da escala da evolução. O período de vida no além é, entretanto, de tipo contrário. Ele representa a segunda parte da esfera, que corresponde à fase evolutiva, ou seja, não de queda na matéria, mas de ascensão para o espírito.

Depois de haver vivido uma existência em forma extrovertida, é necessário um período de introspecção: 1) para compreender por que se viveu e o que, num mundo de ilusões, se fez de substancial, seja em bem, seja em mal; 2) para avaliar o sentido das experiências atravessadas e apossar-se do fruto, assimilando-o e fixando-lhe os resultados na própria vida como continuação do trabalho já realizado. Em suma, nas duas etapas, temos uma mesma elaboração com finalidade evolutiva, a qual se cumpre de formas opostas dentro do mesmo ciclo de ida e volta, isto é, como vida que caminha para o plano matéria e como existência que se dirige para o nível espírito. Temos uma fase de trabalho na matéria, feita de luta, e outra de trabalho no espírito, composta de reflexão e compreensão.

Estas observações tratadas pelos nossos escritos precedentes permitem orientar-nos perante o fenômeno da sobrevivência, fornecendo-nos os princípios sobre os quais ele se baseia. Não corresponde à realidade considerá-lo isolado no seio da fenomenologia de que organicamente ele faz parte. É necessário ter resolvido primeiro o problema maior, se se quiser depois solucionar as questões menores nele contidas. Neste caso da sobrevivência, trata se de uma oscilação do pólo matéria ao do espírito e ao

contrário Tal flutuação matéria-espírito, que neste caso toma a forma de vida-morte, é possível, porque, no fundo, neste dualismo, está contida a unidade fundamental do ser. É essa unidade que permite o trasbordamento do espírito, no âmbito da matéria, com ESP e a PC. Mas também existe um contato em sentido oposto, porquanto o pensamento para manifestar-se no plano material tem necessidade do órgão cerebral. Assim, espírito e matéria são dois aspectos extremos de uma fundamental unidade de substância, tanto que nesta a involução constitui o processo de transformação: espírito-energia-matéria, e a evolução o inverso: matéria-energia-espírito. (V. ***A Grande Síntese***).

Então, psique e corpo, isto é, a parte espiritual e o lado material, dos quais resulta constituído o nosso ser, não são senão duas fases diversamente avançadas do transformismo, posições entre as quais, ao longo da escala da evolução, está situado e contido o ser humano. A psique está à cabeça e se move para a conquista dos estados mais avançados; o corpo fica na cauda, representando um passado do qual a vida tende a afastar-se, conservando-o, mas retornado em sínteses sempre mais rápidas e destilado em forma de valores sempre mais concentrados. É sempre a mesma substância do ser que se transforma ao longo do seu caminho ascensional. Neste processo a psique representa a parte alta do fenômeno, onde se está operando a construção futura com a subida em direção ao S, e o corpo constitui o lado inferior do mesmo fenômeno, o caminho já percorrido nos mais baixos planos da evolução situados em direção ao AS. Quanto mais tendemos para o alto, por sermos evolutivamente avançados, tanto mais vivemos no nível espírito, mais vizinhos do S; quanto mais nos inclinamos para baixo, por sermos involutivamente atrasados, tanto mais existimos no estágio matéria, mais próximos do AS. Assim, cada ser, em alturas diversas, ocupa um trecho do caminho ascensional. E, evoluindo, desloca-o em subida, distanciando-se sempre mais do AS e avizinhando-se do S. Veremos, agora, como se verifica este deslocamento para o alto.

Estas observações permitem-nos focalizar melhor o problema do inconsciente. Por que ele existe? O que significa a sua presença tão extensa em comparação com a zona muito menor coberta pelo consciente? Só com a orientação exposta por uma filosofia universal que se reconstitui nas primeiras origens, como a desenvolvida nos volumes precedentes, pode-se dar uma resposta a esta pergunta. O ente não podia ser criado por Deus senão consciente. O inconsciente, ao contrário, é negativo, está do lado oposto à origem, que, sendo derivação direta de Deus, não pode ser senão positiva. Eis que o inconsciente só pode ser o produto de um desmoronamento, inversão ou queda, fenômeno que explicamos larga mente nos volumes ***O Sistema*** e ***Queda e Salvação***. O inconsciente. então, é um obscurecimento da luz da consciência, uma sua inversão ao negativo, é o resultado de um desfazimento desta com a queda do S no AS.

Este fenômeno se explica em função daquele universal, já admitido: a evolução. Podemos ver todo o caminho percorrido pelo consciente de origem, seja na sua fase involutiva, de descida, até chegar à posição de inconsciente total na plenitude do AS, seja no seu período evolutivo, de retorno, até reconstruir-se na sua originária situação de consciência e conhecimento total na plenitude do S. Podemos saber porque existem no ser essas duas posições opostas — uma ao positivo e outra ao negativo — do fenômeno da consciência. E podemos responder a quem nos pergunte: por que, com a evolução, muda a amplitude do campo compreendido pelo consciente em relação ao dominado pelo inconsciente? É fato que o maior resultado da evolução é a conquista de consciência, isto é, o desenvolvimento nervoso, cerebral, mental, através do qual ela se dilata sempre mais, no campo da personalidade, conquistando espaço até sua total inversão, repelindo gradualmente o inconsciente até eliminá-lo. O período involutivo do grande ciclo é representado pela descida espírito-energia-matéria até a plenitude do AS e da negatividade do inconsciente. O oposto período evolutivo é representado pelo regresso ascensional matéria-energia-espírito até a reconstrução do S e da positividade do consciente. Sabemos que o trabalho da existência serve para o desenvolvimento da consciência, que a vida evolui espiritualizando-se. O grau de evolução atingido é demonstrado pela extensão da zona de consciência conquistada no campo do inconsciente. Por isso, falamos tanto aqui de superconsciente, são forças positivas que querem a evolução. O escopo desta é destruir a zona negativa do inconsciente, levando-nos à sua meta, que é a plenitude da consciência e conhecimento em Deus. Semente a intuição, e não a ciência, pode dar-nos esta orientação e nos diz porque existe o inconsciente e qual é o significado da sua presença e o desenvolvimento do fenômeno. Sabemos também que o consciente no seu nível atual representa aquela zona da originária centelha divina que, apagando-se até ao inconsciente total — na fase matéria, no fundo da involução no AS — foi acordada e reacesa pelo ser com o trabalho da sua evolução até formar a pequena luz: a nossa consciência atual, em expansão até retornar à sua plenitude no S, isto é, em Deus.

Julgo que somente assim orientados, conhecendo a íntima natureza das coisas que se estão

estudando, e não apenas observando as suas manifestações exteriores, se possa resolver estes problemas da psique, do espírito, da sobrevivência. Conhecendo, desta forma, o fenômeno até as suas raízes, pode-se melhor entender-lhe o significado e tirar suas conseqüências e aplicações. É devida a esta fundamental unidade do ser, a qual se estende de um a outro dos seus dois pólos, espírito-matéria, que pode existir u'a Medicina psicossomática e a capacidade do espírito curar o corpo com o qual está unido. A psicocinética (PC) prova que existe uma possibilidade para o espírito de penetrar no campo oposto da matéria. Há uma força psicocinética no espírito, como existe uma força atômica na matéria. Mas, se em dadas circunstâncias, entre os dois estados opostos, há possibilidade de intercâmbio, pelo fato de constituírem os extremos da mesma unidade, isto não suprime a sua recíproca independência e separatividade no momento da morte. Tanto mais que essa separatividade é apenas uma manifestação do viver por turnos nas duas formas contrárias de uma única longuíssima vida, uma em estado de repouso, enquanto o lado oposto trabalha. Trata-se de uma oposição de modos de existir em posições diversas, para se permanecer sempre vivo e ativo em cada uma das duas, ligadas em colaboração, visto que o sistema é dualístico e único ao mesmo tempo. Há apenas uma bipolaridade da mesma unidade. O ser humano é precisamente essa unidade bipolar, na qual na fase de encarnado prevalece o lado inferior ou matéria, isto é, a posição involutiva em direção ao AS, enquanto no período de desencarnado predomina o aspecto superior ou espírito, ou seja, a projeção evolutiva para o S. A emersão da parte baixa realiza-se através desta oscilação por ondas desde o vértice sempre mais alto Sucede que, em toda encarnação, se desce cada vez menos para a matéria e, em cada desencarnação, se ascende a uma posição mais elevada no espírito.

Ora, como negar a sobrevivência, quando, deste modo, se vê o seu mecanismo em ação, as suas razões, a sua função equilibradora perante o oposto tipo de vida terrena e, finalmente, a necessidade lógica de tal sobrevivência, dada a estrutura do fenômeno vida e sua evolução no seio do organismo do todo? Não será essa convergência de argumentos mais convincente do que a casuística, na qual se dilui o pensamento da ciência? Vemos, assim, que tudo tem a sua causa no esquema geral do ser. As duas vidas, de encarnado e desencarnado, alternam-se, sustentando-se reciprocamente, para subir em direção ao S, uma no estado matéria para executar o trabalho complementar ao que é realizado pela outra em posição espiritual. Cada encarnação é, à guisa de um recuo involutivo, urna descida na matéria para lhe suportar as provas, aprender e assim progredir. Cada vida de desencarnado destina-se a dar um salto para a frente, digerindo e assimilando as experiências vividas. O primeiro tipo de vida vai para o AS, repetindo em descida, embora sempre de forma mais fraca em cada encarnação, o motivo da queda e experimentando os castigos numa forma de vida dura. O segundo modo de existência caminha para o S, como tentativa de ascensão, colocando-se sempre mais alto em cada desencarnação, provando as alegrias do novo estado em uma forma de vida melhor. Ora, sem a sobrevivência depois da morte, não se poderia realizar o longo caminho da evolução, necessário para que se possa regressar ao S, atingindo, assim, a salvação final, o que constitui o objetivo da vida. Com estes conceitos tudo tem um sentido lógico, justo, convincente. Se os suprimirmos, a vida tornar-se-á um duro esforço inútil e o universo um organismo funcionando com imensa sapiência, mas sem significado, nem objetivo, no caos. É impossível que esta sapiência, que os maiores intelectos humanos vão fatigantemente descobrindo, se resolva naufragando, deploravelmente no absurdo; que a lógica e a profundidade do pensamento que vemos presente em tantos fenômenos se desmintam depois no plano geral que deve coordená-los para uma finalidade única.

É esta visão de conjunto que nos impede de cair na concepção unilateral do materialismo científico, que faz do homem um autômato cérebro-cêntricos, permitindo-nos ver também o homem psicocêntrico, regido por leis de outro tipo, superfísicas, eu seja, psicológicas, em vez de fisiológicas, não como extensão destas, mas baseadas em princípios independentes no seu campo. Em suma, opomos uma ciência do espírito à da matéria e podemos atingi-la com meios próprios de pesquisa, penetrando em terreno que se encontra além do da matéria.

A este respeito Rhine, no seu citado volume *The Reach of the Mind (O Alcance do Espírito),* Cap. XII, diz-nos: (. . . .) "a telepatia figuraria como o único meio de intercomunicação do qual poderiam dispor as personalidades desencarnadas, seja com os vivos, seja com os não vivos . No seu livro: *New World of the Mind (O Novo Mundo do Espírito),* Cap. X, Rhine diz: (....) "qualquer transmissão do pensamento de uma pessoa desencarnada a outra, ou a uma encarnada, deveria realizar-se de forma telepática" (....). Então, se o fenômeno da comunicação com os desencarnados se verifica telepaticamente, ele é independente do transe mediúnico, não mais necessário para comunicar. Nós sempre fugimos persistentemente de toda forma de perda de consciência. Isto porque a maior finalidade da vida é evoluir, e não nos quisemos opor a tal. De fato, evolução significa cada ampliação, desenvolvimento ou expansão de consciência, enquanto involução significa cada diminuição, restrição, ou supressão dessa consciência.

Por isso, cair nas trevas da inconsciência é um retrocesso. A evolução consiste em fazer-se mais consciente em vez de menos, se possível subindo ao superconsciente, pelo que abandonar o controle consciente para perder-se no inconsciente, como sucede no transe, significa descer involutivamente. Quem é mais evoluído não tem necessidade do transe para se comunicar com os desencarnados, porque ele, sendo sensibilizado, pode fazê-lo em plena consciência, sabendo perceber a sua presença espiritual como pensamento e sentimento. E isto sintonizado, telepaticamente, por afinidade.

Eis, então, que Rhine confirma as nossas conclusões expostas no capítulo precedente sobre o fenômeno inspirativo, a respeito do contato telepático com a fonte de pensamento geradora de nossa Obra, como a respeito da possibilidade de continuar a manter aquele contato também depois da morte. Pudemos observar experimentalmente, neste caso, o funcionamento de um pensamento por via não cerebral, independente do seu órgão físico e da morte deste, em vez de estar ligado à matéria e à sua decadência senil. Ter experimentado, durante quase quarenta anos, o funcionamento de um pensamento supercerebral e, agora, constatar que ele não envelhece com o corpo nos indica que tal pensamento deverá sobreviver, também, depois do desfazimento do cérebro. É certo que, se este estiver cansado ou doente, o pensamento não conseguirá expressar-se. Mas isto não implica que o pensamento seja um produto cerebral. Também um automobilista, se o seu carro estiver muito usado, não poderá desenvolver muita velocidade. Mas isto não quer dizer que ele não saiba dirigir, nem viajar acelerado. Ele poderá fazer isso, logo que dispuser de outro automóvel que não esteja naquelas condições.

Por estas vias chegamos à conclusão de que a personalidade sobrevive depois da morte. Para quem está escrevendo estas páginas não se trata somente de fé, de esperança, ou de simples resultados de raciocínio, mas de uma sensação da indestrutibilidade do eu pensante. Hoje estamos habituados a querer verificar tudo antes de admiti-lo. A aceitação pela fé, ou pela autoridade, está fora de moda. Impor verdades dogmáticas, como durante tantos séculos se usou, sem provas racionais positivas, já não serve como defesa da verdade. Diz Rhine no seu citado volume: *New World of the Mind (O Novo Mundo do Espírito),* Cap. VII: "Se assim (impor verdades dogmáticas), em vez de um grupo, se comportasse um simples indivíduo, ele seria julgado louco, dado que se recusa ao contato com a realidade e se aceitam fantasias não verificadas". As nossas afirmações aqui expostas respondem à lógica de um plano universal. Foram controladas por longa experimentação, de acordo com aquela lógica em contato com uma realidade vivida, e são agora confirmadas por quem aqui as sustenta através de um íntimo sentido da verdade, dado pela sensação da indestrutibilidade da parte espiritual da pessoa, não obstante o fim já iniciado da sua parte material. O resultado a que chegamos não é uma hipótese ou teoria, mas a segurança de que as coisas são como aqui afirmamos.

* * *

Todos estamos enquadrados dentro da lei do ciclo vida-morte e não podemos existir senão como transformismo. Tudo é feito da divina substância incriada e indestrutível. Nada se cria, nada se destrói, tudo se transforma. Como poderia, então, a personalidade humana, entidade definida por si própria, e como poderia o espírito, forma de energia superior, anularem-se com a morte? Como poderia aquela personalidade, quando aparece na vida, ser um efeito sem causa, um fato sem continuação e conseqüência? Mas em que outro lugar vemos os fenômenos funcionarem nesse sentido Não acontece sempre que o sucedido no passado seja abandonado, esmagado pelo futuro, que surge para lhe tomar o lugar, por sua vez rapidamente consumido pelo presente para tornar-se subitamente passado e ceder passo a novo amanhã que se lhe quer substituir? Assim ocorre com a morte. Como é possível mutilar no seu desenvolvimento o transformismo de um fenômeno? Como se pode parar o fluir do tempo, que, inexoravelmente, marca o ritmo daquele transformismo? Como pode existir um fato sem amanhã, fechado em si mesmo, completo em uma só fase do seu desenvolvimento, ou que se esgota sem deixar resíduos, traços, conseqüências, ou que detém o seu curso sem qualquer continuação? A estas leis universais a morte teria de fazer exceção. Por que este desvio à fenomenologia universal? Que justifica tão flagrante violação da ordem das coisas? Como pode somente este caso fugir à aplicação dos princípios vigentes? lá dissemos que o conceito do nada não pode existir senão relativamente ao modo precedentemente assumido pela substância, que continua a existir sempre a mesma através de todas as formas.

Cada um nasce com a sua personalidade já elaborada e, conforme a natureza desta, escolhe o ambiente e plasma a sua vida depois, segundo o que escolheu e viveu, tem morte diversa e enfrenta o além. Assim, cada um realiza a seu modo o princípio geral transformista do fenômeno vida-morte, e cada tipo de personalidade realiza-se de maneira diferente. Acontece que, se para os extrovertidos, para quem é

fácil viver projetado para o exterior no ambiente terrestre, faz-se escuro quando o tipo de vida com a morte se inverte em direção ao interior, para o introvertido, para quem é difícil viver nas condições oferecidas por aquele ambiente, faz-se luz quando sai da prisão da matéria, para se lançar no mundo interior. Colocar-se ao nível da vida humana pode, para um indivíduo proveniente das proximidades da animalidade, significar um salto em frente, uma ascensão espiritual, mas para um evoluído pode querer dizer um retrocesso. No primeiro caso, a existência terrestre pode ser uma alegre expansão vital, no segundo uma dolorosa sufocação. Por isso a vida pode ter, para os indivíduos, significados, finalidades e resultados vários. Para quem nascer leva a ascender. isto pode querer dizer entrar num paraíso, mas para quem nascer significa descer, isto pode representar ir para o inferno. A alegria da vida está em seguir a lei da evolução, que conduz ao S. Por isso, quando a vida no nível humano constitui uma subida, porque se parte de mais baixo, ela pode ser tida como alegria, apesar de ser alegria de primitivo; porém, quando a vida é uma descida, porque' se inicia de um nível mais alto, então ela se torna sofrimento, mesmo que seja padecimento de evoluído. Tudo é relativo à posição que se ocupa ao longo da escala evolutiva.

Assim se compreendem as diversas atitudes dos indivíduos. Do comportamento de cada um, conforme a sua natureza, depende o seu tipo de vida e de morte. Se para o involuído o nascimento no plano físico pode significar uma melhoria, podendo viver em mais alto estágio evolutivo e, portanto, constituindo a morte uma perda, para o evoluído tal nascimento pode comportar condições piores de vida em um mais baixo ambiente evolutivo, podendo a morte ser considerada uma libertação. É natural que se encontrando eles em posições opostas, aquilo que para um é afirmação, para o outro é negação de si próprio, e ao contrário. Para quem é matéria aqui se acha a vida e, para quem está no plano do espírito, aquele nível significa a morte. Para quem é espírito a vida encontra-se neste âmbito e, para quem está na matéria, aquele nível representa a morte. Há um abismo insanável entre o homem do mundo e o do espírito. O primeiro vive para realizar no meio terreno; o segundo, no campo ideal. Eles enfrentam a vida de maneiras opostas. O primeiro quer multiplicar-se na carne para viver satisfeito no máximo bem-estar deste mundo; o segundo dirige-se para formas de vida mais altas, superando a terrestre. Para aquele esta aspiração é sonho e utopia, para o último constitui a mais alta realização, porque corresponde ao maior impulso da vida, que é a evolução. O primeiro quer gozar no presente, o segundo pretende ascender, projetado para o futuro. Aquele triunfa em vida, quando se encontra no seu ambiente, mas é derrotado pela morte, quando tem de sair desta existência. O último luta e sofre em vida, exilado na Terra, embora vença na morte, quando pode libertar-se desse mundo E este segundo caso que aqui estamos narrando.

É lógico e justo, para quem a vida é positiva no plano terreno e negativa no espiritual, que a morte se apresente negativa; e, para quem a vida se mostra positiva espiritualmente e negativa no ambiente terreno, que a morte seja positiva. Esta para ele não é o fim, mas o início de outra vida maior. É lógico e justo que as posições favoráveis e contrárias se compensem e que, nas relações entre os bons oprimidos e os prepotentes dominadores, elas se invertam. Se a existência atual constituísse toda a vida, o mundo teria razão. Mas seria um absurdo que, se ela fosse completa, se exaurisse num espaço de tempo tão breve. Então, vencer na Terra seria algo só momentâneo. Será que a existência pode ser anulada? Não. E pode-se deter o tempo? Também não. É necessário forçosamente continuar e prever, preparando essa continuação. Que sucederá a quem não o tiver feito, ou, pior, tenha-o realizado de modo emborcado? Não queremos com isso depreciar o homem de ação dirigido a finalidades práticas. Tudo isso não significa inevitavelmente que ele esteja em erro, mas apenas que o seu campo de trabalho cobre um espaço limitado, além do qual existem outras possibilidades imensas em bem e em mal que ele não leva em conta e que lhe escapam, porque as ignora. Assim, aquele homem permanece fechado no ambiente terrestre, sem vislumbrar a vida maior que existe além deste.

O homem da Terra identifica-se com o corpo e prende-se àquilo que este pode possuir, anexando-o a si O homem do espírito sente-se como personalidade distinta do seu corpo e daquilo que a este se pode juntar com a posse, a que, portanto, não se liga como coisa própria. Trata-se de duas formas mentais diferentes. Para o primeiro tudo aquilo que a vida oferece constitui um fim, para o segundo é apenas um meio. Para aquele a morte é morte, isto é, o fim, uma anulação; para o último ela é o início de uma nova vida, uma passagem, uma transformação. Apenas este sente-se ficar íntegro na sua personalidade, completamente vivo na morte, porque e impossível morrer. Então, ele se libertará do escafandro que teve de vestir para poder descer até a profundidade do plano físico, a fim de poder entrar em contato com ele. O involuído identifica-se com o escafandro e se interessa apenas por este tipo de vida, como se fosse o único e o melhor. Em vez de apressar-se a subir à superfície, procura tornar-se mais pesado ainda, carregando-se de todas as possíveis revestiduras, como riqueza, honras, poder terreno, sempre mais vastos domínios em todos os campos. Mas estas coisas são acrescentadas do exterior,

portanto destinadas a serem abandonadas com a morte Com o indivíduo fica somente aquilo que é verdadeiramente seu, as suas qualidades, ou seja, não aquilo que ele possui, mas o que ele é.

Acreditar que se possa crescer e se tornar maior só com possuir é uma ilusão, porquanto, em realidade, a existência é um transformar-se sem cessar. Querer subir é um impulso evolutivo sadio, mas não é aquele o caminho. Onde tudo continuamente se transforma, a estabilidade de uma posse definitiva é utopia, um absurdo, porque se torna uma atadura que paralisa a ascensão, atraiçoando o escopo da vida. No seio de tal sistema, onde tudo muda sempre — e se nasce e se morre — pode-se ter apenas ou um usufruto temporário, ou um empréstimo, não uma propriedade definitiva Somos viajantes ao longo do caminho da evolução, constrangidos a mover-nos incessantemente em direção ao seu vértice. As bagagens constituem-se um obstáculo ao avanço; aquelas comprometem, enquanto este é o que tem mais valor, porque é nele que está a salvação. A prisão às coisas é produto do AS, precisamente para frear a ascensão ao S. Trata-se de um método emborcado de crescer, porque se pretende engrandecer aprisionando-se, em vez de libertando-se para poder voar. O verdadeiro enriquecimento se alcança pela via oposta. Quanto mais nos livramos de uma prisão particular, tanto mais nos enriquecemos com a capacidade de possuir universalmente. Seguindo o primeiro método, as coisas se afastam de nós, porque, desejando agarrá-las, queremos constrangê-las à nossa vontade, fora da natural corrente das suas leis. Aplicando o segundo método, as coisas vêm a nós, por nos colocarmos no fluxo das suas leis, na via do seu natural traçado. A nossa avidez nos afasta do sucesso, o nosso desprendimento as atrai. A posse de uma coisa qualquer, enquanto parece que nos engrandece e nos dá poder, de fato tende a fazer-nos seus servos. Então, isso em vez de ser útil à pessoa para evoluir, prende-a, paralisando-lhe os movimentos e o progresso.

Aquilo que verdadeiramente podemos possuir são as nossas virtudes. Elas representam o nosso maior tesouro, é por meio delas que verdadeiramente podemos ser donos das coisas, somente sabe produzi-las e conservá-las quem tem aquelas qualidades. Estas são a nossa única verdadeira propriedade, inalienável, indissoluvelmente ligada à nossa pessoa, enquanto as coisas vão e vêm à mercê dos acontecimentos. Toda atividade humana para apropriar-se do mundo se reduz a dispor diversamente o material que se encontra na superfície da Terra, sem lhe poder acrescentar um só grama que seja. Depois de nossa temporária intervenção, tudo fica mais ou menos onde estava, para retomar o curso das suas espontâneas transformações estabelecidas pelas suas leis. E assim que de todas as grandes obras humanas não fica outra coisa dentro do homem senão a técnica que ele aprendeu para construí-las, como se elas fossem só um material de exercitação para aprender. Das coisas edificadas; de estável restam unicamente as qualidades adquiridas para construí-las. É por isso que temos o direito de moldar-nos na escola da vida, mas apenas como meio, isto é, temos o direito de dispor de tudo aquilo que é necessário para a nossa evolução, e só até aí. Tudo vale e nos é dado enquanto serve de instrumento para caminhar rumo ao ponto final da evolução, a que tudo tende e à volta da qual gira o universo, ou seja, serve para o regresso ao S.

Estamos explicando as razões da renúncia e o justo sentido em que ela deve ser entendida e praticada. Se isto não acontece, ela pode representar somente um impulso negativo, dirigido a construir qualidades de ócio e inaptidão. A renúncia pode ser entendida como uma indiferença em relação a problemas terrenos para nos eximirmos do esforço de enfrentá-los e resolvê-los, numa santa preguiça, evitando que nos construamos através da luta pela vida. O ginásio das nossas exercitações é a Terra, e devemos atravessá-la para depois subir ao céu, e não fugir-lhe nas solidões do deserto. Ausentar-se da vida com a renúncia não é um atalho para evoluir, saltando para um plano superior de vida, livrando-se de percorrer toda a transformação evolutiva. É necessário entrar em contato com as dificuldades terrenas para lhes suportar as respectivas provas. Portanto, voltar as costas à Terra, acreditando que basta isso para ganhar o céu, sem primeiro haver amadurecido por ter aprendido todas as duras lições de nosso baixo mundo, é leviandade de inexperientes, ignorantes da técnica progressiva da evolução. Voltar as costas à Terra representa só o lado negativo do fenômeno, que deve ser completado pelo outro positivo, constituído pelo trabalho da construção espiritual, de maneira que nos tornemos capazes de saber viver em um nível evolutivo mais alto.

Pode-se cair nesse erro, renunciando-se à vida e às suas provas, como acontecia freqüentemente com os religiosos medievais, que se isolavam em penitências, julgando que se espiritualizavam apenas com atormentar o corpo. Não basta morrer em baixo. É necessário saber reviver mais no alto. A ascensão ao céu não é uma fuga, mas uma lenta preparação através de aproximações graduais. Eis, então, que para ali entrar faz-se mister ter atravessado e superado todas as fases do caminho que conduz até lá. Só alguns indivíduos isolados estão maduros para tais superações. As massas encontram-se no seu elemento, na

Terra, proporcionado ao seu ambiente, onde acham as provas adaptadas, necessárias para evoluírem. Entre os dois tipos, maduros e imaturos, é difícil a compreensão. Por isso os primeiros devem sair da Terra e os segundos ali ficarem para continuar a construir, com os seus próprios esforços, cada vez mais altas formas de civilização. Cada elemento tende e acaba por colocar-se no lugar que lhe compete, conforme a sua natureza, merecimento e trabalho a realizar.

A herança do homem é ser condenado a construir nas areias movediças, traído pela ilusão e pela paixão de produzir obras estáveis. A caducidade de todas as coisas é a regra neste planeta. À sua natural deterioração, para o que necessita de certa manutenção que lhe conserte o contínuo transformismo, acrescenta-se o instinto de agressividade e o sistema de luta em que o homem vive para melhor destruir tudo. Nem o fruto de nosso trabalho é estabilizado e pacificamente nosso. Dele não resta senão o fato de que tê-lo realizado nos constrangeu a aprender. Esta é a única coisa que, fixando-se na personalidade como qualidade adquirida, resta do passado, isto é, ao lado dos escombros e ruínas, uma habilidade criadora sempre crescente. Ora, o que interessa é o que permanece em nós, não o que desaparece; o que transportamos conosco não é o que regressa ao depósito das coisas; é a lição aprendida, não o instrumento usado para aprendê-la. O progresso, de fato, não consiste em acumular os produtos do trabalho do passado, mas em aprender a arte de produzi-los sempre mais, melhores e com menor fadiga. Às vezes as obras do passado e os métodos usados para produzi-los representam até um obstáculo de que é útil libertar-nos. Aquilo de que verdadeiramente somos donos não são, portanto, as coisas, que, mais cedo ou mais tarde, acabam por cair na ruína, mas é a capacidade de saber construí-las. O progresso consiste não em reunir em posses, porém em apropriar-se de uma sempre mais rica e perfeita técnica produtiva que, utilizando os recursos do ambiente, supra o nosso consumo.

Então, a coisa mais produtiva de que nos tornamos donos é a técnica construtiva, isto é, um bem em movimento que se enxerta no transformismo universal, na corrente do qual nos colocamos. O domínio maior consiste em possuir as causas, que geram as coisas, mais do que estas, que delas são o efeito. E as causas estão dentro de nós. São as nossas habilidades. Assim, um rico preguiçoso e inepto é mais necessitado do que um pobre ativo e inteligente, porque o primeiro acabará pobre e o segundo rico. Que se nasça para gozar, ou que se possa obter seja o que for não merecido, porque não ganho à sua custa, é algo em que só os primitivos podem crer. A vida, pelo contrário, é uma escola para os voluntariosos, como pode ser uma penitenciária para os rebeldes, uma casa de correção onde a Lei de Deus ensina com os trabalhos forçados e o chicote.

Quem conceber a vida conforme esta ordem de idéias sabe que a morte não lhe pode levar coisa alguma, se ele se enriquecer de valores seguros, que são os inerentes à personalidade. Mas isso pode suceder apenas quando se compreender que o verdadeiro escopo da vida é construir-se a si próprio. Então, tanto mais se vale e se é poderoso, quanto mais se sabe e se é melhor, e não quanto mais se possui. Quando se soube viver, morre-se satisfeito levando consigo o fruto do próprio trabalho. Quando não se soube viver, morre-se tristemente com as mãos vazias, sem levar coisa alguma consigo. Em cada vida se aprende mais e, quanto mais se aprende, tanto mais nos tornamos sabedores e potentes. Quando, no fim do caminho da vida, chega-se perante a morte, fazem-se as contas e se fecha o seu próprio balanço, tanto no ativo como no passivo. Se tivermos escolhido as coisas ilusórias, poucos serão os valores verdadeiros que ficarão conosco. Se nos tivermos dedicado aos tesouros da Terra, teremos de os restituir todos, inclusive o nosso corpo, que é parte do material vivo tido em usufruto para a duração de nossa vida. Tanto maior será a ruptura e o engano quanto maior for o apego. Mas a dor dessa ruptura constituirá o ensinamento mais útil que trouxermos da posse das coisas da Terra, porque assim aprendemos a não nos ligar mais a elas e a libertar-nos da ilusão que elas representam.

* * *

Caminhando, caminhando, chega-se ao fim da vida. Ela, então, fica pertencendo toda ao passado, onde permaneceu cristalizada. Doravante ela representa algo já realizado que não está mais em nosso poder. É que ela se encontra em nossas mãos enquanto necessitamos dela como instrumento de trabalho, fugindo-nos, uma vez terminada a construção. Incumbia-nos apenas atravessá-la para realizar algumas experiências e aprender algumas lições. A jornada terminou, aquela vida não é mais nossa. É nosso apenas aquilo que ela produziu. Agora já tudo foi feito e ficou para trás no nível das coisas passadas, de que nos restam nas mãos apenas os efeitos, semente que é fruto de nossa planta, a qual voltará a nascer para gerar novos efeitos na forma de outras plantas e frutos.

Àquilo que foi feito nem Deus pode mudar. É sua Lei que as conseqüências das nossas ações

sejam fatalmente nossas. No final chega a hora em que escolher e querer não valem mais. Já foi suficientemente selecionado e desejado em plena liberdade. A saída está fechada. Entra-se no domínio da Lei, na sua corrente e por ela se é arrastado conforme a posição em que nela nos colocamos e as reações que provocamos. O que constituiu livre escolha se torna de agora em diante fatal determinismo, que nos cairá nas costas e nos ligará como destino em nova vida. Poderemos ainda, livremente, escolher, mas ficamos dominados pelos impulsos dos movimentos já iniciados no passado e que, por inércia, tendem a continuar na sua direção.

Caminhando, caminhando, chega-se ao último ato. Aparece o extremo horizonte para além do qual cai o pano. Na velhice quem viveu apenas para o presente, na matéria, olha para trás com saudade, agarrando-se ao passado que lhe foge. Quem viveu em função do futuro, no espírito, olha para a frente cheio de esperança na direção de nova vida que o espera. O primeiro é verdadeiramente velho, espírito e corpo O segundo é velho apenas no corpo, mas é jovem na alma. Para quem viveu preso à Terra, é o fim. Para quem viveu olhando para o alto, é o princípio.

Na corrente universal do transformismo evolutivo físico-dinâmico-psíquico, a função da vida é mudar a energia em psiquismo. É assim que se nasce inexperiente, mas cheio de energias jovens, ansiosas de fazer experiências; e se morre cansado, porém pleno de conhecimento adquirido com aquelas experiências. Isto é o que cada um faz no seu nível: um trabalho de tipo mais elevado para o mais evoluído e de natureza mais baixa para o menos evoluído. Mas para todos a vida é escola de experiências. Este é o seu escopo, isto é, cada um realiza, à altura do seu plano evolutivo, um trecho do seu transformismo dinâmico-psíquico. De fato, na velhice, executado o labor extrovertido da experimentação, o indivíduo espontaneamente se prepara para aquilo que depois cumprirá ap6s a morte, ou seja, o trabalho introvertido de elaboração do material ingerido, para assimilar e com ele construir a própria personalidade. Por isso, na velhice, não se traga novo alimento, rumina-se o velho, vivendo não de experiências, mas de recordações.

A juventude é a alvorada na qual se inicia a tarefa cheio de forças; a velhice é o ocaso da vida, quando se repousa, cansado. Na juventude encontramo-nos cheios de energia, com todo o serviço ainda para fazer. E temos necessidade das coisas materiais para fazê-lo; na velhice achamo-nos esgotados, mas com o trabalho feito. E precisamos das coisas espirituais para uma faina em sentido oposto em outro tipo de vida. Ao nascer estamos ricos de potencialidades, ansiosas de explodir no plano físico e pobres de conhecimento e qualidades mentais em confronto com aquelas que adquirimos; na velhice somos mais ricos dessas virtudes, mas pobres de energia. Este princípio aplica-se igualmente para todos. Os fatos confirmam a nossa interpretação do escopo da vida. Ela manifesta-se como uma descarga dinâmica (atividade no plano físico) e uma recarga psíquica (aquisição de conhecimento). A vida no além deverá ser o contrário, isto é, uma recarga dinâmica no repouso e uma descarga psíquica na meditação, no sentido de que o consciente se verá aliviado do material mental acumulado em vida, transmitindo-o ao subconsciente, depósito de experiências adquiridas. Acontece à guisa do estômago, que, com a digestão, enquanto se esvazia para enfrentar outra refeição, leva o organismo a assimilar o alimento, transformando-o em sangue.

Quanto mais o ser é involuído, tanto mais se sente vivo nos planos que se dirigem para o AS; e, quanto mais é evoluído, tanto mais se sente vivo nos estágios que caminham para o S. Para o primeiro a posição de encarnado na matéria aparece positiva e a de desencarnado, negativa. Para o segundo a situação de encarnado é negativa e a de desencarnado, positiva. Assim para o encarnado é vivo quem existe no seu plano físico e morto quem vive só como espírito; enquanto para o desencarnado é vivo quem existe como espírito e morto quem vive no ambiente físico. Isto será tanto mais verdadeiro quanto mais o encarnado for involuído e quanto mais o desencarnado for evoluído. É por isso que a morte inspira tanto mais medo quanto mais se é involuído e tanto menos quanto mais se é evoluído. Isto também porque, quanto mais se é evoluído, tanto mais se é espiritualmente forte e, assim, tanto menos a morte é queda no inconsciente, o que significa perder consciência isto é, a sensação de viver. E, ao contrário, quanto mais se é involuído, tanto mais se é fraco espiritualmente. Consequentemente, tanto mais a morte é queda no inconsciente, constituindo perda de consciência, ou seja, da sensação de viver. É assim que potencializar-se espiritualmente, subindo em direção ao S, implica uma progressiva vitória sobre a morte, no sentido de que ela perde o poder de nos mergulhar nas trevas do AS, tolhendo-nos a consciência e com isso a sensação de ficarmos vivos. Se a morte é potente ao máximo no pólo negativo do ser, no AS, o é a zero no pólo positivo, no S.

No momento da morte, não há mais nada a fazer senão abandonar-se no seio da lei de Deus, que sabe fazer e prover para que tudo seja feito em perfeita justiça. Não seremos defraudados de nenhum

mérito. Tudo o que foi ganho nos será pago com exatidão, em bem como em mal, em forma de alegria ou de dor. Desaparecem, então, as distâncias, sempre mais débeis e longínquas, os juízos do mundo, os seus louvores e as suas condenações, que outrora pesavam tanto e que agora não valem nada. O que presentemente conta é apenas o juízo de Deus, com o qual nos encontramos, finalmente, sós. Todo o resto não nos serve, não nos interessa mais. Então, passa-se em revista o passado, que retorna perante a consciência, no fundo da qual está Deus, que fala e julga, porque a centelha originária que a criou no S se ofuscou, mas não se extinguiu com a queda no AS. Faz-se, então, a soma do dar e do haver perante a Lei. Deste modo, cumpre-se espontâneo, automático e fatal o juízo de Deus por sobre todos os do mundo. Vê-se, então, afastar-se e perder-se, a distância, a esfera da Terra com o seu formigueiro humano. Torna-se pequeno o que parecia tão grande e importante: as suas glórias, as suas riquezas, o seu poder, os seus tribunais! Perante a eternidade, visto em função de outros pontos de referência, tudo adquire um valor diverso.

Caminhando, caminhando, também estou chegando ao fim do percurso terreno. A longa vivência está para terminar. O meu trabalho está feito. A Obra está chegando ao fim Cumpri a minha promessa e realizei a missão. Por mais de oitenta anos, até hoje, tive de ficar imerso no pântano do mundo. Mas, finalmente, chegou a hora da libertação. Cada um andará pela sua estrada, conforme as suas obras. Os aproveitadores do ideal continuarão nas suas façanhas. Eu me retraio ao seio da fonte de pensamento que me iluminou por toda a vida. Cada um conforme o destino que desejou. Afasto-me sempre mais do mundo. Cada um pela sua estrada. A qualquer um deixo a Obra. Por isso foi feita a oferta. Fiz a minha parte. Cada um é responsável apenas pelas próprias ações.

A Obra é um plano de trabalho que pode ser usado como recurso para subir, ou como um ideal a explorar. No primeiro caso, será um precioso instrumento de evolução; no segundo, para quem quiser usá-lo emborcado, um perigoso meio de involução. Tudo na Terra pode ser usado em duas direções: ao positivo, caminhando para o S, como ao negativo, aproximando-se do AS. A Obra não é um cômodo ascensor para nos elevarmos sem esforço, mas é o traçado que mostra a escada que cada um tem de subir com as próprias pernas. Todas as tentativas de desfrutar a Obra para finalidades humanas recairão em cima de quem quiser fazê-lo, para seu dano. Isto já ocorreu e continuará a verificar-se. Com isso não se realiza senão o que a própria Obra explica quando demonstra o funcionamento da Lei. Quem quiser manejar esta Obra terá primeiro de a ler toda e a compreender, para não cair nos erros e danos de que ela própria nos adverte. Esta será uma conta dos continuadores com Deus, na qual não entro. Cada um é livre, mas deve depois recolher conforme as suas ações. Será perigoso, como se costuma fazer com os ideais e como já foi tentado, emborcar para outras finalidades a função da Obra. Quantos já foram jogados ao chão ao longo do seu caminho! É perigoso ignorar e desafiar a potência invencível dos defensores das coisas do espírito.

A Obra está aí escrita. As pessoas têm quanto tempo quiserem para compreendê-la. Isto já não é trabalho meu, o qual era apenas expor tudo para que pudesse ser compreendido. Tarefas e responsabilidades estão bem definidas. A cada um o seu. Eu vou-me embora, com o meu esforço realizado, para recolher o fruto em outro lugar. Os outros ficam com o seu trabalho para fazer, se lhe quiserem recolher o resultado. No final se dividem os campos, e cada um permanece só diante da Lei, na posição que lhe compete. Os princípios expostos na Obra não são somente teorias. A Lei não pode ficar em vão e, também, neste caso, põe-se logo a funcionar. As minhas contas com Deus são coisa minha, e ninguém pode imiscuir-se; delas ninguém pode retirar nem acrescentar coisa alguma; bem assim as contas do mundo são com Deus e delas ninguém pode também subtrair ou adicionar nada. As contas do mundo são com Deus, não comigo, como as minhas não são com o mundo, mas apenas com Deus. O momento histórico é grave para todos, e cada um deve chamar a si as suas responsabilidades.

Nestes volumes conclusivos da Segunda Obra, falei também do Cristianismo, dos seus deveres e destinos, examinando as suas responsabilidades perante o problema moral e espiritual que o espera em nossa civilização ocidental. O primeiro impulso espontâneo de quem ama uma religião é defendê-la. E estranho, porém, como fui mal interpretado. Foi tomado por alguns como um assalto contra a religião aquilo que constituía uma defesa da mesma contra os falsos religiosos — e são tantos! — para que ela fosse levada a sério num momento tremendamente crítico, sobretudo para a cristandade, no qual se prestam as contas e, portanto, se devem pagar tantos erros e abusos acumulados no passado, dos quais ela é responsável.

Em virtude deste mal-entendido, quem observar aonde fatalmente conduz o desenvolvimento da trajetória deste fenômeno deve antes calar-se. E isto porque os bem pensantes, falsos crentes, cobertos de religiosidade e com isto persuadidos de terem sabido conciliar Cristo e Evangelho com as suas

comodidades e negócios, não desejam ser perturbados Eles sentem-se ofendidos por quem lhes parece ter a intenção de descobrir as suas mentiras para os denunciar, quando, na verdade, a preocupação é, apenas, a de salvá-los.

Que fazer então? Salvá-los não se pode: 1) porque não o querem e o impedem reagindo, como se se tratasse de resistir a um ofensor; 2) porque se trata de grandes fenômenos históricos sobre os quais um indivíduo isolado não representa nada; 3) porque a respeito deles não espera erigir-se em juiz e condenar, mas somente perdoar e tolerar; 4) porque incumbe só a Deus fazer justiça. Estas grandes responsabilidades não pertencem a quem não tem os correspondentes poderes e autoridade. O indivíduo não é obrigado a responder além dos limites do seu caso e posição individual.

Conclui-se daí que assim ele está proibido de cumprir o dever de intervir, enquanto lhe é imposto o de abandonar os irmãos ao juízo de Deus e à reação de Sua Lei. Será esta uma dura fatalidade imposta pela tremenda justiça daquela Lei? Dependerá isto do fato de que Deus não permite uma fácil e gratuita evasão das conseqüências merecidas, pelo que tudo deve ser pago por quem o mereceu? É assim que Deus torna os homens surdos aos conselhos com que desejaria salvá-los, de modo que, quando for chegada a hora do ajuste de contas, eles não possam fugir, não usufruindo de ajuda alguma.

A minha posição, então, é respeitar, calar, deixar os responsáveis entregues ao seu destino, permanecendo imparcial, antes benévolo espectador, mas separado da responsabilidade deles. Dado que avisar pode ser mal interpretado, devo, sem me envolver, ficar só a olhar como Deus disporá as coisas, como acontece com a dura lição da dor. É triste não poder gritar que a casa está pegando fogo, para salvar quem lá habita. Mas, em consciência, não se pode fazer de outra maneira. Portanto, constitui dever o mais completo respeito pela liberdade de escolha do próximo.

De minha parte a Obra foi feita e oferecida. O que restar ficará para os outros. O trabalho de a compilar foi executado nas mais difíceis condições, porque a Terra não é lugar para contemplações idealistas e realizações evangélicas. Aqui domina a lei da luta pela vida. O mundo é um campo de batalha, onde para sobreviver se torna indispensável possuir uma forma mental adequada completamente diversa da que é necessária para saber executar um trabalho espiritual. Quem é feito para este trabalho deve adaptar-se a viver em tal ambiente, que não o poupará por isso. O homem votado às coisas do espírito, se quiser sobreviver, deve entrar em guerra e fazê-la como todos, porque, se ele se distrair olhando para o céu, o mundo aproveitará para devorá-lo. Eis o que espera quem se perde na visão dos grandes problemas e esquece a realidade torturante de cada dia. Esta exige capacidade de assalto e defesa, muito mais do que qualidades intelectuais e morais.

É lógico que tudo seja assim. Na Terra são negativas as virtudes evangélicas, que, num plano superior de organicidade, são positivas, enquanto são negativas neste último nível as qualidades do animal lutador e egoísta, as quais, neste mundo, são positivas. Isto porque o nosso planeta ainda gravita, em grande parte, em direção ao AS, baseando-se, portanto, em princípios e métodos involuídos deste, em vez de se fundamentar nos mais evoluídos do S. Assim, para viver no ambiente terrestre, está mais adaptado o involuído egoísta e lutador do que o evoluído altruísta e pacífico.

A Obra foi escrita no meio dessa tempestade, aproveitando os momentos de trégua em que ela afrouxava para golpear noutro lugar, mas sempre vivendo em estado de tensão. Isto implicava um desperdício de energias, subtraído à produção. Que rendimento maior não teria sido, se tivesse trabalhado num ambiente de tranqüilidade, como seria necessário para poder pensar! Talvez o fato mais prodigioso fosse que a composição da Obra pudesse ter sido levada a cabo em tais condições. Daí se pode ver em que dificuldades deve encontrar-se submergido na Terra quem luta pelas coisas do espírito, e como é justificada a sua alegria ao avizinhar-se a hora da libertação. É lógico e biologicamente justo o sistema da luta pela vida, como sucede no plano humano, por um biótipo que deve realizar a seleção do mais forte ou astuto, porque esta, no seu nível, é a forma de evolução proporcionada que ele deve executar. Mas é absurdo tal sistema contraproducente, já que paralisa o trabalho de quem quer realizar uma tarefa de outro tipo, porque lhe é mais adaptada.

Todavia, quase como conforto em hora de desalento, chega-me, enquanto escrevo esta página, uma carta de uma pessoa capaz de julgar[5], e emite o seu julgamento sobre o primeiro volume da Obra**, *A Grande Síntese***, do seguinte modo: "Ao finalizar a leitura desta Obra *(**A Grande Síntese**), temos* a

[5] **Prof. Carlos Torres Pastorino, diplomado em Filosofia e Teologia pelo Colégio Internacional S. A, M. Zaccaria, em Roma; professor titular de Latim e Grego da Universidade Federal de Brasília. (N. do A.).**

impressão de haver ressurgido, no século XX, um dos grandes profetas bíblicos. Igualá-la é difícil. Superá-la, impossível. Negá-la, absurdo. Discuti-la, loucura. Mas aceitá-la e senti-la são a prova de que em nós há uma centelha da divindade. Merece realmente ser encadernada no mesmo volume que o Novo Testamento, como coroamento das obras dos grandes e primeiros apóstolos. A força e a segurança fazem desta ***Grande Síntese*** uma continuação natural das Epístolas e do Apocalipse, nada ficando a dever a eles (....). Quanto à confirmação de sua Obra, a cada dia que passa sinto que cresce em todos os pormenores. Realmente a sua Obra é toda inspirada na espiritualidade maior, filtrando com fidelidade o pensamento crístico, que constitui a noosfera mais elevada do nosso planeta".

Permanece, no entanto, o fato de que a diminuição de produção representa um dano ao interesse coletivo, que assim obtém uma produção útil menor. O indivíduo que executa o trabalho, porque tem de realizá-lo em condições tão adversas, devendo vencer dificuldades, fortifica-se espiritualmente, o que o torna mais apto a ascender. No final da vida, termina-se a partida, e a Lei se apossa de nosso destino qual o quisemos construir. Então, já não podemos funcionar como causa determinante de acontecimentos. Devemos antes, fatalmente, continuar como conseqüência de nosso passado. Termina a hora da livre experimentação, uma vez que está exaurido o seu escopo. O passado retorna a nós, vivo, gigante, mas agora já imobilizado na forma em que foi vivido, e nele ficamos suspensos como se estivéssemos fora do ciclo da transformação. Parece que o tempo tenha parado, porque não sabe criar mais nada de novo. Inclinamo-nos sobre o passado, e ele agora pleno de outros significados recônditos, antes não suspeitados, enche a nossa vida. Vivemo-lo de novo, mas agora interiormente; não mais nas vicissitudes materiais, mas no seu significado; não mais como conquista terrena que já não nos interessa, porém como construção de personalidade. A vida assume, então, outro sentido. Fazem-se as contas do que realmente produziu o tanto que se correu. E, se não derivaram valores construtivos em sentido evolutivo, mas somente sucessos terrenos, que agora são abandonados, não resta outra coisa senão um vazio e o sentido da inutilidade de tanta fadiga. A vida só será plena e bela no seu final, se a tivermos enchido de valores substanciais, os que servem para evoluir. E será oca e triste, se a tivermos recheado de falsos valores de tipo AS, que servem para descer involutivamente. No primeiro caso, sentimos que nos dirigimos para a luz, no segundo, que caminhamos para as trevas.

No fim eis-me sozinho perante a Lei. Refugio-me nos braço S de sua justiça. Através de toda a Obra observei o funcionamento dessa Lei. Sinto-a operar à minha volta, dentro de mim. Ela me expressa o pensamento e a vontade de Deus. Estou imerso plenamente nesta atmosfera feita de vida, da qual se alimenta o respiro do universo. Os sentidos físicos se extinguem, fecham-se as portas que eles abriam para o exterior, rompem-se os contatos com o mundo da matéria, e eu continuo a sentir e a pensar. O cérebro envelhece e desaparece. Eu fico. O corpo morre. Eu vivo. A minha vida se desloca do plano físico ao espiritual e se concentra na sua parte mais alta, que não morre. O meu ser se enfraquece em um nível e se fortalece em outro, no qual sobrevivo. Quanto mais o corpo definha, tanto mais me fortaleço no espírito. Morro de um lado para ressuscitar do outro. Tenho a sensação de morrer só na parte inferior de mim mesmo. E uma separação que não dá nenhuma sensação de perda, porque vale mais a parte que se adquire. Como é belo morrer quando se viveu assim! Fica-se na parte mais profunda e vital do próprio ser!

Ao concluir o meu ciclo terrestre, depois de tanto pensar e escrever para executar o trabalho que me tinha sido confiado, volta a amiga voz interior, que agora já bem conheço, a fazer-se diretamente sentir como no início da Obra. Sinto esta voz emergir da profundidade da alma e dizer-me: "Permanece calmo. Sabe que eu sou Deus. Sou Deus dentro de ti, como dentro de todos e de todas as coisas. Quem segue a Lei não tem nada a temer. Confia no meu poder. Seja qual for o assalto do mal, Eu tenho o poder de salvar-te

Pergunto o que essas palavras significam e como aquilo que elas dizem seja possível. E ouço a explicação. A universo está em evolução, o que dá a entender que ele não é perfeito e que se move em busca de perfeição. A meta é Deus, no centro do S; a evolução é o caminho do retorno, depois de ter havido o afastamento. A imperfeição é o estado de ruína devido à queda; a evolução é o trabalho de reconstrução da perfeição perdida. O homem encontra-se situado na periferia do S; poder-se-ia dizer no seu exterior, isto é, na matéria ou forma que envolve o espírito, no plano da ilusão sensória. Várias são as imagens com que se pode expressar esta idéia. Tal periferia, que é o AS, é feita de caos, mas, no interior, no centro, no S, ficou a ordem, íntegra, indestrutível. O homem encontra-se do lado do caos, mas dentro deste existe aquela ordem que o rege e lhe guia os movimentos, dirigindo-os para a reconstrução da mesma. É por este fato que o caos, embora feito de negatividade — e, naturalmente, por isso não poderia conduzir senão à autodestruição — é animado, contra a sua vontade, de um impulso de positividade que o

leva por fim a reconstruir-se na ordem. Esta é a razão pela qual o mal, nascido como contradição, porque representa o emborcamento do bem no AS, é constrangido a continuar sempre a seguir este tipo de trajetória, isto é, a contradizer-se, pelo que no fim acaba por um instrumento de bem nas mãos de Deus. É evidente que, mesmo assumindo uma posição emborcada da revolta, ninguém pode fugir ao poder de Deus, centro e origem de tudo. Deste ponto, que permaneceu vivo e ativo também no mais íntimo do AS, deriva o impulso da evolução que leva todos a ascender.

O AS não está só. Dentro da sua casca podre reside uma alma sã e potente que o sustenta e o guia para a salvação. Ele não é senão um membro corrompido de um grande organismo que permaneceu sadio, o S, que continua a irradiar saúde para a parte doente, a fim de curá-la. O AS não se separou de Deus, fonte primeira do existir. Os raios divinos chegam também aonde a criatura quis colocar-se em posição emborcada. E tudo o que existe os recebe. A grande consolação do indivíduo condenado ao retrocesso espiritual, com ter de se encarnar no ambiente terrestre, é reencontrar esta íntima ligação sua com Deus, é rever na profundidade das trevas do AS um raio da luz divina, é ouvir a voz de Deus e sentir a Sua presença.

Vão-se embora as formas instáveis, ultrapassadas pela corrente do transformismo batido pelo ritmo do tempo, acossadas pelo contínuo movimento do relativo, à volta do absoluto, eterno, imóvel. A evolução não avança ao acaso. Dirige-lhe o desenvolvimento, regendo-a interiormente, o pensamento de Deus, fio condutor do transformismo, ao qual é dado um desenrolar-se lógico desde um ponto de partida até outro de chegada. É feliz, mesmo que esteja mergulhado na profundidade dolorosa da vida terrena, quem compreendeu que um Pai celeste nos espera no final do longo calvário da evolução redentora. É feliz quem sabe vê-lo vir ao nosso encontro com os braços abertos, incitando-nos a ascender, para reencontrar Nele a felicidade.

"Eu sou apenas uma gota num oceano e, por isso, não sou nada no oceano; no entanto, faço parte dele e, por esse motivo, sou um seu elemento constitutivo; eis de que maneira sou oceano". Isto é o que cada um de nós pode dizer, aquilo que somos perante Deus. Mas não basta sê-lo. O problema é sabê-lo e senti-lo. Ora, se Deus está dentro de tudo o que existe, sem o que nenhuma coisa poderia existir, Ele lá está de modo tanto mais evidente e perceptível, quanto mais o ser é espiritualmente evoluído, isto e, no regresso, que lhe é mais vizinho, libertando-se dos invólucros obscurecedores, produto da involução. Eis que a fundamental unidade da natureza entre criatura e criador é diversamente sentida por aquela, conforme o grau de evolução alcançado. É indiscutível que esta unidade existe e constitua uma qualidade indestrutível que ficou escondida no mais profundo do ser, capaz de resistir a qualquer erro ou revolta deste. Ela era indispensável para que se pudesse cumprir o ato da criação, com a qual Deus gerou a criatura extraindo-a de Si próprio, isto é, da Sua própria substância, dado que de outra maneira não podia fazer, porque Ele era tudo. É assim que o evoluído, espiritualizado, às vezes pode encontrar na profundidade de si mesmo, emergindo do inconsciente em que ficou sepultado, um eco daquele pensamento divino originário de que derivou a sua existência. O fato dele não ser percebido é devido à surdez do ser, por motivo da involução e não porque a voz de Deus silencie. A involução podia mudar o que pertencia ao ser rebelde, mas não aquilo que é de Deus.

Ora, dado que tal é a estrutura do fenômeno, é evidente que ele não pode ser senão de tipo introspectivo. Eis que só podemos encontrar Deus dentro de nós, e isto em proporção ao grau de espiritualização atingido. A sensação da presença e do pensamento de Deus, centro de todas as coisas, encontra-se interiormente, na alma, na raiz do nosso ser, e não exteriormente, por meio dos sentidos. Trata-se de escavar nos estratos mais profundos do ser, onde deve ter ficado qualquer recordação das primeiras origens. Do contrário, não se explicaria como seres provenientes dos planos baixos do AS, onde não se conhece senão morte e dor, procurassem com tanta paixão a felicidade, que, de outra maneira, dever-lhes-ia ser desconhecida. Tal impulso proveniente das profundidades do inconsciente prova que ele se recorda e faz presumir que se trata de coisa conhecida. Então, que se faça uma pesquisa profunda dentro de si mesmo, mas não no inconsciente inferior ou subconsciente, que contém os produtos dos mais baixos planos evolutivos em direção ao AS, percorridos no retorno, porém além deles e mais em profundidade, isto é, no inconsciente superior ou superconsciente. Isto no sentido de ali procurar as bem longínquas reminiscências de outro tipo de existência no altíssimo nível evolutivo do S, as que este tenta fazer reaparecer em forma de pressentimento do maior futuro que nos espera. Religião e espiritualidade vêm a ser, então, um ato de profunda auto-análise psicológica que investe sobretudo no superconsciente. Assim, elas significam um trabalho de alta intelectualidade, e é neste sentido que aqui as apresentamos. Elas assumem um caráter mais racional e positivo, o que as torna mais acessíveis e aceitáveis pela ciência.

Quanto mais o ser evolui, tanto mais ele reencontra estas realidades profundas e se liberta das ilusórias do mundo. O ser humano é uma reprodução em escala microcósmica do grande modelo macrocósmico do organismo universal. O nosso espírito eterno está dentro de nosso corpo sujeito a contínuo metabolismo, como o S é imutável no íntimo do AS, submetido a transformismo constante. Depois destas explicações podemos compreender o significado daquelas palavras: "Sabe que Eu sou Deus. Sou Deus dentro de ti". E "permanece calmo" quer dizer: faze silêncio, porque a voz interior é sutil e difícil de ouvir. Isola-te, portanto, dos rumores do mundo que te percutem do exterior e aguça o ouvido para ouvir esta outra voz. O homem ainda ignora o universo interior, que é tão vasto quanto o exterior, do qual não conhece os confins.

Há outro fato que justifica e confirma aquelas palavras. E que São Paulo - *Primeira Carta aos Coríntios, 3-16* - diz: "Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito Santo habita em vós? E (id. 6-19): "Não sabeis vós que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo que está em vós (. . . .)?" São Lucas, no seu Evangelho, acrescenta (17-21): "O reino de Deus está dentro de vós". Então, se esta é a realidade, como impedir que ela às vezes aflore e que alguém se dê conta da sua existência?

Perguntamo-nos se tudo isso pode ser entendido como o desejo de tomar uma atitude orgulhosa de superioridade. É certo que, neste caso, se trata de um crescimento, que, naturalmente, não pode deixar de abrir uma distância. Mas é um crescimento positivo de tipo S, portanto não simulado, egoísta, separatista, ou seja, antivital para os outros, mas verdadeiro, generoso, unitário, isto é, vital para todos, porque implica um amplexo para elevar juntamente consigo os próprios semelhantes. De tal crescimento a sociedade não poderá sentir senão vantagem A humanidade, toda inclinada para conquistas do mundo exterior, tem necessidade de quem se dedique à obtenção dos ilimitados continentes do espírito. O ateísmo é simples miopia mental. As construções mitológicas das religiões ameaçam não se manterem mais. Para que elas possam sobreviver é necessário saber ver com outra mente as profundas verdades que elas contêm.

O homem, como qualquer molécula do todo, traz dentro de si, impressos na sua própria natureza, os sinais do todo, isto é, a sua estrutura bipolar. Sabemos que o dualismo, que está na base da estrutura de nosso universo, é derivado da revolta que despedaçou em duas a originária unidade do S. Porque o homem se encontra em um todo bipolar, ele pode avançar por evolução e retroceder por involução; elevando-se espiritualmente, pode projetar-se em direção ao S, como, seguindo os seus baixos instintos, inclinar-se para o AS. A função da evolução é justamente levar da cisão dualista à unificação de tudo em Deus, através de progressiva reaproximação que tende a encurtar as distâncias entre criatura e criador. E, quanto mais elas diminuem, tanto mais se podem ouvir e compreender aquelas palavras: "Sabe que eu sou Deus. Sou Deus dentro de ti". A altura da evolução não é espacial. O alto é o anjo, o baixo é a besta. A ascensão se realiza transformando neste sentido a própria personalidade.

Na Terra vemos os dois pólos flanqueados em expressões paralelas. Nos velhos castelos e cidades as duas realidades encontravam-se vizinhas. Havia as muralhas, os fossos para se defenderem e fazer a guerra e a Igreja para falar com Deus. Em escala maior, temos o Estado e a Igreja, o primeiro representando a Terra, isto é, a realidade da vida, a segunda simbolizando o Céu, ou seja, o ideal. Estes são os dois pólos que, coexistindo no mesmo terreno, disputam entre si o homem.

As formas da conduta do idealista perante o mundo podem resumir-se em três fases: 1) a do jovem que, cheio de fé e de entusiasmo, crê sinceramente nas belas coisas que lhe ensinam; 2) a do homem que, colocado em contato com a realidade, descobre como, nos fatos, o mundo está longe dos princípios ideais que proclama, escandalizando-se, portanto, e reclamando contra a mentira, para que os princípios sejam vividos a sério; 3) aquela em que se compreende a inutilidade dessa boa vontade e desse esforço honesto que o mundo considera como agressividade e contra a qual reage, porque os acomodados não querem ser perturbados. Assim, resolve-se aquela boa vontade recaindo na luta geral pela vida. Então, o homem honesto termina separando-se do mundo, do destino deste e cuida de se pôr no seu caminho para ir viver em ambientes superiores, longe da Terra.

Quando se chegou a esta fase final, não se perde mais tempo em fazer o trabalho negativo de condenar o mundo, tanto mais que, se se devesse fazer o livro das acusações, não bastaria um milhão de páginas. Trabalha-se em outro sentido, para se desprender de baixo, afastando-se da Terra. No final da vida, isto é lícito, quando o trabalho a executar foi devidamente cumprido. A libertação está na superação. Quanto mais se estiver vizinho do S, tanto mais se tem a sensação com segurança de ser indestrutível e impossível uma anulação. A imortalidade com a evolução não pode levar senão para uma maior felicidade. Que se pode desejar mais? Apenas por ignorância de primitivo pode-se acreditar que cair na inconsciência seja tombar no vazio, só porque ele é nada como sensação de vida. Isto é natural para quem

confunde o existir com a percepção do existir, erro em que caem os extrovertidos, que vivem da vida dos sentidos. Para eles a inconsciência é o nada. Mas não há razão para que o existir não deva ser sujeito ao dualismo, em que tudo se encontra cindido em nosso universo. É assim que esse existir pode oscilar do estado de consciente ao de inconsciente e ao contrário, dado que estes são os seus dois pólos: positivo e negativo. E absurdo admitir, porque um fato ou fenômeno entra na sua fase negativa, que ele deva cessar de existir. Evidentemente, trata-se de um erro de percepção, que a lógica descobre e elimina.

Com este conhecimento do fenômeno vou ao encontro da morte. Não se trata de fé ou de esperança, mas de convicção racional e de segurança positiva. A voz de tudo isso que existe me grita que nada pode ser anulado como verdadeira morte. Vejo-a, assim, avizinhar-se para me abrir as portas de uma vida maior. Não a sinto como negação, porém como uma mais potente afirmação. O seu verdadeiro conteúdo é: libertação. Restituirá à Terra tudo aquilo que ela me deu, inclusive o meu corpo dentro do qual fiz tão longa viagem. O que pertence à Terra é justo que fique aí. Mas o que pensei, desejei e fiz neste trajeto é meu e o levo comigo. Como o avizinhar-se da hora suprema, aproxima-se sempre mais a figura de Cristo, que me sustentou neste longo esforço. Sei que o verei na hora da morte, ao cumprir a minha missão, chancela final do meu trabalho, para tudo confiar nas Suas mãos. Ele apareceu no começo desta Obra. Reaparecerá no fim. Com Cristo se iniciou a narração deste volume e com Ele se fechará.

Há pouco falei de Deus, agora falo de Cristo. Poderiam perguntar-me como entendo estes dois conceitos e que relação vejo entre os dois, se distantes ou unificados, isto é, se creio em Cristo só como homem, ou em Cristo-Deus. Não tenho dúvida alguma sobre a divindade de Cristo, fato lógico, racionalmente sustentável quando seja entendido no seu justo significado. Perante o homem, Cristo e Deus representam a mesma meta a alcançar, a mesma direção do caminho evolutivo, o mesmo ponto final deste com a solução do ciclo involutivo-evolutivo, o S. Neste sentido unifico os dois conceitos de Cristo e Deus. Mas os distingo enquanto entendo Deus como o Pai, o Criador, que permaneceu no centro do S, e Cristo como seu derivado, como diz a própria palavra filho, a saber, a criatura que aquele Criador gerou. Mas o unifica de novo o fato de que o Filho é constituído da mesma substância do Pai, de modo que Cristo é também Deus.

Ora, se Cristo é o Filho, o fruto da criação do Pai, o conceito de Cristo coincide com o de S, porque a criação do primeiro volta a entrar na do segundo. O nosso universo é tão imperfeito que seria loucura acreditar que ele tivesse saído das mãos de Deus como Sua obra direta. Assim, a primeira criação foi espiritual e perfeita, como é Deus, feita de puros espíritos extraídos exclusivamente da Sua substância, porque, além do Todo-Deus, nada podia existir. Deste modo, nasce a terceira pessoa da Trindade, o Filho ou S, sendo a primeira o Espírito ou pensamento, a segunda o Pai ou ação, a terceira o Filho ou a obra realizada. Eis que, na lógica da estrutura da Trindade e do processo criativo, Cristo não pode estar situado senão no S. O resultado da criação foi um só, que se pode chamar Filho, Cristo, Sistema.

Tudo isso é Deus, porque construído com a divina substância do Criador e dela é constituído. O S representa a substância do Pai, transformando-se, com a criação do indiferenciado, em organismo ou unidade coletiva, composta de muitos elementos, que formam aquele organismo, o S, do qual o Pai ficou como centro, como o nosso espírito está no cerne de nosso organismo. Se se pudesse fazer uma comparação demasiado grosseira, poder-se-ia dizer que, na encarnação de Cristo na Terra, sucedeu como se Deus tivesse deixado que uma célula do Seu corpo se destacasse Dele para fundir-se com a nossa carne e, assim, agir em nosso mundo.

Aqui desponta outra diferença. Enquanto os elementos do S, incluindo Cristo, que ficaram isentos da revolta e da queda, permaneceram na sua pureza originária, as criaturas de nosso universo caíram no pólo oposto e se corromperam no AS. Eis o que nos distingue e nos separa de Cristo. Ele permaneceu verdadeiramente Deus, porque a substância do Pai que o constitui ficou íntegra como no momento da criação, idêntica àquela da qual derivou. É assim para os outros elementos do S. Também as referidas criaturas decaídas tiveram a mesma origem e foram feitas da mesma substância; esta, no entanto, ofuscou-se com a queda, e a divina centelha se aprisionou no ciclo involutivo-evolutivo, no processo do transformismo necessário para retornar purificada ao S.

Não obstante esta imensa distância que nos separa de Cristo, a que vai do S ao AS, há um fato que nos avizinha Dele: todas as criaturas, mesmo as decaídas, são filhas de Deus. Esta qualidade de origem não se pode cancelar. Então, se o ponto de partida do nascimento é igual para todos, na base da existência de todos os seres há uma fraternidade universal que liga em parentesco, como dentro de uma mesma família, as criaturas do S às do AS. Eis o fato que nos aproxima de Cristo. Assim, temos de um lado, no S, as criaturas sem mácula, que ficaram unidas a Deus, e, do outro, em nosso universo, ou AS, as criaturas culpadas e decaídas, separadas de Deus. Porém todas as criaturas saíram da mesma criação,

ainda que se depois, num segundo tempo, tenha surgido a cisão entre as que permaneceram com Deus e as que se afastaram Dele.

Os cidadãos do S são, no fundo, irmãos dos do AS. Também Cristo é nosso irmão. É esta fraternidade que nos explica o que provocou e como foi possível a aproximação Cristo-humanidade. Foi assim que a presença ou imanência de Deus se pôde realizar de modo tangível em nosso mundo, como a descida no AS de um dos irmãos não decaídos. A sua função ou missão, como no caso de Cristo, consiste em descer nas várias humanidades dos decaídos, cada vez para um tipo diverso de trabalho, como seja de poder, de inteligência ou de amor, mas sempre para funcionar como ponte entre as criaturas decaídas e o Pai, mantendo, assim, o contato sensível e incitando à solução do separatismo com o regresso do S, através da evolução redentora. Eis como entendo o Cristo, como um grande irmão que nos salva, fazendo-nos voltar a subir ao S e reconduzindo-nos a Deus.

Falei de diversos tipos de trabalho. Isto é possível, porque, sendo o S um organismo, ele resulta composto de elementos especializados em várias funções complementares, integrando-se reciprocamente. É assim que, através das diversas criaturas do S, Deus pode realizar-se assumindo inúmeras formas de manifestação, nas diversas humanidades dos decaídos, empenhado com a evolução no caminho do retorno ao S. Para mim Cristo representa o ser ideal, o modelo que a evolução me apresenta e propõe que se realize no retorno ao S. Poderei dizer: é o meu tipo, como para outros indivíduos existem outros padrões, adaptados cada um ao próprio temperamento e especialização pessoal. Estes modelos não são abstrações fora da realidade. São criaturas de Deus que existem de verdade, mesmo que apenas espiritualmente, e são cidadãos do S.

O impulso evolutivo em direção ao S leva o indivíduo a avizinhar-se sempre mais do seu próprio paradigma. Isto até porque a evolução é um processo de unificação. A vida maior que nos espera não é mais a do eu separado, mas a do eu unificado. Transforma-se, então, a visão da vida e se opera como uma transfiguração. A medida fechada de nosso pequeno eu, para nós tão grande,. dentro da qual vivemos, torna-se um tipo de existência restrita, como se fora um cárcere, isolada do pulsar imenso da vida toda do organismo universal. Quanto mais se evolui, tanto mais se sente que todos os seres são verdadeiramente irmãos. Em nosso baixo nível, as outras formas de vida são nossas inimigas, porque estamos do lado do AS, onde domina o egoísmo que divide e a luta entre rivais. Mas, em plano evolutivo mais alto, em direção ao S, prevalece a unificação, pelo que aquelas outras formas de vida são nossas amigas e nos ajudam a viver. E, quanto mais se sobe, no sentido da amplitude desta união em amor recíproco, tanto maior e mais bela se faz a vida. Quando se é lançado nesta direção, a morte vem a ser libertação do estágio inferior da vida terrena, de tipo antiunitário, libertação de uma existência de prisioneiros do separatismo. Entra-se, então, na vida maior que se espraia no Amor universal. Esta não é mais um viver como fragmento da humanidade despedaçada, mas representa o existir unificado como elementos conscientes da organicidade do todo.

XVIII

LIBERTAÇÃO[6]

Encontro-me em plena solidão, numa praia deserta. O mundo, as suas imagens e as suas coisas, tudo está longínquo Nem o eco dos seus rumores, problemas e paixões atinge este imenso silêncio. Como o céu, a planície e o mar são infinitos, também aqui os pensamentos se tornam sem limites. Neste lugar tudo é tão simples e grandioso que parece ter acabado de sair das mãos de Deus. A laboriosa cisão do

[6] Este capítulo foi escrito na Praia deserta de Grussaí, perto de Campos, Estado do Rio de Janeiro, em janeiro de 1964, ao iniciar-se o presente volume (depois interrompido para escrever outro livro: A Descida dos Ideais). O referido texto é como um pressentimento da visão final que me espera ao entrar na nova vida. Quando a hora chegar não poderei mais escrever e transmitir. Será, então, a visão do Cristo só para mim, em silêncio, sem testemunhos humanos, fora do mundo, nas profundezas da minha alma. (N. do A.)

dualismo, a luta entre contrários, de que é feita a vida, procuram aqui pacificar-se para se desvanecerem na unificação suprema de todas as coisas em Deus

Aqui existo fora dos confins do espaço e do tempo, porque, no céu, na planície, no mar, não há pontos de referência, e os dias correm iguais, sem medida. Sinto-me fora das dimensões terrestres. Não adianta caminhar, porque o deserto é sempre igual, sob o mesmo céu, em frente do mesmo mar. O movimento tem relação com o limite. No espaço e tempo infinitos, a velocidade nada modifica, anulando-se no vazio. Por falta de um ponto de referência, não havendo ponto de partida ou de chegada, toda velocidade é inútil. Mesmo o correr do tempo nada muda, porque espaço e tempo não faltam. Acima de todos esses infinitos — do céu, do deserto, do mar, do tempo — o de Deus o contempla, imóvel, ao se fundirem Nele.

Esta é uma atmosfera diferente que respiro, outro ambiente em que penetro, outra dimensão em que existo. Superei os limites do plano físico, a barreira da forma, das ilusões, das aparências. Sou apenas um pensamento que observa aquele que se encontra em tudo o que existe. Uma força me arrastou para fora das dimensões terrestres, na vibrante imutabilidade do absoluto.

Vivo em uma casinha humilde onde a vida, tormentosamente complicada pela civilização das metrópoles, se tornou simples e calma. Assim, o espírito se liberta de tantas necessidades materiais artificiosas e pode viver a sua vida maior em contato com as coisas eternas. Surpreende sentir o pouco de que necessitamos. E que particular sabor tudo adquire quando representa o produto da bondade, da sinceridade e do amor! Então, a pobreza se torna riqueza, enquanto a avareza e o egoísmo transformam a riqueza em pobreza. No meio da pobreza dessa riqueza o espírito se atrofia, se envenena e morre. É no meio da riqueza daquela pobreza que o espírito se expande, vive e triunfa. Pela lei da compensação, para alcançar e possuir o que se encontra mais no alto, é necessário libertar-se do que está em baixo. É no meio da riqueza espiritual dessa pobreza material que agora vivo como um grande senhor.

É neste vazio das coisas terrenas que atinjo a plenitude das coisas do céu. Quanto mais me afasto do que é humano, tanto mais me avizinho das coisas divinas. Delas se enche esta imensidade deserta, para que se abram as portas do céu e apareçam as grandes visões. Elas constituem já uma aproximação, um antecipar-se da libertação, tentativa e ensaio de uma vida maior que me espera. Nesta paz infinita se vai formando pouco a pouco a grande corrente que se agiganta e se torna poderosa; toma-me, absorve-me em seu seio, depois me envolve como num turbilhão e me arrasta consigo para longe. Para onde? Não sei. Leva-me para outro plano de existência, onde já não sou eu que penso, mas o universo. E a sua vida que pensa dentro de mim, porque não existo mais como eu separado, que vive e pensa isoladamente, mas sou um eu unido ao todo, um elemento que vive e pensa como um momento da vida e do pensamento do existir universal. Encontramo-nos, então, verdadeiramente fora do mundo, para além dos seus limites e das suas dimensões.

É uma imersão, fora do espaço e do tempo, no infinito. Não tenho mais consciência do que deixei para trás. Sinto apenas o que me espera na frente, uma vertigem de vida nova e imensa para a qual me precipito. Eis-me ressuscitado mais no alto, transformado em outro ser, perdido numa dilatação sem limites, na vibrante imobilidade do absoluto.

Eis que a solidão deste deserto, do céu e do mar se enchem de vida. Na noite profunda vejo uma luz imensa e a ela me entrego. Leva-me para fora do mundo, onde a visão se torna real, clara, perceptível com novos sentidos. Contemplo-a extasiado. Observo-me para controlar tudo com a razão. Olho e registro em pensamento, transporto tudo o que vejo para o meu cérebro, para as dimensões terrestres, traduzo-o na linguagem humana e por fim o fixo com palavras nos escritos.

Assim vivo nesta casinha humilde à beira do mar, num deserto povoado de pensamentos, no meio do vento e das ondas, hospedado graças à bondade e amor de um amigo sincero[7]. Assim vivo aqui, livre e despreocupado, longe do inferno humano. Passo as noites escrevendo, ocupando-me de Cristo, como O sinto a meu lado. Ele me está olhando, e eu leio nos Seus olhos o pensamento de Deus.

Quando não me é mais possível encontrar palavras para dizer o que sinto, dominado pela emoção e pela alegria, deixo cair a pena e choro. Para o meu trabalho, e, sob o olhar de Cristo, o livro continua a escrever-se, sem palavras, na minha alma e no meu destino.

[7] Casal instituidor da Fundação Pietro Ubaldi, que hospedou o autor desta obra no período de 8 de Janeiro a 25 de Fevereiro de 1964. (N. da E.)

São Vicente, São Paulo
Páscoa / 1967

F I M